This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

HARVARD UNIVERSITY

LIBRARY

OF THE

PEABODY MUSEUM OF AMERICAN
ARCHAEOLOGY AND ETHNOLOGY

GIFT OF

Dr. A.V.Kidder

Received February 1, 1939

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

SÃO PAULO

VOLUME VI

1900 — 1901

SÃO PAULO
TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»
1902

39207

H.D.
L.Soc.19,126.45.70
Gift of Dr. A.V. Kidder
Received Feb. 1, 1939

1908
191

INDICE

— A primeira concessão de estrada de ferro dada no Brazil.—Memoria lida na sessão magna do Instituto Historico de 1.° de Novembro de 1895 pelo Dr. Garcia Redondo. . . . . PAG. 1

— Documento para a historia da Viação Ferrea em São Paulo.—Inauguração do 1.° plano inclinado da Serra de Santos em 1864.—Inauguração da estrada de ferro do Norte em 1877 pelo Barão Homem de Mello. 12

— Nota sobre a questão de limites entre os estados de São Paulo e Paraná pelo Dr. Orville A. Derby . 17

— Guerra do Sul.—Repreducção de um periodo historico pelo Dr. João Moraes 27

— Revolução do Rio Grande—1835 a 1845—reproducção historica 1.ª parte pelo Dr. João Moraes . . . 40

— Revolução do Rio Grande—1835 a 1845—reproducção historica 2.ª parte pelo Dr. João Moraes . . . 62

— Festas tradicionaes.—Memoria lida no Instituto Historico Geographico de S. Paulo pelo socio João Vampré 84

— IV Centenario do descobrimento do Brazil.—Discurso proferido pelo Dr. Theodoro Sampaio. 98

— IV Centenario do descobrimento do Brazil,—Discurso proferido pelo Dr. M. Pereira Guimarães . . . 110

— Uma reivindicação improcedente pelo Dr. Alfredo de Toledo 123

— S. Paulo no Seculo XIX pelo Dr. Theodoro Sampaio. 159

— IV Centenario.—Discurso proferido pelo Sr. João Vampré no Club Gymnastico Portuguez por parte do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. . 211

— Dr. Cesario Motta.—Discurso pronunciado na sessão de 20 de Abril de 1900 na inauguração do retrato do Dr. Cesario Motta pelo socio Dr. Santos Rodrigues. 223

— Breve descripção do rio S. Francisco e itinerario de Guilherme Glimerio pelos sertões do Brazil. —Extrahida da Historiæ Rerum Naturalium Brazilia de Georgi Marcgravi.—Traduzido pelo Sr. João Vieira de Almeida 232

— Viagens a varias tribus de selvagens na capitania de Minas-Geraes; pelo naturalista Allemão G. W. Freireyss.—Traducção do Sr. Alberto Löfgren . . PAG. 236
— Divertimento admiravel.—Para os historiadures observarem as machinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das minas de Cuyabá e Matto-Grosso por Manoel Cardoso de Abreu 253
— Nota sobre Manoel Caetano de Abreu 291
— Doação das terras de Jarabatyba á Braz Cubas.—Publica forma offerecida ao Instituto Historico de S. Paulo pelo socio Dr. M. Pereira Guimarães . . 294
— Demarcação das terras de Braz Cubas em 1567.—Publica fórma offerecida ao Instituto Historico de S. Paulo pelo socio Dr. M. Pereira Guimarães. . . 299
— Navegação aérea.—A conquista dos ares de Bartholomeu do Gusmão a Santos Dumont—1709—1901 por Horacio de Carvalho 301
— Subsidios para a historia de Iguape.—Mineração de Ouro—pelo Sr. Ernesto Guilherme Young. . . 400
— Noticia historica sobre a minha invenção de dois balões com azas para a Navegação aérea pelo Dr. Domingos Jaguaribe 436
— A lavoura de Canna em S. Paulo no anno de 1800. Officio da Camara de Porto Feliz ao Principe Regente I 471
— Termo de erecção da Capella da freguezia de Nossa Senhora do O', anno de 1618 petição 473
— O monumento do alto da serra do Cubatão. . . . 478
— A Gruta do inferno—perto do forte de Coimbra em Matto Grosso por Alexandre Rodrigues Ferreira . 480
— Escriptura de venda de terras á D. Luiz Mascaranhas 483
— O tupi na Geographia Nacional — Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo pelo Theodoro Sampaio 488
— Lingua indigena—ao Sr. Cunha Mendes pelo Dr. Theodoro Sampaio 567
— Discursodo anniversario do Instituto Historico de S. Paulo, lido em Sessão Magna do mesmo Instituto de 1.° de Novembro de 1901, pelo Dr. Theodoro Sampaio . 572
— Actas das sessões do anno de 1901 592
— Relatorio dos trabalhos e occorrencias do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo no anno de 1901, apresentado pela Directoria 624
— Balanço da receita e despesa do Instituto Historico e Geographico de São Paulo relativo ao anno de 1901 628
— Parecer da Commissão de contas. 630

NECROLOGIA

PAG.

— Dr. Americo de Campos, pelo Dr. Miranda Azevedo . 667
— Dr. Augusto de Souza Queiroz, pelo Dr. Miranda Azevedo 679
— José Pedro Xavier da Veiga, pelo Dr. Miranda Azevedo 689
— Dr. José Ferreira de Souza Araujo, pelo Dr. Miranda Azevedo 693
— Dr. Elias Fausto P. Jordão pelo, Dr. Miranda Azevedo 701
— Conselheiro João de Souza Corrêa, pelo Dr. Miranda Azevedo 707
— Bernardo Saturnino da Veiga, pelo Dr. Miranda Azevedo 711
— Conde do Pinhal, pelo Dr. Miranda Azevedo . . . 717
— Dr. Brazilio dos Santos, pelo Dr. Miranda Azevedo . 723
— Dr. Joaquim Fernandes de Barros, pelo Dr. Miranda Azevedo 729
— Dr. José Maria Corrêa de Sá e Benevides, pelo Dr. Miranda Azevedo 737
— Desembargador Raymundo Furtado de A. Cavalcanti, pelo Dr. Miranda Azevedo 745
— Dr. José Avelino Gurgel do Amaral, pelo Dr. Miranda Azevedo 749
— Conselheiro Gaspar da Silveira Martins, pelo Dr. Miranda Azevedo 757
— Dr. Francisco de Castro, pelo dr. M. Azevedo. . . 775
— Conselheiro Rodolpho E. de Souza Dantas, pelo Dr. M. Azevedo 785
— Conselheiro Paulino J. Soares de Souza, pelo Dr. M. Azevedo 794
— Mathias José dos Santos Carvalho, pelo Dr. M. Azevedo 821
— Dr. Antonio Achilles de Miranda Varjão, pelo Dr. M. Azevedo 827
— Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, pelo Dr. M. Azevedo. 835
— Dr. João Diogo Esteves da Silva, pelo Dr. M. Azevedo 841
— Dr. José Hygino Duarte Pereira, pelo Dr. M. Azevedo 845
— Elias Alvares Lobo, pelo Dr. M. Azevedo. . . . 859

ANNEXO

— Relação dos membros do Instituto, em 31 de Dezembro de 1901 869

ERRATA

A estampa intercalada entre as paginas 376 e 377 representa o *Dumont VI* e não *IV*.

A primeira concessão de estrada de ferro dada no Brasil

MEMORIA LIDA NA SESSÃO MAGNA DO INSTITUTO HISTORICO DE 1 DE NOVEMBRO DE 1895

Diz-se frequentemente como coisa certa que a primeira concessão de estrada de ferro dada no Brasil foi a da ferro-via de Petropolis, feita ao fallecido visconde de Mauá.

Não é exacto. A concessão da estrada de ferro de Petropolis, vulgo Mauá, foi dada ao visconde de Mauá, em 1850, pelo governo da provincia do Rio de Janeiro.

Comquanto não possa dar o numero e a data exacta da lei, que deu a concessão a Mauá, porque não possuo a legislação fluminense, todavia posso assegurar que a referida concessão é de 1850, porque o proprio concessionario o revela na *Exposição* que, em 1879, apresentou impressa aos credores de Mauá & Comp., na qual, com referencia ao assumpto, se encontram os seguintes trechos:

«No estado de descrença em que se encontravam os animos a respeito das vias-ferreas, *ainda em 1850*, foi ousadia em emprehender a construcção da sua primeira, embóra pequena estrada; procurar obter uma garantia de juros, geral ou provincial, era simplesmente inutil *nessa épocha*; vencer, porém, as resistencias era, a meu vêr, indispensavel, e *um panno de amostra* do melhoramento me pareceu o meio mais adequado.

«Depois de feitos os estudos de reconhecimento pelo engenheiro Guilherme Bragge, que executava por minha conta as obras da «Empreza do Gaz» e sendo o traçado da raiz da Serra a Mauá por mim escolhido attendendo aos inconvenientes da direcção á Villa da Estrella, que interesses locaes apontavam como

preferivel, teve logar o levantamento da planta pelo engenheiro Roberto Miligau, sob responsabilidade e direcção de Bragge. Em seguida, obtive da presidencia da provincia o privilegio exclusivo em uma zona lateral de 5 leguas ao longo da linha projectada, unica concessão possivel nessa épocha.»

Conta em seguida Mauá como levantou os capitaes precisos para realizar a empreza e conclue, dizendo:

«Em pouco mais de 20 mezes, depois que os trabalhos foram encetados, se abria ao transito publico, *em 30 de Abril de 1854*, a estrada de ferro de Petropolis, vencidas todas as difficuldades, que um primeiro trabalho desse genero acarretava.»

Do exposto, torna-se evidente que a concessão á Mauá é de 1850 e que o primeiro trecho da via ferrea de Petropolis ficou concluido em 1854.

Que a *primeira* linha ferrea *construida* no Brasil foi esse trecho da ferro-via de Petropolis, isso é incontestavel; mas, a *concessão* dada a Mauá para a construcção dessa estrada de ferro não foi a *primeira* que no Brasil se deu, porquanto 14 annos antes, em 1836, já a assembléa legislativa provincial de S. Paulo havia decretado a lei n. 51 de 18 de Março (antiga n. 24), dando privilegio exclusivo á Companhia de Aguiar, Viuva, Filhos & Comp., e a Platt e Reid para a construcção de uma estrada de ferro, ligando o porto de Santos á Capital da provincia e ás villas da Constituição, Ytú, Porto-Feliz e Mogy das Cruzes. (1)

E foi esta indiscutivelmente a primeira concessão ferro-viaria feita no Brasil, porquanto a lei n. 101 de 31 de Outubro de 1835 (que antecedeu á supra citada) decretada pela assembléa geral legislativa do Imperio e sanccionada pelo regente Diogo Antonio Feijó, auctorizando o governo a conceder a uma ou mais companhias (indeterminadamente) privilegio exclusivo por 40 annos para a construcção de uma linha ferrea, ligando a capital do Imperio ás provincias de Minas, Bahia e Rio Grande do Sul, não passou de uma simples auctorização ao poder executivo que a sanccionou mas lhe não deu execução.

Depois dessa lei geral, de 1835, veiu a provincial de S. Paulo de 18 de Março de 1836, designando os concessionarios, o que prova que a concessão havia sido por elles solicitada. Dois annos após, foi essa lei sanccionada pelo presidente da provincia e convertida em contracto pela lei n. 115 de 30 de Março de 1838. Não resta, pois, duvida alguma, que a S. Paulo cabe a

---

(1) Collecção de Leis promulgadas pela assembléa legislativa da Provincia de S. Paulo desde 1835 até 1868, pag. 73.

gloria de ter dado a primeira concessão de estrada de ferro no Brasil. A previdente e interessante lei, que converteu em contracto e sanccionou a resolução da assembléa legislativa provincial de 1836, é do teôr seguinte:

Lei n. 115 de 30 de Março de 1838

(Lei n. 24 de 1838)

O doutor Venancio José Lisbôa, presidente da provincia de S. Paulo, etc. Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléa Legislativa Provincial decretou, e eu sanccionei a resolução seguinte:

Art. 1.º Fica auctorizado o presidente da provincia a conceder carta de privilegio exclusivo á companhia de Aguiar, Viuva, Filhos & Companhia e a Platt e Reid, para a factura de uma estrada de ferro, com as seguintes condições: A companhia fará estradas de ferro, ou outras de mais moderna e perfeita invenção, ou canaes, ou uma e outra coisa, apropriados ao transito de carros de vapor, ou sem vapor, puchados por animaes e barcos de vapor ou sem vapor, puchados porêm por barco de vapor, para o transporte dos generos e viajantes desde a villa de Santos até as de S. Carlos, Constituição, Ytú ou Porto-Feliz, ou para todas estas, como tambem desde a villa de Santos até a de Mogy das Cruzes, podendo juntar o rio Parahyba ao do Tieté no primeiro ponto mais perto desta villa em que a companhia julgar possivel, para a navegação de seus barcos, e afim de poder a companhia dar transportes entre esta villa, a cidade de S. Paulo e mais villas acima declaradas por canaes, rio, ou estradas: promptificando em primeiro logar a communicação entre a cidade de S. Paulo e a villa de Santos, começando as respectivas obras dentro do prazo de tres annos, e neste mesmo declarando ao governo da provincia qual a direcção total das obras da empresa: estes tres annos se contarão da data da lei da assembléa geral, que sanccionar as disposições desta, que dependerão da sua approvação, e a companhia continuará no andamento das obras até se concluirem, de sorte que, no prazo de sete annos da data da mencionada lei estará a estrada prompta, e o transito para o publico realizado, entre a cidade de S. Paulo e a villa de Santos, sem comtudo ficar a companhia privada de ir fazendo ao mesmo tempo as outras vias de communicações; ficando, porêm, ella obrigada a carregar para o publico de todos os outros pontos acima declarados, dentro do prazo de doze annos, contados tambem da data da referida lei. Poderá comtudo a companhia

abreviar taes prazos, mas nunca espaçal-os, e não estando começada a obra dentro dos ditos tres annos, ou não estando concluida a estrada, e realizado o transporte para o publico da villa de Santos para a cidade de S. Paulo dentro dos sete, e em todos os outros pontos designados dentro dos doze annos, ficarão em qualquer destes casos sem effeito as concessões auctorizadas pela presente lei; e não poderá neste caso a companhia exigir indemnização alguma pelas despesas que tiver feito.

A estrada que a companhia fizer entre a cidade de S. Paulo e o pico da Serra que desce para Santos será sempre para carros de vapor: do pico da Serra até abaixo da Serra, e vice-versa, os transportes serão feitos por meio de *machinas destinadas a fazel-os subir e descer;* e debaixo da serra até Santos por meio de carros de vapor, ou barcos de vapor, ou sem elle, puchados porém por barcos de vapor.

Nos mais pontos, porêm, poderá a companhia deixar de usar carros de vapor; e não lhe fica nelles prohibido fazer, em conformidade com que acima fica dito, em qualquer outro periodo do seu privilegio, mudança no seu systema de caminhos, mas somente para dar transporte entre a cidade de S. Paulo e villas expressamente marcadas neste artigo, sendo-lhe licito fazer estradas para vapor onde no principio fizer estradas de ferro para carros puchados por animaes; e mudar o transito que principiar por terra para rio ou canal, e destes para terra.

Art. 2.° A companhia franqueará o conhecimento de todas e quaesquer machinas de que se servir, processo de quaesquer trabalhos que verificar, e modelos de seus utensilios, e ferramentas ás pessoas que o governo da provincia ordenar, os quaes poderão assistir a todos os trabalhos para a factura da estrada, pelo tempo que o mesmo governo determinar.

Art. 3.° A companhia se obriga a conduzir á sua custa nos primeiros dez annos, depois da concessão do privilegio, ao menos tres mil colonos, trabalhadores morigerados.

Art. 4.° A companhia terá o privilegio exclusivo desta empreza pelo espaço de quarenta annos, contando do dia em que dér começo a transportes para o publico da cidade de S. Paulo por suas vias de communicações para qualquer das villas de S. Carlos, Constituição, Ytú e Porto Feliz.

Durante os ditos quarenta annos não terá o governo ingerencia alguma em materias da companhia; findo porêm este prazo, pertencerão ao mesmo governo todas as estradas, e outras vias de transportes da companhia, bem como as machinas estacionarias que lhes estiverem annexas destinadas para fazer subir e descer, ou puchar os transportes de um para outro ponto; os

carros de vapor e seus pertences; os carros e barcos sem vapor; devendo nessa épocha achar-se tudo isto em estado de continuar bem no mesmo transporte como dantes; pena de responder a companhia por seus bens.

Art. 5.° Findo tambem o sobredito prazo de quarenta annos terá tambem o governo a faculdade de comprar tudo ou parte dos demais pertences da companhia empregados no manejo dos transportes não incluidos no artigo precedente, e que o governo julgar conveniente; pagando este o importe á vista, ou em lettras sobre o thesouro provincial a 12, 24, 36 e 48 mezes com juros de 6 por cento ao anno. A avaliação de taes objectos será feita sem recurso por arbitro nomeados a aprazimento do governo e da companhia.

Art. 6.° Si a assembléa legislativa da provincia vir que não convem á provincia a acquisição da empreza naquella épocha, declarará isto á companhia dois annos antes da expiração do seu privilegio, e em tal caso se prolongará o mesmo por mais seis annos, sem nova convenção, e sómente com o onus que determina o artigo seguinte:

Art. 7.° Passados vinte annos contados do primeiro transporte para o publico será a companhia obrigada a pagar annualmente ao governo 10 por cento do rendimento liquido, que ella perceber desta empresa até verificar-se o primeiro transporte para o publico por vias de communicações, que tenha estabelecido para qualquer das villas de S. Carlos, Constituição Ytú e Porto Feliz, e dahi em deante, e por todo o tempo que durar o seu privilegio, será ella obrigada a pagar annualmente 20 por cento do dito rendimento liquido, o qual será empregado em beneficio das estradas adjacentes, e não se poderá dar outra applicação a este redito sempre que as mesmas estradas delle precisem.

Este pagamento terá logar pela mesma fórma e tempo em que se pagarem os dividendos aos accionistas da companhia. Tambem será a companhia obrigada a conduzir gratuitamente, e debaixo da sua responsabilidade, as malas do correio, e fundos do governo, quando este exigir, e egualmente cargas, mas que não excedam em tudo a dez arrobas, e duas pessoas por viagem para os pontos que estiverem nas linhas das suas operações, mas isto só uma vez por dia e quando a companhia transportar por estes pontos outras cargas, ou pessôas.

As cargas acima mencionadas só poderão ser de effeitos publicos, e as pessôas as que forem mandadas em serviço publico.

Art. 8.° Será permittido á companhia, por todo o tempo que durar o seu privilegio, tirar toda a pedra de ferro que precisar

para a execução de suas obras, onde ella fôr encontrada, levantando para isso as fabricas que quizer, mesmo em terrenos dos particulares, indemnizando-os pelas pedras de ferro que tirar de seus terrenos, e pelos mais prejuizos que soffrerem.

Art. 9.° Será licito á companhia entrar, salvo as formalidades das leis, em todos os terrenos, e aguas que se acharem nas linhas de suas operações, e aproveital-os para poder verificar os seus transportes, bem como poderá servir-se das madeiras, pedras, ou cal que se extrahir do terreno, que sendo de particulares por titulo ou posse, dará logar á competente indemnização.

Art. 10.° Os possuidores e cultivadores de todos os terrenos, cedidos por esta lei á companhia, ficam livres, uma vez que se prove serem colonos introduzidos pela companhia na provincia, do pagamento dos dizimos e mais impostos de producção pelo espaço de vinte annos, contados do dia em que a companhia principiar a transportar pelo caminho de S. Paulo para qualquer das villas de S. Carlos, Constituição, Ytú e Porto Feliz; findo, porém, este prazo ficarão sujeitos á todos os impostos como os mais lavradores da provincia.

Art. 11.° Além de poder a companhia occupar terrenos de particulares para construcção de estradas, pontes, canaes e diques; terá tambem egual direito para o estabelecimento de armazens de depositos, trapiches, e outros quaesquer edificios a bem de suas obras. O processo de indemnisação por motivo deste e outros artigos desta lei, regular-se-á pelas leis existentes.

Art. 12.° Si os caminhos, ou canaes da companhia impedirem caminhos ou canaes de serventia publica, ou particular, deverá ella substituil-os por outros caminhos ou canaes de egual perfeição, quando não quizer franquear os seus, os quaes, comtudo, será obrigada a franquear emquanto não fizer a substituição. Quando fôr necessario que uma estrada publica, ou canal publico, atravesse a da companhia, esta não poderá obstar, comtanto que o seu transito não fique impedido por tempo algum. Sendo, porêm, a obra, no ponto do cruzamento das estradas, ou canaes da companhia e do governo, feita pela maneira que indicar o principal engenheiro della, mas sempre no logar que o governo designar: sendo ella obrigada a executar a obra si o governo quizer, o qual a indemnizará logo depois de concluida a obra; e, não se effectuando tal pagamento, ella se indemnizará por meio do tributo estabelecido no art. 7.° desta lei, vencendo juros compostos na razão de 6 por cento ao anno da quantia que se lhe estiver devendo. Qualquer municipio ou particular terá tambem direito de cruzar as estradas e canaes da companhia com os seus caminhos e canaes e de exigir que ella exe-

cute a obra na forma acima: esta, porêm, poderá exigir, afim de segurar o seu embolso, que previamente se deposite nas mãos do seu thesoureiro o dinheiro que, pelo calculo do seu engenheiro, se houver de dispender, ou se affiance idoneamente o seu pagamento.

Art. 13.° Um anno antes de se achar concluida a estrada de S. Paulo a Santos, a companhia, sob pena de perder o seu privilegio, organizará e publicará pela imprensa a tabella dos preços das conducções e das passagens entre aquelles dois pontos; os quaes jamais poderá augmentar além do minimo que em qualquer tempo existir, mas sim diminuir: ficando ella obrigada a conduzir os generos e franquear passagem entre S. Paulo e qualquer das outras villas designadas no artigo primeiro pelo menor preço porque por egual distancia em qualquer tempo fizer entre S. Paulo e Santos, podendo, porêm, a companhia estabelecer as barreiras que julgar convenientes para as suas cobranças, e requisitar o auxilio da força armada, caso seja preciso, para fazer respeitar o seu privilegio, a qual será paga á sua custa. A indemnização terá logar si por lei, acto ou omissão do governo se não verificar a cobrança estipulada. Os preços de que tracta a tabella acima serão marcados em moéda brazileira de prata, na qual deverão ser pagos por quem exigir, o transporte ou passagem, sendo comtudo licito a estes pagarem-no em qualquer outra moéda brazileira, que pela lei corra nesta provincia, porêm, segundo o agio que houver entre esta e aquella: agio que será indicado em uma tabella que a companhia fica obrigada a apresentar no principio de cada mez, e que terá vigor todo elle, e será verificado por dois arbitros, um do governo e outro da companhia, que para isso tomarão o termo medio do agio das sobreditas moédas nos primeiros quinze dias do mez preterito.

Art. 14.° O governo franqueará á companhia copia dos mappas, informações e mais esclarecimentos que tiver e ella exigir a bem dos trabalhos da empresa; e tambem a companhia, exigido que seja pelo governo, prestará a copia dos mappas, e plantas que tiver levantado dos sertões, onde fizer quaesquer explorações em beneficio da mesma empresa.

Art. 15.° No caso em que, por motivo de guerra externa, ou commoções na provincia se interrompam os precisos trabalhos da companhia, não correrá contra esta o caso marcado no artigo primeiro por todo o tempo em que esses obstaculos perdurarem.

Art. 16.° O governo garante á companhia e a todos os colonos que ella importar para esta provincia, a sua liberdade civil e religiosa, e especial protecção não só a elles como ás suas familias.

Art. 17.° A companhia não poderá possuir escravos, nem empregar africanos livres, mas poderá alugar escravos.

Art. 18.° Ficam revogadas todas as leis e disposições em contrario.

Mando portanto, á todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução da referida Resolução pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contem.

O Secretario d'esta Provincia a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palacio do Governo de S. Paulo, aos trinta de Março de mil oitocentos e trinta e oito. (L. S.)—*Venancio José Lisboa.—Francisco Gomes de Almeida*, a fez.

Publicada n'esta Secretaria do Governo, em 30 de Março de 1838.—*Joaquim Firmino Pereira Jorge.*

Registrada nesta Secretaria do Governo, no Livro 1.° de Leis a fls. 145 v. em 30 de Março de 1838.—*Joaquim José de Andrade e Aquino.*

Tal foi a lei que deu a primeira concessão de estradas de ferro no Brasil.

Convem notar que, nesta lei, já se previa que a futura via ferrea teria de subir e descer a Serra do Mar por meio de planos inclinados e de machinas fixas, tal qual como foi, dezoito annos depois, adoptado pela Companhia Ingleza; que já o legislador paulista se preoccupava com a colonisação da provincia, e tanto que, na clausula 3.ª, obrigava os concessionarios a transportar gratuitamente, durante os primeiros dez annos do trafego, ao menos 3.000 colonos trabalhadores morigerados; que a preoccupação de libertar-se do escravo já havia invadido os poderes publicos, ao ponto de se impor aos concessionarios a condição de não possuirem escravos, nem empregar africanos livres, podendo sómente alugar escravos.

E' ainda digno de nota que a lei estabelecia o direito de reversão para a provincia de todas as estradas construidas pelos concessionarios, findo o prazo do privilegio, e que a concessão abrangia um vastissimo plano de viação porque dava aos concessionarios privilegio, não só para a construcção de estradas de ferro por tracção a vapor, como tambem por tracção animal (o actual *tramway* ou *bond* que, então, ainda o norte-americano não havia inventado) e ainda para a navegação fluvial a vapor.

Decididamente, é força confessar que os legisladores paulistas de 1836 estavam muito adiantados para a sua época. E' verdadeiramente admiravel a sua previsão do futuro.

E quereis saber porque tão avançados se manifestavam? E' que agiam sob o influxo de um europeu intelligente, illustrado e progressista, o velho Frederico Fomm, que era socio gerente da casa commercial de Santos—Aguiar, Viuva, Filhos & Companhia—á qual foi dado o privilegio em questão. Allemão de nascimento, mas brasileiro e paulista de coração, Frederico Fomm, unira-se pelo casamento a uma senhora paulista, d. Barbara da Costa Aguiar, filha do tenente-coronel João Xavier da Costa Aguiar e de sua esposa d. Anna Paes de Barros Aguiar, que era socia solidaria da casa commercial concessionaria. Fôra elle que, na qualidade de socio gerente da casa, concebera o gigantesco projecto e fornecera á assembléa legislativa paulista o plano e bases para a concessão solicitada, depois de mandar fazer, á custa da sua casa commercial, pelo engenheiro inglez Mornay, os estudos da ferro-via de Santos a S. Paulo.

E' isto o que affirma, com conhecimento perfeito do assumpto, o dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo na excellente biographia de Frederico Fomm, que publicou em 1879.

Desastres commerciaes impediram o velho Fomm de realisar essa empreza, mas o seu plano e os estudos, que mandara fazer, ficaram e serviram de base para o traçado da actual via ferrea de Santos a Jundiahy. Esses estudos, segundo o que affirma ainda o dr. Miranda Azevedo na citada biographia e eu confirmo pela tradição da familia, quando Frederico Fomm falleceu, foram por sua viuva confiados ao marquez de Monte Alegre; este os cedeu ao seu protegido e associado barão de Maúa, que delles se utilisou em 1855 para os novos estudos, que mandou fazer e que um anno depois vendeu á actual Companhia Ingleza por 40.000 libras esterlinas, ou cerca de mil contos da nossa moéda, ao cambio actual!...

Não se póde pôr em duvida que o projecto de Frederico Fomm e do engenheiro Mornay, de galgar a Serra do Mar por meio de planos inclinados e de machinas fixas, solicitando os wagons a cabo, era admiravelmente concebido, porque foi esse exactamente o adoptado pelos engenheiros de Mauá e posteriormente pelos da *S. Paulo Railway*, que o realisou, cerca de vinte annos depois de concebido e traçado por Frederico Fomm e Mornay.

O plano de Frederico Fomm era vasto. Conhecedor da fertilidade do solo paulista, prevendo o desenvolvimento da agricultura embryonaria de S. Paulo, que mais tarde havia de ser o Estado mais prospero da Republica, o intelligente allemão não só tinha em mente ligar o porto de Santos ao interior da provincia, para dar facil escoamento aos seus productos e estabelecer a permuta com os generos de importação, como tambem fomentar o

povoamento e a circulação no interior pela navegação dos rios e pela abertura de novas vias de communicação. Além disso, esse plano grandioso abrangia ainda a idéa de estabelecer a navegação directa entre a Europa e o porto de Santos para que a permuta de generos europeus e paulistas começasse a fazer-se logo após a conclusão da linha ferrea de Santos a Ytú e Porto Feliz (1).

No intuito de levantar os capitaes precisos para a realisação do seu projecto, Frederico Fomm, logo depois que obteve a concessão, foi á Europa, onde nada conseguiu, porque o desastre da sua casa commercial o obrigou a voltar a Santos, onde pouco depois falleceu.

Se não logrou realisar o seu intento, todavia a esse espirito emprehendedor devemos a iniciativa e o primeiro impulso em relação á viação ferrea de S. Paulo, assim como a introducção da primeira machina a vapor no territorio paulista, machina que funccionou em uma grande fabrica de assucar refinado, que elle estabelecera em Santos, num logar que denominou Villa Nova, nome que ainda hoje conserva.

Dessa machina a vapor, a primeira introduzida em S. Paulo e no Brazil, existia ainda ha poucos annos, um cylindro, que os benemeritos irmãos Bierrembach de Campinas fizeram arrancar dos mangues de Santos e que enviaram ao extincto museu Sertorio (2).

Nesse museu, no tempo em que esteve installado num predio da rua Marechal Deodoro, vi eu esse cylindro e é provavel que esteja hoje no museu do Ypiranga, onde deve ser conservado como reliquia historica.

Perguntar-me-ão talvez, porque motivo a concessão á casa Aguiar, Viuva, Filhos & Comp. foi dada para uma linha ferrea ligando o porto de Santos á capital e ás villas de S. Carlos (3), Constituição, Ytú e Porto Feliz e não ligando Santos a Rio Claro, como posteriormente se concedeu aos marquezes de Monte Alegre e S. Vicente e ao barão de Mauá?

A razão é simples. E' que em 1836 e em 1838 não existia ainda a lavoura cafeeira; a agricultura paulista resumia-se quasi que no cultivo da canna de assucar importada por Martim Affonso.

Era principalmente em Ytú e Porto Feliz que essa cultura se fazia em maior escala e sendo assim, o objectivo do concessio-

---

(1) Dr. Miranda Azevedo—*Frederico Fomm*. Apontamentos biographicos, 1879.
(2) Dr. Miranda Azevedo—Obra citada.
(3) A lei n. 51, de 18 de Março de 1836, que deu a concessão, só se referia ás villas da Constituição, Ytú e Porto Feliz. A villa de S. Carlos (hoje Campinas) foi posteriormente incluida no contracto de 1838.

nario e do legislador paulista era ligar o nosso principal porto de mar ás zonas em que a actividade industrial e agricola era mais desenvolvida.

Frederico Fomm não logrou realisar o seu grandioso plano, mas a bôa semente ficou por elle lançada no territorio paulista e mais tarde, em 1856, germinou e desenvolveu-se na vasta rêde de viação ferrea e de navegação fluvial, que hoje possuimos.

Por iniciativa deste europeu intelligente, adiantado e amigo do Brasil, cabe, pois, a S. Paulo a dupla gloria de haver importado a primeira machina a vapor que funccionou no Brasil e a de ter cogitado, antes que qualquer outra provincia do Imperio, de estabelecer linhas ferreas e de navegação fluvial a vapor dando a primeira concessão ferro-viaria com a clausula humanitaria de não poderem os concessionarios possuir escravos.

Isto faz honra ao espirito de iniciativa e de progresso do povo paulista e merece bem ficar consignado nos annaes do Estado como subsidio á historia da sua viação ferrea e dos seus grandes emprehendimentos.

S. Paulo, 31 de Outubro de 1895.

GARCIA REDONDO.

Documentos para a historia da Viação Ferrea em S. Paulo

Inauguração do 1.° Plano Inclinado da Serra de Santos em 1864

Inauguração da Estrada de Ferro do Norte em 1877

São Paulo Railway Company (Limited.)—São Paulo, 27 de Junho de 1899.—Ill.mo Ex.mo Snr. Barão Homem de Mello.

Passando amanhã o 35.° anniversario da inauguração do 1.° Plano Inclinado da Serra, desta Estrada de Ferro, feita por V. Exc. em 1864, quando presidia com rara capacidade e proficiencia, os destinos desta então Provincia, julguei do meu dever apresentar a V. Exc., por este meio, os meus cumprimentos, e congratular-me por tão memoravel data.

E o prazer desta manifestação sobe ainda de ponto por poder annunciar a V. Exc. que as obras de duplicação desta linha ferrea acham-se quasi concluidas, desde Santos a Jundiahy, tendo, ha poucos dias, o Ex.mo Dr. Prudente de Moraes visitado todas ellas, e percorrido o 1.° Plano Inclinado da Nova Serra, o qual, coincidentemente, está prompto, embora não inaugurado.

Tudo isto vem attestar a pujança e o desenvolvimento deste seu Estado natal, o qual hoje ainda se lembra com orgulho dos beneficios da passagem de V. Exc. pela presidencia naquella epocha.

Rogando a V. Exc. se digne desculpar esta minha evocação a uma data dentre as muitas que V. Exc. deixou assignaladas, tenho a honra de ser

Com subido respeito e consideração

De V. Exc.
Amigo Ven.r e Obr.°
W. Speers
Superintendente

(Cópia).—Rio de Janeiro, 28 de Junho de 1899.—Illmo Sr. William Speers.—Recebi a honrosa carta que V. S me dirigiu em 27 deste mez, trazendo-me suas congratulações pelo 35.° anniversario da inauguração do primeiro plano inclinado da Serra da Estrada de Ferro de Santos a Jundiahy, por mim feita no dia 28 de Junho de 1864 como Presidente de minha Provincia natal, hoje Estado de S. Paulo.

Sou muito grato a esta recordação, tanto mais quanto refere-se ella a um facto que é ao mesmo tempo uma data auspiciosa da empreza que V. S. dignamente dirige, e uma pagina de nossa historia administrativa.

Quando em 1864 me coube a honra de ir presidir aos destinos de minha Provincia, fui desde logo visitar os trabalhos dessa linha ferrea desde Santos até á raiz da Serra, ainda antes de tomar posse da administração. Pude assim por mim mesmo apreciar o vigor com que estavam sendo acommettidas as obras da Serra, destinadas a vencer em uma extensão relativamente curta uma differença de nivel de 800 metros.

Por força de representações que lhe foram dirigidas, o illustrado Ministro da Agricultura, Conselheiro Domiciano Leite Ribeiro, mandou em Abril desse anno examinar as obras da linha pelo Capitão de Engenheiros Dr. João Ernesto Viriato de Medeiros, já então um nome feito na engenharia brazileira e membro do Instituto de Engenheiros Civis de Londres. Do Relatorio apresentado por este funccionario de tão alta competencia, dei logo conhecimento ao Sr. J. J. Aubertin, Superintendente da Companhia. Nesse Relatorio, ao lado de algumas indicações technicas que foram todas promptamente satisfeitas, o Engenheiro qualificou de *optimas* as obras principaes, mostrando sua confiança no exito destas. Foi um triumpho para a Companhia em vista dos receios e prevenções contra um systema que ainda não estava experimentado em uma tão vasta escala.

Com este Relatorio e com os esclarecimentos que me haviam sido prestados pelo Superintendente Aubertin e pelo Engenheiro da Companhia, Daniel M. Fox, fui no dia 27 de Junho, acompanhado pelo engenheiro fiscal, Ernesto Diniz Street, examinar as obras da linha em toda a extensão, desde o Braz até Santos.

Do minucioso exame feito, sobretudo nas obras do primeiro plano, resultou que podia ser este desde logo inaugurado.

Tomada esta deliberação fui no dia seguinte, 28 de Junho, inaugurar essa primeira e mais importante secção da Serra.

Haviam sido cuidadosamente ajustadas todas as peças da immensa móle, e sobretudo firmado com precisão mathematica o

angulo de inclinação dos rodisios, e regulada uniformemente a perfeita adherencia dos cabos, que sobre os mesmos deviam girar.

O temeroso monstro de aço que ouvira na vespera escondido em uma larga cavidade, como em um antro de Plutão, distendêra uma de suas poderosas antennas para receber o comboio que nos devia conduzir. Como por um encantamento, começou a ascenção, transpondo nós as anfractuosidades da Serra, deliciados nossos ouvidos com a sonoridade cadenciada dos rodisios, que tão importante funcção desempenham neste serviço.

A' 1 hora da tarde estavamos no alto do primeiro plano.

Estava tirada a prova, vencida a incredulidade de uns e de uma vez dissipado os receios e prevenções de outros. E no mesmo dia dei conta ao Ministro da Agricultura do grande resultado alli obtido.

Tambem esta data nunca foi esquecida nas tradições da Companhia; e lembro-me com desvanecimento de que, ao inaugurar eu a Estação de minha cidade natal, Pindamonhangaba, no dia 18 de Janeiro de 1877, o Sr. J. J. Aubertin, que honrára este acto com a sua presença, dirigindo-me as suas congratulações, alli rememorou aquella data, que era como o inicio dos grandes melhoramentos, que operaram a transformação economica de S. Paulo.

Todas essas reminiscencias acodem-me agora de tropel, avivadas pelos honrosos termos de sua carta. Eu as deponho aqui como o mais significativo testemunho de meu reconhecimento e apreço pelo seu recebimento.

Congratulo-me com V. S. pelo grande melhoramento realizado nessa Estrada, da duplicação da linha em toda a sua extensão, facto este que encerra a mais brilhante demonstração da superioridade da iniciativa particular sobre a administração do Estado em materia industrial.

Em um de meus Relatorios como Presidente da E. de F. do Norte, escrevia eu em 16 de Março de 1874: A Provincia de S. Paulo é a que com mais vigor e afoutesa de animo emprehendeu e está realizando no Brazil o fecundo principio da iniciativa individual em seus melhoramentos.

As nossas principaes auctoridades nesta materia Srs. Conselheiros Christiano Ottoni e Manoel da Cunha Galvão, resumiram na seguinte these todo o resultado de sua longa e esclarecida experiencia na pratica de trabalhos de estradas de ferro no Brazil:

«O governo não póde nem deve ser emprezario da construcção, nem exploração das grandes emprezas industriaes.»

As estradas de ferro devem ser construidas e exploradas

pela industria particular, e a nossa experiencia é toda nesse sentido.»

«Os poderes politicos são inhabeis para gerir qualquer industria, e particularmente a de um caminho de ferro: só o interesse privado póde efficazmente occupar-se com as mil minucias de que consta uma tal administração.»

E nesta severa advertencia não estão notados outros elementos perturbadores ainda mais funestos, como sejam as collisões oriundas da intrusão politica, e peior do que isso, um obstaculo invencivel que desarma a sciencia e inutiliza, como tem inutilizado os mais dedicados esforços dos nossos mais habeis engenheiros: *os córtes do orçamento.*

A' estas considerações veiu imprimir plena sancção e maximo interesse de actualidade o nobre exemplo da S. Paulo Railway, duplicando sua linha em toda a sua extensão, aliás muito superior á que vai daqui á Barra do Pirahy. A lição nos deve aproveitar.

Não só em moral como ainda na ordem economica são os bons principios que nos dão sempre os melhores resultados.

E eu o felicito de os haver assim obtido em bem dos grandes interesses que em bôa hora foram confiados á sua competencia e experimentada direcção.

Agradecendo-lhe ainda uma vez haver assim com as suas congratulações collocado diante de mim aquella gratissima pagina da historia do meu Estado natal, aqui fico ás suas ordens, honrando-me em ser com o maior apreço,

De V. S.

Am.° M.to Obr.°

(Assignado) Homem de Mello.

A Illustrada Redacção da *A Noticia.*

Sou muito grato á honrosa referencia que na *A Noticia* de hontem fazeis ao meu nome, recordando o facto da inauguração no dia 7 de Julho de 1877 da linha ferrea S. Paulo e Rio.

A commemoração assim feita desta data é um novo testemunho do esclarecido interesse, que este importante orgam de nossa imprensa diaria liga a tudo que representa os grandes progressos de nossa patria.

«Duas barras de aço, diz Victor Hugo, lançadas sobre o sólo não depositam nelle os germens da fertilidade: mas eis que sob o peso da locomotiva este estremece, e como por encanto a

terra se abre em thesouros, que só aguardavam ahi o raio da intelligencia humana para se revelarem.»

A verdade encerrada nestas palavras do grande poeta do seculo, mostra-se em nossa patria em um exemplo que é de nossos dias. Quando em 1864 presidia a Provincia de S. Paulo, a renda provincial era alli apenas de sete centos contos, e a renda geral de mil e oito centos contos de réis. O alvião e a picareta feriam já os flancos da Serra; mas não havia ainda um metro de linha ferrea em trafego.

Hoje a renda estadoal de S. Paulo excede de cincoenta mil contos, e a renda da União ascende a trinta e cinco mil contos.

Taes foram os resultados da transformação economica operada em S. Paulo, principalmente pela rede de estradas de ferro que alli se internou pelos grandes centros productores.

E a Estrada de Ferro S. Paulo e Rio foi como o complemento obrigado de todas aquellas linhas, ligando-as, como uma poderosa arteria, á grande rede de estradas de ferro Mineira e Fluminense. Ainda outro serviço e dos mais importantes veio ella prestar nesta ordem de interesses. Em 1880 transferi como ministro do Imperio para a Capital de S. Paulo a internação de immigrantes, que, como medida hygienica até então se fazia na Barra do Pirahy. Esta medida, tão modesta em si, veio logo a transformar-se em um dos maiores factores do incremento economico de S. Paulo. A immigração que até então se fazia apenas por alguns milhares, passou logo a ser por dezenas e dezenas de milhares; e, sem a Estrada de Ferro S. Paulo e Rio, não pudera ter sido executada a medida inicial, que produzio tão extensos resultados.

Eis quanto além do mais se encerra na data historica que com justo titulo apparece rememorada em a vossa interessante secção—A Data.

Rio de Janeiro, 8 de Julho de 1899.

(Assignado)—Homem de Mello.

Notas sobre a questão de limites entre os Estados de S. Paulo e Paraná

A lei n. 704, de 29 de Agosto de 1853 (Candido Mendes diz «9 de Setembro»), que elevou á categoria de provincia, com o nome de Paraná, a comarca de Curitiba, da antiga provincia de S. Paulo, declara: «A sua extensão e limites serão os mesmos da referida comarca».—Esta comarca, pela lei provincial n. 11, de 17 de Julho de 1852, comprehendia os municipios de Curitiba, Paranaguá, Principe, Antonina, Morretes, Guaratuba e Castro, sem especificação dos respectivos limites.

Dos municipios acima enumerados, Paranaguá, Curitiba e Castro, da nova provincia, limitavam com os de Cananéa, Xiririca (pela freguezia de Iporanga, elevada a municipio pela lei provincial, de 3 de Abril de 1873), Apiahy e Faxina, que continuavam a pertencer á provincia de S. Paulo. A divisa legal, não especificada, das duas provincias, ficou portanto constituida pelo conjuncto das divisas, legaes ou convencionaes, dos mencionados municipios limitrophes no anno de 1853.

Sobre estas divisas nessa epoca a informação accessivel limita-se quasi exclusivamente ao «Resumo das Informações sobre Matrizes», publicado como annexo ao discurso do presidente, dr. José Thomaz Nabuco de Araujo, na abertura da Assembléa Provincial, a 1 de Maio de 1852. Essas informações referem-se ás freguezias, que, pela maior parte, se podem presumir coextensivas com os respectivos municipios, e foram fornecidas, conforme se lê no discurso do presidente, pelos respectivos parochos, em resposta a um questionario. Não dão a origem das divisas descriptas, que se deve presumir serem, pela maior parte, senão totalmente ecclesiasticas ou convencionaes. Falta, portanto, a essas informações o cunho de authenticidade, não sómente por não constar a sua origem legal (sendo provavel que na maioria dos casos esta não exista, pelo menos no civil), como por serem

affirmações *ex-parte* dos parochos, que, muitas vezes, não concordam entre si. Nos casos, porém, em que as descripções provenientes dos dois lados combinam nos seus termos, a divisa póde ser considerada como assentada e incontesta naquella epoca, senão absolutamente authentica.

Neste ultimo caso estão, primeiro, a divisa entre as freguezias de Itapeva da Faxina (comprehendida pelos rios Itararé e Paranapanema) e Castro («ao norte com Itapeva pelo Itararé»), e segundo, o começo da divisa, entre as freguezias de Cananéa —ao Sul (no Varadouro) e Paranaguá («ao norte com Cananéa pelo isthmo do Varadouro»).

Das outras freguezias limitrophes (Iporanga, Apiahy e Botucatú, do lado de S. Paulo, e Curitiba e Tibagy, do lado do Paraná) não houve resposta ao questionario de 1852. E' licito, porêm, presumir que então, como hoje, o rio Paranapanema formava limite incontestado entre as freguezias de Botucatú e Tybagy.

Neste caso, a divisa entre os dois Estados, na parte que pertence á bacia do Paraná, constituida pelos rios Paranapanema e Itararé, tem sido incontestada desde a creação do Estado do Paraná, e, apparentemente, tem sido perfeitamente satisfactoria a ambas as partes. Topographicamente falando, é uma divisa ideal, á qual só falta dar-se-lhe caracter legal pela legislação conveniente.

Tambem na secção da divisa que corresponde á encosta da Serra do Mar, que verte para as bahias de Paranaguá e Cananéa, estando as duas partes de accôrdo sobre o começo da divisa do isthmo do Varadouro e não tendo apparecido contestações sobre o resto da linha até o alto da serra, parece que não deve haver difficuldade em concordar sobre uma divisa perfeitamente natural e satisfactoria aos governos e povos dos dois Estados, pelo espigão divisorio das aguas das duas bahias.

A respeito da secção intermediaria a que corresponde á bacia da Ribeira, isto é, entre o alto da Serra do Mar e as cabeceiras do Itararé, tem havido sérias contestações, e as informações a ella relativas são extremamente vagas e contradictorias.

Na época da separação das duas provincias, a parte superior da bacia da Ribeira era uma terra quasi incognita, e, apparentemente, os municipios de Apiahy e Curitiba foram constituidos, com uma extensão indefinida, pelo sertão.

O mappa do brigadeiro Müller, organisado em 1838, representa nesta região uma estrada de Apiahy ao Porto de Apiahy, na margem da Ribeira, e uma outra de Curitiba a Castro, com um ramal para Bituvarava (Votuverava), parecendo que nessa

época não havia communicação directa entre Curitiba e as povoações da Ribeira.

Da freguezia de Cananéa dizia-se em 1852: «de fundo, grande extensão que se ignora»; e o presidente do Paraná diz no seu relatorio de 1856: «Não está definitivamente traçada a linha que liga o ponto do Varadouro com o Itararé, e a este respeito existe até a mais completa falta de conhecimentos. Não havendo satisfactorias noticias topographicas de todo o territorio intermediario, attento o seu estado de incultura, nenhum parecer se póde dar sobre a linha divisoria mais conveniente.»

A lei provincial n. 5, de 22 de Março de 1851, fixando as divisas entre os municipios de Curitiba e Castro, refere-se incidentemente á divisa com Apiahy, nestes termos: «desce por este mesmo rio (o Assunguy) até a divisa com o Apiahy, onde o rio toma o nome de Ribeira». Se nessa época, como é provavel, o uso do nome «Ribeira» era o mesmo que vem representado nos mappas mais modernos, Apiahy podia, com fundamento legal, pretender extender o seu limite com Castro até a confluencia do Assunguy com o Ribeirinha.

Não obstante (por um accôrdo tacito?), a divisa nominal tem sido por muitos annos alguns kilometros mais abaixo, pelo rio Itapirapuam, e, sendo esta uma divisa natural já consagrada pela posse de muitos annos e (a julgar pela ausencia de contestações) satisfactoria aos dois municipios interessados, seria talvez conveniente adoptal-a e legalizal-a.

A respeito do resto da divisa, no trecho entre a Ribeira, na barra do Itapirapuam, e o alto da Serra do Mar, nenhum dos dois municipios interessados, Apiahy e Curitiba, têm apresentado, nos documentos á mão, fundamento legal incontestavel para as suas pretenções, e não estão de accôrdo sobre os limites das suas respectivas posses. A historia do desenvolvimento da região em litigio parece ser, em resumo, a seguinte :

Por cerca de 1854, o governo geral tractou de demarcar territorios para colonisação nas terras devolutas de diversas regiões, dos quaes cinco eram na bacia da Ribeira. Entre estas operações, a mais importante e a unica que interessa á presente questão, é a demarcação do territorio que tomou o nome de «Assunguy», abrangendo ambas as margens da Ribeira, da barra do Assunguy para baixo. Este territorio vem representado no mappa da provincia de Santa Catharina com as partes adjacentes, organisado por W. Schultz em 1859 a 1860, e publicado em Dresde em 1863, em cuja confecção foi evidentemente aproveitado o trabalho das commissões demarcadoras. Este mappa representa uma estrada de Curitiba á séde da colonia, situada na margem

direita do Ribeirão de Ponte Grossa, e uma outra de Curitiba, pelos valles de Capivary (Pardo) e S. Sebastião, ao porto de Apiahy, passando por Arraial Queimado e Bom Successo. Estas duas estradas eram ligadas por uma outra proximamente parallela á Ribeira e entroncando na primeira em Votuverava. Provavelmente esta ultima estrada é que motivou uma discussão em 1859, em que o presidente do Paraná protestou contra os concertos que estavam sendo feitos pelas auctoridades do Apiahy no trecho entre o porto e a Varginha (de S. Sebastião?)

No mappa da provincia do Paraná, organizado na Inspectoria Geral das Terras e Colonização por Carlos Reviére, e publicado em 1876, a colonia figura com oito territorios quadrados extendendo-se pela Ribeira, desde a barra do Assunguy até a do Itapirapuam. Por este mappa que nesta parte deve ser approximadamente correcto, a colonia tomava quasi toda a margem esquerda da Ribeira até a barra do Itapirapuam, o mesmo uma pequena area á direita deste rio. Pelo lado direito da Ribeira, abrangia quasi todo o valle do Ribeirão Bom Successo (Ponta Grossa) e do seu affluente Ponta Grossa (Pedra Preta) (1), a parte media do valle do Ribeirão do Bom Successo, a parte media do valle do Ribeirão Matto Preto, e alcançava uma parte das vertentes á esquerda da parte superior do valle do Ribeirão da Rocha, sem comtudo chegar até este ribeirão. Assim, grande parte da colonia achava-se em territorio que, nos termos da lei já citada, de 22 de Março de 1851, podia ter sido contestado pelo municipio de Apiahy e provincia de S. Paulo. A colonia, porêm, sendo administrada por Curitiba parece ter sido sempre considerada, pelo povo do Paraná e pelo governo geral, como pertencente á provincia do Paraná, e ultimamente foi elevada a municipio daquelle Estado com a denominação de Serro Azul. Pelo lado esquerdo da Ribeira parece ter havido uma especie de accôrdo tacito em considerar o Itapirapuam como limite, mas, do lado direito, a camara de Apiahy tem sempre mantido o seu protesto contra a divisa convenccional assim estabelecida.

No emtanto houve, em 1856, consulta ás camaras paulistas interessadas a respeito de um projecto apresentado no Senado, em substituição de um projecto da Camara dos Deputados, estabelecendo a divisa das duas provincias nos seguintes termos: «Com a de S. Paulo pelo mencionado rio Paranapanema, pelo Itararé até o monte Itapirapoã, deste pelo ribeirão Chapéo, que nelle nasce, até a sua confluencia com o rio da Ribeira, por es-

(1) Sobre a confusão na nomenclatura destes ribeirões, veja-se mais adeante

te até a foz do rio Pardo, da qual se tirará uma recta até o isthmo do Varadouro, que separa o municipio de Cananéa do de Paranaguá.»

A Camara de Faxina acceitou este projecto na parte que lhe interessava (pelo Itararé); a de Apiahy opinou que «a linha divisoria, que vem do Itararé, deve procurar o logar denominado—o Canha, e dahi á Pedra Preta, e desta ao Varadouro de Paranaguá»; a de Cananéa impugnou a divisa em linha recta da foz do rio Pardo, propondo «o rumo de Este, partindo do centro do isthmo do Varadouro, quando menos até o cimo da serra chamada Cadeado, e dahi o rumo que a agulha indicar.» Estando o logar «Canha» quasi em frente da barra do Itapirapuam, a camara de Apiahy não discordou em substancia da proposta divisa por este rio, impugnando, porêm a divisa pela Ribeira. A impugnação da Camara de Cananéa tinha por fim salvar as cabeceiras dos rios que desaguam na sua Bahia, as quaes, conforme os mappas da época, seriam cortadas pela proposta recta; o essencial era a acceitação, pelo lado do Atlantico, da divisa pelo divisor das aguas das duas bahias.

Na occasião do já referido conflicto das estradas em 1859, o presidente do Paraná remetteu ao de S. Paulo dois documentos em que se baseou para reclamar para Paraná o districto das Varginhas (do São Sebastião). O primeiro é a descripção da comarca de Paranaguá e Curitiba, mandado registrar, em 1828, pelo Ouvidor da comarca, e o segundo é uma informação dada pelo engenheiro Mauricio Schwartz, que tinha sido ajudante dos engenheiros Rebouças na exploração do sertão de Guarapuava. A descripção de 1828 inclue na comarca os municipios de Cananéa e Iguape, e por consequencia nada tem de definitivo sobre a questão presente, salvo as palavras vagas «ao norte, a villa de Apiahy, da mesma comarca (Ytú), pelo rio Assunguy, ou Ribeira». A informação do engenheiro Schwartz descreve a divisa da antiga comarca de Curitiba conforme vem representada «em varios mappas que tive occasião de ver, e principalmente nos que o exmo. Barão de Antonina mandou levantar pelo piloto H. Elliot, e que são os mais exactos». A divisa descripta é «o rio Itararé até as cabeceiras, de lá o rio Chapéo até a sua embocadura no rio da Ribeira. No districto de Curitiba, o rio da Ribeira, da barra do rio Chapéo até a barra do rio Pardo, o rio Pardo até a barra do rio Turvo, que corre de E. a O. e cujas cabeceiras se acham na serra geral mais ou menos na latitude de Cananéa, donde as divisas são as do districto desta freguezia com as de Guarakepava». A affirmação que «os habitantes aquem do rio Pardo até o rio da Ribeira obedeceram

sempre ás auctoridades civis, ecclesiasticas e militares de Curitiba», não se acha de accôrdo com o protesto dos paulistas a que esta informação responde.

Em 1870, a povoação do Arraial Queimado foi elevada a freguezia pela lei provincial n. 250, de 22 de Abril, que lhe definiu os limites pelo lado da Capital, Curitiba e Votuverava, ficando indeterminado o limite pelo lado do territorio contestado com a provincia de S. Paulo. Os limites, vindo do centro «até o ribeirão da Ponta Grossa, descem por este até a barra do ribeirão da Pedra Preta, e por este ultimo sobem até a Ribeira. O modo de alcançar a Ribeira, subindo pelo ribeirão da Pedra Preta, é um curioso problema geographico que a lei não resolveu, deixando-o para as auctoridades da nova freguezia.

Como estas o resolveram fazendo um grande enxerto na referida lei, vê-se pela carta escripta a 21 de Abril do mesmo anno por um official da guarda nacional a um morador do quarteirão de S. Sebastião, communicando a elevação do arraial a freguezia, «tomando-se por limites o rio Capivary e o da Ribeira Grande, da barra do rio Matto Preto até o rio Pardo». A tentativa de tomar posse deste territorio levantou um conflicto, e no protesto da camara de Apiahy veem mencionados os quarteirões de São Sebastião, Ribeirão Grande e Matto Preto, no districto contestado. Na mesma occasião appareceu uma descripção dos antigos limites de Apiahy, que se diz extrahida na secretaria do governo em S. Paulo, onde, porêm, o original não foi ainda encontrado. (Pode ser no registro de 1778).

Por este ultimo documento, estas divisas, na parte em questão «partem das cabeceiras do rio Itararé, vão as cabeceiras do ribeirão de Itapirapuam, seguem por este abaixo, até fazer barra na Ribeira, e, seguindo pela Ribeira acima até a barra do ribeirão Ponta Grossa, sobem até a barra do ribeirão da Pedra Preta, e por este acima até as suas cabeceiras, dahi ao alto do morro da Estrella, e deste, a rumo direito, ao campo do Sumidouro, e dahi aos Tres Pontões da serra defronte do Varadouro de Cananéa, e destes, a rumo direito, até o dito Varadouro». Dessa data em deante, essa descripção, que divide pelos ribeirões Ponta Grossa e Pedra Preta, a colonia do Assunguy, tem sido a base das pretenções da camara de Apiahy.

O conflicto levantado pelo desejo das auctoridades da nova freguezia paranaense, de levarem as suas divisas até as margens da Ribeira e Rio Pardo, foi terminado, provisoriamente, por uma portaria do presidente do Paranà, dirigida ao chefe de policia da mesma provincia, em 29 de Agosto de 1873, e communicada,

na occasião de um novo conflicto, ao presidente de S. Paulo, em officio do presidente do Paraná, de 15 de Julho de 1881.

Nesse documento ficou determinado que «emquanto não fôr definitivamente resolvida esta questão pelo poder competente, se observem as divisas que do livro do Tombo desta parochia, donde foi desannexada (??) do Arraial Queimado, consta ser desde a sua creação, com a villa de Apiahy, o Ribeirão da Pedra Preta.

A 19 de Dezembro de 1875, a camara de Apiahy representou contra uma demarcação de limites que, conforme se disse, estava sendo executada por uma commissão do governo geral, em virtude de uma circular do ministro da Agricultura. A respeito desta commissão, nada se encontra de definitivo na correspondencia official com o governo geral, archivada em S. Paulo, nem nos relatorios dos diversos ministros da época. O que se póde deduzir, pela combinação de diversas informações particulares e officiaes, é que o commissario era o engenheiro francez Aché, lente de uma das escolas, naval ou militar, do Rio de Janeiro, e que, commissionado por alguem (talvez pelo inspector geral de terras e colonização), procedeu á determinação das coordenadas astronomicas de alguns pontos na região da Ribeira, provavelmente como elementos de estudo para a fixação de um limite difinitivo. O unico resultado pratico, que se conhece, deste trabalho, é a tabella de coordenadas de 13 pontos, (dos quaes 7 na Ribeira, entre a barra do Itapirapuam e o Rio Pardo) que vem annexa ao mappa de Rivière, e que foram aproveitadas na confecção do dito mappa.

Em 1876 foi publicado pela Inspectoria de Terras e Colonização o mappa da provincia do Paraná, organizado pelo engenheiro Carlos Riviére, que, sendo baseado sobre as operações geodesicas daquella repartição e sobre as determinações astronomicas de Aché, é, indubitavelmente, um dos mais valiosos, para a geographia da bacia da Ribeira nos seus traços geraes. Neste mappa o limite é figurado pelo Itapirapuam, Ribeira e Rio Pardo, até um affluente que, com o mesmo nome de Rio Pardo, vem do territorio da Serra Negra. Da cabeceira deste affluente a divisa acompanha o alto da serra, até encontrar o espigão que divide as aguas da bahia de Paranaguá das da bahia de Cananéa. Pela nota que acompanha o mappa, a posição desta linha foi fixada pelas determinações astronomicas de Aché dos pontos—Morro de Itapirapuam, Barra do Itapirapuam, Barra do Rio Pardo, cabeceiras do Rio Pardo (Pequeno), na Serra Negra e Barra do Ararapira no oceano. E' para notar neste mappa que a linha que figura como divisoria das duas provincias corta em dois logares os territorios coloniaes, o que prova que, a Inspectoria das Terras

e Colonização reconheceu que as suas operações não creavam nem tiravam direitos quanto as divisas provinciaes. Claro é que a mesma prova se applica ás linhas divisorias traçadas sem auctoridade legal nos seus mappas.

Em 1885, levantou-se uma nova qnestão referente a uns srs. moradores estabelecidos nos valles do ribeirão de São Sebastião e Ribeirão Grande, nas vizinhanças da povoação paranaense de Bom Successo. A camara de Apiahy reclamou para si os quarteirões de Varginha, no valle de São Sebastião, e de Anta Gorda, Ouro Fino e Agua Clara, no valle do Ribeirão Grande, por ertarem dentro da linha traçada das cabeceiras do Ribeirão da Pedra Preta pela Serra da Estrella e Campo do Sumidor aos Tres Pontões. As auctoridades locaes paranaense reclamaram os mesmos quarteirões por causa da sua proximidade a Bom Successo, da sua distancia de Apiahy, e da origem paranaense dos seus moradores. O presidente do Paraná, em officio de 15 de Julho de 1881, dirigido ao presidente de São Paulo, reclamou contra a supposta invasão, affirmando que a divisa era pelo Ribeirão da Pedra Pedra, remettendo, em prova desta affirmação, cópia da portaria de 29 de Agosto de 1873, que cita o Livro do Tombo de Curitiba como auctoridade para esta divisa. Em telegramma de 22 de Junho de 1885, o presidente do Paraná protestou novamente e pediu cópia das divisas naquella parte, e recentemente, em 6 de Dezembro de 1895, houve novo protesto e a reaffirmação de ser «a divisa entre um e outro Estado o Ribeirão da Pedra Preta».

Por um infeliz acaso nenhum dos mappas mais ou menos officiaes do Estado do Paraná representa este ribeirão, ao qual entretanto o governo daquelle Estado liga na sua correspondencia a devida importancia. O mappa de 1875, de Carlos Rivière, como veremos mais adeante, confunde este ribeirão com o da Ponta Grossa e este ultimo com o de Bom Successo. O mappa recente de Ferreira de Abreu (1897) corrige este ultimo erro, mas perpetua o primeiro, não dando ribeirão algum com o nome de Pedra Petra.

E' de notar que na correspondencia havida a respeito do quarteirão de Anta Gorda e outros nesta região, as auctoridades, paranaenses não definem claramente a linha divisoria que pretendem, e não explicam como trecho citado (pelo ribeirão da Pedra Preta e em completo accôrdo com as pretenções do Apiahy) justifica a posse do territorio situado fora da bacia deste ribeirão. Estando as duas partes de accôrdo a respeito da divisa pelo ribeirão de Pedra Preta, o litigio devia versar sobre o modo de ligar as suas cabeceiras com um ponto no alto da serra fronteiro

ao varadouro e, talvez, sobre a situação desse ponto. Para explicar o silencio dos documentos paranaenses a respeito dessa parte da linha, podem-se aventurar as seguintes hypotheses: 1.°) que o Livro do Tombo de Curitiba não é explicito a este respeito; 2.°) que este livro citado em 1873 como contendo uma descripção da antiga divisa entre Curitiba e Apiahy não existe mais; 3.°) que a dita descripção não favorece á pretenção de levar as divisas do Estado do Paraná até a Ribeira, no trecho incluido entre as barras dos rios Itapirapuam e Pardo.

E' tambem para notar que affirmando repetidas vezes que a divisa é pelo Ribeirão da Pedra Preta o Governo do Paraná não tem tractado de justificar a sua posse de ambas as margens deste ribeirão e de todo o territorio a direito d'elle até a Ribeira, ao passo que apresenta esta mesma divisa, como base da sua pretenção á posse de um grande bloco de territorio situado adiante das cabeceiras do dito ribeirão e por nenhum modo dominado por elle.

A colonia de Assunguy, fundada e por muitos annos custeada pelo governo geral, consistia, conforme o mappa official da Inspectoria das Terras e Colonisação, em oito territorios, tendo cada um proximamente 12 kilometros em quadro. Destes territorios, um, cortado pelo rio Itapirapuam, continha, conforme o proprio mappa, uma pequena faxa do territorio paulista. O resto da colonia, conforme a divisa traçada no mappa, achava-se inteiramente incluido na provincia do Paraná, porém conforme o documento de Apiahy, um dos territorios coloniaes e parte de dois outros acham-se no «contestado». Ao que parece, o direito paulista á parte da antiga colonia ao lado direito dos ribeirões Pedra Preta e Ponta Grossa acha-se confirmado pelos proprios documentos paranaenses, se é que o Livro do Tombo de Curitiba, dando a divisa pelo ribeirão da Pedra Preta, não contem limitações que não foram mencionadas na portaria de 29 de Agosto de 1873. Depois de emancipada a colonia, o seu territorio, e talvez uma parte do adjacente, foi organizado em municipio paranaense com o nome de Serro Azul.

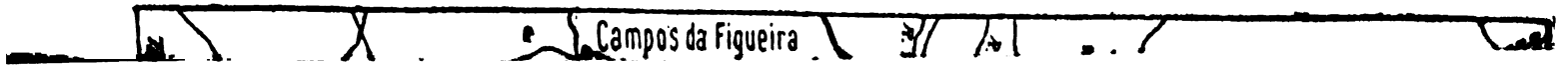
O mappa que acompanha esta nota foi calcado sobre o já citado mappa de C. Rivière, com modificações e correcções na região do «Contestado», baseadas nos mappas manuscriptos do engenheiro H. E. Bauer e do commendador Joaquim Antonio Santos Souza, existentes no archivo da Commissão Geographica de S. Paulo. Este ultimo é um esboço tosco, que entretanto merece mais confiança do do que os outros com referencia ao uso de nomes locaes, por ser o seu auctor morador na região e evidentemente perfeitamente familiarisado com os detalhes da geographia local.

Como todos os mappas desta região são simples esboços, o actual só serve para dar idéa da posição relativa approximada dos diversos pontos em discussão. A modificação mais importante introduzida no mappa de Riviere é na nomenclatura dos rios da colonia, dando o nome de «Ponta-Grossa», ao que elle chama «Bom Successo» e de «Pedra Preta» ao tributario que figura no mappa de Riviere com o nome de «Ponta Grossa». Documentos de origem paranaense, notavelmente a lei já citada da creação da freguezia do Arraial Queimado bem como o mappa de 1863 de W. Schultz, confirmam as informações paulistas sobre o verdadeiro uso destes nomes. Demais, o mappa de Riviere tem o nome «Bom Successo» repetido e applicado a dois ribeirões adjacentes, indicando que houve erro da parte do desenhista ou gravador do mappa. O verdadeiro «Bom Successo» é um ribeirão entre a Ponte Grossa e o Matto Preto, e nenhuma duvida póde haver de que ambas as partes, quando falam dos ribeirões «Ponta Grossa» e «Pedra Preta», se referem aos assim denominados no mappa junto.

O «Contestado» é o territorio abrangido pela divergencia das duas linhas da fronteira entre a barra do Itapirapuam e o alto da serra, si é, como parece, que as pretenções paranaenses (nunca claramente formuladas) correspondem exactamente á linha traçada no mappa de Riviere. O territorio assim delimitado acha-se dividido em duas partes deseguaes pelo Rio Pardo, sendo que sómente a parte á esquerda deste rio tem sido motivo de questões, visto que á direita do rio Pardo, Paraná (pelo mappa) concede a São Paulo mais do que este reclama. A verdadeira fórma e área deste ultimo territorio são incertas, por ser duvidosa a posição do ponto «Tres pontões» mencionado no documento de Apiahy. A área do verdadeiro Contestado á esquerda do Rio Pardo é de cerca de 2125 kilometros quadrados. A população (não incluindo a da parte que pertenceu á ex-colonia de Assunguy) é calculada pela camara de Apiahy em cerca de 4.000 almas.

O presente estudo, sendo, por força de circumstancias, baseado exclusivamente nos documentos conservados no Archivo do Estado de São Paulo, é necessariamente incompleto e talvez incorrecto em diversos pontos. Apesar, porém, destes defeitos reconhecidos, parece conveniente publical-o com o intuito de chamar a attenção sobre este importante assumpto, e assim provocar as contestações, ampliações e correcções de que são susceptiveis este ligeiro esboço historico e o mappa que o acompanha.

ORVILLE A. DERBY.


Campos da Figueira

Guerras do Sul

REPRODUCÇÃO DE UM PERIODO HISTORICO

Ha onze annos passados, observando que alguns espiritos irrequietos trabalhavam para occultar da geração actual a historia da nossa nacionalidade, entendi que devia lavrar um protesto contra esse pensamento anti-patriotico, porque estava convencido que sem a tradição não se formam as nacionalidades nem se desenvolve o patriotismo.

Para que a Musa da Historia, a divina Clio possa continuar a burillar no livro eterno os factos notaveis de nossos antepassados, para revivel-os a nossos olhos, é necessario que seja conservada a tradição que na phrase de Lacordaire é o laço poderoso que reune o presente ao passado.

Movido por esse sentimento de amor da patria e de respeito á memoria de brasileiros que tão grandes serviços prestaram, publiquei uma série de artigos referentes a pontos de nossa historia, esforçando-me para tornal-os interessantes não pelo trabalho da fórma, mas porque nelles transcrevia sempre um autographo inedito de brasileiro notavel cujo nome se achava ligado ao facto de que me occupava.

Nesses autographos, documentos intimos, encontravam-se explicações de episodios da nossa historia e nelles o leitor curioso podia admirar os sentimentos grandiosos de amor á liberdade que animava aquella raça extincta de patriotas.

Meu esforço passou completamente despercebido neste Estado—apenas um ou outro jornal do Rio se referiu a estes artigos.

Como era natural, desanimei, principalmente por ver que tantos espiritos cultos, tantas intelligencias primorosas embrenhavam-se na aridez da politica e não vinham em auxilio do desconhecido que só era impellido por um sentimento patriotico—

deixar vivida no presente a historia do passado—para servir de incentivo e estimulo á geração actual e aos que desejam a grandeza da patria.

Foi, pois, com verdadeira satisfacção que vi inaugurar-se, em fins de 1894, esta sociedade, que preenchendo a lacuna sensivel veiu abrir campo aos curiosos de bôa fé que desejam tornar conhecido o nosso passado e prestar homenagem aos que nos legaram exemplos que devem ser seguidos e rememorados.

Eis porque me animei hoje a roubar alguns momentos a meus illustres consocios para occupar-me de um ponto historico que reproduz phase dolorosa de nossa nacionalidade.

O lucto da patria nunca deve ser esquecido, a sua lembrança serve para revigorar nosso amor á terra em que nascemos e ligar no mesmo élo o coração de seus filhos e, é por essa forma que se engrandecem os povos e se illustram as nações!

Emquanto as possessões hespanholas do Rio da Prata combatiam pela sua emancipação um só e unico pensamento as animava e impellia.

Obtida a expulsão dos soldados hespanhóes começou a desapparecer a homogeneidade de vistas daquelles povos.

Uns levantaram a idéa de grandioso imperio, outros de poderosa republica que devia ser unitaria ou federalista, e desta lucta de principios que acobertava ambições desmedidas surgiram os tremendos choques entre os caudilhos cujos nomes ennegrecem a historia.

Buenos-Aires, como sempre, ambicionava o dominio de toda raça hespanhola e suas pretenções não se detinham em frente aos grandiosos Andes.

Os caudilhos que desejavam conservar a posição em que os collocára a lucta da independencia, contrariavam a politica unitaria que Buenos-Aires lhes queria impôr.

Aproveitando-se da ausencia das tropas argentinas, José Artigas, o mais irriquieto dos caudilhos, se apodéra de Montevidéo, Corrientes e Entre Rios.

Ignorante em extremo, esse feroz contrabandista desconhecia os mais comesinhos rudimentos de um governo constitucional e não cessava de affirmar, por palavras e actos, de que só pela força e despotismo deviam ser os povos governados.

Derramando ondas de sangue impõe-se pelo terror, e Buenos-Aires não o podendo subjugar põe a preço a sua cabeça.

Artigas colloca-se á frente do partido federalista e trabalha para que fôssem repellidas as decisões unitarias do Congresso de Tucuman, origem de tantas luctas e excessos.

A capitania do Rio Grande começou desde logo a sentir os effeitos de vizinho tão perigoso.

As violencias e invasões de nosso territorio se reproduziram, e o dictador acintosamente despresava as reclamações diplomaticas.

Estabelecida a paz na Europa, livre Portugal e Hespanha dos soldados de Junot e de Massena, deliberou d. João VI castigar o feroz caudilho.

Chama de Portugal uma brigada de velhos soldados que tiveram a gloria de combater debaixo das ordens de Wellington.

Desembarcam em Santa Catharina e alli esperam as determinações régias.

Recebe Lecor ordem para commandal-as e conduzil-as a Maldonado onde desembarcaria para, em acto successivo se apoderar, de Montevidéo, feito o que, deveria com territorios da margem esquerda do Uruguay crear nova capitania.

Aterrorisado com a noticia de fantasticos temporaes no sul, o general escolhido para tão grandiosa empreza começou a dar provas daquella proverbial incapacidade que tantas desgraças nos occasionou.

Ordena á esquadra que vá esperar o exercito em Maldonado e resolve atravessar as capitanias de Santa Catharina e Rio Grande para alcançar o longinquo paiz que estava incumbido de conquistar.

As instrucções completas que recebera, ordenavam-lhe, entretanto, que fôssem rapidos seus movimentos para não dar a Artigas o tempo necessario de preparar a resistencia.

Deixando de cumprir as ordens recebidas, Lecor deu ao caudilho o tempo preciso não só para organisar suas forças como tambem para invadir o Rio Grande por tres differentes pontos.

Felizmente, quando o general Lecor recebia instrucções, o governo prevenia o barão de Alegrete, capitão general da capitania, recommendando-lhe que guarnecesse as fronteiras com cuidado e que repellisse os soldados de Artigas quando se avizinhassem dos nossos limites.

O barão de Alegrete confia aquella arriscada e difficil commissão ao general Joaquim Xavier Curado, que posteriormente tantos esforços fez em prol da nossa independencia.

Procurando a fronteira, Curado leva como seus cabos os já então denodados filhos desta terra José de Abreu, Joaquim de Oliveira Alvares e João de Deus de Menna Barreto—que ensinaram a seus filhos e netos o caminho da gloria e do dever que tão galhardamente percorreram.

Nossas fronteiras já estavam invadidas e S. Borja luctava contra rigoroso cerco.

Pela primeira vez, em 22 de Setembro de 1816, encontram-se as forças belligerantes junto a Santa Anna do Livramento e Alexandre Luiz de Queiroz desbarata parte da cavallaria de Artigas.

O valente José de Abreu se encarrega de salvar S. Borja.

No seu caminho encontra-se com as forças de Sotel e com impeto irresistivel as arroja no caudaloso Uruguay. Sobe o rio e na altura do Ibicuhy impede que os destroços dessas forças se fossem reunir a André Artigas, irmão do dictador, que assediava São Borja.

Continuas chuvas tinham engrossado o Ibicuhy. André Artigas considerava segura a rectaguarda de suas forças.

Por um arrojo, milagre, como contam os historiadores, José de Abreu transpõe o Ibicuhy e procura chegar a São Borja antes de suas façanhas.

E consegue-o! Aproveitando-se de uma densa cerração surprehende o inimigo, destroça-o, toma-lhe armas, bagagens e grande numero de prisioneiros e salva São Borja.

Estavam livres as fronteiras das missões e o valente soldado coberto de glorias reune-se ás forças de Curado que o recebe com expansivas demonstrações de alegria.

Não menos difficil foi a incumbencia dada a Menna Barreto. Coube-lhe a missão de repellir o famigerado Verdum, que se achava acampado em Quarahim, dominando e ameaçando diversos pontos.

A posição fortificada pelo inimigo era formidavel. Occulta Menna Barretto seus gauchos arrojados—e, acompanhado de pequena força, ataca as trincheiras do inimigo—e retira-se deante da resistencia.

Verdum quer-se aproveitar da phantastica victoria e abandona suas posições—e quando reconheceu a estratagema suas forças estavam talladas, e elle proprio era obrigado a fugir, deixando o campo juncado de cadaveres, perdidas armas e munições!

Não esmorece o dictador, reune seus soldados, fortifica-se novamente nas margens do Quarahim e no dia 4 de Janeiro de 1817 fere-se a batalha de Catalão na qual o inimigo é completamente derrotado, ficando Verdum prisioneiro.

Estavam limpas as nossas fronteiras!

Lecor, que partira de Santa Catharina em Junho, só a 17 de Janeiro chegava a Maldonado! A 20 faz sua entrada em Montevidéo; assigna a capitulação e toma conta da cidade!

Feliz general! Dando todas as provas de incapacidade, chega no momento opportuno para se utilisar dos gloriosos triumphos que nossos denodados compatriotas tinham conseguido de um inimigo audaz!

Quando em 1821 se proclamou a Independencia, Montevidéo, que se achava ainda governado pelo general Lecor, adheriu ao Imperio.

O desmembramento da Banda Oriental não se teria realisado, se o governo brasileiro tivesse attendido a uma justa reclamação das povoações da campanha.

Desejava Montevidéo ser governada e egualada ás demais provincias do Imperio.

Mas essa justa pretensão contrariava a Lecor—porquanto, desde que Montevidéo entrasse na communhão do Imperio desappareceriam as bases da incorporação, e o general feliz estaria apeado da posição quasi soberana que elle proprio para si creava no tractado. Uma das clausulas reconhecia-o como governador perpetuo da capitania!

Suas reclamações foram attendidas pelo governo e o pedido dos povos orientaes transmittido ao Imperio teve solução contraria, e esse facto, causando sérios desgostos foi habilmente aproveitado pelo governo de Buenos-Aires que começou a animar os desterrados orientaes para invadirem nosso territorio.

Depois de perfeitamente municiados, tendo á sua frente Lavalleja, Calleros e outros, realisaram seu intento invadindo a provincia de Cisplatina no dia 17 de Abril de 1824 e apoderaram-se de toda a campanha visto ter-se o general Lecor encerrado dentro dos muros de Montevidéo.

A noticia da invasão foi recebida pelos *bons vizinhos argentinos* com grandes manifestações de enthusiasmo, atacaram o consulado, arrancaram a bandeira brasileira que foi arrastada pelas ruas, escapando com vida o consul por se ter occultado.

Chegando essas noticias ao Rio, Pedro I que ainda não havia perdido os assomos de patriotismo, a energia e a rapida deliberação que tanto o distinguiu nos primeiros annos depois da retirada de d. João VI, ordenou á esquadra que se achava em Montevidéo que se dirigisse a Buenos-Aires, para reclamar satisfacção contra as tropelias de que fôra victima o consul brasileiro.

Apresentando-se a esquadra no porto daquella cidade, o ministro argentino Manoel Garcia, aproveitando-se da falta de po-

deres diplomaticos do almirante Ferreira Lobo, se valeu, habilmente dessa circumstancia para o afastar de Buenos-Aires.

Deu quantas satisfacções exigiu o almirante, fez innumeras promessas de neutralidade e declarou que ia mandar um emissario ao Rio, com poderes para entabolar as negociações precisas.

Satisfeito Lobo com essas declarações voltou para Montevidéo, e os argentinos deixaram de cumprir as promessas feitas.

Pouco tempo antes desses factos, o agente official das Republica das Provincias Unidas, no Brazil, José Valentim Gomes, pela segunda vez dirigira-se ao governo brazileiro pedindo para que este abrisse mão da consquista da Cisplatina e restituisse aquelle territorio á Republica das Provincias Unidas.

Carvalho e Mello, nosso ministro respondeu á segunda nota só para protestar contra a palavra conquista.

Fez ver que o Estado Oriental, não querendo pertencer nem á Hespanha nem á Republica das Provincias Unidas, e sentindo-se sem forças para garantir sua independencia, veiu pedir ao Brazil que o annexasse ao seu territorio, como provincia, o que se deu.

Esta resposta irritou os animos dos nossos inimigos do Prata, e á primeira derrota que nos inflingiu Lavalleja, o povo de Buenos-Aires, reunido, obrigou ao governo a intervir na guerra em favor dos orientaes.

Duras provações soffreu o Brazil. O nosso littoral foi dominado pelos corsarios, que chegaram a aprisionar navios mercantes na barra do Rio!

Ainda uma vez (talvez ultima), mostrou decisão Pedro I.

Deliberou seguir para o theatro da guerra, o que immediatamente fez, partindo para o Sul em 24 de Novembro de 1826.

Alli chegando, com decidida energia, começou a remover obstaculos, quando resolveu, inopinadamente, a voltar ao Rio, segundo uns, por causa da morte de d. Leopoldina, segundo outros, por motivos de sua vida particular.

Deixando o Rio Grande, Pedro I demittira do commando em chefe o general Lecor, e nomeára o visconde de Barbacena, militar presumido, que deu causa ao desastroso combate de Itusaingo, o mais doloroso desastre de nossas armas depois do de Sarandy.

Comquanto sempre vitoriosos, os povos do Prata, bloqueados pela forte esquadra brasileira, soffriam cruelmente.

O commercio de Buenos-Aires estava paralysado, e dessas circumstancias se aproveitou lord Ponsomby, ministro inglez, para aconselhar aos argentinos que propuzessem a paz.

Para esse fim veiu ao Rio o ministro Garcia, que assentou

as bases de um accôrdo, deixando a Cisplatina para o Imperio e desistindo este de todas as outras pretenções. Este pacto foi assignado em 24 de Maio de 1827.

Voltando Garcia a Buenos-Aires, ao serem conhecidas as clausulas do accôrdo, o povo em massa corre á casa dese ministro, que para garantir a vida foi obrigado a esconder-se, seguem para o palacio do governo e obrigam Rivadavia a declarar que o convenio não seria ratificado.

Pouco depois deixava este presidente o poder, sendo substituido por Vicente Lopes que tambem teve curto governo sendo deposto pelo general Dorrego.

Continuava a ser pessima a nossa posição em terra, porem no mar causavamos immensos prejuizos aos argentinos completamente bloqueados.

No interior da Republica Argentina os *pronunciamentos* se multiplicavam, os indios invadiam os povoados, e já então a povoação comprehendia não poder prolongar semelhante estado.

Pela segunda vez intervem o ministro inglez Ponsomby e obtem que os argentinos propuzessem a paz, e dois militares notaveis foram nomeados para virem ao Rio discutir as bases do tractado.

Começando os debates, diz-nos a historia que o governo brazileiro tudo cedia menos a Cisplatina. Não podiam avançar as negociações, porquanto Buenos-Ayres não desistia do seu dominio problematico sobre Montevidéo. Foi então que o ministro inglez propoz a independencia da Banda Oriental, com a obrigação de se constituir em Estado e escolher o seu governo.

Não podia Buenos-Ayres luctar mais, accedeu a contragosto —e ainda a historia nos affirma que enorme foi a contrariedade do Brazil.

Firmadas as preliminares retiraram-se do Rio os emissarios argentinos e um delles fazia chegar ao nosso ministro dos extrangeiros o autographo particular que passo a ler e que com outros ficarão pertencendo ao archivo da nossa associação.

Nesse autographo o general Guido adiantava a noticia de approvação pelo governo argentino do tractado preliminar de paz. Eil-o:

Illmo. y exmo. sr. José Clemente Pereyra.

Buenos-Ayres, Octubre 14 de 1828.

Sr. de mi distinguido aprecio.

Tengo la honra de saludar á V. E. de esta capital con la satisfacción de haber merecido la aprobación de mi gobierno la covención preliminar de paz de que fui uno de los encaregados.

Si de parte de S. M. el Imperador no hemos recebido sino pruebas de su bondad affeccional, y de su decision a estrechar los lazos de amistad com esta Republica, puedo assegurar á V. E. que mi gobierno está animado de los mismos sentimientos.

De esta simpathia de ideas es necessario formar el primer estalón de la cadena que debe unir en perpetua paz á ambos Estados.

Hoy marcha el general Quintana á las Missiones orientales á notificar el cange de las ratificaciones al general Rivera ; y no tengo duda de que immediatamente quedarán evacuados aquellos pueblos, el ejército de la Republica debe á esta fecha haber comenzado su retirada.

Apesar de mi resistencia se me ha obligado a admitir el ministerio de gobierno y relaciones exteriores, del que me recibire dentro de pocos dias. En todas partes semejantes destinos son el suplicio de un hombre de bien, pero en las repúblicas V. E. sabe bien cuanto sube de punto este compromisso. No encuentro en el nada de allagueño sino á poder contribuir a que los efectos de la paz no se frustren, y a que se aproxima el termino para entrar en el tratado definitivo.

Si V. E. non hubiese mudado de pensamiento respecto al projecto de conducir africanos al Brasil basso il nuevo plan de patronato, yo agradeceria a V. E. qui si non hubiere inconveniente, me lo detallase para que la republica adoptase un igual principio en caso que la legislatura acogiese favorablemente la idéa.

Al tomarme esta confianza V. E. se dignará admitir-la como una prueba del convencimiento en que estoy de su liberalidad y del deseo de ser tratado por V. E. con igual franqueza: con ella tambien tiene la honra de ofrecérsele.

Su muy obediente y afectísimo servidor.

Thomaz Guido

Dias depois recebia o ministro brasileiro a participação official dos dois generaes Guido e Balarce.

Illmo. exmo. sr. dr. José Clemente Pereyra.

Buenor-Ayres, 16 de Octubre de 1828.

Señor.

La Paz entre el Imperio y la Republica ha sido ractificada, y las ratificaciones cangeadas. Depues de esse acto tan lisongéro

para los que hayan contribuido á preparar-lo, nos corresponde felicitar a V. E. por la parte que le ha cabido en tan honori fico suceso.

Los motivos personales que ligan nuestro afecto a V. E. seran un reclamo constante de nuestra disposicion franca á cumplir sus ordenes. Quiera V. E. admitirla y disponer de la respetuosa consideracion con que

Se subscriben De V. E. Sus muy atentos servidores.—*Juan R. Barlace.* *Tomas Guido*

Junto a este autographo encontrei a minuta da resposta do ministro José Clemente Pereira.

E' toda de sua lettra e está emendada e rabiscada.

Naquelle tempo não eram conhecidos os officiaes de gabinete—a correspondencia official era toda feita pelos ministros, como ainda terei occasião de mostrar.

«Illmos. exmos. srs.:

Tenho a distincta honra de accusar a recepção da carta que vv. exas. me dirigiram com data de 26 de Outubro, communicando-me a grata noticia de haver sido ratificado pelo governo dessa republica o tractado preliminar de paz celebrado entre ella e este imperio e por tão feliz acontecimento que deve trazer aos dois Estados o principio vital da sua solidez e progressivo engradecimento, e talvez o primeiro anel donde deva partir algum dia a formidavel cadêa de um systema continental americano, dirijo a vv. exas. as minhas sinceras felicitações e acceito com prazer as que me enviam.

Permittam-me vv. exas. que aproveite esta occasião para protestar que sou com a mais distincta consideração de vv. exas. attento venerador e creado, *J. C. P.*

30 Novembro.»

Entre os autographos ineditos que possuo, encontrei dois documentos referentes ás occorrencias referidas e delles se deprehende que a verdade historica está adulterada.

O desmembramento do Brasil não foi occasionado pelos acontecimentos—é idéa governamental. Qual o fim que a determinou? E' este o ponto obscuro que entrego á curiosidade e á proficiencia dos meus consocios para que se possa restabelecer a verdade que a historia parece querer occultar.

Muito tempo antes da intervenção do ministro inglez, o Brasil conservava na Cisplatina emissarios que trabalhavam para que se diffundisse nas campanhas a idéa da emancipação da provincia.

Que razão de estado determinava aquelle procedimento do governo brasileiro ?

Sentia-se sem forças para dominar Buenos-Ayres?

Haveria necessidade de curvarmo-nos a imposições internacionaes?

São duvidas cujo estudo entrego aos competentes.

Que um ponto fique desde já verificado—a idéa da independencia da Banda Oriental não partiu como nos diz a historia de lord Pomsoby.

Ha muito ella dominava nos povos orientaes creada e animada pelo Brasil.

Se á nossa patria cabe a gloria de ter em Monte Caseros dado a liberdade á Republica Argentina, que fique gravado na historia, para que saibam os orientaes, que do governo deste paiz e não da Inglaterra partiu a idéa de sua emancipação!

Eis os documentos que narram factos que a historia nos occulta:

Illmo. y exmo. señor José Clemente Pereira.

Señor:

Aunque la elevacion al ministerio en circunstancias como las presentes no puede ser una satisfación para V. E. yó espero que acepte V. E. mis felicitaciones con agrado.

Desde mi arribo á esta capital no hé cesado de trabajar con el mayor empeño en las comisiones que me fueron confiadas por Su Magestad Imperial, y de que V. E. tendrá yá todos los conocimientos, no solo por los informes del exmo. señor Araujo Lima, sinó tambien por mi correspondencia official y confidencial con dicho ministro.

En órden á la comision politica nada tengo que agregar á mis anteriores comunicaciones. La opinión está formada y la universalidad de estos habitantes desea la independencia de este Estado bajo la Soberanía de la Augusta Casa Imperante del Brasil.

Encuanto a la V. E. forma de los abusos en la administracion de Justicia, me parece que no podrá hacerse todo lo que demanda la necesidad publica; porque estando el defeto principal en la organisacion del Tribunal de Apelaciones y residiendo la Presidencia y Gobierno de la Justicia en el Presidente de la Provincia, la reforma tiene que chocar con los intereses individuales de la Autoridad local. Con todo, un plan de reformas urgentes de los abusos mas opresivos será elevado por este Xefe a la sabia consideracion del Gobierno de S. M. I.

Yo espero que la paz se realice, y que un nuevo orden de cosas sea uno de sus resultados; pero si asi no sucede, es de absoluta necessidad en este país una reforma general, porque hallándose esta provincia fuera de la Constitucion y rigida á un tiempo por las leyes españolas, portuguesas é imperiales, V. E. calculará hasta donde llegará el desorden de la administracion y la arbitrariedad de los que la gobiernan.

Si v. exa. me considera util para alguma cosa en este pais, yo tendré la mas grande satisfacion en acreditarle mi gratitud a las atenciones con que v. exa. sempre me há distinguido.

Soi con el mas profundo respeto y estimacion, de v. exa. su muy att.° criado venerador I. B. S. M.

Mont.°, 16 de Julio de 1828.—*Nicolas Herrera.*

Quasi dois mezes depois pelo mesmo emissario general Herrera era enviado o segundo documento que passo a lêr.

Illmo. y Exmo. Sr. José Clemente Pereira.

Continuando mis avisos de lo que aqui pasa, como se me ordeno por el Ministerio anterior, pongo en conocimiento de V. E. que en todo el mes de Septembre deve reunir-se en la Villa de Canelones la Assembléa de los Diputados de la Campaña, convocada por Lavalleja para la eleccion de Capitan General que le substituya en el comando de la Prov.ª, por haber espirado el tiempo de su nombramiento. Se presenta que el mismo Lavalleja será relecto otro triennio ó por el tiempo que dure la Guerra. El reune á su quartel General todos los vecinos, a quienes habia permitido pasar el invierno con sus familias, y se assegura que muy pronto empirará sus correrias.

Se me ha pedido con interes y por personas respetables de la Campaña una instruccion franca de las miras de S. M. El Emperador sobre esta Provincia, y yo he franqueado un bosquejo de las bases del proyecto de independencia de este pais con un Gobierno representativo y una Constituicion liberal bajo la soberania de S. M. I. y sus Augustos Desendientes. Despues he sabido que se hacen anular con empeño en todos Pueblos copias de mis apuntamientos, y no será estraño que este pequeño incidente produzea en adelante efectos de consecuencias.

Como la ratihabicion de los actos del Gobierno de Su Magestad en esta Provincia, y la indenmidad de las propriedades, o la libertad de las que se hallan confiscadas ó en secuestro por

motivo de la Guerra, pudieran ser considerables en las negociaciones pendientes con la Republica de Buenos Ayres, V. E. tendrá la bondad de permitirme que le informe que en esta Provincia hay grandes propriedades, grandes transaciones pendientes, intereses y derechos de subditos de S. M. Y. y de Estrangeros que sen una garantia solemne, podrian hallarse comprometidas.

La opinion por la Soberania de S. M. El Emperador es un voto general en esta Capital y la incertidumbre del resultado de la negociacion es una agonia para todas las familias.

Queira V. E. aceptar el homenage de mi mas profundo respeto con que soy

De V. E.

Muy atento criado y venerador Q. B. S. M.

Mont.° y Agt.° 31 de 1828.

NICOLAS HERRERA.

Por estes dois autographos se verifica que já no ministerio de Araujo Lima emissarios brasileiros trabalhavam para incutir no espirito da população oriental a necessidade de proclamar-se a independencia daquella Provincia—e esses emissarios, altamente collocados, mostravam que se a independencia não se realizasse necessitavam-se de reformas, sendo a principal a entrada da Cisplatina na communhão do Imperio—porque achando-se fóra da constituição era governada por leis hespanholas, portuguezas e imperiaes, occasionando esse facto completa desordem na administração. Do que mais se queixavam os povos da Cisplatina era do despotismo e da arbitrariedade do general perpetuo que a governava. E foi devido a tantos erros, nunca removidos, que nossa patria teve de presencear seu desmembramento depois de ficar gravada na historia as infelizes jornadas de Sarandy e Itusayngo e os repetidos revezes maritimos quo nos foram inflingidos pelo almirante Brown.

Graças á diplomacia ingleza ou aos desejos do Brasil terminou a guerra oriental com enorme sacrificio de nossos interesses.

Além das derrotas soffridas, e do desmembramento do territorio, perdemos a Gibraltar do Prata, que pela inepcia do almirante Lobo cahiu em poder dos argentinos.

Quando se fez a paz por elles pedida não nos foi restituida a ilha de Martim Garcia o ponto estrategico e inconquistavel que por si só podia garantir a nossa supremacia militar naquellas paragens. Nenhum terreno perdeu a Republica Argentina; teve apenas o desgosto de ver fugir-lhes os territorios, por cuja posse

sacrificára o desenvolvimento e o bem estar de seu paiz movendo-nos injusta guerra.

Perdida a esperança de alargar suas fronteiras no sul, começaram os argentinos a reviver a velha e finda questão das Missões, pretendendo apoderar-se desses territorios que faziam parte da America portugueza.

Qual era o intento da Republica Argentina renovando esse pleito?

Uma curiosa phrase de Machenna nol-o explica:

«O Brasil é um animal que tem cravado nos flancos um dardo penetrante—esse dardo é o territorio das Missões.»

De posse desse *dardo*, no momento que lhe conviesse, poderia a Republica Argentina invadir com enorme vantagem tres dos nossos Estados, cujas fronteiras desabrigadas ficariam á disposição daquelles que ainda não eram nossos amigos.

Graças á Providencia e ao nosso direito esse perigo foi removido e as consequencias não se fizeram esperar. A Republica Argentina não mais nos perturba... eil-a procurando novas aventuras querendo pairar nos Andes.

Cessada a lucta do interesse surgiu a amizade.

O telegrapho transmittiu-nos a noticia de que hontem alguns navios da nossa armada deixaram as placidas aguas do Guanabara.

Amanhan ou depois a branca esquadra impellida pelas frescas virações, ou «desenrollando em ondas o fumo pelo ar», fará sua entrada no estuario do Prata, conduzindo a seu bordo o chefe da nação brasileira que vai retribuir a gentileza da visita do presidente Roca.

O facto é de grande importancia quer seja encarado pelo lado historico quer pelas suas consequencias politicas.

Depois que se estabeleceu nossa nacionalidade é a primeira vez que um chefe da nação bsasileira piza terras bonarenses,—o troar dos canhões não mais representa como outr'ora a devastação e a morte, mas symbolisa o desejo, aliás sincero, da confraternisação de dois povos!

Dessas visitas cordiaes nascerão laços tão poderosos que possam cimentar no futuro ligações que pareciam até hontem impossiveis?

A todos quantos amam a patria, a todos que possuem uma parcella de responsabilidade, cabe o dever de contribuir para que seja esquecida a lucta do passado e para que se torne indissoluvel a amizade entre os dois povos que se regem pelos mesmos principios politicos, pela mesma religião e quasi pela mesma lingua!

João Moraes.

Revolução do Rio Grande

1835 a 1845

REPRODUCÇÃO HISTORICA

I PARTE

Quando o investigador procura escrever a historia da antiga Grecia ou da guerreira Roma depois de estudal-a nas tradições populares e nos monumentos da epocha vai compulsar os livros classicos de Tito Livio, as obras de Sallustio o grande litterato romano, os Annaes de Tacito, commentarios de Cesar e satyras mordases de Juvenal, e só consideram findo o estudo depois que recorrem a Plutarcho em cuja leitura encontram o grande e completo repositorio daquelle remoto periodo.

As *Vidas Comparadas* daquelle celebre polygrapho, no correr de tantos seculos tem produzido benefico impulso e poderosa influencia nos espiritos esclarecidos das antigas e modernas gerações.

Montesquieu e João Jacques Rousseau os grandes pensadores se inspiraram naquelle precioso livro.

Kleber o filho de um humilde pedreiro de Strasburgo, sahia das fileiras, elevava-se até se tornar o emulo de Napoleão! Quando commandava o exercito do Egypto dizia a seus camaradas—tudo pode faltar no meu *bivouac*, menos o bom Plutarcho.

Não fosse elle, e a Historia, fria e severa não teria podido por si só inspirar a Shakspeare, Corneille, Ampère, Ponsard e Voltaire—aquellas scenas que nos espantão quando lemos Coriolano, Julio Cesar, Antonio e Cleopatra, Morte de Pompeo, Catilina e Lucrecia!

Seria longo ennumerar o nome de esculptores e pintores celebres descriptos por Talbot, que foram procurar o motivo de suas obras primas no estudo das *Vidas Comparadas* do illustre filho da Cheronea!

Com tantos e tão preciosos elementos foi em nossos dias reconstituida a historia da Grecia e Roma.

Se Plutarcho não teve imitadores na idade media, os sabios conseguiram completar a historia daquelle periodo agitado compulsando as chronicas que inundaram todos os paizes da Europa.

No periodo moderno esse trabalho será facilitado ao historiador pela diffusão da imprensa, formação das bibliothecas e organização dos archivos governamentaes.

Nos nossos dias prepara-se a base para a Historia contemporanea e o futuro escriptor encontrará deste periodo, poderosos elementos de estudo graças a nova orientação que está sendo dada a imprensa.

Desde que qualquer individualidade consegue romper o circulo dentro do qual deve naturalmente gravitar—seus gestos, actos, palavras, vida intima, ficam expostos a curiosidade publica pelo esforço do *reporter* que por este meio accumula preciosas informações que orientarão ao futuro historiador.

Quem desconhece o passado do novo Rei que na brumosa Albion occupa hoje o throno de seus avós?

Sua vida exentrica, seu amor pelo jogo, suas aventuras amorosas, o sport, o luxo o tornaram conhecido do mundo inteiro—que por outro lado ignora quaes as opiniões politicas e governamentaes que era obrigado a emittir como membro do Conselho privado da Rainha.

E' pelo esforço do *reporter* que a sociedade moderna segue com intenso interesse aquelle Imperador Wagneriano cuja vida intima é descripta diariamente e lida com avidez.

Se no desmpenho da elevada missão social, elle consegue offuscar o mundo pela grandeza de suas aspirações e impetuosidade de genio—no interior da familia desapparece o monarcha poderoso—patriarchal burguez—vai diariamente no aconchego do lar, retemperar seu espirito para a luta, procurando a calma nos carinhos da esposa extremosa e na alegria ruidosa dos filhos desinquietos!

Com tantos e tão poderosos elementos facilmente será reconstituida em futuro remoto a vida moral e publica das diversas epochas deste periodo.

Infelizmente não acontecerá o mesmo quando o historiador tiver de estudar nossa nacionalidade porque não encontrará os elementos que sobram em outros povos.

O brazileiro (salvo honrosas e limitadissimas excepções) não se preoccupa com a organisação das bases para a Historia Nacional.

Nossa actividade se applica com enthusiasmo a chronica politica—mas essa, pequeno e defeituozo peculio offerecerá ao historiador, pela parcealidade com que é escripta.

Data de hontem a organisação da nacionalidade brasileira, mas na discripção dos factos de nossa curta historia não será encontrada base para se refazer os diversos periodos nem descrever a vida moral e intellectual do nosso povo.

E' tempo de se reviver o passado, é tempo de se tirar do olvido a memoria de tantos brazileiros illustres.

Quem mais se lembra neste vasto paiz de José da Silva Lisboa, sabio notavel, publicista de direito commercial e de economia politica e patriota de vistas largas?

Não sonhava elle com a independencia da patria quando arrancava de D. João VI o decreto que abriu os portos brazileiros ao commercio do mundo?

E realisando-se esse facto notavel quando dominavam na Europa os grandes principios da revolução franceza, não se pode affirmar que a emancipação commercial apressou a emancipação politica?

Quem conhece hoje os precurssores da nossa independencia?

Só José Bonifacio por circumstancias especiaes conseguiu romper o circulo da ingratidão nacional, mas os nomes de José Clemente, conego Januario, Lêdo, Frei Sampaio, Curado, Nobrega, Oliveira Alvares, Barão de Santo Amaro e outros estão separados desse facto grandiozo para o qual tanto concorreram!

Não competia a geração actual o dever de gravar no bronze a herculea figura do Visconde do Rio Branco?

Não foi elle que com mascula energia deu golpe mortal na negra instituição, contrariando amigos, ferindo interesses, despresando conveniencias para só attender a gloria da patria?

Quanto esforço homerico não teve de empregar para derribar a barreira que nos separava das nações civilisadas?

A grandesa daquella lucta necessariamente emociona alguem que nos ouve.

Um estadista de imaginação ardente e privilegiada está neste momento revivendo os esforços que empregou e os triumphos parlamentares que obteve, quando erguia voz convicta e poderoza em prol da raça escrava!

Saiba elle que esta patriotica associação, sente-se orgulhosa por ver naquella cadeira, dirigindo nossos trabalhos o venerando ministro da Justiça daquelle glorioso gabinete: (*apoiados geraes*)

Hoje o nome do visconde do Rio Branco talvez seja o menos lembrado na propria raça que libertara—e ao grande feito não estaria ligado seu nome, se a humanidade agradecida não o tivesse já consagrado!

Não encontramos na historia de paiz algum do mundo, outro, em que a ingratidão nacional se manifeste tão constantemente contra seus filhos como no Brasil.

Eis porque os historiadores ignoram, que a nossa patria teve estadistas e oradores que se chamaram José Clemente, Antonio Carlos, Vasconcellos, Abrantes, Abaeté, Uruguay, Itaborahy, Zacarias, Nabuco, Eusebio, Cotegipe e tantos outros — litteratos e escriptores como João Francisco Lisboa, Alencar, Taunay.

Jurisconsultos notaveis como Teixeira de Freitas, Nabuco, João Crispiniano.—Oradores sacros que se chamavam Frei José da Costa Azevedo, Frei Francisco de S. Carlos, Padre Antonio Pereira de Souza Caldas e na frente de todos o grande Monte Alverne e Bossuet brasileiro!

Systema differente do nosso é adoptado em todo o mundo civilisado—governo, associações, escriptores se esforçam para ligar ás paginas de sua historia o nome dos filhos que trabalharam para o engradecimento da patria.

Quem em Portugal descrevendo a patria dos ousados navegantes se atreverá a deixar no olvido o nome de Cabral, Vasco da Gama, do grande epico Camões e do notavel ministro Sebastião José de Carvalho?

E hoje não encontramos por toda a parte naquelle paiz documentos que nos falam de Freire de Andrade, Frei Luiz de Souza, Herculano, Garret, Fontes Pereira de Mello, e tantos outros que se illustraram engrandecendo a patria?

Permittirá a Hespanha irrequieta que desappareça de sua historia o nome de Calderon de la Barca, Lope da Vega, Velasques, Murillo, Prim, Castellar, que escreverão paginas brilhantes nas artes, na guerra, nas lutas pela liberdade?

E a Italia? Não perpetuava Roma antiga nos arcos triumphaes as glorias dos seus Cesares?

Não se orgulham as gerações modernas de seus divinos pintores, conservando com extremo amor suas obras primas?

Não estamos presenciando a Italia do renascimento reproduzir no bronze os Cavours, Mazzinis, Carlos Alberto, Principe Eugenio, Victor Emmanuel, os heroes grandiosos de sua unificação?

O mesmo reconhecimento tributa a França a memoria de seus filhos illustres.

Naquelle paiz patriotico não se deixam apagar as glorias do passado.

Revivem-se contantemente os gloriosos reinados de Henrique 4.°, Luiz 14.°, Napoleão 1.°, Sully, Richelieu, Mazarin, Colbert, Thiers, Guisot, Gambetta não ficam ovidados e a epocha de Racine e de Moliere é a do renascimento litterario.

Ha bem pouco as portas da Academia Franceza foram abertas a *Hannotean* por ter escripto uma obra magistral sobre Richelieu. Brunetiere, tambem membro da Academia Franceza, redactor chefe da Revista dos Dois Mundos—um dos espiritos mais cultos e independentes da geração moderna, em continuas conferencias na Sorbonna, reproduzia diante da mocidade generosa e de um publico selecto as glorias de Bossuet, mostrando com aquella verbosidade impetuosa que deslumbra aos que já tiveram a felicidade de ouvil-o, que a leitura das obras do maior orador sagrado que teve a França produz ainda hoje emoção tão viva, como teria sido a dos seus contemporaneos ha 200 annos!

E se todos os povos não tributassem essa consagração nacional a memoria dos filhos dilectos, como prender o passado ao presente, como transmittil-o ao futuro? Sendo a tradição a Memoria da Humanidade, sem ella não se poderá reproduzir os periodos historicos, nem descrever o espirito e a vida moral e intellectual dos povos.

Quando deparamos com algum trabalho historico, nosso primeiro impulso é procurar a parte referente ao Brazil.

Por mais rapido que seja o exame desde logo verificamos que o ponto que nos interessa é sempre incompleto e obscuro.

Guardam todos os escriptores a mesma ordem—o que o primeiro escreveu os novos repetem com pequenas variantes—descoberta, orographia, constituição geologica, clima, producção e historia.

Historia—a largos traços, desconhecidos os precussores da nova Independencia—silencio absoluto da geração homerica de 1831 a 1850—ignorancia completa do desenvolvimento moral, material e intellectual do nosso paiz. E para que se possa bem aquilatar até que ponto a ignorancia dos factos nos prejudica basta salientar o que vou reproduzir, sem o mais rapido commentario.

Em 1895 publicava-se nos Estados Unidos uma obra de largo folego, de um dos mais notaveis publicistas—Lalor—Diccionario da Enciclopedia da Sciencia Politica.

Nessa obra de tres grossos volumes—ligeiramente faz elle o estudo da nossa patria—descrevendo-a ainda como sendo um paiz monarchico! Os grandes acontecimentos de 1889 continuavão a ser desconhecidos aos que forem procurar a verdade naquella obra tão espalhada em seu paiz!

Occultando nossa historia temos concorrido para tornar o Brazil desconhecido e para que se formem sobre elle os juizos os mais disparatados.

O Brasil, dizem todos, tem grandes florestas, madeiras preciosas, minas de ouro e ferro — produz fumo, café e borracha— mas, ainda é um paiz selvagem, sem instrucção sem estadistas e oradores.

«A arte em suas multiplas manifestações é completamente desconhecida naquelle immenso territorio despovoado onde impera a febre amarella.

E' tempo de se fazer um appello energico ao sentimento nacional. para o fim de se estabelecer a verdade historica —Com boa vontade todos podem concorrer para a reunião dos elementos necessarios.

Basta que perdendo-se o amor aos velhos papeis entregue-se ás bibliothecas ou ás associações scientificas preciosos autographos ineditos que se acham esparsos — paginas ignoradas da nossa emancipação politica, das nossas luctas pela liberdade, narrativas brilhantes de nossa historia militar, que serão lidas com orgulho pelos nossos filhos, que hão de procurar imitar os patriotas da geração passada.

Seguindo o exemplo dada por alguns distinctos consocios, e animado pelo illustre investigador historico o Sr. Dr. A. Piza, que tanto se esforça pela reconstituição de nossa historia, venho offerecer ao Instituto Historico documentos ineditos, intimos, de brasileiros que emcheram a epocha em que viveram e que chamavam-se José Clemente Pereira e Duque de Caxias.

Referem-se ao doloroso periodo da revolução Rio-Grandense. São cartas intimas do general em chefe ao ministro da guerra, e deste a aquelle.

Basta essa correspondencia para que o futuro historiador possa com enthusiasmo descrever o patriotismo daquelles servidores da patria e determinar algumas das causas da duração daquella lucta encarniçada.

Reproduzirei rapidamente o periodo historico em que foram ellas escriptas, para que possam ser mais facilmente apreciadas pelos meus consocios.

Reina até hoje a mais completa divergencia sobre as causas que deram origem a revolução do Rio Grande.

Os escriptores que se tem occupado daquelle acontecimento o encaram com extrema parcialidade.

Uns vão procurar a origem da lucta na emulação pessoal de chefes politicos, outros na má administração do governo central.

Alguns com vantagem attribuem-na a ambição insoffrida dos farroupilhas.

Fernandes Braga governava a provincia com reconhecida moderação — os seus adversarios politicos attestam essa verdade — mas accentuando-se a lucta politica começou elle a pender para o partido cuja direcção estava confiada a seu irmão Pedro Fernandes Chaves.

Agitou-se o partido farroupilha e Fernandes Braga apressou-se a communicar os factos ao governo geral, pedindo sua substituição, sem entretanto descurar os seus deveres.

O primeiro movimento que appareceu nos quarteis foi abafado.

Tendo Fernandes Braga as provas de que os commandantes das fronteiras do Jaguarão e Alegrete animavam o movimento, suspendeu-os daquelles commandos.

Bento Gonçalves, commandante da fronteira do Jaguarão, investe Porto Alegre, sendo o Presidente obrigado a fugir para a cidade do Rio Grande pela defecção da tropa.

Marciano José Ribeiro, assume a presidencia por abandono e fuga do proprietario. Na abertura da Assembléa Provincial que convocara, deu como causa justificativa do movimento revolucionario o esbanjamento dos dinheiros publicos e a concorrencia de Montevideo e Buenos-Ayres no commercio do xarque.

Bento Gonçalves, nomeado commandante das armas publicava um manifesto em 27 de Setembro de 1835—declarando-se monarchista e liberal—que se collocara a frente da revolução para combater os máus governos—mas que entregaria o poder ao delegado do Governo Imperial, se o nomeado merecesse confiança e fosse amigo da Provincia.

Recebendo noticia destes acontecimentos o governo apressou-se em nomear Presidente para a Provincia conflagrada, recahindo a nomeação em brasileiro de alto merecimento e notavel patriotismo—José de Araujo Ribeiro—que partiu immediatamente para o Sul «*sem receber auxilios militares*» nos dizem os chronistas.

Por um autographo da collecção que possuo, carta do Regente Feijó a Costa Carvalho, se verifica que Araujo Ribeiro recusara o auxilio da força—apenas solicitava poderes amplos para realisar a pacificação. Conciliador, justo, imparcial com grande numero de parentes e amigos na provincia revolucionada, acceitara a difficil commissão não para alimentar o esmagar a guerra civil, mas para evitar a continuação.

Chegando ao Rio Grande, communica a Assembléa Provincial que desejava tomar posse do seu cargo. Ao mesmo tempo escreve aos diversos chefes do movimento, mostrando os males que a revolução causaria á provincia, convida-os a depor as armas e a auxiliarem-no para o restabelecimento da concordia e da paz geral. Invocava para esse fim o patriotismo daquelles brasileiros.

Bento Manoel, primeiro que todos depõe as armas e promette auxiliar o Presidente no seu louvavel empenho. Seu exemplo é seguido pelas cidades de Rio Pardo, Pelotas, Triumpho.

A 5 de Janeiro de 1836, Bento Gonçalves publica segundo manifesto, declarando que enviara a Araujo Ribeiro uma commissão de dois deputados e do Coronel Manoel de Lima, e que tendo-se convencido que as intenções de Araujo Ribeiro eram leaes, reconhecia-o como Presidente.

A 14 desse mez reune-se a Assembléa Provincial e resolve dar posse a Araujo Ribeiro, e o Presidente Marciano apressa-se a convidal-o para que seguisse para Porto Alegre.

Estava extincta a revolução graças ao tino e criterio de Araujo Ribeiro.

Este resultado porêm não era do agrado de alguns caudilhos, principalmente do violento Onofre.

Abandonando a revolução, recolhia-se Bento Manoel a Porto Alegre para onde devia seguir Araujo Ribeiro.

Os interessados na continuação da lucta, insinuaram a Bento Gonçalves que seu emulo procurava Porto Alegre para aprisional-o, no que estava de accordo com o Presidente.

Inimigo pessoal de Bento Manoel, facil foi ao chefe da revolta acreditar na perfida insinuação dos interessados. Impolitica e desastradamente incumbe a Onofre de vigiar os passos de Bento Manoel e observar suas intenções.

Era Onofre inimigo rancoroso do valente caudilho, e resolveu sorprehendel-o.

Quando Bento Manoel descuidado atravessava o Gravatahy foi inopinadamente atacado pelo violento Onofre, e embora estivesse com suas forças desordenadas facil lhe foi repellir a Onofre que fugindo recolheu-se com os destroços de sua gente a Porto Alegre.

Dessa circumstancia se aproveitaram os interessados para de novo arrastar Bento Gonçalves ao terreno da lucta.

Araujo Ribeiro com profundo sentimento viu assim mallogrado seu plano de pacificação.

Se justo e humano procurava evitar a guerra civil, não fugiu á responsabilidade de combater a revolução — e tão rapidas e acertadas foram as medidas por elle tomadas que pouco tempo depois os legalistas dominavam em Porto Alegre.

Por esse tempo foi sorprehendida a provincia com a demissão de Araujo Ribeiro — obtida do regente a pedido de Bento Gonçalves sob promessa de pacificação, facto que parece ter ficado confirmado pela discussão havida na Camara dos Deputados.

Rebellou-se a parte legal da Provincia contra o acto impolitico do governo — e tão violentos foram os protestos que Araujo Ribeiro foi de novo empossado no cargo do qual fôra demittido.

Voltando a occupar a Presidencia, redobra seus esforços e energia e em Outubro vê de novo extincta a lucta pela derrota que Bento Manoel inflige aos revolucionarios aprisionando Bento Gonçalves, Onofre, Corte Real e outros chefes — tal foi o resultado do combate da Fanfa.

Foi só depois desta batalha que Crescencio e Netto aconselhados por Oribe que lhes promettia auxilio, e na presença do seu enviado, que se proclamou a Republica do Piratinim.

O interesse de Oribe a historia nol-o diz, era inutilisar o apoio que seu rival Rivera contava entre os legalistas e sobretudo em Bento Manoel.

Ainda se festejava a estrondosa victoria, quando é novamente demittido Araujo Ribeiro, substituido pelo general Antero, que tomando posse aconselha a Araujo Ribeiro a retirar-se da Provincia para não lhe difficultar a pacificação!

Começou o novo Presidente por contrariar a politica de Araujo Ribeiro, demittindo os amigos de Bento Manoel dos empregos que occupavam e tratando-o com pouca consideração.

Bento Manoel solicita demissão do cargo de Commandante da fronteira do Alegrete — onde activo e vigilante conservava-se impedindo a volta de Netto e Crescencio que se achavam internados no Estado Oriental, depois das derrotas soffridas.

Apressou-se Antero a acceitar a demissão de Bento Manoel ordenando-lhe que passasse o commando ao seu substituto, e que em Alegrete com elle iria conferenciar.

Aberta a fronteira pela retirada de Bento Manoel e de seus auxiliares — Crescencio e Netto vão de novo invadindo a provincia e reunindo as forças dispersas, sem serem perturbadas pelos amigos de Bento Manoel.

Deixa o general Antero, Porto Alegre e vae percorrer a campanha — mas ao chegar ao passo de Itapevy é aprisionado por ordem do terrivel caudilho, que publica um manifesto declarando que assim procedera para livrar a provincia de um pessimo administrador!

Os revolucionarios exultam — Bento Manoel representava para elles a victoria! Redobram de actividade, ganham o terreno perdido.

Novo Presidente vem para o Rio Granae — o Marechal Elisiario — e foi durante essa funesta administração que Bento Manoel infligin ao exercito Imperial dolorosa derrota — apoderando-se da cidade do Rio Pardo — aprisionando 1200 homens, tomando 11 peças de artilharia, depositos de munições de guerra e bocca — toda a cavalhada alli reunida!

Revolta-se a opinião publica no Rio de Janeiro contra o governo que se viu obrigado a fazer partir para o Sul o ministro da guerra Sebastião do Rego.

Alli chegando procura harmonisar as discordias que reinavam em alguns grupos, mas, antes de poder conseguir resultados favoraveis teve de recolher-se ao Rio de Janeiro ao receber a noticia da queda do ministerio do qual fazia parte.

Tal successo foi provocado pèla opposição violenta levantada contra a regencia — era Feijó accusado de parcial nos negocios do Sul — retardava a remessa de forças para aquella provincia, mas empregava todo o esforço para debellar a revolução do Pará.

Dava liberdade a chefes revoltosos que voltavam a occupar seus postos de combate no exercito republicano.

Depois da fuga de Onofre, seguiu-se a de Corte-Real—Bento Gonçalves, preso na Bahia, de lá foge e vae assumir a Presidencia da Republica do Piratinim e o commando do exercito.

Feijó não consegue abafar a opinião publica que o condemnava por todos esses desastres e resigna a regencia.

Com o novo governo, nova administração no Rio Grande — O marechal Elisiario é substituido pelo Dr. Saturnino de Souza, sendo nomeado Commandante das armas o Marechal Manoel Jorge.

Conseguiria o governo grandes resultados se o Presidente não fosse constantemente contrariado em seus planos pelo valente mas auctoritario Manoel Jorge.

Assumindo o commando do exercito republicano Bento Gonçalves inicia a campanha com violencia — mas se era administrador notavel, guerreiro consumado, tactico previdente, faltavam-lhe outras qualidades para o posto supremo.

Se elle tivesse naquelle momento sopitado o ciume e o rancor que votava a Bento Manoel a revolução do Rio Grande não se teria fracassado e como a Cisplatina, firmaria sua independencia.

Mas, Bento Gonçalves desde logo começou a desautorar o seu emulo, que é forçoso reconhecer-se não era animado por ambições politicas—sou soldado e guerreiro—costumava elle a dizer—e se o Presidente da Republica tivesse tido a calma precisa não se daria occasião para que elle de novo viesse auxiliar o Imperio.

Bento Manoel era o predilecto da victoria, o unico caudilho que naquella longa lucta nunca fora batido quer estivesse ao lado da monarchia quer da Republica.

Conhecida a defecção de Bento Manoel, foi esse facto festejado por toda parte onde dominava a legalidade.

Bento Gonçalves esperava em Viamão a oppotunidade de atacar a cidade do Rio Grande, que se achava bem fortificada.

Diminuindo os recursos da revolucção, resolveu Bento Gonçalves que Canabarro invadisse Santa Catharina para conseguir um ponto de mar.

Depois de difficultuosa marcha entra Canabarro na cidade de Laguna, abandonada pelo Coronel Vilas Boas.

Installa alli o governo republicano separado do Rio Grande —da cidade de Laguna, faz a cidade Juliana—mas curta foi a duração desse governo graças a energia de Mariath.

Retomada Laguna foge Canabarro, e este desastre obriga Bento Gonçalves a abandonar Viamão para se reunir a Netto e Crescencio o que não consegue por ter sido batido nas margens do Taquary, obrigado de novo a voltar para Viamão.

Os acontecimentos do Rio determinam a demissão de Saturnino que é substituido pelo general Andrea o pacificador do Pará.

A anarchia dominava em todo o paiz pela fraqueza da regencia.

Organiza-se no Rio a revolução e proclama-se a maioridade em 23 de Julho de 1840.

Sobe ao poder o partido que promoveu o golpe de estado.

Envia ao Rio Grande em vez de tropas pedidas pelo General Andrea—propostas de amnistia e um emissario para esse fim —Alvares Machado. —Esse procedimento do centro irrita a Andrea que classifica de *indecente* o procedimento do governo— Retira-se Andrea para ser substituido pelo emissario das propostas de amnistia, o qual pouco tempo depois estava em completa divergencia com João Paulo commandante das armas.

Achava-se a provincia do Sul anarchisada e tantos erão os desacertos do governo que mais uma vez a opinião publica se manifesta e o partido liberal teve de ceder o passo ao conservador. Luctas violentas se levantaram por todos os pontos do paiz. O novo governo teve necessidade de dominar duas sedições—a de Minas e a de São Paulo—e só quando conseguiu restabelecer a paz nesses pontos foi que poude empregar sua actividade na Provincia do Sul. José Clemente, Ministro da Guerra indica o pacificador de Minas e S. Paulo para Presidente da Provincia e Commandante das Armas. Em Novembro de 1842 assume Caxias o Commando do exercito.

Na carta por elle dirigida ao Ministro da Guerra, com a hombridade e independencia que sempre o distinguiu, expõe o estado em que encontrou o exercito, manifestando conceitos dolorosos relativos ao procedimento de alguns officiaes superiores.

Eis a Carta:

Tapera do Trilho, 22 de Abril de 1843.

Ex.mo Am.o e Snr.

Pela Carta de V. Exc.a de 5 de Março, vejo que não tem recebido as que lhe tenho escripto pelo correio e por isso fasso esta e remetto dentro da que escrevo a minha molhér, p.a ver se assim chega ao seu destino e V. Exc.a não tem mais razão p.a supôr ingrato ao sem numero de favores que lhe devo dos quaes nunca me poderei esquecer. Em outra que escrevi a V. Exc.a de S. Lourenço mandei huma noticia bem circonstanciada do estado em que tinha encontrado o Exercito, sua moralidade, estado de cavalhadas, meios de transportes, armamentos etc., mas como V. Exc.a me diz que a não recebeo tornarei de leve a tocar nesses objectos. O Exercito he em geral bravo particularm.te desde os soldados athe aos Majores, emesmo alguns Ten.es Cor.es, porem os que estão dahi p.a sima cuidào mais nos seus intereces (com as devidas exceçõens) que no serviço. O espirito commercial he aqui o mais dominante, nenhum vivandeiro veio acompanhar o Exercito que não tivesse sociedade com algum superior do m.mo Exercito, principiando pelo nosso Bento M.el que empregou em generos p.a acompanhar o Exercito, 20 contos de réis de sociedade com hum negociante Mendes. A estada aqui do Seara, dizem que concorreo muito p.a o desenvolvim.to deste espirito na tropa, pois elle dizem estava interessado com todos os fornecedores e commissarios e publicamente fazia estas infamias. O estado de armamento hé menos máo, hum ou outro corpo nececita de algumas armas em consequencia de estarem as suas já m.to velhas, porem todos estão armados com superioridade ao enemigo que temos a combater. O estado da rebelião he decadente, e creio m.mo que neste inverno os rebeldes ficarão reduzidos a pequenas partidas de ladroens, pois perderão o importante Municipio d'Alegrete de onde lhes vinhão suas cavalhadas, e eu os vou encostando p.a o lado de Bagé, de onde não podem ter recurços de novos cav.os, e nem conservar os 25.000 que trouceram d'Alegrete, e eu tendo o Municipio d'Alegrete pela recta-

guarda, posso receber remontas de cavalhadas da li, de Corrientes e do Paraguahy p.ª onde já tenho mandado emissarios, e dinheiros. Mudei de plano como já mandei dizer a V. Exc.ª (ainda creio que d'officio), em concequencia do movim.ᵗᵒ dos rebeldes e vem na direcção de S. Gabriel, aonde deixei 2.000 homens guardando a bagagem pezada e segui ao rumo de S.ᵗᵃ Anna do Livramento a tomar a dianteira aos rebeldes, afim de os obrigar a hum combate, ou a emigrarem, e elles vendo queneceçariam.ᵗᵉ eram batidos, atravessarão a linha divisoria p.ª Cunhaperú, e com duas marchas que forçarão por dentro do Estado Oriental, se puzerão a huma distancia tal do nosso Exercito, que impossivel me foi continuar a perceguil-os, sem remonta de cavallos, pois os que tinha já havião marchado 200 legoas por pedregaes, e estão quazi todos cançados; demorei-me então 3 dias sobre a linha e mandando officiaes com partidas ao Estado Oriental, pude obter 7000 bons cav.ᵒˢ com os quaes continuo a perceguição dos rebeldes. Os rebeldes pondo a salvo p.ª o lado de Bagé as suas cavalhadas, e aproveitando-se da distancia em que eu me achava vierão a marchas forçadas atacar aos 3 Batalhoens 3 bocas de fogo de 6, e 600 homens de cav.ª que eu tinha deixado em S. Gabriel, mas, não se animando a isso, se contentarão em aproveitar do desleixo do Cor.ˡᵒ Jacintho Pinto, que commandava esse ponto, roubando os cavallos, que por inuteis eu havia ahi deixado, espalhando os bois dos transportes e matando aos poucos soldados, que por imprevidencia do Cor.ᵉˡ os guardava, assim como a algumas praças que desperças encontrarão pela Povoação de S. Gabriel. Isto com q.ᵗᵒ nada valha, sempre me mortificou, e como não estou acostumado a revezes na guerra, fiquei hum pouco triste. Mandei logo suspender do com.ᵈᵒ da Divizão ao tal rellaxado Corᵉˡ e nomeei hum concelho de investigação, e irá ao de guerra se houver materia p.ª isso, ainda que os poltroens do concelho Supremo, dissidão que elle fez seu dever como dissidiram a respeito do Leite.

Bento M.ᵉˡ logo que vio mudado o Ministerio julgou que eu tambem o seria, na fórma do costume, e vizando o mando do Exercito, principiou a rosnar pela bouca pequena, que era de opinião de 2 aucthoridades na Prov.ª, e que estava m.ᵗᵒ descontente por eu o não ter empregado em com.ᵈᵒ de alguma Devizão: Ora athe essa epoca elle não tinha cumprido nada do que tinha prometido ao Governo. Nenhuma deffecção tinha aparecido nos rebeldes, e por tudo isso, e pela falta de confiança de que elle gozava no Exercito, eu não julguei politico empregalo no com.ᵈᵒ de coiza nenhuma, mas trazia-o sempre commi-

go, consultava-o sobre qualquer movimento que pretendia fazer e davalhe muita consideração em publico afim de hir aos poucos dissuadindo alguns cheffes que o detestavão, e muito já tinha conceguido quando a sahida de V. Ec.ª do Ministerio, q.do eu menos o esperava me veio desconcertar e dar animo aos invejosos da minha fortuna: Bento M.el mandou logo seu filho o D.r Sebastião p.ª a Corte com ordem de escrever contra mim e exagerar a capacidade do Pai, p.ª o com.do do Exercito, aprezentando a ideia de 2 aucthoridades para a Prov.ª. O que elle por lá terá feito não sei: V. Ec.ª que lá está melhor o saberá. Continuou Bento M.el contudo a acompanhar-me e como visse que não achava éco no Exercito contra mim tem se reprimido, m.to mais depois que teve certeza que o novo Ministerio me não era avesso e que m.mo nelle havião alguns tão meus am.os como o Snr. José Clemente. Eu não me dei nunca por sabedor, e antes o tratei sempre com a m.ma afabelidade e franqueza, e isto o tem desconcertado tanto que me consta que elle já diz que se tinha em conta de m.to velhaco, porem que eu era mais do que elle tendo metade da sua idade, e que estava disposto a me continuar a ajudar em tudo e que não podia negar que eu hia marchando muito bem &. O caso hé que vou tirando delle todo o partido. No dia 16 deste mez se me aprezentou hum T.e Cor.el rebelde de nome Demetrio Ribeiro, com 80 homens e 600 cav.os roubados aos mesmos rebeldes, e huma reunião de mais de 200 homens, foi effectuada no Municipio d'Alegrete e Missoeons, logo que os rebeldes evacuaram o Municipio. Espero tambem hum outro T.e Cor.el conhecido por Amaral Ferrador, que não vinha já, porque me queria fazer hum servisso antes de vir. Estes 2 homens são pessoas de Bento M.el e por isso logo que me chegaram os reuni a elle e addicionando-lhes mais força formei hum corpo ligeiro com o qual anda Bento M.el em deligencia de tomar as cavalhadas dos rebeldes. Creio que tenho dado a V. Ex.ª huma noticia do que por aqui se tem passado e se não mais circonstantiada he isso devido a falta de tempo que de certo me não sobra. Espero que V. Ec.ª como meu am.º fassa desfazer por meio dos jornaes qualquer intriga que o tal D.r Sebastião me tenha formado e que mesmo fassa saber ao meu Ministro a fonte donde ella imana, e o motivo, e se V. Ex.ª vir que o Governo vacila em me sustentar, diga-lhes que me dimittão q.to antes pois nenhuma vontade tenho de sahir depois de perder o conceito em que alguns meus am.os me tem e que a custa de muitos riscos de vida tenho alcançado. Esteja V. Ec.ª certo de que com justiça só me poderão notar algum erro de inteligencia, pois prezo de bem servir ao Impera-

dor e pela minha conducta fuctura eu epotheco a passada na qual creio que não encontrarão manchas. Disponha do seu am.º que he e lhe será sempre agradecido.

BARÃO DE CAXIAS.

NB. Quando V. Ex.ª me quizer responder mande a carta a minha mulher p.ª a remetter.

Encontrára Caxias o exercito desmoralizado pelos revezes, pela longa inacção e indisciplina, tristes exemplos dados pelos comdtes das armas—Manoel Jorge e João Paulo.

Quatro mezes depois de assumir o commando estava o exercito legal organizado e a campanha encetada.

Si a politica tortuosa seguida pelo governo central concorreu para alimentar a guerra no Sul—a reunião da constituinte republicana na cidade de Alegrete então capital da republica, veiu mostrar que a desunião e a discordia reinavam no campo republicano.

Dois partidos alli se degladiavam—o mais poderoso pelo numero era dirigido por Domingos José de Almeida—o outro tinha á sua frente o notavel rio-grandense Antonio Vicente de Fontoura.

Azedos andavam os animos quando deu-se o assassinato do vice Presidente da republica Antonio Paulo de Fontoura, attribuido pelo violento Onofre a Bento Gonçalves—accusação injusta por quanto o cavalheirismo reconhecido daquelle valente cabo de guerra o tornava incapaz de praticar ou ordenar um tal acto.

A leviandade de Onofre occasionou o encontro com Bento Gonçalves, e o ferim.to de que veiu a fallecer dias depois.

Duello—dizem as chronicas modernas, porêm os contemporaneos designavam o facto—a lucta de tamancos. A palavra—duello—nunca foi pronunciada naquelle tempo.

O Barão de Caxias depois de organizar o exercito, enceta as operações formando duas extensas linhas—uma do Jacuhy até as Missões, outra pelas margens das lagôas até a fronteira oriental—e lentamente, pois faltava-lhe a cavallaria, foi pouco a pouco batendo e apertando o inimigo e impedindo a juncção de suas forças, e infligindo-lhe derrotas em Ponche Verde, Sarandy, Arroyo Grande, Porongos.

O assassinato de Fontoura a 3 de Fevereiro de 1843, a morte de Onofre a 3 de Março, dividindo ainda mais profunda-

mente os grupos mostrou aos revolucionarios que não poderiam prolongar a lucta com vantagem.

Fructuoso Rivera aconselha aos republicanos que promovam a pacificação e se offerece para apresentar a proposta a Caxias, que a repelle, declarando que só acceitaria a submissão incondicional, garantindo porêm aos revoltosos a clemencia Imperial e o esquecimento do passado.

Pouco depois depois renovam-se as propostas e desta vez iniciadas por Antonio Vicente de Fontoura e o Padre Chagas, que solicitam e conseguem de Caxias salvo conductos para com elle se entenderem.

Victorioso por toda a parte—tendo a suas ordens um exercito poderoso e disciplinado, affeito as luctas já conhecedor da guerra especial do inimigo, entendeu o preclaro brazileiro que era chegado o momento da generosidade—sem *indecencia* como a desejava o Marechal Andrea.

Recebendo os emissarios brazileiros prometteu Caxias facilitar o congraçamento—«Quanto me tem custado conciliar o animo dos nossos patricios, isto é, daquelles que são sinceros e que tem sido vivamente agitados e sacudidos pelas perfidas insinuações dos malvados que só anhelam sangue, de istruição e mortes» palavras de Fontoura encontradas no seu precioso *Diario*.

Afinal estabelecidas as bases e acceitas pelo Presidente Gomes Jardim, foi convocada uma reunião dos principaes chefes do movimento—expedindo nessa occasião Gomes Jardim, o officio abaixo transcripto—e que como documento curiosissimo foi publicado no *Jornal do Commercio* de Porto Alegre de 3 de Abril corrente, e cujo conhecimento devo a obsequiosidade do nosso illustre consocio Dr. Leopoldo de Freitas.

Esse documento era ignorado. Fazia parte do archivo do general Canabarro e só agora foi encontrado pelos herdeiros da finada D. Carolina Canabarro, e estão sendo publicados com o titulo—*Papeis velhos—Em vesperas da Paz*—no jornal a que acima me referi.

Presidencia, 17 Janeiro 1845.—Cidadão general em chefe do exercito.—O cidadão Major Antonio Vicente da Fontoura em sua correspondencia de doze d'este mez me conjura por vosso orgão de ir ao Exercito com prontidão assistir á realisação do tratado de Paz que se agita entre o Imperio do Brazil e esta Republica, e comquanto me sobrem vehementes desejos de comparecer pessoalmente em acto tão solemne, meu actual estado de saude, a meu pezar, o veda: por cuja razão autorizo o Cidadão

Ministro Manoel Lucas de Oliveira a representar por mim nese acto; e uma das instrucções que lhe dou, he, que vos intime da parte do Governo, de reunir a pleno Conselho os Srs. Generaes e mais oficiaes do Exercito, e que alli o nosso Enviado Major Fontoura exponha franca e fielmente as condissões com que o Governo Imperial oferece a Paz á Republica: feito isto ouvireis com calmosa atensão os pareceres de cada um dos Membros do Conselho, e, consumado o trabalho fareis lavrar uma acta bem explicita do resultado que me será enviado pelo conducto do actual Ministro, ficando copia formal no archivo do Exercito, e entregando-se uma outra ao noso Enviado para xegar ao conhecimento do Sr. Barão de Caxias.

Em gráo supremo me lisongea a esperansa de que as opiniões de tantos Benemeritos não diverjem, assim como os não dividia nunca o designo de crear-se á Patria, os trabalhos, as privasoens, os sacrificios e a grandiosa soma de sofrimentos passados em quasi dois lustros.

O mais que emito, Cidadão General, vo-lo manifestará o Ministro, portador d'estas.

Deus vos guarde para bem da Patria.

Cidadão General David Canabarro.

José Gomes de Vasconcellos Jardim.

Reunida a commissão em Bagé, foi resolvida a pacificação, presentes o Presidente da Provincia Gomes Jardim representado pelo ministro Manoel Lucas, David Canabarro, general em chefe do exercito republicano Silveira, Netto e outros.

Não se oppoz Canabarro ao congraçamento—Já havia muito antes manifestado sua opinião como se verifica do precioso autographo que passo a ler.

Patricio e amigo Meirelles.

Com praser recebi as saudações que me enviastes por meu parente Canabarro, quando elle me veio falar da parte do brigadeiro Bento Manoel em negocios de paz.

Vem a proposito dizer-vos alguma cousa de objecto de tanta monta e tão despresado como sempre tem acontecido, e finalmente por ser agente destas negociações um homem como Bento Manoel, que nenhum conceito tem para os republicanos pelo caracter que ha desenvolvido na guerra que afflige nossa patria a mais de sete annos.

A humanidade reclama um termo a tantos males, não podemos ser indifferentes as ruinas do nosso paiz que a nossos olhos parece despenhar-se em um profundo abismo.

O governo Imperial continua a pretender succumbir a republica do Rio Grande, com emprego da força armada: os republicanos resistirão e não serão vencidos: exis a guerra prolongada, exis nossos males ao infinito.

Porque não haverá um meio de contragularmo-nos com os brasileiros?

Sim, eu conheço um que vem a ser a federação com o Imperio, pois a opinião geral dos republicanos Rio Grandenses, desde os chefes ao ultimo soldado: elles perdem a republica mas querem em premio da perda de sua bandeira a perto de oito annos sustentada, uma consideração do governo de D. Pedro II e não exigem condições difficeis de preencher.

Mas, meu patricio e amigo, os delegados do Imperador não querem dirigir-se ao governo republicano, elles querem tratar aos republicanos como anarchistas e assim nada consiguirão.

Si por exemplo o actual Presidente e commandante do Exercito Imperial, se dirigisse ao governo da republica acharia disposições de paz, e a conseguiria sem quebra da dignidade de ambas as partes.

Com profunda dor em meu coração vejo continuar a devastar-se o nosso paiz, mas o que fazer?

Nada—porque o actual Presidente Imperial tem commissionado a um homem sem fé para se nos dirigir.

Hoje por desaffogo a meu coração vos tenho dito o meu modo de pensar. Adeus, contae com o vosso

Amigo e patricio.

David Canabarro.

Campo em Marcha 10 de Março de 1843.

Até hoje era facto averiguado que o chefe da revolta Bento Gonçalves se oppunha ao congraçamento geral—mas um dos documentos encontrados no archivo de Canabarro e publicado no dia 5 do mez corrente no Rio Grande, veio fazer desaparecer a duvida—Eis o documento até ha poucos dias inedicto

Cidadão General

Em observação a quanto ordenais em vosso officio de 21 de Janeiro ultimo, chamei a Conselho os officiaes superiores da força de meu imediato mando para emitirem suas opiniões sobre a

transcendente negociação entabolada com o Barão de Caxias, Commandante em chefe do Exercito Imperial, e pela acta que aqui junta envio vereis o unanime acôrdo dos mesmos.

No dia 13 do corrente marchei do Christal no empenho de cumprir vossa ordem, depois de haver tomado as precisas medidas para a segurança daquella Força, e chegando a Jaguarão no dia 19 huma inopinada constipação me privou de proseguir a marcha a esse campo, e rezolvi a elle mandar o cidadão Ismael Soares da Silva, seguindo pelo Exercito Imperial, afim de ser informado do ponto que occupais e estado da negociação pendente; elle acaba de regressar voltando do campo d'este por saber que só aguardaveis minha chegada, e ser este impossivel segundo meu máu estado de saude.

E' pois de meu dever dirigir-vos este para annunciar-vos quanto venho de responder e habilitar-vos com meu voto para conclusão de tão apetecido arranjo; minha opinião Snr. General he, e será aquella que adopte a maioria de meus irmãos de armas, sempre que esteja nas raias do justo e do honesto, e, ainda mesmo, quando no caso vertente estes sagrados objectos deixem de ser observados, nem por isso serei capaz de a ella oporme, tendo eu outros meios em semelhante caso para deixar ileza minha honra e consiencia. A páz he indispensavel fazerse, o paiz altamente a reclama pois infelizmente victima de nossos desacertos nada temos a lucrar com os azares da guerra; eu vejo, mao grado meu, que hoje não podemos conseguir vantagens, que estejão em armonia com nossos sacrificios, por se ter, a despeito de meus insessantes conselhos, perdido a melhor quadra de negociar-se uma conciliação honroza. Nada sei das condições em que se tenha a páz lavrado, e menos das instrucções que conduziu o Commissionado da Corte do Brazil, e sendo tudo para mim misteriozo me a balanço a lembrar-vos que uma das primeiras condições deve ser o pleno esquecimento de todos os actos que individual ou collectivamente tenhão praticado os Republicanos durante a luta, não sendo em nenhum caso permittido a instauração do prosseço algum contra estes nem ainda para revendicação de interesses privados Tendo omitido minha opinião, resta-me repetir-vos a paz he absolutamente necessaria, que, os meios de proseguir na guerra se escaceião, o espirito publico está contra qualquer ideia que tende a prolongar seus soffrimentos, classificando de guerra caprixoza a continuação da atual; huma conciliação he sempre preferivel aos azares de uma derrota; a historia antiga e moderna nos fornece mil exemplos que não devemos desprezar.

Compenetrai-vos d'esta verdade e evitai quanto poderdes

os funestos sucessos que vão aparecer se prevalecerem as bravatas contra os conselhos de sàa razão; lembrai-vos que muitos que os propalam vos abandonarão no momento do perigo.

Eu pretendo esperar aqui vossa ulterior resolução, e só depois d'ella poderei mover-me quando minha saude permitta. E' portador o Tenente José Narcizo Antunes por quem espero uma resposta cathegorica d'este negocio.

Deus vos guarde.

Estancia do Velho Netto, 22 de Fevereiro 1845.

BENTO GONÇALVES DA SILVA

Ao cidadão David Canabarro, General em chefe do Exercito.

Assentadas as bases para a pacificação partiu Fontoura para o Rio de Janeiro, e tendo sido ellas acceitas pelo ministerio voltou o emissario e no dia 25 de Fevereiro de 1845 no acampamento da Carolina (Ponche Verde) illustrado um anno antes pela victoria de Bento Manoel, foram publicadas as condições da paz—doze artigos—honrosos para os revolucionarios e para o governo, que era naquelle momento poderoso por estarem anniquiladas as forças da republica.

Tão brilhante resultado acarretou ao jovem pacificador accusações dos invejosos de sua gloria: não queriam comprehender que na lucta civil o inclyto general era mais brazileiro do que soldado!

Já pacificara outras provincias, seguindo sempre a mesma politica—nunca permittiu inutil effusão de sangue—foi sempre extremamente generoso com os vencidos.

Foi essa grandeza de alma que fez seu nome abençoado por aquelles que chamara ao cumprimento do dever. Na sua passagem nenhum lucto—nenhuma lagrima derramada depois da victoria.

Quando deixou a provincia do Rio Grande do Sul, em cada chefe da revolta, desde Bento Gonçalves até o mais humilde cabo, contava um amigo.

Ter-se-iam todos aquelles heroes intemeratos se deixado corromper pelo vencedor?

Depois desses gloriosos acontecimentos por duas vezes deu-nos a victoria combatendo o extrangeiro.

Primeiro, foi levar a liberdade aos povos do Prata opprimidos pelo despotismo de Rosas—escrevendo em nossa historia aquella gloriosa pagina que se chama Monte Caseros!

Na segunda vez já alquebrado pelas molestias e pela edade —guiado pela honra e pelo amor da patria, foi libertar mais um

povo e vingar duras affrontas, encerrando sua gloriosa vida militar com os feitos immortaes de Angustura e Lomas Valentinas.

Por toda a parte se mostrou sempre o mesmo—valente, generoso.

Existe na historia moderna da França um facto grandioso.

O principe de Joinville a frente de uma esquadra conduzira de Santa Helena para França os restos mortaes do grande Napoleão.

A 15 de Dezembro de 1840 passava-se em Paris uma scena memoravel.

De todos os pontos da Europa e do paiz correra a multidão para assistir a magnificente cerimonia.

As tropas da guarnição da cidade e toda a guarda nacional se achava formada, parte escoltando o corpo do Imperador, parte formando duplas alas para a passagem do carro mortuario.

O caixão estava coberto com o manto Imperial e junto o sceptro e a corôa de brilhantes.

Os 86 departamentos da grande nação alli se achavam representados com suas bandeiras.

Os marechaes Oudinot e Molitor, o almirante Roussin e o velho general Bertrand o amigo dedicado que nem na prisão abandonara o heroe, rodeavam o coche funebre, puchado por 16 cavallos brancos.

Quando o carro passava por baixo do Arco da Estrella, parou por um momento—scena indescriptivel, sublime apotheose que a França inteira tributava ao grande Imperador.

Chegando o carro em frente ás grades dos Invalidos—36 possantes marinheiros desceram o esquife, e o clero alli reunido recebeu o corpo para conduzil-o ao tumulo em que repousa, debaixo daquella dourada cupula que domina todo Paris.

O Principe de Joinville conduzia a cerimonia. Ao entrar o ataude no templo, Luiz Phelippe, separa-se da sua côrte e só, caminha até a entrada da nave—Sire, dise o Principe de Joinville; Eu vos apresento o corpo do Imperador Napoleão!—

Eu o recebo em nome da França! repondeu Luiz Phelippe, no meio de um silencio sublime provocado por essa scena magestosa!

Porque motivo o descendente dos reis expulsos pela Aguia Corsa, vinha cumprir o testamento do grande Imperador, dando-lhe sumptuoso tumulo junto ás margens do Senna, no meio do povo francez que tanto amara?

Teria o filho de São Luiz perdoado ao usurpador?

Não! Luiz Phelippe cumpria um dever civico—estabelecia o elo para prender as glorias do Imperio ás da monarchia—avivava a tradição—que como diz Gabriel, é a memoria da humanidade!

Esse facto grandioso tem alguma analogia com a nossa historia contemporanea.

A commissão encarregada de erigir um monumento que perpetuasse a memoria do grande soldado da monarchia, só conseguiu realizar o voto nacional quando se achava estabelecida a Republica.

Si a scena não foi tão grandiosa como aquella que descrevi —tivemos occasião de ver o Presidente da nova Republica, no meio de grande pompa prestar as homenagens patrias ao servidor da monarchia!

Os factos historicos se reproduzem no decorrer dos seculos: na nossa patria já se começou a ligar o passado ao presente!

Cabe-nos continuar!

São Paulo, 20 de Abril de 1901.

João Moraes.

Revolução do Rio Grande

1835 a 1845

REPRODUCÇÃO HISTORICA

II PARTE

Ha muitos annos quando comecei a organisar uma collecção de autographos ineditos dos homens mais notaveis deste paiz, desde logo fui levado a consagrar profunda veneração á memoria de José Clemente Pereira.

Sentia profundo encanto todas as vezes que conseguia obter algum seu autographo, pois contava nelle encontrar mais uma prova de fervoroso zelo pela causa publica ou a manifestação do sincero amor que votava aos infelizes.

Desde moço salientou-se José Clemente como incançavel luctador.

Quando Portugal foi invadido por Junot, abandonou elle os bancos academicos para se alistar como voluntario e juntamente com José Bonifacio fez aquella campanha.

Expulsos os francezes, acompanhou o exercito que invadiu a Hespanha e servindo debaixo das ordens de Wellinghton combateu em Saragoça.

Em 1815 vem para o Brasil e abre banca de advogado no Rio, notabilisando-se desde logo pela propaganda de principios liberaes.

Nomeado Juiz de Fóra da Praia Grande, começou nesse cargo a desenvolver a assombrosa actividade administrativa e que foi até o dia de sua morte inesperada uma das faces mais brilhantes do seu priviligiado talento.

No exercicio daquelle cargo prestou serviços importantes de organisação, abastecimento de agua e deu o risco á parte da cidade de Nitheroy.

Portugal e Brasil continuavam a ser naquelle periodo governados pelos rigorosos principios do absolutismo.

No Rio o Intendente Geral da Policia Paulo Fernandes Vianna, empregava actividade assombrosa para impedir o desenvolvimento das idéas liberaes, prohibindo o despacho de impressos politicos coarctando a liberdade da imprensa, tornando-se necessaria licença sua até para publicação de annuncios—porque se *assim não procedesse ficaria quebrantada a segurança publica*!

Como specimen da sua actividade vou ler o seguinte autographo—que bem denota o systema governativo da epocha.

Mui reservadam.[te] observará V. M. por si e por pessoa de sua confiança o Brigadeiro Estiller Hespanhol, que reside em São Gonçallo ha años; por que consta aqui que depois das ultimas noticias vindas de Portugal elle se tem declarado em opinioes politicas constitucionaes e faz proselitos pelas influencias de sua conversação. Hé preciso saber q.[m] o frequenta agora ou seja dahi ou aqui da cidade, ou seja Hespanhol, Portuguez ou de outra q.[l]q.[r] Nação.

Tudo isto lhe recommendo com toda actividade—Rio 29 de 8br.° de 1820. Paulo Fernandes Vianna.

Tendo porem a Hespanha adoptado uma Constituição com Governo Representativo, o facto provocou movimento liberal no Reino.

Chegando essa noticia ao Brasil, Palmella o unico ministro notavel que havia no Governo, em repetidos memoriaes lembrou a D. João a conveniencia de enviar o principe D. Pedro a Lisbôa.

Mostrava o previdente ministro que os governos só conseguem evitar os effeitos revolucionarios quando se collocam á frente do movimento para dar direcção conveniente e conquistar a affeição popular.

O despotico ministro Antonio Thomaz se oppõe aos conselhos de Palmella—era preciso levar-se tudo a ferro e fogo sem o que perderia a coroa seu prestigio.

Estes conselhos não desagradavam a D. João que se não era sanguinario e violento, deixava-se dominar pelos principios do absolutismo em que fôra creado.

As grandes idéas revolucionarias porém se desenrollavam com a rapidez do raio, e em quanto D. João lia os memoriaes e exigia novos, dominado pela reconhecida indecisão que teve em todos os momentos solemnes, a revolução passava de Lisboa aos Açores, dos Açores á Madeira e atravessando o Oceano irrompia no Pará e na Bahia!

Por toda a parte jurava-se guardar as bases da Constituição Portugueza, que fosse votada pelas Cortes.

Foi só quando já estava proxima a tormenta que o irresoluto monarcha assignou o Decreto de 18 de Fevereiro de 1821 —determinando ao principe D. Pedro que seguisse para Portugal como Regente, para o fim de governar o reino, restabelecer a ordem e ouvir as queixas dos povos.

Era porem tarde! Já havia passado o momento psychologico —não mais se podia dominar os acontecimentos e o temporal já rugia junto aos paços reaes.

Chega ao Rio a noticia de que José Clemente reunira o povo em Maricá e fizera jurar a Constituição.

Paulo Fernandes Vianna intenta impedir o movimento, faz prender alguns dos chefes mais em evidencia—porem só consegue apressar a revolta.

No dia 26 de Fevereiro povo e tropa se achava reunido no largo do Rocio reclamando o juramento da Constituição.

Perturba-se o rei ao receber essa noticia e pela primeira vez chama D. Pedro para o aconselhar.

Obtendo plena liberdade de acção, resolve este ir ter com o povo revoltado.

O principe era homem talhado para a lucta—intrepido e arrojado se faz acompanhar por um criado e chegando ao Rocio—abre caminho por entre a multidão, sobe ao terraço do theatro de São João e reclamando silencio pergunta qual o motivo da revolta.

Responde-lhe o advogado Macamboa, pedindo em nome do povo para que fosse jurada a Constituição que se discutia em Portugal.

Vendo o principe que era necessario transigir procura dirigir o movimento o que facilmente consegue.

Declara que vai transmittir ao Rei a vontade do povo.

Corre ao Paço, arranca de D. João a promessa de jurar a Constituição, obriga-o a demittir os ministros que no dizer de Macamboa enganavam o Rei, e volta ao Rocio para dar conta do resultado da sua intervenção.

Assim o Decreto de 26 de Fevereiro revoga o de 18.

Neste tempo já se achava José Clemente intimamente ligado a Ledo.

Ambos trabalhavam pela independencia—um pensava conseguil-a promovendo a monarchia como José Clemente, outro pela republica como queria Ledo.

Tendo porem sido publicado o decreto de 28 de Fevereiro dando conhecimento de ter D. João resolvido seguir para Portugal conforme determinara o ministerio—transigiram os chefes do movimento e ligaram-se para impedir a partida do Principe. Comprehendiam que si não ficasse no Brasil um membro da familia real, estaria de novo recolonisado, seriam retiradas as liberdades concedidas, dominaria o absolutismo e mais difficil se tornaria então a Independencia.

Reunidos todos pelo interesse commum José Clemente o homem de acção—convoca o Senado da Camara e vai apresentar ao Rei o pedido dos povos—a permanencia no Rio de um membro da familia real.

D. João repelle o pedido, bruscamente responde a José Clemente.

Encontra-se sua resposta no aviso de 4 de Março de 1821.

A recusa do Rei provoca a indignação popular. Reunidos os eleitores para uma eleição parochial, se approveitam para declarar que a elles competia o direito de designar a Constituição, e nomear ministros—E' levantada a idea de se fazer desembarcar o thesouro publico, carregado para bordo da esquadra que devia conduzir a familia real—e afinal surge a idéa de se prohibir a partida do Rei.

Quanta obscuridade e contradição se encontra na nossa historia!

Existem opiniões valiosas que acreditam ter sido essa reunião promovida pelo Rei, que sem coragem de contrariar os ministros que determinaram sua volta para o reino—pretendia ver si por meio de um motim conseguia illidir aquella deliberação.

Mas corre tambem com visos de verdade que o princepe D. Pedro não querendo seguir para Portugal e receioso que dominasse o parecer daquella assembléa, foi se entender a noite occultamente com o general Caula e conseguiu que este no dia seguinte dissolvesse a reunião dos eleitores pelo emprego de força, o que se realizou.

O rei aterrorizado resolveu então nomear o principe regente —Decreto de 7 de Março de 1821.

Os promotores da independencia cercam o principe—falam-lhe com enthusiasmo dos beneficios da liberdade—conduzem-no ás lojas maçonicas e alli recebe as inspirações dos homens mais notaveis daquella epocha—e assim foi se acostumando a ouvir a descripção dos males produzidos pelo absolutismo.

Já não era um misterio o esforço que se empregava pela independencia—e os acontecimentos precipitavam-se com tal rapidez que quando D. João VI a 26 de Abril de 1821 abandonava terras do Brazil, já se achava tão convencido da separação que deu aquelle memoravel conselho ao principe—«Eu vejo que breve estará o Brazil separado de Portugal. Se o não puderes conservar para mim—guarda-o para ti.»

E' verdade que D. João foi obrigado mais tarde a negar o facto—mas o notavel brazileiro Marquez de Rezende, asseverou que teve em mãos a communicação para transmittil-a a corte da Austria—é pois uma verdade historica.

Com a partida do rei, redobram de esforço os brazileiros—Surge o *Reverbero*, o jornal que teve a gloria de ser o primeiro a defender as pretensões brazileiras—deante das tropas de Avilez, que pensou ser possivel remover o perigo, promovendo o movimento militar de 5 de Junho de 1821, para obrigar o Principe a jurar a constituinte e acceitar uma junta de nove membros encarregada de assistir os despachos do principe e fiscalizar os ministros.

José Clemente consegue annullar os intuitos de Avilez fazendo eleger para a junta amigos particulares de D. Pedro, que continuou a proceder livremente; guardando apenas profundo rancor ás tropas portuguezas e ao seu commandante.

Não descançavam as Cortes, lançando mão de todas as violencias pensavam ainda impedir a separação do Brazil. Nesse intuito ordenam ao principe para que fosse viajar incognito pela Europa.

Serve essa ordem para excitar o povo—resolve-se impedir a partida de D. Pedro.

Em casa do patriota José Joaquim da Rocha, corre a multidão para firmar representações, elevando-se as assignaturas a mais de 8 mil em poucos dias.

A camara desta Capital é convocada pelo ouvidor Costa Carvalho, e uma deputação a cuja frente se achava José Bonifacio parte para o Rio afim de conseguir que o Principe desobedeça os decretos das Cortes.

Tendo sido entregues ao Senado da Camara do Rio representações populares, José Clemente no dia 29 de Desembro propõe para que a corporação que presidia fosse incorporada appresentar ao principe o pedido popular.

No dia 9 de Janeiro de 1822, José Clemente acompanhado de todos os vereadores, levando desfraldada a flammula da Camara, rodeado da população brazileira e de velhos portuguezes que já se achavam com familia organizada no paiz vai ao Paço levar a representação dos povos.

Ao entregal-as ao principe, pronuncia violento e energico discurso, no qual pela primeira vez clara e desassombradamente falla em «*Independencia*».

Comprehendendo que a separação estava feita quer se retirasse, quer permanecesse no Brasil, D. Pedro pronunciou a memoravel phrase—«Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, estou prompto—Diga ao povo que fico!»

Corre José Clemente a uma das janellas do Paço, e dá conhecimento ao povo da resolução do principe, que no meio de extrepitosas acclamações vem a janella confirmal-a.

Era geral o regozijo—Todos comprehendiam que nenhuma força podia mais impedir a separação do Brazil.

O—Fico—era a desobediencia as ordens das Cortes—era a revolução capitaneada pelo Principe!

Não mais descança José Clemente—No dia 13 de Janeiro vai levar a D. Pedro, em nome do povo o titulo de Defensor Perpetuo do Brazil!

A 23 volta na frente do Senado da Camara para pedir a convocação da Constituinte Brazileira!

Correm os emissarios ás tres provincias—Rio—S. Paulo e Minas—reunem-se os esforços e espera-se a occasião para tornar official o que já era uma realidade.

Em Março segue o principe para Minas afim de harmonizar os animos. A 25 de Abril se achava de volta, e inexperadamente comparece ao Theatro, recebido com freneticas manifestações pelo povo que em massa o acompanha depois de findo o espetaculo.

No dia 26 de Abril o *Reverbero*, o jornal de Ledo e José Clemente publica o memoravel—vibrante artigo.—«Principe! Rasguemos o veo dos misterios! Rompa-se a nuvem que encobre o sol que deve raiar na esphera brazileira!

Forme-se o livro que nos deve reger sobre as bases já por nós juradas, e em grande pompa seja conduzido e depositado sobre as Aras do Deos de nossos Paes. Ahi, diante do Altissimo que te hade ouvir, e punir se fores trahidor, jura defendel-o e guardal-o a custa do teo proprio sangue:

Não despreses a gloria de seres o fundador de um novo Imperio!

Princepe! As nações todas tem um momento unico, que não torna quando escapa, para estabelecerem seos gevernos.

O Rubincon passou-se!

Atraz fica o inferno:

Adiante está o templo da Immortalidade:

Redire sit nefas».

Afinal chega o momento anciosamente esperado.

Descançava D Pedro junto as margens do Ipyranga quando vê chegar a toda brida um official de nome Gabizo que trazia-lhe do Rio noticias importantes enviadas pela Regente, que recommendara ao emissario que desempenhasse a commissão com maxima brevidade, tão importantes eram os despachos.

Lê D. Pedro os quatro Decretos das Cortes, comprehende que ellas dominando impavidamente em Portugal queriam tel-o sob seu jugo. Revolta-se seu sangue juvenil ao ler a Carta de D. João 6. Lembra-se que está rodeado de um povo que o amava. Procura na memoria o passado e nem mais se lembra das margens do Tejo que deixara creança—e só vê a gloria de ser o fundador de um novo Imperio em um Novo Mundo—resoluto chama os que o cercavam da-lhes com lagrimas de indignação conhecimento dos Decretos, e arrancando as cores portuguezas que trazia elevou o brado de—Independencia ou Morte!

Voltando a esta cidade já se achava acompanhado de enorme multidão que o victoriava—e nessa noite recebeu elle a primeira acclamação dos brazileiros.

Ao entrar no camarote do pequeno theatro do largo de Palacio, que existia na parte do terreno em que se eleva hoje a Secretaria de Agricultura—subiu em um dos bancos da platea o ardente patriota Conego Dr. Ildefonso Xavier Ferreira e por muitas veses entre freneticos applausos acclamou—D. Pedro, primeiro Rei do Brasil!

Voa a noticia jubilosa para todos os pontos, antecedendo ao principe que a 17 de Setembro chega ao Rio.

Já havia José Clemente convocado o Senado da Camara e proposto para que fosse o principe acclamado Imperador do Brasil—No dia 21, aquella corporação designa o dia 12 de Otubro para ter lugar aquella solemnidade.

Realizou-se ella no Campo de Santa Anna, com immensa pompa, sendo o discurso official pronunciado pelo incansavel luctador José Clemente, e foi elle proprio quem dictou a acta da acclamação—da qual consta que o mesmo senhor D. Pedro foi acclamado legal e solemnemente pelo Senado da Camara, homens bons e mesteres, povo e tropa da cidade e procuradores das Camaras.

Recapitulando demoradamente a parte historica da nossa Independencia, eu o fiz para reviver o passado do venerando patriarcha José Clemente.

Descrevendo aquelle periodo temos descripto a primeira phase da vida daquelle homem excepcional.

Foram muitos os que trabalharam para nossa emancipação politica—mas quando em remoto futuro a historia descrever na sua severa imparcialidade aquelles acontecimentos ella dirá ás futuras gerações a parte gloriosa que coube a José Clemente, e ao mesmo tempo a cruel ingratidão de que foi victima!

Ainda perduravam nos vastos territorios da nova monarchia as festas da Independencia, e um navio cortando tristemente as ondas levava para terras do exilio um dos patriarchas que mais ardentemente concorrera para aquelle grandioso aconteçimento!

Ledo o inimitavel luctador procurava na fuga a liberdade, Januario, Nobrega e outras eram arrojados nos calabouços das fortalezas;

O facto historico, não tem precedentes em paiz algum do mundo!

Em 1824 voltando do exilio, foi José Clemente nomeado Intendente Geral de Policia.

Nesse cargo assim como no de ministro que pouco depois occupou tornou-se notavel como provecto administrador. Abasteceu de agua o Rio de Janeiro. Regularizou o serviço dos Correios—Ordenou a primeira Exposição de Bellas Artes—collaborou no Codigo Criminal.

Nesse doloroso periodo de graves agitações, teve occasião de mostrar que era superior a quasi todos os da sua epocha—quando Pedro 1.° se viu abandonado por todos quantos curvara ao peso de favores e distinções, foi elle um dos poucos que se conservou a seu lado apezar de ter visto sempre seos previdentes conselhos despresados pelo Imperador!

Dada a abdicação retirou-se Joré Clemente da vida politica.

Em 1835 ainda se achava José Clemente retirado da vida publica quando teve de abandonar o saudozo retiro a instancias de Evaristo da Veiga.

Em boa hora o fez!

Neste terceiro periodo de sua vida publica desenvolveu e realisou obras tão grandiosas que immortalisariam seo nome se aquelles serviços tivessem sido prestados a qualquer paiz do mundo que não fosse o nosso.

De 1836 a 1837 tomou parte nos trabalhos da 1.ª Assembéa Provincial do Rio de Janeiro e em 1838 voltou a Camara dos Deputados.

A primeira vez que occupou a tribuna prendeu a attenção geral daquella pleiade brilhante que então surgia.

José Clemente era um orador primoroso—e antes de entrar na discussão politica veio declarar que se achava com a precisa calma para aconselhar os partidos agitados—aprendera nos sofrimentos—esquecera o passado e já havia perdoado aos que o tinham perseguido.

E dizia a verdade!

Darei conhecimento de um precioso autographo, prova cabal do que elle affirmava.

Pouco antes de pronunciar aquelle discurso dessapparecia de entre os vivos José Bonifacio, o grande!

O paiz inteiro manifestou sincero sentimento pela morte desse paulista que que tanto honrou sua patria!

Diante do seu tumulo desappareceram os adversario politicos!

Fora entretanto elle quem lavrara como ministro a ordem de deportação de José Clemente em Outubro de 1822.

Temos por habito relevar as fraquezas humanas, que são as nossas proprias.

Filhos da Egreja, sabemos perdoar as offensas que nos são feitas, e muitas vezes nem mesmo procuramos conhecer o infeliz que dominado por máus instinctos, procura na sombra denegrirnos com factos calumniosos—mas si perdoamos não temos a virtude de architectarmos o panegirico dos nossos perseguidores!

Essa grandeza de alma, essa perfeição de sentimentos só pertence a homens excepcionaes, como era incontestavelmente José Clemente Pereira. A lucta entre elle e José Bonifacio era politica, mas vehementissima—na altura das convicções daquelles athletas.

Apesar da inimisade que os separava, José Clemente como segundo Grão Mestre do Grande Oriente do Brazil, deu conhecimento a Loja da morte do grande Paulista.

Eis os termos em que elle o fez.

> «Desejava lançar flôres sobre o tumulo do Grande Homem cuja memoria será eterna: mas onde as colherei que sejam dignas do Amigo, do Pae, do Irmão, cuja falta dolorosamente carpimos!
>
> A Cadeira do Summo Sacerdote deste A.·. Templo coberta de pesado luto!!!
>
> Quem falta nella? Oh! dolorosa saudade! Morreu o Summo Sacerdote que presidia aos trabalhos da Ord.·. Sublime! O Phylosopho distincto que honrou o Brazil dentro do Paiz e no Extrangeiro! O Ministro ardente, sabio e Patriota que soube grangear-se o invejado ti-

tulo de Pae da Patria! O amigo por excellencia do Senhor D. Pedro I, e com Elle Immortal fundador do Imperio! O Tutor vigilante e leal do Senhor D. Pedro II, e de suas Augustas Irmãs! O Snr. Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva morreu!!! Morreu!!! mas consolemo-nos MM.·. II.·., expirou o que pertencia á natureza que inexoravel executou dura lei que a ninguem perdôa: mas seu nome, sua gloria e virtudes pertencem á Eternidade.... vivem e viverão sempre até a consumação dos seculos! A terra lhe seja leve!!!»

Estava esquecido o passado!!

Em 1841 assumiu a pasta da guerra no gabinete de 23 de Março, que como é sabido foi dos mais gloriosos do Imperio.

Pacificou duas provincias, impediu o desmembramento do territorio nacional, publicou as leis da reforma do codigo do Processo, e enfrentou a revolução do Rio Grande do Sul.

Os autographos que vou ler são documentos desse periodo —cartas intimas do ministro da guerra ao general em chefe.

Causam-nos admiração a leitura desses documentos. Servem para mostrar o zelo do ministro, o interesse pela causa publica, a competencia excepcional do administrador que conhecia os menores detalhes e ao qual não escapavam as mais pequenas minudencias.

Quando fala na direcção da guerra, quando aponta as providencias ou previsões futuras dir-se-hia que é a correspondencia de um general que deixou o commando e que se dirige ao que o substitue:

Eis os tres preciosos autographos.

Exmo Sr. Barão de Caxias

Rio 8 de Novembro de 1842.

Que chegasse a essa com feliz viagem tem sido os meus mais ardentes desejos, que tudo mais hade ir bem.

A esta data tem sahido já para Porto Alegre um armamento completo com o seu competente correame, e equipamento para 14.000 infantes, e 14.000 clavinas, pistollas e espadas, e trabalha-se com força no correame: Cartuxame tem tambem ido immenso.

Sahiu o 12 com 430 e tantas praças de pret, e em diversos navios tem ido mais de 600 para reforçar os corpos: estou a esperar do resto do 12, e das 3 companhias do 8.° e tão depressa

chegarem os remetterei: no Deposito esta-se apromptando outro contingente.

Houve duvidas sobre a licença do Hoppe, e não foi possivel conceder-se-lhe.

A ida de Bento Manoel fez impressão desagradavel em alguma gente bôa, convirá que V. Ex.ª seja muito discreto na maneira de o tratar, até que elle possa fazer algum serviço que lhe dê nome, que de certo hade fazer.

Não se esqueça de acabar já com o Batalhão Prov.º de Guarda Nacional, não só para evitar a despeza inutil que faz, mas até por que isso lhe dará nome, e mostre-se decidido contra os contrabandistas e tambem nisso ganhará muito.

Diga-me logo tudo quanto pensar e a sua convicção sobre o que podemos esperar a respeito da terminação da guerra: como foi recebido e o que pensa do espirito em geral da melhor gente da Prov.ª e do Exercito.

2.ª Carta—Rio 12 de Dezembro de 1842.

Esperava com impaciencia noticias suas e as tive tão satisfactorias como desejava na sua estimada de 29 de Novembro: esta foi vista por S. M. o I.. e é lisongeiro ter de communicar a V. Ex.ª que o mesmo senhor se Dignou dizer—Parece que o Barão se tem conduzido com muito acerto — Os meus collegas estão igulmente satisfeitos e o Publico em geral. Quanto a mim, eu me felicito por ter achado quem tão perfeitamente me entenda, e tão positivamente vá praticando actos que em Avisos de 31 de Dezembro de 1841 recommendei ao Conde do Rio Pardo, e depois em muitos avisos. Continue V. Ex.ª na carreira encentada, acabe despesas que não forem absolutamente indispensaveis, ponha fóra da Prov.ª officiaes que despendem e nada fazem, redusa o Exercito a Coronéis, Tenente Coronéis e Majores para o commando, mantenha-se forte com os altos, e faça só justiça a todos, faça o que entender no sentido do que mais convier, desempenhe em fim o seu programma, que é tambem o meu, economia, disciplina e actividade, e em poucos mezes a tantos titulos de gloria, juntará o de reformador do exercito do Rio Grande, e pacificador dessa Provincia: tudo está em anarchia, só braços fortes armados de independencia e justiça podem fazer apparecer o reinado da ordem.

Não deixou de mortificar-me o pequeno numero que achou de cavallos, e estes em máo estado; e se não fora o muito que devo confiar na força dos seus recursos e illimitada actividade

devera com razão recear que a presente campanha seria perdida: e bem que não seja necessario estimular a V. Ex.ª não posso deixar de observar-lhe, que no estado em que estão as cousas o unico recurso que resta é ir procurar os cavallos onde elles se achão com os poucos que temos e a Infanteria: devendo ter-se por certo que as mesmas difficuldades que tem havido para obter cavallos, hão de continuar em quanto o Exercito occupar as actuaes posições; e se V. Ex.ª puder vencer este quasi impossivel maior será a gloria que lhe resultará de qualquer acção que venha obter contra os rebeldes.

Muito folguei de saber, não só pela carta de V. Ex.ª mas tambem por outras informações, que a hida de Bento Manoel não foi tão mal recebida como se proconisava: fico certo de que não lhe confiará commando de armas, confio muito que elle ha de prestar grandes serviços, e V. Ex.ª não deixará de tirar delle o melhor partido possivel: pode levar a intriga ao campo rebelde e se conseguir neste alguma defecção ainda que pequena seja ao principio o fructo será grande afinal, por que a primeira virá acompanhada de outras, o desalento apparecerá e todos os amigos de Bento Manoel cahirão na desconfiança dos Rebeldes.

Novos motivos apparecem que nos convencem que Fructuoso Rivera está intimamente ligado aos rebeldes; e tenha V. Ex.ª por certo, que, se elle bater Oribes, ha de vir auxiliar estes; pelo menos é mais seguro contar com este acontecimento que eu espero: convem pois apressar quanto for possivel algum golpe forte nos rebeldes antes que aquelle se desembarace de Oribes: ao Governo cumpre empregar os ultimos esforços para enviar a V. Ex.ª o maior numero de tropas possivel, e este dever, que eu reconheço, hé hoje para mim mais sagrado por me ter sido ordenado por S. M. o I. E alguma cousa se fará porque o Barão da Boa Vista, já me escreveu que hia mandar o batalhão Provisorio: vou ordenar a vinda do 4.° pelo Paquete que deve sahir para o Sul no dia 15, e tenho alem disso renovado as ordens para rigoroso recrutamento e alguns recrutas vão chegando de todos os pontos, principalmente de São Pualo e Minas.

Por um officio do Brigadeiro Bittancourt fui informado de que era possivel organizar um batalhão de Allemães na colonia de São Leopoldo, servindo-lhe de casco a Companhia de Allemães Engajados: entende-se que deverão ser contractados: examine V. Ex.ª este negocio, e se for praticavel proceda logo a sobredita organização, ainda que a gente não chegue para um batalhão completo: de-lhe a organização que julgar conveniente, e participe para hir a approvação.

Quer V. Ex.ª mais armamento, e hirá sem demora todo quanto deseja, tanto de adarme 17 como de 12 e o competente correame: e devo prevenir a V. Ex.ª que vou enviar-lhe 1000 espingardas fulminantes para ahi se experimentar se os nossos soldados se podem acostumar a fazer bom uso dellas; e talvez será conveniente não as entregar só á um Batalhão, mas dividil-as por todos, armando com ellas uma companhia de cada Batalhão composta de gente escolhida, que assim tem feito os Inglezes, se ellas provarem bem poderemos ter mais, que a differença do preço é pequena.

Quer tambem V. Ex.ª que esteja ahi em Maio hum fardamento completo para 8000; não haverá falta—bôa porção há já prompta e tenho pannos e brins comprados para grande parte.

Não contemplo no referido numero a cavallaria, para a qual V. Ex.ª mandará apromptar nesse arsenal 3000 fardamentos com o panno que com o officio desta data se manda ahi comprar.

Parece bom o modelo das novas lanças que V. Ex.ª enviou pelo São Salvador e vae cuidar-se na promptificação das que deseja mas para este trabalho irá de vagar: mas tem já ahi as 500 que se remetterão e brevemente receberá 200 que espero de Paranaguá até o dia 20 como officialmente lhe communico, alem das antigas que o exercito deve ter: e successivamente se farão novas remessas.

Não ha no Arsenal as clavinas compridas que pede para atiradores de Cavallaria, nem ellas vem mais ao mercado: todavia farei por apromptar alguns centos, trocando por clavinotes os que tem o primeiro regimento de cavallaria, e mandando encurtar outras. Talvez lhe possa mandar até 200 ainda no corrente mez: e como nesse Arsenal ha algumas desconcertadas, remetta-m'as V. Ex.ª com brevidade e voltarão logo concertadas.

Bem estimo que reduza o numero das Barcas de Vapor, ás indispensaveis que fazem muita despesa, mas deverá conservar pelo menos a *Fluminense*, e a *Campista*, ou a *Gentil Campista*, no caso de que a *Amelia* tenha de sahir dahi: os Barcos de Vapor são agente governativo muito importante, e antes tenha V. Ex.ª de mais que de menos.

Vejo que não poderá entrar em operações antes de Janeiro para dar tempo a que a cavalhada se reponha: foi isso o que aqui ajustamos: he regra que não admitte excepção—em nenhum caso se deve antecipar as epochas—: quinze dias mais que V. Ex.ª se demore para apromptar cavallos, achando-nos ainda em Dezembro, longe de atrazar a campanha a deverá adiantar nos resultados. Em todo o caso não escapará a sua penetração a ne-

cessidade de operar de modo que os rebeldes não venham invadir o territorio conquistado, passando-se para a retaguarda como aconteceu a João Paulo.

Nada mais sobre a reunião de gente dessa provincia, projecto em que fallamos: gente sem desciplina para pouco vale, mas pode servir para um golpe de mão, e sempre será bom tentar, se vir que dahi pode tirar proveito.

Como acredito pouco em Guardas Nacionaes se bem que as do Rio Grande sejam uma excepção, muito estimaria que V. Ex.ª podesse elevar a força em dois Regimentos de Cavallaria de linha, enviando para elles os recrutas hidos daqui, e feitos ahi que forem para isso idoneos: creio que nisto concordamos, e V. Ex.ª fará se poder.

Sou &

Rio 1.° de Janeiro de 1842.

Ex.mo Sr. Barão.

Hontem entrou aqui a *Gentil Campista*, e o *Todos os Santos*, trasendo a importante noticia da prisão do Tobias, acompanhada da participação do pequeno revez que nossas armas soffrerão por se terem despresado as ordens do governo e embora a perda physica fosse pequena a impressão moral é dolorosa: V. Ex.ª fes bem em mandar responsabilisar a Phelippe Nery: he mais um facto que confirma a opinião que este general tem de pouco feliz.

Não pude responder por este vapor a seos officios o que farei pelo primeiro que sahir, para não demorar a remessa das poucas praças do 8.° que vieram de Pernambuco.

Chegou aqui tambem no dia 28 de Desembro o Batalhão Provisorio de Pernambuco, q.' traz boa gente, com 300 praças; e hontem entraram 50 do Maranhão: com estas, e algumas do Deposito trato de o elevar a 500 praças e quero ver se pode sahir ainda neste mez para essa Provincia.

Segundo todas as noticias mal estamos de cavalhada, e isto me aflige sobremaneira, e apenas me anima a certeza de que V. Ex.ª saberá vencer impossiveis, e alguns cavallos poderá arranjar poder principiar com vantagem as operações.

Não me pareceo bem que o Brigadeiro J.° M.ª se retirasse do Exercito antes de V. Ex.ª a elle chegar, expondo-o a algum acontecimento desagradavel, arriscando-se assim a perder o m.to bom conceito que mereceo durante o seo commando, que desempenhou mui bem desenvolvendo m.to acerto e g.de actividade.

Nesta occasião vão diversos subalternos e Alferes de Commissão a maior parte delles nomeados por V. Ex.ª em S. Paulo e Minas, supponho que todos ahi serão necessarios e bom será que tenhão occasião de faser serviços para poderem ser confirmados.

Entre elles vae o Cap.ᵐ de Commissão Sabino, que por si se faz recommendavel: pode empregal-o no seo posto, mas não o considere como Major, que impossivel será confirmal-o, mesmo em capitão, e apenas poderia ser despachado Capitão Honorario; em attenção aos bons serviços do Maranhão se ahi fisesse mais algus.

E por esta occasião de novo lhe recommendo que seja parco e muito justo em conceder graduações mesmo no campo da batalha, e que se não fie em informações sem maduro exame, porque tenho tido o desgosto de ouvir muitas censuras a respeito de alguns de S. Paulo e Minas por V. Ex.ª promovidos, até de officiaes que lá se achavam, que disem haver sido V. Ex.ª illudido: O credito de V. Ex.ª e o meu fica compromettido com taes actos, e elles perdem todo o merecimento quando se multiplicão, e não assentão sobre actos de valor extraordinario.

Agora acaba o Governo de saber da grande derrota que soffreo o general Rivera, e que provavelmente procurará faser juncção com os Rebeldes: impossivel é poder dar a V. Ex.ª instrucções acertadas sobre o que convirá obrar se tal acontecimento se vecrificar: mas em todo cazo urge que V. Ex.ª marche para o Exercito, se já lá não estiver, e que apresse qualquer golpe possivel sobre os mesmos rebeldes a estes dividirem as suas forças mandando algumas em soccorro de Fructuoso Rivera e talvez dahi venha boa occasião de procurar cavallos nos logares, onde segundo os contractos feitos pelo Dr. Saturnino devem estar comprados.

Mas tudo isto não passão de lembrança de amigo sem que nisto entre o Ministro: e este apenas lhe observa que se com effeito se vier verificar qualquer juncção de forças rebeldes com as de Rivera, V. Ex.ª se achará collocado em circunstancias muito delicadas, em que toda se requer a mais reflectida conducta: sendo a regra nada arriscar sem a certeza de bom exito de uma grande acção ou pelo menos da adquisição de boa porção de cavallos; e convirá que active sua correspondencia com o governo para que este possa deliberar o que mais convier &.

Quem ler estas cartas que não eram escriptas p.ª o publico extasia-se diante da pureza das intenções e dos elevados conceitos nellas manifestados.

Economia dos dinheiros publicos—destino aos officiaes que despendiam e nada faziam—energia contra os poderosos—justo para com todos—maduro exame quanto as promoções no campo da batalha para que não ficasse compromettido o credito do ministro e do general — taes eram os sentimentos que dominavam naquelle grande servidor da patria!

Patriota, politico moderado, administrador, legislador provecto, tão poderosa personalidade ainda conseguiu impor-se a gratidão nacional pelos grandes serviços que prestou a humanidade.

Em boa hora chamado a exercer o cargo de Provedor de Santa Casa de Mesiricordia do Rio, approveitou-se de sua elevada posição para crear e organizar esses notaveis estabelecimentos de caridade que tanto nos orgulham.

Não posso concluir este rapido esboço sem fazer uma reivindicação historica.

No Decreto n. 82 de 18 de Julho de 1841, declara o Imperador—que desejando assignalar o dia da sua sagração com um estabelecimento de publica beneficencia—havia por bem fundar um Hospital destinado para o tratamento de alienados, com a denominação de—*Hospital D. Pedro II*—que ficaria annexo ao Hospital de Santa Casa de Misericordia, sob sua protecção applicando para principio de sua fundação o producto das subscripções promovidas por uma commissão da Praça do Commercio e pelo Provedor da sobredita Santa Casa.

Quem ler hoje esse decreto publicado a meio seculo ficará convencido que a idéia grandiosa partira do grande philantropo que se chamou Pedro II.

Não fôra do Imperador a idéia—mas o notavel commettimento é idêa exclusiva de José Clemente.

Quando o golpe de Estado da maioridade elevou ao throno o jovem Imperador, já aquella grandiosa idéa estava iniciada e em grande adeantamento—e o seu creador já possuia as plantas e os orçamentos do magestoso edificio.

Nas lojas maçonicas começára elle muito antes a promover os meios que lhe permittissem iniciar a idéa humanitaria.

Si mais tarde solicitou a intervenção do jovem monarcha o fez como patriota e politico—Imitando a Richelieu e a Colbert procurava illustrar o inicio de um reinado e interessar na obra grandiosa o unico que podia sanccionar aquelle imposto que elle lançará na «*vaidade humana*».

O autographo que passo a ler, alem de ser um documento precioso é uma mimosa peça de oratoria.

José Clemente expande nelle — suas queixas, seus intimos pensamentos, seu intenso amor, sua immensa caridade para com os infelizes.

Em nenhum documento se póde melhor estudar a poderosa individualidade daquelle benemerito como neste discurso. Basta notar que elle acreditava que os pensamentos que emittio ficariam sempre no olvido—e nunca ultrapassariam as columnas do Templo! Fallava para o tumulo!!

Foi recitado em uma festa que se realizou na loja maçonica denominada Regeneração em 1839—e por esse mesmo documento se verifica que no Grande Oriente, já ficára anteriormente aberto um outro *tronco* para nelle ser depositado o obulo com o qual os filhos da viuva concorreriam para a realização daquella obra monumental ideada pelos impulsos caridosos do maior amigo da humanidade que teve até hoje o Brazil!

A Gl.·. do Sup.·. A.·. do Un.·.

A R.·. L.·. Regeneração, e a todos II.·. presentes.

S.·. F.·. M.·.

Como é respeitavel, magestozo e aprasivel este logar!

Aqui é a mansão da paz, o templo da virtude, o asilo dos desvalidos!

O asilo dos desvliados, disse eu! oh! que titulo tão glorioso! e como deve encher-se de nobre orgulho esta A.·. L.·. por devidamente o merecer?

Que importão todos os titulos de gloria neste vale de lagrimas, o que são mesmo todas as virtudes, se caridade não apparece a frente dellas?

E que prazer ha no mundo mais capaz de embriagar a alma de um verdadeiro maçon, sem a fatigar, que o de fazer bem aos desvalidos?

Embora o Capitão feliz se ensoberbeça de ver manietada ao carro dos seus triumphos a magestade de poderosos princepes que derrotara, embora o dissimulado diplomata se vanglorie de ter obtido para a sua nação vantajosos tractados, devidos aos manejos de sua astuciosa politica, embora o philosopho se lisongee de ter eternisado seu nome com a descoberta de importantes segredos da natureza, ou com a producção de novos tractados sobre os direitos do homem, todo esse orgulho, essas vaidades, essas glorias murchão, abatem-se e dasapparecem diante da humilde caridade de um João de Deos, de Vicente Paula e de José de Anchieta!!!

Não pareça extranho, MM.·. CC.·. I.·. que em dia tão magestoso, em quanto eloquentes vozes se tem levantado para tecer louvores bem merecidos as novas Dignidades e officiaes que acabão de tomar assento e expor em bem traçadas peças de architectura as excellencias da nossa A.·. O.·., eu escolhesse por tema chamar vossa attenção sobre a pratica da charidade: o assumpto é Maçonico, pois que a charidade é o verdadeiro fim, da instituição da Or.·. Sublime: o mais proprio do dia por que a charidade é o timbre que caracterisa a A.·. L.·. Regeneração, o mais bem escolhido portanto para tecer os encomios de seus zelosos operarios; é tambem o mais congenito com os meus naturaes sentimentos, que, de uma grande lição do mundo, tem colhido em resultado a convicção de que só ha verdadeira consolação nos actos de beneficiencia a desvalidos.

E como não escolheria eu com preferencia este assumpto tendo de dirigir-me a II.·. que proffessão sentimentos iguaes aos meus e achando-me no recintho da A.·. L.·. Regeneração que tem por timbre a pratica da charidade verdadeiro asilo de desvalidos?

E si alguem duvida desta verdade compulse as actas das suas sessões e ahi achará uma extensa lista de desvalidos por ella charitativamente soccorridos!

Mas que? Será accaso esta verdade por algum de vos desconhecida?

Vós mesmo, CC.·. II.·. que me honraes com tão benigna attenção, todos, ou pelo menos a maior parte, não presenceastes haverá um anno, em dia igual ao de hoje, o nobre enthusiasmo, e ardente zelo de charidade com que esta R.·. L.·. votou, ajudada dos vossos suffragios, louvores vos sejam dados, um valioso soccorro, superior ás suas forças, mas muito abaixo dos seus, desejos, a beneficio dos infelizes desvalidos da Bahia, victimas da sua lealdade ás instituições do Paiz e ao Trono do nosso adorado Soberano? E embora fosse ella seguida por suas queridas Irmãs, não lhe cabe a gloria de ter sido a primeira em lhe dar o exemplo?

Dirigindo-me agora com especialidade á vós, dignos operarios deste Templo, a cujo quadro me vanglorio de pertencer, permitti que eu vos convide para um novo acto de beneficencia, superior no valor do merecimento pela grandeza do objecto a que se dirige a todos os que tendes até hoje praticados e que tornará immortal a memoria da festividade que hoje com tanto jubilio celebramos.

Em todo o mundo civilisado se tem creado asilos adequados para tratamento dos miseros alienados: entre nós a desgraça da

perda do juizo parece estar qualificada de crime atroz, pois é punida com prisão perpetua, que, pela natureza do carcere em que se executa, se converte ordinariamente na de morte! Não ha exageração, CC.·. II.·. digo a verdade pura: transportai-vos ao Hospital de Santa Casa de Misericordia e ahi encontrareis, com inexplicavel magoa o digo, um sem numero de infelizes alienados encarcerados em estreitos cubiculos, privados de toda e qualquer vista, que até a do céo lhe é vedada, e até do ar necessario para a vida, recebendo apenas uma excassa luz emprestada! Assim os infelizes vão caminhando todos, daquelle lugar de martirio para o Cemiterio, definhados, tisicos ou hydropicos!

Chamado pela Divina Providencia para velar sobre a sorte destes infelizes, como primeiro administrador do Hospital que os tem encarcerados, faltaria ao meu primeiro dever como Maçon e como homem se deixasse de empenhar os maiores exforços por aliviar a sua sorte; e com estas vistas tenho concebido o projecto de dar principio a um Hospicio de Alienados, segundo o plano dos melhores deste genero: embora a difficuldade dos meios oponha obstaculo ao parecer invencives: em obras que interessão de tão perto a humanidade, lançada a primeira pedra o edificio cresce, pois tem por operarios todos os que dedicão a levantar templo á virtude:

Já o Soberano Gr.·. O.·. tomou este negocio em consideração e prometteu auxilia-lo; e eu bem desejava que a Instituição de estabelecimento tão philantropico devesse a sua origem a nossa A.·. Or.·. dando assim aos profanos uma nova prova de que os Maçons tem por unico fim da sua instituição a pratica de actos de beneficiencia e caridade.

Caiba pois a esta A.·. L.·. a gloria de tomar parte em tão importante obra de caridade: concorrendo para ella com a beneficiencia que suas circumstancias permittirem: o acto é em si grande, e digno da magestade do dia que celebramos e se o anno de 1838 foi grande para esta A.·. L.·. por outro igual acto de beneficiencia que em dia semelhante praticou, maior será o de 1839 se o que proponho merecer nova consideração como espero: de uma de vossas columnas os desvalidos da Bahia da outra os infelizes alienados, e eu com elles echoaremos aggradecidos vivas a R.·. L.·. Regeneração.

J. Clemente Pereira 33.·.

2.° Gr.·. M.·. Adj.·.

De 1838 até o dia 10 de Março de 1854 em que falleceu esteve José Clemente no exercicio effectivo de cargo de Provedor da Santa Casa de Mesericordia—e esse periodo relativamente pequeno—16 annos apenas—foi-lhe sufficiente para realizar grandiosos emprehendimentos—reformou a administração da S.ta Casa o que concorreu para augmentar annualmente o patrimonio da Irmandade. Organizou o Cemiterio do Cajú, pelo horror que lhe causava o enterramento das valas da mesiricordia. Erigiu o Hospital da Praia de Santa Luzia, grandioso edificio que nos causa orgulho. Fez construir nova casa para os expostos—Melhorou o recolhimento dos Orphams e construiu o Hospicio de Alienados de Pedro 2.° !

Nesse mesmo periodo de 1838 á 54 foi ministro em periodo difficil, teve de trabalhar para a pacificação de duas provincias, legislou, collaborou e inspirou os nossos codigos, presidiu a Tribunaes e ainda lhe sobrava tempo para duas veses por semana, vestir sua farda de Sevador constellada de honrosissimas condecorações nacionaes e extrangeiras—para cobril-a com a humilde ópa da Irmandade da Mesiricordia—e de cabeça descoberta e de sacola em punho, lá hia fazer visita semanal aos bancos e as grandes casas commerciaes—recebendo por toda a parte de nacionaes e extrangeiros juntamente com o obulo da caridade as maiores demonstrações de respeito de todos quantos admiravam os supremos esforços que empregava para melhorar a sorte dos infelises.

Em um paiz e em uma épocha na qual estava-se acostumado a presenciar todos os dias a mudança de nomes proprios para titulos nobiliarchicos, torna-se notavel não ter sido José Clemente contemplado nas graças imperiaes até aos 62 annos de edade e depois de 40 annos de serviços excepcionaes e inimitaveis.

E' sabido que elle era um homem chão, despido de todas as vaidades humanas, e que sempre se recusara acceitar dos governos titulos, muitas vezes offerecidos.

Houve porêm um momento em que elle foi obrigado a declarar que acceitava um titulo nobiliarchico.

O Imperador, para satisfazer os impulsos do seu coração bem conformado tinha por costume praticar actos de caridade em favor dos infelizes, quando a Egreja solemnizava os grandes dias de Sexta-feira Santa e de Passos.

No anno de 1854, conjunctamente com o perdão que sempre concedia aos desgraçados, resolveu dar uma grande demonstração de affecto a quem tanto illustrara seu reinado.

Dois dias antes da festa de Passos, ordenou á um dos seus semanarios, pessôa depois intimamente ligada a quem vos fala,

que fosse prevenir a José Clemente que desejava agracial-o por occasião daquelle festa como prova de amisade e pelo muito que já havia feito pelos infelizes. Offerecia-lhe a Grãn Cruz de N. S. Jesus Christo, ou o titulo de Conde, á sua escolha.

Recebendo em seu escriptorio o enviado do Imperador, que era um amigo, não esperava ser sorprehendido por aquella prova da amisade imperial.

Levantou-se agitadissimo e depois de passear alguns momentos pelo escriptorio, parou em frente do emissario do Imperador, e quando levantou a fronte que conservara curvada, estava com os grandes olhos meigos marejados de lagrimas.

Diga ao Imperador que só profundo respeito e amisade que tributo a sua pessoa, determinam-me a acceitar a honrosa distinção—Eu não a poderia recusar!

Mas o que devo escolher.

Si fosse attender ao meu orgulho eu acceitaria a Gran Cruz de N. S. Jesus Christo, distincção que só tem cabido a principes e Imperantes.

Mas querendo S. M. distinguir-me pelos serviços que prestei a humanidade, devo lembrar-me que esses serviços não pertencem só a mim. Eu era cheio de bôa vontade, mas pobre de recursos. Tudo quanto fiz foi com o dinheiro della (e apontava para o retrato da futura Condessa da Piedade), foi ella quem me abriu a bolsa, que correu diante de meus desejos, que me animava, que me incitava a emprehender obras acima de minhas forças!

Como poderei hoje receber uma graça que não possa repartir com ella?

Vá! Diga ao Imperador que acceito o titulo de Conde, á sua escolha.

Foi grande o contentamento do Imperador quando o Visconde de Itaúna, seu medico deu-lhe conta da sua conferencia com o benemerito Provedor de Santa Casa de Misericordia.

Mas facto notavel! A Magestade Divina não quiz ceder o passo á magestade terrestre—dois dias depois, quando José Clemente acabava de carregar o pallio, cahia fulminado pela morte do justo!

Não quiz a Providencia que no fim de seus dias o venerando servidor da patria e da humanidade trocasse o nome que illustrava, por outro que necessariamente havia de illustrar.

A noticia inesperada da morte desse grande humanitario echoou tristemente na capital do Rio de Janeiro.

Recebendo a noticia o Imperador sentou-se junto a uma Secretaria e não conseguiu comprimir lagrimas abundantes! — «foi

a unica vez que o vi assim chorar», disse-me quem o acompanhou por muitos annos e esteve presente em momentos de grandes dores.

Depois, extremamente nervoso tomou uma folha de papel e riscando e alterando redigiu o Decreto de de de 1845—ordenando a seu mordomo que mandasse collocar á sua custa o busto de José Clemente em frente ao seu na salla de honra do Hospicio de Alienados: concluindo entregou a minuta para ser presente ao mordomo.

Pouco depois assignava o Decreto, guardando o Visconde de Ituna o precioso autographo.

Até hoje, já está decorrido meio seculo que José Clemente baixou ao tumulo, e só o Imperador tributou lembrança duradoura á memoria daquelle genio do bem!

Cumpriu o seu dever, mas a nação ainda está em divida com o mais notavel e dedicado servidor que teve a patria!

Satisfará ella algum dia o seu debito?

S. Paulo, 4 de Maio de 1901.

João Moraes.

Festas tradicionaes

MEMORIA LIDA NO INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO DE S. PAULO

PELO SOCIO JOÃO VAMPRÉ

Da veniam scriptis, quorum non gloria nobis
Causa, sed utilitas officiumque fui'.

(OVIDIUS)

Algo têm sempre de proveitoso e interessante excursões pelos serenos e encantados dominios dos costumes e lendas populares, resistentes reliquias de épochas amalgamadas por processos sociaes e ethnicos que se transformaram, no embate e no transcorrer das civilizações.

Surprehender o povo precisamente naquillo que elle tem de mais vasto, de mais alevantado, de mais original—as festas tradicionaes, é, sem contestação, de grande e elevado interesse moral e esthetico.

Si eu fosse poeta, si algum dia pudesse tomar as vestes talares da arte para officiar, edificaria um gracioso templo de minha adoração, especie de Kaaba, onde o *Sancta-Sanctorum* do meu culto seria este mixto de imaginação, sentimento e arte, em que se desenham e colorem quadros de affectos apaixonados e em que se esbatem, em doces e suaves reverberos, os mysticos impulsos do coração...

A evolução retrospectiva em torno dessas edades inunda, alaga os espiritos de clarões inesperados. Nellas o homem retempera a alma e reabre os olhos para a grande natureza, e é então que elle aguça e fortalece o seu ser, na palpitação dessas energias esparsas, reconstructoras do mundo moral, que acodem pelo nome de amor, paixão, enthusiasmo, desinteresse e arte.

Parece, entretanto, já não possuimos patria e capitolio onde pendurar em votivas oblações os loiros das nossas lendas caroaveis.

Confrange-me devéras a alma esguardar a patria, idolo de tantas blandicias, fructo de tantos sacrificios, objecto de tantos cuidados, motivos de tantas duvidas e tantas esperanças, estioladas em laivos de pugentissima amargura. Ella que já se garniu de louçanias e flores em épochas que não vão longe!

Tivesse eu a sorte do mergulhador de Schiller, e lá me ia buscar as tuas gemmas preciosas e inestimaveis!

Espiritos menos ciosos das nossas tradições averbar-me-ão de idealista. Mas que é o ideal sinão a propria realidade considerada em si, abstracção feita de suas imperfeições?

Assim já o doutrinava um dos precursores da eschola racionalista, o divino Platão (1).

Só o subjectivo é sublime. Onde existe o sublime ahi reside o ideal.—O ideal é este immenso Cosmos em que habitamos. Vemol-o em tudo e por toda a parte: no concerto harmonico das constellações, no raio que chammeja no horisonte, na crista altaneira da serra, na pujante uberdade vegetativa dos tropicos, no escachoar eterno das vagas, nas linhas de que se forma a ave do paraiso e nos graciosos recortes de uma flôr.

Os astros que brilham, o raio que fusila, o mar que brame, a montanha que divisa, a vegetação que embalsama, a ave que gorgeia, a flôr que inebria, tudo isto é o ideal, porque o ideal é a realidade!

Que mysteriosa, que irrevelavel consonancia entre o Cosmos e o ideal, entre o espirito e a natureza, entre a natureza e a psychologia!

«Que exquisita, que surprehendente harmonia entre o mundo interior e o mundo exterior, entre a esphera do cerebro e a esphera do horisonte, o brilho da idéa e o brilho dos astros, a sympathia e a attracção, o enthusiasmo e o movimento, as paixões e o fogo, os prantos e as chuvas, as dôres e os tormentos, o fluido vital que deriva pelos nervos e o fluido electrico que serpenteia pelas nuvens!»

---

(1) Bertrand—*Lexique de Philosophie.*

E em tudo isto, na tela azul do espaço, na aurora boreal, na fulgida congestão do sol poente, no sussurro da cascata, no rhythmo dos ultimos cantos dos passaros, no bastidor da relva pontuada de matizes, na sympathica tranquillidade das coisas, no encanto impenetravel das lendas, como que a entremostrar-se uma harmonia, um doce connubio onde se retrata o raio sublime do bello.

Luz, calor, electricidade, idéa, pensamento não seriam mais do que aspectos de uma mesma força, emanações de uma mesma substancia, particulas indestructiveis da grande alma, creadora, universal e eterna, que hoje se concreta numa fórma material e transitoria, mas que logo se subtiliza e evola para novos e mysteriosos destinos; que no céo é astro e que na terra é homem; que em Jesus é a piedade e que é a traição em Judas, e que tanto scintilla no clarão de uma estrella, como na inspiração de um poeta. Amor, odio, luz, calor, canto e perfume, tudo simples modalidades, fórmas e apparencias transitorias, condensações e emanações de um só e mesmo Ser. Fluido universal, alma mater, substancia eterna e una!

Eis aqui porque em Esthetica eu adopto a definição do Bello assim formulada por S. Thomaz de Aquino: *Resplendencia formæ super partes materiæ proportionatas, vel super diversas vires vel actiones:* O Bello é o esplendor communicado pela fórma ás diversas partes da materia, ou a varios principios, a varias acções harmonicamente unidas em um mesmo todo.

Ninguem melhor do que o eminente naturalista Pasteur mostrou o influxo das idéas estheticas sobre as lettras.

«Feliz aquelle que tem em si um ideal de belleza e lhe obedece: ahi estão as fontes vivas dos grandes pensamentos, das grandes acções. Todos se illuminam dos reflexos do Infinito».

Tão admiravel é a physica do espirito como a psychologia do universo. Idéa ou imagem deve ser cousa viva e como tal se arremessa ao remoinho da vida para ir rolar com ella, sob pleno sol.

Servindo-me de axioma de Scherer, direi que o realismo e o idealismo não são duas doutrinas, dous systemas, dous modos de comprehender a arte, mas dois polos entre os quaes gyra toda a concepção artistica da humanidade.

Effectivamente, a natureza em si está impregnada de ideal: ella e a realidade não passam de symbolos, que, para terem expressão, carecem do trabalho subjectivo da idealização.

Esse periodo, por assim dizer, syncretico, em que se baralham, em que se mesclam a impressão e a realidade, não é facto excepcional, anecdotico, sinão um estado moral commum.

O homem reputa realidades os seus modos de ver phantasistas, como sabemos pelas idéas do systema do mundo, pela idéa da configuração da terra etc.; e ao mesmo tempo elle reduz a realidade ás condições da sua intelligencia.

Em epochas de civilização bastante remotas, temos exemplos authenticos desse syncretismo das impressões.

Conta-se que na tragedia de Eschyllo—as *Eumenides*—, a scena em que apparecem as furias com cabellos desgrenhados, que são madeixas de serpentes, uivando e seguindo Orestes, causava tal impressão. que as mulheres abortavam e as creanças marasmavam-se com o susto.

O effeito da representação do *Othello* em Hamburgo assim o descreve Otto Müller:

«As portas dos camarotes abriam-se e fechavam-se, quem sahia, quem era levado sem sentidos, e podemos assegurar que muitas senhoras de Hamburgo, por terem assistido a essa representação, passaram pelos mais lamentaveis accidentes. A peça terminou deante de um publico silencioso; a impressão da catastrophe foi tão profunda, que depois de baixar o panno não houve applauso algum.

Cada qual se deu pressa em sahir, como alliviado de um grande peso».

Victor Fournel, nas suas *Curiosités dramatiques*, diz que em uma representação do *Mérope*, de Voltaire, no momento em que mademoiselle Du Mésnil, que desempenhava esta parte, erguia o punhal para matar Egistho, act. III, sc. IV, levantou-se uma voz soluçante, dizendo dentre a multidão: Não o mateis, que elle é vosso filho. (1).

Massilon, na *Notre Dame*, descrevendo o juizo final, tão vivamente impressionou o auditorio, que este prorompem em alarido, deixando a egreja.

Como este, ha uma infinidade de factos, cada qual mais pinturesco e ingenuo, que em tomamos as impressões pela realidade correlata. O phenomeno que aqui observamos offerece um simile com o que notamos nas artes, consoante o douto pensar de sir Raynold.

«As idéas e a belleza são caminhos differentes da mesma expressão das coisas, dir-se-ia que estes dois caminhos produzem uma harmonia providencial confortadora».

Si o olho é, como preceituava o auctor do Fausto, um producto da luz, si a verdade desta arrojada asserção a respeito de

---

(1) Theophilo Braga—*As Modernas Idéas de Litt. Contemporanea.*

todos os orgams vegetaes e animaes tem sido cabalmente demonstrada pelos progerssos da biologia moderna, não é menos certo que as tradições—estes elementos da morphologia universal das litteraturas, são o producto, a resultante desse syncretismo, dessa emotividade sensorial que nos conduz ás relações entre a natureza cosmica e o moral.

Sylvio Romero, este poderoso espirito que, com o talismanico poder de seu genio, tem o «officio de extrahir auroras de todos os crepusculos e coar alegria de todos os desmaios», Sylvio Romero escreve: «Não sei como não possam ter *interesse esthetico* inspirações do povo, que vão servir para realçar as producções de um Goethe, de um Heine, de um Weber; não sei como se possa negar *interesse psychologico nacional* ás creações espontaneas do genio popular, onde se encontram monumentos como os *Vedas*, as epopéas indianas, o *Shah-Nemeh*, os *Niebelungen*, as Sagas *scandinavas*, não falando já na *Iliada* e na *Odysséa* de Homero; não sei como não mostram *interesse historico* esses documentos das raças quando não tinham ellas ainda sahido daquelle synchronismo primitivo, em que a religião, a moral, o direito e a poesia repousavam juntos num todo immenso e indistincto, ou mesmo em epochas recentes e nos dias de hoje, quando as populações incultas repetem as lendas e as canções que uma longa tradição lhes deixou!»

Realmente, por minha vez o digo, não sei como não possam ter significação nem interesse essas *litteraturas irreflectidas oraes*, por assim dizer *faladas*, esses jactos nativos e inconscientes da espontaneidade popular.

Para que as florações litterarias e anonymas tenham a sua vida dramatica no seio das sociedades em que se formam, amalgamam e agitam, cumpre não percamos de vista, sempre que estudarmos um povo—o factor ethnico.

E é por isso que as tradições, como a moral, como o direito, como todas as manifestações da actividade humana, como todos os phenomenos do universo, obedecem a uma grande lei de desenvolvimento, e nunca jámais se extinguirão!

«De onde promanam, exclama Rénan, tantas vistas novas sobre a marcha das litteraturas, e do espirito humano, sobre as edades primitivas, sinão do estudo paciente dos mais aridos detalhes?!

Vico, Wolf, Niebuhr, Straus, teriam enriquecido o pensamento com tantos aspectos novos, sem a maîs minuciosa erudição»? (1).

---

(1) Renan, *Avenir de la Science*, pag. 271.

A poesia popular, a poesia espontanea é um dos mais attrahentes e fecundos productos do espirito humano. E' ella a inspiradora secreta da grande arte como dos grandes pensamentos..

O canto dos povos é um como estimulo de força, um immenso aspirar á duração como si um instincto secreto lhes revelasse que toda a nacionalidade é uma fracção do quadro enorme da Historia tracejado pelo pincel vagaroso dos seculos.

As tradições são, pois, um dos modos de vida social—a vida pela emoção até onde póde chegar a vida pelo amor.

O seu objecto é o bello, o ideal, que forceja por adaptar-se ás fórmas sociaes. E neste particular estou com Spencer, quando diz que idéas e sentimentos se devem accommodar ao estado social. (1)

Ellas tornam-se tanto mais estheticas, garrulas, encantadoras e juvenis quanto mais, systematica ou inconscientemente, se pretende desvestil-as e desnudal-as da sua primitiva simpleza e originalidade.

Parece, entretanto, que o actual momento historico até as proprias palavras já não correspondem a idéas, principalmente si as idéas accusam por seu turno phenomenos psychologicos que á mente evocam longes de felicidade.

Tudo quanto na nossa terra tornava a existencia heroica e bella, tudo quanto a envolvia em um nimbo de doce e meiga poesia, tudo quanto na vida punha uma nota alacre de vibrante emoção ou de cariciosa e amoravel meiguice, tudo isto desappareceu, para dar logar á peior das situações moraes:—a de uma patria abatida, desvirilisada, só porque impertinentemente se querem apagadas a luz redemptora das tradicções, as nossas lendas mais santas.

Tudo se tem confundido e congelado. Dir-se-ia que um hervaçal de lichens rasteiro e damninho acolchoou as nossas lendas.

Onde as esveltas e formosas libellulas, onde as setinosas e candidas borboletas que povoam e opulentam os vergeis das tradições patrias?

Tudo melancolico e nostalgico como sudario de brum a em dias caliginosos.

Só os povos crepusculares e nocturnos chasqueiam do passado.

O desprezo pelo passado demonstra evidentemente uma degradação intellectual, denota no individuo e no povo um estado de selvatica rudeza.

---

(1) Spencer—*Justice*. pag. 39.

Uma religião a que se elimina o ritual, desapparece; um povo que oblitera lendas e costumes herdados dos seus ancestraes é um povo fanado e inconsciente.

O mister de recordar o passado, observa Alexandre Herculano, é uma especie de magistratura moral, é um sacerdocio.

Uma perspectiva bem triste que se desenha aos nossos olhos, impressionando nossas retinas, é ver um povo que se arruina e perece por falta de carinho pelo passado.

Informa-nos abalizado escriptor que no portiço da nova casa do parlamento allemão existe, entre outros, o retrato de um celebre deputado liberal Carlos Mathy, debaixo do qual se leem as seguintes palavras suas: *A liberdade é o preço da victoria que adquirimos sobre nós mesmos.* E' esta que deve constituir o nosso escopo, é desta que carecemos. Como esquecel-a? Como desprezal-a?

Os povos representativos das grandes correntes civilisatrizes respeitam e acariciam as tradições que ligam o presente ao passado. Assim já o doutrinava Cicero.

O povo chinez, que, no dizer insuspeito de expositores, em pintura nunca descobriu a perspectiva, esse povo, repito, na sua estatica social, e o inglez na sua poderosa dynamica, na fórma superior da sua governamentação, têm ambos o culto do passado, o amor das tradições.

A raiz mais profunda do caracter inglez é o respeito.

«O inglez venera por instincto; e nisto consiste o proprio nervo de sua força collectiva. Venera tudo com insistencia, e por isto tambem, quando o idolo se parte, destroe com energia.

Em parte alguma do mundo o dito de que a religião é um freio tem uma verdade mais incontestavel.» (1)

Parece que o firmamento britanico banha em ondas luminosas as suas festas mais intimas.

O coração inglez, que a natureza povôou de ternissimos affectos, illumina-se nos dias de festa nacional, de matizes vernaes e primaverinos.

Ah! mas que bella e santa que não é essa rotina! Porque, como o inglez, não amaremos com aquella attenção demorada, fiel, crente, cariciosa, as nossas tradições?!

Rotineiro, exclama eruditamente Ramalho Ortigão, rotineiro é tambem o hollandez,—rotineiro das suas tradições, dos seus costumes dos seus principios; e é essa a grande base da sua força cohesiva como nação e da sua originalidade como povo.

---

(1) Oliveira Martins—*A Inglaterra de hoje* pag. 75.

O mais precioso testemunho da *maneira* allemã é a sua— vida de unidade sentimental e integridade indivisivel.

O *Niebelungenlied*, poema da edade cavalheiresca, trabalhado no formidavel embate dos Barbaros, ainda hoje vive e continua a operar com a primitiva força, offerecendo-nos o grandioso espectaculo do seu profundissimo caracter sentimental.

E como não amar um povo destes as suas tradições! «Um povo que, consoante o douto sentir de George Brandes, produziu uma nova metaphysica tão rica e tão profunda como não mais apareceu desde os dias de Aristoteles e dos neo-platonicos; uma nova poesia, a mais bella que surgiu desde o tempo de Shakespeare; emfim, um povo que fundou um novo modo de tractar a historia, a mythologia e a poetica!» (1)

Uma raça assim tão nobre e viril, affeita aos grandes lances e arroubos do pensamento, não póde deixar de sentir acendrado amor pelas suas tradições.

Homero, o mais celebre dos poetas antigos, cuja patria foi disputada pelas mais importantes cidades de Grecia, enchia o mundo com os cantos fabulosos da Iliada e da Odysséa, — admirando a belleza varonil nos relevos musculares do heróe, no collo eburneo, no humero forte do guerreiro, e adorando os encantos feminis com inexprimivel avidez no primor das fórmas e contornos virgineos, através do tenue e albente linho da encantadora Ionia.

Wolfren, o mais celebre dos poetas antigos da Allemanha, incontestavelmente o primeiro *poeta culto* do seu tempo, tambem nos enche de admiração e de respeito com a sua monumental obra—o *Parsival*,—poema penetrado de erudição profunda, que pinta e desenha, não acções bellicosas e feições esculpturaes de um povo, sinão os «feitos do espirito, a lucta do espirito com o mundo, a lucta do orgulho com a humildade.»

O legado dessa esmeralda translucida, entalhada como um padrão sacrosanto e exelso no frontespicio da cultura tedesca, foi a plastica de que se serviu Wagner para modelar—uma das mais harmonicas e rythmicas de suas ultimas operas.

Ha alli algo de similhante ao perfume classico das regiões hellenicas, «onde os athenienses iam apurar os sentimentos da— Arte glorificando a poesia nos cantos de Pindaro e nos versos de Corina, sagrando o triumpho eterno da fórma e da belleza no extasis da contemplação dos contornos impeccaveis de Phrynéa, a Venus do divino Praxitelles.

---

(1) Tobias Barreto—*Estudos Allemães* pag. 122.

Vejamos ainda: na Hespanha o *Poema do Cid* e o *Romancero,* em França as *Canções de Rolando,* — pedindo meças todos elles ás epopéas homericas na opulencia da invenção e na sublime simplicidade, verdadeira *Iliada* sem Homero, como acertada e pittorescamente lhe chamou Gauthier.

«Só os povos atrazados, escreve persuasivamente Eduardo Prado, só os povos atrazados é que renegam o passado, o espirito humano tem sêde de certeza, lucta e soffre por ella, e só a historia, na sua mais ampla accepção, é que pode satisfazer a essa aspiração intellectual.

A cousa mais certa é o passado, disse Seneca, e na grande turba inconstante das cousas só é certo o que é já passado.

Aos homens de estudo, aquelles a quem hoje é corrente chamarem-se intellectuaes, o amor do que se passou, do que as gerações anteriores fizeram, tem um encanto excepcionalmente cheio de seducção e poesia·

O homem é de seu tempo; mais, quem tracta do passado não tem ambições a satisfazer, desejos a saciar.

Quem trata do passado é um desinteressado. Estudar a patria é votar a vida ao estudo, é dedical-a sem a mira do interesse.

A familia brazileira não possue, infelizmente, o respeito pela tradição. A emancipação lamentavel dos preconceitos familiares contribue para este desprezo do passado.

«A casa desorganiza-se e ninguem morre na casa em que nasceu; os moveis desapparecem, os retratos mais queridos da familia vão caminho dos quartos escuros, a propriedade dispersa-se por mãos de estranhos.

E aquillo que constitue as recordações mais gratas, as lembranças mais queridas da familia desapparece.

Tas são as consequencias da moderna organização social.»

São tão justas, tão sinceras, tão verazes as suas palavras que, por fim de contas, a gente se vê obrigado a acceital-a, embora com dolorosa e pungente amargura.

«No tempo antigo nascia-se, vivia-se *eternamente* e morria-se na mesma casa Havia mais amor ao lar e á familia, mais respeito á tradição. Era consolador, docemente consolador, lembrar-se a gente de que num mesmo leito haviam nascido e morrido seus avós; e, segundo todas as probabilidades, nelle a pessoa se despediria da existencia; e tambem os paes e os filhos e os filhos dos filhos; que, em tal poltrona, costumava sentar-se a bôa avôzinha, que narrava tão bellas historias de fadas e lobishomens; que nelle se senta agora a velha mãe, avó por sua vez, e que nós nella havemos de nos sentar um dia.

Hoje, é o contrario. Faz-se garbo em nada conhecer do passado. As pessoas ricas comprazem-se em reformar todos os annos o predio em que residem, pintando-o de novo, tirando-lhe a physionomia propria e expressiva. Propositalmente adquirem-se moveis frageis, que pouco durem, para que possam ser substituidos ao cabo de algum tempo.

Na alta sociedade é moda as pessoas que se casam passar a primeira noite no hotel de uma cidade, de villegiatura, ou a bordo vapor, em viagem para o extrangeiro... Si ha cousa mais triste, e ao mesmo tempo mais sem pudor, do que se celebrar o acto mais solemne da existencia humana num camarim de navio, ou num quarto de hospedaria, num leito prostituido por homens e mulheres de todas as raças, de todas as côres, de todas as partes da terra—viajantes do acaso que chegam e sáem... passam... vão... para nunca! nunca mais tornar!

A terra em que se produzem grandes sentimentos e grandes idéas tem um não sei que de mysterioso, de adoravel, de sacrosanto, que se communica, que se entorna no nosso espirito por um movimento inexprimivel de elexação e de respeito.

E a cada fórma nova que se desenha, a cada ficção que surge a cada sentimento que iriza, com elles vem tambem irisando a candida concepção do bem e do bello, que só o homem sentimental e affectivo póde traduzir.

Amar o tradicionalismo é sentir se a emoção pacificadora das cousas puras, sans e amorosas, como uma caricia, como um aconchego, uma revelação de mysticismos a irradiar se pelas almas generosas e patrioticas:

Os povos sãos e fortes, as nações masculas e livres, amam nas suas tradições a imagem de sua propria existencia, até por entre o variar infinito dos tempos, das coisas, dos systemas... Póde-se, de resto, viver dignamente, heroicamente, sem uma nesga do territorio do Acre, descontente pela falsidade das eleições, amargurado pela deshonestidade dos mesquinhos partidos.

Mas o que não se póde é respeitar e amar a vida na collectividade brazileira, quando nella não ha um ideal supremo, augusto, triumphante e divino, que se chamam as nossas tradições.

Mas quando, afinal, houvermos de ser vencidos e triumphados, partamos ao menos abraçados, como Enéas fugindo de Troya em cinzas para as delicias de Italia, com o velho Anchyses ás costas e as reliquias veneraveis do culto dos nossos maiores...

Esses restos, essas nobres e gloriosas ruinas permaneceriam na historia do nosso sentir esthetico como permaneceram e perduraram na das instituições as antigas torres feudaes e os solios sagrados e veneraveis das antigas éras.

Ficariam, como em nossa memoria, as gratissimas recordações da infancia—imponentes, inextinguiveis, aureoladas pelo reflexo de nossos antigos ideaes e animados pelos rescaldos das antigas paixões que rugiam no nosso intimo.

Essas inestimaveis reliquias hão de revivescer e resoar sempre e continuamente aos nossos ouvidos á guiza dos sons da busina—dos caçadores na lenda allemã, que a geada coalhara nas espiraes de cobre, mas que, ao serão, no solar aquecido pelo brazeiro, se reanimam, echoam e enchem o castello com as notas absorvidas, de dia, na carreira pelas serras... (1)

Ao findar, ao esmorecer deste seculo febril, parece que tudo se desnacionaliza: «o livro, o theatro, o jornal, a pintura, a musica, perdem a individualidade nesta azafama da concorrencia artistica.» As idéas como que empallidecem e se amofinam ante a fatal e assombrosa corrente do socialismo, que, como enorme polvo, ameaça subverter, com seus constrictores tentaculos, a ordem natural das coisas.

Sente-se por toda a parte um calafrio a congelar-nos os nervos;—sente-se e deplora-se uma incerteza, uma humilhação, uma incoherencia, attestando, não o enfraquecimentos das faculdades estheticas, sinão a influencia de um meio que já não sabe communicar nem receber uma impressão.

Sobre o oceano da humanidade navega vertiginosamente uma nau que se chama *Tyrannia*, por piloto a hypocrisia, por marinhagem os reprobos de toda a especie e por passageiro a Verdade, que demanda o porto de salvamento, que é a justiça em nome de Dreyfus.

Sente-se em tudo e por toda a parte os prodromos de um myoma corrosivo que vai traiçoeiramente minando a musculatura social.

De longe em longe, ouve-se a grita de alguns corações patrioticos.

No meio desse tumultuar infrene de iconoclastas, ha ainda vozes que conclamam, com todo o ardor das convicções arraigadas, pela revivescencia das suas fulgurações historicas.

Vem de molde transplantar para estas paginas bellissimo trecho de notavel estylista lusitano, que aqui vive amando e acariciando esta ridente patria cabralina, que tambem é delle, porquanto «a alma portugueza, prendendo mais uma ancora ás nossas praias, entrelaça tanto a sua bandeira á nossa, que uma e outra se me afiguram duas flammulas de um mesmo tópe, duas velas abertas sobre um mastro só»...

---

(1) Ruy Barbosa—*Sessão Civica* em homenagem a J. Bonifacio, pag. 71.

São de Eduardo Salamonde os judiciosos conceitos que estampamos:

Vamo-nos tornando pouco a pouco, sem nos apercebermos do phenomeno, ou melhor, sem nos sentirmos com capacidade de o evitar, artificiaes e incaracteristicos. A' medida que a civilisação nos penetra e nos vincula, os contornos das raças como que se apagam, as linhas graciosas ou as arestas duras do caracter aplainam-se e vulgarizam-se, a individualidade dilue-se e o que era em nós original, o que era nativo, o que nos dava um encanto proprio, uma feição, um interesse, uma côr, some-se na banalidade cosmopolita, levada no galope invasor das idéas feitas, das idéas dominantes e importadas—como uma pobre folha no torvelinho de um grande vento. O mundo despoetiza-se, á força de todos quererem modelar as suas instituições, as suas crenças, a sua litteratura, a sua arte, a sua roupa, por um padrão commum, ás vezes em revolta franca oom o ar que nos cerca, com a luz que nos amacia, com a vegetação que nos perfuma, com o langor, o brilho ou a violencia das almas que perto de nós estremecem, soffrem, luctam e deliram.»

Eis aqui como o artista da palavra, na graça inimitavel da sua elocução, na contextura symetrica dos seus periodos, na variegada finura da sua erudição, quasi desadora da sua patria, que vai obliterando o seu caracter nativo, «olvidando as suas lendas e costumes, as suas festas, mascarando a physionomia, tão singella e prazenteira na sua originalidade, com os ouropeis de umas extrangeirices importunas».

De escriptor contemporaneo jámais brotaram palavras mais doces, orações mais suaves, gritos de amor mais apaixonados, lances de affectos e de generosidade mais nobres e mais pujantes.

Animo! Não podeis ter mais alto pharol para alumiar-vos, nem deante dos olhos mais largas perspectivas! Animo! Sustentae o edificio da Thalia nacional. Exorta-vos a epica figura do immaculo cantor dos *Lusiadas*, a qual alli vagueia ainda saudosa de ter deixado o templo que mal lhe abrira os grandes alicerces.

Guardemos no portico do peito, como expressão indelevel e immorredoura, estes bellos versos:

«Fraquezas são do corpo, que é da terra,
Mas não do pensamento, que é divino!»

Ao concluir, seja-me licito fazer uma declaração sincera e, quiçá, necessaria. A physionomia do livro que ora sái á luz, a sua psychologia, si quizerem, obedece a uma impulsão propria—

a de que o seu auctor o escreveu mais com o coração do que com a cabeça. Si a missão dos que escrevem, como pensava o velho Villemain, é agradar, eu tenho a consciencia de que o elaborei para a satisfacção de mim mesmo.

Dir-se-ia um livro feito de amor; póde ser isto um transbordamento de illusão poetica, mas é a realidade.

E quando para algo não valha, valerá, ao menos, para mostrar que temos um pouco de amor a esta terra, que amamos no desdobrar de todo o seu evolver historico.

Portanto, não tem regras e convenções de escolas; não collima, por certo, o doutrinar importuno dos systemas philosophicos.

Não é nenhuma obra de sciencia; fallece-lhe de todo o principio philogenetico de evolução, o que aliás é muito para ser notado, porquanto as lendas e tradições que do occidente europeu passaram para nós, soffreram a influencia do mestiçamento indo-luso-africano.

As fontes ahi ficam indicadas, outros mais aptos e felizes que explorem os seus veios crystallinos.

O' mocidade estudiosa, alae por um pouco o vosso espirito na contemplação desse ideal — o ideal da Patria — é ella que nobremente vos supplica, exclamando como Zola ao dirigir-se em carta á mocidade parisiense, na tristemente celebre questão Dreyfus: «*O jeunesse — jeunesse! je t'en supplie, songe à la grande besogne qui t'attend. Tu es l'ouvrière future.*» (1)

Assim praticando, não lhes fallecerá, por certo, a glorificação, mas a glorificação real, verdadeira — a que promana da consciencia do dever cumprido, que vitaliza a trama do tecido moral, que illumina a alma, elevando-a, engradecendo-a aos proprios olhos e aos estranhos. Si, como dizia *Bourgel, la vie est un soupire à donner à cet qui fut et un sourire à ce qui sera;* si é verdadeiro tal conceito, nada consola mais o meu ideal de moço do que apontar aos obreiros do futuro as origens dessa lympha, que se recorta limpida nos recessos intimos da nossa historia.

E oxalá consignam derival-a para os vergeis da patria litteratura!

Deixai-a resvalar pelo declive natural reflectida na torrente espumosa ao esplendor do sol claro e limpido dos tropicos, sob o pallio azulino do nosso firmamento.

---

(1) Emile Zola—*Lettre à la jeunesse*, pag. 11.

Só assim, no meio de lampejos tão fulvos e rutilancias tão cambiantes, sahirão as nossas poesias e lendas populares carregadas de adereços, ataviadas de magias, bellas, donosas, gentilissimas e estimaveis ao entendimento e ao coração...

Agora, a ti me dirijo, ó doce Patria, entorna a tua taça, cheia de suavissimo deleite, que outr'ora possuiste tão prodigamente, ao menos emquanto te vou descrevendo as festas intimas e populares!

Seja o nobre e grandiloquo juramento de von Fallersleben o fecho do nosso trabalho:

Treue Lieb bis zum Grabe
Schevoer'ich dir mit Herzund Hand;
Was ich bin und was ich habe,
Dank'ich, mein Vaterland!

JOÃO VAMPRÉ.

IV Centenario do Descobrimento do Brazil

DISCURSO PROFERIDO PELO ORADOR DR. THEODORO SAMPAIO
NA SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA
DO IV CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

«EXMAS. SRAS.;

EXMOS. SRS.:

No transcurso de quatro seculos, a vida de uma nação americana pouco mais é do que um episodio passado entre o berço e a adolescencia; attesta-o a nossa historia de 1500 até hoje.

Um olhar retrospectivo por esse periodo de quatrocentos annos, um balanço geral do que foi o nosso viver como colonia e como nação independente, um exame intimo do que fômos e do que podemos aspirar no futuro, tal como o passado e o presente nol-o deixam presentir, só nos trazem ao espirito a convicção de que somos um povo ainda em elaboração, e que esta se vem effectuando lenta e continua pelo concurso de tres raças que se amalgamam, mas que se não fundiram ainda num typo unico, representativo do nosso genio, do nosso caracter e, portanto, capaz de uma orientação definida.

Estamos, pois, meus senhores, no quarto centenario de um povo que, ethnicamente, ainda não se constituiu.

Não ousarei rever comvosco, com as minucias de um inventario historico, todo esse scenario de quatro seculos, desde o obscuro e impalpavel da lègenda até aos nossos dias na plena luz de um seculo rutilante que expira.

A minha missão, porêm, que não póde assumir responsabilidade tão grande, obriga-me neste momento, como interprete que sou dos vossos sentimentos, a rememorar os feitos que são o nosso orgulho, e a evocar os manes gloriosos dos fundadores da nossa nação para tributar-lhes nesta solemnidade as flôres ideaes da gratidão, da piedade e do amor.

*
* *

Aos espiritos indagadores para quem os factos sociaes como os phenomenos physicos nada têm de fortuitos e em quem ao proprio amor patrio sobrepuja a serenidade do julgamento, certo não terá passado, despercebido e sem despertar sérias cogitações o modo porque na America do Sul se fez a partilha do seu vasto territorio entre os povos que a descobriram e colonisaram.

Quem lançar os olhos para o mappa desta parte do Novo Mundo, aprofundando a vista através de quatro seculos de conquistas, de colonisação e de trabalho, porventura indagará a que destino obedeceram os dois povos ibericos ou os seus descendentes, situando-se um, o hespanhól, pelos páramos andinos e pelas planicies temperadas do sul, e o outro, o portuguez, lançando os fundamentos de um vasto imperio que ficou quasi todo equatorial?

Se os destinos das nações têm alguma coisa de real e positivo que o meio terreno indica ou impõe de um modo ineluctavel, força é inquirir qual a nossa missão nesta parte de continente, nós os habitadores das planuras humidas e das chapadas mediocremente elevadas sob um céo torrido, deante do montanhez dos Andes e do homem que vem das pampas meridionaes?

Que valor tem aqui, de facto, o problema geographico na politica dos povos sul-americanos?

Se, a guiarmo-nos pelos ensinamentos da Historia, o progresso da humanidade é uma funcção da raça, como é a de uns poucos gráus de calor a mais ou a menos na temperatura do ambiente, e se, para a maior expansão da especie, o clima é o factor preponderante, se o nosso destino historico, a nossa acção entre os povos do Novo Mundo tem de pautar-se pelo meio climatologico, uma vez que dos povos visinhos nos não separam grandes differenças ethnicas, então ainda que isso melindre algum tanto ao nosso amor patrio, tão caro, tão legitimamente sensivel, é força convir que, nessa partilha do continente, não foi o quinhão mais bem situado o que coube aos descendentes dos lusitanos.

Bem sei como ao nosso sentimento patrio fala lisongeira a imaginação dos poétas para quem não ha senão encantos e riquezas *do Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Pará.*

Sob o céo do Cruzeiro são sempre majestosos os nossos rios correndo em leitos de ouro e de diamantes. Os nossos mares beijam praias de ambar e coral. As nossas montanhas topetam com as nuvens e no bojo recurvo escondem riquezas innominadas. A mata virgem, infinda, incomparavel de belleza, é uma fonte inexgottavel de poesia, de mysterios e de amor...

Mas aos sonhos dos poétas anteponhamos as verdades que a sciencia geographica nos está patenteando.

Da America Meridional que é um enorme triangulo peninsular de cerca de 18 milhões de kilometros quadrados, com a base para o Equador e o vertice ponteagudo voltado para o polo Antarctico, 8.337.000 kilometros quadrados nos ficaram pertencendo; mas tão sómente uma decima quinta parte das nossas posses territoriaes consegue passar do Tropico para o Sul, sob um céo mais benigno. Ficamos quasi que totalmente localisados na Zona Torrida.

Do littoral sul-americano que se desenvolve por 25.000 kilometros nos dois oceanos, tivemos na parte mais oriental 8.600 kilometros, pouco mais de um terço sobre as aguas do Atlantico que é hoje um lago da civilisação e do commercio.

Pertencem-nos os pontos avançados do continente em relação ao progresso da humanidade que marcha ao nosso encontro seguindo a rotação da Terra.

Para as communicações interiores fica-nos a maior capacidade, expressa na amplissima rêde hydrographica que dentro dos nossos limites se encerra.

Não menos de cinco nacionalidades differentes ficam na nossa dependencia como outros tantos satellites, obrigadas ao trafego das vias fluviaes, cujas chaves possuimos. E como essa parte do continente, nas praias occidentaes, é uma região que os Andes nevados, ostentando, cerca de cem vulcões activos, fecham como uma muralha de mais de 4.000 metros de altitude, o Atlantico, onde temos preeminencia, ha de prevalecer sobre o Pacifico, e a nossa hegemonia nos negocios sul-americanos é um facto já consagrado que o futuro decerto não desmentirá.

Estas são as vantagens oriundas da nossa posição geographica no continente.

Agora, quaes as que nos advém desse clima torrido apenas mitigado pelas differenças de altitude e da constituição geologica do territorio?

Acaso, as condições a que nos submettem as leis climatologicas são de molde a assegurar-nos essa preeminencia, essas vantagens decorrentes da assignalada posição?

A historia comparada dos dois povos a quem coube a colonisação desta parte do continente vae responder-nos através de quatro seculos de conquistas, através dos dominios da geographia gradual e simultaneamente por elles dilatados.

Quando a onda conquistadora que subiu do Atlantico, galgou com o hespanhol o cume das cordilheiras e se expandiu victoriosa pelas praias do mar do sul, e com o portuguez se alastrou pelas costas orientaes da peninsula, o *Orinoco*, um rio tropical entre os nevados andinos e as montanhas da Guyana, ficou por inteiro á Castella; o *Amazonas*, rio equatorial, cujo leito parece assignalar na terra o curso do sol, descoberto por hespanhoes e por hespanhoes pela primeira vez explorado e descripto como um mediterraneo povoado de lendas, ficou quasi totalmente ao portuguez; o *S. Francisco*, rio do planalto central, pertenceu-lhe por inteiro; o *Prata*, o rei das pampas meridionaes, com as cabeceiras apoiadas nas montanhas da nossa terra, repartindo como por egual pelas zonas torrida e temperada a sua ampla bacia de 3.260.000 kilometros quadrados, ficou em grande parte hespanhol.

Nesta partilha bem se vê e bem se demonstra a indole, a energia, ou o sentimento politico que anima a cada um dos dois povos rivaes.

O castelhano, ambicioso, audaz, um scelerado mesmo quando o ouro o deslumbra, e a ambição o desvaira, não se atarda, não parece pesar o *pró e o contra* das expedições longamente apercebidas. Um punhado de aventureiros lhe basta para os golpes decisivos, para a conquista de vastissimos imperios que haviam aliás resistido, ás vicissitudes de muitos seculos ignorados. Do isthmo de Panamá ao Estreito de Magalhães, pelo dorso das Cordilheiras, a conquista do Perú e do Chile, como fôra a do Mexico, é um passeio militar apenas dramatisado por scenas de atrocidade e pelas luctas fraticidas que se seguiram e assignalaram a partilha dos despojos do imperio Inca.

Em menos de cincoenta annos, o imperio hespanhol na America do Sul estava fundado e quasi attingia os seus limites definitivos. Ficavam-lhe no quinhão as terras altas onde encontraram florescente uma civilização authoctone, onde o ouro e a prata eram metaes communs, e com isso a quasi totalidade das regiões de clima temperado.

Em mais de metade do continente do Sul, desde a Costa

das Perolas, onde ao descobril-a o genio mystico do navegador genovez julgou divisar as portas do paraiso terreal, até o Estreito de Magalhães, por 52 gráus austraes, fluctuava soberana a bandeira de Castella, conduzida por aventureiros audazes ao longo da costa do Pacifico ou pelo dorso nevado dos Andes

Vê-se bem que, transmigrado, o castelhano procura manter-se sob o céu da America, em meio quasi identico ao que na Iberia lhe assignalam o Ebro e o Guadiana. Este facto e mais a circumstancia de encontrar em seu caminho povos sedentarios, com uma civilização já desenvolvida, explicam a rapidez, a facilidade mesmo com que se fez a expansão hespanhola nesta parte do continente.

O portuguez, não. A sua presença em terras da America é um facto que os nossos historiadores têm antes procurado explicar por um mero accidente de viagem do que por um deliberado intuito de conquista. O investigador desprevenido vê, com effeito, nessa travessia alongada que dá com a armada de Cabral em Porto Seguro um simples arrastamento das correntes maritimas, importando todavia num real melhoramento na rota costumeira de Africa. O politico, porêm. descobre-lhe os secretos intuitos, percebe-lhe os motivos na averiguação inadiavel e immediata daquillo que por vehementes indicios quasi que positivamente se assignalava. E, notada a attitude reciprocamente guardada pelos dois povos rivaes, a verificação de um paiz ignoto a Occidente, affectando ao hemispherio de influencia portugueza, coisa facil de realizar-se numa derrota apenas alongada e podendo dissimular-se por um arrastamento fortuito das correntes do mar, é facto que não dá logar a duvidas irreductiveis.

Já aqui, neste primeiro passo em terras da America, se revela a habilidade politica com que durante tres seculos, através dos conflictos internacionaes, o portugvez ampliou e conservou os seus dominios deste lado do Atlantico.

Mas, uma vez na America, o seu marchar através do continente não reveste aquelle aspecto dramatico e maravilhoso das conquistas de um Cortez e de um Pizarro.

Tardo, mas firme, resoluto e habil, o portuguez, comtudo, só despertou para a America trinta annos depois que os seus navegadores a attingiram e ainda assim estimulado pelo alheio successo, o dos castelhanos com os thesouros do Mexico e do Perú que já deslumbravam o mundo e valiam tanto ou mais que as especiarias e as riquezas decantadas do Industão.

Os nossos sertões não lhe revelaram logo os seus thesouros

escondidos. Repetidos insuccessos lhe entibiam os esforços, e por isso elle emprega quasi um seculo para transpor as duas metas onde se encerravam os seus primeiros estabelecimentos coloniaes. *São Roque* ao norte e *Cananéa* ao sul.

A terra que lhe coube em sorte, entre o Equador e o Tropico, tinha todos os encantos para seduzir mas os ares neste clima torrido, a despeito do dizer ingenuo de Pero Vaz de Caminha, não eram por certo «... *asy frios e temperados como os dentre Douro e Minho*».

Nesta zona genesiaca dos Tropicos, o calor sem intermitencias reparadoras, fermentando o sangue, dissolvia as energias da raça. O colono europeu no littoral resistia ao paludismo protheiforme, mas sentia-se deperecer lentamente.

Só desacompanhado, o portuguez seria impotente para assenhorear-se do paiz onde os rigores do clima o annullavam. Foi-lhe preciso o concurso lento dos annos, para a adaptação da raça, para attrahir o selvagem ao christianismo, para introduzir o africano cujo braço lhe desbravou o solo virgem e inculto, para a formação de uma população mestiça, apta para enfrentar as agruras do deserto, para que então a colonia tivesse os seus limites dilatados e desentranhadas as riquezas dos seus ignotos sertões.

Tres correntes povoadoras appareceram então—a *Paulista* que investe pelas valles do Paraná e do Paraguay e conquista as montanhas auriferas do planalto central; a *bahiana* que se expande pelo valle de S. Francisco, penetra no Ceará, no Piauhy, vae até o fundo do Maranhão e descampa para o Araguaya; e a *pernambucana* que pelo littoral, se alastra pelo Parahyba e pelo Rio Grande, funda o Ceará, conquista o Maranhão e invade o Amazonas.

Dois agentes egualmente poderosos, antagonicos muitas vezes, mas efficazes ambos tomam a si a expansão povoadora: o *missionario* e o *bandeirante*. Aquelle, alma ardente de apostolo abnegado, soldado de uma milicia que não tem patria, que surgiu para vencer persuadindo, é por certo um dos fundadores da nova nação. Ao seu aceno moviam-se levas numerosas de catechumenos com que se fundaram nos campos como nas praias do mar as aldêas de outr'ora, opulentas cidades de hoje, que não renegam a humildade de seu berço. Este outro, um mestiço já nascido nas terras da America, alma inculta, suspersticiosa e por vezes cruel, manifestando-se por uma energia indomita, e por uma audacia descomedida, é um caçador. Mas a sua caça é primeiro o indio que é mister *descer* para as lavouras, depois as minas que é mister desvendar.

O seu destino é marchar á aventura, sem rumo certo através das solidões nunca dantes percorridas, devassar, descobrir conquistar.

De suas *entradas* em que por centenas tantos bravos companheiros se empenhavam, de muitas nem se quer a memoria se salvou. A solidão tudo devorava.

Mas recordando a patria distante, alguma coisa persistia assignalando no imo do deserto as fronteiras ampliadas: a cruz plantada como um padrão no pontal dos rios navegados, a terra revolvida e excavada trahindo a paixão do ouro, e esses destroços innominados da expedição que malogrou com um testemunho da posse que não devia jamais prescrever.

Diante da *bandeira* que investe contra o desconhecido, que arrosta todos os perigos imaginaveis ou imprevistos, que não reconhece outro poder mais forte do que a sua ambição insaciavel, não ha fronteiras nem linhas convencionaes nem tractados que prevaleçam. No intimo dos sertões, onde nem sequer um éco da auctoridade penetra, só ella, a indomita *bandeira* se reconhece soberana.

Ella transpõe os valles, vadeia os rios, navega-os através do obstaculos sem conta, galga os alcantis da montanha para devassar os incognitos horizontes, e de subito como uma ave de presa, abate-se sobre as povoações nascentes de Guayrá e do Paraguay, queima, ensanguenta, destróe, e arrasta para o captiveiro levas de catechumenos. Por toda a parte, quer através desse sonhado imperio Guarany, quer atavés dos campos do Paraguay ou das pampas do sul, ruinas fumegantes assignalam a marcha da bandeira vencedora.

As fronteiras recuavam sempre. Os padrões da nossa posse, descendo com os grandes caudaes, vão assignalar-se por marcos indeleveis nos saltos e nas cataratas. No Uruguay desce até *Pepery* acima do *Salto Grande*. No Iguassú desce até o Santo Antonio, acima do *Salto de Santa Maria*. No Paraná recúa até o Igurey abaixo do *Salto das sete quédas*.

Quando pelo fim do seculo XVII, conquistada a independencia pela separação das duas corôas, Portugal, desenganado do Oriente Indiano, quiz assentar dentro de limites mais defensaveis e naturaes as suas possessões na America e lançou as vistas para a margem esquerda do rio da Prata, onde fundou a *Colonia do Sacramento*, a conquista já não logrou a mesma fortuna de outr'ora, quando a servía a audacia incomparavel dos caçadores de indios.

A lucta agóra tinha que revestir caracter mais formal.

A *Colonia*, assentada deante de Buenos-Aires, como a disputar-lhe a chave do Paraná e do Uruguay, rios cujas bacias superiores estamos occupando, não podia permanecer em mão dos portuguezes sem se converter em uma ameaça imminente

contra o imperio hespanhol que pelas aguas do Prata subia do Atlantico ao cimo das Cordilheiras.

Entretanto, através de todas as vicissitudes da guerra e dos tractados não cumpridos, a praça do *Sacramento* veio a ser para o portuguez, cuja habilidade politica ainda aqui se manifesta, o preço da legitimação de todas as conquistas realisadas pelo seu braço para além da celebre *linha mental* da convenção de Tordesilhas.

Quando em 1750, Fernando VI de Hespanha pelo tractado de Madrid, consegue de Portugal a Colonia de Sacramento, desistindo este das suas pretenções nas margens do Prata, em troca dos terrenos conquistados nos valles do Paraná e do Amazonas e das Sete Missões do Uruguay, se o portuguez, acaso resentido nos seus brios, quizesse fitar o horizonte das conquistas realisadas, decerto, o amor proprio nacional mais teria de que vangloriar-se do que de verdadeiro resentimento.

O Brasil ficava-lhe tres vezes mais vasto pela conquista do que elle seria dado constituir-se pela lettra dos tractados e das convenções anteriores. Quasi metade do continente do sul ficava encerrado no ambito do seu imperio, cuja configuração definitiva parece reproduzir as grandes linhas do contorno peninsular. O ouro apparecia abundante ao lado das pedrarias de alto preço no amago dos seus sertões que rapidamente se povoavam. As suas armas tinham sahido victoriosas na lucta contra o hollandez, expulso de Pernambuco, como annos antes tinham repellido o francez de Guanabara e do Maranhão.

Se o tractado de Tordesilhas, sobreposto á bulla de Alexandre VI que excluia Portugal da America, tivesse prevalecido com a sua *linha imaginaria de marcação* lançada a 370 leguas a oeste de Cabo Verde, o Brasil estaria hoje privado de um largo trecho de seu actual territorio na Zona Temperada, e dos dois milhões e meio de kilometros quadrados que nos ficariam pertencendo dentro dos tropicos uma nesga apenas e bem insignificante das grandes bacias hydrographicas se comprehenderia nas nossas posses territoriaes.

Nem o Amazonas propriamente dito, nem o Prata se incluiria nos nossos limites.

O S. Francisco, rio do planalto, cujo accesso do mar para as regiões interiores está trancado por famosa catarata de cerca de 80 metros de altura, seria o nosso maior caudal.

A posição privilegiada que ora occupamos na rêde amplissima dos rios sul-americanos nos escaparia para sempre.

Mas se o portuguez podia rejubilar-se de possuir sob o Equador e sob o Tropico um imperio quasi tão vasto como a

Europa inteira e setenta vezes mais amplo do que esse pequeno canto da Iberia *onde a terra acaba e o mar começa*, que é a terra do seu berço, o castelhano não menos se gloria dos resultados da partilha.

De facto, ao castelhano, ainda dentro da zona torrida, coube terriotorio de clima mais benigno que o nosso.

O cume perpetuamente nevado das suas Cordilheiras, os seus páramos quasi inaccessiveis, os seus grandes planaltos semeados de lagos, corrigem com a altitude o excesso de temperatura que a latitude identica lhe impõe a elle e a nós.

Da Columbia ao Chile, da Terra de Fogo ao Panamá, as as altas montanhas, coroadas de neve, alteram o clima corrigindo-o.

Nós, porém, que falamos pelo portuguez, ficamos nas baixas planuras que o Amazonas alaga sob um céo de fogo. Podemos, é certo, penetrar das praias do Atlantico até o sopé das Cordilheiras como se navegassemos um oceano de agua doce, mas os nossos planaltos centraes, as nossas terras altas, que não alcançam um quarto das altitudes andinas, não nos mitigam senão de poucos gráus os effeitos da baixa latitude.

Dos pincaros do Itatiaia por 3.000 metros de altitude aos sertões do Cariry a 300 ou 400 metros sobre o mar, de Cabo de Santo Agostinho no Atlantico ás margens do Tocantis onde a região amazonica de facto começa, o aspecto geral parece identico nas grandes linhas; entretanto, quanta differença entre as campinas altas, os *geraes* dentre o Paraná e o S. Francisco e as *catingas* do Norte, sob o céo do Equador, devassadas pelos ventos alizios, visitadas pelas seccas periodicas e que nos trazem ao espirito, na differença da paizagem como na diversidade dos elementos constitutivos do meio, uma vaga e dolorosa apprehensão do futuro ?!

Quem uma vez transpor o S. Francisco para além da grande catarata de Paulo Affonso, que assignala o limite da zona littoral e da região interior. e penetrou nas campinas seccas que são o typo dominante no territorio mais oriental do continente entre Pernambuco e o Piauhy, do Rio Grande do Norte a Goyaz ou á Bahia, certo, terá observado no homem do sertão como na paizagem que o enquadra differenças de constitnição e de caracter como se estivesse num mundo á parte.

Além S. Francisco em direcção ao Norte como a quem pelos sertões bahianos, a seccura do ar, a escassez das chuvas, a falta de rios perennes, a intensidade da luz e do calor, o vento constante, o solo pedregoso, a vegetação espinhenta, monotona, retorcida e baixa, cobrindo um solo fracamente productivo, constituem para o homem

vermelho tisnado, esbelto, musculos de aço, agil, sobrio, intelligente e corajoso, poéta rustico de uma originalidade extranha, o *jagunço* emfim como se o chamou, typo adaptado por uma mestiçagem de quatro seculos, um *habital* como não não ha outro no Brazil.

E, todavia, é nessa região ingrata como um deserto arido que medra um povo de heróes, capaz de sacrificios, a fibra resistente da nação.

Aquem S. Francisco, mas já para o Sul das chapadas bahianas, abaixo do Parallelo de 13.° de latitude, e abrangendo as montanhas que formam como que a ossatura do territorio nacional, o ar mais humido, o solo mais fresco e sarjado de caudaes perennes, a vegetação vigorosa e tão variada como geognosticamente a terra diversifica, definem o *Brazil-Medio* como a região do ouro e das pedrarias, a terra da agricultura por excellencia.

O valle do Amazonas é, porêm, dentro das fronteiras nacionaes um enigma do futuro. Nenhum rio sobre a terra occupa essa posição especialissima que parece assignalar no proprio leito o caminho do Sol. Na historia da civilisação jámais se encontrou o genero humano em theatro nem mais vasto nem mais prodigiosamente dotado de qualidades antagonicas.

No *habitat* amazonico que povo surgirá, que papel lhe estará reservado nos grandes destinos da America?

Deixemos, entretanto estas cogitações que tocam pelo incognoscivel e consideremos esse outro trecho do territorio nacional ao Sul do Tropico, onde as chapadas elevadas se debruçam quasi sobre o mar e o clima se encontra na latitude como no relevo do solo elementos de benignidade.

Aqui sim, temos sob um céo mais brando, um solo feraz e mais apto para todos os commettimentos do homem que sob o mesmo céo patrio póde egualar a energia do europeu.

A historia de quatro seculos, que nesta data se completam, nos está mostrando a prova palpitante dessa influencia ineluctavel do meio sobre o genio de uma raça que transmigrou para as plagas americanas, a mesma na origem, e nos costumes, mas cujo caracter vem já se distinguindo pela audacia, pela iniciativa, pelo seu amor á independencia

***

Foram estas, meus senhopes, as nossas conquitas emquanto á metropole lusitana prestavamos obediencia. E quando mais tarde, ha 78 annos apenas, emergimos na liberdade pela independencia nacional o que devia ser o nosso patrimonio territorial estava constituido, e tão sómente dependente de uma demarcação definitiva; o

nosso direito, porêm, á posse de quasi metade do continente do sul ficava assentado em titulos de um valor indestructivel.

Não podia ser mas pingue nem mais solida a herança paterna.

Gloria a ti, oh Portugal, que soubeste constituir e defendel-a, gloria aos teus estadistas, como o grande Pombal, que sabiam decifrar no porvir os destinos de um povo da tua estirpe gloriosa.

Luctamos, todavia, pela nossa posse, luctamos ainda pelo nosso direito, luctamos pela nossa hegemonia.

Mas nunca tivemos as velleidades de conquistador entre os povos independentes que nos cercam e não raro, para além das nossas fronteiras, entre povos tyranisados, levamos nas dobras da nossa bandeira victoriosa a liberdade aos opprimidos. Em Monte Cazeros que ap ga Ytuzaingo, em Paysandú como em Lomas Valentina e Aquidaban fizemos cahir mais de uma tyrannia, libertando o argentino, o oriental e o paraguayo.

Pelas pampas do sul, afrontando as agruras de um clima diverso, as nossas legiões campeavam vencedoras, cimentando com o seu sangue a paz e a independencia de extranhos povos.

A nossa politica foi a da paz e da generosidade entre vizinhos e jámais tiramos a outrem o que a outrem devia pertencer.

Somos hoje 16 milhões de almas, e sentimos nas veias a seiva do porvir.

Os nossos campos lavrados, as nossas florestas percorridas e exploradas garantem-nos a posse de verdadeiros monopolios no mercado do mundo. O café e a borracha, o assucar e o tabaco formam o embasamento da nossa fortuna, medem a nossa capacidade productora e nos enriquecem. Rasgam as nossas planicies, galgam as nossas montanhas, ligando as nossas cidades 14.000 kilometros de estradas de ferro. Os nossos rios, navegados por barcos a vapor, medem um percurso de 6000 kilometros no Amazonas e seus tributarios, 2.500 no S. Francisco, 2.000 no Paraguay, no S. Lourenço. Por 18.000 kilometros se contam as nossas linhas telegraphicas como attingem a 2.000 as nossas agencias postaes. As nossas costas illuminam-nas mais de 30 pharóes, e offerecem 21 portos á navegação de longo curso. Cerca de 900 municipíos e 444 cidades surgiram nos nossos sertões como nas praias do mar, onde ha quatro seculos não havia senão desolação e barbaria, e, entretanto, não occupamos ainda sufficientemente um quinto do vastissimo territorio que possuimos.

A instrucção do povo, as sciencias e as artes, o commercio e a industria, as instituições de creditos, a immigração tiveram o mais acalorado estimulo e se ampliaram e cresceram.

Por entre flores e festas fizemos as mais arriscadas re-

formas sociaes, abolindo tres seculos de oppressão de uma raça que fizera a nossa fortuna.

Com o calor e o enthusiasmo das aspirações juvenis, enveredamos ainda pelas reformas politicas e surgiu a Republica. transformando as nossas provincias de outr'ora em outros tantos Estados que prosperam na mais ampla autonomia.

E ahi estão, meus senhores, desta campanha de quatro seculos, os trophéos da nossa victoria, o attestado da nossa competencia entre as nações.

Sim, são certas as nossas conquistas desde este dia memoravel em que tu, oh Cruz de Christo, transpondo os mares na prôa das caravellas lusitanas, guiadas por Cabral, te alçastes dominadoras nas praias de Porto Seguro e extendeste a tua sombra incorruptivel e bemdita sobre esta terra que já trouxe o teu nome.

Extende ainda sobre ella e sobre nós a tua sombra protectora; dá-nos a tua paz que sanctifica o nosso esforço como a tua ordem que é o estimulo do progresso verdadeiro. Estanca-nos a sêde de concordia, pois que temos a sêde da fraterna união; atira para longe de nós o monstro das ambições insoffridas e desvairadas e faze que medremos nas virtudes civicas como na fé para que já no lumiar do seculo entrante seja o nosso successo uma triplice affirmação da nossa crença em Deus, do nosso amor pela patria e da nossa confiança na liberdade.

THEODORO SAMPAIO

S. Paulo, 3 de Maio de 1900».

IV Centenario do Descobrimento do Brazil

DISCURSO PROFERIDO PELO 2° SECRETARIO DR. M. PEREIRA GUIMARÃES NA SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA DO IV CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL, REALISADA NO DIA 3 DE MAIO DE 1900

EXMAS. SRAS. MEUS SRS.

Hoje que a multidão inteira, em festas, enthusiastica relembra uma data tão cara aos nobres filhos desta gentilissima, desta refulgentissima terra de Santa Cruz, se alheias palavras é licito repetir, que as vá eu escolher em Lucrecio no seu poema *De natura rerum.*

Permitto-me a ousadia de dirigil-as ao nosso illustre consocio sr. dr. Theodoro Sampaio, cuja palavra eloquente acabamos todos de ouvir.

«Te sequor o decus, inque tuis nunc
«Ficta pedum pono pressis vestigia signis
«Non ita certandi cupidus, quam propter amorem,
«Quod te imitari aveo. Quid enim contendat hirundo Cycnis? »

Si o atrevimento faz-me acompanhar-vos os passos, ó ornamento nosso, não é a emulação que o conduz, mas sim o amor de imitar-vos. Ousou jámais a tenue andorinha pelejar com o regio cysne?

Dê-me venia s. exc. para que neste ar ambiente que respiramos, eu vá procurar uma minuscula parte da magna inspiração que costuma presidir aos seus trabalhos, inspiração que vibrará ainda pelo espaço, de envolta com o ether.

Inspiração tambem pedirei a aquella cruz luminosa, cuja festa o christão hoje rememora, cruz brilhante e cruz promettedora cujos fulgores osculam o brasileiro ao nascer; cruz expectante e cruz consoladora, que ha de acompanhal-o nas incertas romarias do seu mysterioso peregrinar; cruz triumphante e cruz redemptora, que se reflectirá na lapida da sua tumba, depois que Obaddon, o anjo da morte, sacuda sobre as suas palpebras a poeira do eterno dormir. Que das tuas scintillações incessantes se desprenda um pouco de luz, para que eu possa dignamente dizer algumas palavras sobre a heroica terra onde dos olhos dos meus avós promanaram as primeiras lagrimas, e da terra, patria querida, onde pela primeira vez o sorriso despontou aos meus labios.

Quanto a vós, illustres consocios, peço-vos indulgencia: agra foi a tarefa, o tempo escasseou, e na vossa sciencia tenho a egide melhõr, pois *tudo saber é tudo perdoar.*

> « Quem desconhecerá esta nação briosa, que durante quasi oito seculos aponta na terra uma Illiada de triumphos e aponta no mar uma Odyssea de glorias? Quem deslembrará esta nação crente e audaz, aguerrida e navegante, que se firmou na Europa pelo valor de Affonso, que torneou a Africa pelo arrojo do Gama, que senhoreou a Asia pela intrepidez de Albuquerque, que aportou á America pela fortuna de Cabral, que circuitou, que circumnavegou o mundo pelos transluminosos espiritos, pelas geniaes inspirações de Magalhães?» (1)

Pois bem! Rememorar um desses factos é reviver uma vida de glorias, é evocar um passado, que podemos dizer nosso. Filhos de Portugal, a nós tambem pertence redizer as suas acções heroicas. O filho tambem se engrandece ao narrar as glorias do Pai.

A edade média approxima-se do seu termo. Não ha muito que terminou a ultima cruzada. Aos ouvidos como que ainda resôa o tinir das espadas. Os cavalheiros christãos se partem da terra santa, em demanda de seus lares. Entre os habitos novos que traziam figurava o uso immoderado das drogas aromaticas. O aniz, a canella, o gengibre, o cravo e a pimenta serviam de condimento aos vinhos bebidos nos festins. Em breve a imitação generalisava o uso dessas especiarias.

---

(1) Alves Mendes—*Patria*

Para satisfazer a tão novas necessidades os golphos e enseadas do Mediterraneo se transformavam. A' sombra dos eloendros cresciam cidades, para onde convergiam as drogas orientaes. Os effeitos do seu uso descommedido não se faziam esperar. A razão transviava-se, sobrexcitava-se. O desvario, porêm, tocava ás raias do sublime. Semelhava o furor da pythonissa ao desvendar os secretos arcanos do futuro. Era uma loucura do saber. Loucura tambem o tinham sido as cruzadas, mas loucura bem diversa, loucura sublime da cruz.

Ardente era a sêde da sciencia. "*Aquelle que compunha um livro já não limitava-se a lêl-o perante um punhado de pessoas sabias, para depois legal-o a um convento. Lia-o a quem queria ouvil-o, tirava numerosas copias, que seus possuidores iam lêr a outros.*" Por muitos o seu conteúdo era guardado de memoria para transmittil-o a quem não pudesse lê-lo.

Corria-se de uma cidade a outra, mandava-se embaixadores por causa do apparecimento de um livro.

A' medida que as obras appareciam a sêde augmentava. Esquadrinhavam-se os conventos para vêr se nas suas prateleiras poder-se-iam encontrar livros raros do passado, que os do presente já não satisfaziam.

Assim tambem nas artes. Por sob os destroços dos palacios se deviam encontrar estatuas, vasos, moedas e outras raridades do passado. E os escombros foram revolvidos! "*E as estatuas pagans sahiam do solo onde tinham estado sepultadas mais vivas, por ventura, do que na antiguidade. Os papas cahiam de joelhos diante dellas, que passavam a ser passeadas em triumpho sob a umbella pontifical.*» E uma população, não de vivos, mas de mortos, não humana, mas de marmore, surgiu como que por encanto das entranhas da terra, para attestar o gráu de civilisação do passado. Só dos arredores de Roma 60,000 estatuas têm surgido á luz brilhante do sol, ostentando aos presentes as suas perfeições, como por manhã clara de radioso dia as rosas offereçem, aos carmes da zumbidora abelha, os rubros labios donde hão de tirar o dulçoroso mel.

«Oh! quanto esta nobre, serena, heroica antiguidade pareceu superior a tudo quanto se conhecia, quando, depois de tantos seculos, foi vista a sua face veneravel e encantadora! Oh mãs, quão joven que sois! dizia o mundo em lagrimas. De que imponentes ornatos vos achaes atavisada! O novo foi achado velho, a antiguidade pareceu joven, não só por seu singular encanto, como por um accôrdo profundo com a sciencia nascente. Um sangue mais calido, uma flamma de amôr, golfou de novo as nos-

sas envelhantadas veias, como o vinho generoso de Homero, d'Eschylo e de Sophocles.» (1)

O oriental hachich transviára tambem as imaginações dos architectos, que já não mais exigiam o conhecido, por mais perfeito que fosse. A fôrma devera prefigurar um symbolo: «o edificio, por meio das suas naves oppostas, deve representar a cruz onde morreu Christo; os florões, com as suas petalas de diamente, figuram a rosa eterna da qual as almas redimidas são as folhas; as dimenssões de todas as partes correspondem a numeros sagrados. De um outro lado as fórmas, por sua riqueza, por sua bizarria, sua ousadia, sua delicadeza, sua enormidade harmonizam-se com a intemperança e as curiosidades da phantasia doentia» diz Taine. (2)

A taes almas são precisas sensações novas, vivas, multiplas. Já não lhes satisfazem os templos antigos. A épocha é toda de amôr e de movimento.

O mar attrahe duplamente. Porque?

As suas ondas, osculando de continuo as lourissimas areias, figuram um poema de amôr. As praias, onde as areias correm, correm diante do vento, como nymphas diante de satyro lascivo, evocam um eterno peregrinar. Nas suas grutas, nos seus alcantis *a virgem de louros cabellos vem segredar ás vagas o seu immenso amôr.*

Pois bem! A cathedral gothica relembra os alcantis á beira mar, diz Luciano Cordeiro.

Ahi ha o exaggero da fórma. As torres que se alçam como braços supplices, não alcançam assaz alto; e surge a agulha rendilhada, evolando-se aos céos, *lidima escada de Jacob.*

Figuras pequeninas são enroladas aos portaes. O marmore e a pedra são pontilhados em tenuissima renda, que semelha os frócos do céo ou as espumas do mar.

Nicoláo de Piza é o primeiro architecto e esculptor desta épocha.

«Seus paes, diz Castellar (3), seus mestres, obrigaram-no a ajoelhar-se, pôr as mãos, ante as estatuas bysantinas, curvadas sob os terrores do juizo universal; e elle foi depois prostrar-se deante das figuras gregas, radiantes de formosura, erguidas como aquella civilização, essencialmente humana, amamentada aos peitos da liberdade.»

---

(1) Michelet—*La Renaissance.*

(2) Taine—*Philosophie de l'Art.*

(3) Castetlar—*O cemiterio de Pisa*

Mestres gregos dirigem-no nos seus labores; discipulos ajudam-no. As figuras sahidas do seu cinzel tinham attitudes de saber, movimento de verdade, embora faltassem ao seu autor experiencia, expressão, calor.

A escola entretanto está fundada, não obstante ser um arremedo abastardado da decadencia romana. Florença e Piza, Padua e Veneza, Sienna e Napoles recebem em seu seio este ousado innovador.

Andréa e Giovanni Pisano seguem-no, e o *Campanilho* de Florença sai das suas mãos brincando como uma esculptura grega, modificada pelo gosto florentino. Nem Ghiberti nem Donatello, nem Raphael nem M. Angelo se lhes avantajam em elegancia, em nobreza, em sentimento, em fórmas.

Na pintura Cimabue dera-lhes esmalte d'antes não vistos, em Santa Croce de Florença, Santa Maria Novella, San Spirito.

Um seu discipulo, um pastorinho de Murgello, Giotto, excede-o ainda: sabe traçar com pureza, com proporções, com elegancia, distribuir as luzes e as sombras, avigorar os tons.

E a sêde do saber sempre augmentando! Surgem escolas e academias, onde as sciencias são divulgadas. Manillo Ficino dirige em Florença uma Academia Platonica. O commercio toma incremento. O castello rue por terra e em seu logar é levantada uma academia ou uma manufactura.

E cheia de resplendores, como uma aurora, surge a *Renascença*!

Esse espirito aventuroso e guerreiro, religioso e desejoso de conquista de nações guerreiras para a fé christan, scientifico e artistico, innovador e commercial, não podia deixar de, com o seu halito ardente, escaldar o sangue dos filhos de Portugal, cavalheiresco e guerreiro, religioso e civilisador, aventureiro e commerciante. Adjunja-se a isso a sua posição topographica.

«Arrebatava-os o murmurio das sereias do mar, cantando na vaga espumosa que se parte contra as rocas de Arrabida e de Cintra, dansando na areia loura ao sopro do vento». (1)

A marinha portugueza não podia, entretanto, prestar-se para grandes viagens. Coetanea de Henrique, o *Borgonhez*, alentára-se pelas façanhas das tomadas de Lisboa e de Silves, opulentára-se pelas victorias de D. Fuas Roupinho no Cabo Espichel.

E comtudo ia pedir um almirante a Genova!

A conquista do Algarve, em 1249, veio ainda mostrar a necessidade de desenvolvel-a.

---

(1) Oliveira Martins—*Portugal nos Mares*.

Numerosas dezenas de annos haviam decorrido depois que á Europa chegára a noticia de que para as bandas do Oriente havia uma região como que encantada. As suas riquezas, innenarraveis, excediam tudo o que a imaginação a mais viva pudesse inventar. Ahi reinava um principe christão: o Preste-Joham.

Feliz da nação que pudesse descobrir caminho para traficar com essa tentadora região!

Mas não era tudo. Do lado do Occidente, contava-se, existiam paizes maravilhosos. O mar coalhava-se de verdejantes ilhas, *onde existiam cidades cujas muralhas eram de finissimo oiro* (1). O marfim e as gemmas as mais raras eram encontrados a monte. Cada concha com que o oceano tapisava as praias, continha perolas maiores do que as mais preciosas do thesouro do imperador em Constantinopla.

Comprehende-se perfeitamente que estas razões eram bastante ponderosas para que uma parte aventurosa da nação pensasse em desvendar esses segredos. Por outro lado a parte mais reflectida, encastellada nas noções de geographia de Ptolomeu e de outros, revoltava-se contra tão perigosa phantasia. Loucura seria o tentar qualquer interpreza do lado do Oeste. Ahi terminava o mundo. O desconhecido era o *Mar Tenebrozo*, onde imperava a morte. Para o Oriente podia-se ir atravez da Africa.

Buscas o incerto, e incognito perigo,
Porque a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da India, Persia, Arabia e Ethiopia?
Oh! maldicto o primeiro que no mundo
Nas ondas vela poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do profundo
Se é justa a justa lei que tenho. (2)

No meio desta incerteza apparece uma figura genial, que parecia enviada por Deus ao pequenino reino para abrir-lhe as portas da gloria; D. Henrique.

No reinado de D. João I uma frota de caravellas, dirigida pelos infantes seus filhos, tinha por vezes bracejado nas costas do norte d'Africa. N'uma dessas excursões foi conquistada a grande e fortissima cidade de Ceuta. O successo desse commetimento fez com que o mais moço dos infantes, D. Henrique,

(1) Oliveira Martins—*Historia de Portugal*.
(2) Camões—*Lusiadas*—Canto 4.º

tomasse amor pelas viagens maritimas e meditasse em futuras correrias sobre as vagas ululantes, em demanda de novos triumphos.

Para melhor execução dos seus planos o principe sabedor resolveu estabelecer-se perto do Cabo S. Vicente, em Sagres.

Nessa tenue porção de terra, que o oceano vem de continuo lavar, exposta aos rigores dos ventos, foi fundado um collegio, onde a nautica e geographia fossem ensinados. Das suas viagens trouxera-lhe um dos irmãos—mappas, roteiros, cartas maritimas, que passaram o ser o seu quotidiano estudar.

Ahi elle procurava desvendar os segredos das ilhas e dos continentes, dos golphos e das enseadas, velados pelo manto azul negro do Mar Tenebrozo. (1)

A Odyssea vae começar:

«Tu, filho caro da natura, ó genio!
Que tardastes em formar por tantos annos
O lusitano Henrique, alfim um dia
A empreza lhe inspiraste,
Que enche de gloria a Lysia.

Eis elle na mão toma ardente faxo,
Que desde o Sacro-Promontorio fulge;
Tiro de luz despede, que allumia
Do Tenebroso Oceano
Os pelagos immensos.

«Ide romper os mares, disse aos Lusos
Com chaves immortaes, té-qui fechados:
Ide alargar por nova maravilha
A patria Lysia, a Europa
Os terminos do mundo.»

Gente animosa invicta as vozes ouve;
A angra deixa da marinha Sagres;
E em promptos barineis ás ondas descem
Deuses do mar potentes
Os novos Argonautas.» (2).

Em 1412, de Sagres se partem em dous navios que passam 60 leguas além Cabo Não, considerado ponto que não podia ser ultrapassado.

---

(1) Oliveira Martins—*Historia de Portugal.*

(2) Elpino Duriense—*Ode a D. Henrique.*

Seis annos depois, uma tempestade lançava a uma ilha desconhecida outros navegantes, que davam-lhe o nome de Porto Santo. Em 1419:

Como do meio das cerradas nuvens
A atlantica Madeira sae formosa
De verdejante folha a trança ornada;
E vem com brando gesto
Saudar os luzos nautas! (1)

Mais tarde 14 annos Gil Eannes conseguiu dobrar o Cabo Bojador, façanha que julgou-se ultrapassar as de Hercules.

Em 1440, foi descoberto o Cabo Branco, e em 1444 em Lagos organizava-se uma companhia para explorar esses pontos d'Africa.

Entretanto o Infante, que cada vez mais se superiorizava no saber, avantajava-se em annos, declinando-se para a morte, sem que conseguisse fazer com que o Preste-Joham sahisse dos dominios da mais requintada phantasia.

No anno da graça de 1460 cerraram-se-lhe para sempre as palpebras, legando ao reino um patrimonio em cujo administrar encontraria el-rei a sua gloria a mais inescurecivel.

Verdadeiro genio, hoje, mais de quatro seculos depois de sua morte, ainda brotam, ainda florescem mimosas e viridentes as palmas do seu talento, as flôres de sua verdadeira gloria, para servir-me de expressões de Latino Coelho, esse insigne cinzelador da palavra. Deante do seu sepulchro illustre rebrilha o seu nome, por ventura ainda mais refulgente, immarcescivel perante a inveja, mais immarcescivel ainda depois que os posteros julgaram-no com imparcialidade, e por sobre elle collocaram uma auréola de luz, luz que nunca se apagará, luz que cada vez fulgurará mais rútila, luz sobre a qual o Senhor escreveu: *Assim para todo o sempre.*

D. João II, *principe perfeito*, continuou com ardor os projectos de D. Henrique, chegando Bartholomeu Dias até a ponta extrema do sul da Africa, a que o rei denominou de Cabo de Bôa Esperança.

Quanto ao Preste-Joham, navegantes portuguezes traziam de Benin a nova que não era elle mais do que o imperador da Abyssinia. De dois deputados que D. João mandará á côrte desse principe, um morrera assassinado. O outro fôra dar com-

(1) Ibidem.

sigo na India, voltando ao Cairo mais tarde, depois de ter visitado Calicut, Gôa e a ilha de Ormuz, no Golpho Persico.

Mas, só no reinado de D. Manoel, em 1498, conseguia Vasco da Gama, depois de 13 mezes de viagem, chegar ás Indias.

Nada posso eu dizer sobre a descoberta dessa deslumbrante região.

Por esta sala ainda parece resoar o mavioso verbo de Theodoro Sampaio, esse Latino Coelho do Brazil, em sua soberbissima oração.

Triste, tristissimo de mim, como poderia eu hoje succedel-o?

Dizem os historiadores que o Rei *Afortunado*, resolvendo aproveitar-se da descoberta do Gama, fez apromptar um frota composta de dez caravellas e tres navios redondos. O commando foi dado a Pedralves Cabral, fidalgo da real casa, filho de Fernandes Cabral, governador da provincia da Beira, alcaide-mór de Belmonte e senhor de Azurara.

Em 8 de Março de 1500, D. Manoel punha nas suas mãos o estandarte da Cruz, depois de devidamente abendiçoado na pequena ermida de N. S. de Belem, situada na praia no Restello. Mas tarde esse mesmo monarcha ahi levantou o sumptuosissimo, *preciosissimo e enflorado* monumento do qual, com tão nobre enthusiasmo nos fala Alves Mendes.

No dia 9, enfunadas pelo nordeste as soltas velas, acodem ás nãos aos acenos das sereias e atiram-se ao *mar caliginoso, de horrenda fama*, em demanda das terras, cujo caminho descobrira *Vasco da Gama, o forte Capitão.*

Até Cabo Verde feliz fôra a navegação. Faltando, porêm, uma embarcação, dois dias correu Cabral os mares tentando em vão descobril-a.

Seguiu então o almirante rumo do Oeste.

Na opinião de muitos esta rota foi tomada em virtude de uma tempestade: della, porêm, não nos dão noticia o escrivão da armada Pero Vaz Caminha, nem o piloto.

Outros querem que a causa fosse evitar as calmarias da costa de Guiné.

Para mim tenho como mais provavel, que assim obrára ou em virtude de ordens que trouxera, ou talvez por calculo.

Dir-vos-hei porque assim penso.

Erico, o Rubro, exilado da Islandia, passou-se em 986, diz o sr. Christiano Rafn, na sua *Memoria sobre o Descobrimento da America no seculo X*, para a Groenlandia, acompanhado de um dos seus validos por nome Heriulf. A Groenlandia nesse tempo tinha uma população consideravel.

Um filho de Heriulf, chamado Biarne, depois de uma viagem pela Noruega, desejando visital-o, partiu em companhia de outros em demanda daquella ilha, cujos mares lhes eram desconhecidos. Os nevoeiros fizeram com que chegassem a um paiz todo coberto de mattos, cortado por pequenos morros. Não se parecendo este paiz com a Groenlandia, continuaram a viagem e novas terras foram por elles encontradas. Tendo Biarne dado noticia desta descoberta a Erico, este mandou em 994 um de seus filhos, Leif, acompanhado de 35 homens, explorar essas terras, que, de novo encontradas, foram denominadas Helluland e Markland.

Um dos companheiros de Leif, afastando-se das costas, descobriu no interior grande quantidade de vinhas. Recebeu então o paiz o nome de Vinlandia.

Thorwald, irmão de Leif, no anno 1002, partia para essa região, onde passava o inverno. Na primavera de 1003, alguns dos seus companheiros, internando-se pelo paiz, em descobertas, encontravam bellas paragens cobertas de mattos. Tendo Thorwald se dirigido para a banda de leste, foi mortalmente ferido por Esquimáos que ahi encontrára.

Na primavera immediata voltavam os seus companheiros para a Groenlandia. Thorstein, irmão do morto, indo a essas paragens buscar o seu corpo para dar-lhe sepultura em terra civilizada, lá falleceu durante o inverno. Até 1121 continuaram as expedições á Vinlandia.

Na opinião de Rafn, pelas descripções dadas por esses viajantes, na America do Norte estão situadas essas regiões, exploradas pelos groenlandezes.

Sob os auspicios de alguns ecclesiasticos do Bispado de Gardar, na Groenlandia, foi feita em 1266 uma viagem á America, descobrindo outros em 1285 uma terra que parece ser a Terra Nova. Ainda em 1347 partia da Groenlandia uma expedição com destino a Markland, paiz amiudadas vezes visitado.

Os homens do norte, depois de andar em rapinas pelas costas de França, tinham descido até ás Canarias, no seculo XV.

Será de admirar que d'elles tivesse tido os portuguezes a primeira noticia da America!

Em Sagres, o infante D. Henrique passava dias e noites ao lado de Jayme de Mayorca, cosmographo notavel do tempo, examinando cartas geographicas e mappas.

Não seria n'este labutar constante, em busca da decifração do intrincano problema do Mar Tenebrozo, que tinham chegado

á sua verdadeira noção? Não estaria por acaso Cabral iniciado neste segredo tão digno de ser guardado por um principe da Renascença?

Aos sabios cabe a resposta.

A 21 de Abril apparecem signaes de terra.

A 22 foi esta avistada ás horas de vesperas.

Paiz de gente e prodigios cheio,
Da America feliz porção mais rica:
Aqui do vasto oceano no meio
Por horrivel tormenta a prôa applica
O illustre Cabral, com fausto acaso,
Sobre gráos dezeseis do nosso occaso. (1)

E tu, ó Patria, Patria querida, Patria minha abençoada, em cujo céo azul, como o manto da Virgem, rutilam estrellas as mais formosas, em cujas florestas distillam-se olôres que não invejam os do Oriente, em cujos ares adejam passaros que relembram porções de iris, onde cresce esbelta a palmeira com que Ulysses comparava Nausica, terras de *tantas bellezas que só as canta um poeta, só as sonha um immortal*, tu Terra-Patria appareceste aos olhos deslumbrados dos lusos navegantes.

Da nova região, que attento observa,
Admira o clima doce, o campo ameno,
E entre arvoredo immenso, fertil herva
Na viçosa extensão do aureo terreno;
Coberta a praia está de grã caterva
De incognita nação, que com aceno,
Por que a lingua ignorava, á paz convida. (2)

Não muito fortes são,
mas são tão destros
No exercicio da frexa, que arrebatam
Ao verde papagaio o curvo bico
Voando pelo ar. Nem dos seus tiros
O peixe prateado está seguro
No fundo do ribeiro. (3)

---

(1) S. Rita Durão—*O Caramurú*.
(2) *O Caramurú*.
(3) B. da Gama—*O Uruguay*.

A 26 foi celebrada uma missa com pregação. A 28 pela primeira vez o machado de um povo civilisado fez tombar em terras do Brazil uma arvore secular. Com ella foi talhada uma cruz com as armas e divizas d'el-rei de Portugal, cruz essa que foi alçada no dia 1.° de Maio.

A esta maravilhosa terra foi posto o nome de *Véra Cruz.*

Conta-se que Cabral fizera voto de, ao voltar ao Reino, mandar fabricar uma outra cruz com o ouro que trouxesse da India.

A base formal-a-ia o bronze dos canhões, ao qual seria presa pelo ferro das espadas.

Ouviu-o o Altissimo e disse-lhe: Não! Não a fareis de ferro, que a este consome a ferrugem dos tempos. Não! Não a fareis de bronze, que a este funde o fogo abrazador das revoluções e das guerras. Não! Não a farei de ouro que este é a fonte de todas as injustiças. Corrompe, como o ferro e o bronze fazem tremer e chorar. Fal-a-ei eu. Fal-a-ei de estrellas. Brilhará mais do que se o ouro a formasse. Estampal-a-ei no céo, para que ahi fique para todo o sempre. E *essa obra ficará firme, firme como a tua crença na immortalidade e na gloria.*

Vós tenro ramo florescente
De huma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesárea, ou Christianissima chamada:
Vêde-a no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou. (1)

E essa cruz que no escudo do firmamento rutila sobre as nossas cabeças, que nos tem acompanhado em todos os nossos altos feitos, foi o instrumento empregado para civilisar o gentio.

Comparae esse meio com o empregado nas Indias. Aqui a persuasão, a palavra, mais leve que o vento. Lá a arma homicida. Que importa que estivesse ao serviço de um heróe?

Por ventura o sangue vertido por este não será tão rubro como o que derrama o bandido?

Si matar é um crime, dizia V. Hugo, matar muito não póde ser uma circumstancia attenuante; si roubar é uma infamia, roubar muito não póde ser uma gloria. Aos olhos de Deus eterno nada influe collocar sobre a cabeça de um assassino, em vez de

(1) Camões—*Lusiadas*—Canto 1°.

um bonnet de grilheta uma corôa imperial. Não! A gloria ensanguentada não existe. Não! Não se póde consentir que a mulher dê a luz na dôr, que os povos laborem e semêem, que o lavrador fertilise os campos, que a industria faça maravilhas e o genio prodigios, que a vasta actividade humana multiplique á face do céo estrellejado os esforços e as creações para terminar n'esta exposição internacional, que se chama um campo de batalha.

A 2 de Maio desferrou Cabral, proseguindo a sua róta para as Indias, d'onde voltou a Portugal em 1502.

Devera eu agora contar-vos os destinos do almirante té então tão fortunado, e os d'esta grandiosa terra, fadada para grandes feitos, mas como ao immortal cantor do Messias, a discrição já acena-me com o seu bronzeo braço que me *recolha ao grande pensamento de ser digno de ti, ó minha Patria.*

S. Paulo, 3 de Maio de 1900.

Dr. Manoel Pereira Guimarães.

Uma reivindicação improcedente

I

Escreveu o Sr. Major José Domingues Codeceira em seu opusculo—A Idéa Republicana no Brazil—, como antes o fizera em memorias apresentadas ao Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano (1), uma das quaes foi reproduzida na primeira parte do tomo LIII da Revista Trimensal do Instituto Historico Brazileiro, que Bernardo Vieira de Mello « havia combinado com o seu mestre de campo João de Freitas da Cunha o plano de sacudir com os mascates o jugo de Portugal (2) »; que « em 10 de Novembro de 1710 houve uma reunião do Senado de Olinda em Congresso para deliberar sobre o governo da Capitania e que nesta sessão propoz Bernardo Vieira de Mello para que fosse adoptada a fórma do governo republicano *ad instar* dos venezianos » (3); que a « Bernardo Vieira de Mello cabe a gloria de ter sido o primeiro que no solo americano e em Pernambuco tentou pôr em pratica a independencia nacional e com ella o governo republicano » (4); que « em 10 de Novembro de 1710 pela primeira vez — echoou no sólo Americano e em Pernambuco o brado de independencia nacional e que nesse dia se pretendeu adoptar a fórma do governo republicano *ad instar dos venezianos* » (5); que « o primeiro movimento armado para a independencia nacional e fórma do governo republicano foi effectuado no dia 10 de Novembro de 1710, sendo o seu principal auctor Bernardo Vieira de Mello e os que o acompanharam nesse movimento » (6); que « a malograda revolução de 1710 foi a primeira tentativa para

---

1 Vid. Revista do mesmo Instituto, n. 37, pags. 53 e segs., n. 40, pags. 173 e segs., n. 42, pags. 273 e seg. e n. 43, pags. 3 e segs.
2 A Idéa Republicana no Brazil, Recife, 1894, pag. 86.
3 Idem, pag. 116.
4 Idem, pag. 87.
5 Idem, pag. 99.
6 Idem, pag. 119 a 120.

a liberdade nacional sob a forma do governo republicano no solo americano» (1), e com taes affirmações procurou reivindicar para Bernardo Vieira de Mello a gloria de precursor não só da independencia nacional como da republica.

A palavra do Sr. Codeceira, porêm, por mais vasta erudição que elle possuisse, por mais selecto e solido preparo intellectual, de que dispuzesse, por maior honestidade litteraria, de que fosse elle dotado, por mais absoluta que fosse sua imparcialidade, por mais respeitavel e veneranda que fosse sua pessoa e por maior auctoridade, que fruisse elle como historiographo, não bastaria nunca para serem estas affirmações recebidas como verdades historicas, si desacompanhadas de provas incontradictaveis; porquanto a historia é tambem uma sciencia, cujo processo essencial, fundamental é a observação, como bem o diz Réné Worms (2) e o repete Seignobos, quando assevera (3) ser necessario que toda affirmação repouse directa ou indirectamente em uma observação correcta para que possa ser recebida, e quando doutrina que se deve rejeitar, como se rejeita um documento apocrypho, a affirmação de um auctor, que não têm conhecimento certo do facto que affirma (4).

Não se esqueceu o Sr. Codeceira desta verdade e, por isso, procurou fundamentar suas theses, demonstrar a verdade de suas affirmativas e a procedencia de sua reivindicação.

Para este fim recorreu o Sr. Codeceira ao diccionario intitulado—*Os Martyres Pernambucanos*—publicado em 1853 e de que é auctor o padre Joaquim Dias Martins, a dois trechos dos pareceres do Conselho Ultramarino de 15 e 17 de Dezembro de 1712 e á *Narração historica das calamidades de Pernambuco,* dada á estampa na segunda parte do tomo LIII da *Revista Trimensal do Instituto Historico Brazileiro,* e, depois de mostrar as bases de suas asseverações, terminou opinando que não podia restar, em vista das robustas provas apresentadas, a menor duvida sobre a verdade de suas theses e a procedencia de sua reivindicação.

Apesar, porêm, desta affirmação categorica, não se pode deixar de examinar as provas produzidas para verificar si as theses sustentadas no opusculo—*A Idéa Republicana no Brazil*—são a expressão da verdade historica, ou o fructo de estudos mal dirigidos, feitos sem a paciencia, sem a probidade e sem o necessario preparo intellectual, ou o producto de uma imaginação phantasista, ou a creação de um cerebro doentio; pois não só é bem possivel que no estudo

1 Idem, pag. 50.
2 L'Organisation scientifique de L'histoire, Paris, 1894, pags. 7 e 12.
3 Introduction aux études historiques par Ch. V. Langlois et Ch. Seignobos, Paris, 1898, pag. 145.
4 Idem, pag. 166.

dos documentos, offerecidos para prova de suas proposições, não tenha o sr. Codeceira empregado com escrupulosa correcção as regras da hermeneutica e, ao contrario, usando do processo, a que Fustel de Coulanges chama de methodo subjectivo, tenha ahi immiscuido suas idéas pessoaes, encarando os documentos com espirito prevenido e os lendo atravez de suas impressões, como porque, conforme o ensina um illustrado professor (1), deve-se desconfiar *a priori* de toda affirmação de um auctor, por não se saber si ella é mentirosa ou erronea, o que já anteriormente foi dicto por Descartes (2), quando estabeleceu como primeiro preceito de seu methodo não receber nunca coisa algnma por verdadeira sinão quando conhecesse evidentemente que ella o éra.

E' exacto que já foram por muitos recebidas como verdadeiras as theses em questão, tanto que se tracta no Recife, como se pode ler no *Estado de S. Paulo* n. 7328, de 12 de Dezembro de 1898, de erigir um monumento a Bernardo Vieira de Mello, tanto que «o Club Republicano de Olinda, de acordo com a Municipalidade, como informa o sr. Codeceira (3), querendo perpetuar a memoria desse ousado feito do eximio patriota Bernardo Vieira de Mello, teve a feliz lembrança de collocar uma pedra commemorativa desse grande feito na frente do antigo edificio que naquella epocha servia de paço do antigo Senado»; mas é tambem exacto que tal acceitação não dispensa o trabalho propedeutico do exame, porque não contribue para firmar a veracidade das theses, visto que as questões scientificas não se decidem pelo numero mas pela competencia.

A *Historia dos Bretões*, publicada em 1147 por—Geoffrey, arcediago de Monmouth, com a collaboração de Walter, arcediago de Oxford, foi uma das producções mais populares da edade, media o diz Buckle (4); se a considerou uma tão preciosa contribuição á literatura nacional que seu principal auctor foi promovido, graças ao successo de suas pesquisas referentes á historia de Inglaterra, a bispo de Asaph; teve, tal historia, uma acceitação tão geral que um seculo depois de seu apparecimento ainda era geralmente adoptada pelos historiadores inglezes, que durante dois ou tres seculos não houve sinão uma ou duas occasiões em que um ou outro ousado suspeitou de sua veracidade; que Polydoro Vergil, escriptor que viveu no principio do seculo XVI, foi olhado quasi como um louco por não tel-a recebida por exacta e fidedigna; que o celebre historiador Alfredo de Berveley fez della em lingua latina um resumo, mais tarde

1 Idem' pag. 132.
2 Discours sur la methode, Paris, Librairie de la Bibliothéque Nationale, 1898, pag. 32.
3 A Idea Republicana no Brasil, pag, 103.
4 Henry Thomas Buckle, Histoire de la civilisation en Angleterre, nouvelle édition, traduite par A. Baillot, Paris, C. Marpon et E. Flammarion—éditeurs, pag. 364, vol. 1.

vertido para o inglez por Layamon e traduzido para anglo-normando primeiro por Gaimar e depois por Wace, escriptor cheio de zelo que almejava, accrescenta Buckle, ver as importantes verdades, contidas na *Historia dos Bretões*, tão largamente disseminadas quanto o permittissem as circumstancias e, no entretanto, tudo isto, que não milita a favor da *A Idéa Republicana no Brazil*, não impediu e não impede que se não recebam como verdades historicas as affirmações avançadas por Geoffrey, de que Bruto, descendente de Ascanio, escapo de Troya por occasião de sua tomada pelos gregos, matou os gigantes, que povoavam a Inglaterra, destruiu a raça destes e, depois, fundou Londres e deu seu nome ao paiz, chamando-o Bretanha; que no reinado de Rivallo, um dos successores de Bruto, cahiu durante tres dias consecutivos uma chuva de sangue; que no reinado de Morvido as costas de Inglaterra foram infestadas por um terrivel monstro marinho, que, após ter devorado um numero inaudito de pessoas, devorou o proprio rei; que o rei Arthur devia sua existencia a uma combinação magica do celebre feiticeiro Merlin; que este rei, não desmentindo sua origem sobrenatural, era dotado de tanta força que ninguem lhe podia resistir; que matou um numero immenso de saxões, invadiu a Galia e Noruega; fixou sua côrte em Paris; desafiou dois gigantes em combate singular e matou a ambos, não só o que habitava o monte S. Miguel e que matava a todos os soldados enviados contra elle com excepção apenas daquelles que aprisionava para comel-os vivos, como ainda o gigante Ritho, que era mais formidavel que o primeiro e fazia das barbas dos reis, que trucidava, vestes para si.

A acceitação, por consequencia, das affirmativas do sr. Codeceira, longe de significar forçosamente que ellas exprimem a verdade, bem pode ser explicada tanto pela vulgarização persistente que dellas se tem feito e que, familiarizando o leitor com ellas, acaba por fazel-o as julgar bem fundadas, quanto pela indifferença, que a nossa demopsychologia accusa, no pensar de José Verissimo (1) como um dos caracteristicos do brazileiro e que, si não o impede de todo, ao menos difficulta extraordinariamente o trabalho da verificação da falsidade ou não das affirmativas produzidas.

Em taes circumstancias, sendo o previo exame dos fundamentos das theses aconselhado por motivos ponderosos e não sendo elle dispensado pela acceitação, que têm as theses encontrado, se faz mister que se examinem com animo desprevenido os documentos e as provas, em que se encastella o Sr. Codeceira, e se verifique, por esse modo, a procedencia ou improcedencia da reivindicação da precursoridade de Bernardo Vieira de Mello.

---

1 A Educação Nacional—Pará -1890—pag. 28.

II

O auctor da *A Idea Republicana no Brazil*, escrevendo que Bernardo Vieira de Mello, de combinação com o seu mestre de campo João de Freitas da Cunha, planejou sacudir o jugo de Portugal e estabelecer, consequentemente, no sólo da patria a independencia, diz que «O AUCTOR D'*Os Martyres Pernambucanos* AFFIRMA, á pag. 272 de sua obra, que era este o projecto combinado entre Bernardo Vieira de Mello e o seu mestre de campo João de Freitas da Cunha» (1), como, anteriormente, dissera que «Mello ousou em 1710 tramar com o seu mestre de campo João de Freitas da Cunha, Pedro Rodrigues da Silva e a nobreza pernambucana sacudir com os mascates o jugo de Portugal, CONFORME SE VE A PAG. 272 *d'Os Martyres Pernambucanos*» (2), o que demonstra clara e evidentemente, e o confirmam as transcripções da passagem, a que se refere, feitas nos artigos dados á estampa no *Jornal do Recife* n. 74, de 1892, em o numero de 21 de Abril do mesmo anno e desse mesmo jornal, á pag. 125 do opusculo—*A Idea Republicana no Brazil*—e á pag. 279 do n. 42 da *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, o que demonstra, repete-se, que para avançar semelhante asserção, o sr. Codeceira apoia-se na auctoridade do padre Joaquim Dias Martins, auctor d'*Os Martyres Pernambucanos*.

Este escriptor, porêm, não adeanta a proposição, que o sr. Codeceira lhe attribue, não diz que Bernardo Vieira de Mello combinou, de facto, com João de Freitas da Cunha sacudir o jugo de Portugal e sim apenas que «*imputou-se-lhe*» esse prejecto e «*affirmou-se* que era ponto decidido e concertado com o seu mestre de campo o famoso João de Freitas da Cunha» (3).

Escrevendo que *imputou-se* esse projecto a B. Vieira de Mello, Dias Martins refere unica e simplesmente que se lhe attribuiu esse projecto, mas não diz que elle realmente o alimentou; como, escrevendo que *affirmou-se* que era o projecto ponto decidido e concertado com João de Freitas da Cunha, relata apenas que disseram, fallaram, constou, correu que esse projecto, que attribuiram, imputaram a Mello, era ponto decidido e concertado com Freitas da Cunha, mas não affirma que o projecto foi, na verdade, ponto decidido e concertado entre ambos, mesmo porque, não tendo affirmado que Mello nutriu, de feito, esse projecto, não podia affirmar que elle o combinou com Freitas da Cunha.

---

1 A Idea Repuplicana no Brazil, pag. 114.
2 Jornal do Recife, n. 86, de 17 de Abril de 1892.
3 A Idea Republicana no Brazil, pag. 125.

Entre a proposição de Dias Martins e a que o sr. Codeceira lhe attribue ha, como se vê, um grande e insuperavel abysmo.

Diz mais o sr. Codeceira que o capitão-mór Pedro Ribeiro da Silva, Antonio de Lima Barbosa, Manoel de Mello Bezerra' Antonio Bezerra Cavalcanti, Leonardo Bezerra Cavalcanti, o capitão André Dias de Figueredo e seu irmão, o Dr. José Tavares de Hollanda e João de Barros Rego, cujos votos se acham «declarados», consignados em diversas paginas d'*Os Martyres Pernambucanos* (1), opinando a favor da proposta, feita, em uma reunião da nobreza e senado de Olinda, por Bernardo Vieira de Mello, de que se declarassem em Republica *ad instar* dos venezianos, «não cederam ao acordo de passar o governo para o bispo, arrostando com todas as consequencias» (2).

O sr. Codeceira ainda neste ponto apoia-se nas palavras de Dias Martins, o que se evidencia não só de ter elle escripto, ao dar noticia da proposta de B. V. de Mello e dos que por ella opinaram, que «os seus votos se acham declarados ás pags. 73, 94, 132, 143, 193 a 194, 302 a 303 e 339 d'*Os Martyres Pernambucanos*» (3), como de ter extrahido, embora só na parte que lhe servia e não integralmente, dessa obra todos os trechos referentes a essa votação para publical-os em o *Diario de Pernambuco* n. 66, de 1892 e delles, depois de transcriptos pela *Gazeta de Noticias*, do Rio, em 3 de Julho desse mesmo anno, fazer o ultimo capitulo do opusculo—*A Idéa Republicana no Brazil.*

Dias Martins, porêm, negando o apoio solicitado, diz expressamente que Pedro Ribeiro da Silva, Antonio Bezerra Cavalcanti, Manoel de Mello Bezerra, João de Barros Rego e Leonardo Bezerra Cavalcanti «seguiram o voto dos moderados, elegendo o bispo para governador».

Na realidade, quem abrir os *Os Martyres Pernambucanos* para conhecer o que, a respeito da discussão e votação da proposta de B. Vieira de Mello, escreveu, ou antes phantasiou Dias Martins, encontrará affirmado nesse opusculo que Antonio Bezerra Cavalcanti, «segundo vereador da camara de Olinda, opinou com Bernardo Vieira, mas *seguiu*, por fim, *o voto dos moderados*, elegendo o bispo para Governador»; que Manoel de Mello Bezerra «na Junta da Nobreza em Olinda votou com seu cunhado Bernardo Vieira de Mello: *cedeu*, comtudo, *aos moderados* e votou na eleição do bispo para Governador»; que João de Barros Rego «na conferencia geral da camara sobre a fórma do Governo seguiu a opinião de B. V. de

1 Idem, pag. 111 a 112.
2 Idem, pag. 87.
3 Idem, pag. 111 a 112.

Mello, mas *resignou-se em que se nomeasse o bispo*, como, de facto, aconteceu»; que Leonardo Bezerra Cavalcanti opinou com Bernardo Vieira; *sujeitou-se*, entretanto, *á maioria*, consentindo e *approvando a eleição do bispo* para Governador interino»; que Pedro Ribeiro da Silva «na sessão geral da nobreza em camara sobre a fórma do governo opinou como patriota, concluindo que se governassem a si mesmos, porque só assim ficaria a patria livre dos riscos, por que acabava de passar, concordando que o bispo fosse Governador interino com a clausula de que, em nome de El-rei, olhasse o passado como innocente desforço da Nobreza e povo opprimido».

Falta, portanto, ao sr. Codeceira o invocado apoio de Dias Martins nos dois pontos, de que se acabou de tractar, o que não acontece relativamente ao asserto de que em uma reunião da nobreza e senado de Olinda para deliberar sobre o governo foi voto de Bernardo Vieira de Mello que se declarassem em Republica *ad instar* dos venezianos; pois a affirmação do sr. Codeceira é, neste caso, uma exacta repetição do que escreveu Dias Martins, sem que tenha ou possa ter, por isso, os fóros de verdade.

Si Frederico Sclopis (1), muito embora não conteste a auctoridade de Freccia e reconheça que nada é mais provavel que a existencia de uma certa lei, de que foi esse jurisconsulto o primeiro a dar noticia, não acceita como certa a sua existencia, porque o unico testemunho de um auctor, que não foi contemporaneo da lei, de que dá noticia e que podia facilmente ser induzido em erro por informações inexactas, não basta, a seu vêr, para provar a existencia dessa lei, não confirmada pela historia e nem pelos documentos contemporanos, com muito mais razão não pode ser recebida como verdadeira a affirmação de Dias Martins, que não foi contemporaneo da guerra dos mascates, que podia ter sido induzido em erro e cuja auctoridade é muito contestavel e contestada até mesmo pelo sr. Codeceira, que a não reconhece e acceita, dizendo, em relação ao assassinato do capitão Antonio Germano Cavalcanti, que (2) «não é exacto o que diz o auctor d'*Os Martyres Pernambucanos*» e que «o facto não se passou como elle o refere».

Si não bastasse esse principio, universalmente acceito, de que dicto de um é dicto de nenhum para que fosse rejeitado *in limine* o asserto de Dias Martins, ainda teria elle contra si a falta de provas, que a tornem superior a qualquer duvida.

«Para a historia desta guerra civil, o affirma o Visconde de Porto Seguro (3), quasi podemos dizer que nos sobram os docu-

---

1 Histoire de la legislation italienne, trad. en français par Charles Sclopis, Paris, Aug. Durand, libraire-éditeur, tome I, chap. V, pag. 169 e seg.
2 A Idéa Rep. no Brax., pag. 93.
3 Historia Geral do Brasil, 2.ª ed. tom. II, pag. 826.

mentos e as chronicas contemporaneas, onde ha que buscar a verdade, extreme das paixões de partido», o que já foi em outros termos repetido por José de Alencar, quando assertou que «a guerra dos mascates é talvez dos factos da nossa historia colonial aquelle de que nos ficaram mais copiosos subsidios. Temos acerca dessa grotesca revolução o informe dos dois partidos, os quaes, como sempre acontece, exaggeraram cada um por sua conta» e, por esse motivo, pela abundancia de informações, facil é provar qualquer affirmação relativa a esse episodio, quando verdadeira, pelo que facil seria a Dias Martins adduzir provas em favor de sua affirmativa, si verdadeira, o que elle não fez, deixando assim, visto que nos dominios da historia as affirmações carecem baseadas em documentos dignos de fé para serem acceitas, que seu asserto experimente as vicissitudes do azar, sendo recebido pelos não escrupulosos e posto á margem pelos que se deixam guiar pelos sãos principios scientificos.

A affirmação de Dias Martins, portanto, não tem nenhum valor, quer proprio, quer advindo de documentos, e não póde servir de base para a architectação do asserto do sr. Codeceira, mesmo porque ella precisa ser provada para ser acceita, o que muito bem comprehendeu o sr. Codeceira, tanto que procurou com trechos da *Narração Historica das Calamidades de Pernambuco* e de dois pareceres do Conselho Ultramarino provar a realidade da reunião do senado e nobreza de Olinda em Novembro de 1710 (1) e a do projecto de Bernardo Vieira de Mello e João de Freitas da Cunha. (2)

Assim sendo, nenhum valor communica ás théses d'*A Idéa Republicana no Brazil* o asserto de Dias Martins, que absolutamente não concorre para estabelecer a procedencia da reivindicação intentada a favor de Bernardo Vieira de Mello.

III

Transcrevendo um trecho do parecer interposto pelo Conselho Ultramarino em 15 de Dezembro de 1712 e relativo ao assumpto de uma carta pelo desembargador Christovam Soares Reimão escripta em 28 de Julho desse mesmo anno e na qual se queixou elle de um desacato, que soffreu «quando em novembro de 1710 se sublevaram alguns dos moradores de Pernambuco e intentaram fazer republica», diz o sr. Codeceira que «por esta carta, que é um documento official, se prova exhuberantemente que a tentativa para a republica em Pernambuco teve logar no primeiro levante contra o

1 A Idéa Rep. no Brazil, pag. 112.
2 Idem, pag 114.

governador Caldas em Novembro de 1710» (1), como, antes de o transcrever, disséra que «para provar que o facto da tentativa para a republica teve logar no mez de Novembro de 1710 basta abrir-se a primeira pagina do n. 41» da Revista do Instituto Archeologico de Pernambuco, na qual se acha estampado o supra referido parecer.

A missiva de Reimão, porêm, longe de ser um documento official, é simplesmente uma das muitas «cartas, de que fala o visconde de Porto Seguro (2), dirigidas á côrte por varias pessoas de Pernambuco, incluindo ecclesiasticos e até senhoras» e não tem nem a importancia nem o valor, que o sr. Codeceira lhe attribue, pela razão muito simples, além de outros motivos, de ter a republica, fórma de governo democratico representativo, nascido, como o diz Bluntschli (3), na America do Norte, o que quer dizer que a palavra—republica—só depois de 1787 começou significar democracia representativa, governo democratico, governo do povo pelo povo e para o povo e, por isso, Reymão, usando dessa palavra em 1712, não a empregou, e não podia empregal-a, na accepção, que ella só veio a adquirir setenta e cinco annos depois, e, portanto, dizendo elle em 1712 que «alguns dos moradores de Pernambuco intentaram fazer republica», absolutamente não disse que elles intentaram estabelecer um governo democratico, um governo de natureza egual ao estabelecido nesta parte da America em 15 de Novembro de 1889.

Assim sendo, a carta de Reymão de modo algum apoia a asserção de que em Novembro de 1710 houve em Pernambuco uma «tentativa para a republica» actual, de que em Novembro de 1710 se tentou em Pernambuco o estabelecimento de um governo republicano, tal como é elle hoje comprehendido pelos publicistas e realizado na Suissa, na França, neste paiz e nas demais republicas americanas.

Muito ao emvez de provar a affirmativa do Sr. Codeceira, a referida carta nem siquer estabelece uma presumpção de que em Novembro de 1710 se tentou ou se pretendeu em Pernambuco a implantação de um governo soberano e democratico, visto a força probante do testemunho de Reymão não ser sufficiente para tanto, como se demonstrará.

Si um individuo, trazendo seu testemunho a favor da existencia de um facto de ordem physica, tem necessidade de indicar as circumstancias, que justifiquem o conhecimento, que tem, do facto, para fruir de inteira fé, com muito mais razão, tractando-se de um

---

1 Idem, pag. 105.
2 Op. cit. pag. 833.
3 Théorie générale de l'état, trad., par M. Armand de Riedmatten, 3.ª ed., Paris 1891, pag. 420.

facto de ordem psychica, cuja existencia apresenta maiores difficuldades para ser conhecida, se deve exigir, para que o testemunho gose de inteira fé, que quem affirma o facto psychico especifique o facto ou factos de ordem physica por meio do qual ou dos quaes aquelle se manifestou; pois, conforme doutrinam Ribot e Scipio Sighele (1), todo estado intellectual é acompanhado de manifestações physicas determinadas, que são não sómente seus effeitos e signaes, mas tambem suas condições necessarias e seus elementos constitutivos.

Ora Reymão affirma a existencia de um intento, que é um phenomeno psychico, e não especifica o facto ou factos de ordem physica pelo qual ou pelos quaes esse intento, esse facto psychico se exteriorizou, logo seu testemunho tem sua respectiva força probante restringida por essa falta de individuação dos factos e não merece credito inteiro.

Si a falta de precisão restringe consideravelmente o valor desse testemunho, a extrema parcialidade de Reymão, accusando os individuos, que o desacataram, annulla por completo esse valor, de modo que não tem jus esse testemunho, invocado pelo sr. Codeceira, a credito algum.

Carece, na realidade, de credito a accusação feita pelo desembargador Reymão contra os « tumultuosos» de 1710, porque Reymão era inimigo capital dos accusados.

O fim, que tinha Reymão em vista ao formular a accusação contra os insurgidos de 1710 não foi e não podia ser outro que não o de provocar a punição delles e quem promove por uma causa pessoal a punição de outrem, e que foi por uma causa pessoal, que Reymão teve esse procedimento, o prova a data, em que foi feita a accusação, é, sem duvida, inimigo desse outrem.

Confirmando esta conclusão, o momento, em que foi escripta a carta, evidencia que Reymão não foi levado por sentimento de patriotismo a formular a accusação e sim por um sentimento de odio para com os individuos, a que accusa; pois só uma causa desta natureza, resistindo á acção do tempo, que tudo faz esquecer, poderia admittir a sua procrastinação por quasi dois annos, ao passo que o sentimento de patriotismo, sendo factor que actua de maneira a determinar acção prompta e immediata, exigiria que Reymão formulasse a accusação não em 28 de Julho de 1712, dezenove ou vinte mezes depois do «intento de fazer republica», mas em Novembro de 1710, logo após a manifestação de semelhante intento.

Para corroborar ainda o asserto de que Reymão era inimigo capital dos individuos, a que accusa, ahi está o desacato, de que

1 La folla delinquente. Studio di psicologia collettiva, 2.ª ed., pag. 66 e 67.

foi elle victima e que consistiu em descomposturas, em invectivas, em injurias verbaes, sendo certo, como o affirma Gonçalves da Silva (1), que a injuria verbal grave, quer tendo-se em consideração as palavras, quer o logar, em que a injuria foi proferida, quer a pessôa, a que foi irrogada, é uma das fontes da inimizade capital.

Não se objecte que os moradores de Pernambuco, aos quaes Reymão accusa de se terem sublevado e intentado fazer republica, não são os auctores do desacato, de que foi elle alvo, e que, por conseguinte, sua inimizade para com estes não vicia suas palavras relativas aos primeiros, porquanto o escriptor da citada *Narração Historica das Calamidades*, dizendo (2) que os desembargadores Reymão e Manoel Velho de Miranda «capacitaram, a troco de algumas descomposturas», os insurgentes a darem posse do governo ao bispo D. Manoel Alvares da Costa, deixou manifesto que foram os sublevados os que desacataram com descomposturas a Reymão.

O que fica exposto é mais que sufficiente para pôr fóra de duvida que Reymão era inimigo capital dos sublevados contra o governador Caldas, aos quaes accusa, em sua carta de 28 de Julho de 1712, de «terem intentado fazer republica»; mas, concedida a hypothese de não se poder em boa logica inferir dos factos apontados a existencia de semelhante inimizade, ainda assim não seria licito negal-a por plena e exhuberantemente provada pelo proceder de Reymão, do qual dá noticia o senado de Olinda em uma carta, escripta a el-rei em 12 de Outubro de 1713, e na qual se lê a seguinte passagem publicada pelo Visconde de Porto Seguro em sua *Historia Geral do Brazil* (3): «Neste estado posta a terra e os moradores, foi V. M. servido mandar tirar novas devassas pelo desembargador Christovam Soares Reymão, que chegou da Parahyba, a 24 de Julho, a aposentar-se no Recife, onde as está tirando das testemunhas mais interessadas e, para melhor dizer, das mesmas partes e as mais dellas pessoas de pouco credito. E se por ser referida, chama alguma que não seja desta parcialidade, a intimida e ameaça para que não diga o que sabe mas só o que elle quer que diga».

Na verdade, do procedimento de Reymão, quando em 1713 abriu uma devassa relativa ao phantasiado levante contra o governador Felix José Machado de Mendonça e attribuido ao partido olindense, da circumstancia de só chamar elle como testemunhas nessa devassa as pessoas ligadas ao partido recifense e «as mais dellas pessoas de pouco credito», do facto de ameaçar e intimidar elle as testemunhas, que não eram filiadas a este partido, quando por serem

1 Commentaria ad Ordinationes Regni Portugallicæ, 1, 3, tit. 56 § 7, tomus secundus, Ulyssipone, MDCCXLII, ns. 41 e 42, pags. 173 e seg.
2 Revista Trim. do Inst. Hist. e Geog. Bras., tomo LIII, parte II, pag. 55.
3 Op. cit., pag. 834.

referidas tinha necessidade de inquiril-as, para que dissessem não o que sabiam, mas o que elle desejava que dissessem, da violenta e atroz perseguição por elle exercida com a pratica desses actos contra o partido olindense, de que eram membros os auctores da sublevação contra Caldas e, por conseguinte, os auctores do desacato de que elle Reymão foi victima em Novembro de 1710, absolutamente não se pode tirar outra conclusão a não ser a de que era Reymão inimigo capital dos religionarios do partido olindense, isto é, dos auctores da sublevação de Novembro de 1710 e do desacato, que elle Reymão soffreu em companhia de Manoel Velho de Miranda e outros; pois só um inimigo capital é capaz de, por motivos pessoaes mas desinteressados, abusar de sua cadeira de juiz para perseguir, com escandalosa violação dos mais comesinhos principios da moral e do direito, a jurisdiccionados seus.

Que Reymão era inimigo capital dos levantados contra Caldas, aos quaes accusa elle, em sua carta de 28 de Julho de 1712, de « terem intentado fazer republica », é, consequentemente, facto que não padece duvida de especie alguma, e, como o testemunho de um inimigo capital, ainda mesmo que a inimizade fosse causada por aquelle contra quem a testemunha é produzida, ainda mesmo que a inimizade, existindo suas causas, se não tenha declarado, não faz prova, não constitue indicio e nem siquer dá logar á presumpção alguma, como bem o diz o notavel jurisconsulto Gonçalves da Sylva (1), a accusação, feita pelo desembargador Reymão contra os sublevados de 1710, carece completamente de credito e não merece fé.

A accepção, que tinha o termo republica quando foi empregado por Christovam Reymão, a circumstancia de não terem sido precisados os factos denunciadores do intento, a imprestabilidade do testemunho desse ministro, fazem que o trecho, invocado pelo Sr. Codeceira, não tenha nem siquer um diminuto valor probante e, por isso, não serve a referida passagem nem mesmo para auxiliar a prova de que em 1710 se tentou em Pernambuco o estabelecimento de um governo soberano e democratico.

Mesmo que assim não fosse e Reymão não pertencesse ao numero dos « ministros com suspeitas », a que se refere (2) o parecer interposto em 17 de Dezembro de 1712 pelo Conselho Ultramarino, e a palavra republica tivesse então o mesmo significado, que tem hoje e os factos de ordem psychica fossem de mais facil e prompta verificação que os de ordem physica, a passagem, a que recorreu o Sr. Codeceira, não o ajuda a provar que Bernardo Vieira de Mello e João de Freitas da Cunha projectaram sacudir o jugo de Portugal

1 Op. cit.
2 Revista do Inst. Arch. Pernamb., n. 41, pag. 192.

e que Bernardo Vieira de Mello propoz em reunião da nobreza e senado de Olinda aos 10 de Novembro de 1710 que «se declarassem em Republica *ad instar* dos venezianos, e, por essa razão, não apoia as affirmações de Dias Martins e, consequentemente, nem a reivindicação intentada pelo auctor d'*A Idéa Republicana no Brazil.*

IV

Recorrendo ao parecer do Conselho Ultramarino pelo qual este em 17 de Dezembro de 1712, depois de ouvido o procurador da corôa, indicou a providencia a tomar-se em relação aos acontecimentos de Pernambuco narrados em cartas «do Ouvidor Geral Luiz de Valenzuella Ortiz e dos Officiaes da Camara de Olinda e Recife, e do Commandante João da Matta, e do Capitão João da Maia da Gama, e de outras muitas pessoas» (1), delle destaca o sr. Codeceira, para apresental-a (2) como prova de grande peso em favor de suas theses, a seguinte passagem: «na verdade, pelo que se mostra deste traslado, os do Recife justamente se puzeram em defesa contra os de Olinda, que estão mais que indiciados de que pretendiam assenhorear-se das fortalezas, degolar os do Recife e não admittirem novo governador que fosse senão com os pactos que elles quizessem, fazendo varias conferencias sobre levantarem republica e convidarem para seu protector a el-rei de França, ou outro que lhes fizesse melhor partido».

Esta passagem, porêm, de fórma alguma serve de phintho ás theses do sr. Codeceira, porque, não encerrando uma affirmação avançada á vista de documentos pelos membros do Conselho Ultramarino e nem siquer pelo procurador da corôa, mas sendo apenas simples transumpto,—*pelo que se mostra deste traslado*, reza o parecer—, de uma accusação feita ao partido olindense, não tem o valor, que lhe poderia emprestar a auctoridade do Conselho, e sim unicamente o que lhe fornece sua origem e, como esta é de todo viciosa, o que já foi proclamado pelo proprio Conselho, quando opinou que eram «*suspeitosas* todas as diligencias e devassas que se tiraram» (3) e que «se não deve proceder a condemnação por cartas de uns governadores *queixosos* e de ministros com *suspeitas* e tinhão tambem esta repulsa as devassas que tiraram os ouvidores de Olinda» (4), não tem a accusação e, portanto, a passagem in-

1 Rev. do Inst. Arch., n. 41, pag. 179.
2 A Idéa Rep. no Braz., pag. 115.
3 Rev. do Inst. Arch. Pernamb., n. 41, pag. 192.
4 Idem, pag. 192.

vocada prestabilidade alguma e, em taes circumstancias, não serve de prova em favor das theses sustentadas n'*A Idéa Republicana no Brazil.*

Na verdade, tão imprestaveis eram as informações recebidas pelo Conselho Ultramario relativamente «ás alterações de uns contra outros» (1), a que se tem dado o nome pomposo de Guerra dos Mascates, que o Conselho, depois de tomar conhecimento dellas, foi de parecer que, «como se não possa averiguar a verdade por estes papeis» (2), devia S. M. mandar um ministro tirar nova devassa «para que se averigue e examine a verdade sem odio nem amor» (3), o que mostra que os subscriptores das accusações não mereciam fé, não eram dignos de credito ou que, pelo menos, os conselheiros, sem duvida alguma por motivos ponderosos, os tinham nessa conta.

Tão imprestaveis eram, de facto, taes informações que o proprio procurador da corôa, que não se achava, no estudo das informações, preso pelos rigorosos preceitos da mais estricta justiça e devia ter muito em vista os interesses da coroa, opinou, considerando o levantamento do Recife, em 18 de Junho de 1711, mais escandaloso e mais prejudicial, que o primeiro de Olinda, em Novembro de 1710, opinou, repete-se, que os recifenses não «se desculparam bem do detestavel crime com o *pretexto* que tomaram para o emprehender, qual foi o persuadirem-se *com verdade ou sem ella* que os moradores de Olinda intentaram roubal-os, assenhorearem-se das fortalezas para ao depois negarem obediencia a V. M., temerosos do castigo que justamente deviam esperar pelo primeiro levantamento que fizeram» (4), e que S. M. devia enviar um ministro a Pernambuco para tirar devassa deste caso, levantamento do Recife contra Olinda, e averiguar «si o *pretexto*, que se tomou para o levantamento, *foi falso ou verdadeiro*» (5), o que evidencia que a accusação de que os olindenses queriam negar obediencia ao soberano portuguez não merecia credito tambem para o procurador da corôa, que, usando, uma das vezes em que foi ouvido, das expressões—«quando pelo processo se não mostre culpa bastante contra os réos ou *por não a terem* ou por não estar bem examinada» (6), mostrou que absolutamente nenhum credito dava tambem ás mais accusações.

Nem podiam os membros do Conselho Ultramarino ter outro procedimento, quando os papeis, sujeitos a sua apreciação e em que

---

1 Idem, pag. 179.
2 Idem, pag. 191.
3 Idem, pag. 192.
4 Idem, pag. 180.
5 Idem, pag. 181.
6 Idem, pag. 186.

«cada um dos partidos invocava o nome do rei e se inculcava com a razão e a justiça por sua parte, apodando o contrario de rebelde e de trahidor», conforme o affirma o Visconde de Porto Seguro (1) e o comprova o parecer do Conselho, no qual se lê que cada um procurava «acreditar o seu zelo e fidelidade, culpando-se estes vassallos uns aos outros em materias tam graves» (2), deixavam patente a paixão de seus auctores e mostravam, consequentemente, que as affirmações nelles contidas deviam ser postas de quarentena ou até rejeitadas, mesmo porque taes informações tanto noticiavam que os recifenses queriam negar obediencia a el-rei de Portugal, tendo neste empenho contra si os olindenses, como que estes desejavam sacudir o jugo portuguez e os recifenses o impediam.

Nestas condições, a invocada passagem do citado parecer do Conselho Ultramarino absolutamente não confirma as palavras de Dias Martins e não prova que os «tumultuosos» (3) empenhados na guerra dos mascates, á qual José de Alencar (4) jungiu o epitheto de grotesca, tivessem tido em mira a independencia nacional e o estabelecimento de um governo democratico e, por consequencia, não apoia as theses do sr. major Codeceira e a reivindicação das glorias do precursor da independencia e da republica para Bernardo Vieira de Mello.

V

Não se contentando com os pareceres do Conselho Ultramarino, dos quaes extrahiu os topicos, que lhe pareceram aproveitaveis para o fim em vista, recorreu ainda o sr. Codeceira á *Narração Historica das Calamidades de Pernambuco*, publicada na segunda parte do tomo LIII da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, para apadrinhar sua asserção tambem com o «que escreveram os chronistas» (5) e nesse intuito, depois de avançar que «o auctor dos *Martyres Pernambucanos* affirma á pag. 272 de sua obra, que era este (o de estabelecer no solo da patria a independencia nacional) o projecto combinado entre B. Vieira de Mello e o seu mestre de campo J. de Freitas da Cunha, no qual se achavam iniciados o capitão-mór de Santo Antão Pedro Ribeiro da Silva, capitão André Dias de Figueiredo, seu irmão o Dr. José Tavares de Hollanda e a principal Nobreza pernambucana», accrescentou im-

---

1 Op. cit., pag. 827.
2 Rev. do Inst. Arch. n. 41, pag. 192.
3 Idem, pag. 191.
4 Senio Guerra dos Mascates, 2.ª ed., t. 1, pag. 1e2, nota.
5 A Idea Rep. no Br., pag. 113.

mediatamente (1) que «o autor das *Calamidades* o confirma (o asserto do auctor d'*Os Martyres Pernambucanos*) em differentes logares de sua obra, com especialidade a pag. 29, quando diz que a Nobreza pernambucana vendo a parcialidade do governador Caldas em favor dos Mascates, lhe tomaram tal aversão, que desde logo tramaram com toda afã e continuaram naConjuração contra elle, o prenderam (logo existia conspiração) e pozeram em seu logar o alcaide-mór Felippe de Moura, a quem mandaram chamar para este fim, mas que tendo este morrido repentinamente, quando para este fim já vinha em caminho, a 29 de Junho de 1710 (a revolução rompeu em Novembro desse anno) ficara frustrado o p'ano dos Conjurados, pelo que resolveram matal-o.»

Nesta passagem, porêm, quer como se acha infielmente resumida, quer como foi redigida pelo auctor, não se encontra uma affirmação identica á imputada a Dias Martins, porque, como o diz o senhor de la Palice, dizer que os emulos do Recife, vendo que o governador em tudo favorecia o partido recifense, conceberam contra elle tal aversão que tractaram com toda ancia de continuar na conjuração para o prenderem, e, *segundo se disse*, fazerem em seu logar outro de seus sequazes e, posteriormente, para o matarem não equivale a dizer que o projecto, combinado entre Bernardo de Mello e João de Freitas da Cunha, era o «de estabelecer no sólo da patria a independencia nacional» e, consequentemente, nessa passagem ninguem pode vêr uma confirmação categorica, formal, precisa de semelhante affirmativa.

Não se objecte que não foi mesmo para apresental-a como uma confirmação categorica, mas sim como um argumento em favor de seu asserto, que o sr. Codeceira invocou essa passagem, porquanto para o trecho invocado poder ser assim considerado era necessario, indispensavel, imprescindivel que os emulos do Recife não pudessem ter procedido contra o governador Caldas pelo modo, por que o fizeram, sem ter Mello projectado «estabelecer no sólo da patria a independencia nacional» e ter combinado esse projecto com Freitas da Cunha; ora essa imprescindibilidade não se acha provada e nem é evidente, axiomatica, natural ou presumivel e, portanto, não se pode considerar o trecho invocado como um argumento em favor do asserto, cuja veracidade tenta provar.

Não é licito tambem dizer que si o facto, que se diz affirmado por Dias Martins, não foi uma condição necessaria dos factos narrados pelo auctor da *Narração Historica*, foi, no entretanto, uma causa efficiente destes, que, por serem, como actos executorios, effeitos

1 Idem, pag. 114.

do projecto, provam que o projecto foi, de facto, concebido, e não é licito dizel-o, em primeiro logar, porque apresentar o levante contra o governador como effeito do projecto e seu ajuste, usando-se assim do recurso paralogistico, com a qual nada se prova, de dar por certo o que se acha em litigio, não é provar a existencia de semelhante projecto, mas dal-a como provada, quando ella é o objecto do debate; em segundo logar, porque o projecto, caso tivesse sido concebido, não foi a causa efficiente do levante, pois Mello foi completamente alheio a este e só chegou de Palmares ao theatro dos acontecimentos depois que o governador Caldas, coagido pelos levantados, se ausentara em uma sumaca para a Bahia e, por conseguinte, depois do levante e só depois que chegou, o que quer dizer que só depois do levante, foi que os levantados o « induziram » a se fazer adepto delles, certo porque até então o não era, e só depois que chegou e, portanto, só depois do levante e quando este ja se achava victorioso pela brusca retirada de Caldas foi que, se deixando influenciar pelas seducções dos victoriosos, se fez adversario dos vencidos, se «poz inimigo declarado dos Recifenses» (1) e, se Mello foi *completamente extranho* ao levante, este não foi um acto executorio, um resultado, um effeito, uma consequencia de seu projecto e, por isso, não prova, como effeito do projecto, por não tel-o sido, que o projecto foi, na realidade, concebido.

Não se diga que si o trecho invocado da *Narração Historica* não coopera para pôr fóra de duvida que Mello projectou e combinou com Freitas da Cunha «estabelecer no sólo da patria a independencia nacional», prova, todavia, que a guerra dos mascates foi «uma conjuração com o fim de proclamar a independencia nacional» (2) e «que não se queria um governo legal e sim o que estabelecessem os revolucionarios» (3) e não se diga isto, em primeiro logar, porque nesse trecho se lê que os emulos do Recife pretendiam «segundo se disse», pôr no logar do governador o alcaide-mór Felippe de Moura e, para poderem fazel-o, era, antes de tudo, indispensavel que esse logar fosse mantido e, como esse era um logar de agente, delegado, preposto, de orgam do governo da metropole na capitania, a sua conservação importava na continuação da obediencia ao governo portuguez e, portanto, querendo elles pôr no logar de Caldas o alcaide-mór Felippe de Moura, queriam tambem a continuação da obediencia ao governo da metropole; em segundo logar, porque o facto de terem os levantados das freguezias de S. Antão, S. Lourenço e Varzea «seguido» em sua marcha «a voz» de — «Viva el-rei D.

---

1 Rev. do Inst. Hist. Brasil., tomo LIII, 2.ª parte, pag. 65.
2 A Idéa Rep. no Brazil, pag. 115.
3 Idem, pag. 116.

João o quinto, viva o povo e morra o governador» (1), o de terem entrado no Recife os levantados de Serinhaen e Ipojuca, «continuando a marcha com sua acclamação de viva el-rei D. João o quinto» (2), e de haverem os levantados, depois de certificarem-se da ausencia do governador e dos mais, a que procuravam, pedido «perdão geral em nome de el-rei» (3), o de terem os revolucionarios procurado para assumir a administração da capitania ao bispo D. Manoel Alvares da Costa, que era, por determinação do governo da metropole (4) o segundo substituto legal do governador e devia exercer as funcções deste em sua falta ou impedimento, por haver já fallecido, por essa occasião, o primeiro successor, mostram com clareza que elles não cogitaram em proclamar a independencia e estabelecer um novo governo e apenas queriam a substituição individual de Caldas.

Não poderá o sr. Codeceira replicar dizendo que o facto só do levante contra o govarnador Caldas é sufficiente para provar que «os pernambucanos lançaram no sólo da patria a semente da independencia e liberdade no seculo passado a 10 de Novembro de 1710, tentando estabelecer um governo republicano», (5), porque tanto é de necessidade que o levante contra o governador Caldas seja effeito da resolução de sacudir o jugo da metropole e estabelecer no paiz um governo soberano e democratico que, já anteriormente á guerra dos mascates, conforme affirmou o proprio sr. Codeceira, em um artigo estampado em um dos numeros do *Jornal do Recife*, de Abril de 1892, «deliberaram as pessoas principaes de Pernambuco conspirar contra o governador Jeronymo de Mendonça Furtado e, reunindo-se em clubs, já em Olinda, já em outros logares, resolveram prendel-o e remettel-o preso para Lisboa, com o summario de seus crimes» e, de facto, o fizeram, prendendo-o na tarde de 31 de Julho de 1666, e, no entretanto, o sr. Codeceira, longe de pensar que esse levante foi effeito da resolução de proclamar-se a independencia e se estabeler um governo democratico, o nega implicita mas redondamente, asseverando que «a malograda revolução de 1710 foi a primeira tentativa para a liberdade nacional sob a forma do governo republicano» (6).

Em taes circumstancias, essa passagem, não havendo nella uma confirmação expressa, não se podendo consideral-a como um

---

1 Rev. do Inst. Hist. Brasil, tomo cit., pag. 41.
2 Idem, pag. 47.
3 Idem, pag. 43.
4 A Idéa Rep. no Brasil, pag. 109.
5 A Idea Rep. no Br., pag. 98.
6 Idem, pag. 50.

argumento e os factos, ahi noticiados, como uma prova, não apoia o asserto attribuido a Dias Martins, muito embora invocado como a que *com especialidade* o confirma; absolutamente não contribue siquer para tornar presumivel que em 1710 se «tentou por factos a independencia nacional e com ella a fórma do governo republicano» (1) e é totalmente imprestavel para a reinvindicação patrocinada pelo auctor d'*A Idea Republicana no Brazil.*

VI

Logo após o resumo do analysado trecho da *Narração Historica das Calamidades*, sem a interpolação de um commentario, de algumas palavras explicativas do modo porque esse trecho confirma, a seu vêr, o que escreveu o auctor d'*Os Martyres Pernambucanos* á pag. 272 de sua obra, da razão porque, no seu entender, prova essa passagem que a revolução de 1710 teve por fim romper os vinculos de submissão, que prendiam o Brazil a Portugal, e naturalmente para prova tambem de uma e outra cousa e para demonstração do que adeantou, dizendo que o auctor das *Calamidades* «confirma em *differentes* logares de sua obra» o pretenso asserto de Dias Martins, transcreveu (2) o sr. Codeceira da cit. *Narração Historica* a seguinte passagem: «O seu desejo todo era presidiarem as fortalezas do Recife, porque assim lhes ficava seguro impedirem a entrada ao novo governador que viesse. E nesta materia era tão pouco o seu recato, que, na maior parte das suas conversas, assim o publicavam e fallavam com tanta largueza neste particular que bem mostravam o pouco receio, que tinham de por isso lhes tomarem as contas; porque dos Recifenses se lhes dava tão pouco, que consideravam qualquer delles se daria por bem livrado em o deixarem e assim era pelo grande temor em que todos andavam».

Este excerpto, porêm, em nada auxilia o auctor d'*A Idéa Republicana no Brazil* em sua faina de reivindicar para Bernardo Vieira de Mello a gloria de proto-martyr da Republica no Brazil e de primeiro precursor da independencia nacional, além de outros motivos, porque a affirmação nelle contida, não obstante ter sido avançada, por um escriptor, que diz ter empregado muita diligencia para afastar de si a affeição e a antagonia (3), não passa de uma accusação feita aos olindenses pela facção contraria, que, a seu turno, era accusada dos mesmos delictos.

---

1 A Idea Rep. no Br. pag. 89, *in fine.*
2 Idem, pag. 114.
3 Rev. do Inst. Hist. Braz., tomo cit., pag. 2.

De feito, na guerra dos mascates cada um dos dois partidos exprobava o contrario de rebelde e de trahidor, pois si os recifenses, escrevendo uma carta ao governador da Parahyba, João da Maia da Gama, «lhe noticiavam o receio que tinham de quererem os conjurados senhorearem-se das fortalezas e casa da polvora para impedirem a entrada ao novo governador, que viesse de Portugal, si lhes não trouxesse o perdão de el-rei, tão amplo como elles queriam» (1), si affirmando ao governo da metropole que os adversarios «pretendiam assenhorear-se das fortalezas, degolar os do Recife e não admittirem novo governador que fosse senão com os pactos que elles quizessem, fazendo varias conferencias sobre o levantarem republica, convidarem para seu protector a el-rei de França ou outro que lhes fizesse melhor partido» (2), accusavam os olindenses de rebeldes e de trahidores ao governo, estes, por sua vez, alliciando a gente de Goianna para o levante de Novembro de 1710 com o pretexto da trahição do governador, que diziam chefe e director do partido recifense, e a persuadindo a que acudisse ao Recife, porque já se avistavam navios francezes (3), affirmando que «o governador era trahidor e como tal queria entregar a terra aos Francezes» (4), tirando devassas, com o auxilio do ouvidor, contra Caldas para prova de que elle «desguarnecia os fortes da artilharia por querer entregar a terra aos inimigos da corôa» (5), e escrevendo, por intermedio dos camaristas de Olinda, ao governador da Parahyba, que «os recifenses eram trahidores, pois a seu chamado haviam vindo navios francezes» (6) e a Christovam Paes Barreto que «os moradores do Recife negaram obediencia ao senhor bispo governador e ao doutor ouvidor geral... e pelos evidentes signaes poderão entregar (a terra) a rei extranho» (7), arguiam seus adversarios, os recifenses, das mesmas culpas.

Não só, porêm, ambos os partidos se accusavam mutuamente dos mesmos delictos de rebeldia e trahição, como ambos invocavam o nome do soberano para cohonestar os actos de hostilidade de uns contra outros e assim, si para palliar o levante de 18 de Junho de 1711 contra os olindenses, seus adversarios indo ter com o bispo governador, «lhe requereram *da parte* de Deus e de *El-rei* mandasse guarnecer todos os fortes e casa da pol-

1 Idem, pag. 98.
2 A Idéa Rep. no Braz., pag. 115.
3 Rev. do Inst. Hist. Brazil., tomo cit., pag. 47.
4 Idem, pag. 40.
5 Idem, pag. 76.
6 Idem, pag. 194.
7 Idem, pag. 92 a 93.

vora para que assim estivessem a praça segura e a barra desimpedida para o governador que viesse render a sua illustrissima» (1), os olindenses, tambem para dissimular o apertado cêrco, em que pozeram o Recife, escreveram, em 22 de Junho de 1711 a Christovam Paes Barreto, dizendo que faziam o assedio «obrigados ao serviço de *el-rei nosso senhor*, e conservação de seus povos» (2), como anteriormente, no levante de Novembro de 1710, deram vivas a el-rei D. João V (3), pediram, victorioso o levante com a retirada de Caldas para a Bahia, «perdão geral em nome de *el-rei*» (4) e mandaram na quinta-feira, 13 de Novembro de 1710, lançar um bando, cuja ordenação era dada «por ser conveniente ao serviço d'*el-rei*» (5).

Si ambos os partidos justificavam os respectivos procedimentos com o zelo pelo serviço do soberano portuguez, si cada um dos partidos dizia procurar reduzir o adversario á obediencia á metropole e ambos se mimoseavam reciprocamente com o epitheto de trahidores e mutuamente se criminavam de rebeldes á auctoridade real, a consequencia a deduzir-se desse facto, maxime ponderando-se que seus autores tinham em vista, em as avançando, uma vantagem pratica, o ganho de causa na lucta partidaria, o que só dependia do governo, junto ao qual accusavam os adversarios para tornal-os antipathicos, é que nenhuma dessas affirmações partidas de um e outro grupo pode merecer credito.

Não obsta, como já se disse, a que a affirmação, contida no trecho transcripto e avançada pelos recifenses contra seus adversarios, não mereça fé, o facto de ter sido ella adoptada pelo auctor da *Narração*.

Si se deve acolher com especial desconfiança e tractal-as como documentos de segunda mão, na auctorisada lição de Seignobos (6), as memorias escriptas muitos annos depois dos acontecimentos, porque estes se reduzem na memoria do contemporaneo, que os presenceou e os relata, a meras recordações expostas a se confundirem com outras, a *Narração Historica* citada, escripta pela terceira vez em principio de 1749 (7) sobre acontecimentos, que se realisaram muitos annos antes, se acha nessas ou em peiores condições, porque as recordações, de que se ser-

---

1 Rev. do Inst. Hist. Brazil., tomo cit., pag. 86.
2 Idem, pag. 92.
3 Idem, pags. 41 e 47.
4 Idem. pag. 43.
5 Idem' pag. 59.
6 Introd. aux études hist., pag. 148.
7 Rev. do Inst. Hist. Brazil., tomo cit., pag. 306.

viu seu auctor para o contexto da obra, não só se achavam expostas a se confundirem na memoria, como, na realidade, algumas vezes se confundiram.

A victoria ganha pelos olindenses, por occasião do primeiro levante, em 7 de Novembro de 1710, com a retirada de Caldas para a Bahia e com a entrega das fortalezas para serem presidiadas por gente sua, devia produzir e, de facto, produziu grande receio nos recifenses, porque «retirada a gente dos presidios e guarnecidos os fortes pelos levantados, começaram estes a machinar quantos damnos queriam que o Recife e seus moradores experimentassem, sendo os primeiros o saque das fazendas e romper os livros das contas para assim ficarem isemptos de pagarem as dividas» (1); mas os recifenses se aprestaram silenciosamente para a reacção e em 18 de Junho de 1711 se insurgiram contra tal estado de cousas, guarneceram as fortalezas com gente sua, fazendo retirar d'ellas os adeptos dos olindenses e não só resistiram aos ataques destes, como diversas vezes tomaram a offensiva, o que tudo mostra claramente que desde 18 de Junho de 1711 os recifenses não mais nutriam o grande temor, que fazia «qualquer delles se dar por bem livrado em o deixarem» em paz, como evidencia que o desejo dos olindenses de presidiarem as fortalezas só poderia ser posterior a esse mesmo dia, pois antes estavam de posse d'ellas.

O auctor da *Narração Historica*, no entretanto, dizendo que os olindenses, alimentando o desejo de presidiarem as fortalezas do Recife, apregoavam em alto e bom som esse desejo sem receio «de por isso lhes tomarem conta, porque dos Recifenses se lhes dava tão pouco que consideravam qualquer d'elles se daria por bem livrado em o deixarem e assim era pelo grande temor em que todos andavam», apresenta, porque as recordações se lhe confundiram na memoria, como synchronicos o desejo dos olindenses e o temor dos recifenses, quando, caso tivesse existido aquelle desejo, elle não teria coexistido com o referido temor.

Assim como foi ao auctor da *Narração* bastante infiel a memoria para lhe permittir dar como simultaneos factos, que, si tivessem ambos existido, não teriam coexistido, assim tambem podia ter sido ella infiel, e é bem possivel que o fosse, em relação ao alludido desejo que, affirmado muitissimas vezes pelos recifenses, porque era uma das accusações feitas ao partido contrario, pareceu ao escriptor muito apregoado pelos olindenses.

Demais, esse auctor, que chama os olindenses de «inimigos»,

---

1 Rev. do Inst. Hist. Br., t. c. pag. 45.

accrescentando assim os poder chamar sem escrupulo (1) e os pinta indigentes, a quem «só o incentivo do saque podia mover a amotinarem-se» (2), ociosos, individados e remissos no pagamento (3), era, no dizer mesmo do sr. Codeceira (4) «tão inimigo da nobreza pernambucana, que até procura escarnecer de seus martyres, ainda dando noticias de suas mortes», e tal antipathia pelo partido olindense, juncta á probalidade de confusão de recordações, é bastante para fazer duvidar seriamente dessa affimação ávançada contra os adversarios, os «inimigos».

Alem disso, a existencia de numerosos factos, que não existiriam si os insurgidos de Novembro de 1710 fossem guiados pela ideia de tornar o paiz independente, e a ausencia completa de factos, que podiam ser vistos e dos quaes se deduzisse esse desejo, cuja verificação dependia de observação correcta e rigorosas operações logicas, ahi estão para orphanar total e redondamente essa affirmação não só do valor probante, que o sr. Codeceira nella encontra, como até do menor vislumbre de verdade.

Ha mais a ponderar que «o projecto de estabelecer no sólo da patria a independencia nacional» e sua combinação entre Bernardo Vieira de Mello e João de Freitas da Cunha não são condições necessarias do desejo e intento dos levantados e que o desejo e o intento não são effeitos que só possam ter por causa o projecto e sua combinação, e, por isso, ninguem poderá, ainda tendo olhos de lynce, vêr no trecho transcripto uma prova de que B. Vieira de Mello projectou e combinou com J. de Freitas da Cunha «estabelecer no sólo da patria a independencia nacional».

Sobre não confirmar o que o «auctor d'*Os Martyres Pernambucanos* affirma, no pensar do sr. Codeceira, á pagina 272 de sua obra», o excerpto, ainda na hypothese de ser exacto que os olindenses tinham em vista obstar a entrada ao novo governador, não prova que elles conceberam o estabelecimento de um governo soberano e democratico, porque podiam elles muito bem nutrir o pensamento de impedir a entrada ao novo governador e de romper, realisando esse pensamento, os laços, que uniam o paiz a metropole, não para tornal-o independente, mas para entregal-o «a el-rei de França ou outro que lhes fizesse melhor partido», como podiam, nutrindo esse pensamento, ter em vista dissolver os vinculos, que prendiam o paiz a Portugal, e esta-

1 Idem, pag. 43.
2 Idem, pag. 58.
3 Idem, pag. 14 a 15.
4 Jornal do Recife, n. 75, de 2 de Abril de 1892.

belecer um governo independente, sem que, entretanto, lhes acudisse á intelligencia a idéia de dar a esse governo uma fórma democratica.

Assim e pelos expostos motivos, esta segunda prova extrahida da *Narração Historica das Calamidades* em nada auxilia o sr. major Codeceira em seu intuito de fazer de Bernardo Vieira de Mello precursor da independencia e da republica.

VII

Apresenta mais o sr. Codeceira (1), como prova de que Vieira de Mello projectou e combinou com Freitas da Cunha «estabelecer no sólo da patria a independencia nacional» os factos, que affirma contados pelo auctor da *Narração* á pag. 79 de sua obra, de que «André Dias de Figueredo dizia em conversa : só el-rei de Portugal é rei? e seu irmão o Dr. José Tavares de Hollanda fazia saudes enygmaticas em jantares sómente conhecidas dos conjurados, as quaes explicava em confiança aos amigos perguntando-lhes : Para que queremos nós rei? os pernanbucanos são muito capazes de se governarem a si mesmos».

O escriptor da *Narração Historica*, porêm, não avançou essas asserções, cuja paternidade lhe quer o autor d'*A Idéa Republicana* impingir.

De facto, *Manoel dos Santos* apenas relata, recusando a responsabilidade da noticia, que diz, empregando o termo—ouviram —, colhida na rua como boato, cuja origem se ignora, que «na povoação de S. Antonio ouviram ao capitão André Dias dizer : — Sr. coronel, só El-rei de Portugal é rei?» e, em seguida, refere que um sujeito, cujo nome não declina, disse em uma casa, cuja indicação não faz e da qual lhe veiu a noticia, que em um banquete no Piranga notou «que as saudes que faziam quando bebiam eram em linguas diversas da portugueza e desejando saber o que queriam dizer com semelhante linguagem, que não entendia, perguntou» a José Tavares de Hollanda, que «depois de uma grande risada, lhe respondeu : Não me dirá você para que queremos nós rei? Explicando o compadre: Isso ha de vossa mercê dizer, ha povo que possa passar sem rei? Tornou elle :—Sim, senhor, ha os Pernambucanos que são muito capazes de se governarem a si».

1 A Idea Rep. no Er. pag. 114.

Sobre as affirmações de *M. dos Santos* serem, como se vê, muito diversas,muito outras das que o sr. Codeceira lhe attribue, não confirmam ellas o asserto imputado a Dias Martins, em primeiro logar, porque, relativamente á pergunta de André Dias, o auctor da *Narração* não é mais que uma simples testemunha auricular, que se refere a rumores vagos e, como tal, não merece credito, visto que «os rumores vagos sem auctor certo, aos quaes talvez a malignidade tenha dado origem e a credulidade, incremento, si deve despresar», como o ensina Mello Freire (1), principalmente si esses rumores circularam, como no caso, em tempo de guerra, quando no dizer de um dictado popular, ha mentira como terra; em segundo logar, porque, em relação ás palavras de José Tavares de Hollanda, não passa elle de mera testemunha de outiva e, como a prova tem tanto menos valor, na lição de Bonnier (2), quanto mais afastada se acha de sua fonte e como deve-se despresar, no entender ainda de Mello Freire, o testemunho de ouvida quando aquelle, que diz ter ouvido, não declara o auctor certo de quem ouvira, seu testemunho não é sufficiente para que, louvando-se nelle, si acceitem como verdadeiros os factos, de que dá noticia.

Alem de testemunha auricular, cuja sciencia provêm, quanto ao primeiro facto, de rumores vagos, e, quanto ao segundo, de ter ouvido a uma terceira pessoa, que disse ter ouvido a uma quarta que uma quinta proferiu taes e taes palavras, o escriptor da *Narração* é uma testemunha singular e, por este motivo, suas palavras por mais respeitaveis e por menos inquinadas de suspeita que fossem, não bastariam para que se recebesse como indubitavel a existencia dos factos, que refere, pois a affirmação de um documento sobre um facto exterior não póde nunca bastar para estabelecer esse facto, como muito bem o asserta Seignobos (3).

A' singularidade e auricularidade do testemunho de *Manoel dos Santos* se vem juntar ainda, em relação ao incidente entre Hollanda e um seu compadre, a falta de verosimilhança para que se não possa receber como real o acontecimento narrado.

Na verdade, ou Hollanda e seus religionarios tinham confiança no «sujeito» e, neste caso, não haviam de usar inutilmente, em seus brindes, de linguas diversas da portugueza» para lhe occultarem aquillo, de que já era elle sabedor ou cuja sciencia lhe não procuravam negar; ou não tinham confiança e, neste segundo caso, não lhe haviam de communicar aquillo mesmo,

---

1 Institutiones Juris Civil Lusitani, Conimbrica, 1853, L. 4, T. 7, § 13.
2 Traite theorique et pratique des preuves, Paris, 1852, T. 1, n. 240, pag. 307.
3 Introd. aux études hist., pag. 166.

que com o emprego de uma linguagem para elle inintelligivel, lhe procuravam subtrahir ao conhecimento.

O uso de meios para se occultar a um individuo o assumpto, de que se tracta em sua presença, e a simultanea ou immediata communicação do mesmo assumpto a esse individuo são coisas que se não podem conceber em materia de tanta monta como seja o *desideratum* secreto de um partido revolucionario, pelo que não ha verosimilhança nos factos, de que *Manoel dos Santos* foi informado e cuja noticia transmittiu, si é que esta não foi adulterada no manuscripto.

Em taes condições, maximé considerando que o auctor da *Narração* era adversaario de André Dias e Hollanda, não se podem ter como adquiridos para a historia os factos de ter André em conversa dirigido a Leonardo Bezerra a referida pergunta e de ter Hollanda proferido as palavras supra transcriptas e, consequentemente, delles se não pode partir para se estabelecer um outro facto, de que não ha documentos e, por essa causa como por não existir relação alguma necessaria entre o projecto, sua combinação e a pergunta de André ou as palavras de Hollanda, naquella ou nestas não se poderá vêr uma confirmação de que Vieira de Mello projectou e combinou com Freitas da Cunha proclamar a independencia politica do paiz.

Assim tambem, mesmo que não pairasse duvida alguma sobre sua realidade e se attribuisse a todos os individuos, que tomaram parte no levante de 1710, o mesmo pensamento, que dictou a interrogação feita a Leonardo, esta não podia denotar que tal movimento teve por fim implantar no paiz um governo independente e democratico, visto que ella nem siquer indica que seu auctor alimentava o patriotico ideal de ver sua patria livre do jugo extrangeiro e regida por um governo democratico; pois si em suas palavras se póde, com esforço e boa vontade, divisar algo de hostil ao soberano portuguez, nellas se póde, com facilidade e maior correcção, notar que seu autor, sem aspiração ao estabelecimento de um governo autonomo e muito menos de um governo democratico, não era infenso a que o paiz continuasse, como colonia, sujeito ao jugo de um outro qualquer soberano extrangeiro que não o portuguez.

Ainda que assim não fosse e as palavras de André permittissem entrever e até provassem que elle agasalhava o nobre desejo de autonomia para sua patria, ellas, bem como as palavras de Hollanda, não demonstrariam, visto entre aquellas, estas e o movel da guerra dos mascates não militar relação alguma necessaria, que tal guerra foi determinada pelo intuito de libertar o paiz do jugo extrangeiro.

Não se objecte que, tendo-se admittido, embora para argumentar, que André Dias nutriu semelhante desejo, não é dado dizer que a multidão revolucionaria de 1710, da qual foi elle parte, se conservou extranha a essa aspiração, visto os caracteres do aggregado serem determinados pelos das unidades, que o compõem, e não se faça esta objecção, porque este postulado só se verifica quando ha homogeneidade e união organica entre as unidades ao passo que a heterogeneidade dos elementos psychicos e a falta de união permanente e organica entre os individuos, que formam a multidão, tornam impossivel, Scipio Sighele o diz (1), a correspondencia entre os caracteres da multidão e os dos individuos, que a compõem, sendo no seio da multidão a personalidade, isto é, a originalidade de cada um, vencida, no dizer de Max-Nordau (2), pela essencia geral humana constituida pelo patrimonio das qualidades hereditarias da especie, as quaes tornam o individuo similhante não só a seu visinho, mas a todos os individuos desconhecidos.

O desejo de André e de Hollanda, na hypothese gratuita de ter existido, não podia, portanto, contribuir e não contribuiu para que a multidão, de que eram partes e que não cessou de respeitar a auctoridade real, como o affirma o historiador pernambucano, general Abreu e Lima (3), fosse guiada em seus actos pelo ideal da libertação da patria.

Si as palavras de Hollanda no banquete não auctorizam a affirmação da existencia desse designio patriotico por parte de seus religionarios, o facto de terem estes usado, em seus brindes, de «linguas diversas da portugueza» tambem não produz a convicção de que nutriam elles o proposito de sacudirem o jugo da metropole, porque da existencia de uma giria, muito ao contrario do modo de pensar do Sr. Codeceira quando, logo após a transcripção da passagem relativa ao banquete, escreveu, em um seu artigo publicado pelo *Jornal do Recife*, «Pelo que diz o autor das *Calamidades*, os pernambucanos, iniciados na conjuração de 1710, tinham uma giria especial para se entenderem reciprocamente, o que prova que tinham uma sociedade bem organisada onde se tratava da salvação da patria» (4), não se pode deduzir a existencia de uma sociedade bem organizada, cujos membros têm por objectivo commum a salvação da patria; pois certa ordem

---

1 La folla delinquente 2ª. edic.—1895, pag. 16.

2 Paradoxos—Trad. por M. C. da Rocha—2.ª edic.—1895—Laemmert & Comp.—pag. 53.

3 Synopsis ou deducção chronologica dos factos mais notaveis da Historia do Brazil, Pernambuco, 1845, pag. 171.

4 Jornal do Recife, n. 75, de 2 de Abril de 1892.

de criminosos usa de uma giria qualquer, de um *argot*, do gerco (1) e ninguem contestará que esses malfeitores, que continua e incessantemente offendem os sentimentos de benevolencia e probidade, desrespeitando as leis, levando o desassocego ao seio das familias, perturbando a ordem, que é o elemento estatico da convivencia civil, não formam entre si uma sociedade, cujo fim patriotico seja procurar a felicidade do paiz, onde vivem ou de que são filhos.

Em nada aproveita, portanto, ao Sr. Codeceira, na empresa, que tomou sobre seus hombros, a passagem da pagina 79 da *Narração Historica*, a qual, pelos motivos supra indicados, não confirma nem o asserto attribuido erroneamente a Dias Martins e nem o de ter sido o levante contra Caldas uma tentativa para a independencia e para a republica.

VIII

Com o intento, sem duvida, de mais fortalecer a affirmação, a favor de cuja acceitação tem quebrado lanças, o Sr. Codeceira recorre ainda á *Narração Historica* e transcreve (2) da pag. 49 dessa obra parte da seguinte passagem: « Na noite de segunda-feira do dito mez de Novembro chegou da Parahyba o illustrissimo bispo e logo na manhã seguinte veiu para o Recife ao arraial dos Afogados, donde depois de varias conferencias voltou para a cidade não muito contente; porque uns o queriam por governador e outros não, sendo o mais teimoso neste particular João de Barros Rego, capitão-maior da freguezia de S. Amaro de Jaboatão, uma das da matta. Este não só não queria que admittissem o bispo ao governo, mas pretendia o admittissem a elle; chegou a dizer na povoação de S. Antonio, diante de varias pessoas, uma das quaes era o mesmo João de Barros Correia, segundo oppositor, e outra o alferes Antonio Nogueira de Figueiredo, que o bispo não havia de ser governador; porque queriam capitular com el-rei com as armas na mão; os que queriam que sua illustrissima governasse, vendo a opposição dos ditos, deixaram o ajuste para se fazer na mesma cidade, e lá chegou o negocio a termos, que quasi tomam armas uns contra os outros ».

---

1 A Nova Escola Penal por Viveiros de Castro, Rio de Janeiro, 1894, pag. 56 Classificação dos Criminosos por Candido Motta, S. Paulo, 1897, pag. 60.
2 A Idea Rep. no Br., pag. 112.

Esta passagem da *Narração*, porêm, longe de apoiar, muito contraria a these de que a guerra dos mascates foi «uma conjuração, que teve por fim proclamar a independencia nacional» (1).

Manoel dos Santos, contando nesta passagem que alguns dos implicados no levante de Novembro de 1710 contra Caldas fizeram opposição a que o bispo assumisse o governo da capitania, então acephalo pela retirada do governador para a Bahia, apontando João de Barros Rego como quem maior opposição offerecia, citando João de Barros Correia como o «segundo oppositor» e accrescentando, sem declinar o nome de mais nem um opposicionista, que «os que queriam que sua illustrissima governasse, vendo a opposição dos ditos, deixaram o ajuste para se fazer na cidade», dá a perceber, usando da expressão—dictos—, que os unicos que se oppunham a que o bispo assumisse o governo, eram Rego e Correia ou, pelo menos, que foi por causa da opposição sómente destes dois que se deixou para se concluir o ajuste em Olinda.

Accresce que João de Barros Rego, que era quem maior opposição fazia, affirmou peremptoriamente, dizendo que «o bispo não havia de ser governador, porque *queriam capitular com el-rei*» que a opposição foi determinada por mera questão de vaidade pessoal e não pelo desejo de rompimento dos vinculos, que prendiam a capitania á metropole.

Estes dois factos, o numero diminutissimo dos que eram infensos a que o bispo tomasse as redeas da governança na qualidade de substituto legal de Caldas e o motivo, positivamente declarado, dessa opposição denotam que os sublevados de Novembro de 1710, que eram os que se achavam acampados no arraial, nem siquer pensavam na independencia da capitania e, muito menos, na implantação de um governo democratico, tanto que não se oppuzeram a que o bispo exercesse as funcções governamentaes e os que se oppuzeram não tiveram para esse procedimento sinão um movel pessoal.

Nestas condições, o trecho transcripto, dando noticia desses dois factos, longe de contribuir para fazer certo que na guerra dos mascates se «tentou por factos a independencia nacional e com ella a forma do governo republicano» (2), coopera para tornar indubitavel que a reivindicação intentada pelo sr. Codeceira, não tendo encontrado apoio nos documentos, não o encontra tambem no «que escreveram os chronistas» (3).

---

1 A Idea Rep. no Br., pag. 115.
2 A Idea Rep. no Br., pag 89.
3 Idem, pag. 113.

Não foi mesmo, objectar-se-á, para prova de que «na mente e no coração daquelles benemeritos pernambucanos germinava a idéa da independencia nacional e fórma do governo republicano» (1), que o sr. Codeceira recorreu á citada passagem da *Narração Historica*, e sim, como evidenciam as palavras com que precedeu e fez seguir a transcripção, para prova do «facto da reunião do Senado em Congresso para deliberarem sobre o governo da capitania e na qual Bernardo Vieira de Mello apresentou a sua proposta».

A auctoridade de *Manoel dos Santos*, porêm, ainda desta feita e para este fim foi inutilmente invocada pelo sr. Codeceira, porquanto na referida e transcripta passagem não se encontra absolutamente referencia alguma á tal phantasiada sessão, em que Vieira de Mello propoz que «se declarasse em republica *ad instar* dos venezianos».

A reunião, que se pode com esforço inferir do trecho apontado ter se effectuado em Olinda, para o ajuste, que, « os que queriam que sua illustrissima governasse, deixaram para se fazer na cidade», só podia ter sido realizada depois de 11 de Novembro de 1710; pois só após a ida do bispo aos Afogados é que, «os que queriam que sua illustrissima governasse, deixaram o ajuste para se fazer na cidade»; ora o bispo foi aos Afogados na manhan do dia seguinte ao da sua chegada á Olinda, segundo se lê na passagem supra transcripta, e chegou á Olinda na noite de 10 de Novembro, conforme o affirma o sr. Codeceira á pagina 111 e á pagina 115 de seu opusculo, logo a resolução de se deixar o ajuste para se fazer em Olinda só foi tomada em 11 de Novembro ou depois e, por consequencia, a reunião havida, em virtude da deliberação tomada em 11 de Novembro, só poderia ter sido effectuada depois desse dia e nunca antes.

A reunião, porêm «do Senado de Olinda em Congresso para deliberar sobre o governo da Capitania teve logar no dia 10 de Novembro de 1710», segundo o affirma categoricamente o sr. Codeceira á pagina 116 de seu trabalho, depois de ter assertado á pagina 110 que «é fóra de duvida que foi no dia 10 de Novembro de 1710 que o heroe pernambucano Bernardo Vieira de Mello apresentou no Congresso a sua proposta», e, á pagina 106, que «foi no dia 10 de Novembro de 1710 que Bernardo Vieira de Mello apresentou a sua proposta no Congresso».

Do exposto se conclue que a reunião, que se infere da citada passagem da *Narração Historica* ter se effectuado em Olin-

1 Idem, pag 113.

da, é outra que não a reunião de 10 de Novembro, o que é confirmado pelo facto da resolução do ajuste ter sido tomado depois de ter ido o bispo ao arraial dos Afogados e, portanto, depois de sua chegada da Parahyba, ao passo que a reunião de 10 de Novembro foi realizada, segundo affirma o sr. Codeceira á pagina 111 d'*A Idéa Republicana no Brazil*, antes da chegada do bispo.

Assim sendo, no trecho citado, ao contrario do que pensa o sr. Codeceira, *Manoel dos Santos* não «se refere á sessão do Congresso, onde Bernardo Vieira de Mello apresentou a sua proposta», e, por conseguinte no referido trecho ninguem, por melhor boa vontade, que tenha, poderá vislumbrar a confirmação do facto da alludida reunião de 10 de Novembro; pelo que ainda desta vez foi em vão que o socio benemerito do Instituto Archeologico Pernambucano se apegou á auctoridade do autor da *Narração Historica das Calamidades*.

IX

Do exame claro e conciso dos elementos, de que o sr. Codeceira fez plintho para suas theses, se concluindo de modo directo e immediato o mais logica e correctamente possivel que elles não concorrem, não contribuem, não cooperam de maneira absolutamente alguma não já para tornar certo, mas nem siquer para tornar provavel, concebivel que Bernardo Vieira de Mello e João de Freitas da Cunha projectaram de commum accordo conquistar a soberania para a patria brazileira e que o levante de Novembro de 1710 contra o governador Caldas foi uma conspiração para o estabelecimento de um governo independente e republicano, se conclue outrosim, embora de modo indirecto e mediato, a falsidade das theses porque é mais que provavel ter o sr. Codeceira cuidadosamente escolhido, depois de ter alardeado em um artigo publicado no *Jornal do Recife*, n. 75, de 2 de Abril de 1892 «materia sufficiente para escrever um livro sobre este ponto da nossa historia», para sustentação de suas proposições, de entre todos os documentos aquelles, que mais as favorecem, que melhor as provam.

Sobre isso, os chronistas contemporaneos, filiados a um ou outro grupo, se esmeravam em registrar todo e qualquer facto por insignificante que fosse, quando delles podiam tirar partido para accusar, para deprimir o grupo contrario, ao em que se achavam filiados e, como «cada um dos partidos apodava o con-

trario de rebelde e trahidor» (1), não se esqueciam os chronistas de indagarem e de registrarem todos os factos, a que podessem dar uma feição de rebeldia para assim, mascarando de verdade as accusações, cohonestarem o proceder de seus grupos.

Ora os factos de ter Bernardo Vieira de Mello proposto na reunião da nobreza e senado de Olinda, em 10 de Novembro, que se adoptasse «a fórma do governo republicano *ad instar* dos venezianos», de terem todos concordado com Vieira (2) ou de ter sido a proposta geralmente acceita (3) não só viriam dar uns visos de verdade aos apodos de rebelde e trahidor feitos ao partido olindense pelos mascates como constituiriam provas plenas e incontestaveis de que eram, de facto, os olindenses rebeldes e trahidores, isto é, de que procuravam sacudir o jugo da metropole e, por isso, os chronistas contemporaneos, filiados no partido recifense, não deixariam de fórma alguma de registrar e commentar esses factos, que legitimariam por completo os actos praticados pelos seus religionarios.

Os chronistas da facção recifense, porem, não referem esses factos e desta circumstancia, attendendo-se que o raciocinio negativo como processo de conhecimento historico tem applicação segura quando o auctor do documento, em que o facto não é mencionado, queria systhematicamente registrar todos os factos da especie do facto em questão e os devia conhecer a todos ou quando o facto é de natureza a se impôr á imaginação do auctor de maneira a entrar forçosamente em suas concepções, se póde sem receio de errar concluir a inexistencia dos factos narrados pelo sr. Codeceira.

Esta conclusão fornecida pelo argumento do silencio é corroborada pela affirmação do Roberto Southey, que, baseando-se para a narrativa da guerra dos mascates nos manuscriptos do padre Luiz Corrêa, depois de narrar a retirada de Caldas, a entrada dos insurgentes na villa, a tomada de posse do governo pelo bispo e os primeiros actos deste, accrescenta (4): « Não tomára até agora parte na contenda Bernardo Vieira de Mello, o feliz capitão da expedição aos Palmares», o que quer dizer, tendo o bispo tomado posse do governo em 15 de Novembro de 1710, como o affirma o proprio sr. Codeceira, que Vieira de Mello não fez parte da reunião da nobreza e senado de Olinda

---

1 Visconde de Porto Seguro, Hist. Geral do Brazil, pag. 827.
2 A idea Rep. no Brazil, pag. 86.
3 Idem, pag. 110.
4 Historia do Brazil, trad. do inglez pelo Dr. Luiz Joaquim do Oliveira e Castro, Rio de Janeiro, 1862, vol. 5, pag. 122.

em 10 de Novembro e ahi nada propoz; pois em 15 de Novembro, isto é, cinco dias depois da reunião, era elle ainda extranho ao movimento.

Não sendo, portanto, reaes, mas fructos de mal arranjada phantasia não só o projecto como a proposta de Mello, não pode elle ser considerado precursor da independencia e da republica; porque, até na opinião do sr. Codeceira, eram taes factos, que lhe conferiam semelhante titulo glorioso.

Ainda mesmo, porêm, que tivesse Mello realmente proposto na reunião de 10 de Novembro de 1710 que a capitania de Pernambuco se declarasse em republica *ad instar* dos venezianos, nem por isso seria elle um precursor da Republica porque, como bem o disse Oscar d'Araujo (1), a proposição de Mello não pode ser considerada manifestação da idéa republicana.

De facto, a republica de Veneza era uma oligarchia aristocratica, como o affirmam Carlo Calisse (2) e Giuseppe Salvioli (3), e, por consequencia, querer um governo egual ao da Republica de Veneza equivale a querer uma oligarchia aristocratica e querer isto não é absolutamente o mesmo que querer a republica, como é ella hoje comprehendida e realizada.

Estabelecido, como o ficou, que não existiram os factos, que davam a Mello, na opinião do sr. Codeceira, o titulo de precursor da independencia e da republica, que o faziam heroe (4), benemerito, immortal (5) e eximio patriota (6), não pode elle ser apontado aos posteros como um vulto da nossa historia e digno de veneração, tanto mais, porque, mesmo na opinião adoptada pelo sr. Codeceira quando, se referindo a Tiradentes, transcreve as palavras com que o commendador Joaquim Norberto a manifestou (7), é preciso que a vida do heróe seja como um diamante sem jaça para que se possa tractar de sua canonização, pois «o mais pequeno defeito, a menor falta oppõe-se á sua santidade».

Ora não só a connivencia ou, no minimo, a responsabilidade moral de Bernardo Vieira de Mello, pelo assassinato de sua nóra, commettido por sua mulher D. Catharina Leitão e seu filho André, e para o qual concorreram um seu irmão e um outro seu filho, que escoltaram a victima quando remettida por

---

1 L'idée républicaine au Brésil, Paris, 1893, pag. 5.
2 Storia del diritto italiano, Firenze, 1891, vol. 2, n. 211, pag. 321.
3 Manuale di storia del diritto italiano, Torino, 3.ª e d., 1899, n. 169, pag. 258 e n. 173, pag. 264.
4 A Idéa Rep. no Br., pag. 110.
5 Idem, pag. 3, 30 e 72.
6 Idem, pag. 103.
7 A Idéa Rep. no Br., pag. 40.

seu esposo André para o engenho de Bernardo Vieira, o que tudo deu occasião a Robert Southey para exclamar que «horriveis devem ser os costumes do povo entre o qual pode uma familia inteira tomar assim deliberadamente sobre si o officio de carrascos», como o facto de terem Mello e seu filho André mandado assassinar o capitão-mór João Paes Barreto, o que é affirmado pelo auctor da *Narração Historica das Calamidades* (1), são faltas, maculas, que ennegrecem a memoria de Mello, que obscurecem, que fazem esquecer todo e qualquer acto louvavel que, por acaso, tenha elle praticado.

Nem é rigorosa esta apreciação, porque si Americo Braziliense, só por ter Martim Affonso concedido em3 de Março de 1533 a Pedro de Góes licença para mandar desesete peças de escravos indigenas para Portugal nas náos de El-rei, pensa (2) que, talvez, tudo quanto Martim Affonso fez de bom possa perder a sua importancia em vista dessa licença, si José Feliciano (3), só porque teve o padre José da Silva de Oliveira Rolim, que estava expulso do territorio mineiro, uma vida desregrada, o julga, apezar de ter sido elle um dos companheiros que Tiradentes «achara com mais calor» um dos *movidos de premio vil*, si o proprio sr. Codeceira, só por ter Tiradentes beijado os pés do carrasco, não o considera digno do acatamento, respeito e veneração da posteridade, o que levou o dr. Domingos Jaguaribe a escrever que o sr. Codeceira foi muito injusto para com Tiradentes (4), com muito mais justiça e com muito menos rigor, não se poderá considerar Bernardo Vieira de Mello como digno do respeito dos posteros, não se poderá deixar de asseverar que tudo quanto Mello fez de bom perdeu sua importancia em vista dos crimes, que estigmatizam sua memoria, como não se poderia deixar de julgal-o um dos movidos de premio vil para afastal-o de entre os grandes homens de nossa historia, si, por acaso, tivessem sido reaes, tivessem acontecido na verdade os factos, que se lhe attribuem para o constituir precursor da independencia e da republica.

Em taes circumstancias, si a menor falta oppõe-se a santificação de um heróe e si Mello tem sua vida mareada por faltas não pequenas, que patenteiam que elle nem sempre trilhou o caminho do bem, não pode elle ser sanctificado, não pode elle ser constituido alvo da veneração da posteridade.

---

1 Op. cit., pag. 68.
2 Lições de Historia Patria, 2.ª ed., 1877, pag. 47.
3 Correio Paulistano, n. 10723, de 29 de Junho de 1892.
4 Origens Republicanas do Brasil, *in* Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, vol. 1, fasciculo 1, pag. 55.

Si é falsa a these, em que se affirma ter Vieira de Mello projectado e combinado com Freitas da Cunha o estabelecimento da independencia no paiz e proposto, em 10 de Novembro de 1710, em reunião da nobreza e senado de Olinda, que «fosse adoptada a forma do governo republicano *ad instar* dos venezianos», não pode deixar de ser tambem falsa a outra these de que «a malograda revolução de 1710 foi a primeira tentativa para a liberdade nacional sob a forma do governo republicano»; pois, sendo a proposta de Mello o que o sr. Codeceira chama de tentativa de estabelecimento da independencia nacional e de um governo democratico, como se infere, entre outras, da passagem, em que, sem referir acto algum que possa conferir a Mello titulo de principal auctor do movimento armado (?) de 10 de Novembro a não ser sua proposta na reunião da nobreza e senado de Olinda, affirma que «o primeiro movimento armado para a independencia nacional e forma do governo republicano foi effectuado no memoravel dia 10 de Novembro de 1710, sendo o seu principal auctor Bernardo Vieira de Mello» (1), como se verifica da proposição, avançada depois da noticia da proposta de Mello e como commentario: «Já se vê que a Bernardo Vieira de Mello cabe a gloria de ter sido o primeiro que no solo americano tentou pôr em pratica a independencia nacional e com ella o governo republicano» (2), sendo, por conseguinte, a tentativa um mero aspecto da proposta ou, antes, sendo proposta e tentativa apenas dois nomes, que indicam, no caso, um mesmo facto, um mesmo acontecimento, uma vez estabelecida a inexistencia da proposta, *ipso facto* se acha estabelecida a inexistencia da tentativa.

Si avançada como corollario da primeira these, a segunda tem contra si a falsidade da affirmativa, com a qual mantem, no pensar do sr. Codeceira, uma relação de continencia, considerada isoladamente tem a segunda these em seu desfavor, primeiro a existencia de numerosos factos, que não existiriam si o levante de 1710 fosse uma sublevação contra o governo da metropole, segundo a falta completa e total de documentos que estabeleçam os factos, donde se possa inferir com segurança que os revolucionarios de 1710 eram guiados pelo desejo da independencia politica para seu paiz, que almejavam regido por um governo democratico, e uma e outra cousa levam o estudioso a concluir pela falsidade desta segunda these.

---

1 A Idéa Rep. no Br., pag. 119 a 120.
2 A Idéa Rep. no Br., pag. 87.

Assim, feito o exame dos documentos, averiguado que não apoiam elles as theses do sr. Codeceira, verificado que estas não se baseiam nem siquer em um só documento, não têm em seu favor nem siquer um só facto, não encontram o minimo apoio nem siquer em uma só prova, é dado asseverar, sem receio de contestação e sem possibilidade de erro, que são falsas, completamente falsas as proposições do sr. major José Domingues Codeceira, que os factos por elle narrados não tiveram nunca existencia real objectiva, que a guerra dos mascates não teve nem siquer por um pequeno instante como causa efficiente a idéa da independencia e que, por consequencia, não procede a reivindicação da precursoridade da independencia e da republica para Bernardo Vieira de Mello.

ALFREDO DE TOLEDO.

S. Paulo no Seculo XIX

Não despontou prospero e feliz para S. Paulo o seculo que acaba de findar e que foi o seculo da independencia e da constituição politica nacional.

Fechara-se, de facto, havia muito, o cyclo legendario dos descobrimentos e das conquistas e tinha-se já entrado nesse periodo longo e incerto da reacção durante o qual se remodela o caracter de um povo.

Tinham, com effeito, cessado de todo as emprezas audaciosas que tornaram celebre o nome paulista, como cessára o exodo das populações que se dispersavam pelos sertões occidentaes desconhecidos.

Já se não viam como outr'ora os rios navegados pelas *monções* innumeras successivas. Não mais se ouvia nas regiões apartadas o estrepido das *bandeiras* de guerra contra o gentio, nem mais o tumultuar das levas de aventureiros buscando thesouro por montes e valles.

O bandeirante, que levára seculos a bater os sertões á aventura, que levára a audacia dos seus movimentos até ás faldas dos Andes, ao travéz de provincias inteiras assoladas e destruidas, que vadeara os pantanaes do Paraguay e da Bolivia, attingira os caudaes do Amazonas, penetrara nas catingas do Piauhy, levara o concurso do seu braço victorioso contra os muros da nova Troya dos Palmares, descobrira as minas de ouro, fundára Goyaz e Matto Grosso, conquistára os campos de Curytiba e de S. Pedro do Sul, levando os seus estabelecimentos até á margem esquerda do Rio da Prata, o bandeirante tinha já desapparecido, mudado como estava o scenario que a sua propria audacia e intrepidez descortinaram.

Agóra, extincto aquelle espirito de aventuras que os impellia para o desconhecido e para a fortuna, os descendentes de

Fernão Dias, Rodrigues Paes, Arzão, Anhangoera, Amador Bueno, fixavam-se na terra natal, procuravam reerguer a agricultura por longos annos esquecida, e extendiam os seus estabelecimentos pelas terras fertilissimas, ainda cobertas de matta, verdadeiros sertões deixados intactos por aquelles que outr'ora só buscavam a fortuna em terras distantes.

O periodo aureo tinha passado sem deixar a opulencia, porque raro tornavam os que a fortuna bafejava longe do lar.

Agóra, nesse periodo de transição que, havia annos, começára e que pelo seculo incipiente se extendera, notava-se em todos esse estado de alma entre o torpor e o desanimo, entre a fadiga e a desillusão, apanagio da fortuna mallograda.

As minas de ouro breve se extinguiram. O ouro tinha sahido quasi todo. A penuria ameaçava os campos.

O outr'ora vastissimo territorio da Capitania tinham-no successivamente reduzido. Em 1720 tiraram-lhe Minas Geraes, então o mais densamente povoado; em 1738 Santa Catharina e o Rio Grande de S. Pedro; em 1748 Goyaz e Matto Grosso.

Sentiam-se por toda a parte, nos campos como nas cidades, no littoral como no interior, os symptomas do depauperamento ou da paralysação que caracterizam os periodos de transição economica.

A agricultura, comtudo, recomeçava, ainda que parecendo occupação modesta de mais para os descendentes dos conquistadores de cuja mente se não apagara de todo a lembrança das decantadas riquezas de outr'ora·

Comtudo, lavrava-se ainda o ouro para além da montanha Jaraguá (1) nas visinhanças da Capital; *faiscava-se* um pouco no valle da Ribeira, onde com o fito de reviver a mineração, Martim Francisco emprehendia em 1805 uma excursão scientifica através das minas dessa região tão cedo abandonadas (2).

Debalde, porêm, appellava-se para mineração que estava morta de vez, e em cujos reditos já nimguem mais sinceramente acreditava.

A reacção era profunda, difinitivos e inilludives os seus effeitos.

Sim. Não estamos hoje ainda no auge da prosperidade e da fortuna; não navegamos agóra em mar de rosas, velas enfunadas por vento de feição. Uma nuvem, de certo, passageira, turva-nos o horisonte, escurecendo-nos um pouco a rota do porvir. Mas olhando para traz, onde, á luz serena da Historia,

---

1 John Mawe, Travels in the interior of Brasil.
2 Martim Francisco, Diario de uma viagem mineralogica (R. I. Hist. Tom. 9 a. 527.

descortinamos toda a vastidão de um seculo, é grato reconhecer que, nesse transcurso, não perdemos jámais a nossa trilha, nem ficamos aquem do nosso proprio destino.

Póde-se dizer que um progresso effectivo, solido em todos os ramos da actividade humana, assignalou a marcha do povo paulista atravéz do seculo XIX, seculo que, aliás como o dissemos, não despontára para S. Paulo, sob os auspicios da prosperidade e da fortuna.

E', porêm, lançando um olhar retrospectivo sobre esse passado distante, de que tão sómente a tradição apagada subsiste, que bem se medirá o caminho percorrido, e se avaliará da eminencia a que chegámos pela distancia do nivel baixo de que partimos.

Si com o descobrimento das minas, com a exploração e o povoamento das regiões centraes e meridionaes, o centro de gravidade da colonia portugueza na America se deslocára do norte para o sul, transferindo-se, desde 1762, da Bahia para o Rio de Janeiro, a capital do Brasil, todavia, as regiões do norte, que haviam perseverado na agricultura e não experimentaram tão directamente os effeitos da crise da mineração, guardavam notavel preeminencia na producção, no commercio, nas industrias, na população.

Postoque abrangendo territorio extenso, desde as margens do Rio Grande de Uberaba até ás do Uruguay, desde o Atlantico até ás margens do rio Paraná, a capitania e depois provincia de S. Paulo não se podia com razão considerar entre as circumscripções de primeira ordem do Brazil. A sua população, pouco antes de começar o seculo, em 1795, se orçava apenas por 160 mil habitantes, quando a de Minas se computava em 450 mil (1) e a do Brasil todo em pouco mais de 3 milhões.

O assucar, o café e o algodão, que nessa épocha formavam o grosso dos productos brasileiros, quasi que se não representavam nas sahidas do porto de Santos. Em 1800, emquanto a Bahia exportava annualmente 20 mil caixas de assucar, Pernambuco 14 mil, Rio de Janeiro 9 mil, pelo porto de Santos se exportavam apenas mil caixas.

Emquanto, no mesmo tempo a Bahia remettia para o exterior 10 mil fardos de algodão, Pernambuco 40 mil, o Maranhão 16 mil e 4 mil o Pará, nenhum fardo se indicava na exportação de S. Paulo. Das noventa mil arrobas de café que o Brasil já então exportava, quasi todo de procedencia do Pará, o Rio

---

1 Varnhagem —Hist. Geral do Brasil, tom. 2.º, pag. 1,080.

de Janeiro concorria apenas com 3.200 arrobas, e S. Paulo com nenhuma (1).

De facto, a agricultura, que desmedrara por quasi um seculo, só agora se renovava, dando escassamente para o consumo interno.

Comtudo, em 1817 já se assignalavam como artigos de exportação da Provincia, além de grande quantidade de coirama, pontas de boi, carne de porco, gado bovino, cavallar e muar, da industria pastoril então prevalecente, o assucar, a aguardente, o fumo, o café, o arroz, os legumes, a farinha de mandioca, o milho, e até o trigo e o centeio (2).

O algodoeiro, dizia então um contemporaneo, não era abundante e nem da melhor qualidade, prosperando este arbusto melhor no centro oéste do que na zona do littoral da Provincia (3).

O trigo vingava com vantagem nos campos de Curitiba, donde descia para o porto de Paranaguá, que então expedia para outras provincias embarcações carregadas de farinha, arroz e algum café.

Toda a zona littoral se applicava de preferencia á lavoura de mantimentos e á pesca. Iguape e Cananéa tornaram-se o emporio e o centro de producção do melhor arroz do paiz. No valle da Ribeira assignalava-se a cultura do arroz em larga escala, e grande numero de engenhos para beneficio desse valioso producto (4).

Na Bertioga, na ilha de S. Sebastião e em Villa Bella havia armação para a pesca das baleias.

O porto de Antonina exportava madeiras e cordoaria de *imbé*.

Santos, á margem do grande e profundissimo canal, verdadeira maravilha hydrographica, que faz do seu porto um dos mais abrigados e amplos do Brazil, tornava-se já o entreposto dos productos da região elevada e interior da Provincia, onde a industria pastoril prevalecia, e donde descia para o littoral grande quantidade de couros, pontas de boi, toucinho, bem como o assucar, a aguardente e os tecidos grossos de algodão, que se exportavam para o norte e para o Rio da Prata. Dentro do seu municipio, no continente como nas ilhas, a lavoura, ha muito, se desenvolvera, cultivando a canna, o arroz e algum café, nos sitios e engenhos que se contavam numerosos ao redor do lagamar, como pelas margens do Cubatão, do Jeribatuba e da Bertioga.

---

1 Varnhargem, obra citada.
2 Ayres do Casal—Chorographia Brasilica, tomo 1.º, pag. 219.
3 Ayres do Casal, obra citada.
4 Martim Francisco—Diario de uma viagem mineralogica.

O cafeeiro, trazido do norte, não prosperava ainda. No interior não o cultivavam; no littoral exhibiam-se delle algumas collecções. (1)

Do vastissimo territorio interior, aberto em extensas campinas pela lombada dos espigões, interpostos aos rios caudaes que descem numerosos das montanhas ao oriente, e cujos valles ensombrados por espessa matta revelam a feracidade do solo no numero e qualidade das essencias vegetaes, não se conhece, ou não se povôa sinão o que mais proximo ficou das grandes estradas lendarias na historia da conquista dos sertões.

Assim é que para léste, atravéz do valle do Parahyba, donde os taubateanos, com audacia e tenacidade heroica, tinham penetrado nas Minas e feito os primeiros descobrimentos de ouro de Cataguazes, se abria por entre povoados e villas a estrada do Rio de Janeiro, commum com a de Minas, até Guaratinguetá, onde se bifurcava, seguindo um galho através dos montes da Bocaina em direcção ao Rio, e outro, por Lorena, transpondo o Parahyba no porto do Meira para galgar a Mantiqueira pela garganta do Passa-Vinte.

Demandando os sertões do Camanducaia e do Sapucahy, a rumo de norte, encaminhava-se pela garganta do Morro do Lopo, atalaia conspicua na divisa das duas provincias, a estrada do sul de Minas, em direcção a Ouro Fino, a Caldas e á Campanha.

A noroéste, buscando Goyaz pelos campos e cerrados dalém S. Carlos (Campinas) e da Franca, ao par das montanhas, então denominadas do Mogy-Guaçú, ou da Serra de Caldas, baluarte dos chapadões mineiros do sudoéste, transpondo rios caudaes, cujo curso inferior ninguem conhece, seguia a estrada dos conquistadores de *Guayás* e das bandeiras do *Anhanguera*.

Em direcção do Centro-Oéste, pelo valle do Tieté, abria-se por Ytú a estrada das *monções*, em demanda de Araritaguaba, porto celebrado nas conquistas do Paraguay e do Cuyabá, a nova *Iolcos* dos Argonautas do Sertão. Para o sul, atravéz dos campos de Sorocaba, povoados de gado, vizinhos da famosa Araçoyaba, abria-se a estrada, que dantes fóra a *via scelerada* das bandeiras de Guayrá, a mesma que levava aos campos de Curitiba e de Guarapuava, e aos pampas de S. Pedro do Rio Grande do Sul, por onde penetrava a nossa influencia no Rio da Prata.

Mas, entre estas cinco arterias historicas, irradiantes, como os dedos de uma mão gigantesca espalmada sobre o territorio paulista, medeiava o deserto, o verdadeiro sertão, ampliando-se

---

(1) Martim Francisco, obra citada,

sempre e cada vez mais ignorado á proporção que as estradas se afastam e todavia não menos desconhecido nas proprias vizinhanças da capital, que era o centro verdadeiro desse systema de viação interior, cujo tronco, lançado para o lado do mar, era a estrada do Cubatão.

Esta ultima tinha-se mesmo tornado lendaria na historia paulista, tão grande fôra a sua influencia na civilização dos povos de serra-acima. Como simples trilho ligando as campinas altas de Piratininga ás praias do mar, existiu, de certo, desde épocha immemorial, este caminho praticado pelo gentio atravéz dos alcantis dos montes de Paranapiacaba. Alguns europeus, dos primeiros que se estabeleceram no paiz, teriam por ahi penetrado em exploração ás regiões remotas que, segundo a tradição, eram fabulosamente ricas. João Ramalho, que se estabelecera na Borda do Campo, tel-a-ia percorrido e melhorado muitas vezes, garantido o seu trafico com a feitoria de *Temiurú*, junto do logar onde depois se fundou S. Vicente.

Os jesuitas, fundadores de S. Paulo, modificaram-lhe o traçado, melhoraram-lhe o accesso dos montes em 1553, pelo que, desde essa época, se ficou chamando *o caminho do Padre José*, em allusão a Anchieta, que, com os seus guayanàs e com o auxilio de Affonso Sardinha, o construiu e melhorou.

A passagem dos rios e de brejaes sem conta no alto dos campos, como a travessia dos montes alcantilados, humidos e quasi sempre desmoronados pelas chuvas tempestuosas e frequentes, inçavam de perigos e difficuldades esse caminho, por isso mesmo, objecto dos maiores cuidados da parte dos governadores. Mudava-se-lhe mais uma vez o traçado, desviando-o de Jeribatiba ou Santo Amaro, e conduzindo-o por Santo André, onde fôra dantes.

D. Luiz Antonio de Souza melhora-o consideravelmente. Martim Lopes manda fazer os aterrados atravéz dos pantanos entre o rio Grande e o Rio Pequeno. Raymundo Chichorro faz abrir o trecho que vai da raiz da serra á margem do rio Cubatão. Bernardo José de Lorena faz executar o gigantesco trabalho de calçamento, consolidação e ziguezagues pela encosta da serra. Antonio Manoel de Mello manda construir ao longo do caminho os *ranchos reunos* para abrigo das tropas. Lucas Antonio Monteiro de Barros, depois visconde de Congonhas de Campos, consegue em 1826 concluir o grande aterrado, tantas vezes tentado, entre o porto do Cubatão e a cidade de Santos. (1)

---

(1) Azevedo Marques—Apontamentos Historicos.

Mas, em 1822 como em 1807, a estrada do Cubatão não era ainda accessivel para quem vinha de Santos, sinão por mar. Vejamos como então se procedia para chegar a S. Paulo.

Neste mesmo anno de 1807, um dos viajantes mais criteriosos, que tem visitado o Brazil, chegava a Santos, cidade então dos seus seis ou sete mil habitantes, encetando uma viagem que se tornou celebre pelo interior do paiz. (1)

A despeito dos esforços que emprega durante um dia inteiro, e das cartas de recomendação de que por cautela se premunira, o viajante não conseguindo um pouso na cidade, resolve, ja noite, tomar uma canôa que, pelas duas horas da madrugada, o deixa em terra no arraial do Cubatão, onde o guarda da barreira o recebe e agasalha, dando-lhe para passar o resto da noite uma tarimba, leito que o viajante completa fazendo da sua propria mala travesseiro.

De certo, era o melhor que lhe podia dar aquella pobre gente do destacamento, engarregado da cobrança do pedagio com que então se reparavam os caminhos e se faziam outros publicos serviços.

Ao amanhecer, porém, ao viajante, que não dormira, depara-se uma das scenas mais caracteristicas desses tempos. Num grande pateo, fechado pelo rancho da barreira, e por outras toscas construcções vizinhas, aprestavam-se para a viagem de serra-acima cerca de cem muares, déstros, corpulentos, luzidos.

A maneira como estes animaes se portam sendo arreiados, a extrema habilidade e destreza dos seus guias, especialmente os negros, que, lestos, infatigaveis, alçam e põem as cargas com uns movimentos bruscos, mas cadenciados e certos, são para o viajante inglez coisa deveras surprehendente.

A viagem de serra-acima fel-a o viajante sem incidente algum digno de nota, tendo conseguido um guia ou camarada e alguns animaes de sella, que lhe fornecera o guarda da barreira a quatro mil réis por cabeça para uma travessia de oito leguas que tantas se contavam do Cubatão a S. Paulo.

A estrada atravéz dos montes de Paranapiacaba parece-lhe bôa, bem calçada, mas estreita, com voltas bruscas e frequentes pela forte declividade da montanha e pela necessidade de se fazerem os ziguezagues atravéz de mil obstaculos que de continuo se apresentam.

As tropas carregadas, que a cada passo se encontram na descida, tornam ahi a travessia incommoda e muitas vezes perigosa.

---

(1) John Mawe, Travels in the interior of Brasil.

A estrada, porém, rasga em não poucos logares a rocha viva, galga o espaço por sobre abysmos, cujos riscos os parapeitos de pedra bem dispostos eliminam, erguendo-se solidos e firmes na encosta lisa e despenhada do granito.

Do alto que se attinge após tres horas de marcha continua, a vista se extende pelo largo horizonte do mar azul, que parece tão proximo como si as vagas delle se quebrassem na base da montanha, e se pudesse ouvir o rugido dellas de encontro aos rochedos da praia invisivel. De facto, o angulo visual desse ponto elevado, que é tambem uma garganta na crista da serra, onde sopra uma aragem fria, que renova as forças e alegra o animo, não permitte ver toda a planicie baixa onde jaz Santos e onde começa esse estupendo caminho de montanha, com justa razão considerado dos mais arrojados no seu genero e uma prova do espirito emprehendedor dos brasileiros, como o observa o illustre viajante a que nos referimos.

«Poucas obras publicas, diz elle, mesmo na Europa lhe são superiores; e si considerarmos que, á vista da escasez da população do districto por elle atravessado, o trabalho ahi exhibido muito mais caro deve ter custado, difficilmente se encontrará em paiz algum obra tão bem acabada em condições tão desvantajosas.»(1).

Pela estrada adeante, que se desenvolve atravéz de campos e mattas no alto da chapada, e cujo leito as chuvas torrenciaes de continuo damnificam, as tropas passam numerosas, descendo ou subindo na faina ingrata dos transportes.

Ellas são a nota caracteristica do commercio desses tempos. Na frente, arreiada com lucho bizarro e exhibindo cabeçada emplumada e sonorosa, trota segura e orgulhosa a *madrinha* da tropa de sincerro ao pescoço, guiando, como *vaqueana* que é dos caminhos, os varios pelotões, cada qual com o seu arrieiro, e guardando entre si razoavel distancia para que, nas passagens difficeis, a ordem se não perturbe ao menor accidente do caminho.

No fim, cavalgando soberbo animal, não raro ajaezado de prata e exhibindo, no vestir como na attitude, toda a bizarria e elegancia dos da sua grei, vem o tropeiro, ás vezes, o proprio dono da tropa, seguido de outros cavalleiros. Trigueiro, olhos pretos e vivos, robusto e sadio, envolto no seu *ponche* azul, forrado de vermelho, disposto com certa graça sobre os hombros, chapéu desabado, largas botas de couro branco munidas de esporas grandes, faca de ponta com cabo de prata no cano da bota, tal se exhibia o tropeiro abastado, profissão rude na verdade, mas que não poucos descen-

(1) John Mawe, Travels in the interior of Brasil - Journey to, S. Paulo, p. 88.

dentes das mais illustres familias da terra abraçavam e exerciam com tal ou qual orgulho e ostentação.

Ao lado delle, cavalgam os peões ou domadores, tão firmes e identificados com o animal, como si foram verdadeiros centauros, gente da estirpe dos mamelucos de outróra, exhibindo com ar altivo e audaz o seu trajar caracteristico: enormes chilenas nos pés descalços, chapéu pequeno de abas cahidas, lenço vermelho atado ao pescoço, largo cinto estreitando-lhe o talhe em desalinho, e rebenque de couro á déstra, emquanto sob o *lombilho* e os *pellegos*, a *carona* e o *suadouro*, rijamente *cinchados*, a cavalgadura bravia, mantida a redeas curtas feitas de crina, tendo o laço de couro crú enrolado á anca e preso pelo *cinchador*, mastiga o freio com uma espuma sanguenta e vai vencendo o espaço com o seu ar espantadiço, e esse andar rebelde e caracteristico de animal *chucro*.

O viajante, que vai seguindo seu caminho para S. Paulo, observa então a belleza das arvores, de cujos galhos pendem os filamentos plumbeos das *Tillandsias* que lhes dão um aspecto de vetustez phantastica, a grande quantidade das bromelias de flôres amarello-rubras e das parasitas varias que lhes cobrem os troncos e vê tambem nos terrenos humidos, frios e sem cultura o abandono de uma região deserta que não é realmente sinão uma travessia despovoada e ingrata onde ninguem permanece.

Debalde, nas levas de negros e indios que, em turmas, reparam a estrada, fazem-lhe sobre os atoleiros o revestimento do leito com os troncos roliços das arvores que derrubam; e nos ranchos ou estalagens ao longo do caminho, onde as tropas pousam a carga, pernoita o tropeiro e cantam e narram os seus feitos em torno da lareira os homens do mesmo mister, se presente a vida e o movimento que não são em verdade sinão scenas passageiras de um dia, porque de facto só ao approximar-se de S. Paulo é que o viajante descobre os signaes evidentes da população permanente, situada pelos pequenos valles cavados entre as lombadas de campo limpo e aberto ou ensombrado pelos cerrados e capões de matto, que simulam jardins naturaes.

Do Cubatão até S. Paulo medeia de facto o deserto, com o seu cortejo de desolação e de miseria, cujos effeitos a unica estrada, trafegada e activa que o atravessa, não logra comtudo dissipar.

*
* *

Entrando-se em S. Paulo pelo lado do mar, depois de descer a collina do Ypiranga, que os feitos da independencia, já nos seus prodromos, iam justamente consagrar, e donde começa a divulgar-se sobre uma eminencia a branca casaria de telhados escuros, de-

bruçando-se sobre a encosta vermelha e ingreme, o observador nota, com prazer, a despeito das feias edificações dos ranchos, vendas e estalagens, que precedem a cidade, que o aspecto desta é melhor e muito mais aprazivel do que o commum das cidades brasileiras situadas longe do mar.

A cidade apresenta-se limpa e numa compostura que agrada.

Comtudo, em cerca de tres seculos, desde a sua fundação, ella pouco progredira, extendendo-se quasi nada para além dos estreitos limites assignalados pelos ribeiros Tamanduatehy e Anhangabahú.

Em 1807, quando Mawe a visitou e descreveu, a sua posição quasi insular sobre a colina, e a sua extensão edificada pouco se modificaram do que foram no fim do seculo XVI.

A população, de certo, estava augmentada, computando-se em 15 ou 20 mil o numero dos seus habitantes.

A cidade, porêm, muito pouco mudara.

Os melhoramentos iniciados em 1781 por Francisco da Cunha Menezes, como, por exemplo: o calçamento das ruas e praças com o limonito vermelho e duro, abundante nos campos vizinhos; o aterrado do Carmo com a sua ponte de pedra atravéz da varzea; a abertura da rua que depois se denominou da Constituição, descendo para o Tamanduatehy, tinham, é certo, encontrado continuadores prestantes em Chichorro da Gama, que manda abrir a rua de São José e construir em 1781 a ponte sobre o Anhangabahú; em Bernardo José de Lorena, que prosegue com os calçamentos, constróe o quartel da cidade, levanta um chafariz no largo da Misericordia, constróe a ponte do Acú e, em 1794, manda construir de pedra a ponte que se denomina do *Lorena* e hoje do Piques; taes melhoramentos, repetimos, não tinham consegido dar á cidade um impulso assignalado, porquanto em 1809, quando se cria a parochia de Santa Ephigenia, para além do Anhangabahú, tão insignificante é o numero das edificações, aliás dispersas por esse lado, que mais parece um suburbio pobre do que um real prolongamento da cidade. Nas quintas e habitações que ahi se contam isoladas, ou dispostas ao longo dos caminhos tortos e sem calçadas, não ha sinão pobreza, e, dentro dos amplos cercados que lhes constituem as dependencias, não se vêem sinão os vistosos laranjaes com os seus pomos amarellos, ruins, as formosas jaboticabeiras que dão a *fruita* por excellencia, e os grupos pittorescos dos pinheiros *araucaria*, sobre cujos galhos horizontaes, rectilineos, pousam aves negras com as azas pandas ao sol.

Para os lados da planicie baixa, que se extende além da varzea encharcada do Piratininga de outróra, não se vêem tambem sinão habitações dispersas, pobres vivendas do caipira, ranchos toscos

com uma venda annexa, dando para terrenos fechados por vallados profundos, onde se recolhe a animalada das tropas, e aqui e ali grupos de pequenas casas mal edificadas ao longo da estrada do Rio de Janeiro, as quaes, entretanto, já em 1818 se consideravam bastantes para constituirem uma parochia distincta sob a denominação de *Braz*.

Descendo para o rio Tieté e transpondo o Anhangabahú pela ponte que se chamou de Miguel Carlos, a povoação já se extendia pela planura do *Guarepe*, onde d. Luiz Antonio de Souza havia reedificado o recolhimento de Nossa Senhora da Luz e se erguiam algumas casas ao longo da estrada que por Juquery e Bragança penetra no Sul de Minas.

No alto do espigão, ao sul, onde vai ter a collina sobre que se assenta a cidade, e donde descem as aguas do Lavapés, do Anhangabahú e de outros ribeiros que regam os suburbios, observa-se ainda a matta primitiva com os seus *paus reaes*, propriedade que fôra de Fernão Dias e de Pedro Taques, e que por tantos annos se tornara objecto de porfiado litigio entre esse notavel cbronista e o senado da camara de São Paulo.

A matta que era parte do *Sitio do Capão* e se extendia pela contravertente até Pinheiros, ligando-se através do curso do *Jeribatiba* com a do *Murumbi*, cujo nome de certo recorda algum episodio sangrento da conquista, tem ainda toda belleza e vigor de outróra, não lhe tinham ainda retalhado a espessa folhagem, e, descendo pelas grotas humidas aos terrenos baixos que ficam por detraz do convento de S. Francisco, dava á paizagem uns tons verdes, vigorosos, em contraste com a côr alourada dos campos visinhos, em que se notam os sulcos vermelhos das estradas de Santo Amaro e de Sorocaba, raro povoadas.

A cidade propriamente dita não tem nem animação nem commercio. Algum movimento maior que se lhe nota é o da passagem das tropas que descem carregadas para Santos, ou a chegada de algum fazendeiro abastado, que entra conduzindo a familia em liteira ou carro de boi e seguido de numerosa cavalgata, ou então a partida do governador para uma quinta distante, transportando-se em carruagem, talvez a unica na cidade, puxada por quatro mulas vigorosas, e precedida por um troço de dragões a cavallo.

O clima é excellente, o melhor nesta zona dos Tropicos. A salubridade da cidade é até proverbial.

Comtudo, são-lhe frias e nevoentas as noites de inverno, elevada mas suportavel a temperatura nas horas mais calidas do dia.

As ruas são estreitas e tão regulares como o permitte a topographia do logar. Os largos, denominados *pateos*, são pequenos e em todos se exhibem os melhores e mais notaveis edificios

da cidade, com oito egrejas, cinco conventos ou mosteiros, e o palacio do governo.

Não ha gosto nem elegancia na construcção das casas, terreas ou de sobrado, mas do mesmo typo pesado e tristonho. Em 1811 contavam-se em S. Paulo 4.017 predios inclusive os das freguezias suburbanas da Penha e de Nossa Senhora do O', creadas desde 1796.

As paredes de taipa, branqueadas com tabatinga, espessas e pouco elevadas, onde se abrem portas largas, pesadas, e janellas quasi quadradas, com gelosias, dão ás edificações esse aspecto massiço e abarracado, que uns poucos e mal feitos ornamentos em nada attenuam.

Na falta do bicame metallico que ninguem emprega e por evitar os estragos da chuva na base das paredes de terra, o telhado avança para a rua em demasía, com o forro branqueado, e as pontas dos caibros com lavores, em algumas casas mais ricas, donde, não raro, sobresaem grandes ninhos de vespas, exaggerando o ar tristonho que o predio inteiro affecta.

O interior é amplo, pouco illuminado e de aspecto monacal. O mobiliamento escasso e feio, feito de cedro e couro lavrado, ou de jacarandá, exhibe peças de valor, mas sem elegancia.

A rede mais ou menos guarnecida de rendas e lavores bizarros é a peça principal das *varandas*, onde substitue o sofá e onde as damas fazem a sua sèsta ou recebem as visitas de maior intimidade. Bancos de páu, pequenos e baixos tamboretes com algumas cadeiras, completam a mobilia da sala de jantar.

Os costumes paulistas eram singelos, quasi ingenuos.

A cidade quasi não era visitada por extrangeiros, e estes, tão raros, se tornavam objecto da curiosidade publica. «Nossa presença em S. Paulo, diz Mawe, excitou entre o povo tanta curiosidade, como si até então nunca tivesse visto um inglez. O rapazio das ruas manifestava a sua admiração, correndo adeante de nós, tomando-nos as mãos e exclamando quando verificava que tinhamos tantos dedos como toda a gente.

«Não poucos cavalheiros nos convidavam para as suas casas e mandavam avisar aos amigos a que nos viessem ver. Uma chusma numerosa de ambos os sexos frequentemente nos divertia, postando-se ás janellas e porta da sala que occupavamos, no intento de ver como comiamos e bebiamos.

Todavia, o extrangeiro era bem recebido, e dispensavam-lhe de ordinario attenções, convidando-o muitas vezes para jantar em familia.

As damas da melhor sociedade vestiam seda preta, quando a passeio, e especialmente quando iam á egreja, cobrindo-se então com um longo véu da mesma fazenda, franjado de largas rendas; na estação fria, porêm, era commum a casimira ou a baeta. Não raro, substituia-se o véu de seda por uma capa de lan grossa, ornada de

velludo, rendas de ouro, fustão ou pellucia, conforme as posses de quem a trazia.

Muito usado como trage caseiro, essa capa servia tambem nos passeios á tarde; servia em viagem quando era de rigor trazer-se o classico chapéu redondo, de que aliás se sabia tirar grande partido.

O chale já estava abolido entre as damas da cidade, mas as caipiras exhibiam-no das côres mais vivas em vindo á praça por occasião de festas.

Notavel era a frugalidade entre as paulistas, preferindo as jovens aos prazeres da mesa a musica e a dança, no que se distinguiam com graça e donaire, e então era um gosto vel-as, nos dias de baile, nos seus elegantes vestidos brancos, ostentarem no colo nú as bellas cadeias de ouro, e na cabeça cheia de formusura os bastos cabellos castanhos em artistico penteado.

Não se occupavam sinão de coisas futeis as moças da melhor sociedade, para as quaes só mereciam despreso ou indifferença os misteres caseiros, deixados exclusivamente ás escravas.

Quando muito, em não se occupando com dôces, cosiam peças de capricho, bordavam ou faziam rendas.

Eram no geral debeis e doentias, posto que notavelmente formosas, as moças desse tempo, e, por isso, muito attentas a tudo quanto podia affectar o frescor da sua cutis delicada, com o que plenamente justificavam o proloquio então corrente, cujo texto Spix e Martius nos transmittiram «da Bahia *elles e não ellas*, de Pernambuco, *ellas e não elles*, mas de S. Paulo, *ellas e sempre ellas*.»

Usavam as damas trazer flôres nos cabellos e dava isso logar a galanterias delicadas, brindando ellas o cavalheiro recem-chegado com alguma flôr que desprendiam do toucado e retribuindo-lhes este com outra colhida nos ramilhetes da sala.

Pelo entrudo, a batalha dos limões e laranjas de cheiro era então de rigor entre damas e cavalheiros, mostrando aquellas extrema habilidade no ataque ás victimas, que honravam com a sua preferencia.

Contava-se, talvez infundamente, que nesse batalhar praticavam-se desenvolturas compromettedoras, atiravam-se flôres das janellas aos cavalheiros que passavam, e referem outros que, pela calada da noite, ao bello clarão da lua, e ao toque do violão mavioso e grave das serenatas costumeiras, mãos mysteriosas, tremulas, soiam discretamente entreabrir as gelosias por traz das quaes jovens corações palpitavam de affectos ignorados.

A verdade, porêm, é que a despeito dos males que a escravidão de ordinario acarreta, os costumes do povo de S. Paulo eram bons e não empannavam as glorias do nome *paulista*, que as senhoras aqui tinham em grande honra.

Os homens da melhor sociedade vestiam-se soberbamente; eram polidos e attenciosos e com muita propensão para obsequiar. O *caipira*, o homem do povo, posto que atrazado, retrahido e suspeitoso, era de costumes muito mais brandos que o commum dos da mesma classe nas colonias hespanholas.

A polidez de maneiras tinha feito adoptar entre os paulistas o tractamento por *vós*. Uma senhora ou cavalheiro não recebia o mais humilde dos seus visitantes sinão tractando-o com singela e muito digna deferencia:—«*Como se acha o vosso pae? Elle já sarou? Ide-vos sentar para aquelle banco, e que não vos dê cuidado o tempo*».

Estava nos costumes o *botafóra*, ou antes a despedida fôra de portas, para o que e por prova de affecto se acompanhava o amigo que partia até certa distancia fora da cidade, obra de duas leguas, a cavallo, até o ponto em que deviam despedir-se ou trocar entre si o ultimo adeus. Pelo tempo adeante, essa tradição, conservada entre os estudantes da academia de direito, fazia celebre a *arvore das lagrimas*, a cuja sombra tantos peitos juvenis se estreitaram no mais copioso pranto, separando-se talvez para sempre ou voltando no livro da vida essa pagina de infancia e de mocidade que não volve jámais.

Em S. Paulo, o clero era então numeroso e illustrado, contando-se entre os seus membros individualidades bem distinctas.

As festas religiosas se faziam com estrondo e as procissões eram pomposas e commoventes, attento ao meio eminentemente religioso que dominava.

Não havia muitos medicos na cidade; em compensação, porêm, não faltavam os phrarmaceuticos e os curandeiros. Nas pharmacias é que se fazia então a politica da terra, jogava-se o voltarete, a bisca ou o gamão, e se reuniam os ociosos para commentarem os acontecimentos do dia.

Pagava-se ao medico um cruzado por visita. E como não havia costureiras de profissão, os proprios alfaiates faziam os vestidos das senhoras.

As ruas não eram illuminadas á noite, ficando ás escuras, e tão sómente em alguns pontos viam-se lampeões, de azeite, sujos e mal distribuidos. Por isso os habitantes recolhiam-se cedo, e, si sahiam, levavam comsigo lanternas.

Tinha-se começado uma canalização de agua no tempo de Bernardo de Lorena; mas esse serviço imperfeito e insufficiente carecia de ser auxiliado pelos aguadeiros, que vendiam agua colhida nas numerosas e bôas fontes da vizinhança.

As casas exgottavam-se para a rua e pelos fundos dos quintaes, segundo o pendor do terreno. Alguns conventos e casas ri-

cas tinham, porém, sua canalização particular, de que ainda hoje se encontram vestigios numa e noutra encosta da collina.

No actual largo da Sé, ainda não ha muitos annos, se via uma destas canalizações servindo abusivamente para despejo publico.

Do recolhimento de Santa Thereza descia outra que ainda hoje funcciona, deitando para a encosta, a cavalleiro do Tamanduatehy. As galerias, em outro tempo descobertas nas vizinhanças da egreja do Collegio, de certo não tinham outro fim.

A varzea, que depois se denominou do *Carmo*, ainda que em parte cedida pela camara ao mosteiro de S. Bento, era, de facto, um vasto logradouro publico, encharcado, onde se faziam os despejos da cidade, soltavam-se animaes, cortava-se lenha, e onde os ociosos vinham caçar e as lavadeiras fazer o seu mister.

O sulco profundo do Anhangabahú, a ingreme ladeira que dava accesso á ponte de madeira do Acú, assim como os altos onde depois se abriu a rua da *Palha*, eram um vasto monturo para onde se lançava o lixo da cidade e entravam em decomposição animaes mortos.

Comtudo, o aspecto geral da cidade propriamente dita era bom, e tinha um ar de limpeza que agradava.

Escassa era a instrucção entre o povo, distribuida por professores regios das primeiras lettras, de grammatica latina, rethorica, philosophia e theologia dogmatica, além de um de Moral, pago pela Mitra (1). Quem quizesse seguir estudos superiores tinha então de transportar-se para Coimbra, a Meca da Sciencia entre portuguezes e brazileiros.

Comquanto residencia do governador, do bispo, do ouvidor da comarca, do juiz de fóra e procurador da corôa, do auditor de guerra, do deputado da juncta da real fazenda, e do funccionalismo menor, a cidade não exhibia um nivel intellectual dos mais elevados.

Nao havia ainda nem imprensa, nem bibliotheca, a não ser a particular dos conventos, e nem tão pouco uma sala de espectaculos. Comtudo, gostava-se das festas publicas solemnes: faziam-se corridas de touro, á hespanhola; organizavam-se as celebres e faustosas cavalhadas; dançava-se nas praças o *lundú* e representavam-se as scenas do *Divino*.

Não era grande, como se vê, o cabedal de quasi trezentos annos que S. Paulo exhibia no alvorecer do seculo XIX. Mas o sentimento do progresso, as idéas liberaes, as mais ousadas es-

(1) Ayres do Casal—Chorographia brazileira.

perenças, brotadas com o advento da familia real de Bragança no Brazil, lavravam já com calor em S. Paulo, prodromo inilludivel da independencia e do imperio.

***

O movimento politico que nos levou até á independencia, mallogrado com as idéas republicanas em 1817 em Pernambuco, como se mallograra trinta annos antes prematura e desastradamente entre os sonhadores e poétas da *Inconfidencia Mineira*, movimento que mais positivamente se iniciara pela transferencia da côrte portugueza para o Brazil, pela abertura dos nossos portos ás nações amigas, pela elevação da colonia á categoria de reino em 1815, pela organização administrativa remodelada para um governo autonomo, trocadas como então estavam as posições entre a metropole e a sua colonia, veiu encontrar S. Paulo no estado em que o descrevemos e que realmente marca o ponto de partida de todo esse progresso realizado pelo genio emprehendedor do seu povo no decurso do seculo que acaba de expirar.

Com esse movimento politico de que são corifeus os Andradas, e de que José Bonifacio, um sabio e um estadista, se constitue o pensamento director, induzindo o principe Regente a se collocar á frente do partido seperatista e nacional e a proferir nos campos do Ypiranga o lemma libertador, voltam, na verdade, os paulistas a assumir o seu posto de iniciativa, com que sempre se assignalaram nas grandes épochas da vida nacional.

De S. Paulo parte com effeito a idéa da independencia sob a fórma opportunamente habil da separação politica sem o sacrificio do interesse dynastico. De S. Paulo emana esse sopro do liberalismo temperado e opportunista, de que o proprio clero se infiltrara, e que fez o Imperio. De S. Paulo procede esse pensamento humanitario da emàncipação servil de que se imbuiram os membros da Constituinte. Por quasi um quarto de seculo é ainda a influencia paulista, o pensamento paulista, que dominam os negocios politicos, concorrem para o Acto Addicional, e imprimem o caracter dos primeiros annos da Regencia com o padre Feijó, Vergueiro, Alvares Machado, Paula Souza, Costa Carvalho, bahiano de facto, mas paulista por adopção, e Raphael Tobias.

A abdicação do imperador tinha aqui encontrado o seu maior fomento. *A Sociedade Defensora da Constituição e das Leis*, organizada na capital para fazer opposição ao governo de D. Pedro I encontrava acceitação estrondosa, e a noticia da abdicação é recebida em S. Paulo com as mais inequivocas manifestações de jubilo.

As reformas liberaes e a resistencia aos governos oppressores encontram entre os paulistas o mais caloroso apoio. Esse liberalismo vai ao ponto de, em 1834, o Conselho Geral da Provincia dirigir ao governo representação pedindo a dispensa do celibato para o clero.

O padre Vicente Pires da Motta, um liberal como Feijó, dando conta ao ministro, como presidente da Provincia, de como fôra nesta recebida a reforma da constituição, declarava—«que a Provincia inteira recebe com inexcedivel jubilo a leis das reformas».

O periodo regencial, convulsionado, anarchico em quasi todas as provincias, ameaçando já a propria união nacional, não importou, comtudo, para São Paulo o fermento das revoltas.

O liberalismo moderado dos paulistas, que cahira em 1837 com Feijó, deixando o poder aos conservadores chefiados por Araujo Lima, eleito Regente, volta a dominar em 1840 quando Hollanda Calvacanti, os dois irmão Andradas (Antonio Carlos e Martim Francisco) e Alvares Machado agitam a idéa da declaração da maioridade do imperador e a fazem triumphar a 23 de Julho, pondo um fim aos insuccessos da Regencia.

Foi, porêm, de curta duração essa victoria dos liberaes da escola dos Andradas e de Feijó, porque já a 23 de Março de 1841 D. Pedro II estava governando com os conservadores, de quem era o marquez de Paranaguá (Villela Barbosa) o chefe do primeiro gabinete.

As idéas realizadas por esse partido como a da lei de 3 de Dezembro de 1841, que reformou o codigo do processo criminal e a que creou um conselho de Estado, medidas que, quando em ptojecto, já o partido liberal vivamente combatera, perdida toda a esperança de uma opposição parlamentar efficaz, porque a 1 de Maio de 1842, dissolvia-se a camara, levam os chefes liberaes de S. Paulo e de Minas ao terreno da revolta, decidindo-se então opporem-se pelas armas á execução da referida lei de 3 de Dezembro.

Sorocaba dá ó signal do rompimento a 10 de Maio, recusando-se a respectiva Camara Municipal a empossar as novas auctoridades nomeadas por effeitos dessa lei, e resistindo com força armada ao juiz municipal, que com força tambem se apresentára para o acto da posse.

Raphael Tobias de Aguiar, chefe do partido liberal, proclamada a 17 do mesmo mez a revolta na cidade de Sorocaba, é acclamado presidente da provincia. Costa Carvalho, então barão de monte Alegre e presidente legal, pede forças para suffocar o movimento que rapidamente se propaga por Ytú, Porto Feliz, Pirapora, Capivary, Itapetininga e Campinas.

A revolta, porêm, paralysa-se depois dos primeiros impetos de

enthusiasmo. Os rebeldes, com força de perto de mil homens, não se animam a atacar a capital. A falta de plano e de resolução para os golpes rapidos presagiavam já o insuccesso infallivel.

A 28 de Maio, o barão de Caxias, á frente de 800 homens das forças legaes, chegadas da côrte no dia 23, tiroteia com as avançadas dos rebeldes na Ponte dos Pinheiros, a uma legua da cidade.

O tenente-coronel José Vicente de Amorim Beserra, commandando 200 homens, destacados das forças do barão de Caixias, marcha contra Campinas, alcança no dia 7 de Junho os revoltosos na *Venda Grande*, cerca de meia legua aquem da cidade, derrota-os em um combate que se empenhou já ao cahir da noite, morrendo na acção Antonio Joaquim Vianna, commandante dos rebeldes que deixam no campo mais 16 mortos e 15 prisioneiros, perdendo as forças legaes dois ou tres soldados apenas.

Nesse interim, o barão de Caxias marchava da capital em direcção a Sorocaba, levando deante de si os revoltosos e abarracando nos mesmos pousos que elles iam successivamente abandonando, e, assim, sem resistencia, entra na cidade de Sorocaba, aprisiona entre outros o ex-regente Feijó, que se compromettera na revolta, em quanto Raphael Tobias, dispersando as suas forças rareadas, se refugia no Sul.

A revolta, que tambem pelo norte da provincia se propagara, dominando em Lorena, Queluz, Arêas, Silveiras e outros pontos, e tendo por cabeças do movimento Anacleto Ferreira Pinto, os padres José Alves Leite e Manoel Theotonio de Castro e outros, sucumbe tambem aos golpes certeiros da legalidade.

Em Arêas, o major Pedro Paulo de Moraes Rego derrota, a 24 de Junho, os rebeldes commandados pelo proprio Anacleto Ferreira Pinto, e a 12 de Julho, no ataque de Silveiras, o mesmo Ferreira Pinto é de novo derrotado com perda de cincoenta e tantos mortos, maior numero de feridos, pelas forças legaes ao mando do coronel Manoel Antonio da Silva, que põe termo á revolta. Egual sorte teve a revolução nos sertões mineiros, em Santa Luzia, para onde Caxias se transportara precedido já da fama das victorias alcançadas.

Um anno depois, voltando do exilio na provincia do Espirito Santo, para onde o deportaram os seus adversarios, expirava o padre Feijó, velho e desilludido, o vulto mais caracteristico do liberalismo paulista.

José Bonifacio, o patriarcha, não lograra vêr o joven imperador, seu pupilo, assumir as redeas do governo; tinha fallecido em 1838.

Vergueiro e Paula Souza, intimados como Feijó para se retirarem da provincia, experimentam apenas um passageiro eclipse da fortuna, porque foi de pouca duração a victoria dos conservadores

que vinham, desde algum tempo, representando a reacção contra as idéas separatistas e o federalismo dos exaltados que tanto pertubaram o periodo regencial.

Monte Alegre, vencedor em toda a linha, excusando-se, porêm, de formar ministerio após a demissão do gabinete Carneiro Leão, dá logar a que de novo voltem os liberaes ao poder com Almeida Torres, depois visconde de Macahé, em fevereiro de 1844. Em 1848, Francisco de Paula Souza e Mello organiza o ministererio e governa 4 mezes apenas.

Mas aquelle sopro liberal que bafejára os primeiros dias da independencia, que levara a Constituinte até á dissolução. que forçara o primeiro imperador a depôr a corôa a 7 de abril e que dictara o Acto Addicional, tinha de facto desapparecido, dando largas sinão á reacção, a essa politica temperada ou de equilibrio e de fusão, que enche o reinado do segundo imperador.

S. Paulo deixa, desde então, por mais de 40 annos, de representar papel preponderante na politica do paiz.

*
* *

Atravéz desses sucessos politicos que nos levam até quasi ao meiado do seculo, o desenvolvimento de S. Paulo, comquanto bafejado ou impellido pelas novas idéas triumphantes, não conseguira de todo vencer o torpor que lhe ficara das campanhas do sertão á aventura.

O paiz inteiro tinha na verdade, entrado em uma phase nova, cujos effeitos não podiam deixar de affectal-o profundamente.

Abertos os seus portos ao commercio do mundo, visitado á miúdo o seu territorio por uma pleiade de viajantes e sabios eminentes, enriquecidas as suas praças com o estabelecimento de grande numero de casas de commercio extrangeiras, recebendo immigrantes de todas as procedencias, concedendo grandes posses territoriaes (sesmarias) aos proprios extrangeiros, criando e desenvolvendo novas relações de commercio, servindo-se agóra de um apparelho administrativo proprio e mais adequado ás suas necessidades, o Brasil todo experimentava então os effeitos desse espirito renovador, desse forte impulso de civilização que lhe vem do extrangeiro, que o proprio rei immigrado lhe trouxera e que a independencia nacional positivamente confirmava.

S. Paulo experimentava, como todo o paiz, esse forte impulso de civilização e de progresso; mais lento, porêm, era este pelo lado material do que o não fôra pelo das idéas.

Homens eminentes que o visitam e o descrevem por esse tempo, como Saint-Hilaire, Spix e Martius, Eschwege, d'Alincourt e outros, testemunham o facto e o referem.

O progresso da provincia não era ainda lisongeiro, comquanto se alargasse e augmentasse a superficie das culturas preferidas e a população aos poucos fôsse conquistando com os seus estabelecimentos permanentes o deserto.

O povoamento do territorio, como vimos, tinha-se iniciado pelo littoral, galgava depois o planalto, e dahi, enveredando aos quatro ventos, procurava o Rio e Minas, Goyaz, Cuyabá e Rio da Prata.

Foi ao longo dessas grandes directrizes que a população primeiro se fixou antes de se dispersar pelos sertões longinquos, para não tornar.

O valle do Parahyba, vereda que serviu de laço entre a expansão paulista e a fluminense, estava todo povoado e destribuido em sesmarias até Lorena, onde se bifurcava a estrada para Minas e para o Rio, seguindo esta pela fralda da serra da Bocaina, pelas povoações então recentes do Paiol, Itaguaçaba, Arêas, Ferreiro, Bananal, ganhando em S. João Marcos o valle do Pirahy, de onde tomava para o Rio.

O territorio para além de Lorena ficou assim por muito tempo, como um sertão ignorado, até que com a fundação de Queluz, em 1800, e com o aldeiamento dos Puris, as duas correntes povoadoras, paulista e fluminense, se abraçavam por uma estrada continua ao longo do curso do Parahyba.

As estradas ou travessias, que se abriram para o lado do mar, ficavam successivamente abandonadas á medida que avançava rio abaixo a torrente dos povoadores. Assim é que se obliteravam quasi do todo aquelle caminho que de Mogy das Cruzes descia para Santos, aquelle que de Taubaté descia para Ubatuba, e aquelle outro que demandava Paraty, passando pelo Facão (Cunha) e que por muitos annos foi o unico caminho para os que do Rio de Janeiro buscavam Minas Geraes.

O valle do Parahyba era então a parte da provincia mais densamente povoada e a mais enriquecida pela agricultura. Os seus nucleos principaes de população datavam quasi todos do seculo XVII. Taubaté fundara-se em 1636. Jacarehy em 1652, Guaratinguetá em 1657, S. José em 1660, Parahybuna em 1686, e S. Luiz em 1688.

Descendo o rio Tieté para além de Araritaguaba ou Porto Feliz, o povoamento tinha apenas alcançado *Pirapora de Curuçá* que, aliás, os mappas do fim do seculo XVIII não figuram ainda.

Da foz do rio Sorocaba para baixo, o povoamento do valle

do Tieté não obedece á corrente do rio principal, por onde aliás transitavam levas sem conta de aventureiros e povoadores de longes terras; deixa-o, ao contrario, a certa distancia, e segue por via transversa aos affluentes que se povoam e se cultivam primeiro.

Pelos fins do seculo XVIII, lavradores de Ytú e Porto Feliz fundavam Capivary, cujas terras se mostram excellentes para o cultivo da canna de assucar. Piracicaba já era sesmaria habitada em 1693.

As grandes e formosissimas mattas que cobriam os valles do Capivary e do Piracicaba, donde se tiraram outróra os grossos madeiros para as canôas das monções, que tinham oitenta palmos de comprimento, sete e meio de largura e cinco de alto, jaziam em vastissimo sertão, raro interrompidas pela trilha incerta dos foragidos ou pelos timidos ensaios de lavoura dos sesmeiras que iam entrando.

Para os sertões de Araraquara, com fama de auriferos, tinham-se já estabelecido alguns sertanistas com fazendas de criar desde o começo do seculo XVIII, guiados por Francisco Pedroso de Almeida.

Em 1788, um viajante illustre (1), subindo as aguas do rio Tieté, descrevia-nos ainda os montes e campos de Araraquara como sertão quasi desconhecido: «... avista-se a distancia de 3 leguas para Nordeste uns montes que lhes chamam de *Araraquara*, que, pela tarde, quando lhes bate o sol, representa uma grande cidade.»

«...E' tradição que nestes montes ha muito ouro. Varias pessôas têm tentado chegar a elles, e o não tem conseguido pelos muitos pantanaes e obstaculos que encontram: mas eu me persuado que esta tentativa tem sido feita por homens pusilanimes, e fracos sertanistas, pois não é crivel que em tres leguas de terreno possa haver obstaculo que com tempo e trabalho se não vença.»

Todavia, accrescenta o mesmo viajante: —«Nestes campos que já se vão povoando com fazendas de gado, ha negros fugidos que extraem ouro, porque se tem achado signaes disso; o que confirma que os montes sem duvida têm o mesmo metal.»

O povoamento dessa região apartada se foi, comtudo, desenvolvendo e Araraquara já em 1817 desmembrava-se de Piracicaba, formando freguezia á parte, que, em 1832, se elevava á

(1) Lacerda e Almeida--„Diario de viagens" de 1780—1790, p. 58.

categoria de villa. Entre os seus vastos campos de crear e os varios nucleos de população, que iam surgindo ao longo da estrada de Goyaz, ficava, porém, um vasio enorme, com algumas sesmarias e fazendas inicipientes assentadas ao longo da unica estrada, então aberta, de Campinas para o noroéste em direcção áquelles campos.

Piracicaba, que havia bastante prosperado no centro de uma região de solo fertilissimo e variado, para onde se foram estabelecer lavradores de Ytú e de Porto Feliz, pelos annos de 1740 e 1748, já era freguezia em 1770, e villa em 1823.

Nos sertões do valle do Tieté, Piracicaba e Araraquara eram, pois, os unicos postos avançados da civilização em direcção ao rio Paraná, no primeiro quartel do seculo XIX.

Não havia caminhos regulares nem directos. Por muitos annos, os moradores de Piracicaba só se communicavam com Ytú por meio da navegação do Piracicaba e do Tieté. A travessia por Capivary só depois se descobriu.

Em 1769 já se fazia sentir tanto essa falta de caminhos, que d. Luiz Antonio de Souza mandava ao capitão Antonio Corrêa Barbosa dar incremento á povoação de Piracicaba, na intenção de abrir uma estrada que dahi levasse aos territorios ribeirinhos do Paraná.

O projecto, porém, nunca teve execução e o Tieté continuou por muitos annos ainda como o unico caminho accessivel áquellas paragens remotas.

Por isso, em 1817 ainda se ignorava a direcção verdadeira dos grandes rios que a estrada de Goyaz, hoje mais ou menos representada pelo traço da estrada de ferro Mogyana, ia successivamente atravessando de Campinas para o norte. O Mogyguassú, por exemplo, suppunha-se que misturava as suas aguas com as do Jaguary-mirim e corria ao poente desemboccando no Paraná, acima do Salto de Urubupungá.

Outros, porêm, opinavam que o Mogy e o Jaguary-mirim, depois de dilatado espaço contra o poente, se uniam no centro de um extenso bosque, formando então o Tieté. (1)

O conhecimento do vastissimo territorio entre o Tieté e a estrada de Goyaz, a partir de Piracicaba e de Araraquara, é tão imperfeito no primeiro quartel do seculo XIX como nos ultimos annos do seculo precedente, quando Montesinho, organizando uma carta da Capitania (1792), figurava os rios Mogy e Pardo com cursos distinctos entrando no Paraná.

---

(1) Ayres do Casal—„Chorographia Brasileira" tom. I. pag. 211.

Os sertões ao sul do Tieté continuavam quasi desertos. Apontava-se ahi apenas a povoação de Botucatú, que d. Luiz Antonio de Souza mandara fundar em 1766 pelo paulista Simão Barbosa Franco.

Para o sul, transpondo o Paranapanema, quasi desconhecido, e ao poente da estrada que leva aos campos de S. Pedro do Rio Grande, nos territorios que se extendem pelos valles de Tibagy, Ivahy e Iguassù, não havia sinão o deserto tambem. Guarapuava era a unica tentativa de conquista que se apontava por esse lado depois da guerra de 1809 com os selvagens hostis, os quaes, desde então, foram catechisados á sombra de um presidio que veiu a ser a origem da villa daquelle nome.

O povamento do territorio proseguia, comtudo, numa marcha regular do centro para a peripheria, e na proporção que as lavouras iam reclamando terras novas.

As grandes estradas tradicionaes, partindo de S. Paulo, pontuavam-se por nucleos de população, que cresciam lentamente e que passavam de simples povoados a freguezias e villas com intervalos de tempo mais ou menos longos.

As villas de Jundiahy (1655), Campinas (então S. Carlos) (1797) e Mogy-mirim (1769) ao longo da estrada de Goyaz; Parnahyba (1625), Itú (1657), Porto Feliz (1797) ao longo do curso do Tieté; Sorocaba (1661), Itapetininga (1770), Faxina (1769), Castro (1778), Lapa (1780), Lages (1766) ao longo da estrada do Rio Grande do Sul, assignalam as varias e successivas estações da conquista civilizadora que avança.

Antes do meiado do seculo que acaba de findar, os espaços vasios que aqui e alli se notam entre as grandes estradas reaes e os postos avançados do sertão, a que já nos referimos, enchem-se, povoam-se mais rapidamente.

Para deante de Mogy-mirim, ao longo da estrada de Goyaz, os successivos pousos desta estrada vão-se transformando em povoados, freguezias e villas que tiram os seus elementos de vida mais do commercio das boiadas do que da propria lavoura.

Casa Branca, começada por uns casaes de açorianos, é já freguezia em 1814 e villa em 1841.

Franca, fundada por mineiros da Campanha, é freguezia em 1804 e villa em 1824.

No intervallo vem Batataes que se eleva a villa em 1839 e S. Simão que começa a apparecer em 1840.

No territorio a oriente desta mesma estrada, e para o lado de Minas, Atibaia e Bragança já eram villas antigas, datando a primeira de 1769 e a segunda de 1797. Amparo começa o povoar-se em 1828, e já em 1839 é feita freguezia. Serra Negra é elevada

á parochia em 1841; Soccorro em 1838; S. João da Boa Vista no mesmo anno.

Ao poente daquella estrada, no espaço intermedio a Campinas e Araraquara, que se pode chamar propriamente o *Centro-Oéste*, o povoamento era todo de data recente, e os nucleos populosos que apparecem só tomam impulso com a nova cultura do café. Limeira, a antiga freguezia de Tatuhiby, onde Vergueiro e outros se estabeleceram, começára a povoar-se em 1824 e em 1842 era elevada a villa. O Rio Claro recebia lavradores de Ytú e das villas mais proximas desde o começo do seculo.

Antonio Paes de Barros, primeiro barão de Piracicaba, Francisco da Costa Alves e Manoel Paes de Arruda, foram dos primeiros que ahi se estabeleceram com lavoura, elevando-se o logar á capella curada em 1827, á freguezia em 1830 e á villa em 1845. Pirassununga, ao Nordéste, tambem começára a povoar-se em 1826, e em 1842 já era freguezia. O Descalvado recebe os seus primeiros povoadores em 1809. Mas S. Carlos do Pinhal, Brotas, Dois Corregos e Jahú são de data muito mais recente.

Para o sul do rio Tieté, parallelamente á estrada que leva ao Botucatú longinquo e apartado no alto das suas montanhas, partindo de Sorocaba, o povoamento ia fazendo a sua conquista lenta, mas insistente e progressiva.

Sorocaba prosperava com as suas grandes feiras de gado muar e cavallar, para onde concorriam tropas até do Rio da Prata e vinham negociar os fazendeiros e creadores das mais apartadas provincias do norte.

Ipanema, com as suas minas de ferro, já tão afamadas, mas por largos annos esquecidas, entrava então a desenvolver-se sob a direcção de Varnhagen, o velho, que em 1818 iniciava ahi a fundição de ferro.

Tatuhy recebia povoadores depois de 1820 e já era parochia em 1830.

Até meiados do seculo, a zona povoada tinha-se alargado a quasi o dobro do que fôra nos seculos precedentes. O movimento povoador, porém, ia entrar em phase nova com a revolução que se vai operar na agricultura, substituindo-se a canna de assucar pelo café, exigindo novas terras e novos braços para lavoura mais extensa e remuneradora.

A população da provincia augmentara em proporções normaes até ao meiado do seculo.

Em 1808 o numero dos seus habitantes elevava-se a 200.478 ou mais 40.478 do que em 1795. (1)

---

1 Ferdinand Denis.—Le Brésil, pag. 196.

Seis annos depois, em 1814, a população subia a 209.218 almas, (1) sendo que, destas, 36.104 na comarca do Coritiba e Paranaguá.

Em 1822, quando se fez a independencia, não contava mais que 219.246 habitantes, dos quaes 169.971 eram livres, 57.275 escravos e classificando-se em 115.894 brancos, 52.702 pardos e 50.650 pretos de ambos os sexos. (2)

Mas em 1854, o alistamento então feito, depois que da Provincia se desmembrou o territorio do Paraná, já accusava uma população de 564.374 habitantes e representando um augmento consideravel de 345.124 habitantes no periodo de 32 annos. (3).

A população da Capital, porém, tinha quasi estacionado.

Em 1808, Mawe avaliava o numero dos seus habitantes entre 15 a 20.000. Em 1822, quinze annos depois, recenseava-se apenas uma população de 24.311 habitantes, dos quaes 18.799 eram livres e 5.512 escravos.

Em 1827, essa população era apenas de 25.471, accusando tão sómente um accrescimo de 1.160 habitantes no quinquenio, (4) e distribuindo-se em 19.252 livres e 6.219 escravos.

Em 1837 calculava-se essa população em 30.000 almas, evidentemente exaggerada, e adduzia-se que esse algarismo, já assignalado ha dez annos, não offerecia probabilidade de grande augmento. (5)

Em 1850, a população da Capital si não attingia já áquelle algarismo, muito pouco differia delle, comprehendendo, todavia, as freguezias suburbanas.

O progresso e os melhoramentos da cidade não eram consideraveis ; mas os esforços para conseguil-os não foram poucos.

Em 1819 abolia-se em S. Paulo a casa da fundição do ouro, e no anno seguinte installava-se uma Caixa de Descontos. Inaugurava-se em 1825 o hospital da Misericordia, creado pela respectiva irmandade e aos esforços do primeiro presidente da provincia, Lucas Antonio Monteiro de Barros, que tambem no mesmo anno consegue concluir e melhorar o *Jardim Botanico*, hoje *Jardim Publico*, dando-lhe para primeiro director o general José Arouche de Toledo Rendon, mas logo depois entregue á administração do tenente-coronel Antonio Maria Quartim.

A imprensa fazia a sua apparição em S. Paulo com o *Pharol Paulistano*, fundado por Costa Carvalho (Monte-Alegre), auxiliado

---

1 Souza Chichorro, Memoria sobre a Capitania de S. Paulo. 1.ª parte, em 1814. R. Inst. Hist., vol. 36, pag. 197.
2 Dr. Antonio de Toledo Piza. -Relatorio de Estatistica de 1898.
3 Senador Pompêo—Geographia. pag. 602.
4 Dr. Antonio de T. Piza—Relatorio citado.
5 Ferdinand Denis—Le Brésil, pag. 191.

na redacção por Antonio Mariano de Azevedo Marques, por Campos Mello e Manoel Odorico Mendes, o traductor de Virgilio, que, segundo João Francisco Lisbôa, até ajudava a composição da folha como typographo.

Esse primeiro periodico, semanal a principio, e depois publicado duas vezes por semana, vendia-se a 80 réis cada numero; era escripto em linguagem moderada, e, como orgam liberal, propugnava pelos principios constitucionaes. (1)

Dois annos depois, publicava-se o *Observador Constitucional*, fundado e redigido pelo dr. João Baptista Libero Badaró, medico italiano, de idéas liberaes adeantadas, assassinado a 20 de Novembro de 1830, e cuja morte echoôu em todo o Brasil como um signal de guerra contra o liberalismo exaltado. O jornal de Badaró sobreviveu-lhe até 1832.

A actividade litteraria, a que deu logar a creação do Curso Juridico, imprimiu largo impulso ao jornalismo tanto politico como puramente litterario; e então entre outros periodicos e revistas apparecem: o *Paulista*, em 1831; o *Federalista*, redigido pelo dr. José Ignacio Silveira da Motta, em 1832; o *Observador Paulistano*, de 1838, em que collaborou o padre Feijó; a *Phenix* (1838), redigida pelos drs. Clemente Falcão de Souza e Joaquim José Pacheco; a *Voz Paulistana* (1834), redigida pelo dr. Francisco Bernardino Ribeiro; a *Revista da Sociedade Philomatica* (1833), de que eram principaes redactores Carlos Carneiro de Campos, depois visconde de Caravellas, Silveira da Motta e Bernardino Ribeiro.

O curso juridico, que se inaugurara a 1 de Março de 1828, sob a direcção do dr. José Arouche de Toledo Rendon e com o dr. José Maria de Avellar Brotero, contractado em Portugal para lente da 1.ª cadeira do 1.º anno, desde então tornou-se um foco de luz e deu feição nova e caracteristica á velha cidade. Dirigem-no successivamente os homens mais eminentes, Carneiro de Campos, Monte-Alegre, Vergueiro e outros. Entre os lentes mais illustres assignalam-se o velho Brotero, Balthazar da Silva Lisboa, Luiz Nicolau Fagundes Varella, fallecido em 1831, Carlos Carneiro de Campos, Fernandes Torres, Clemente Falcão, Amaral Gurgel, Pires da Motta, Manoel Dias de Toledo, Silveira da Motta, João Chrispiniano Soares, Ramalho, Couto Ferraz e tantos outros.

Tres annos depois, em 1831, como prova de uma fecundidade promettedora, já tomavam gráu solemnemente os seis primeiros bachareis pelo Curso Juridico dentre alumnos brasileiros que se ha-

---

1 Lafayete de Toledo—Memoria Historica sobre a Imprensa Paulista—Revista Inst. Hist. de S. Paulo, 1898.

viam transferido de Coimbra para S. Paulo, e, entre elles, os mais distinctos, Manoel Vieira Tosta, depois marquez de Muritiba, Paulino José Soares de Souza, que foi depois visconde de Uruguay, e Antonio Simões da Silva, depois ministro do Supremo Tribunal.

Em 1835, a 2 de Fevereiro, por effeito do Acto Addicional, installa-se na Capital a primeira assembléa provincial, de que eram figuras salientes: Feijó, Paula Souza, Vergueiro, que foi o primeiro presidente della, João Chrysostomo de Oliveira Salgado Bueno, seu vice-presidente, Campos Mello, Azevedo Marques, Vicente Pires da Motta, Francisco Antonio de Souza Queiroz, Carneiro de Campos, Alvares Machado, Queiroz Telles, Gavião Peixoto, Antonio Paes de Barros e outros.

No mesmo anno cria-se a Thesouraria para servir á arrecadação dos impostos e fiscalização das despesas da provincia.

Não havia ainda em São Paulo uma casa de espectaculos, ou theatro por modesto que fôsse; todavia, já em 1837 se havia preparado uma sala no gosto moderno para servir nas representações de dramas de repertorio antigo e de algumas operas traduzidas do francez, quasi sempre interpretadas por actores improvisados (1). Só em 1858 é que se lança a primeira pedra para o novo theatro que se denominou de São José.

Entre os progressos então realizados apontava-se a illuminação publica iniciada em 1842 com lampeões de azeite. Mas os melhoramentos materiaes da cidade até 1850 são quasi imperceptiveis. As chuvas torrenciaes desse anno causam-lhe grandes damnos, arrombando os tanques *Reúno* e do *Bexiga*, no valle do Anhangabahú, arrasando casas, levando a ponte da *Abdicação* no mesmo valle.

As egrejas, sem gosto nem architectura, nem obras de arte, não se renovam. Comtudo, em 1850, muda-se a cathedral da egreja do collegio para a Sé actual, após grandes reparos que nesta se fizeram, governando o bispado *sede vacante*, o padre dr. Vicente Pires da Motta.

O venerando d. Antonio Joaquim de Mello, elevado, já velho, á dignidade episcopal em 1851, emprehende energica e resolutamente as reformas beneficas de que estava carecendo a diocese; percorre o bispado, que era vastissimo, pregando com a palavra e com o exemplo a reforma de abusos que se tornaram inveterados; e, com os donativos que conseguiu colher, construiu e inaugurou em 1856 o vasto edificio do Seminario Episcopal, destinado especialmente a instrucção do clero, mas que tem prestado grandes e inolvidaveis serviços á educação da mocidade paulista.

---

1 Ferdinand Denis—"Le Brèsil", pag. 191.

O commercio ia aos poucos se desenvolvendo e alargando as suas transacções. Em 1856, o banco do Brazil installa em S. Paulo a sua caixa filial, de que são escolhidos presidente o barão de Iguape, e directores o dr. Martinho da Silva Prado, o senador Queiroz, os barões de Itapetininga e do Tieté, Thomaz Luiz Alvares e Jayme da Silva Telles.

A creação do curso juridico tinha, com effeito, tornado São Paulo um dos fócos mais intensos da mentalidade do paiz.

Mas si a cidade tinha ganho pelo lado intellectual, não se podia outro tanto dizer dos melhoramentos considerados essenciaes ou indispensaveis a uma cidade, mesmo de segunda ou de terceira ordem.

A Capital, por essa face, reflectia, porêm, com precisão, o que ia pela provincia inteira.

Já não era o torpor, ou mesmo a retrogradação que no começo do seculo se notara. Isso, na verdade, tinha passado de todo. Mas não era ainda o despertar auspicioso de um povo, cuja mascula energia e cujos feitos vinham illustrando e enchendo a historia de tres seculos.

Esse despertar é o apanagio do periodo que se vai seguir, e que representa para S. Paulo a consagração incontestavel do seu espirito de iniciativa e de progresso.

*
* *

A marcha ascendente do progresso paulista póde-se precisamente assignalar, nestes ultimos cincoenta annos, por quatro grandes factos que valem por outras tantas epochas memoraveis nesse periodo de prosperidade: a cultura do café em larga escala, a construcção da primeira estrada de ferro, a *S. Paulo Railway*, a colonização ou immigração e a autonomia na Republica.

Descrever aqui cada um destes acontecimentos, na ordem chronologica em que elles se deram, importa tanto como fazer a historia de S. Paulo neste ultimo periodo do seculo, durante o qual veiu a caber-lhe incontestavelmente o primeiro logar entre os Estados brazileiros.

O resurgimento de S. Paulo inicia-se com o café e consolida-se com elle.

O cafeeiro, introduzido na Guyana pelos hollandezes em 1690, transplantado para as margens do Amazonas pelos annos de 1723 a 1728, onde rapidamente prosperou a ponto de já em 1767 exportarem-se para a Europa muitas mil arrobas delle (1), transplantado

1 Padre João Daniel.—Thesouro descoberto no maximo rio Amazonas.

ainda para o Rio de Janeiro, no governo do conde de Bobadella, quando se começaram a plantar as primeiras sementes no Hospicio dos Barbonos, na chacara do hollandez Hoppman, em Mata-Porcos, donde se espalhou pelas fazendas do Capão e do Mendanha, e alastrando-se dahi para *serra acima* (1), desde muitos annos se começou a cultivar na zona littoral de S. Paulo, onde já, em 1805, Martim Francisco assignalava a plantio delle no valle da Ribeira de Iguape e nas immediações de Santos.

Tão rapida tinha sido, porém, a propagação do cafeeiro no Rio de Janeiro, que de 160 arrobas de café que entraram na cidade em 1792, procedentes tanto de fóra como do reconcavo, passava-se a 3.200 arrobas em 1800 e a 10.148.268 em 1850.

Do Rio foi o café invadindo o territorio mineiro pela matta do Parahyba, como começara a invadir S. Paulo pelos municipios limitrophes e pello littoral, onde, como dissemos, a cultura delle já era ensaiada desde o começo do seculo.

Até 1864, a média da exportação do café pelo porto do Rio de Janeiro tinha attingido a 10.340.488 arrobas (2), de que as tres quartas partes eram de producção fluminiense e tão sómente o restante de procedencia paulista e mineira.

Entretanto, a lavoura do café no interior de S. Paulo se desenvolvia havia já uma dezena de annos.

Em Campinas, a familia Aranha tinha-o já cultivado em larga escala. O senador Vergueiro, na sua notavel e importante fazenda de Ibicaba, no municipio da Limeira, trabalhando com 300 escravos as excellentes terras do Morro Azul, accusava em 1847 uma safra de 8.000 arrobas de assucar e 12.000 de café, algarismo este que, pouco depois, com as plantações novas, devia elevar-se a 40.000 e levava o distincto lavrador e notavel homem politico a introduzir na sua fazenda 400 colonos allemães, dando um bello exemplo de iniciativa privada e ao mesmo tempo uma prova de sabia previsão de estadista.

Ibicaba, desde então, se tornou em S. Paulo o typo da fazenda de café, que todos procuraram depois imitar (3), contando-se já, em 1858, vinte e oito fazendas com colonias por aquelle typo, e com cerca de 2.000 colonos allemães, suecos e portuguezes.

Desde então, a lavoura do café, ganhando terreno ainda mesmo naquellas fazendas onde só o assucar se produzia, alastrava-se pela provincia inteira, reclamando novas terras e determinando mais larga expansão na região do centro-oéste.

---

1 Freire Allemão.—Plantas aclimatadas no Brazil.—Revista do Inst. Hist., vol. 19.
2 Sebastião Ferreira Soares.—Estatistica.
3 Eduardo Prado.—L'immigration—Le Brésil, em 1889, pag. 473.

A prosperidade do Rio de Janeiro e dos municipios paulistas do valle do Parahyba era um facto a cujo estimulo bem poucos resistiam.

Fazendeiros de Ytú, de Campinas, de Jundiahy, da Capital e dos municipios assucareiros partiam para fazer acquisição de terras novas, entravam para os sertões do rio Tieté e dos seus affluentes, abriam fazendas de café para o valle de Mogy-guassú e do Rio Pardo, approximavam-se das terras altas vizinhas de Minas, entranhavam-se sertão a dentro em busca do solo priviligiado da *terra roxa*, onde a preciosa rubiacea de preferencia se desenvolvia e dava colheitas prodigiosas.

O preço cada vez mais remunerador do café animava, fomentava a expansão agricola que nem a escassez do braço escravo com a suspensão do trafego, em 1850, nem a guerra do Paraguay, tão custosamente emprehendida e para a qual se voltavam as forças vivas da nação, nem ainda a alta de preços do algodão determinada pela guerra de seccessão dos Estados-Unidos, pôde deter ou desviar.

Aos primeiros e aliás inevitaveis insuccessos da colonização extrangeira pelo typo de Ibicaba respondem os fazendeiros, confiados na alta do café, com a acquisição em larga escala do braço servil, exportado das provincias do norte, donde a crise prolongada da canna o expellia.

Foi então que S. Paulo, com o Rio e com Minas Geraes, constituindo-se centros da maior producção do café a que as vias de communicação accelerada davam novo e mais largo impulso, importaram e concentraram em seu territorio a mór força de braços escravos de que então dispunha o Brasil inteiro.

Em 1872, quando se realiza o recenseamento geral do paiz, nas tres provincias cujas populações sommavam 3.659.813 almas, tinham-se concentrado 819.708 escravos ou mais da metade de toda a população servil que então era de 1.510.806 individuos de ambos os sexos.

Só em S. Paulo, cuja população recenseada era de 837.354 se contavam 156.612 escravos, ou pouco menos do triplo do que se recenseara em 1822, por occasião da independencia.

Dessa época em deante a producção do café em S. Paulo entrou a crescer tão rapidamente, que já não havia previsão possivel quanto á taxa do augmento annual.

Em 1850, a exportação do café de S. Paulo não excedia de 2.250.000 kilogrammas (160.000 arrobas); mas em 1864 subia a 15.440.245 kilogrammas ou 265.671 saccas de 60 kilogrammas cada uma.

Seis annos depois, em 1870, o café exportado accusava-se por

34.059.120 kilogrammas ou 567.652 saccas. Em 1878, exportavam-se 78.449.807 kilogrammas ou 1.307.496 saccas, excedendo já a exportação pelo porto do Rio de Janeiro, que no anno precedente accusara apenas 797.785 saccas.

O desenvolvimento da cultura tinha-se já então assignalado tanto na extensão della como no aperfeiçoamento dos respectivos processos, como no beneficiamento dos productos.

Visitando a lavoura paulista em 1879, dizia um biologista eminente: «Com verdadeira surpreza e prazer, confesso-o, vi pela primeira vez os vastos cafeeiraes cultivados esmerada e perfeitamente, cujo gráu de importancia não é ainda apreciado no extrangeiro. Quem visita a provincia de S. Paulo, tão activa e florescente, quem examina as suas terras vermelhas e massapês, de riqueza e fecundidade, sem exageração, prodigiosas, comprehende muito melhor do que manuseando livros, que o Brasil é um paiz eminentemente agricola e productor de materias primas. Demais, não me foi só dado admirar, nas fazendas das Sete Quédas, da Resaca e da Tapera, por exemplo, bellissimas culturas; tive tambem occasião de observar, sobretudo em Sete Quédas e no Morro Azul, machinas de beneficiar o café não só das mais modernas, como excellentemente montadas. O que, porêm, verifiquei com a maior satisfacção, foi o zelo, a actividade, o enthusiasmo pelas idéas de progresso, de que se acham possuidos os fazendeiros paulistas. Por toda a parte lavra-se a terra; por toda a parte plantam-se novos pés de café, empregando-se cuidados os mais completos». (1)

Nos quinquennios que se seguem depois de 1878, a producção do café, manifestada na sua exportação, obdece á progressão seguinte:

	kilog. ou	saccas
De 1878–1883	96.699.270	1.644.987
De 1883–1888	126.219.464	2.103.657
De 1888–1893	167.428,737	2.790.479
De 1893–1898	238.590.727	3.976.514

Em 1899 attingia o algarismo da exportação a mais de 5 milhões de saccas, alcançando hoje a 6 1/2 milhões ou a 390.000.000 kilgr., algarismo que, de certo, está bem longe de assignalar o termo ou o apice da curva ascendente desse progresso estupendo da lavoura cafeeira, a que nenhuma outra sobreleva e que até de um modo assustador se tornou exclusiva.

O assucar, preponderante outróra, deixou já de ser exportado desde 1893.

1 Dr. Luiz Couty—Relatorio sobre as culturas de café na provincia de S. Paulo.

A aguardente, depois de varias alternativas em que chegou a attingir na exportação 200.971.161 litros, em 1887, se reduziu a um minimo de 33.765 litros em 1897.

O algodão deixou de ser exportado desde 1892.

O arroz, cuja cultura era aqui das mais remuneradoras, vai perdendo terreno todos os dias, e depois de attingir, nos ultimos quatorze annos, um maximo de 2.577.139 litros em 1884, desceu a 759.438 em 1897.

O milho, o feijão, a farinha de mandióca e outros artigos estão affluindo hoje á exportação em proporções exiguas, podendo-se dizer que os cereaes apenas dão para o consumo interno.

Domina pois soberanamente o café nos campos de cultura.

Os municipios de Ribeirão Preto, S. Carlos do Pinhal, Araraquara, Jahú, Jaboticabal, Santa Cruz das Palmeiras, S. Manoel, são especialmente apontados pela excellencia da sua lavoura de café.

As fazendas Dumont, São Martinho, Schmidt, Guatapará, Brejão são modelos no seu genero.

Mattas extensas tombam todos os dias aos golpes do derrubador e, nos altos espigões, como nas planuras elevadas, milhões de cafeeiros enchem o horizonte immenso, galgando do valle á montanha, da montanha aos pincaros da serra, invadindo o sertão e arrastando após si as povoações, os caminhos de ferro, a civilização, a riqueza.

***

A cultura do cafeeiro não teria certamente logrado tão rapido e consideravel desenvolvimento pelos sertões distantes, si não fôra a rêde de viação accelerada de que é o tronco, e a primeira na ordem chronologica como na benemerencia em relação ao progresso desta terra, a estrada de ferro ingleza, a *São Paulo Railway*.

Assignala innegavelmente esta estrada uma épocha auspiciosa na vereda dos melhoramentos materiaes que caracterizam o progresso de S. Paulo na ultima metade do seculo que expirou.

Quem não viu jámais os caminhos ordinarios de outro tempo com as suas agruras e asperezas sem conta, com os seus perigos e delongas inimaginaveis; quem não experimentou uma vez os incommodos, os imprevistos, o custo de uma viagem de outróra, atravéz dos tremedaes, das ladeiras e das pontes mal curadas, vencendo distancias alongadas entre os centros de producção e de consumo, de certo, não avaliará com precisão o que vai de progresso, de economia, de actividade, de estimulo, de riqueza, de esperança nesse primeiro tentamen de viação accelerada, que a iniciativa ingleza nos proporcionou, lançando atravéz dos montes de Paranapiacaba,

desde Santos até o começo da zona agricola do sertão essa primeira estrada de ferro que é um modelo no seu genero.

Data de 1855 a concessão do previlegio ao marquez de Monte Alegre, ao conselheiro Pimenta Bueno, depois Marquez de S. Vicente, e ao barão de Mauá para a construcção de uma estrada de ferro de Santos a São João do Rio Claro; mas é de 26 de Abril de 1856 o decreto n. 1.759 auctorizando a incorporação da companhia que tomou a si levar a effeito a construcção della, tendo por pontos de partida e objectivo Santos e a cidade de Jundiahy.

Concedido o privilegio por 33 annos com garantia de juros de 5 °/₀ sobre o capital de 2.000.000 de libras, foram a 11 de Março de 1858 approvadas as plantas e mais trabalhos apresentados pelo engenheiro James Brunlies com as modificações então propostas pelo engenheiro C. P. Lane. (1).

A 13 do mesmo mez e anno, por decreto n. 2.124, prorogou-se o prazo para a organização da Companhia, sendo alteradas algumas das condições do decreto de concessão.

Em 1860, depois de reforçada a garantia de juros e bem assim augmentado o capital com mais 650.000 libras a juros de 7 °/₀ a *São Paulo Railway Company Limited*, organizada em Londres, deu começo á construcção da estrada na cidade Santos, a 15 de Maio, e em São Paulo a 24 de Novembro, conseguindo inaugurar-lhe o trafego até á capital em 1865, e da linha inteira até Jundiahy, na extensão de 139 kilometros a 8 de Setembro de 1868.

A estrada que é uma das mais arrojadas e difficeis no seu genero, exhibe, nos seus planos inclinados da Serra de Santos, o que a technica da engenharia póde conceber de mais interessante e de mais pratico em casos similhantes. O viaducto da Grota-Funda, fundado em declive de 9,75 °/₀ e em curva de 603 metros de raio com um comprimento total de 215 m., 02, e altura maxima sobre o terreno de 48 m., 776, com 10 vãos de 20 m. 13, e um de 12 m. 20, é, sem duvida, a sua obra de arte mais arrojada e de mais vulto. As obras de revestimento, de consolidação e de drenagem, o serviço dos cabos de tracção, as machinas fixas, a ordem e disciplina do trabalho são titulos de recommendação dessa notabilissima ferro-via, que, por sua posição topographica verdadeiramente privilegiada entre o interior e a costa, tem de certo o monopolio dos transportes de quasi toda a importação e exportação de S. Paulo.

Desde os primeiros annos o seu trafego se manifestou activo e promettedor. As receitas, crescendo sempre em progressão

---

1 Cyro Pessôa—Estradas de Ferro do Brasil.

das mais lisongeiras, permittiram logo dispensar a garantia de juro e entrar pouco depois no regimen das empresas prosperas e financeiramente livres ou desoneradas.

Não demorou em fructificar em S. Paulo o exemplo dos inglezes.

Organizaram-se logo companhias nacionaes para a construcção de novas estradas de ferro. Saldanha Marinho, na presidencia da provincia, impulsiona o movimento.

A *Companhia Paulista*, desistindo os inglezes do direito de preferencia para o prolongamento da sua estrada além de Jundiahy, organiza-se com o capital de 5 mil contos de réis, e com estatutos approvados por decreto n. 4.283 de 28 de Novembro de 1868, enceta a exploração da linha de Jundiahy a Campinas no anno seguinte, e contracta a 29 de Maio de 1869 a construcção della mediante o privilegio de 90 annos e garantia de juros de 7 °/₀ durante 30.

Iniciando-se as obras em Março de 1870, sob a direcção technica do engenheiro João Ernesto Viriato de Medeiros, e sendo directores da empreza os drs. Clemente Falcão de Souza, Martinho da Silva Prado, Bernardo Avelino Gavião Peixoto, Ignacio Wallace da Gama Cochrane e o senador Francisco Antonio de Souza Queiroz, em 11 de Agosto de 1872 inaugurava-se o trafego dos 43 kilometros de linha entre Jundiahy e Campinas.

No anno seguinte, enceta com o engenheiro Antonio Rebouças a construcção do prolongamento ao Rio Claro, augmentando o seu capital ao dobro e dispensando já a garantia de juros.

Em Agosto de 1876 estava inaugurado o trafego para aquella cidade.

Obtendo novas concessões, a prospera companhia já em 1880 levava os seus trilhos ao Porto do Ferreira, no Mogy-guassú, onde devia iniciar-se uma navegação fluvial a vapor.

Em 1881 attinge o Descalvado, completando 281 kilometros de via ferrea da bitola de 1,^{m}.60, a mesma da estrada ingleza.

A Companhia Paulista, extendendo os seus trilhos atravéz da zona cafeeira, então mais intensa da provincia, entrou desde logo a fruir das grandes receitas que as bôas safras lhe garantiam, e se tornou portanto uma das empresas nacionaes mais prosperas.

Enveredando para a região do sudoéste, e substituindo-se á estrada antiga que leva ás campinas rio-grandenses, a *Soracabana*, organizada em 1871, inicia os seus trabalhos no anno seguinte, inaugura o trafego para a cidade de Sorocaba em Ju-

lho de 1872, attinge Ipanema em 1874, contracta com a provincia o prolongamento a Botucatú, Tieté, Tatuhy o Itapetininga, e já hoje, attingidos estes pontos, prolonga os seus trilhos pelo valle do Paranapanema, em direcção á barra do Tibagy, e se funde com a *Companhia Ytuana*, cujas linhas, começadas em 1870, vão por um lado a Capivary, Piracicaba e S. Pedro e por outro a Itú e a Mayrink na linha tronco da mesma Sorocabana.

Aproveitando um trecho navegavel dos rios Piracicaba e Tieté, sustenta a *Ytuana* desde alguns annos uma linha de vapores entre Porto João Alfredo e Porto Martins. chamando assim para sua zona grande parte da producção dos ricos municipios de Botucatú, S. Manoel e Lençóes, na margem esquerda do Tieté, para onde fizera antes construir um ramal ferreo, hoje, porêm, ligado ao tronco da Sorocabana na estação da Victoria.

A *Bragantina* e a *Mogyana*, ambas organizadas em 1872, têm por oojectivo o territorio mineiro. A primeira, começando em 1878 os seus trabalhos em Campo Limpo, onde se entronca na estrada de ferro ingleza, encaminha-se para o valle do Jaguary, transpõe o Atibaia, attinge a cidade de Bragança e ahi estaciona, não se lhe tendo deparado ainda ensejo para seguir ao seu primeiro objectivo.

A segunda, sobrepondo-se ao traçado da velha estrada do Anhanguera ou de Goyaz, parte de Campinas em 1873, chega a Jaguary e a Mogy-mirim em 1875, vai ao Amparo no mesmo tempo, alcança Casa Branca em 1878, S. Simão em 1882, no mesmo anno em que leva um ramal a Itapira, e, proseguindo com a linha principal, leva-a em 1883 a Ribeirão Preto e successivamente a Batataes, á Franca, ás margens do Rio Grande, assignalando cada anno uma victoria da operosa companhia. Constroe ainda o ramal de Caldas, penetrando no territorio de Minas; prolonga o de Itapira até ás margens do Eleuterio, o do Amparo até Serra Negra e Monte Alegre; faz o ramal para o Espirito Santo do Pinhal, e o de Mocóca até Canôas, passando por S. José do Rio Pardo.

Linha principal e ramaes dentro do territorio paulista sommam já por 767 kilometros na zona da Mogyana.

A *Companhia Rio Claro*, que se organizou em 1882 para levar aos sertões os trilhos da estrada de ferro que a *Paulista* fizera parar naquella cidade, já em 1883 inaugurava o trafego provisorio da sua linha até S. Carlos do Pinhal; em 1885 um dos seus ramaes attingia a villa de Brotas e se encaminhava para o Jahú por Dois Corregos, emquanto a linha principal se construia para Araraquara, visando mais tarde o Jaboticabal, sertão dentro.

O Rio de Janeiro ligava-se a S. Paulo em 1877 por uma estrada de ferro iniciada em 1873 com os capitaes da *Companhia S. Paulo e Rio de Janeiro.*

Além destas grandes linhas, que substituiram as estradas historicas de outro tempo, e que são como que as arterias regionaes de S. Paulo, outras mais modestas se construiram com capitaes nacionaes e levam hoje os beneficios da viação accelerada aos municipios de Santo Amaro, Itatiba, Bananal e Arêas.

A estrada de ferro *Minas e Rio*, que se entronca na *Estrada de Ferro Central*, na Estação do Cruzeiro, transpondo a Mantiqueira, leva os seus trilhos ás regiões superiores do Sapucahy e apenas corta pequeno trecho de territorio paulista.

As estradas projectadas e até iniciadas de um ponto da *Sorocabana* para Santos, e da *Mogyana* para o mesmo porto, á falta de capitães, feneceram.

Mas antes desses insuccessos, aliás os primeiros que aqui experimentaram as empresas nacionaes deste genero, já a rede de caminhos de ferro de S. Paulo tinha alcançado o seu maximo desenvolvimento e já a lavoura tinha della recebido todo esse benefico influxo e todo esse estimulo que, na realidade, são a riqueza e a vida.

Acudindo ás exigencias de um trafego sempre crescente, a *S. Paulo Railway* duplica a sua linha e executa obras monumentaes; a *Paulista* desenvolve-se pelo valle do rio Pardo; a *Mogyana* penetra em Minas a caminho de Goyaz; a nova estrada de ferro de *Araraquara*, em seguimento da *Paulista*, leva os seus trilhos em direcção ao Paraná.

Cerca de 3.300 kilometros ou 500 leguas portuguezas de caminhos de ferro completam essa rede, cujas malhas, gradual e incessantemente, se alargam conquistando cafesaes, assim como o lavrador, derrubando e queimando, vai todos os dias conquistando o deserto.

***

A colonização e a immigração representam no progresso de S. Paulo uma solução não menos importante do que essa dos transportes por via accelerada.

O problema do povoamento, da utilização das riquezas, do supprimento de braços para a lavoura, este ultimo cada vez mais premente pela extincção do trafico em 1850, pela elevação exaggerada dos preços do escravo, pela solução, que já se annunciava proxima, da questão servil, tornou-se para o Brasil todo e para S. Paulo principalmente o problema palpitante e inadiavel a que cumpria dar prompto desenlace sobre a pressão terrivel dos acontecimentos que se precipitavam.

Já desde o primeiro quartel do seculo se fizera sentir inquietadora essa questão de braços, impondo-se á cogitação dos estadistas.

D. João VI empenhava esforços neste sentido mandando vir em 1809 colonos dos Açores e da Madeira, dos quaes alguns se foram estabelecer para S. Paulo, em Casa Branca, mas que, pouco depois, abandonaram as suas terras, aterrados com as mattas vigorosas que era mister derribar.

No empenho de attrahir colonos europeus e de fixal-os no paiz, enveredava-se pelas medidas mais liberaes, decretava-se em 1808 que tambem aos extrangeiros se podiam conceder sesmarias, e por facilitar o melhor conhecimento do paiz permittia-se, estimulava-se o exame do seu interior por homens eminentes ou por simples commerciantes ou excursionistas; contractavam-se artistas de nomeada como os Lebreton, Debret, Taunay, Ferrez e Grandjean de Montigny. E, como Portugal não tinha população sufficiente, e temerario nesses tempos seria o desfalcal-a, appellava-se para outros povos, introduziam-se no paiz allemães, hespanhóes, francezes, suissos e inglezes.

Distribuiam-se terras, ferramentas e sementes aos mais pobres e encaminhavam-nos para varios pontos do paiz. Os que possuiam recursos proprios situaram-se nos arredores das cidades e abasteceram-lhes os mercados. Outros encaminharam-se para as provincias do sul ou para as terras elevadas de Minas e de S. Paulo, onde encontraram clima mais benigno e mais conveniente do que o do Rio de Janeiro (1).

Em 1818 são introduzidos 2.000 colonos suissos que fundam Nova Frigurgo nas montanhas do Rio de Janeiro. Em 1824, funda-se no Rio Grande do Sul a colonia de S. Leopoldo com immigrantes allemães, iniciando-se ahi, como depois em Santa Catharina, essa colonização germanica de tão proficuos resultados no Brazil.

S. Paulo recebeu a sua primeira leva de colonos allemães em 1827, constante de 926 individuos de ambos os sexos, dos quaes alguns permaneceram no municipio da Capital e os restantes foram encaminhados para Itapecerica, onde bem poucos prosperaram.

Nova tentativa se fez em 1836 e 1837, introduzindo-se 304 colonos da mesma nacionalidade, para se empregarem na construcção de estradas e para a fabrica de ferro de S. João do Ipanema.

Em 1847, o senador Vergueiro, como o dissemos, contracta 80 familias allemães e as estabelece na sua fazenda do Ibicaba, onde chegou a reunir cerca de mil colonos.

O senador Queiroz, o seu irmão Souza Barros e outros fazendeiros abastados seguiram de perto esse corajoso exemplo e contra-

(1) John Luccock— Notes on Brazil 1820.

ctaram colonos para as suas fazendas, formando nucleos de que entre 1850 e 1867 se contaram não menos de 36, além de outros menos consideraveis.

Infelizmente, esse tentamen de colonização que tão promettedor se iniciava, segundo o typo de Ibicaba, teve de estacar deante de difficuldades insuperaveis, e feneceu.

Os contractos se tornaram onerosos e inexequiveis. Os colonos começaram a exigir e a protestar e em breve abandonaram as lavouras.

Desenganados os fazendeiros do braço europeu, voltaram-se para o braço escravo, importado das provincias septentrionaes. E então uma corrente avolumada de população negra se estabeleceu perenne do Norte para o Sul, concentrando nesta ultima parte do paiz todo o onus e toda a resistencia ao movimento emancipador, cujos prodromos aliás já se faziam sentir mais de perto e mais a miúdo.

Mas a solucção do problema da colonização adiava-se apenas o tempo necessario para que na opinião nacional a abolição do escravo evolvesse.

A colonização européa reconhecia-se, de facto, incompativel com a escravidão negra. As duas instituições não podiam coexistir no mesmo solo (1). «A approximação da população extrangeira e da raça africana, dizia um escriptor eminente, deve ser no Brazil a rehabilitação do trabalho do homem branco, ao mesmo tempo que uma sancção aos factos favoraveis para um termo pacifico e regular da servidão» (2).

Terminada a guerra do Paraguay, donde regressam cobertas de gloria as nossas legiões libertadoras, o Visconde do Rio Branco, auxiliado por vultos eminentes como João Alfredo, Duarte de Azevedo, Theodoro Machado, João Mendes de Almeida, Salles Torres Homem e outros, após uma lucta que se tornou memoravel na imprensa e no parlamento, consegue fazer triumphar a primeira lei de emancipação gradual, de 28 de Setembro de 1871, sanccionada no mesmo dia pela princeza imperial regente, lei pela qual desde então são declarados livres os filhos de mulheres escravas no Brazil.

Mas o impulso, uma vez communicado, não fez mais do que accelerar-se.

As idéas de emancipação total começam a agitar o paiz, conquistando adhesões universaes.

A politica ponderada e previdente busca interpor-se moderando o movimento, decretando medidas graduaes que todavia não

---

1 Eduardo Prado.—*Immigration*, cap. XVI da obra—*Le Brésil en 1889*.
2 C. A. van der Straten—Ponthoz—Le Budget du Brésil—vol. 3º, pag. 117.

contentam aos mais impacientes. E surge então o *abolicionismo* como a expressão derradeira, radical da opinião vencedora no paiz.

Em S. Paulo, a causa abolicionista tem a seu serviço a alma sensivel e apaixonada de Luiz Gama, a audacia imperturbavel de Antonio Bento, o prestigio da palavra de José Bonifacio, as dedicações sublimes de uma pleiade de jovens de talento e de acção, na faina de anarchisar a instituição servil para mais depressa extirpal-a.

No Rio, o movimento calorosa e valentemente sustentado por Joaquim Nabuco, Ferreira de Menezes, José do Patrocinio, Joaquim Serra, Rebouças e outros, batido uma vez com Souza Dantas no parlamento, ergue-se impetuoso da opinião nacional, domina em todas as classes e irrompe victorioso no Senado, onde debalde o procura deter a palavra do barão de Cotegipe, com os accentos propheticos de um vidente.

A 13 de Maio de 1888, a princeza regente d. Izabel, rodeada dos seus ministros, vultos representativos do abolicionismo triumphante, João Alfredo Corrêa de Oliveira, Antonio da Silva Prado, Antonio Ferreira Vianna, Thomaz Coelho, Vieira da Silva, Costa Pereira e Rodrigo Silva, sancciona a lei memoravel que declara extincta a escravidão no Brazil.

Ao mesmo tempo que estes acontecimentos se precipitavam, não esquecia a administração publica a outra face do problema do trabalho.

O ministerio de 10 de Março, que acabava de fazer a abolição da instituição servil, adopta francamente a politica colonizadora.

A immigração é então promovida em mais larga escala.

Tinham-se creado já numerosas colonias nas provincias do sul e no Espirito-Santo, e S. Paulo chegou a contar 16 nucleos coloniaes mais ou menos prosperos.

Mas a lavoura, de subito privada do braço escravo, perigava; e este systema de colonização, moroso de mais para servir aos intuitos ou satisfazer ás exigencias da zona cafeeira, então a mais ameaçada, carecia de ser modificado, collocando-se ao nivel da situação.

Começa então a introducção de braços europeus para os trabalhos da lavoura.

Si de 1873 a 1886 se introduziam no paiz 304.796 immigrantes, equivalendo a uma média annual de 21.771, em 1887 já esse algarismo annual subia a 54.990 immigrantes, dos quaes 34,710 se encaminham para S. Paulo. Mas em 1888, quando se decreta a *abolição*, o numero de immigrantes introduzidos excede á toda previsão, 131.268, ou mais do dobro do anno antecedente.

Os esforços dos paulistas para attrahir immigrantes, fundando uma *Sociedade Promotora de Immigração*, a cuja frente se colloca

o dr. Martinho Prado Junior, não se limitam a simples propaganda no extrangeiro Enviam-se agentes conspicuos á Europa, funda-se uma grande Hospedaria de Immigração com capacidade para quatro mil pessôas, destinada a receber os immigrantes recem-chegados, alimental-os durante oito dias e auxilial-os a collocarem-se na lavoura.

Mas é a partir da presidencia do conde de Parnahyba, em 1887, que o problema da immigração para S. Paulo teve a sua mais completa solução.

Até ahi os algarismos não accusavam sinão resultados insignificantes. Em 1887, porêm, recebem-se em S. Paulo, pelo porto de Santos ou pelo Rio de Janeiro, 34.710 immigrantes, e 92.000 em 1888. A corrente tão de pressa se avoluma que, no periodo decorrido de 1881 a 1891, não menos de 330.393 immigrantes europeus, pela mór parte italianos, se estabelecem no Estado e delles cerca da terça parte se localiza nos centros populosos.

«Prevenindo essa prejudicial tendencia, a benemerita Sociedade Promotora de Immigração, esforçando-se por assegurar melhor escolha do colono a introduzir, dizia, em abono dos seus intuitos patrioticos, no seu relatorio de 1892 :—que se vangloriava de ter feito entrar para o Estado uma immigração modelo, quer em relação á capacidade para o trabalho —preoccupação do presente, como para o povoamento— desideratum do futuro.

«Em quatro annos mais, sobe a 603.059 o numero de europeus introduzidos como colonos.

«Ao influxo dessa poderosa corrente, engrossa-se desmedidamente a população das cidades, com prejuizo das suas condições de salubridade.

«S. Paulo triplica de habitantes em dez annos : de 45000 em 1886 attinge a 150.000 em 1896, e destes mais de metade são europeus. Campinas, Rio Claro, Santos e tantas outras cidades da zona cafeeira duplicam as respectivas populações em egual periodo.» (1)

Os effeitos de tão patrioticas medidas não se fizeram esperar, justificando a bella previsão da Sociedade Promotora.

Um sopro de vida renovador e benefico domina por S. Paulo inteiro. Artistas habeis, trabalhadores morigerados, homens robustos, cheios de esperança e da nobre ambição do trabalho entram em levas numerosas pelos nossos campos e pelas nossas cidades. Os descendentes do *contadino* da Liguria, da Lombardia e da Venecia, o artista da Toscana, o operario robusto e moreno das campinas me-

---

(1) Theodoro Sampaio—Relatorio annexo ao do dr. Dino Bueno, secretario do Interior, em 1897.

ridionaes da Magna Grecia, trazem-nos por toda a parte o concurso esforçado e intelligente do seu braço, tornado invencivel pela constancia e pela disciplina do trabalho.

A Capital transforma-se rapidamente. E, como por encanto, as suas planicies, ermas e sem valor em outro tempo, cobrem-se de edificações innumeras, animam-se, povoan-se e passam a valer milhões.

A velha cidade dos governadores e dos capitães generaes vê cahir aos poucos, com as suas tradições esquecidas, os antigos e feios edificios por onde tinham já passado os ultrajes de mais de tres seculos, substituindo-se por edificações novas em cuja face se reconhece um sopro da elegancia e da arte.

A gente mais abastada levanta palacios pelos suburbios, que de subito se tornam cidades.

D. Veridiana Prado edifica em 1884 o seu elegante palacete sobre a collina de Santa Cecilia, no centro de formosissimo parque, dando o primeiro passo nessa vereda do progresso em que não faltaram imitadores.

Architectos habeis como Ramos de Azevedo e Thomaz Bezzi ditam o gosto e a arte nas edificações novas.

A immigração como se vê, não trouxe para S. Paulo tão sómente a salvação da lavoura do café, trouxe-lhe a expansão, a confiança e o progresso; engrandeceu as suas cidades e deu-lhes esse cunho europeu que impressiona sem chocar, porque atravéz do que nos apparece extranho e allienigena, se presente vigorosa e preponderante a alma nacional, fazendo de tantos elementos, apparentemente discordes, um só todo, o povo brazileiro.

*
* *

Depois da reforma social, não se fez esperar a reforma politica que derribou o Imperio aos golpes da revolução de 15 de novembro de 1889.

Quasi simultaneas nos seus effeitos, as duas reformas não podiam deixar de pesar profundamente sobre a vida da Nação, ajuntando aos perigos, sobresaltos e desfallecimentos oriundos de uma, os males inevitaveis das agitações em desmedida, das ambições insoffridas, das revoltas, apanagio da outra nas condições em que se achou o Brazil depois de 1889.

S. Paulo não podia escapar, de certo, aos effeitos dessa situação afflictiva, por mais apparelhado que estivesse para resistir aos violentos abalos de uma e de outra reforma.

Mas, a verdade é que aqui, como em nenhuma outra parte

do Brazil, foram muito menos intensos, muito menos sensiveis os symptomas alarmantes que as duas crises affectaram.

De facto, a immigração curara de prompto os males decorrentes da *abolição*, dominando a crise do trabalho. A organização do Estado, por sua vez, moldando-se pela mais ampla autonomia dentro da Republica, amparou-lhe a adminstração, garantiu-lhe a ordem e a segurança publica, desenvolveu-lhe os recursos, e rasgou-lhe novos horizontes.

A provincia, por cuja administração, no tempo do Imperio, passaram vultos eminentes como Aureliano, Manoel Felizardo, Nabuco, Nebias, Saraiva, Carrão, Saldanha Marinho, João Alfredo, Rodrigues Alves, Pedro Vicente, Couto de Magalhães e tantos outros, organizada em estado autonomo, sob a fórma republicana, viu continuar na sua administração pelos próceres do novo regimen as tradições honrosas de outro tempo.

Prudente de Moraes, que succede a um triumvirato de poucos dias, deixa, na sua passagem pelo poder, um modelo de tolerancia, de respeito e de honesta gerencia dos publicos negocios, que até se impoz ao reconhecimento dos seus naturaes adversarios.

Jorge Tibiriçá, Americo Brasilense, Cerqueira Cesar, Bernardino de Campos, atravessando periodo mais ou menos agitado, e Campos Salles, Peixoto Gomide, Fernando Prestes completando a serie até quasi os nossos dias, fazem a administração honrada das reformas, dos melhoramentos.

Nesse periodo de pouco mais de onze annos, tão cheio de inolvidaveis successos, em que as agitações lá fóra se reflectem cá dentro tão vivas, provocando mutações do scenario politico; em que as luctas da guerra civil vêm ecoar intenso nas fronteiras ameaçadas, lucta-se aqui tambem, mas trabalha-se e consolida-se.

Emquanto as columnas de guerra correm celeres aos campos do sul, e as levas de patriotas offerecem barreira aos revoltosos nos portos de mar, não ficam em abandono os misteres da paz e do trabalho.

Bernardino de Campos, com uma pleiade de auxiliares distinctos: Rubião Junior, Cesario Motta, Siqueira Campos na administração; Julio de Mesquita no congresso e na imprensa, Guimarães Junior, Ezequiel Ramos, Luiz Piza, e tantos outros, punha em prova, por entre os estremecimentos e os encargos dolorosos da guerra civil, o organismo com que acabava de apparelhar-se a administração publica sob o novo regimen

As rendas do Estado entram em franca prosperidade. A arrecadação de anno para anno accusa os mais lisongeiros resultados.

A receita publica octuplica em sete annos e sóbe de pouco

mais de 6 mil contos em 1889, a 50.172:167$470 em 1895. Accumulam-se no thesouro grandes saldos. E, então, começa esse periodo de melhoramentos em que a applicação mais sensata dos dinheiros publicos se demonstra pela organização e desenvolvimento do ensino primario e superior, segundo os moldes mais adeantados e em que se distingue, como auxiliar dos mais prestantes e devotados, Cesario Motta, pela edificação de verdadeiros palacios para as escholas publicas, para a Escola Normal, para a Escola Polytechnica, para as Secretarias de Estado; demonstra-se ainda pela attenção especial que se dedica á saude publica, iniciando-se obras de saneamento na Capital, encampando-se e desenvolvendo-se as de abastecimento de agua e as de exgottos, organizando-se um serviço sanitario com um apparelhamento dos mais notaveis: hospital de isolamento, que é um modelo no seu genero; instituto vaccinogenico, desinfectorios, institutos bacteriologico e de analyses chimicas, pharmacia do Estado, quasi todos installados em edificios construidos a caracter. E proseguindo nessa administração fecunda, reorganiza-se e augmenta-se a força publica, installada em novo e vasto quartel com um excellente hospital annexo; reformam-se repartições publicas; desenvolvem-se ou criam-se outros serviços importantes. A Escola Polytechnica torna-se, dirigida pelo dr. Antonio Francisco de Paula Souza, uma instituição modelo; a Commissão Geographica e Geologica, que vinha desde o imperio, sob a direcção de notavel homem de sciencia, o dr. Orville Derby, é dotada mais largamente e alarga o circulo das suas investigações scientificas; o Museu Paulista, dirigido por um naturalista dos mais competentes, o dr. Herman von Ihering, installa-se no monumento do Ypiranga e enriquece as suas collecções. Contractam-se os estudos do saneamento da cidade de Santos, cujo porto começa a exhibir esse caes munumental de cantaria, tão ricamente apparelhado que já hoje é o primeiro do paiz na ordem dos melhoramentos que caracterizam um porto maritimo de primeira ordem.

Nas administrações que se succedem, o mesmo programma de melhoramentos e de reformas se mantem. Desenvolve-se a colonização, funda-se o nucleo colonial do Funil, hoje *Campos Salles*; cura-se mais largamente do saneamento do interior do Estado; combate-se a epidemia da febre amarella, que invade as cidades mais prosperas e populosas; executam-se importantes obras de abastecimento de agua, e, moderando um pouco o curso já vertiginoso dos melhoramentos, volta-se, após certa reforma na administração, ao regimen dos saldos orçamentarios que, por varias causas, e por algum tempo, se esqueceram.

Ao mesmo passo que tão grande progresso se realiza pela acção directa do Estado, outros ramos da humana actividade, que já vinham muitos delles do passado regimen, se desenvolvem com successo não menos auspicioso, quer pela iniciativa particular quer pela acçao do municipio.

A cidade de S. Paulo cujo crescimento excede a todas as previsões, com a sua população ora computada em 200.000 almas, melhora e desenvolve os seus servicos municipaes, reforma a sua administração, eleva por simples effeito de uma arrecadação mais cuidadosa a cerca de 4 mil contos de réis as suas rendas, aformoseia as suas praças e jardins, aperfeiçoa e extende o calçamento de suas ruas, regulariza e faz *macadamizar* as estradas principaes de accesso no perimetro urbano.

Os meios de transporte na Capital recebem o mais assignalado impulso de progresso com a installação dos bonds electricos pela companhia americana—*The S. Paulo Tramway, Light and Power* graças á qual, a electrididade vai entrando mais confiadamente nos misteres industriaes e domesticos.

Attendendo aos reclamos de maior contingente de força, a operosa Companhia imprime ás grandes obras, das mais importantes no seu genero, que emprehendeu para o represamento do Tieté nas cachoeiras do Párnahyba, cerca de 30 kilometros distante da cidade, a maior actividade, extende as suas linhas por toda a cidade e seus suburbios, e, emquanto não consegue para aqui transportar os 4 mil cavallos de força que, por agóra, espera captar nos tombos do Tieté, vai trafegando as suas linhas com electricidade gerada a vapor.

A cidade de Santos com os seus 35 mil habitantes, depois da grande crise de saúde por que passou, levanta-se agóra mais confiante no futuro, com o seu porto tornado o primeiro do Brasil, as suas ruas calçadas e limpas, o seu serviço sanitario rigorosamente mantido, e as suas novas obras de aformoseamento encaminhadas para o lado do mar.

Campinas, arruinada pela febre amarella, oito annos antes, resurge dos seus desastres como a prova mais brilhante entre nós do que póde a engenharia sanitaria no saneamento das cidades.

O Ribeirão Preto torna-se um centro de progresso e de riqueza, executa as suas obras de saneamento para agua e exgottos, illumina-se a luz electrica como Piracicaba, Rio Claro, Amparo e agora Limeira.

A industria fabril exibe nos grandes estabelecimentos da *Antarctica Paulista* e da *Bavaria* para o fabrico da cerveja; nas fabricas de tecido de *Anhaia* e *Penteado*, na Capital, *Del'Aqua* em S. Roque, *Votorantim* e *Santa Rosalia* em Sorocaba, na das chitas de S. Bernardo; nas fabricas de chapéus, moveis, vidro; nos cortu-

mes; na exploração da argilla plastica, para os productos ceramicos como em *Osasco, Agua Branca, Villa Prudente* e *Ypiranga*, nos arredores da cidade; na exploração do calcareo, para o fabrico da cal em *Cayeiras*; no *Pantojo* e no *Itupararanga*, onde tambem se explora o marmore variegado da Serra de S. Francisco ao sul de Sorocaba; na exploração das rochas graniticas, para cantaria e pedras de calçamento; na dos bituminosos e na do ferro, ainda que hoje paralysada em Ipanema, schistozas provas mais seguras da sua actividade em S. Paulo.

A lavoura já vai ensaiando culturas novas, que o governo auxilia, e promove, organizando um serviço agronomico do Estado, com inspectores agricolas, com o estabelecimenfo de campos de experiencia, e com a distribuição de sementes em larga escala.

O commercio, tão depressa passou a avultar nos ultimos dez annos nesta Capital, que a cidade se tornou uma das praças mais importantes do Brazil, com bom numero de estabelecimentos bancarios como: o do *Commercio & Industria*, o *London & Brasilian*, o *British Bank*, o de *Credito Real*, o de *S. Paulo*, o *Brasilianische Bank für Deutschland*, e grande numero de casas importadoras.

A instrucção, cujo melhor e mais bem reputado estabelecimento de iniciativa particular, é o *Collegio de S. Luiz* de Ytú, fundado pelos jusuitas em 1867, e que já se assignalava com os institutos da ordem do *Lyceu do Sagrado Coração de Jesus*, para o ensino profissional, dirigido pelos padres Salesianos, o *Lyceu de Artes e Officios*, a eschola de *S. José*, mantida pela Irmandade da Misericordia, o *Instituto D. Anna Rosa*, toma mais largo impulso com a creação de outros estabelecimentos na capital, em Jacarehy, em Campinas, Piracicaba, Lorena, Guaratinguetá, muitos dos quaes gosam hoje das faculdades e regalias do Instituto Nacional.

A imprensa politica e noticiosa representa-se, na capital como nas cidades principaes, por orgams bem redigidos, em que se distinguem o *Estado de S. Paulo*, o *Correio Paulistano*, o *Commercio de S. Paulo*, o *Diario Popular*, *Platéa*, a *Tribuna Italiana* e outros.

Na Capital fundam-se o *Instituto Historico de S. Paulo* que o governo do Estado subvenciona; a *Sociedade de Medicina e Cirurgia*, que mantem uma Polyclinica, e tem aqui sua séde o *Instituto dos Advogados*.

As instituições de beneficencia, de que a *Santa Casa de Misericordia* já era o mais bello exemplo, surgem e se reconstituem, como a Real Sociedade Portugueza de Beneficencia, o Asylo de Orphans de Nossa Senhora Auxiliadora, o de Christovam Colombo, o de S. Vicente de Paula e outros.

Taes foram para S. Paulo os resultados palpaveis e evidentes da autonomia na Republica.

E' força confessar que, nestes onze annos, ainda que agitados, do novo regimen, S. Paulo não fez sinão prosperar, e a Historia, com justiça, ha de reconhecer que elles não trouxeram sinão brilho e honra ao nome paulista no momento historico mesmo em que aos filhos de S. Paulo, como Prudente de Moraes, Campos Salles, Francisco Glicerio e Rodrigues Alves volta a caber preponderancia nos negocios politicos da Nação.

***

O seculo, que não despontara prospero e feliz, não findou comtudo sem nos ver resurgir do nosso proprio desfallecimento e sem conduzir-nos ao terreno da prosperidade, do qual já divisamos um pouco o scenario promissor de um futuro melhor e não distante.

O écho das discordias e das luctas fratricidas vai já longe, rolando para um passado que não volta.

O arrebol do novo seculo, rompendo por entre nuvens que se não desfizeram totalmente, nos annuncia já o dia da paz e da prosperidade no trabalho.

Aquietem-se as paixões, acalmem-se os animos, e os homens bons, afastados uma vez do seu posto de trabalho, voltem a occupal-o confiantes no porvir desta terra que elles tanto amaram.

E veremos crescer ao nosso lado, nas gerações que surgem mais bem apparelhadas do que nós, nas regiões infantis que sáem das escolas, officinas do nosso futuro, as esperanças seguras de amanhan.

E' ligando as tradicções honrosas que nós vêm do passado com aspirações justissimas do presente, recobremos alento para os commettimentos novos e para os nossos idéaes.

Não ha desfallecimentos que perdurem quando n'alma se sente a seiva do porvir.

Aos caminhos de ferro que se extendem para o sertão, á colonização que se avoluma, á população que já se conta por mais de dois milhões de individuos, ás industrias, ao commercio, ás instrucção appliquemos as masculas energias que vem distinguindo este povo paulista atravéz da Historia; levemos a civilização aos desertos occidentaes e, repetindo, em luctas mais nobres e em mais elevados emprehendimentos, os feitos audaciosos de outróra, envenderemos para as regiões distantes, cujos valles immensos parecem destinados aos commettimentos do seculo novo.

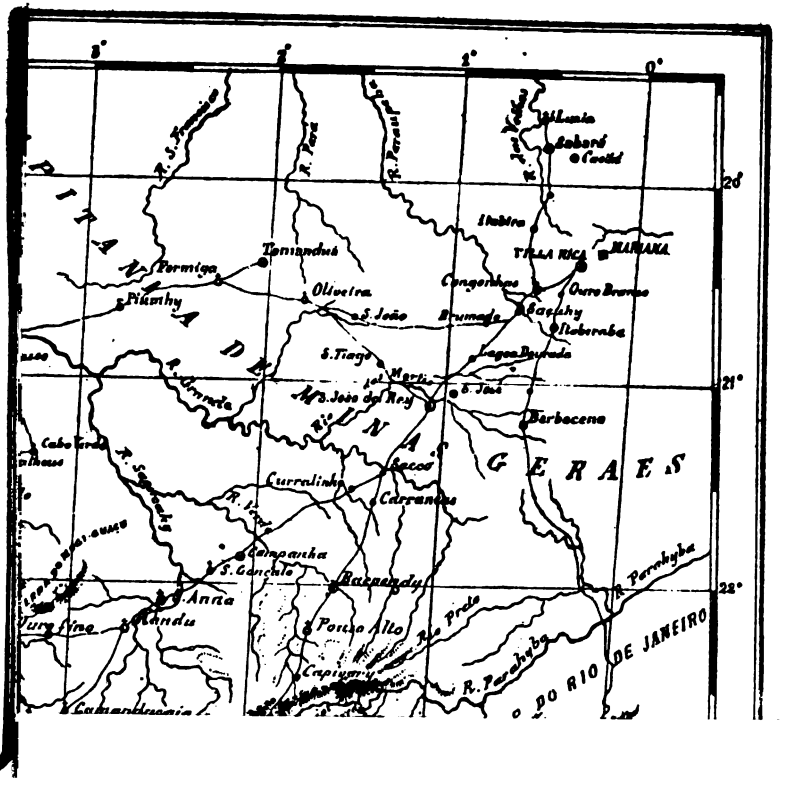
Do alto das suas montanhas empinadas, ainda ha pouco des-

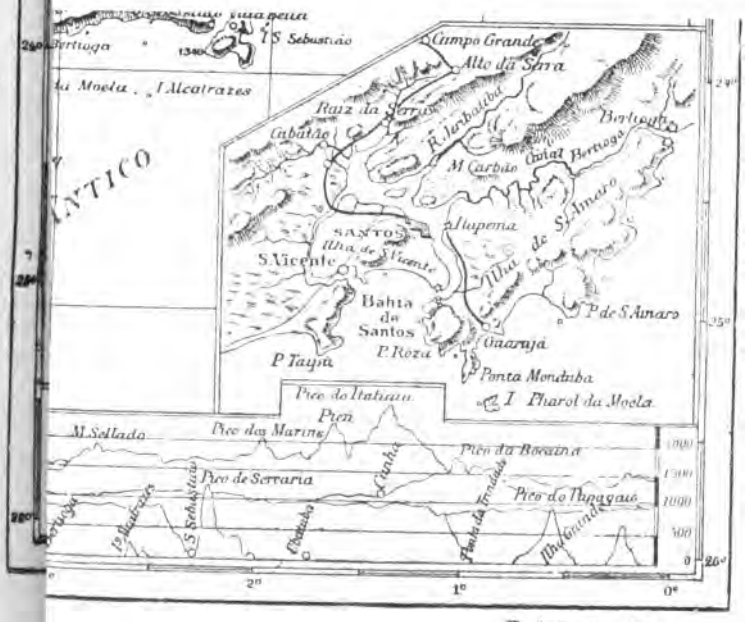
pidas do manto das florestas impenetraveis, lá nas linhas avançadas do deserto onde o horizonte se rasga ao crepitar das labaredas fumarentas, já o lavrador, arauto do nosso progresso, descobre, pelas brumas frias da manhan, a columna de nevoas que ao longe assignala como uma senda ideal, mysteriosa, no espaço, o curso do grande rio de alliança, o grande Paraná ou Rio da Prata, cujas aguas deixam de ser brazileiras para se tornarem paraguayas ou argentinas, bolivianas ou uruguayas, e ligam, com o seu laço indissoluvel, povos, cujos destinos derradeiros não escaparam nem á previsão do estatista, nem ao vaticinio do poeta.

Sigamos essa vereda que ao longe se desenha sob as fórmas vaporosas de um sonho, mas que nos levará, um dia, ao theatro das façanhas inolvidaveis de outróra, e onde se descobrem nitidos os naturaes lineamentos de um progresso enorme.

Veremos então resurgirem das suas ruinas de tres seculos Villa Rica, Guahyrá, Onteveros, que os antepassados destruiram; veremos as populações, a actividade e a vida brotando como que por encanto nessas solidões esquecidas, onde o silencio apenas se quebra ao estrondar das catadupas, e, surprehendendo energias até aqui ignoradas no tombo das aguas em Itapura, Urubupungá, Sete Quedas e Victoria, armemos o nosso braço com esse instrumento formidavel, fluido mysterioso, que ao mesmo tempo é luz, força e calor, prestigiando, entre vizinhos, a nossa missão de progresso e de liberdade na prosperidade e na paz.

THEODORO SAMPAIO.


8°
7°
6°
5°
20°
21°
22°
R. S. Francisco
R. Paraopeba
R. Paraopebinha
R. Jequitinhonha
Milanio
Sabará
Caeté
Itabira
TRILLA RICA
MARIANA
Tamandua
Pormiga
Piumhy
Oliveira
Congonhas
Ouro Branco
S. João
Brumado
Barbacena
Tiaguy
Tiaguy Barbado
S. Tiago
Mg. João del Rey
S. João
Barbacena
Cabo Frio
Baccó
Curralinho
Carranca
R. Sapucahy
R. Grande
Campanha
S. Gonçalo
Baependy
R. Pernahyba
S. Anna
Olandia
Ponte Alto
Rio Preto
Capivarry
R. Paraibuna
DO RIO DE JANEIRO
MINAS GERAES



Th. Sampaio del.

Re 313 kilometros. Navegação fluvial a vapor: 420 kilomet.
erro em 1899: 63.596 contos de réis.
. Saldo verificado: 32.142 contos de réis.

Quarto Centenario

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. JOÃO VAMPRÉ
NO «CLUB GYMNASTICO PORTUGUEZ»
POR PARTE DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE S. PAULO

Nobres Damas,

Meus Senhores.

Fixaram-se indeleveis em nossa memoria as celebrações pomposas com que Portugal, nos dois ultimos decennios do seculo expirante, commemorou a Camões e a Vieira, o espirito mesmo da patria, sua maxima gloria, mirificas crystallisações de sua possança, genios preexcellentes pela vastidão e profundeza oceanica.

As festividades de então difficil seria aquilatar si foram mais portuguezas ou mais brazileiras, tão intensa e unisonamente repercutiram nas terras de Cabral os écos solemnizadores das magnificencias da Lusitania; tão intimamente se entretecem os feitos e se entrelaçam os fastos memoraveis das duas nações.

Hoje é o Brazil que, em ovante commemoração, celebra e festeja o quatricentenario de seu descobrimento—palma triumphal lograda pelas quinas lusas em afoitas singraduras por sendas tenebrosas e impervias.

Que vemos?

Abertas de par em par as portas desta tradicional associação portugueza, por entre o fulgor deslumbrante de luzes e scin-

tillações e o alvoroço indizivel de uma alacridade, na qual como que transluz e se expande pessoal e insito rejubilo.

Milicianos da mesma crença religiosa, falando a mesma oriental linguagem, regendo-se até ha pouco pelas mesmas leis, educados pelas mesmas doutrinas, unidos sempre nos dias de grande infortunio, communheiros das mesmas tradições, com uma littetatura identica em suas fórmas, como em suas aspirações, com o mesmo caracter nacional, com tres seculos de vida commum,— Brazil e Portugal não podem, sem illogismo terebrante, deixar de confundir suas almas em um só pensamento.

Só a fatalidade dessa irreductivel alliança terá o condão de explicar por que, até no momento preciso em que fôra de suppor se levantasse entre os dois povos uma barreira de odios — o de sua separação em nacionalidades distinctas e autonomas, portuguezes nobremente defenderam, em pugna renhida, os direitos do Brazil, arrebatando ao cantor da nossa independencia, no terceto final de um soneto inolvidavel, a seguinte apostrophe de agradecimento a Portugal, que me apraz agora recordar-vos, illustres membros do «Club Gymnastico Portuguez», em singela homenagem á vossa co-participação nestes festejos :

«Eia : dos nossos peitos se te eleve
Culto mais puro em azas não profanas
Seja grato o Brazil ao que te deve.»

Aos que comprehendem a obra genial desses homens singularissimos—os portuguezes, aos que avaliam e precisam a extensão, a poderosa intensidade, os moraes e salutares effeitos civilizadores, os sacrificios empregados na conquista da propria apothéose, compete, em toda a parte e em todas as épocas, amparar do olvido os seus titulos de benemerencia.

Quando entro a pensar nos faustuosos commettimentos desses marujos ousados, sinto que tenho ante os olhos alguma coisa que me acorda, em outro cyclo e em outro hemispherio, a alma ardorosa dos Phocions e dos Pericles, que vibram e rugem á guiza de roncos epilepticos do mar.

Mas não basta admirar, é preciso aprender.

E nós, a despeito de todo o nosso pessimismo, e da indiana preguiça intellectual que nos caracteriza, não os contemplamos frivolamente.

Como todos os povos ainda jovens, não temos o lazer indispensavel ás grandes luctas do espirito; mas nem por isso

deixamos de possuir uma tal ou qual plasticidade que nos vae servindo de um como alicerce garantidor ás nossas pugnas espirituaes.

Desprezando por agora o conceito de Royer Collard — «que só nos lembramos de nós mesmos», evoquemos, em rapida summula, em apagada *silhouette*, as grandiosas e augustas sombras dos heroicos lusitanos.

Estamos na idade media, época pela qual professamos a maior veneração, nella saudando uma das mais ferteis e gloriosas do espirito humano; época aurigera e luminosa para a civilização latina, que foi o éneo antemural ao formidavel embate dos Barbaros.

«A este estadio de civilização pertence aquella pensativa e sympathica figura de Henrique o Navegador, o genio do descobrimento, sobre cujas instrucções se foram descobrindo a Madeira, o cabo do Bojador e o Verde, e que, em 1438, lançava na eschola de Sagres os fundamentos do poderio maritimo lusitano.» (1)

O doce asceta erudito, que, naquelle promontorio, se embalava nas virações marinhas, cercado de mappas e quadrantes, foi o pioneiro das glorias lusas.

A retina exercitada nas distancias o habituava a sondar o infinito, esguardando paragens longinquas, onde palpita o coração do globo.

Esse infatigavel obreiro do bem, longe estava talvez de suppor que, poucos annos depois, viessem os ousados marinheiros lusos

«Do globo perlustrar não vistas zonas,
os tropicos de fogo e o pólo frio;
de manhã beber agua no Amazonas
e á noite adormecer no sacro rio.»

Portugal, á força de se debruçar sobre o mar indecifrado, de lhe escutar o desafio das suas encapelladas procellas, de se enamorar de suas ondas, sob os limpidos, macios luares, ou sob o especulino e reluzente sol; de perscrutar, durante muitos lustros, o enigma das vagas, se aprimora e excelle nos segredos da sublime arte de velejar.

Sonhando talvez com outros matizes da aurora, com os leques viridentes dos coqueiros, com a harmonia soberba das côres

(1) Carlos de Laet—"*Em Minas*".

tropicaes, com o azulino de outras cupulas celestes, lá se vão os filhos de Ulysses nas quilhas dos seus soberbos galeões, a modo de arados novos, lavrando as aguas, na paixão impetuosa da sua audacia, da sua força, do seu genio!

A lusitana gente, a exemplo dos sidonios, rompe então de improviso contra o estreito e acanhado viver peninsular, e lá se vão afrontar o iracundo dorso do humido elemento, conscios talvez da profunda verdade de que Deus fez o mundo para que elles o descobrissem!

Já agora surge D. João II, o principe portuguez que melhor soubera cingir uma corôa, o typo mais perfeito daquellas remontadas eras.

Elle, o «homem por excellencia», na phrase laconica e expressiva da rainha de Castella, Izabel a Catholica, por seu turno a joia de mais subido e aprimorado valor engastada na corôa hespanhola, elle, o caracter mais puro e sympathico de seus soberanos, D. João, diziamos, por um desses lampejos, apanagio do genio, propheticamente mudou o nome de Cabo das Tormentas, que lhe dera o destimido Bartholomeu Dias, para o de Cabo da Bôa Esperança!

Sendo corrente na Europa — que do formoso e decantado Tejo partiam de continuo velas enfunadas em demanda de terras não sabidas, para alli se dirigiu o inolvidavel Colombo, esse legitimo e aproveitado filho da immortal eschola portugueza, não trepidando em reconhecer Portugal por sua segunda patria.

Em Lisbôa seduziram-no os lindos e faceiros olhos de Philipa Perestrello, filha dilecta de um velho marujo.

O connubio, a doce alliança do immortal genovez com a formosissima lisbonense concorreu mais ainda para que lhe não amortecesse o afagado projecto de procurar a terra que a sua fogosa e genial inspiração lhe deparava.

E foi, meditando contemplativamente na belleza daquelles olhares castos e scismadores, que elle conquistou para sempre gloriosa immortalidade.

Surgindo das salsas ondas por entre a immensidade das aguas do Pacifico e do Atlantico, desponta a America, extendendo em graciosas curvas seu corpo airoso e esbelto, a imitar a bicopuda e elegante palmeira de suas virgineas florestas, com a fronte cingida de eternas e albentes corôas, a topetar nas approximações do polo boreal! (1)

---

(1) Silva Lisbôa—*Atlas Elementar de Geographia, pag. 12.*

E tão confiante partiu Colombo do porto de Palos, que a direcção tomada nesta gigantesca viagem, disse algures Edgar Quinet, foi semelhante á da flecha emittida do arco a toda força.

«Seria a America fatalmente descoberta pelos portuguezes dentro de pouco tempo, ainda que Colombo não existira; porque elles, por experiencia dos mares africanos se afastaram sempre para o oéste com o fim de evitar as calmarias da costa de Guiné; o proprio Vasco da Gama na sua celebre viagem bem perto passou das terras brazileiras e talvez só por acaso não percebeu qualquer indicio dellas.»

Cabral, emfim, seria o Colombo portuguez si este já não fosse, como vos disse, um filho da immortal eschola lusitana.

Seria ocioso falar-vos aqui do invicto Vasco da Gama e de muitos outros varões «em quem poder não teve a morte».

Foi o Gama o primeiro argonauta do mundo que navegou por altura que *da verdade do caminho é mui certo mostrador*; o primeiro que conheceu

«As partes tão remotas onde estamos
Pelo novo instrumento do Astrolabio
Invenção do subtil juizo, sabio.»

O Brazil é um producto de sua audacia e de sua poderosa intelligencia; e no dia de hoje, elle sauda com veneração e enthusiasmo a velha e illustre nação que o formou, que lhe deu a força e a bondade, além dos exemplos de tenacidade, de estudo, de trabalho, de patriotismo e de fé.

Si o valor de uma nacionalidade, como sentenciava Frederico o Grande, está na razão directa do volume de sua intelligencia, podemos dizer que nenhum povo levou a melhor á nação portugueza no tocante á cultura intellectual.

Si a lingua, como pensava o auctor do «Fausto», é um daquelles bens, que, posto sejam herdados, devem ser de novo adquiridos para se possuir, ninguem melhor do que Camões adquiriu de novo esse bem, herdado de seus paes, afim de possuil-o e tornar-se com elle o immorredoiro *pregão do ninho seu paterno.*

Centenas de annos são passados, e ahi está o idioma limpido, sonoro e cantante como um veio de lympha crystallina.

Impregnada de melodia e scismadora ternura, a lingua portugueza, vincula dois povos e os faz fraternizar na sua unidade

philologica, além dos laços de consaguineidade que os prendem numa cohesão intima e indissoluvel.

E' com effeito a lingua o primeiro de todos os elementos de uma nacionalidade; é ella o eterno baluarte, feito de tradições, de poesia e de arte, resistente, consoante o pensar de Ramalho Ortigão, a toda invasão das armas, inconquistavel e indestructivel.

Foi pela força e pela independencia da lingua que elles fundaram e defenderam a independencia do territorio. E' pela lingua que ainda hoje vivem e espiritualmente dominam sobre uma das mais vastas possessões do globo, na America, na Africa, na Asia.

No momento em que se procede ao primitivo povoamento do Brazil, trava-se com ardor a lucta entre a litteratura classica e a litteratura popular ou mediévica, vencendo afinal a primeira. Como continuadores da tradição mediévica surgem os ultimos cantores, poetas da *medida velha*, como então se chamavam.

Entre outros, esses poetas são Bernardim Ribeiro, versejador inspirado e auctor da primorosa novella *Menina e Moça*, Christovam Falcão e Gil Vicente, genio creador de primeira ordem e fundador do theatro portuguez. Sá de Miranda impõe-se como chefe da eschola classica, filiados á qual poetam Caminha, Ferreira, Falção de Rezende, D. Manoel de Portugal e outros.

Nas artes, como affirmação immorredoira da sua passagem, basta lembrar a *Igreja da Batalha*, que, com todo o seu luxo de filigranas de pedra, rendas graniticas, filetes, flechas, ogivas, arabescos, mosaicos, estatuaria grave, angelica e grotesca, vidraçaria multicor, rivaliza com os mais bellos specimens da architectura gothica disseminados pelos outros paizes europeus. (1).

Nos serões da infante D. Maria formava-se um grande movimento de interesses litterarios e scientificos.

Era uma senhora espirituosa e de profunda cultura; falava com rara perfeição a lingua latina, traduzia admiravelmente o grego, sobre ser escriptora emerita. Paula Vicente, a meiga e doce filha de Gil Vicente, foi comediographa e chegou a escrever uma grammatica da lingua ingleza. Havia, em summa, em todas as provincias do saber humano, poderosa pléiada de emeritos representantes.

No seculo das suas ousadas conquistas, o portuguez já era um povo dotado de superiores energias; pelo denodo militar ha-

---

(1) Theophilo Braga *Questões de arte e litteratura portugueza.* — Almeida Garrett— *Viagens na minha terra.*

via conquistado á Mourama o solo da Patria; pelo desassombro de seus marinheiros, chamára sobre si a gloria de haver violado o profundo mysterio dos mares. Povo romanesco e audacioso, profundamente impregnado de sentimento mediévico, que soube traduzir no verso e na obra d'arte, nas relações do senso juridico, nos feitos d'arma e na epopéa maritima cantada pelos Dias e pelos Gamas na immensidão dos oceanos, estava fadado pela providencia a desvendar os segredos naturaes do paiz dos tropicos, imaginaria região do *El-Dorado*, maravilhosa ficção de um reino encantado cujo principe, ungido ao anoitecer de oleo, pela manhã ao levantar-se revolvia-se em pó de oiro resplandescente...

***

Detenhamo-nos agora, por um pouco, meus senhores, a rememorar as heroicas acções, os gloriosos emprehendimentos praticados pelos nobilissimos portuguezes, na vasta triangulação do nosso patrio céspede.

Será devéras o descobrimento do Brazil successo que, por qualquer fórma, haja contribuido para immortalizar a gloria dos descobridores e contornar de mais prestigio e realce o nome lendario do velho Portugal?

A historia da nação que dahi se originou é de per si uma epopéa de lampejos e clarões que illuminará perpetuamente a mãe-patria brazileira á face dos futuros destinos da humanidade.

Sobre o solido alicerce da catechese do gentio, moralização do colono e instrucção, por egual, da juventude americana, assentou a construcção da nacionalidade brazilica. O primeiro canto da formosa epopéa entoarm-no, com a sua vida e por seus fulgurantes actos, dois insignissimos representantes do apostolado catholico —José de Anchieta e Manoel da Nobrega.

Nessa época firma-se a *unidade* do paiz que está capaz, como escreve Gabriel Soares, para se edificar nelle um grande imperio.

As capitanias que, de Cananéa até Itamaracá, se achavam estioladas e enfraquecidas por tantas causas, por assim dizer renascem, agitam-se e florescem sob a vidente e benefica influição do governo unitario.

Que bello, que magestoso que não era, contemplar a região brazilica desflorada pelo colono, cujo suor cahia em bagas, mais preciosas que as perolas, para fecundal-as; donde brotam

a arvore util e o loirejar das messes, que não são o producto espontaneo de uma terra feliz e caroavel, sinão a victoria do pugnaz domador na sua lucta com as esquivanças da natureza!

«A belleza e o movimento da nova povoação attrahiam os grandes das capitanias que ahi passavam. Nas cercanias, verdejavam as hortas, ao modo de casaes, que alimentavam e abasteciam o mercado, e mesmo na cidade o que a fazia pittoresca eram os vergeis e pomares das casas, cheias de arvores da tamara, da laranja, do figo, da romã entre os pampanos das latadas ao lado das quaes emergiam ante diluvianas e insolitas as largas folhas da bananeira, emquanto sussurravam os coqueiraes como remigios de flechas monstruosas crivadas no solo. Todo esse espectaculo era novo para os que chegavam, pela flora da paysagem, pela confusão das raças que a animavam, e ainda pela atmosphera de liberdade, quiçá até de licença, que se respirava no mundo americano». (1)

E' que a terra cabralina tambem já possuia os seus Thabores que, visitados cem vezes, punha sempre na bocca do advena a ridente aspiração evangelica: «faz bem a alma estar aqui», *bonum est nos hic esse.*

De toda essa pláiada dos primeiros padres que aportaram á nova conquista, o que mais se destinguiu foi Anchieta, o pallido propheta, no dizer de Sylvio Roméro.

Não contava ainda 20 annos quando pisou o solo dessa natureza maravilhosa e incomparavel. Essa impressão deveria ser profunda no seu espirito de poeta cheio de mysticismo. Pode-se delle affirmar que é brazileiro porque aqui se completou e amadureceu a flôr e o fructo da intelligencia.

Podemos dizer de Anchieta o que o decano da Universidade do Chile, D. Vargas Fontecilla, disse de Andres Bello, no primeiro centenario do seu nascimento: *La naturaleza que impresionó sus sentidos en su juventud, que exitó su entusiasmo, i que encendió en su pecho el fuego sagrado de la poesia, está pintorescamente descrita en los primeros cantos que hicieron su nombre digno de la mansion divina de las musas. Hijo de «la fecunda zona que circunscribe al sol el vago curso, i que, acariciada de su luz, concibe cuanto ser se produce en cada vario clima", recebió del cielo una alma ardiente i una poderosa fantasia. La zona tórrida forma hombres a su imájen i semejanza. En los rayos solares de los trópicos, habria encontrado Prometeo,*

---

(1) João Ribeiro—*Historia do Brasil, no quarto centenario*, pag. 54.

sin provocar las iras de los habitadores del Olimpo el fuego celeste que buscaba para animar su célebre estatua..» (1)

No tempo do apostolo do Novo Mundo, já o Brazil possuia tres collegios e residencias da companhia, «templos da virtude e do trabalho, onde não penetravam as rudezas da lucta pela existencia, e onde a piedade pelo proximo era o primeiro dever!»

Em S. Paulo, por essa época, «o Tieté e o Tamanduatehy, extravasando nas cheias, formavam durante muitos mezes do anno um espraiado largo, reproducção do grande lago pre-historico que outr'ora cobria as nossas varzeas, e cujos vestigios geologicos hoje descobrimos, e de que eram aquelles rios os fluentes sangradouros. As nevoas da manhã alargavam a extensão das aguas e atufavam em nuvens as elevações do povoado de Piratininga.

Só eram visiveis para quem, de longe, das paragens predestinadas do Ypiranga, contemplasse aquelle espectaculo, as egrejas: e só as cruzes emergiam das nuvens elevadas como os mastros grandes de navios.

Naquella illusão do mar enevoado, os corpos das egrejas, justamente chamados naves, representavam uma esquadra ancorada nas alturas, esquadra do ideal, esquadra vigilante, tangendo nas nuvens as suas campanas, aos perigos e escuridões do mar, e lembrando aos homens que a terra é uma estação, onde não devemos ter demora e de que devemos todos partir, aligeirados em viagem para o infinito.»

Enche o segundo periodo e constitue o segundo canto epico no delubro da patria, a lucta heroecissima contra as tentativas do gaulez para a formação de uma França ora *antarctica* ora *equinoxial*, e da Hollanda para a formação de uma patria livre em terras da America. Mem de Sá, rechassando Villegaignon, e Mathias de Albuquerque, D. Marcos Teixeira e Vidal de Negreiros, derrotando com assombrosa intrepidez, os hollandezes em Guararapes e impondo-lhes incondicional capitulação em Taborda, deram testemunho do valor indomito e da ardileza militar da nascente nacionalidade e, ao mesmo passo, instituiram-n'a definitivamente, conjurando o perigo extrangeiro.

O terceiro canto é o descobrimento interno da colonia: são as «entradas» e «bandeiras» perlustrando o interior em imperterritas perquirições, e, simultaneamente, os primordios nativistas a esgarçarem-se em Pernambuco a Minas.

Nesse ponto entra o Brazil a precisar a peripheria pela sua definição territorial; empenha-se nas luctas conhecidas por guer-

---

(1) *Obras completas de D. Andres Bello, vol. IV. pag. VIII.*

ras do sul. E eis que, prenunciado nas explosões de nativismo já rememoradas, manifesta-se poderoso e empolgador o espirito de autonomia, assignalado por um revez que teve por epilogo o martyrio de Tiradentes, mas triumphante dahi a alguns lustros, após uma reacção absolutista e um contra-choque autonomista.

Tal é a materia dos seguintes cantos a que outros se subseguem, por ventura, mais vibrantes.

Os primeiros annos de vida independente tivemos a caracterizal-os as aspirações liberaes mais extremadas pela Republica e pela Federação, com um tentamen por vias de facto — a Confederação do Equador.

—Decorreram, entrecortados de tumultos, que foram explicaveis pela subita transformação por que passava a colonia, sob ferrenho absolutismo, a imperio constitucional e representativo, sob o sceptro de um principe que José Bonifacio mais tarde denominou — «rei da liberdade».

Escôa-se entre o primeiro e o segundo reinado o periodo regencial, um como que ensaio de democracia pura, assim julgado pelo illustre sergipano dr. João Ribeiro, aureolado estudioso de nossa historia, em recentissimo trabalho commemorativo do centenario que se festeja: «E' grandioso o espectaculo de tantas vocações que surgem, o escrupulo moral, a grandeza heroica e o desinteresse de todos esses vultos que só o amor da Patria inspira e inflamma».

Bastaria a enaltecer esse entre-acto de nossos fastos o acontecimento lembrado pelo mesmo emerito escriptor:

«Regularizaram-se as duas correntes politicas, conservadora e liberal, que deram ao governo parlamentar do segundo reinado a belleza e o esplendor da opinião livre *como ella existe nos paizes mais cultos*».

A proseguir na summulação da epopeia, que dizer do segundo reinado?

Dir-se-ia que passou pelo Brazil um sopro magico, dissipando a ignorancia das massas, a confusão, a desordem, a ruina — escreveu algures um historiador extrangeiro. O civismo requinta-se, radica-se o amor da patria, assomam talentos, engrandecem-se as sciencias e as lettras, as aspirações generosas centuplicam-se, aprimoram-se virtudes, encarna-se e robustece-se no coração do povo o sentimento do grande e do justo. O imperio libertou de uma tyrannia, affrontosa da civilisação, tres republicas limitrophes e alfim sublima-se terminando a sua cruzada do bem por trocar o imperante «uma corôa de rei pela liberdade dos escravizados», pois que, como effeito e causa, re-

lacionam-se as duas ultimas datas celebres da historia patria : o aureo 13 de Maio e o glorioso 15 de Novembro.

Eis, senhores, o minusculo, esfumado esboço dos ultimos cantos do poema nacional, que é a historia da nacionalidade ; por onde vêdes que Portugal tem do que se ufanar perante a humanidade, exhibindo na America Portugueza suas credenciaes de benemerencia.

A nossa commemoração é, sem duvida, como o entendestes, heroicos lusos, tanto nossa como vossa. E' que constitue a nação brazileira um producto assignalado e assignalador de vossa prestancia e é pela certeza dessa identificação dos dois povos, que, quando aportaes ás plagas brazilicas, sentis por certo a impressão irreprimivel de que palmilhaes sólo patrio, ao que para logo se vos deparará confirmação no aconchego de irmãos, que temos para comvosco, nós, os portuguezes da America...

Nem só sociologicamente é uma creação portugueza esse paiz que assim, em rapido e luminoso cyclo foi evolvendo, até remontar-se a constituir uma nação que, no tempo do segundo imperio, um estadista republicano definia «uma democracia corôada»; é tambem uma conquista das temerarias quilhas lusitanas, empenhadas em domesticar o oceano rebelado e tenebroso.

— Um de nossos mais festejados jornalistas, solemnizando em carmes eternos o ultimo centenario camoneano, disse-nos bellamente o que era o oceano antes das expedições intrepidas dos nautas lusos, que abriram na historia da moderna civilização um capitulo esplendoroso e fecundo em maravilhosos resultados:

«Ainda a humanidade em face do oceano
Era como o vassallo em frente ao soberano :
Via nos vagalhões turvos, descommunaes
A marcha triumphal de sphinges colossaes,
E dentre o vasto azul levantou-se o mysterio,
O naufragio de um lado, em paramo funereo
As ondas convertendo e o terror, mudo rei,
Sobre um throno de tréva ao outro dando a lei.
A triste vastidão do pelago medonho
Apenas se atrevera o fugitivo sonho
De uma zona ideal - Stava em plena manhã
A creação ali...
. . . . . »

No ambicioso anhelo de desforrar-vos nobremente da mesquinhez do territorio, como escreveu um de vossos mais peregrinos

engenhos, fizestes, ó portuguezes, de cada náu ou caravella aventureira o throno de vossa soberania no oceano e, «por mares nunca dantes navegados», lograstes communicar o Atlantico com o mar Indico, solvendo um grande problema europeu, sinão universal.

Gloria perennal, a vosso nome, ó portuguezes, e hosannas á fama de vossos imperterritos mareantes!

E si o descobrimento dessa vossa segunda patria, ó portuguezes, foi apenas um episodio do periplo africano ou si teve como unico e principal motor um erro ou desvio involuntario da derrota — assim o permittiu a Providencia, consoante palavras do eminente Latino Coelho, que vão pôr fecho a estas ligeiras reflexões, com que me vou desobrigando da immerecida distincção, commetida pelo Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, de represental-o neste convivio tão grato a nossos corações patrioticos: «assim o permitiu a Providencia: para que sahisse verdadeiro e como que fatal na cadeia dos humanos acontecimentos, que o fertil continente, onde está cifrado em nossos tempos o futuro e a transformação da humanidade, a terra do trabalho, da razão, da liberdade, fosse dado em presente á pobre, á escrava, á decrepita Europa dos inquisidores e dos dynastas, como sempre se nos deparam os thesouros escondidos, pela inexcrutavel munificencia do acaso».

DR. CESARIO MOTTA

Dr. Cesario Motta

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DE 20 DE ABRIL DE 1900 NA INAUGURAÇÃO DO RETRATO DO DR. CESARIO MOTTA PELO SOCIO DR. SANTOS RODRIGUES

Senhor Presidente:
Meus Senhores e consocios:

Agradecendo-vos reconhecidamente a elevada honra que me dispensastes, elegendo-me membro da vossa officina de trabalho nobilitante e fecundo, desinteressado e patriotico, de estudo e propagação scientifica da Historia e da Geographia do Brazil e demonstração do seu logar na Historia da Civilização; agradecendo-vos, repito, esta tão subida quanto immerecida distincção, e pelo que vos prometto fazer quanto caiba em meu esforço e reconhecimento para bem a merecer; permitti-me, que, ao tomar hoje a palavra para o cumprimento deste grato dever, aproveite a occasião que o *Instituto Historico e Geographico de São Paulo* me propicia nesta justa e devida glorificação ao seu excelso e benemerito presidente, o fallecido Cesario Motta Junior, para cumprir um outro não menos gratissimo dever.

E embora este exija dos meus fracos recursos um grande esforço, quero tambem, aqui, rodeado dos seus amigos e admiradores, prestar nesta occasião a homenagem do meu affecto e reconhecimento perante a effigie que acaba de ser exposta á nossa veneração.

Quero tambem fazer côro nos applausos desta affirmação solemne de gratidão para com o prestante estadista, que, como presidente desta associação, tão relevantes serviços, lhe prestou, e onde os seus meritos excepcionaes conquistaram o mais honroso logar.

Sinto com isto um prazer doloroso, si tal associação de palavras é permittida! Porque, si não me bastassem motivos pessoaes, entre elles a amizade e elevados favores que jámais poderei esquecer, com que em vida Cesario Motta me distinguiu, sobraria o da minha profunda admiração pelas qualidades e virtudes deste homem extraordinario, para atrever-me a fallar delle, deante de um auditorio tão illustrado como este que ora se digna escutar-me, e nesta casa onde a perda fatal do sabio eximio, abriu certamente uma lacuna difficil de preencher, porque não é facil encontrar, num mesmo homem, todo o prestigio necessario para orientar com irresistivel magia as nossas opiniões e presidir soberanamente aos nossos destinos.

Assim, o que poderia parecer da minha parte um acto de singular audacia, ou de extranhavel vaidade, significa apenas, como disse, um dever de gratidão, pelo qual aqui venho em phrase chã e desataviada mas sincera, juntar a minha voz fraca e sem auctoridade á palavra eloquente daquelles que ora aqui estão louvando e exaltando uma das mais sympathicas, das mais illustres e das mais honradas individualidades dos nossos dias.

A esse vulto proeminente, que se chamou Cesario Motta; que dominava pela palavra fluente, correcta, concisa, adequada sempre, magnetizada pelo gesto sobrio, naturalmente impulsivo da idéia; que traduzia no movimento convulsivo dos labios toda a energia da sua alma espansiva, toda a impulsão dos seus pensamentos dominantes; que deixava transluzir na scintillação dos seus olhos o fanatismo das suas crenças; emfim, a esse homem extraordinario, que por seus dotes eminentes, foi para nós exemplo e ensinamento e uma como que orientação providencial, encarnada na personalidade humana.

No immenso pesar soffrido pelo paiz inteiro, pranteando o occaso desse collosso de valimento e tão deveras prestante, o maior quinhão de lagrimas é certamente o nosso. Porque a exuberancia dos dotes explendidos do chefe que esta casa dirigiu com a sua poderosa influencia, e todo o inexgotavel thesouro dos seus merecimentos, a esta sociedade pertenceram, porque elle lh'os dedicou com a mais sincera affeição.

E' por isso que a memoria de tantas e tão acrysoladas virtudes, será inextinguivel em nossos corações.

E aqui estamos affirmando, que, para o *Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, Cesario Motta o seu chefe querido, não morreu: apenas restituiu á terra o ephemero involucro corruptivel, mas vive e viverá sempre para nós, sublimado no lume do seu espirito, nas suas palavras memoraveis, nas suas licções salutares, nos seus nobres exemplos, nos seus sensatissimos conselhos.

Ainda aqui domina e dominarà sempre esse grande espirito, embora o seu corpo esteja no fundo de um mausoléu, transformado em pó e nada!

Já vêdes, senhores, as razões em que condensei este sentimento, e que não conseguem, siquer, traduzir a magua que me domina. Julgáe assim de quanto será defficiente o que á cabeça diz respeito, si o que se refere ao coração, tão palido se mostra e desbotado e frio!

E' que a verdade é esta: ainda mesmo quando o tempo, esse, «Ema de todas as dôres», venha a digerir o excesso desta magua, restabelecendo no espirito a serenidade e a placidez que tanto lhe faltam agora, difficilmente se poderá corresponder nunca, ás exigentissimas imposições de um dever, a que a mais grandiloqua palavra seria certamente infidelissima traducção.

Mas, é esta, a triste compensação pela Providencia concedida aos que ainda têm coração para se lembrar dos mortos, saudades para esfolhar sobre as suas sepulturas, e lagrimas...pois porque não?...lagrimas, que nem todos somos estoicos; lagrimas, para chorar com a irremediavel perda a nossa propria desventura!

Este é, senhores, o nosso mais certo miserrimo recurso: recordar os que em vida nos foram caros, e na morte jámais esquecidos, avivando a amargura da nossa alma com a lembrança sempre grata dos testemunhos do seu inolvidavel affecto, com a memoria das virtudes que lhes exornaram o caracter, com a recordação sempre viva das circumstancias que ora apertaram os laços da amisade, ora mais a radicaram no coração agradecido.

E' assim feita a natureza humana; é assim a paixão irresignada.

Nada mais escuta sinão os seus mesmos estos; nada mais a consola do que o desentranhar de si propria os motivos do seu carpir.

Assegurem-nos que sobre a memoria honrada dos mortos que chorámos, todo o esplendor se reflectirá da superna gloria:— não deixaremos por isso de rasgar o proprio peito, para que assim, dilacerado, offereça alimento á dôr.

Parece até que não saberiamos aproveitar esse pouco de que a Providencia nos faz mercê; parece que ficariamos para sempre inconsolaveis, si, como o regio consorte da desditosa Castro, não fossemos até levantar do sepulchro onde repousam, os restos dos nossos mortos queridos. Não para obrigar attonitos vassallos a um funereo e tardio preito; mas para assim melhor satisfazermos os impulsos do nosso nunca extincto affecto; não porque nós saibamos a virtude de volver de novo ao mundo dos viventes, aquelles que não pódem resurgir de seus sudarios; que

só Christo teve poder para mandar a Lazaro que se erguesse de seu tumulo; mas porque evocando-lhes a memoria sempre querida, attrahindo a imagem respeitada ao fóco do nosso imaginar, nos parece continuar a vêl-os em toda a verdade do que foram em corpo e espirito, e assim alimentamos em nós mesmos essa unica mas, gratissima illusão, sobre a qual a propria morte não tem poder:

«*Consolamo-nos recordando!...*»

Mas, senhores: para aquelles que se não podem contentar com o só tributo de saudades e de lagrimas, de affectuosas lastimas e de gratas recordações com que é natural, mas vulgar da condição humana fazer cortejo á morte, o recordar os que foram e suggerir deveres, cujo gratissimo exercicio não consola menos do que as lagrimas, sentida sim, mas insufficiente manifestação do nosso affecto.

Exaltar a memoria dos que, morrendo, deixaram na terra seguros, os seus incontestaveis direitos a serem lembrados na posteridade, celebrando-lhes o genio ou o talento, definindo-lhes o valor, memorando-lhes os serviços, patenteando-lhes o desinteresse, é arrancar á propria morte a mais cruel das prerogativas que lhe assollam a soberania; é prohibir ao esquecimento que passse no logar por onde transitou o genio!

E assim pomos bem em evidencia, glorificando-os, os benemeritos que serviram devotadamente a sua patria ou a sociedade em qualquer das multiplas applicações da actividade humana. Porque tambem é serviço á sociedade prestada, até como incentivo, o glorificar as intelligencias,, os talentos e os genios da sciencia e da industria, da litteratura e da arte, do patriotismo e desinteresse.

E' assim que atravez dos seculos, glorificamos Copernico, Galileu, e Kepler, que nos dão a conhecer as leis do movimento da terra, e Newton, Laplace e Herschell, as leis dos movimentos dos astros; Franklin, que nos preserva do raio, e Davy do grisu; Lana Tersi que descobre a lei aerostatica, Lourenço de Gusmão que inventa o apparelho que a comprova, e Montgolfier e Pilatre de Rozier, que se apossam dos ares, librando-se n'elles; Papin, que descobre a força dinamica do vapor, James Watt que a machiniza, e Stephenson que a applica á locomotiva; Galvani, que nos dá a electricidade; Guttemberg que pela imprensa accelera a communicação do pensamento, Wheatstone e Morse que pela telegraphia electrica lhe dão a rapidez do raio; Flavio Gioia e Marco Polo que nos dão a bussola, tornando segura a navegação; Roger Bacon e Zacharias Jansen o telescopio para vermos os astros, e o micoscopio para vermos os infinitamente

pequenos; Torricelli e Drebell, o barometro para conhecermos a pressão athmospherica e o thermometro para sabermos o grau de temperatura; Colombo, que dizem ter descoberto a America, Alvares Cabral que descobriu o Brazil e Vasco da Gama o caminho da India, rasgando novo horisontes materiaes; Socrates, Aristoteles e Platão, Comte, Spencer e outros que nos abrem novos horisontes espirituaes; Descartes e Bacon quo concebem a perfectibilidade indefinida na ordem scientifica, Turgot na ordem sociologica, Condorcet nas condições physicas do homem, e Jesus Christo que antes de todos exprimira no seu verbo sublime e purissimo, a formula superior e divina de toda a parfectibilinade: «Amae-vos uns aos outros e sêde perfeitos como vosso pae celestial.»

E n'esta glorificação deve ter logar proeminente Cesario Motta Junior, o benemerito brazileiro que alem de tantos outros meritos, teve o de ser entre nós o grande instituidor e principal fomentador das mais uteis e proficuas instituições:—as escholas publicas de instrucção, que são hoje, talvez a maior gloria deste Estado!

Por isso senhores, quando uma individualidade prestantissima como a de Cesario Motta, subitaneamente desapparece deste mundo de miseraveis contingencias, deixando na face da terra aquelle rasto inextinguivel de luz que promana da sua excepcional capacidade, podem os que foram assás desditosos para haver de contar entre os tristes casos do seu tempo, este, mais que triste, tragico successo, por elle fulminados, dar livre curso aos bem justificados transportes da dor; póde-se chorar, que «*as lagrimas são do homem*»; póde-se chorar, que este foi um verdadeiro amigo nosso e a elle devemos a educação dos nossos filhos, um verdadeiro «amigo do povo», como o que o inspirado cantor da *Harpa do Crente* chorou tambem!

Passados, porêm, que sejam, os primeiros transes da paixão, pago o inolvidavel tributo á humana fragilidade, não é, senhores, o immergir-nos em sombrio desespero, alimentando a dor pela illusoria representação do que já não será mais do que uma realidade que passou e que tem de nos ser destino. Outros são e bem mais dignos testemunhos do nosso imperecedouro affecto, os encargos inolvidaveis que a morte nos deixou; outros devem ser os cuidados do nosso acrisolado amor.

Um homem como Cesario Motta Junior, não pertence apenas a um grupo, embora numeroso de amigos inconsolaveis. Restricto, bem certamente restricto, si o comparamos á multidão immensa que nelle perdeu uma força e uma confiança, esse grupo de amigos de alem da morte, deve ser o primeiro a levar

solicito ao pavéz da historia, algum daquelle cimento necessario ao pedestal onde terá que elevar-se um dia, perante o mundo, o busto deste brazileiro illustrissimo, cujo civismo adoptára por divisa: *Pro Patria semper!*

Este passamento, senhores, para logo considerado na opinião, e com sobejos fundamentos, um verdadeiro desastre nacional, não é só um facto meramente consternador para a sociedade brazileira contemporanea; é tambem um acontecimento de elevado alcance, já não direi na ordem scientifica, mas na esphera politica e social, certamente.

Não é a mim que cábe a tarefa de procurar nos antecedentes do luctuso facto, nelle proprio e nas suas consequencias, as bases em que dignamente venham assentar os motivos de um sentimento que, longe de ficar transitorio e perecedouro como tudo que é superficial, tente rastrear ao menos, a importancia do successo, insinuando-se na memoria dos vindouros; e assim habilitar a posteridade a decidir com conhecimento de causa, si os juizos dos contemporaneos foi méro fructo dos éstos da paixão, ou raciocinio depurado no crisól da critica justiceira, mas austera, da razão desprevenida.

Rendendo culto aos assignalados serviços prestados por Cesario Motta ao paiz, á humanidade, à sciencia, e particularmente a esta sociedade, não me cabe tambem, nem eu o poderia fazer, o elogio historico de varão tão eminente; esse está feito e ouvido pelas vozes scintillantes e austeras de eloquentes panegyristas que, rendendo-lhe os mais elevados respeitos na brilhante apothéose da sua poderosa intellectualidade, do seu infinito prestimo, e das suas preciosas virtudes como homem de sciencia, como philosopho, como cidadão e como homem social e politico, manifestaram plenamente o profundo e geral sentimento da grande perdae da poderosa influencia que Cesario Motta exerceu em todos os animos, por seu elevado talento e saber, por seu generoso caracter, por seu infatigavel patriotismo, e por sua altiva fé, corajosamente mantida atravez de todas as contrariedades.

Acompanho-vos apenas, senhores, nesta elevada veneração ao finado Cesario Motta, crente que o pôr em pratica um tal proposito, o mesmo é que remomerar os importantissimos beneficios que lhe devemos; porque o mesmo é celebrar-lhe os talentos e glorificar-lhe as qualidades, que diligenciar cumprir nesta homenagem um dever indeclinavel, dever cujo desconhecimento equivaleria á mais negra das ingratidões!

Prostro-me, pois, comvosco senhores, deante deste vulto eminente, saudando orgulhoso em momento tão solemne a memoria

honrada deste brazileiro illustre. que tão amado e querido durante a vida pelo povo, tem na morte e ao ser inscripto o seu nome nas paginas douradas da Historia Patria, as homenagens de saudade e de respeito: da Patria a quem elle serviu com tanta lealdade, do povo a quem extremeceu com tanto affecto, e desta associação que elle tão devotadamente honrou e engrandeceu com a sua direcção intelligente, com a sua esclarecida collaboração e com o enorme prestigio do seu nome venerado e querido!

E como é consolador, na profunda tristeza de tão cruel desventura, contemplar estes testemunhos de admiração ao genio sublime, e de sincera saudade pelo homem amabilissimo que a morte prostrou, quando a sua enorme largueza de conhecimentos, a licção da experiencia e a madureza do animo, estavam abrindo ás suas poderosas faculdades um largo horizonte!

No mallogrado destino daquelle homem superior, tão rapido atravessando esse fundo pégo que separa o berço da Eternidade, e que se chama a vida; tão rapido ascendendo da penumbra honrosa mas modesta dos seus trabalhos profissionaes, até ás eminencias do poder; tão rapida e tão repentinamente precipitado do fastigio dessa grandeza, na lôbrega solidão do cemiterio; ha com effeito, senhores, materia mais que bastante para justificar tudo quanto a eloquencia christã póde discorrer a respeito deste miseravel destino humano, tudo quanto á descarnada philosophia de um positivista suggere esse mesmo destino, visto á luz desanimadora dos seus gelidos raciocinios!

Eu sinto neste momento, sentimos todos, certamente, alguma coisa a dizer-nos—o que alguns affirmam, mas que ainda ninguem provou, de que tudo acaba quando um cadaver resvala numa cova!

E é deante da memoria de um homem bom, de um homem querido, adorado e idolatrado por um povo, que mais se fortifica a crença de que alguma região mais luminosa, mais risonha, mais brilhante, mais vasta, espera o espirito que se solta do involucro pesado dessa carne que vai sumir-se no cháos negro e humido, onde só vive nas trevas o verme que a devora!

E só assim, senhores, é que eu sei explicar o motivo desta sessão e o de tantas outras reuniões expressamente convocadas para a apotheose dos homens virtuosos e dos cidadãos benemeritos.

Si tudo acabasse com a morte, para que estas glorificações dos mortos?!

Para que prolongar, si não fosse ouvido, esse adeus que os amigos consternados e a patria reconhecida lhes dirigem, reno-

vando sem a consolação de uma esperança, uma dôr que afflige, revivendo a lembrança de serviços que não pódem repetir-se?!

Ah! senhores, o homem é bastante egoista e bastante ingrato para honrar a memoria dos que acabam, si a consciencia lhe não dissesse que as suas homenagens não se perdem no espaço e que os seus panegyricos não passam das paredes de um tumulo!

Mas ainda quando os homens fenecendo, passassem apenas como um sonho numa sombra, o que não morre nem passa são os altos exemplos de virtude civica, de dedicação pela causa publica, do amor pelo trabalho prestante e util, de lide incessante em pról da instrucção e do desenvolvimento geral do proprio paiz.

Taes exemplos ficam vivos e impressivos para as gerações novas, e são elles tambem. quanto a mim, uma explicação pratica destas homenagens posthumas, que os homens mais distinctos e as mais notaveis e importantes corporações, se apressam a render aos que, como Cesario Motta, passam desta vida, deixando uma honrosa e honradissima memoria.

Este nome, inscripto na galeria dos brazileiros benemeritos das sciencias, das lettras, das artes e da publica administração que no mundo têm alcançado nomeada, será sempre lembrado como uma gloria para o paiz e principalmente para o Estado que o viu nascer; e uma fonte de aspirações generosas e de nobres emulações para os que de futuro se souberem inspirar no seu exemplo.

Por isso, a morte que poude abalar aquelle colosso, a morte que teve força para o fulminar com um sopro desfechando-lhe golpe certeiro e cruel no que elle tinha de maior, de melhor, de mais bello, de mais puro, de mais nobre e mais completo,— no coração; essa morte imprevista, subita, inesperada que nol-o roubou para sempre, deixando-nos attonitos e atturdidos, não logrará comtudo, nunca, fazer-nos esquecer o amigo leal, o mestre erudito, o companheiro fiel, o conselheiro prudente, o cidadão prestantissimo, que nós amavamos com todas as veras das nossas almas e que viverá eternamente na nossa memoria e nos nossos corações!

Só a materia desappareceu dos nossos olhos, encerrada num esquife, mas o espirito, esse grande espirito que nos dominou domina-nos ainda agora, pairando entre nós, sobre nós, inspirando-nos, affagando-nos, correspondendo ao nosso affecto, consolando a nossa Saudade!

***

Tu, bom amigo como verdadeiro benemerito que tres vezes o foste,—benemerito da sciencia, benemerito da patria, benemerito da humanidade; si ouviste acaso o que acabo de dizer, e lá da eterna morada me dispensaste ainda um atomo daquella bondade com que em vida te aprouve distinguir-me, certo perdoado estou já do pouco que de ti disse e sem que dissesse o que mais devia. Esta homenagem que a minha limitação fez tão deficiente quanto foi na verdade grande o teu valor, acolhe-a tu, amigo, como o que é apenas:—como um preito de gratidão e amisade que melhor não sabe dizer; acolhe-a como um testemunho de enthusiastica affeição, que tanto se recatou, vivo tu, de vangloriosas ostentações, quanto sincero em sua rude essencia, agora espontaneo esfolha, peranto os que tão sabiamente dirigiste e te admiraram, sobre a tua sepultura estes bem singelos goivos, sem cuidar no que poderão valer a par dos festões de myrto e rosas com que outros bem mais competentes a estão ornando!

Exemplo e estimulo a porvindouros, repousa, que bem o mereces, sereno e tranquillo nos seios da morte; repousa para sempre na eterna paz! Que o teu descanço continue a ser lá tão perduravel como na patria que tanto amaste, será tambem perduravel a tua nomeada!

O teu nome subirá aos céos abençoado por todos aquelles a quem a tua corajosa iniciativa e a tua indomavel persistencia, aponta os testemunhos vivos dos immensos beneficios e bem estar que semeaste proficiente.

São as tuas leis previdentes, o saneamento do Estado, os serviços sanitarios, as escholas modelos, os grupos escholares, os jardins da infancia, a attestarem mais do que eloquentemente, que aquelle que tudo isto criou, si não tinha o genio politico, tinho o que vale muito mais: tinha o patriotismo esclarecido que sabe vêr as necessidades da nação e dar-lhes remedio, deixando no logar de uma iniciativa ephemera e transitoria documentos de valor que hão de durar o sufficiente para serem a gloria de uma homem e a honra de um paiz! E' uma população inteira a quem deixaste um codigo completo de preceitos e de providencias salutares e proveitosas, e que começa a sentir os beneficos effeitos do amor com que tudo isto criaste e dotaste com inapreciaveis dons, que te abençôa a memoria, tornando o teu nome glorioso por toda a eternidade!!

Breve descripção do rio S. Francisco e Itinerario de Guilherme Glimmerio pelos sertões do Brazil

---

EXTRAHIDA DA «HISTORIÆ RERUM NATURALIUM BRASILIÆ» DE GEORGI MARCCRAVI

TRADUZIDO POR JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA

O rio S. Francisco, que serve de limite entre a capitania de Pernambuco e a Bahia de Todos os Santos, é um dos mais notaveis; pois julga-se que desce do interior deste continente, e com certeza daquelle lago celebrizado pelas narrações de muitos escriptores, o qual recebe todos os rios e torrentes, que dos montes altissimos do Perú se dirigem para o oriente, e tornados rios caudalosos os lança no oceano, principalmente o *Rio de la Plata*, do qual já ninguem duvida; Maranhão e este nosso. Porquanto ainda que a fonte ou origem deste rio por ninguem ainda tenha sido explorada, com tudo a pura razão parece demonstrar isso com toda a evidencia, porque contrariamente aos outros rios, que desta região do Brazil correm para o oceano, este nos mezes de verão, em que as chuvas aqui são raras e moderadas, tão volumoso se ostenta, que as suas aguas ainda são doces a algumas milhas, pelo mar a dentro. Os nossos compatriotas, nestes ultimos annos, subiram este rio, numa pequena embarcação, até quarenta milhas mais ou menos, onde ainda era sufficientemente largo e profundo. Quanto ao mais, a darmos credito no que dizem os Indigenas e os Portuguezes, elle se apresenta de tal modo que, cerca de cincoenta milhas de distancia do mar, se precepita de altissimos rochedos ou cataractas, a que chamam *Cachoeira* (*Cacoeras*, no original) e que não póde ser remontado mais acima, por aquelles que vêm do mar. Porêm, acima das cataractas o leito do rio se torce para o noroéste algumas mi-

lhas, depois segue-se um grande lago, no qual estão espalhadas muitas e lindissimas ilhas, que são habitadas pelos barbaros, como tambem o são as margem de todo o lago. Mas, nesse mesmo lago recolhi areias auriferas, e os moradores me disseram que era abundante em ouro, de que ninguem faz caso. Este, porêm, arrastado por uma infinidade de torrentes dos rochedos auriferos que estão voltados para o Perú, é conduzido para o lago. Além disso, aqui se póde encontrar grande quantidade de excellente nitro; um padre portuguez sério o illustrado contara que esse mineral fôra já explorado por um governador da Bahia; esse padre asseverou aos nossos compatriotas que viu esse nitro. Não ha duvida de que os nossos, para o futuro, se hão de esforçar, para que se façam a respeito, cuidadosas pesquizas.

Julguei, porêm, util inserir aqui o itinerario que recebi do nosso compatriota Guilherme Glimmerio. Conta elle que no tempo em que residia na Capitania de S. Vicente, da Capitania da Bahia viéra ter áquellas paragens Franciseo de Souza; tinha, porêm, recebido de um Braziliense qualquer certo metal, tirado, como dizia, dos montes *Sabaroason*, de côr azulada ou celeste, misturado com algus grãos de areia côr de ouro, o qual sendo examinado por mineiros, verificou-se que em um quintal continha trinta marcos de prata pura.

Attrahido por este engodo, o Governador julgando que esses montes e essas minas deviam ser mais diligentemente exploradas, resolveu mandar para lá setenta ou oitenta homens, entre Brazilienses e Portuguezes.

Partindo com elles o nosso Glimmerio, assim descreveu a sua viagem.

Tendo nós partido da villa de S. Paulo, na capitania de S. Vicente, chegámos primeiro a colonia (aldeia) de S. Miguel, (que dista cinco ou seis leguas da precedente, para o oriente) e á margem do rio *Anhembi*, e lá encontrámos promptos os mantimentos, que os selvagens tinham de carregar ás costas. Depois atravessámos aquelle rio, e após quatro ou cinco dias de viagem a pé, por entre cerrados bosques, avançámos para o norte, até um riacho que nasce nos montes Guarimunis ou Marumininis, onde ha minas de ouro.

Aqui, tendo construido algumas canôas, de cascas de arvore, descemos por esse segundo riosinho cinco ou seis dias, e entrámos em um rio maior que desce do lado do occidente. Aquelle primeiro riacho se deslisa pelo meio de campos baixos e alagados, de lindissimo aspectò. Tendo descido por espaço de dois dias este segundo maior, entrámos num rio ainda muito maior que nasce no lado norte da serra de *Paranapiacaba* (assim como

o *Anhembi* do lado sul da mesma) e correndo para o occidente segundo a primeira direcção dos montes, depois formando um cotovello, se dirige em certa extensão para o norte, e finalmente, como vulgarmente se pensa, se lança no oceano, entre o Cabo Frio e a Capitania da Espirito Santo, abundantissimo tanto de peixes grandes, como pequenos: dão-lhe o nome de rio dos *Sorobis*.

Descendo tambem este por uns quinze ou dezeseis dias, chegámos a Cachoeira, onde o rio apertado por montes elevados, corre impetuosamente para o oriente: por esse motivo aqui submergimos as nossas canôas, e de novo emprehendemos a viagem a pé, até outro rio, que vem do occidente, e que não é navegavel; em cinco ou seis dias chegámos a uma serra elevadissima, transposta a qual descemos a campos dilatadissimos, ensombrados, tambem aqui e alli por bosques, nos quaes se vêm lindissimos pinheiros, que produzem fuctos do tamanho de uma cabeça humana, cujas nozes têm a grossura do dedo medio, revestem-se de casca como a das castanhas, são de sabor delicado e fornecem excellente alimento, (*estou quasi acreditando que elle quer fallar da arvore da Sapucaia*), encontram-se arvores desta especie muitas milhas pelo sertão a dentro. Depois em tres dias chegámos a um rio que desce do oriente, passando o qual, durante quatorze dias nos dirigimos para o noroeste, pelo meio de largos campos e de collinas despidas de arvores, a outro rio navegavel, e que vem do norte; atravessámos este em embarcações, a que chamam—*Jangadas*; e com um intervallo de quatro ou cinco leguas, encontrámos outro rio navegavel, que corre quasi do norte. Creio, porêm, que estes tres rios finalmente se reunem no mesmo leito e se lançam no *Paraguay*, por este fundamento, porque se inclinam para o Africo ou para o occidente.

Mas em toda aquella jornada que até aqui descrevemos, nenhum terreno cultivado avistámos, não encontrámos viva alma, unicamente aqui e alli algumas ruinas de aldeias, nada de viveres, a não ser a grama e alguns fructos silvestres.

Observámos comtudo algumas vezes a fumaça que se levantava, visto que por estes sertões vagueiam alguns barbaros, com suas mulheres e filhos, sem habitação fixa, comendo do que encontram, sem nenhuma preoccupação de cultura. Finalmente, junto deste ultimo rio, démos com uma aldeia de indigenas, e abundancia de mantimentos, coisa muito a proposito, visto que estava acabado o que comnosco haviamos trazido, e já algumas vezes fôramos obrigados a matar a fome com fructos silvestres ou com hervas do campo.

Demorando-nos alli quasi um mez inteiro, e tendo feito provisão de viveres, afinal rompemos a marcha para o noroéste, e passado um mez, sem que nenhum rio encontrassemos, chegámos a uma estrada larga e batida, e a dois rios de differentes volumes de agua, que correndo do occidente por entre as montanhas de *Sabaroasu* com difficuldade rompem para o norte; sou de opinião que são estas as fontes ou cabeceiras do rio S. Francisco.

Da supradicta aldeia até estes rios, não encontrámos viva alma, porêm soubemos que além dos montes habitava uma nação barbara, muito populosa; os quaes informados (não sei por que meio) da chegada destes Europeus, mandaram um delles, para nos observar. Este havendo-se encontrado com os nossos, dahi resultou que, de medo desses barbaros e por escassez de provisões apressámo-nos a voltar pelo mesmo caminho, nem tendo explorado a mina, para cujo fim tinhamos sido enviados, e quasi mortos de fome chegámos áquella aldeia de barbaros.

Assim que se restauraram as nossas forças e que obtivemos algum mantimento, voltámos, pelo mesmo caminho pelo qual tinhamos ido, para aquelle rio onde tinhamos submergido as canôas; e achando-nos mais fortalecidos, embarcámo-nos outra vez nas canôas, e, aguas acima, nos arrastámos até as nascentes do rio; e assim, tendo gasto nove mezes nesta expedição, chegámos primeiro a Mogomimin, e depois a villa de S. Paulo.

Mas voltemos ao nosso assumpto, logo que isto considerarmos, não parecerá verosimil que estas possam ser as nascentes do rio S. Francisco, porquanto si calcularmos accuradamente veremos que ellas não parecem ter se estendido até o norte, para poderem chegar a sua profundidade; e sou de opinião que penetra muito longe pelo continente a dentro.

Viagem a varias tribus de selvagens na capitania de Minas-Geraes; permanencia entre ellas, descripção de seus usos e costumes

---

PELO NATURALISTA ALLEMÃO G. W. FREIREYSS

TRADUCÇÃO DE ALBERTO LÖFGREN

A Academia das Sciencias de Stockholmo possue um manuscripto da mão de um naturalista allemão G. W. Freireyss. Este manuscripto é uma especie de relatorio sobre uma viagem que o mesmo emprehendeu a expensas do, então consul geral de Suecia e Noruega no Rio de Janeiro, Sr. Lourenço Westin, nos annos de 1814—1815. O manuscripto contem 91 paginas em folio com varias aquarellas e é dedicado ao Sr. Westin.

O auctor, especialmente ornithologo, nasceu em Francfurto sobre o Meno em 1789. Em 1812 acompanhou o consul geral da Russia Sr. Gustavo de Langsdorff, sendo porêm a viagem de S. Petersburgo muito penosa, ficou o Sr. Freireyss na cidade de Carlshamn na Suecia, de onde seguiu para Upsala. Ahi travou conhecimento com os celebres botanicos suecos Swartz e Thunberg que lhe forneceram cartas de recommendações para o Sr. Westin, já residente no Rio. Chegando á capital brazileira em 29 de Agosto de 1813, tornou-se logo amigo do Sr. Westin o qual forneceu-lhe os meios para fazer collecções de objectos de historia natural. No mez de Julho dirigiu-se elle a Minas Geraes, em companhia do celebre e conhecido Tenente-coronel Guilherme von Eschwege, director de minas por parte do governo brazileiro. Na volta desta viagem escreveu o Sr. Freireyss o relatorio do

qual terei a honra de lêr um fragmento. Este, porêm não representa o unico trabalho de Freireyss, porque mais tarde acompanhou elle o conhecido naturalista, principe Maximiliano de Neuwied. Além disso foi elle o primeiro a trabalhar pela colonização allemã no Brazil, conseguindo a fundação da colonia de Leopoldina ao sul de Bahia, morrendo na edade de 36 annos em 1825 e foi sepultado na Villa Viçosa perto da colonia e no paiz que elle tanto amou.

O fragmento que se segue é apenas um capitulo do relatorio, cujo manuscripto esperamos ter em breve no Archivo do Instituto (1).

***

Apenas 5 dias de viagem, na direcção Leste, da Villa-Rica actual Ouro Preto, vivem varias tribus de indigenas do Brazil, pelos portuguezes rechassados de suas antigas aldeias no litoral. Parece que a retirada delles se effectuou atravessando as espessas mattas que se extendem entre este territorio e Bahia, e muitas vezes, a poucas leguas do mar.

Havia muito tempo que pretendia observar estes selvagens nas suas condições naturaes e, com este objectivo, deixei Villa Rica em 14 de Dezembro de 1814.

O nosso caminho passava ao pé da Villa Marianna, distante duas leguas. Logo após começamos a subida da serra que se enxerga de Villa Rica e cujo ponto culminante parece ser o Itacolumi. A subida era muito fatigante. No logar mais alto tinhamos uma vista muito vasta mas, de pouca belleza; parecia como si a terra neste logar ha pouco tivesse sahido do «Cháos», pois tal era a impressão produzida pelos milhares de morros e pelos estreitos mas profundos valles entre elles. A maior parte desta estrada cortava mattas impenetraveis.

Algumas leguas adeante passavamos por um territorio muito lindo, onde dizem existir grandes riquezas de ouro e, em muitos logares, plantações boas. A nove leguas da Villa Rica e passando por um terreno accidentado e coberto de matta, chegamos á villa de Sant'Anna dos Ferros que, parecia ter sido um antigo presidio, isto é, logar de guarda de limites contra os indios. Proximo a esta villa e no outro lado do rio, vivem indios da tribu «Puri», mas que não parecem perigosos para os lavradores porque, contava-se como cousa notavel que ha 18 mezes os indios ma-

(1) Este trabalho foi lido na sessão de 5 de Fevereiro de 1901. Deliberou o Instituto, á vista do seu merecimento, mandar tirar uma copia completa, ficando encarregado disso o Sr. Dr. Alberto Löfgren que já recebeu communicação de estar ella prompta.

taram á flecha dois escravos. Os portuguezes todavia temem estes indios e o nosso hospede que era caçador apaixonado, confessou que nunca caçava no outro lado do rio. Tambem não se viam grandes sympatias pelos pobres indios por parte dos habitantes da villa porque, quando o commandante ouviu que o commissario portuguez conseguira localizar 500 Puris em logares fixos, abandonando todas as hostilidades contra os brancos e seus alliados indios, disse elle que estimava si alguem levasse a variola para elles para dar cabo delles de uma vez.

No terceiro dia e depois de termos passado a grande ponte sobre o rio encachoeirado perto de Sant'Anna dos Ferros e, mais algumas roças, vimo-nos rodeados por mattas espessas, aqui e acolá interrompidas por plantações de milho e outras. Si bem que os Puris bravos, ás vezes frequentam estas mattas, encontram-se especialmente numa outra matta virgem, muito densa, á cerca de 3 leguas de Sant'Anna, e á qual deram o nome de «Matta dos Puris». Duas cruzes, logo á entrada desta matta temivel e proximas uma á outra, testemunham o assassinato dos dois escravos, surprehendidos na occasião da colheita de algodão para os seus senhores. Por causa disso os meus companheiros entravam nesta floresta com receio visivel. Parece, entretanto, que os Puris têm mais medo ainda dos portuguezes e suas armas superiores, do que estes daquelles porque, si os Puris fossem o que se diz ninguem podia viajar ali ou, centenares de cruzes attestariam os assassinatos ao passo que durante annos sómente duas ou trez tiveram de ser levantadas. Ali, naquellas moitas impenetraveis, podiam elles impunemente e sem serem vistos, atirar as suas flechas sobre os viajantes, certos da impossibilidade de serem perseguidos.

Ás 3 horas da tarde chegamos á Santa Rita, uma aldeia á 5 legoas de Sant'Anna e á uma da Matta dos Puris. No dia seguinte, ás 7 horas da manhã, continúamos a viagem e após mais 3 leguas de marcha,—17 leguas ou 113 kilometros de Villa Rica—alcançavamos o pico da serra de S. Beraldo — S. Geraldo?—, de fronte da qual se ergue a cordilheira, mais alta ainda, da Serra da Onça. Ambas estas serras limitam um terreno mais baixo, cheio de morros, e onde está situado o presidio de S. João Baptista, uma aldeia que foi alcançada ás 3 horas da tarde e ahi fomos hospedados na casa do director Geral dos indios, Capitão Marlière, francez de origem. Este logar devia ser o ponto de onde fariamos as nossas observações sobre os indios. No valle achamos grandes extensões cobertas pela «*Asclepias curassavica*»—*Paina de seda*, *Pega-olho*, *Official da sala*, *Falsa ipecacuanha*—cujo cultivo é recommendavel pela paina sedosa das sementes.

Este presidio, nome que póde ser traduzido por «logar de guarda limite», teve sua origem, como outros iguaes, pelo estabelecimento de criminosos que, fugidos da justiça, installaram-se entre os indios e, mais tarde, sollicitavam e recebiam do Governo alguns soldados para a sua segurança. Taes escoltas que raras vezes excediam de duas praças, não teriam sido precisos si, desde o começo, não tivessem calcado aos pés todos os direitos humanos dos pobres indios. Foram taes individuos que o indio primeiro chegou a conhecer e cujo comportamento logo julgou, extendendo em seguida o odio adquirido a todos os mais homens brancos e é sobre identicos elementos entre os primeiros conquistadores que se devam lançar toda a culpa da triste sorte dos infelizes selvagens e não sobre os portuguezes em geral.

Proximo ao presidio de S. João Baptista e, occupando uma area de cerca de 20 leguas quadradas, vivem tres tribus diversas de indigenas brazileiros. A mais poderosa dessas tribus é a dos Coroados que, inclusive mulheres e crianças pode ser calculada em 2000 individuos. Em seguida vem os Puris, dos quaes conseguiu-se reunir 500 em habitações fixas. A terceira tribu, os Coropós, ha mais de 50 annos está alliada e vive em amizade com os portuguezes, pelo que já perdeu muito da sua originalidade. Destes cerca de 200 formam uma communidade no rio Pomba, um affluente do norte para o rio Parahyba. Nesta tribu vivem tambem dois homens dos Parahybas e um dos Pacajús, duas outras tribus que habitam o territorio proximo á foz do rio Parahyba.

Todas estas tribus, no estado natural, são nomades porque, não têm criação e vivem de caça e pesca, raizes e fructas. Os homens caçam e as mulheres pescam e colhem as raizes e as fructas. O clima ameno não exige dos indios que pouco trabalho para o sustento e, ignorantes, como são, dos prazeres e vantagens de uma certa civilização, milhares de necessidades lhes são desconhecidas.

Os indios, em geral, são de estatura pequena; a côr é um amarello pardo—não côr de cobre como se costuma contar; o cabello é liso e preto; o olho é um pouco obliquo, de uma côr negro-bruna e, os ossos zygomaticos salientes constituem caracter essencial. O seu corpo não é avantajado porque, a parte inferior do tronco é de ordinario grosso, as pernas finas e a cabeça grande. São tidos por imberbes porque extirpam cuidadosamente todos os pellos que apparecem e, como este costume tem sido transmittido durante gerações, teve por effeito que até os indios escravos, apesar de não o seguirem mais, tem sempre menos barba e pellos do que os portuguezes. O indio anda completamente

nú e em algumas tribus ha o costume de puxar o prepucio e amarrar para impedir qualquer offensa por insectos.

Estavamos, portanto, perto destes interessantes indigenas e no intuito de procura-los nas suas proprias habitações, parti do presidio no dia 29 de Dezembro, em companhia do Snr. v. Eschwege, o director dos indios, Snr. Marlière e um soldado. O objectivo era o de visitar uma das aldeias proximos, si assim podemser chamadas 3 ou 4 cabanas baixas de palha. Estas se acham dentro da matta e raras são aquellas nas quaes moram mais de uma familia de 20—40 pessoas e ordinariamente são situadas distantes de algumas horas uma da outra. O caminho que conduz a uma aldeia é sempre um simples trilho estreito, no qual o indio, nú e pequeno, facilmente caminha mas onde nós, constantemente ficavamos embaraçados pelos espinhos e galhos que pegavam nas roupas.

O nosso caminho passava, pois, numa matta virgem e depois de duas leguas de marcha, sem perigo, encontramos uma porção de Coroádos que voltavam de uma caçada. As armas que traziam eram arcos e varias especies de flechas. As mulheres arquejavam debaixo de pesada carga de carne de porco do matto, macaquinhos vivos e papagaios. Ao redor dos rins traziam pannos e sua physionomia era pouco attrahente. Eram antes pequenos do que de estatura mediana e os cabellos soltos e emmaranhados pendiam em strigas até os hombros. Depois de termos comprado um macaco, acompanhamos elles até as cabanas mas, tivemos logo de abandonar as mulas que deixamos com o soldado, porque o caminho tornava-se tão estreito que mal e mal um homem podia passar e, apesar de bem comprido, era entretanto tão direito como si os indios o tivessem traçado a bussola. Os nossos guias, não obstante, moviam-se tão habilmente por entre as moitas que estavam sempre diante de nós. Finalmente, no meio da matta, enxergamos uma roça de milho e, no meio desta, escondidas pelo milho que tinha 7 a 9 pés de altura, varias cabanas toscas, em forma de barracas e cobertas de palha. Apesar de ser bem restricto o espaço em cada uma dellas, havia, assim mesmo, 5 redes amarradas e, conforme o seu costume, receberam-nos os indios assentados em suas redes e balançando de vagar. Logo porêm, todos, deixaram-nos um apos o outro e sómente o chéfe da familia nos fez companhia, mestrando-nos as cabanas de seus filhos, collocadas na mesma roça. Todas as cabanas eram construidas do mesmo modo: de varas fincadas no chão com outras varas amarradas nas extremidades formando um cone com as pontas reunidas em cima e tudo coberto com palha de milho e de outros capins. Arcos, flechas, algumas vasilhas de barro, as cestas primitivas das

mulheres e umas peneiras formavam todo o mobiliar. Alem destes objectos vi mais algumas cestinhas cuja fôrma e feitio apresentavam uma similhança sorprehendente como as das ilhas da Polynesia. Tambem havia alli varios animaes domesticados como cachorros, pequenos porcos do matto, papagaios e jacús.

Depois desta visita fui muitas vezes á mesma aldeia durante as minhas excursões para collecionar objectos de historia natural. Umas vezes fui só e outras vezes em companhia de um menino da tribu Coropó, porêm ainda não me tinha arriscado a pernoitar com elles, até que, uma tarde, quando voltava para o presidio, uma tremenda borrasca surprehendeu-me na matta e perto da cabana dos indios. Trovoadas e tempestades como aquellas são perigosas na matta, especialmente por causa das milhares de arvores colossaes que o cyclone derruba, tanto por serem já muito velhas como por estarem em geral mal enraizadas, segundo observações feitas sobre as arvores brazileiras. Accresce que estes gigantes estão quasi sempre presas ás outras arvores por meio de milhares de cipós e, quando cahem, arrastam tudo na queda ou quebram uma porção de outras arvores. Imaginando mais a escuridão completa, interrompida apenas pelos relampagos e a trovoada a roncar incessantamente, impedindo o ouvido de escutar o barulho das arvores que cahiam e verdadeiras cataractas de chuva a se despejarem das nuvens fazendo crescer num momento os riachos e os corregos, tem-se a situação perigosa e difficil da permanencia na matta durante uma tempestade.

Foi, pois, uma tempestade destas que obrigou-me a pedir abrigo entre os meus amigos indios. Acompanhado do menino Coropó, cheguei as cabanas totalmente molhado porque, além da chuva, tive de attravessar a váo varios corregos engrossados de modo a chegar-me a agua até o peito. O primeiro cuidado naturalmente foi a de tirar a minha roupa ensopada, porêm, com que havia eu de cobrir-me, pois nenhuma camisa existia na cabana? Os indios estavam todos nús e zombavam do meu embaraço até que uma india de cerca de 16 annos, compadeceu-se e por mimica offereceu a sua tanga, unico vestuario que possuia. Como era natural recusei, visto que todas as mulheres presente, conservavam as suas tangas e só me restava unirme áquella sociedade núa ao redor do fogo. Mas por muito tempo continuava eu objecto de sua curiosidade por ser a minha pelle differente da delles. Percebendo isso, e na supposição de que nunca tinham visto europeos nús, aproveitei-me esta curiosidade em meu favor porque, conhecendo o seu odio aos portuguozes, fiz o meu Coropó, que entendia a lingua delles, contar-lhes que eu não era portuguez mas sim de uma grande nação que morava para o Norte.

Deste momento em diante, crescia a sua confiança que eu, aliás, já tinha procurado ganhar com pequenos presentes. A mais velha das mulheres recebeu então ordem—provalvemente do marido que parecia da mesma edade—de cosinhar um pouco de milho para mim mas, como não havia milho na cabana, nem lenha, oppuz-me a esta generosidade, porque a trovoada ainda roncava e a chuva ameaçava-nos de outro diluvio. Mas nada adiantei. A pobre mulher teve de sahir e somente depois de uma boa meia hora, voltou com lenha, agua e milho. Este ultimo ainda não estava maduro o que entretanto não importa, porque os indios só comiam milho verde feito mingáu. Regalei depois os meus hospedes com um pouco de agua-ardente que tinha commigo, o que muito lhes agradou, pois, esta bebida tem para elles um valor inestimavel e torna-se facilmente o idolo ao qual sacrificam o ganho de suas caçadas e de seu trabalho. Felizmente a minha provisão, -esta vez, chegava apenas para dar-lhes um pouco de alegria, sentimento este que raras vezes observei em selvagens no Brazil.

Tinha chegado a noite e si eu não quizesse dormir no chão, precisava pedir que me cedessem uma das redes na cabana, mas notei que os velhos estavam com pouca vontade de dar-me uma das suas. Finalmente uma india moça tirou-me do embaraço, cedendo-me a della, cuja fineza retribui com alguns anzóes. Pouco depois o meu joven companheiro Coropó estava tambem deitado, roncando numa outra rede, cedida pela irmã da minha bemfeitora. Assim mesmo fiquei meditando si era prudente entregar-me ao somno que imperiosamente me invadia. O que valia, porem eu ficar acordado si os indios tivessem deliberado eliminar-me? Minha polvora estava acabada, apenas tinha para 3 tiros e esta mesma estava estragada pela chuva. Adormeci, pois, mas duvidas e receios acordaram-me repetidas vezes durante a noite. Fiz então a observação de que o somno dos indios é desigual e interrompido porque os vi varias vezes pôr lenha no fogo durante a noite e, ás duas horas da madrugada, alguns se levantaram para assar milho.

Na manhã seguinte, ao raiar do dia, deixamos esta gente simples, depois de tel-os presenteado com algumas agulhas e anzóes. Teriamos caminhado cerca de meia legua quando um dos indios da cabana onde tinhamos pernoitado, nos alcançou, todo arquejando, e entregou-me umas folhas de papel que tinha usado para prensar plantas e que ficaram esquecidas num canto. Por essa e outras acções identicas, ganharam os indios a minha estima.

Muitas outras, não menos interessantes aventuras, passei

durante as minhas visitas aos outros Coroados, porém seria prolixo contar tudo, pelo que prefiro expôr alguns resultados das minhas observações.

A tribu dos Coroados, como ja foi dito, é a mais numerosa e conta cerca de 2000 almas. E' bem notavel o facto que o numero de mulheres é igual ao de homens, segundo uma estatistica official, facto este que não justifica a polygamia entre elles.

Os coroados são muito guerreiros e temidos pelos visinhos, os Puris, com os quaes vivem em constantes brigas e, apesar de não serem antropophagos ha, todavia, um costume tendente a isso. Quando matam algum inimigo, de ordinario um Puri, levam comsigo para a cabana um braço do cadaver, como uma especie de trophéo da victoria. Chegados em casa arranjam uma festa na qual se regalam com a bebida predilecta que fabricam fermentando o milho e que é servida em grandes potes de barro, cujo fundo pontudo está enterrado no chão. Neste pote collocam o braço do inimigo morto e cada um, por sua vez, tira-o de vez em quando do pote para chupar a extremidade cortada.

Taes costumes barbaros provam o gráu baixo da civilização desta gente, aliás tão boa. Como entre quasi todas as tribus, reina entre elles ainda o costume de vingarem-se cada vez que algum membro da sua familia for assassinado e, como o assassino quasi nunca é entregue pelos seus, matam, logo que podem, qualquer outro da familia do assassino, uma mulher pelo marido, uma irmã pelo irmão, um filho pelo pae e assim sempre o innocente pelo culpado. Conseguido isso, cessam as hostilidades e a amizade antiga reina de novo entre elles. Medo, o indio não conhece, pelo menos não o medo da guerra e entre elles ha o proverbio de que o homem foi creado para morrer na peleja e a mulher para dar novos homens.

Os logares habitados, estão sempre muito distantes um do outro até a varias horas de marcha e nunca são inteiramente fixos, apezar de que os indios, ás vezes, cultivam o milho. Mesmo onde isso é o caso, deixam elles as suas cabanas para viajarem durante mezes em caçadas pelas mattas, unico logar que elles amam. Essas viagens são muito penosas para as mulheres que tem de carregar todo o mobiliar, redes, potes etc., acommodando tudo numa cesta sobre as costas e presa por uma facha de panno que passam ao redor da testa, e mais os filhos pequenos e os animaes domesticos.

E' a caça que lhes fornece a alimentação principal; menos impertante, pelo menos neste logar, é a pesca. Nas caçadas pouco rendosas, nutrem-se elles de varias fructas do matto, fazendo até

provisão de algumas e entre estas está em primeiro logar a «Sapucaia» em cuja colheita servem-se dos cipós pura subir nas arvores que são muito altas. Um costume bastante singular e que, forçosamente, ha de contribuir para conservar-lhes uma certa sociabilidade, observei entre os Puris que acreditam ser prejudicial para o caçador a caça que elle matou e por isso tem de dal-a aos outros.

As unicas armas usadas pelos Coroados, são o arco e as flechas, como por quasi todos os indios brazileiros. No manejo destas possuem uma habilidade admiravel e para alcançar este desideratum praticam 5 a 6 incisões profundas no lado de dentro do antebraço esquerdo, porque assim, dizem, adquirem mais firmeza no armar o arco. Tem-se visto indios atirarem as suas flechas quasi que perpendicularmente e na quéda da flecha acertar em qualquer objecto determinado de antemão. Em 50 passos, raras vezes erram o alvo, ainda que seja pequeno e vi um menino flechar uma fructa na distancia de 30 passos e isso depois de tér estado ao meu serviço durante varies mezes em que elle nunca manejou o arco porque eu lhe tinha ensinado o uso da espingarda. As mulheres são em geral menos dextras e tem arcos menores. Quando um indio foi flechado e a flecha ficou na ferida, como quasi sempre acontece, quebra elle a ponta e tira o cabo da ferida, torcendo-o.

Para pescar, os coroados empregam uma especie de lança, feita de uma qualidade de canna de grossura de uma pollegada e cerca de 9 pés de comprimento. Na extremidade amarram duas pontas farpadas de madeira de 8 pollegadas de comprimento. Esta lança seguram debaixo da agua e quando um peixe se approxima, espetam-no com grande habilidade. Esta lança de pescar cham «tschemnã».

O uso do ferro ainda lhes é pouco conhecido e todas as armas mencionadas, por temiveis que sejam, são feitas de madeira. Parecem ignorar o envenenamento das flechas.

Quando a noite surprehende os indios que andam caçando, suspendem as suas redes que, como as cordas dos arcos, são fabricadas de embira, e nunca deixam de accender um fogo no que empregam varias madeiras. O fogo produzem com um páusinho de madeira dura, de comprimento e largura de um dedo. Este páusinho fixam no cabo de uma flecha, cuja ponta tiram. Collocam depois emcima de uma pedra, um outro pedaço de madeira no qual praticam uma cóva e nesta cóva assentam o páusinho que fixaram no cabo da flecha. Tomam então o páusinho entre as duas mãos abertas e, conservando a extremidade na cóva, imprimem-lhe um movimento de rotação rapida até que

o pó de madeira que se fórma pela fricção, se accenda por alguma fagulha produzida por este attrito rapido. Mas este processo empregam sómente em caso de necessidade porque é obrigação das mulheres de conduzir sempre uma braza.

Quando uma caçada feliz tem posto os Coroados ao abrigo dos cuidados pelos alimentos por alguns dias, descançam os homens, deixando ás mulheres o preparo da comida. Como em todos os povos não civilizados, a mulher tambem aqui é escrava. Nas caçadas é ella carregada em excesso com a caça e as provisões de fructas emquanto o homem, mais forte, carrega sómente o arco e algumas flechas. Em casa tem ella de preparar a comida, ir buscar a agua e a lenha e, muito condescendente é o homem que se occupa em conservar o fogo ao pé da sua rede.

Tendo os indios habitação fixa, voltam a ella finda a caçada, em outro caso installam-se em qualquer logar e a falta de comida põe-nos outra vez a caminho.

Os indios que costumam estar em contacto com os brancos tem a colheita da ipecacuanha que os faz sahir para as mattas, e são muitos os portuguezes que fazem bons negocios com o commercio desta droga, proveniente das partes subterraneas ou raizes de «Cephaëlis ipecacuanha», hoje do genero «Uragoga». Em epochas certas reunem para este fim a maior porção possivel de indios e atravessam com elles as mattas. Nestas excursões levam sempre mantimentos e especialmente aguardente que vantajosamente vendem em troca das provisões de ipecacuanha que os indios fizeram, por um pequeno calice de aguardente—uma mercadoria cuja venda aos indios é prohibida—recebem, muitas vezes, 1/4 de libra da valiosa raiz.

Por mais monotona que seja a vida destes selvagens e por mais brutos que sejam, distinguem-se elles de um modo inverosimil por sua boa reflexão e grande agudez de espirito, como logo mais terei occasião de mostrar.

De religião não ha vestigio entre elles, pelo menos no que diz respeito a praticas externas. Não adoram Deus algum bom, mas temem um genio máu que elles se figuram na trovoada, sem comtudo importarem-se mais com elle. Que porem entre elles exista uma vaga idéa a respeito da immortalidade da alma, como entre todos os povos na sua infacia, não ha duvida porque, deixam aos mortos as armas no tumulo para, como dizem, «usar lá em cima».

Um enterro entre os coroados apresenta certas singularidades. Primeiro quebram todos os ossos do cadaver e depois collocam-no assim nos grandes potes de barro em que preparam a

sua bebida de milho fermentado. Si foi um chefe de familia que morreu, enterram-no no meio da cabana que elle habitava em vida e em seguida abandonam o logar. Voltando por acaso e durante as suas caçadas para o logar onde os seus mortos estão enterrados, testemunham a sua lembrança delles por altos gritos e lamentos.

Com o mesmo silencio com que um Coroado abandona este mundo, faz elle tambem a sua entrada nelle; nenhuma cerimonia ou festa reune os visinhos por occasião de um nascimento e até os casamentos se effectuam em silencio. O noivo leva comsigo a noiva que comprou dos paes. Acontece, porêm, muitas vezes, que a mulher deixa o marido depois de poucas semanas, um costume que é tanto mais extranho, como em todos os outros casos é ella tractada como escrava. Este abandono do marido é tão frequente que se encontram muitas jovens indias que no espaço de um anno, e poi simples capricho, mudaram de marido 5 a 6 vezes. Raro têm ellas mais de 4 filhos, o que é para extranhar, porque a população brazileira, de origem européa e africana, é muito prolifera. Logo que uma índia tem parido, desce para o primeiro corrego ou rio para lavar-se a si e á creança. A reconhecida observação de que o pai da creança finge-se doente e fica deitado por muitos dias, foi affirmada por varias testemunhas oculares.

Taes costumes encontram-se de preferencia entre os coroados não baptizados, mas os baptizados conservam tambem muito os seus costumes e, especialmente difficil é desacostumal-os da polygamia. O mesmo acontece com alguns outros costumes. No começo queriam que os portuguezes lhes pagassem para resar na egreja nos domingos e como não havia vontade nem meios para satisfazer essa exigencia, os indios convertidos deixavam de frequentar a egreja no presidio. Tambem são muito acanhadas as idéas do christianismo ministradas aos indios e como exemplo pode servir a seguinte anecdota: Num passeio o Snr. Marlière tinha levado um cãosinho. Este foi atacado por uma porção de porcos famintos que o teriam matado si o Snr. Marlière não tivesse acudido, mas já estava num estado lastimoso. Como era longe para a casa, o Snr. Marlière deixou o cão a um Coroado para ser curado. Dois dias depois veiu o indio e contou que o cachorrinho tinha morrido, «mas» accrescentou elle «como o cão era de um amigo, enterrei-o e puz uma cruz no tumulo». E, effectivamente, o indio tinha levado o cão a uma encruzilhada onde enterrou-o e collocou uma cruz.

Uma boa prova da sua refiexão, deram-me estes indios numa occasião. Tinha-se contado para os indios baptizados ha pouco,

a historia de S. Manoel, não poupando as narrações dos milagres. Ao mesmo tempo estava-se construindo uma egreja no presidio e no dia da inauguração da capella provisoria, a imagem de S. Manoel devia ser alli depositada. Curiosos para conhecer o milagroso Santo, muitos indios tinham chegado mas, quando viram que a imagem era de madeira, voltaram todos para as suas mattas. Acreditavam que se fazia caçoada delles e diziam que o Santo era de páu e que páu só era páu e não tinha acção alguma. Este caso é uma prova de que estes indios não conhecem a idolatria nem admittem a presença de entes superiores nas imagens mortas e, que possuem bom senso.

Pode-se tirar um selvagem brazileiro de suas mattas e tratal-o do melhor modo, que elle sempre estimará, acima de tudo, poder voltar para os seus patricios. Esta observação tão conhecida, fiz eu tambem quando trouxe para o Rio de Janeiro um pequeno indio que voluntariamente me acompanhava. Procurei fazer tudo para tornar-lhe a sua estada agradavel, não só por causa da confiança que elle tinha em mim, seguindo-me, como tambem por ser um moço muito intelligente que fallava as linguas de 4 tribus differentes e era caçador habilissimo que podia ser-me de grande utilidade nas minhas futuras excursões. Porêm, divertimento algum o impedia de todos os dias pedir-me que fizesse uma nova viagem, especialmente para os indios. Por uma casualidade, a estada no Rio tornou-se ainda mais odiosa para o moço desconfiado. Tinha pensado proporcional-o um grande prazer levando-o ao theatro, mas felizmente, escolhi uma peça com muitas transformações. Nunca tinha visto o meu selvagem mais contente do que no começo da comedia; quando porèm, no segundo acto, houve uma fingida decapitação, muito bem representada, o meu joven indio levantou-se e fugiu aterrorizado e nada podia obrigal-o a acompanhar-me outra vez ao theatro.

Uma prova ainda melhor, de quanto é forte a sua saudade do lar e do modo de vida livre e bruto das mattas, foi-me fornecida pela historia de um padre na communidade do Rio da Pomba. Este padre era Coroado nato que, em creança tinha vindo para o bispo em Marianna que o educou no intuito de dar aos indios um padre da sua propria raça, um pensamento que merece todo o applauso. Effectivamente, o nosso Coroado chegou a ser padre e, condecorado com o habito de Christo, foi mandado para a communidade converter os seus patricios. Durante muitos annos, cumpriu elle ahi o seu dever para grande satisfacção da egreja quando, repentinamente, accordou-se nelle a vontade de mudar a sua vida de padre para a que elle tinha levado em creança. Despiu a sotaina, deixou o habito de Christo

e tudo mais e fugiu em procura dos seus patricios nús, entre os quaes começou a viver como elles, casou com varias mulheres e até hoje, ainda não se arrependeu da mudança.

E' innegavel a grande perspicacia que os indios revelam no modo seguro com que curam as suas molestias que, felizmente, não são muitas. Todos os seus remedios buscam no reino vegetal e nós teriamos de aprender delles muitos segredos em pról da humanidade, como aliás, já devemos a elles o conhecimento de varias experiencias na medicina. Assim, por exemplo, o indio não tem medo das mordeduras de cobras venenosas porque, conhecem folhas que curam infallivelmente e, si o contacto com os portuguezes trouxe-lhes o contagio venereo, elles o curam tambem com vegetaes, sem que virus algum lhes fique no corpo.

Os Coroados empregam tambem a sangria e para isso utilizam-se de um arco pequeno de umas 10 pollegadas de comprimento e uma pequena flecha, cuja ponta é feita de uma lasca de vidro ou, em falta deste, de uma lasca de pedra que lapidam até que sirva para o fim proposto. A um millimetro, mais ou menos da ponta desta lasca, enrolam algodão para que não entre mais do que deve. Ha indios extremamente habeis neste genero de sangrias que podem, por isso ser tidos como os cirurgiões destas nações. Mas parece que não é sómente em caso de doença que os Coroados se sangram porque, o sr. Marlière observou um dia que uma porção de mulheres e moças que estavam tomando banho num corrego, sujeitaram-se todas a esta operação e o cirurgião nunca faltava de acertar a veia com a flechinha. Parece-me isso mais plausivel ainda pelo facto de o mesmo Coroado-cirurgião querer por força sangrar-me a mim tambem, apesar de que eu constantemente lhe declarava que estava são e não precisava disso.

Em casos de constipação, os Purís servem-se de um curativo que muito se assemelha aos banhos de vapor da Russia. Uma moça que tinha-se constipado fortemente, fizeram transpirar do seguinte modo: do corrego proximo transportaram uma pedra que foi posta no fogo até ficar bem quente, depois fizeram a moça debruçar-se, com as mãos e os pés no chão, por cima da pedra mas sem tocar esta; então as mulheres cercavam-na e com a bocca cheia de agua despejavam ou cuspiam esta na pedra. Os vapores que assim se formavam pelo contacto da agua com a pedra quente, effectivamente, provocavam uma transpiração copiosa e, no dia seguinte, estava a moça curada.

Mas por mais felizes que os indios sejam no curar quasi todas as suas doenças, acham-se entretanto absolutamente indefesos deante de uma das epidemias introduzidas—a variola. A

culpa disso talvez se encontra no proprio modo de vida que levam. Acostumados a banharem-se nos corregos ou rios proximos muitas vezes por dia e, principalmente quando sentem calor, correm logo para a agua a refrescarem-se. Deste costume é impossivel tiral-os, apezar de que tantos já foram victimados pela variola. Seduzidos pelo calor da febre, correm para a agua fria do rio onde permanecem durante horas de que resulta recolher-se a erupção e o pobre contagiado morre, victima de sua imprudencia. A simples noticia de que ha variola na visinhança, é bastante para despovoar mattas immensas.

Nunca se encontram individuos fracos ou doentios entre os indios, o que se tentou explicar pela simplicidade no seu modo de viver. Pode isso muito bem ser mas, fortemente contribue o costume que elles tem de matar toda a creança recemnascida com signaes de doentio ou que tiver qualquer defeito physico. Assim, ha pouco, o sr. Marlière impediu que um indio matasse o seu filho que nascera com dois dedos tortos porque, dizia o pae, não prestaria para armar um arco.

Os festejos que são verdadeiras orgias, e caem principalmente no tempo em que amadurece o milho. As mulheres assentam-se em circulo e mastigam com grande presteza o milho que depois de bem triturado é cuspido dentro de um pote grande em pé no meio dellas. Durante um a dois dias continúa esta mastigação até que a quantidade sufficiente esteja preparada. Neste milho mastigado e misturado com a saliva, põem ainda agua e deixam tudo ferventar, depois do que decantam o liquido que se parece com cerveja fraca e, começa a festança. Para augmento da festa saccodem uma puranga com pedrinhas dentro, produzindo assim uma musica, quasi egual á dos «kamtschadalos», cujo instrumento consiste numa porção de bicos de «alco« enfiados numa corda. O instrumento dos Coroados chama-se «grigine» e a bebida «verú». Nem sempre fabricam a sua bebida com milho, tambem a fazem com raizes, como os indios que não conhecem os portuguezes. Dizem que nestas bebedeiras ha cantos e dansas mas, nunca o pude verificar porque, não é prudente estar presente nestas festas que, quasi sempre acabam com zangas e brigas. Numa dellas, ha bem pouco, foi morto um portuguez, apesar de estar casado com uma india e ter vivido 10 annos entre elles, sendo, ás mais das vezes o ciume a causa das desavenças.

As linguas que falam os Coroados e os Puris são tão pouco differentes que só isso parece indicar uma origem commum e ha entre elles a lenda de que, ha muito tempo atraz, formavam uma

só nação. Naquelle tempo duas familias importantes separaram-se com os seus fieis e começaram a briga que perdura ainda hoje, assignalada por constantes assassinatos. Notavel é que os puris são sempre mais fortes do que os Coroádos, apesar de serem da mesma origem. O arco de um Puri, nenhum Coroádo póde armar. Serão os poucos annos de contacto com os brancos que lhes teriam diminuido a força ou será inexacta a lenda desta origem comum.

Não obstante de terem os Coroádos, já por mais de 40 annos, mantido relações amistosas com os portuguezes, não mostram, absolutamente, amizade por elles, pelo contrario, existe um odio inveterado, como consequencia dos máus tractos que lhes foram infligidos pelos brancos. Por todos os modos imaginaveis enganaram sempre a estes pobres selvicolas e grande foi a impressão produzida pela manobra ardilosa inventada em 1811 para civilizar os Puris. Com promessa de dar-lhes ferramentas e armas, 2000 Puris foram attrahidos á villa Rica. Chegados eram logos agarrados e distribuidos entre os portuguezes para os quaes deviam trabalhar, naturalmente sem ser em qualidade de escravos, mas, unicamente para tornarem-se cidadãos prestimosos. O plano era sem duvida bom e o meio empregado talvez tivesse sortido, effeito, mas os autores do plano não conheciam os seus patricios e além do mais, commetteu-se o erro de não deixar os indios viverem em familia; marido e mulher, paes e filhos foram separados e mandados a logares diversos. A consequecucia foi que, mal tinham os Puris trabalhado uns 8 dias que todos os homens fugiram, tanto por causa das pancadas recebidas, como amor á liberdade e saudades da familia. Fervendo de odio, por terem sidos obrigados a abandonar mulheres e filhos na mão de seus algozes, estavam estes poucos outra vez nas suas mattas, matando todos os portuguezes que podiam e, entre elles, aquelles que lhes enganaram a vir para Villa Rica.

O Sr. Marière, como era o seu dever, teve que reunir portuguezes e Coroádos contra estes Puris, apesar de confessar que julgava justa a vingança dos Puris. Mas nesta occasião os portuguezes mostraram tão pouca coragem que afinal, os Coroados tiveram de marchar sós, para vingarem os brancos, porêm extremamente descontentes por causa da cobardia e falsidades reveladas para com os Puris.

Si, desde o começo, os portuguezes tivessem feito distincção entre os indios e os escravos africanos, o Brazil teria tido um bom lucro, mas assim perdeu-se tudo, querendo tudo ganhar. Ainda hoje seria possivel tirar destes selvagens mais partido do

que se faz porque, especialmente como soldados serviriam admiravelmente, apenas com a condição de formarem batalhões especiaes e com as suas armas proprias. Não se póde imaginar soldados mais ligeiros; como um veado o indio desliza pela matta mais espessa e effectua marchas de 15 a 20 horas seguidas.

Logo antes da minha chegada a Minas-Geraes deu-se um facto que em crueldade excede a tudo quanto conheço e cuja veracidade pode ser attestada por meu companheiro de viagem, Sr. V. Eschwege. Uma porção de soldados portuguezes, commandados por um capitão, tinham sido mandados em procura de uns Botucudos que, havia pouco, commetteram alguns excessos em Rio Doce e a ordem era de afugental-os ou mattal-os. Marchando com prudencia, encontraram logo o paradeiro destes antropophagos e cercaram-nos durante a noite. Quando os indios viram-se surprehendidos, procuraram salvar-se, extendendo-se no chão, fingindo estar mortos e suspendendo a respiração. Naturalmente não lograram enganar os seus perseguidores cujo commandante foi a cada um delles, baptizou-o e em seguida mergulhou-lhe a faca no coração. De manhan os vencedores regressaram e proximo ao logar da victoria encontraram-se com uma botucuda que com os seus dois filhinhos no collo estava acocorada ao pé de uma marmita, sobre um fogo. Immediatamente foi ella immolada pelos crueis heróes, alcançada por uma bala. Aproximando-se a ella, já com os olhos velados pela morte, indicou ella a marmita que continha a carne de um macaco, deixando tristes entender que dessem de comer as criancinhas. Sómente então alguns sentimentos humanos pareciam accordar nos peitos destes heróes e deixaram as criancinhas viver, um beneficio que estou inclinado a attribuir mais ao egoismo porque, ha uma lei que assegura ao vencedor o direito por 10 annos sobre cada indio que prender em guerra,

Por mais satisfactorio que seja para o philantropo, o pensamento de civilizar os selvagens que ainda existem, forçoso é convir que, a sua realização está muito distante. Um motivo poderoso se acha no modo pelo qual os portuguezes procedem para com os indios, cuja desconfiança nunca cessará e, será egualmente difficil para os portuguezes de acustumarem-se a enxergar no indio um similhante seu e não uma especie de animal. Ha porêm mais um motivo. E' um caracteristico notavel dos indios de mostrarem a maxima indifferença por tudo, mesmo por objectos que lhes são inteiramente novos. Este traço costuma ser raro entre selvagens em geral mas, o indio brazileiro nada admira e parece não conhecer a alegria nem a dor. Podia mostrar aos

Coroádos o que quizesse, permaneciam sempre impassiveis nas suas redes e, infelizmente, é esta immobilidade dos sentimentos que constituem um dos maiores obstaculos para a civilização. Um povo, tão pouco inclinado a transformar-se, não dá esperanças de ser ganho pela cultura.

E' uma asserção erronea que o Brrzil tivesse sido mais populoso antes da vinda dos portuguezes. Si assim fosse, os indigenas devem ter sido expulssos de uma grande parte do seu territorio para os districtos cobertos de florestas onde hoje vivem e deviam ser mais numerosos. Mas, segundo observações fidedignas, não se pode contar mais de 150 individuos por legua quadrada e não conheço alias um paiz com tal população e cujos habitantes estivessem em tal inferioridade cultural como os selvagens no Brazil. Quando um paiz é bem povoado, tem elle sempre uma civilização superior porque, são as necessidades que obrigam os homens a inventar mas, onde aquellas faltam, não se pode esperar de encontrar esta.

Divertimento Admiravel

PARA OS HISTORIADORES OBSERVAREM AS MACHINAS DO MUNDO RECONHECIDAS NOS SERTÕES DA NAVEGAÇÃO DAS MINAS DE CUYABÁ E MATTO GROSSO

Extrahido pela curiosidade incansavel de um sertanista paulistense, que os calculou successivos nuns poucos de annos.

Offerecido ao Ill.mo e Ex.mo Senhor Martinho de Mello e Castro, do Conselho de Sua Magestade e Secretario de Estado da Repartição da Marinha e Dominios Ultramarinos, por

MANOEL CARDOSO DE ABREU (1)

Anno de 1783.

ILL.mo E EX.mo SR.

Ainda que a mordacidade dos Zoilos e antigo costume de Aristarcos me deviam desanimar e fazer suspender o presente impulso, comtudo razão mais prudente excita a minha resolução.

Elles, sim, julgarão que as dedicatorias que se fazem aos Mecenas não são mais do que uns estimulos que os persuadem a favorecer e amparar a aquelles que as mesmas dedicatorias lhes offerecem; porem é porque não advertem ou não entendem que umas vezes são precisas satisfacções do muito que devem e outras vezes são precisos empenhos com que o affecto quer fazer publicas as suas venerações.

Quando nenhuma destas circumstancias e qualidades me movesse e os vencesse, a mesma razão, que elles condemnam, me absolvia da sua errada accusação, porque quem, como eu, ignorando a geographia e por consequencia os seus termos, teve

1 Sobre este personagem e sua familia, vide NOTA no fim deste *Divertimento Admiravel*, cuja publicação é devida á obsequiosidade do socio dr. Eduardo Prado, que trouxe de Lisboa e offereceu ao Instituto uma copia do original.

(*N. da R.*)

animosidade de escrever os treze capitulos do *Divertimento*, que offereço a V. Exc.ª, necessariamente devêra procurar protecção respeitosa, pois conheço que a deducção do meu papel não se compadece com os preceitos de Monsieur de Fer e Monsieur Touvin de Rochefort.

Eu bem quizera, na certa noticia que exponho dos sertões das minas de Cuyabá e Matto Grosso, não faltar a aquelles preceitos que a rhetorica, verdadeira arte de persuadir, ensina; porem seria necessario para bem satisfazer a essas regras assistir-me o Altissimo com aquella especial graça communicada a Adão, aos Apostolos e outros escolhidos, visto que nem na freguezia de Araraytaguaba (1), de onde sou natural, nem nos sertões que pizei, que a minha obra refere, haviam escolas em que me pudesse instruir na sciencia e melhor lettra; por isso não attendendo V. Exc.ª ao Santo, mas sim ao quanto de meu compendio, lhe rogo o queira benignamente acceitar, porque não é de razão que onde faltam as forças da eloquencia se não justifique uma vontade.

As razões porque V. Exc.ª, por si mesmo e não por outra cousa, deve fazer acceitação do meu compendio, comparal-o, tambem não as sei dizer, por serem mais para comprehendidos do que para explicados; e nesta acção, qualquer que bem a souber desempenhar, faria não dedicatoria, mas um copioso volume das esclarecidas virtudes e illustres prerogativas que assistem a V. Exc.ª, felicidades e nestorios annos, conforme aos desejos daquelles que mais cordialmente amam e respeitam a V. Exc.ª, como com especialidade o faz

O seu mais affectuoso subdito,

MANOEL CARDOSO DE ABREU.

---

1 Hoje cidade de Porto-Feliz, sobre a margem esquerda do rio Tieté; foi freguezia até o anno de 1797 e pertencia ao municipio de Ytú. Nesse anno foi elevada á categoria de villa e á de cidade em 1858. Era o grande porto de embarque para Cuyabá.

(*N. da R.*)

AO LEITOR

Amigo leitor:—Sempre foi natural dos curiosos o desejo de communicarem uns com os outros as noticias do mundo, não só daquillo que alcançam dos livros, mas tambem do que experimentam nas variedades delle, e do que ouvem os mais noticiosos, que calculam as partes da sua grandeza; e por isso me pareceu propria a resolução de satisfazer o desejo destes curiosos com as noticias de um dilatado sertão, como é o da navegação das minas do Cuyabá e Matto Grosso, declarando todas as diversidades dos effeitos que nelle se encontraram, como são a producção das fructas, a criação das aves, animaes quadrupedes, os nomes dos rios da navegação, as nações dos gentios que habitam na sua extensão e, finalmente, tudo o mais que pode comprehender a curiosidade das suas noticias, ainda que pareça temeridade o intento dessa empresa, pois a ella só me conduz a ambição de divertir aos curiosos que appeteçam saber as mesmas noticias, e quando não seja esta obra bem acceita satisfaço-me em não continuar, que é o unico despique que me aconselha a lembrança.

CAPITULO I

DÁ-SE PRINCIPIO A ESTA OBRA MOSTRANDO O RIO DA PRIMEIRA NAVEGAÇÃO, SEU NOME E O PORTO ONDE SE EMBARCAM OS NAVEGANTES PARA AS MINAS DE CUYABÁ OU MATTO GROSSO.

1

Distante 22 leguas para o poente da muito nobre cidade de São Paulo se acha situada a denominada *freguezia de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araraytaguaba* (1), na qual se embarcam os navegantes para qualquer das minas, ou de Cuyabá ou de Matto Grosso, fazendo-o á sua direita pelo rio abaixo, a que deram o nome de *Anhembú* os primeiros descobridores e hoje transmutado para Tieté (2), de cujas aguas bebem os moradores da dita freguezia por ser a sua situação sobre o mesmo, e tem este rio o seu principio nas serras da costa do mar, entre as villas de S. Sebastião e de Santos, da mesma capitania (3), e passa distante da dita cidade uma legua (4) e ainda com a corrente das suas aguas passa tambem pela dita freguezia a fazer o seu termo no Rio Grande ou Paraná.

2

O tempo que gastam os negociantes em concluir a navegação do rio mencionado é incerto, porque se a fazem sahindo do

---

1 A freguezia foi começada em 1721, por Antonio Pimentel e Antonio Sardinha, tendo a primeira capella a invocação de *Nossa Senhora da Penha*; esta não existe mais e a egreja matriz, que é grande e bella, é que tem a invocação de *Nossa Senhora Mãe dos Homens*. A freguezia estava edificada sobre um paredão alto, vertical e a cavalleiro sobre o rio; este paredão, sendo sallitroso, attrahia muitos animaes e passaros, principalmente araras, e dahi vem o nome *Arara-ita-guaba*, arara cobre pedra, que foi dado ao paredão e depois á freguezia.

2 O nome *Anhembú* ou *Anhemby* foi dado pelos indios antes do descobrimento.

3 *Capitania de S. Paulo*, á que nenhuma referencia ainda foi feita neste escripto.

4 Estava distante 3 kilometros no começo, mas hoje o rio corta a cidade em duas partes, ficando a parte maior e mais antiga na margem esquerda e o bairro de Santa Anna na margem direita.

(N. da R.)

porto daquella freguezia em os mezes de Março, Abril e Maio, verdadeiro tempo de semelhante viagem, o passam em 20 dias, mais ou menos, não havendo o inconveniente de se emborcar alguma canôa nas perigosas e horrendas cachoeiras que tem em toda a sua extensão (1), e se acaso succede darem principio á viagem nos mezes subsequentes aos referidos gastam mais tempo pela razão de ter então o dito rio muito poucas aguas para a mesma navegação.

CAPITULO II

DAS COUSAS NOTAVEIS QUE SE ENCONTRAM NA EXTENSÃO DO RIO TIETÉ, COMO SÃO A DIVERSIDADE DE ANIMAES, AVES, PEIXES, FRUCTAS E DOS RIOS QUE FAZEM BARRA NELLE, QUE TODOS SE DECLARAM POR SEUS NOMES, CACHOEIRAS E SALTOS QUE TEM O MESMO RIO, E DE COMO A DITA FREGUEZIA É PORTO DE EMBARQUE PARA A PRAÇA DE YGUATEMY.

1

No anno de 1766 para o de 1767 mandou o Exmo D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, que então era general da da capitania de São Paulo (2), uma expedicção de tresentos e tantos homens ao rio Yguatemy estabelecer um presidio (3), o qual sendo estabelecido e fortificado com artilharia, tropas regulares e algumas companhias de aventureiros, se conservou nesta figura desde aquelle anno até o dia 26 de Outubro de 1777 porque neste mesmo dia foi tomado pelos castelhanos, associados com o gentio cavalleiro, denominado *guaycurú*.

2

O embarque desta expedição se fez na referida freguezia de Araraytaguaba, como tambem della se extrahiam todos os soccorros para o mesmo presidio emquante teve a sua duracção

---

1 Em Março, Abril e Maio havia mais agua no rio, porêm havia tambem terriveis epidemias de maleitas, de modo que os sertanejos preferiam viajar de Junho a Setembro; gastavam mais dias, porem evitavam as perigosas febres palustres.

2 Capitão general de S. Paulo de 1765 a 1775 e o mais habil de todos quantos cá vieram governar a capitania.

3 Nos volumes V a X do *Archivo do Estado de S. Paulo* vem a historia da fundação desta desgraçada colonia de paulistas em territorio de Matto Grosso: porêm a sua tomada pelos hespanhóes teve logar a 27 de Outubro, como se vê da data da capitulação. Vide vol. IX, pag. 162 e 163, do mesmo *Archivo*.

(*N. da R.*)

(1), seguindo o curso pelo mesmo rio Tieté e outros, á maneira dos navegantes e commerciantes de que tracta a presente narração, pois deixo o mais deste ponto em silencio para em seu logar referir.

3

É o rio Tieté bastantemente dilatado, composto de mattas frondosas, de muitas capoeiras, saltos e juntamente de ilhas. E' muito fertil de caça, pois tem com abundancia antas, veados e onças pintadas; tem macacos de quatro qualidades, e uns têm o nome de *bugios*, de côr avermelhada, outros de *micos*, com a côr tocada a preto, outros de *saís*, com a propriedade destes e sómente differentes no tamanho, para mais pequenos, e outros, finalmente, denominados *monos*, muito maiores do que os outros e de côr branca.

4

Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades. As *araras*, umas são vermelhas, com pennas azues nas azas e rabo, e se chamam *araras-pirangas*, e outras, de côr amarella, com azas e rabo semelhantes áquellas, se chamam *canindés*.—Os *papagaios* são *juruguas*, *maitacas*, *araguais*, *maracanãs*, *nhendaias*, *jirivas* e *sabiacy*, os quaes se matam e se apanham facilmente nos barreiros quando estão a comer barrro.—Os *jacús* são de duas qualidades; a uns se chamam *jacútingas* e a outros *jacúcacas*. Os jacutingas são do tamanho de uma gallinha e pintados de preto e branco e os outros são mais pequenos, de côr parda, e têm um papo vermelho, á maneira do perú.—O *macuco* é ave terrestre, de côr cinzenta, sem rabo, com o tamanho e feitio da gallinha.—O *inhambuaçú* é proprio a estes, porem mais pequeno no tamanho.—Os *patos* são em tudo semelhantes aos domesticos.—Os *biguás* são mais pequenos e differentes no bico, por ser ponti-agudo.—Os *juyuyus* são uns passaros brancos e quasi do tamanho de um homem, cuja carne se não come; a pelle do pescoço serve de meia para a perna de qualquer homem, o bico tem mais de um palmo de comprido e tão forte que, com uma bicada, vara uma taboa de grossura ordinaria.—O *jabuyuyá* é quasi do tamanho deste e semelhante na côr, com a differença

---

1 O soccorro ia de todas as povoações da capitania: o embarque é que era feito no porto de Araraytaguaba. Vide vols. V a VIII do *Archivo*.

(*N. da R.*)

de serem as pontas das azas e o rabo compostos de pennas pretas, pernas e olhos encarnados e o bico mais preto.—O *guarapitepoca* é semelhante a estes, menos nas pernas, que são pretas, e no bico que é arcado.—Os *guaratayacus* são as vezes cinzentos, do tamanho de uma franga, e se sustentam só com peixes, e da mesma sorte as *garças*.—Os *socós-guassús* são de duas qualidades: uns são vermelhos e outros cinzentos do tamanho de uma franga.—Ha uns passaros pretos, pouco maiores do que estes, que são presagio dos mosquitos, os quaees se chamam *carão*, e é de admirar que nos pontos em que cantam estas aves ninguem dorme com os mosquitos.—Os *colhereiros* são passaros de côr de rosa, muito esquivos e por isso custosos de se matarem; o seu tamanho é o de uma franga, com o bico á maneira de palmatoria. — Os *araguarys* são do tamanho destes, com a côr parda, e serve a sua carne para dar a comer aos doentes purgados.—Os *mutuns* são do tamanho da gallinha, porém muito bonitos, porque, além das pintas de que são esmaltadas as suas pennas, têm um ramalhete na cabeça, de cujas pennas se fazem plumas, e os machos são todos pretos.—As *pombas*, umas se chamam *trocazes*, outras *picaçurovas* e outras *pairaris*.—O *Guaraponga* é uma ave branca, do tamanho de uma pomba.—Os *tucanos* são de duas qualidades: uns tem o papo e o bico amarellos e outros têm o esbranquiçado, o bico amarello e a ponta preta, a que dão o nome de *tucanuçus*, cujos tamanhos não excedem aos das trocazes.—Os *araçaris* são proprios a estes, com a differença de serem mais pequenos.—Os *gaviões*, além de muitos, são tambem de diversas qualidades, pois uns se chamam *japocanis*, que são quasi do tamanho de uma gallinha grande, com a côr preta, e raias brancas; outros têm o nome de *taguatos*, mais pequenos do que aquelles, com os peitos brancos e as costas pretas; outros se chamam *teum-teum*, que são pequenos, porem tão violentos que lhes não escapa qualquer passaro dos mais velozes no vôo. —Tambem tem o mesmo rio umas aves chamadas *anhumas*, de muita estimação, pois têm um unicornio de um gemio de comprido, que é de grande virtude para contra-veneno. Alem deste unicornio na cabeça, têm mais dois nos encontros das azas. Estes passaros são quasi do tamanho de um perú, com a côr preta; a sua criação e assistencia é nos lagos e por isso é muito difficil de os apanhar.

5

Tem este rio em toda a sua extensão muitas *antas*, *veados* e *onças*, como já disse, e tambem tem muitos *porcos do matto* e

bastantes *capivaras*, que são uns animaes do feitio dos porcos, com a differença do focinho e pés, as quaes se criam pelas beiradas dos rios. Estando gordas não é má de comer a sua carne.

6

Tambem tem com muita abundancia o mesmo rio umas cobras *sucuris*, que não fazem mal com os dentes por não terem veneno, porem horrorisam e fazem estremecer os corações mais valorosos pela sua grandeza, pois no commum têm o comprimento de duas braças de homem e com a grossura correspondente. Vivem estas cobras astuciosamente, apanhando animaes e aves para a sua sustentação; é de admirar a forma com que o fazem e, por me parecer digna de contemplação, apontarei a idéa da sua caçada:

Põem-se ellas nas beiradas dos rios, onde se criam e assistem, e alli esperam no caminho das caças as que vem beber agua; tendo a cabeça encostada em algum páo ou raiz, dam com o rabo um laço no animal que por alli passa e o cingem de tal sorte que em breves instantes o fazem exhalar, quebrando-lhe todos os ossos, e assim inteiro o engolem, e da mesma sorte o tem feito a algumas creaturas humanas quando transitam por aquelles sertões.

No anno de 1767, vindo eu de Cuyabá, matei uma cobra destas, que tinha 18 palmos de comprido e 3 de grossura e, por vel-a com a barriga muito crescida, a abri e achei dentro della um veado inteiro que naquelle dia tinha engolido; e no anno de 1768, indo eu para as ditas minas, presenciei matar outra na entrada da cachoeira *Guacuritu-mirim*, que tinha 23 palmos de comprido e 5 de grosso, que na verdade faz duvidar esta grandeza aos que não têm noticia ou verdadeiro conhecimento das ditas cobras, porem acredite o curioso que é verdade e sem exaggeração alguma (1). Os sertanistas comem a carne destas cobras e eu já a comi uma vez.

---

1 Hoje mesmo, que os sertões do Tieté, Mogy e Rio Pardo estão quasi povoados e são muito explorados por cacadores, ainda se encontram sucurys de maiores dimensões—de 6 a 11 metros de comprimento; porem não consta que caçador algum ou habitante humano daquelles sertões tenha sido victima desses reptis.

(*N. da R.*)

7

Produzem as margens deste rio muitas fructas silvestres, de que se utilisam os navegantes; tem duas qualidades de *marmelos*, que são fructas redondas á semelhança da laranja, com a carne de dentro preta, porem no gosto quasi imita o doce marmelo; tem a *jaboticaba*, fructa muito singular no gosto e de saudavel remedio as suas cascas para hemorrhoidas, desfeitas em ajudas; tem a *uracrupari*, que é menos má, gostosa; o *nhandipapo*, que é quasi do tamanho e feitio do limão doce. O *pacapeuva* é fructa redonda e mais pequena do que a jaboticaba; o *sipotuá* é uma fructa vermelha, e redonda, quasi do tamanho da laranja; os *itahys* são umas fructas compridas á maneira de vagens de feijão, com a casca dura que é preciso quebrar-se para comer, e sustentam muito quando misturados com mel de abelha, de que é tambem abundantissimo.

8

Tem muitos *palmitos*, de que se sustentam os sertanistas e de varias qualidades, como são a *guarirova*, *jarivá*, *guacuri* e *palmito molle*; todos elles dam cacho á maneira de banana de S. Thomé e, quebrada a casca, se come a castanha de dentro que imita no gosto ao côco da Bahia.

9

Os rios que fazem barra neste de que se trata são dignos de noticia e por isso os declaro por seus nomes e com algumas circumstancias dos seus effeitos.

O primeiro que se encontra no começo da navegação é o *Capivary* (1), pelo qual se fazem as canoas que compram os commerciantes das ditas minas, cujo rio é pequeno por ter perto as vertentes, procurando ao norte, e é distante do porto da referida freguezia dia e meio de viagem (2), ao lado direito do Tieté.

Abaixo deste, quasi duas leguas, do lado esquerdo, está o rio *Sorocaba*, cujas vertentes tambem manam das serras da cos-

---

1 Nasce entre Jundiahy e Campinas, rega a villa de Monte-Mór e a cidade de Capivary e desagua na margem direita do Tietè. As terras das suas margens são fertilissimas e criam grandes arvores proprias para canoas, principalmente *perobas* e *jaquitibás*. O rio é correntoso e só admitte navegação para pequenas canôas em metade do seu curso.

2 Isto é, do porto de Araraytaguaba á barra do Capivary a distancia é de cerca de 9 leguas e só com o rio bastante cheio, é que se poderia viajal-a em dia e meio.

(*N. da R.*)

ta do mar, nas alturas da villa de Iguape ou Cananéa (1), e passa pela villa de Sorocaba, donde teve este nome, e tem a largura mais ou menos de 8 braças.

Abaixo deste tres dias de viagem, ao lado direito, está o rio *Piracicaba*, que ha de ter, mais ou menos, 12 braças de largo, com as suas vertentes a rumo do norte para a estrada dos Goyazes (2), e subindo-se por elle acima 7 ou 8 dias de viagem se vae ter a uma povoação denominada *Piracicaba*, que mandou estabelecer o mesmo Exmo. Sr. D. Luiz Antonio (3), para della se extrahirem alguns soccorros de viveres para a praça de Iguatemy.

Abaixo deste rio 5 dias de viagem, ao mesmo lado, está o *Jacaré-pépira* e terá de largura 4 braças, e abaixo deste, em pouca distancia, está outro do mesmo nome (4) e outro tanto mais largo, ambos com as suas vertentes ao mesmo rumo de Piracicaba; e contam os meus antepassados que num destes rios ha grandes haveres de ouro descoberto por um sertanista, porêm nunca puderam topar com o logar deste thesouro os que o foram procurar, em razão de haverem fallecido os praticos daquelle tempo e não haver mappa; mas eu creio que nunca conseguiram esta deligencia por não calcularem a extremidade do mesmo rio, receiosos de encontrarem com os habitadores de um formidavel quilombo que naquellas alturas se acha, de negros fugidos e homens criminosos de Minas Geraes e tambem da capitania de S. Paulo, como confessaram dois negros que do mesmo quilombo se apanharam nos campos de Araraquara, em uma occasião em que por elles andava uma bandeira de mandado do sobredito Exmo. D. Luiz Antonio a descobrir o caminho de terra para o referido presidio de Iguatemy (5).

10

As cachoeiras notaveis do rio Tieté são as seguintes: *Acanguerauçú*, *Acanguera-mirim*, *Jurumirim*, *Avarémanduava*, *Xiririca*, *Sabaúna*, *Itagaçava*, *Pirapora*, *Boyuiguara*, *Pilões*, *Garcia*,

---

1 Na serra do Paranapiacaba: contraverte com os affluentes da Ribeira de Iguape.

2 O rio Piracicaba é formado pelos rios Atibaia e Jaguary, que cortavam a estrada de Goyaz.

3 Creada a freguezia por D. Luiz Antonio em 1770, elevada á villa em 1823 e á cidade em 1856. E' hoje uma das mais bellas e mais prosperas cidades do Estado de S. Paulo.

4 O outro rio é o *Jacaré grande* ou *guassú*, que nasce na serra dos *Barbosas*, entre Rio Claro e S. Carlos do Pinhal, e vai desaguar na margem direita do Tieté, abaixo da barra do *Jacarepépira*; é pouco navegado por ser muito malejtoso

5 Esta narrativa da existencia de um quilombo nas regiões regadas pelo rio Jacaré tem muito de lendaria. Um quilombo, grande, mas não tanto como aqui se diz, existiu realmente no valle do Tieté; só mais tarde é que o seu local foi descoberto e os quilombolas foram batidos pelo capitão André Dias de Almeida, que os prendeu ou dispersou.

(*N. da R.*)

Mathias Peres, *Itapema*, *Pederneiras*, *Páo-Cavallo*, *Banharão*, *Potunduva* (nesta cachoeira, estando eu de pouso no mez de Abril de 1767, vindo de Cuyabá, tive o combate de uma onça pintada, que chegou a vir-me á cama onde estava dormindo, que milagrosamente escapei, de sorte que toda a noite se fez vigia até amanhecer, em cuja manhã a matei), *Baurú*, *Baririmirim*, *Baririguaçú*, *Saputuva*, *Congonhas*, *Guaimicanga*, *Uambahy*, *Escaramuça*, *Tambapiririca*, *Cambayuvoca*, *Avanhavamirim*, *Avanhandavuçú* (esta cachoeira é um salto medonho, que ha de ter perto de 40 palmos de altura, e para passal-o levam as canoas e cargas por terra a pôl-as da parte de baixo), *Escaramuça do Gato*, *Utupanema*, *Matto Secco*, *Ondas Grandes*, *Ondas Pequenas*, *Funil Grande*, *Funil Pequeno*, *Guacurituvuçú*, *Utupeva*, *Araracanguavamirim* *Araracanguavuçú*, *Guacuritumirim*, *Utupirú*, *Tres Irmãos*, *Itapuramirim* e *Itapura*. Esta cachoeira é salto á maneira do outro e no meu conceito mais ingreme. Deste salto ao Rio Grande é quasi meio dia de viagem, onde faz termo o rio Tieté.

11

Os peixes que ha neste rio, além da abundancia, são especialissimos, porque de todas as formas que sejam beneficiados não tem variedade o sabor, pois são notaveis os *dourados*, *saupes*, *piraguajuras*, *pacuy*, *pacús*, *suruvy*, *piraguaxiara* e *jahús*, de que se utilisam os moradores da freguezia, indo ao sertão seis ou sete dias de viagem para os pescar, salgar 100 arrobas e vender ao povo.

Estes suruvys e jahús são de tal grandeza que alguns, depois de tirados a cabeça e os ossos e seccos ao sol, pesam a sua carne duas arrobas de peso. Além dos referidos peixes ha outras qualidades de que não fazem caso por não darem as conveniencias daquelles e são muito excellentes de comer, cujos nomes são: *bagres*, *piavas*, *pacupevas*, *piracururús*, *ximburés*, *jurupoca* e *jurupenden*. Advirto ao curioso que todo o referido, que se encontra na extensão deste rio, assim de peixes, aves, fructos e caças, é com abundancia consideravel. O dito rio ha de ter de largo na estimativa mais de 20 braças (1).

---

1 Ou houve erro de copia ou o narrador se refere ao rio Tieté na distancia em que se fazem estas pescarias para negocio, porque só nesse espaço é que o rio terá 20 braças de largura; vai depois alargando sempre e da barra de Piracicaba para baixo tem ordinariamente de 100 a 200 metros de de largura.

(*N. da R.*)

CAPITULO III

DA NAVEGAÇÃO DO RIO GRANDE E SUAS CIRCUMSTANCIAS

Entrados os navegantes no Rio Grande (onde se finalisa o rio Tieté), proseguem á sua direita seguindo as correntes das suas aguas no rumo do sul (1), até o rio Pardo, que faz barra nelle. As particularidades deste rio são as mesmas do Tieté pelo que respeita ás caças, fructos e peixes, com a differença sómente de haver nas suas margens muitos cervos, animaes bem conhecidos, e é mais suave a sua navegação por não ter cachoeiras senão uma chamada *Jupiá*. Tem em si muitas ilhas e de largura na estimativa quasi de meia legua, e por isso é arriscada a navegação em occasião de ventos, porque se estes apanham os navegantes em marcha mettem as canôas ao fundo com as ondas que assemelham as do mar, de cujos acontecimentos se acautelam os mesmos navegantes falhando naquellas paragens que servem de abrigo aos ditos ventos. No mez de Março de 1768, vindo eu do Cuyabá, tive uma tormenta de vento neste rio, que durou tres dias, que me vi perdido e salvei-me por misericordia divina.

2

Os rios que fazem barra neste Rio Grande são os seguintes: quasi defronte do rio Tieté, ao lado direito, faz barra o *Guacury*, bastante grande, cujas vertentes ignoram-se, porém julga-se que são para a estrada de Goyazes, ao rumo do Tieté (2). Abaixo deste um dia de viagem, ao lado esquerdo, faz barra o *Aguapey*, de pouca largura, cujas vertentes manam das alturas da estrada de Viamão (3), a rumo de leste. Abaixo deste quasi um dia de viagem, ao lado direito, faz barra o *Rio Verde* cujo tamanho é quasi o mesmo que o do *Aguapey*, vindo o seu rumo de norte. Abaixo deste meio dia de viagem, do mesmo lado e rumo, faz barra o de nome *Orelha de Onça* e tem pouca largura. Abaixo deste outro meio dia de jornada está a barra do Rio Pardo, que terá de largura mais ou menos 10 braças.

---

1 Deve-se aqui entender que os viajantes navegavam o rio Paraná quasi encostado á sua margem direita, porque só assim ficarão intelligiveis as expressões *á sua direita* e no *rumo do sul*.

2 Vem da Serra dos Cayapós e contraverte com as nascentes do Araguaya.

3 A antiga estrada de Viamão a S. Paulo deitava um ramal para Yguatemy, o narrador não conhecia essa estrada sinão vagamente e por isso dá o rio Aguapehy como vindo do lado della, quando este rio corre de nascente a poente, quasi pararellelamente ao Tieté.

(*N. da R.*)

CAPITULO IV

DA NAVEGAÇÃO DO RIO PARDO E SUAS CIRCUMSTANCIAS

1

Deixando os navegantes o Rio Grande (1), proseguem á direita pelo *Rio Pardo* acima, contra as suas correntes, pelo rumo do norte, até os confins das suas vertentes, em cujo curso é commum gastarem-se dois mezes, mais ou menos, pelas innumeraveis e perigosas cachoeiras que tem em toda sua extensão, por entre as quaes se encanam as chrystallinas aguas deste rio e na verdade saborosas e saudaveis pela virtude da salsa que criam as suas beiradas.

2

E' este rio, da barra que faz no Rio Grande até o primeiro salto de *Cayurú*. composto de mattos, com a mesma fartura dos dois antecedentes, menos na abundancia dos fructos, que não tem tantos, remediando a falta delles a abundancia de mel de abelha, de que é mais abundante.

3

Do referido salto para cima se compõe o rio de campos deleitosos, nos quaes, das mesmas canoas em que se vae navegando, se estão divertindo os olhos em ver os animaes que pastam nelles, como são *veados brancos*, *cervos*, *lobos*, *tamanduás-guassús*, e da mesma fórma *perdizes*, *codornizes*, *curicaca*, que é uma ave cinzenta e do mesmo tamanho da perdiz, *quero-quero*, que é mais pequeno, *emas e seriemas*, tudo com profusão consideravel, convidando esta grandeza aos sujeitos a sahirem das canoas e fazerem caçadas nelles, ao mesmo tempo que impede a maior frequentação desta diligencia o temor do gentio *cayapó*, que, tendo perto o seu alojamento, não cessa de andar pelos ditos campos a deligenciar as pessoas divertidas na caçada para matar

---

1 *Rio Grande* aqui quer dizer *Paraná*, que é formado pela juncção do verdadeiro Rio Grande, que vem dividindo Minas Geraes e S. Paulo, com o Parnahyba, que serve de limite entre Minas Geraes e Goyaz. A porção do Paraná, entre as barras dos rios Pardo e Tieté, navegada pelos paulistas em viagem para Cuyabá, era de menos de 20 leguas.

(*N. da R.*)

á traição, como tem acontecido (1), e por isso os que vão a esta caçada andam com todo o cuidado para se escaparem da tyrannia destes barbaros, que entre os mais gentios são os mais crueis, indomitos e traidores.

4

Finalmente, conclue-se a navegação deste rio na paragem chamada *Sanguixuga*, cujo logar tem as mesmas particularidades referidas.

5

As cachoeiras notaveis deste rio são: *Capoeiras*, *Cayurumirim*, *Cayurú-guassú* (esta cochoeira é um salto que ha de ter mais ou menos a altura de 30 palmos e por isso se passam as canoas e cargas por terra a pôr-se da parte de cima, de cujo logar seguem-se), *Acirga do Matto*, *Banquinho*, que tambem é salto pequeno, *Acirga Comprida*, *Embirussú*, *Tijuco*, que tambem é salto pequeno, *Jupiá*, *Nhanduy-mirim*, *Taquaral*, que tambem é salto pequeno, *Tres Irmãos*, *Tamanduá*, tambem salto pequeno, *Cachoeira do Valle*, *Curáo* (este é um salto mais ingreme e medonho de todos os mais que se encontram no curso desta navegação, pois é tal a sua altura que impede a subirem os peixes, do que succede não haver mais dalli para cima, e se passam as canôas e cargas na fórma da primeira, de cujo logar seguem-se), *Acirga de Campo*, *Cachoeira de Manoel Rodrigues*, *Jucuruy*, duas mais sem nomes, *Lage Pequena*, *Lage Grande*, que são pequenas, *Embirussú-mirim*, *Embirussú-guassú*, *Paredão*, *Formigueiro*, *Pedra de Amolar*, *Vermelho*, *Taquarapaya*, *Banco Grande*, que é salto pequeno, e finalmente *Banco Pequeno*, e deixo silenciadas as cachoeiras mais pequenas por não augmentar a escripta e não aborrecer o curioso.

6

Os rios que fazem barra neste de que se tracta são os seguintes: *Nhanduy-guassú* ao lado esquerdo (2), com a cabeceira

---

1 Os *cayapós* dominavam todo o planalto de Matto Grosso e faziam suas correrias em toda a região d visora das aguas dos rios Xingú, Araguaya, Paraná e Paraguay. Os viajantes de Minas Geraes e de Goyaz para Cuyabá eram os que mais soffriam com elles. O sertanejo paulista coronel Antonio Pires foi contractado para os combater e, pondo-se á frente dos *bororós*, que amansou e armou a sua custa, fez nos cayapós temerosos estragos; porém, offendido por elles com uma flecha envenenada, veiu a morrer do ferimento. V de Annexo I do vol. XIII do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

2 Lado esquerdo subindo o rio, porquanto o Nhanduy desagua na margem direita do Rio Pardo, de que é o maior affluente, vindo da Serra do Maracajú.

(*N. da R.*)

a rumo do poente e terá de largura mais ou menos 6 braças. Acima deste e do salto do Tijuco, ao mesmo lado, está o *Nhanduymirim*, quasi da mesma largura. Acima deste e do salto do Curáo 4 ou 5 dias de viagem, ao mesmo lado e rumo, está o *Sucury*, que poderá ter duas braças de largura.

7

Concluido a navegação deste Rio Pardo no logar citado no § 4, se dá principio a passar as canôas por terra e cargas para a fazenda *Camapoan*, que se estabeleceu naquelle logar em beneficio dos viajantes, na qual se reformam estes de viveres para proseguirem avante, pois da dita fazenda ás minas do Cuyabá se gasta outro tanto tempo quanto até ella se põe.

8

A forma com que se transportam as carregações do logar Sanguixuga para a dita fazenda (1) é a seguinte:

As canôas são conduzidas em carros muito grandes, de 4 rodas, puxados por 6, 8 juntas de bois. As cargas pesadas vão em outros de duas rodas e as mais medianas vão ás costas dos negros, que puxam as mesmas canôas, sahindo daquelle logar para a fazenda á meia noite, acompanhados de outras pessaos que vão alugadas para o serviço da viagem, com armas de fogo para a guarda e defesa dos mesmos negros, os quaes não indo com esta precaução é infallivel o serem feridos do mesmo cayapó, que não cessa as suas traições em similhantes logares.

9

Nos fins de Fevereiro do anno de 1768, vindo eu do Cuyabá e estando de pouso no dito logar Sanguixuga, fui acommettido do dito gentio que, por me topar vigilante, não me fez nenhum estrago e aos meus camaradas. A distancia deste logar á referida fazenda é de duas leguas e meia, de caminho terral, por entre campos e mattos cerrados, cujos campos têm suas fructas, *cajús*, *mangavas* e algumas *guavirovas*, como tambem *ariticuns*.

---

1 O arraial do Camapuan estava sobre um affluente do rio Coxim, que desagua no Taquary, affluente do Paraguay. Adeante se descreve a povoação, que era um importante ponto de descanço e de refresco para os navegantes.

(*N. da R.*)

CAPITULO V

DA SITUAÇÃO DA FAZENDA DE CAMAPOAN E SUAS PARTICULARIDADES

1

Está esta fazenda situada em terreno aprazivel e ares muito saudaveis; os campos extensos e fartos das mesmas fructas—cajús, mangavas e guavirovas, e juntamente de caças e muitos criadores, pois produzem bem os animaes domesticos. As terras, fertilissimas, lhes dam em abundancia os mantimentos e legumes que nellas se plantam. A gente do serviço, que trabalha, está debaixo de sentinellas por causa do mesmo gentio cayapó, porque em qualquer descuido que os apanhe lhe faz grande estrago, como está acontecendo, e da mesma sorte se conserva a fazenda. Tem em si muitas casas, todas de telhas cobertas, e juntamente tem uma capella de Santo Antonio, na qual dizem missa os sacerdotes que casualmente por alli apparecem, e por isso está acontecendo baptizarem-se os nacionaes daquella estação com cinco, seis e mais annos de edade (1). Tem muita gente, pois julga-se entre escravos, grandes e pequenos, aggregados e brancos, chegue ao numero de 300 ou mais pessoas (2).

---

1 A maior parte dos clerigos, regulares e seculares, que iam para o Cuyabá ou de lá vinham para S. Paulo, não tinham provisão para missas, casamentos e baptisados e dahi vinha o facto de crescerem as creanças sem se baptizarem. Cerca de 40 annos depois desta narrativa, appareceu em Cuyabá um D. Vicente de Urioste, homem intelligente e educado, que vinha foragido da Bolivia, onde se havia mettido em revoluções. De Cuyabá resolveu D. Vicente a vir a S. Paulo; desceu os rios Cuyaba, S. Lourenço e Paraguay, subiu o Taquary, Coxim e Camapuan e chegou ao arraial deste nome, onde teve de demorar-se para fazer a baldeação e supprir-se de algum mantimento para o resto da viagem. Conservando-se incognito, mandou a sua gente pelo arraial a comprar o que houvesse; porêm esta naõa encontrou á venda, estando a povoação já muito decahida de sua antiga prosperidade e muito pobre. Desanimado de conseguir a necessaria provisão para a viagem, lembrou-se D. Vicente de fazer espalhar no arraial a noticia de que elle era padre. Foi milagroso o expediente, pois immediatamente começaram a chegar-lhe na barraca mantimentos de todas as qualidades, feijão, arroz, toucinho, carnes diversas, aves, ovos, etc.; mas tambem pedidos para que dissesse missa e fizesse casamentos, baptizados e confissões. Pagou elle toda a provisão de bocca que recebeu, mas respondeu áquella pobre gente que não tinha licença para officiar, como se lhe pedia, e que chegando a S. Paulo pediria ao bispo que mandasse um padre ao arraial, especialmente para esse fim, mas que estava prompto a fazer uma predica em beneficio de quem quizesse ouvil-a. Foi á capella, subiu ao pulpito, falou e, como era illustrado e eloquente, fez o auditorio derramar lagrimas. Despediu-se daquella boa gente e partiu, chegando com feliz viagem ao porto de Araraytaguaba, hoje Porto-Feliz, donde veiu a S. Paulo e obteve do bispo que um padre fosse a Camapuan prestar os serviços religiosos de que tanto precisavam os seus habitantes.

2 Nesse tempo a navegação entre S. Paulo e Cuyabá era relativamente activa e o Camapuan era mais ou menos propero; cessando a navegação extinguiu-se o arraial, que não tinha, e nem poderia ter, vida propria pelo local em que se achava.

(*N. da R.*)

CAPITULO VI

DA NAVEGAÇÃO DO RIO CAMAPOAN E SUAS CIRCUMSTANCIAS

1

Depois de postas as cargas na fazenda e canôas, se lançam estas no rio Camapoan, bastantemente pequeno e falto de aguas, e por isso muito trabalhosa a sua navegação, a qual obriga a repartir as cargas em duas partes para suavisar o trabalho; bem entendido que se as canôas levam em si 80 cargas de negocio, se deixam 40 na fazenda, levando as mais ao rio Coxim, onde se fazem ranchos de folhas de palmito e alli se deixam aquellas, com algumas pessoas de guarda, e tornam as canôas para a fazenda a conduzir o resto, gastando-se nesta deligencia 20 ou mais dias.

2

Este rio tem a sua vertente perto da dita fazenda, ao rumo de leste, e as suas correntes seguem ao poente. Por ser muito pequeno de aguas e entre mattos é despido de caça e peixe e sem outro devertimento.

CAPITULO VII

DA NAVEGAÇÃO DO RIO COXIM E SUAS PARTICULARIDADES

1

Depois de passarem com as segundas canôas o rio Camapoan, chegam os navegantes ao rio Coxim e dam principio á navegação por elle abaixo, o qual é bastante perigoso por ter muitos páus pelo meio das suas correntes, alem das cachoeiras temerosas em toda a sua extensão, nas quaes se têm perdido muitos cabedaes dos commerciantes.

2

A navegação deste rio não excede o tempo de 8 ou 10 dias, não havendo máu successo, findo os quaes se chega ao rio Taquary, onde faz os seus termos.

3

As particularidades que tem são as de serem as suas aguas crystallinas e salutiferas, com abundancia de caça e peixe, na

fórma dos primeiros, menos de fructos, que os não tem, e toda a sua extensão é cultivada do dito gentio cayapó (1). As suas margens são composta de mattos estreitos, porque logo em breves passos estão as campanhas, da mesma perfeição e fertilidade das do Rio Pardo.

4

Os rios que fazem barra neste de que se tracta são poucos e só a dous se divulgam por seus nomes, postos pelos primeiros descobridores, que são o *Ribeiro da Sillada*, em que está toda a força do alojamento do referido gentio cayapó e não tem maior grandeza do que o rio de Camapoan, com as vertentes para o rumo de norte; o outro tem o nome de *Jaurú* (2), maior do que este duas braças e com as vertentes ao mesmo rumo. Tem em si grandes haveres de ouro descoberto pelo famoso sertanista João Bicudo, que, não podendo melhor conhecer a grandeza que calculava o terreno por objecção do gentio e falta de força para o resistir, se retirou com vida por felicidade (3).

5

As cachoeiras deste rio Coxim são: *Mangavel, Pedra Branca, Solapada, Peralta, Furnas, Tres Irmãos, Alvaro, Robalo, Anhumas, Guaiamicanba, Canellas de André Alves, Jaurú, Avanhandavussú, Avanhandá-mirim, Jiquitaya* e a uma ultima *Cachoeira da Ilha*. Todas estas são grandes e perigosas, além das quaes ha outras mais pequenas, que ficam em silencio.

6

Tem este rio de largura mais ou menos 8 braças, com as vertentes ao sudoeste e o curso ao poente (4).

---

1 Deve-se entender que a região era frequentada pelos cayapós, gentios barbaros e guerreiros, que não cultivavam cousa alguma.

2 Este rio não tem importancia alguma e não deve ser confundido com o outro rio Jaurú, grande e importante, que contraverte com os nascentes do Tapajòz e Guaporé e vem desaguar na margem direita do rio Paraguay, pouco abaixo de Villa-Maria.

3 João Bicudo de Brito, sertanejo a quem se fazem sempre vagas referencias; pertencia á grande familia dos *Bicudos*, que mereceu um capitulo especial na *Nobiliarchia Paulistana*; entretanto, Pedro Taques nada diz sobre as suas viagens ao sertão de Matto Grosso. Esteve lá em 1744 por ordem de D. Luiz Mascarenhas, governador de S. Paulo, e visitou a Vaccaria, o Ivinheima e o Yguatemy.

4 O rio Coxim corre para noroeste e vem de sueste.

(N. da R.)

CAPITULO VIII

DA NAVEGAÇÃO DO RIO TAQUARY E SUAS PARTICULARIDADES

1

Deixando os navegantes o rio Coxim proseguem á sua direita pelo rio Taquary abaixo, seguindo as suas correntes o espaço de 6 dias de viagem, até chegarem a uma paragem chamada *Pouso Alegre.*

2

Neste sitio se incorporam todas as tropas para seguirem avante debaixo das ordens do cabo commandante, que entre os mesmos commerciantes é eleito um para governar a bôa disposição da jornada e por este principio evitarem qualquer invasão que possa haver do gentio *payaguá* (1), cujo gentio anda embarcado em canôas, e por falta de uma disposição nas tropas têm estas recebido grandes estragos do mesmo gentio.

3

E' o rio Taquary muito farto de caça e peixe e com muito excesso dos dois primeiros da navegação (2), mas não tem fructo algum. Toda a sua extensão é composta de mattos e campos, nos quaes tem os mesmos animaes do Rio Pardo. Tem muitas ilhas e praias de areia e por isso se fazem muito aprazíveis e divertidos as suas terras e campos, calculados pelo gentio cayapó.

4

Certificam os meus antepassados que nestes campos o gentio *pareci* (3), o qual é bastante manso, porque não consta que offendesse a alguem, e bem se prova que a maior parte dos gentios,

---

1 Os payaguás eram muito valentes na guerra, mas combatiam os paulistas nos rios Taquary e Paraguay. Em 1730 elles infligiram ao ouvidor Lanhas Peixoto uma medonha derrota, em que o ouvidor e toda a sua gente foram mortos e se perderam 60 arrobas de ouro dos quintos reaes. Em 1736 elles foram batidos, no sangrento combate do *Carandá*, por Pedro de Siqueira e o frade Nascentes Tigre, que morreram na acção. Elles eram um tanto civilizados e tinham noções da religião catholica. Vide Annexo F do vol. XIII do *Archivo do Estado de S. Paulo.* (*N. da R.*)

2 Isto é, os rios Camapuan e Coxim, os primeiros do rio Paraguay.

3 Falta aqui o verbo principal da oração, que é difficil de supprir porque os *parecises* podiam estar aldeados ahi, provisoriamente, por ordem do governo colonial, que não permittia que elles fossem captivados, mas residiam no alto de Matto Grosso, nas cabeceiras do Paraguay, Jaurú, Guaporé e Arinos, donde elles eram descidos para o trabalho das minas de ouro e resgatados pelo governo colonial, que os aldeava em Cuyabá e S. Paulo.

(*N. da R.*)

que os domesticos e baptisados por S. Paulo e Cuyabá, são desta nação (1).

5

O gentio cavalleiro, de nome *Guaycurú*, que tem o seu alojamento nas alturas de Yguatemy (2), tambem anda pelos campos deste rio, á montaria, e eu já os vi de longe quando vinha de Cuyabá em Novembro de 1773.

6

Este rio tem a sua vertente ao norte e as suas correntes seguem o rumo de poente (3) e é bastante largo, porem as suas aguas não são boas por terem muito areia. E' isento de cachoeiras, pois só tem duas, de nomes: Cachoeira do *Taquary* e *Cachoeira do Beliago* (4); a sua largura é mais ou menos de 60 braças.

7

Junto as tropas no Pouso Alegre, na fórma indicada, se armam em guerra tantas canoas quantas são sufficientes, as mais de negocio, em cujas canoas se embarcam as pessoas mais praticas e de valor conhecido, com armas de fogo, polvora e balas correspondentes, para algum encontro do dito gentio payaguá, e nesta ordem proseguem á direita, entrando desde logo nos pantanos, que são uns campos alagados das aguas do Taquary, por elles vão procurando ao poente o rio Paraguay, em cuja deligencia se gastam 15 e mais dias.

---

1 Este pensamento está mal redigido ou o manuscripto foi mal copiado em Lisbôa.

2 Os jesuitas hespanhóes, aproveitando-se da união de Portugal á Hespanha, em 1580—1640, foram de Buenos Aires e do Paraguay civilizar os indios dos territorios brasileiros do Goayará e Matto Grosso e fundaram nessas regiões muitas aldêas, villas e mesmo cidades, com importantes lavoura, industria e criação de animaes, de modo que os indios se habituaram a uma vida relativamente civilisada. Em 1628 - 1632, os paulistas, commandados por Antonio Raposo, cahiram sobre Goayrá e em tres annos, a ferro e fogo, reduziram tudo a um montão de ruinas, a um vasto deserto. Em 1648, o mesmo Antonio Raposo, de passagem para a Bolivia e Perú, fez o mesmo a todas as reducções jesuiticas do Matto Grosso, *Cruz de Botanos, Xeres, Itutin, Nossa Senhora da Fé*, etc., povoadas por indios *guaycurus, payaguás*, etc., que voltaram a vida selvagem. Os animaes domesticos ficaram amontados e propagaram nos campos e mattas, de tal modo que na serra do Maracajú havia uma região onde vagavam milhares de cabeças de gado vaccum e que por isso se chamou *Vaccaria*. Os indios *guaycurús* conservaram o habito de andar a cavallo, amansavam os cavallos selvagens e corriam os campos desde o Paraná até o Paraguay ; dahi o nome de *indios cavalleiros* que os paulistas depois lhes deram. Tinham tambem carneiros e aves de uso domestico. Os payaguás voltaram á sua vida fluvial e combatiam bem em canôas. Os *mbayos, caiôás* e *guaxis*, mais brutos, voltaram á vida primitiva.

3 O rio Taquary vem de nordeste e corre a sudoeste a desaguar no Paraguay.

4 Este nome, pouco vulgar entre os paulistas, talvez fosse tirado de Domingos Gomes Beliago, personagem de certa importancia nas minas do Cuyabá, em 1730, e que lá occupou cargos de confiança dos capitães generaes do tempo.

(*N. da R.*)

8

Em toda a extensão deste atravessadouro sempre se pisa em terras dos capões de mattas que têm em si aquelles pantanos; em cujos capões tambem habitam todos os animaes que ha no rio Taquary e se criam os passaros com a mesma grandeza, accrescendo algum excesso por haver muitas araras denominadas *ararunas*, que são maiores de que as outras e de côr quasi preta. Estas araras são muito bravas porque, quando os navegantes as querem matar, basta abanar um chapéo de cabeça para as fazer virem ao pé da gente sem temor.

9

Tambem se criam nestes pantanos umas aves chamadas *anhupocas*, do tamanho das mesmas que ha no rio Tieté, porém com outra differença, porque estas são muito bonitas e das mais formosas aves destes sertões. A sua côr é pintada de branco e preto, com as pernas e olhos encarnados, e tambem têm unicornios na cabeça e azas, mas sem a virtude das outras. Estas aves quando falam de dia é presagio de gente ou onça, pois só quando avistam uma destas cousas é que falam. Tambem cantam de noite um cantico triste e saudoso e só o fazem á meia noite, ás 2 horas e ás 4 da manhã, e tão certo pelo relogio que, na falta deste, suppre o cantico para mudarem as sentinellas que velam de noite contra o sobredito gentio payaguá.

10

Tambem ha nestes pantanaes o peixe *arraia*, bem conhecido, e com tal abundancia que é preciso andarem algumas pessoas nas canoas pequenas de montaria, por aquelles logares por onde hão de passar as canoas, a correr com estes peixes para não fazerem mal á gente que anda por dentro da agua a cirgar as ditas canoas pelos baixios, pois tem succedido ficarem algumas pessoas aleijadas do ferrão que estes peixes têm na extremidade do rabo.

CAPITULO IX

DA NAVEGAÇÃO DO RIO PARAGUAY E SUAS PARTICULARIDADES

1

Passando os navegantes os pantanos sahem ao rio Paraguay e por elle acima, contra as suas correntes, seguem á direita,

marchando as canoas umas atraz das outras debaixo do preceito do cabo commandante e da vigilancia dos fragueiros, que vão nas canoas de guerra, as quaes tomam a beira dos sangradouros (que sahem dos pantanaes a fazer barra no Paraguay) para impedirem as traições e ciladas que naquelles logares costumam fazer os mesmos gentios, onde tem a sua maior fortificação (1), e nesta fórma se passa o dito rio, em o qual se gastam dois dias de viagem a tomar o rio dos Porrudos.

2

E' o rio Paraguay bastantemente largo, pois tem na estimativa mais de 50 braças (2), com o defeito de serem as suas aguas pessimas por quentes e cheias de areia.

3

Tem a mesma fartura de caça e peixe que tem o Taquary, com a circumstancia, porém, de que tem uma qualidade de peixes (e com muita abundancia) chamados *tesouras*, que impedem o poder-se navegar no dito rio, porque tudo o que cahe nelle em breves instantes despedaçam, e faz admirar isto por ser peixe pequeno e redondo, que não excede em muito o tamanho da copa de um chapéo.

4

O nome deste rio é derivado do gentio payaguá, porque tem os seus alojamentos no mesmo rio, abaixo da navegação 8 ou 10 dias de viagem, e outros acceitam que o nome é devido da cidade de Paraguay por parte do qual passa o mesmo rio a incorporar-se com o Rio Grande ou Paraná, de que já se fez menção (3).

5

Tem as suas vertentes para o poente e o seu curso para o sul (4) e serve esse rio de navegação nos que vão ao Matto Grosso.

---

1 Os payaguás não tinham fortificação alguma em terra, mas fasiam-se fortes nesses sangrouros, onde se emboscavam para um ataque de surpresa aos navegantes paulistas. Vide *Chronicas do Cuyabá*, vol. IV.

2 Aqui deve haver erro de calculo ou de copia, pois se disse atraz que o rio Taquary, que é muito menor e mero affluente do Paraguay, tem 60 braças de largura.

3 Martius, *Glossaria*, define *Paraguá-hy*, rio dos papagaios, *fluvius psittacorum*; porem Montoya, *Lingua Guarani-Tupi*, define: *Pará*, variedade, *guay*, engalanar, adornar, e *hy*, rio, de modo que *Paraguay* quer dizer *rio de coroas* A primeira definição é a correcta.

4 O rio Paraguay não vem do poente, mas corre geralmente de norte a sul.

(*N. da R.*)

6

Tambem ha neste rio uns bugios pretos de nome *guarivas*, de cujos e de outros se fazem xaireis e capelladas para as sellas dos cavallos, e da mesma sorte ha muitos *jacarés*, que são bichos do feitio do lagarto, porêm muito grandes e assistem pelas praias; os seus dentes são contra o ar e por isso os sertanistas os matam para lhes tirar os dentes (1). Dam estes bichos uns taes urros que assemelham aos das onças.

CAPITULO X

DA NAVEGAÇÃO DOS PORRUDOS E SUAS PARTICULARIDADES

1

Depois de chegarem os navegantes á barra do rio dos Porrudos, largam a navegação do Paraguay, e subindo contra as suas correntes é commum gastarem nelle 6 dias de viagem até a barra do rio Cuyabá, praticando nesta marcha a mesma praxe do Paraguay pelo que respeita á conserva das canoas, pois este rio tambem frequenta o gentio payaguá.

2

E' este rio bastante largo, porem mais pequeno do que o antecedente, e tem em si a mesma abundancia de caça e peixe, sendo as suas aguas mais soffriveis no gosto e frias. Teve o nome dos Porrudos este rio porque acima do rio Cuyabá está o alojamento de um gentio que se chama Porrudos, donde provém a derivação do nome (2).

3

Tambem ha nas margens deste rio duas nações de indios denominados *Guayanás* e *Croayás* (3), porem mansos que não

---

1 Quer dizer, que o dente do jacaré é remedio contra certas doenças produzidas pelo ar, como *ramos de ar*, *estupor*, etc., e era trazido ao pescoço como reliquia.

2 Este rio figura em quasi todos os mappas modernos com o nome de *S. Lourenço*, e nas suas margens estavam varias tribus selvagens, como os *guatós*, *bororós* e *coroados*, segundo se vê em alguns mappas antigos e modernos.

3 As *Chronicas do Cuyabá*, vol IV, não mencionam estes nomes. Parece que o appellido de *guayaná*, neste caso, foi dado por imitação, porque os guayanás de S. Paulo eram pacificos e nunca se oppuzeram seriamente ao dominio portuguez. Os coroados podiam ter nomes diversos em diversas partes, porque o nome *coroado* não é *tupi* nem *tapuia*.

(*N. da R.*)

offendem a ninguem. Este rio tem as suas vertentes nas alturas de Goyaz e por ellas passam os que vão dessas minas para as de Cuyabá por terra (1).

CAPITULO XI

DA NAVEGAÇÃO DO RIO CUYABÁ E SUAS PARTICULARIDADES

1

Juntas as tropas na barra do rio Cuyabá, seguem por elle acima os navegantes, á sua direita, até o porto do desembarque das ditas minas, cuja derrota a concluem neste rio em 15 dias mais ou menos, estando elle secco; é toda a sua extensão farta de caça e peixe e de tudo o mais do antecedente e nelle se pratica o mesmo a respeito da vigilancia sobre o dito gentio payaguá, porque até alli exercitam as suas montarias.

2

Os rios que fazem barra neste são: o *Guaxú Grande* e o *Guaxú Pequeno*, ao lado direito, que manam dos pantanaes daquelles campos para a parte de léste; o *Carandá*, acima deste 4 ou 5 dias de viagem, tambem mana da mesma forma daquelles; os *Putes*, ao lado esquerdo, têm as suas vertentes para a parte do caminho que vae por terra de Cuyabá a Matto Grosso e cujo rumo procura ao poente.

3

Acima da barra dois dias de viagem se acha um bananal famoso, em o qual se enchem de bananas as canoas da monção, e é de admirar o conservar-se aquelle bananal alli desde o principio do descobrimento daquellas minas sem ter diminuição alguma; antes parece que tem mais augmentado sem embargo de se utilisarem delle em excesso os mesmos navegantes e todos os gentios que habitam aquellas paragens.

---

1 Havia uma estrada que partia de Cuyabá, passava pelo arraial de *Sant'Anna da Chapada*, cortava todas as cabeceiras do rio S. Lourenço, servia o arraial de Agua Branca, descia pelo valle do rio *Roncador*, atravessava o *Rio Grande*, do Araguaya, em um ponto onde havia duas barreiras—o *Registro de Matto Grosso* e o *Registro de Goyaz*, ganhava o valle de *Rio Claro*, atravessava este rio no arraial de Rio Claro e ia a Goyaz. Era um caminho perigoso pelos ataques dos cayapós, mas ainda assim bastante frequentado pelos mineiros e negociantes.

(*N. da R.*)

4

No tempo das aguas não podem os navegantes andar pela madre do rio, senão pelos campos e para esta deligencia se faz entrada no dito bananal, á mão direita, e seguindo a marcha pelos referidos campos se vae sahir no rio Carandá, de onde passando o rio Cuyabá para o lado esquerdo se faz o mesmo até sahir na paragem chamada *Sapé*, já perto da povoação.

5

Toda a extensão destes campos é cheia de arroz, e muito melhor do que o que se planta no povoado, por graúdo, e é tal a abundancia que por me parecer duvidoso acreditar-se o que eu quero dizer a este respeito não o faço.

6

Nos centros das margens deste rio ha muitos gentios *bororós* e parecis, e são aquelles gentios da mesma conducta destes, dos quaes se serviram os meus antecepassados para conquistarem as mais nações, differentes por serem insignes trilhadores e valorosos para com os mais gentios e humildes para nós (1).

7

Nestas conquistas, que fizeram os antigos paulistas com estes gentios, é que descobriram quasi todas as minas de que hoje se referem os thesouros e commercio, que se vão deteriorando na falta de descobrimentos memoraveis, como antigamente se fizeram; e é bem verdade que dando eu larga noticia destes sertões porque os tinha calculado, não posso dizer dos que estão incognitos, que ainda se não descobriram.

8

Nas conquistas que fizeram João Leme, Lourenço Leme e Antão Leme, todos irmãos e naturaes da villa de Ytú, descobri-

---

1 Os *bororós* atacavam tambem os proprios moradores da propria villa de Cuyabá, mas occultamente, de modo a faser suppôr que eram os cayapós os assaltantes. Vide *Chronicas do Cuyabá*, vol. IV desta *Revista*. Os parecis é que eram sempre pacificos e inoffensivos.

(*N. da R.*)

ram as ditas minas do Cuyabá (1), e trazendo destas os maiores cabedaes de ouro vieram á patria reformar-se de todo o preciso para as irem povoar. Seguindo este destino e juntamente o de estabelecerem uma estação no logar do bananal para impedirem aos que quizessem ir ás ditas minas, formaram alli a situação e plantaram o bananal de que tratamos (2); porem como era chegado o tempo em que estes homens pagassem as muitas mortes e insultos que tinham feito, pois não temiam a Deus nem a El-Rei, deixaram neste dito sitio 600 e tantos indios que tinham associado a escravidão e, vindo á patria para levarem seus parentes e o mais que tinham para as ditas minas, succedeu chegarem em tempo em que se achava uma ordem do Sr. Rei D. João V, de gloriosa memoria, para que fossem presos e remettidos á sua real presença (3), com cuja ordem se fizeram incançaveis deligencias para os prender e, não podendo o conseguir, porque na verdade os homens horrorisavam a toda a capitania, foram mortos a chumbo dois irmãos e só um delles se poude prender e morreu na Bahia de bexigas (4), ficando o descobrimento das minas do Cuyabá reconhecido para a communicação e o commercio até hoje frequentado.

9

Na verdade estes homens eram tão crueis que se fizeram credores de exemplar castigo, pois chegava a tanto a sua maldade que quando succedia passarem-se alguns dias que não matavam ou mandavam matar a alguem, matavam os proprios pa-

---

1 Os dois primeiros foram os infelizes *irmãos Leme*, victimas sacrificadas á gatunice de Sebastião Fernandes do Rego. Vide vol. XII do *Archivo do Estado de S. Paulo*, NOTA *in fine*, e Annexo B do vol. XIII. Não foram elles unicamente os descobridores das minas de Cuyabá, mas tambem os irmãos Sutil, os irmãos Maciel, Paschoal Moreira Cabral, Domingos Rodrigues do Prado, Fernando Dias Falcão, brigadeiro Almeida Lara e muitos outros, inclusive Pedro Leme da Silva, irmão dos tres mencionados acima, no anno de 1718.

2 Isto é mera hypothese: os irmãos Leme nunca contaram a outros os seus planos, sobre os quaes guardavam segredo, mesmo porque eram homens máos. O irmão Antão Leme não era solidario nos crimes dos dois outros

3 Não houve ordem alguma de D. João V a respeito e o rei de Portugal só ouviu falar destes dois sertanejos pelos avisos que teve de sua morte. Não sómente não houve ordem regia para a sua prisão, como elles até foram adulados em S. Paulo, quando aqui chegaram, e foram-lhes offerecidos cargos importantes em Cuyabá. Porém, por serem máos e muito ricos e por terem recusado esses cargos foi que a justiça publica, a inveja e o despeito se ligaram para dar cabo delles. Vide vol. XII do *Archivo*.

4 Foi morto sómente um dos irmãos, o de nome Lourenço Leme, e esse mesmo de traição emquanto dormia em uma casa velha, abandonada, abaixo da freguezia de Araraytaguaba. O outro irmão, João Leme, foi na Bahia condemnado á morte e decapitado, em 1723; quem lá morreu de bexigas foi um outro paulista, Bartholomeu Fernandes de Faria, accusado de violencia contra os monopolisadores do sal em Santos. Vide Vol. XII, NOTA *in fine*, e vol. IV desta *Revista*, pags. 283—286.

(*N. da R.*)

gens, fazendo-os subirem em algum pau alto para atirarem nelles com espingarda só para o gosto de os ver cahirem em terra, á maneira de macacos (1).

10

Deste bananal, de que falámos, têm os gentios semeado por aquelles sertões, de sorte que nestes campos de arroz em varias partes ha bananas com fartura.

11

A villa do Cuyabá é bastante grande e está situada distante um quarto de legua do porto de desembarque. O terreno não é muito bom, mas aprazivel. E' muito farta de mantimentos, de peixe e carne de vacca; é muito saudavel e das minas é uma das opulentas, porêm está hoje defeituosa por conta de ser combatida do gentio cayapó, que incessantemente está matando gente pelos sitios e negros pelas lavras, e por isso têm atrazado as conveniencias, sem embargo das precauções com que andam os moradores e consequentemente os mineiros nas lavras.

CAPITULO XII

DA NAVEGAÇÃO DO IGUATEMY, SUA FERTILIDADE E PARTICULARIDADES

1

A navegação para este presidio é pelo mesmo rio Tieté e Rio Grande, de que já tratamos. A distancia que tem da barra do Rio Pardo para baixo até a barra do rio Iguatemy é de cinco dias de viagem, que tanto gastei no anno de 1776, quando fui ao mesmo presidio levar soccorro e pagamento ás tropas da sua guarnição, de mandado do Exmo. Martim Lopes Lobo de Saldanha, que então era general em S. Paulo (2).

---

1 Ha aqui muita exaggeração: os irmãos Leme foram accusados da morte de dois indios, seus escravos, e do assassinato de um Fernandes de Abreu. O governador Rodrigo Cesar, o ouvidor Godinho Manso, o provedor Sebastião do Rego, que se apropriou da fortuna dos Leme, e o historiador Rocha Pitta foram os que espalharam esta má fama daquelles dois irmãos, cujos bens deviam ser sequestrados pelo fisco colonial e, por mais que se os procurassem, nunca foram encontrados, nem em S. Paulo, nem em Cuyabá. Vide vol. XII, NOTA *in fine*, do *Archivo* citado e Annexo B do vol. XIII.

2 Capitão-general de S. Paulo de 1775 a 1782.

(*N. do R.*)

2

A mesma fortuna que tem este rio até o Rio Pardo a tem até a barra do Iguatemy, o que já participei no capitulo III, § 2.

3

Os rios que ha nesta navegação, do Rio Pardo para baixo, são: o *Paranapanema*, dois dias de viagem ao lado esquerdo, que ha de ter de largura mais de 70 braças, cujo rio atravessa a estrada geral de Viamão, manando as suas vertentes das serras da costa do mar, nas alturas de Yporanga (1).

4

Abaixo deste outra tanta distancia como tem daquelle ao Rio Pardo, mais ou menos, ao mesmo lado, está o rio *Tibagy* ou do *Peixe*, que eu não vi, mas dizem ter a mesma largura do antecedente e tem o mesmo principio nas ditas serras, nas alturas de Iguape ou Paranaguá, villa e comarca dos Campos Geraes (2).

5

Abaixo deste um dia de jornada está o rio *Piquiry*, bastante largo e tem as suas vertentes para o lado de Viamão, cujo rio serve de divisão ás terras de Portugal com Castella (3). Na barra deste rio já esteve situada uma cidade de Castella, porêm foi desertada por causa da peste que dava na gente (4), como assim experimentaram os destacamentos que do presidio de Iguatemy eram para alli mandados pelos governos que, conhecendo os estragos que fazia a mesma peste nos ditos destacamentos, deixaram de os mandar.

---

1 Nasce na serra de Paranapiacaba. Yporanga fica do outro lado da serra, sobre a Ribeira de Iguape. A estrada geral de S. Paulo a Viamão atravessa, ainda hoje, o rio Paranapanema entre as cidades de Itapetininga e Faxina.

2 Aqui ha confusão, só justificavel pelo facto do narrador não ter visto o que descreve: Trata-se do rio *Ivahy*, que desagua no rio Paraná abaixo da barra do Paranapanema, e não do *Tibagy*, que é affluente do Paranapanema e não do Paraná.

3 O rio Piquery é todo brasileiro e não serve de divisa a cousa alguma; desagua no Paraná sobre o salto das Sete Quedas. Na sua foz estava a povoação castelhana de *Ciudad real de Goayrá*, destruida pelos paulistas em 1630.

4 Não foi peste que deu cabo da povoação, obrigando os seus habitantes a desertarem-na; foram os paulistas de Antonio Raposo e Manoel Preto que a destruiram.

(N. da R.)

6

Abaixo do rio Paranapanema, ao lado direito um dia de viagem, está o rio *Mambaya*, que terá 8 braças de largo, cujas vertentes manam dos campos que se acham no centro das margens do mesmo Rio Grande ao rumo do poente (1).

7

Abaixo deste rio, em pouca distancla, estão as *Tres Barras*, que são tres rios juntos uns dos outros, manados de uma lagoa, que tambem se acha nos ditos campos, ao mesmo rumo.

8

Abaixo destes està o rio *Yguatemy*, defronte de Piquiry, cujo rio se sóbe ao poente 8 ou 10 dias de viagem, no fim das quaes está o porto de desembarque do Presidio (2). O rio é estreito, mas bastantemente caudaloso, com suas cachoeiras temerosas, que, entre muitas, tem a *Upeuva*, *Larangeiras*, *Caveiras* e *Uruvú*, que são grandes e perigosas.

9

Nesta do Uruvú sempre se conservou um destacamento e gente do trabalho, para soccorro da gente do presidio, e tambem serve para impedir aos que quizessem fugir pelo rio abaixo.

10

O presidio estava sobre o rio, entre mattos e distante uma legua rio acima (3), no logar chamado *Passo dos Castelhanos*, pois só por alli dava logar o poder-se passar o dito rio, ou para Castella ou de Castella para o presidio, pois o rio é tão pantanoso nas suas margens que não dá passo a gente de pè e menos aos animaes.

---

1 Deve ser o rio *Amambay*, que é muito pequeno, ficando esquecido o *Ivinheima*, que é muito maior e está pouco acima.

2 O rio Yguatemy, que vem da serra do Maracajú, desagua na margem direita do Paraná, sobre o salto das Sete Quedas e defronte da barra do Piquiry; porêm entre as duas barras está a *Ilha Grande*, que impede a vista. O presidio estava 20 leguas acima da barra do Yguatemy, em logar pantanoso e muito pestilento. Durou dez annos o presidio, que foi muitas vezes dizimado por medonhas febres palustres e acabou sendo tomado e arrasado pelos hespanhóes do Paraguay em 27 de Outubro de 1777.

3 Isto é, uma légua acima da cachoeira do Urubú, mas 20 leguas acima da barra do Yguatemy no Paraná. Vide vol. X do *Archivo* citado.

(*N, da R.*)

11

Acima deste passo tem outro (onde tambem tinha guarda nossa), chamado dos *Cavalleiros*, que são os taes gentios guaycurús, e fora destes dois passos não os ha mais em toda extensão do dito rio, que confina em uma serra chamada a *Cordilheira*, onde tem as suas vertentes.

12

Os campos deste presidio são cerrrados, de animaes domesticos, e são muito ferteis de veados brancos, antas, emas, perdizes, e da mesma sorte de fructos de diversas qualidades, como eu nunca topei tão bons no gosto. As terras muito excellentes, pois tudo o que nellas se planta produz com grandeza admiravel. Este terreno é aprazivel e saudavel, menos no tempo das aguas e nos mezes de Fevereiro e Março, em que dava uma peste que em breves tempos morerram 600 e tantas pessoas, não tanto pela violencia da molestia, que se reconheceu serem sezões malignas, como por falta de remedio, de que sempre foi consternado o presidio, na falta delles, sendo bem certo que para o fim já a peste não era tão violenta, segundo mostrou a experiencia, e pelo tempo adeante não haverá mais a dita peste como se tem experimentado em todas as terras novas.

13

E' distante este sitio da cidade de São Paulo 300 leguas pela mathematica do brigadeiro José Custodio de Sá e Faria (1), que tambem calculou o dito presidio de mandado do Exmo. D. Luiz Antonio, no tempo do seu governo, por cuja distancia se fizeram difficultosos os soccorros a tempo e a hora, se bem que a maior difficuldade é a falta de dinheiro que tem o erario de S. Paulo, porque a sua capitania não tem reditos (2).

---

1 Official que fez muita figura na capitania de S. Paulo, foi governador de Yguatemy e muito respeitado e honrado por D. Luiz Antonio e pelo vice-rei, conde de Cunha; porêm foi maltratado pelo vice-rei marquez de Lavradio e por Martim Lopes, de modo que chegou a faltar com a lealdade ao rei de Portugal e a servir secretamente os interesses dos hespanhóes na America.

2 Não tinha renda para ser empregada nos serviços da capitania, mas tinha bastante para ser enviada a Lisboa na forma de *quintos reaes, fintas, talhas*, dos *dez annos, dizimos, Santa Cruzada*, etc.

(*N. da R.*)

14

Deste presidio á primeira villa de Hespanha, denominada *Curiaty* (1) dista 10 leguas na estimativa, sem impedimento, e bem mostra ser verdadeira a distancia porque, sahindo qualquer pessoa do presidio de manhan cedo, ás 4 horas da tarde chega á dita villa marchando a pé.

15

Para a parte da cordilheira referida está o alojamento do gentio *caquan* e mais adeante o cavalleiro guaycurú. De um e outro foi combatido o presidio e com mais frequentação o *caquan* (2), porque mais repetidas vezes foram os seus insultos, matando algumas pessoas que apanhavam dispersas, e ao mesmo tempo vinham debaixo de paz ao presidio, trazendo seus mimos, como eram bananas, cannas e outros legumes de sua sustentação, a offerecerem ao governo e a elle pediam ferramentas para as suas fabricas, as quaes lhes dava o governo afim de os agradar, mas sem embargo disso, logo que dalli voltavam, iam fazer as suas costumadas traições; e pelo fresco dos fructos que traziam estes indios se julgou estar distante o seu alojamento dois dias de viagem.

16

Os cavalleiros guaycurús nunca vieram ao presidio, mas sempre andavam pelos campos, á montaria e fazendo a mesma deligencia destes, e somente em Agosto de 1777 vieram ao povoado de noite e mataram algumas pessoas em suas casas e as queimaram, retirando-se salvos porque se lhes não pôde acudir; e finalmente uma e outra nação são auxiliadas pelos castelhanos, com que têm commercio. As armas dos caquàns são frechas e as dos guaycurús são as mesmas frechas, fagotes e bolas, que são uns laços de couros com tres pennas e na ponta de cada um delles uma bola de areia ou outra cousa pesada, cujo artificio, atirando-se em um animal correndo ou gente, embaraça por tal forma que não muda os pés, e nesta forma seguram o que for para o haverem a si (3).

---

1 *Curuguaty*, sobre um affluente do rio Jejuy, que vai desaguar no Paraguay.

2 Nas noticias sobre o Yguatemy não se encontra este nome, mas fala-se muita menção dessa tribu de indios, que devem ser *caiouás* e ainda hoje são encontrados mesmo em terreno paulista, nos sertões do Paranapanema.

3 Apprenderam com os hespanhóes esta arte, que é muito usada entre os criadores de animaes no Rio da Prata e no Rio Grande do Sul.

(*N. da R.*)

17

Os campos deste presidio são bastante dilatados, e asseguram os mais antigos experientes sertanistas que facilmente se podem levar tropas que houver no dito presidio ás minas de Goyazes, pelos mesmos campos e sem impedimento algum de rios, o que eu approvo segundo a experiencia que fiz pelos mais sertões em que tenho navegado; e só sim é infeliz nesta deligencia haver encontro com o gentio Cayapó nos campos do Rio Pardo, mas como é gente patife, que só a traição faz a sua empreza (1), havendo cautella nada pode suceder, e julgo tambem que o tempo que poderiam gastar as tropas de animaes, deste presidio ás ditas minas, não pode exceder de quatro a seis mezes, indo com aquelle vagar que pede semelhante navegação. E não é de admirar, porque qualquer sujeito que vai de S. Paulo a Viamão buscar animaes não conclue a viagem em menos de anno e meio a dois, a pôr-se na villa de Sorocaba para os dispor, como é costume; á vista do que parece que aquella jornada, ainda que seja de seis mezes, não é dilatada.

18

Foi estabelecido o presidio de Yguatemy no anno de 1767 e tomado pelos castelhanos no dia 26 de Outubro de 1777, como já disse no capitulo VII, levando o inimigo todo o trem de El-Rei, que nelle se achava e queimando as casas e o mais que não puderam levar. Foi o presidio entregue por capitulação pelos nossos, não por falta de valor para resistir ao mesmo inimigo, mas sim por conhecerem ser temeridade opporem-se cento e tantos homens que se achavam guarnecendo o presidio (2) a um exercito de 6.000, que o veiu combater, commandada pelo general do

---

1 Eram traicoeiros, mas não patifes, e deram verdadeiros combates contra os pautas, principalmente contra o coronel Antonio Pires, que foi contractado pelo governo de Goyaz para os exterminar e o não conseguiu, morrendo ferido por elles. Vide Annexo I do vol. XIII do *Archivo* citado.

2 A guarnição era de 116 soldados, sem mais provisão de bocca do que alguma farinha. O commandante do presidio, José Gomes de Gouvea, foi deposto pela guarnição e povo, sendo eleito em seu logar o vigario do presidio, padre Ramos Lousada, que assignou a capitulação com o tenente Jeronymo Tavares. Os sitiantes não seriam 6.000, porque não era preciso tão grande exercito para tão pequena empresa, mas eram de 2.000 a 3.000, segundo affirmou o vigario Lousada. A capitulação foi bastante honrosa para os sitiados, porêm o padre Lousada foi preso e conservado vinte annos encerrado nos calabouços da fortaleza de Santos, onde estava ao tempo em que o narrador escreveu esta historia e onde ficou ainda muitos annos com pleno conhecimento do ministro Martinho de Mello e Castro, a quem a mesma historia foi dedicada. Vide vol. IX do *Archivo* citado.

(N. da R.)

Paraguay, D. Agostinho Fernando de Penedo, e tenente-general de Curuguaty, D. José Venancio de la Rosa, cujo numero de homens era de 3.000 castelhanos e 3.000 indios, que são os taes cavalleiros guaycurús, seguindo os officiaes as leis militares á vista do poder superior do inimigo. Nesta intelligencia fizeram a entrega, retirando-se o povo que alli se achava para São Paulo, e ficando muita gente em poder dos castelhanos por não ter commodidade para se transportar com os mais (1).

19

Não havendo presidio em Yguatemy podem facilmente os castelhanos vir ao Rio Pardo e apprehender os commerciantes de Cuyabá e Matto Grosso, levando tudo sem embaraço algum, e da mesma sorte quando vem os canôas de volta de qualquer dessas minas com o ouro apurado, pois julgam os mais experientes que do dito Rio Pardo á villa de Curuaty, por indireitura, não haverá mais distancia do que a de 8 dias pela campanha e eu o affirmo. (2)

CAPITULO XIII

NOTICIAS PARTICULARES DA CIDADE DE S. PAULO. DA EXTENSÃO DA SUA CAPITANIA, NOME DA POVOAÇÃO E NEGOCIAÇÃO DOS SEUS HABITADORES.

1

E' a cidade de S. Paulo, cabeça da capitania, onde residem os generaes e bispos e tem duas comarcas—uma da sua ouvidoria e outra da villa de Paranagná. Os habitadores da cidade vivem de varias negociações: uns se limitam a negocio mercantil, indo á cidade do Rio de Janeiro buscar as fazendas para nella venderem; outros da extravagancia dos seus officios; outros vão a Viamão buscar tropas de animaes cavallares ou vaccuns para venderem, não só aos moradores da mesma cidade

---

1 Um dos que foram para o Paraguay e nunca mais voltaram a São Paulo foi Placido de Toledo Pizza, moço que aqui deixou todos os seus parentes.

2 O perigo por este lado era mais imaginario do que real, pois o verdadeiro perigo estava no rio Paraguay, que era franco á navegação e offerecia meios faceis de ataque e de retirada, como bem o demonstraram as luctas contra os indios payaguás, que iam se refazer na provincia do Paraguay das perdas que soffriam nos combates contra os paulistas.

(*N. da R.*)

e seu continente como tambem aos andantes de Minas Geraes, e exercitam o mesmo negocio vindo comprar os animaes em São Paulo para os ir vender a Minas, e outros, finalmente, compram alguns effeitos da mesma capitania, como são pannos de algodão e assucar, e vão vender ás Minas, labutando nesta forma todos naquillo a que se applicam.

2

E' a cidade aprazivel pelo terreno e saudavel pelos ares, e não é muito pequena, pois se conhece a sua grandeza pelo numero das ruas, cujas são: de *São Bento, Direita, de S. Francisco,* das *Casinhas,* da *Freira,* de *S. Gonçalo,* da *Sé,* das *Flores,* do *Carmo,* que é onde está o palacio dos generaes, do *Rosario,* da *Quitanda* e *Rua Nova do Guacio,* todas ellas com suas travessas correspondentes, com o defeito, porêm, de serem a maior parte das casas terreas e as ruas mal ordenadas e mal calçadas (1).

3

Tem varios templos, como são: a *Sé,* os conventos do *Carmo* e de *S. Francisco, S. Bento, Santa Thereza, S. Pedro,* o Collegio que foi dos denominados *jesuitas,* em que assiste o bispo (1), a da *Misericordia, Santo Antonio, Rosario dos Pretos* e *S. Gonçalo dos Pardos,* entre os quaes tem alguns bem acabados e magnificos, e fora da cidade, em distancia de 300 braças mais ou menos, está o recolhimento da Luz, onde vão os magnatas da cidade e o mais plebêo por passeio, divertir-se.

4

Desta cidade manam todas as estradas que vão para as capitanias differentes, por cujas estradas está situada a maior força das povoações, como são, por exemplo: pela estrada que vae da dita cidade para o Rio de Janeiro e Minas Geraes se acham estabelecidas as villas de Mogy das Cruzes, Jacarehy, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, villa nova de S. Luiz do Parahytinga, as freguezias da Conceição e Facão e as aldêas de

---

1 Algumas destas ruas mudaram de nome: a das Casinhas é hoje a rua do *Thesouro,* a de S. Gonçalo passou a ser rua do *Imperador* e hoje do *Marechal Deodoro,* a da Freira é hoje do *Senador Feijó.*

(*N. da R.*)

S. Miguel, Escada e Nazareth (1), mas todas muito pobres e a maior parte miseraveis porque os seus effeitos, que são os mantimentos, apenas dão para vestirem e comerem o sal, vendendo uns na mesma cidade e outros para o Rio de Jeneiro e tambem aos passageiros, e por esta fórma nada podem alar aquelles moradores.

5

Os moradores das villas de Jundiahy, S. João de Atibaia e Mogy-mirim e das freguezias de Juquery e Jaguary, que estão na estrada de Goyazes (2), tambem vivem na mesma miseria, vendendo os seus effeitos na dita cidade, e aos passageiros.

6

Os moradores da beira-mar, como são os das villas de S. Sebastião e Ubatuba, vivem de fumos, pescaria e aguas ardentes, que vendem á cidade do Rio de Janeiro para se remediarem na fórma dos mais. Os moradores da villa de Santos são mais abastados em razão de ser este o porto de mar onde se desembarcam as fazendas que vem do Rio de Janeiro para a capitania e minas de Cuyabá e Matto Grosso. Juntamente alli se acha o districto do sal, onde forçosamente se vae buscar, e é distante esta villa da cidade de S. Paulo 10 leguas—4 de mar e 6 de caminho de terra.

7

Os moradores das villas de S. Vicente, Conceição de Itanhaen, Iguape e Cananéa vivem miseraveis, pois só tem a pesca, alguma farinha de mandioca e madeiras para venderem aos navegantes daquella costa, cujo negocio apenas lhes dá para

---

1 Entre Jacarehy e Taubaté devia estar S. José dos Campos, que já era villa desde 1767. A freguezia do Facão, hoje cidade de Cunha, estava na estrada, mas S. Luiz do Parahytinga e Parahybuna (então simples capella) estavam longe da estrada, de que aliás se serviam para a communicação com S. Paulo e Rio de Janeiro. Nazareth não estava nessa estrada, nem della se servia, pois estava perto de Atibaia e pertencia ao grupo das povoações tributarias da estrada de Goyaz.

2 A estrada de Goyaz ia de S. Paulo a Jundiahy, Mogy-mirim, Casa Branca, Cajurú, Batataes e Franca, pendendo alli para a esquerda, por terrenos hoje de Ituverava e Santa Rita do Paraizo, ia atravessar o Rio Grande cerca de 80 kilometros abaixo do Jaguára. Em 1783, anno em que foi escripta esta narrativa, a ultima povoação era Mogy-mirim, havendo comtudo adeante o *registro de Itapeva*, no Jaguary-mirim. A freguezia de Jaguary, aqui mencionada, é hoje a cidade de Bragança, que está fora da estrada, assim como está Atibaia.

(*N. da R.*

comer e vestir. Os da villa de Paranaguá são mais abastados porque, sendo ella a cabeça de uma das comarcas, é mais avultado o commercio e além disso corre o seu ouro, que se extrahe das faisqueiras de alguns logares da sua comarca.

8

Os moradores das villas de Parnahyba e Ytú e freguezia de Araçariguama, que estão na estrada que vae desta cidade ao porto de Cuyabá, vivem de fabricas de assucar, de criar seus animaes cavallares e vaccuns e de pannos de algodão e por isso são mais remediados, como tambem os da freguezia de Araraytaguaba pela razão de ser o porto de commercio das ditas minas do Cuyabá, e muito miseraveis os moradores das freguezias da Cutia, S. Roque, Santo Amaro e outras aldêas dos suburbios desta cidade (1).

9

Os moradores da estrada de Viamão, como são os da villa de Sorocaba, vivem do fabrico de algodão, de criar seus animaes e tirar seu ouro das faisqueiras dos seus suburbios e, ultimamente, do commercio dos que labutam neste negocio, e por isso ha suas casas ricas.

10

Os moradores da villa de Itapetininga, distantes della 10 leguas (2), vivem de criar os seus animaes e de tirar algum ouro das faisqueiras e vender mantimentos aos tropeiros, porem com tal tenuidade que não dá augmento.

11

Os moradores da villa da Faxina, distantes della 14 leguas, vivem da mesma sorte, porem com a differença de não ter naquelle sitio faisqueira de ouro, mas sim na villa de Apiahy, que dista della 10 leguas, ao lado esquerdo da estrada, onde vão vender os effeitos das suas lavouras para se remediarem.

---

1 Esta miseria, que se alastrava por toda a capitania, era devida ao pesado militarismo e aos vexatorios impostos coloniaes. O serviço militar tomava todos os homens válidos e o fisco absorvia a fortuna particular; restavam os velhos, os invalidos, as mulheres e as creanças para produzirem alguma cousa, que os impostos absorviam e nada sobrava para augmento da riqueza publica. Vide vol. IV desta *Revista*.

2 Distante de Sorocaba cerca de dez leguas.

(*N. da R.*

12

Os da freguezia do Yapó (1), distantes della 30 leguas, vivem miseraveis, pois só o fazem da sua pequena lavoura e de alguns animaes que criam para venderem aos passageiros.

13

Os da freguezia de Santo Antonio da Lapa, distantes della 30 leguas vivem na mesma serie, e os da villa das Lages, distantes della 80 leguas, que é o extremo da capitania, vivem de criar animaes cavallares e vaccuns para venderem aos que vão de São Paulo a este negocio.

14

Os moradores da villa de Curitiba, que está ao lado da estrada 14 leguas, alem de não serem as terras fructiferas, e porque não têm para que nem para onde consumir os fructos da sua lavoura, estão já no costume de plantar sómente aquillo que baste para o sustento de suas familias; ainda isto é aquelles que têm modo, que a maior parte nem nisso cuida, porque muitos fazem vida de conduzir congonhas para a villa de Paranaguà, onde as permutam pelo sal, algodão e farinha, sem sahirem desta miseria desde o principio de seus avós, e não se lhes pode condemnar este genero de vida porque ainda assim têm o sal, farinha e algodão para vestirem; e da mesma sorte vivem os da freguezia de S. Josê, que é do termo desta villa (2).

***

O exposto dá bem a conhecer a pobreza da capitania e por isso é incompativel o conservar-se nella dois regimentos pagos, pois não ha reditos para os seus vencimentos, cujas faltas estão experimentando os seus individuos, e sendo muito necessaria a conservação dos mesmos regimentos, não só para o respeito da capitania como para os inimigos do real serviço, só sim se S. Mag.e tivesse a lembrança de suspender as fabricas de fumo de tabaco nas Minas Geraes e extrahirem-se na capitania de São Paulo para se dispôrem nas Minas, pondo um tributo em cada arroba que passar pelos registros para negocio, porque sendo

1 E' hoje a cidade de Castro, no Estado do Paraná.
2 S. José dos Pinhaes, povoação a pequena distancia da cidade de Curityba.

(N. da R.

este commercio frequentado seriam os reditos habilitados para se pagarem os registros na capitania mais remediada, sendo certo que esta resolução não prejudica ao commercio das minas por serem fabricas de menos consideração, e por este principio fica remediada a oppressão da mesma capitania.

ADVERTENCIA

Não se admire o curioso da vastidão destas noticias, porque as dou com experiencia e conhecimento dellas, porquanto para as minas de Cuyabá naveguei desde o anno de 1765 até o de 1773, tempo que parece bastante para a sua approvação. Para o presidio de Yguatemy fui no anno de 1776, como já disse no capitulo XII, e applicando-me muito no conhecimento das cousas mais significantes daquelles sertões, deve ser acreditada a expressão do compendio, ainda quando seja unicamente para repetir o que vi nas suas extensões.

Das particularidades das povoações da capitania tambem muito conto porque tenho verdadeiro conhecimento dellas, como nacional do paiz, e com especialidade das que se comprehendem na estrada de Viamão, porque no anno de 1777 fui por ellas, de mandado do Exm.° Martim Lopes Lobo de Saldanha, apromptar e pagar mantimentos, gado e cavalgaduras para o transporte de 6.000 homens que foram de Minas Geraes para a capitania de S. Paulo em soccorro do exercito do Sul, na occasião em que tomaram os hespanhóes a ilha de Santa Catharina; cujas circumstancias tambem vos conto por me requerer a vontade de exprimir nesta narrativa, para vos divertir, e da mesma sorte passardes o tempo de vossas paixões na contemplação dellas e porque tambem possaes divertir aos vossos amigos, quiçà que uma especulação semelhante muitas vezes inculca a comprehenção das materias questionadas sobre cousas de egual natureza.

Fim.

NOTA SOBRE MANOEL CAETANO DE ABREU

No fim do seculo XVII e começo do seculo XVIII, na povoação de S. Martinho de Outeiro, perto de Braga, no reino de Portugal, viviam Domingos Affonso da Rocha e sua mulher, D. Luiza de Abreu, pessoas de bôa condição social e de alguns recursos.

Um filho deste casal, por nome Domingos da Rocha e Abreu, veiu para S. Paulo na primeira metade do seculo XVIII, aqui se casou com D. Francisca Cardoso de Siqueira, moça de distincta familia, e o casal foi se estabelecer na freguezia de Araraytaguaba, que então pertencia ao municipio de Ytú. Lá viveram com certa abundancia e criaram os nove filhos que constam da relação abaixo. Elle falleceu em 1784 e o seu inventario ainda existe em um dos cartorios de Ytú, e ella já era fallecida algum tempo antes da morte do marido.

FILHOS

1.° Manoel Cardoso de Abreu, que no tempo do inventario do pae se achava ausente de Ytú, era solteiro e devia ter cerca de 45 annos de idade, porquanto o inventario foi feito em 1784 e o proprio Manoel Caetano de Abreu declara que em 1765 inciciou as suas viagens para Cuyabá, o que naturalmente fez ao emancipar-se com 25 annos. Deve, portanto, ter nascido pelos annos de 1740.

Como elle mesmo confessa, recebeu instrucção muito limitada, porque não foi enviado a Portugal e em S. Paulo não havia escholas em que se pudesse obter instrucção secundaria e superior; mas devia ser homem de intelligencia desenvolvida a julgar pela narrativa que fez das suas viagens aos sertões de S. Paulo e Cuyabá e pela quantidade de notas curiosas que apresenta

sobre a capitania. Parece, que, além do presente *Divertimento Admiravel*, elle escreveu tambem um importante trabalho sobre a genealogia das familias paulistas, porque o dr. Eduardo Prado contou-nos que, estando na Europa, leu um annuncio da venda em Londres, de um manuscripto sobre esta materia, obra de Manoel Cardoso de Abreu, e, procurando communicar-se com a capital ingleza para effectuar a compra daquella preciosidade historica, teve o desprazer de verificar que já tinha ella sido adquirida por pessôa desconhecida.

Além da nota *solteiro* e *ausente* que a seu respeito se encontra nos autos do inventario do seu pae, processados em Ytú em 1784, ainda nelles se encontra a informação ser *guarda-mór*, que não era um posto, mas um titulo. Na milicia não havia tal graduação, que só existia no regimen das minas, onde exerceram as funcções desse cargo homens da ordem de Fernando Dias Falcão, Paschoal Moreira Cabral, Bartholomeu Bueno da Silva e outros, que tinham deveres administrativos a desempenhar; porêm, Manoel Cardoso de Abreu não diz que tivesse exercido as funcções correspondentes a esse cargo em algumas das minas da capitania e, demais, esteve sempre muito occupado em viagens para isso. Pode-se, portanto, presumir que o titulo lhe foi dado por Martim Lopes Lobo de Saldanha pelos serviços que elle prestou por occasião da marcha dos 6.000 homens para o Rio Grande do Sul, quando esteve encarregado de angariar mantimentos e meios de transporte para aquella tropa.

2.°—Domingos da Rocha e Abreu, que foi o inventariante de seu pae e que, portanto, devia ser maior de 25 annos.

3.°—Joaquim da Rocha e Abreu, que em 1784 era maior de 25 annos e de quem nada consta.

4.°—Padre André da Rocha e Abreu, que foi vigario de Porto Feliz durante muitos annos e ainda era vivo pelos annos de 1825. Caracter simples até á ingenuidade, tinha o costume de cantarolar quando nada de grave occupava o seu espirito. Gostava muito de comer massa de pasteis, fritada de uma fórma a que os paulistas dão o nome de *folhado*, e á sua preta cosinheira elle ordenava:—«*Maria, faça folhados, eu gosto, é como hostia.*» Quando a cosinheira lhe dava para o almoço certa qualidade de bolo e *cará com ovos*, não se esquecia elle de repetir-lhe estes prosaicos versos, parodiados de um certo escriptor do começo do seculo XVIII:

«*Destes bolinhos, Maria,*
Usam quasi todos os povos,
Comendo cará com ovos
Quasi todas as manhãs.»

Estes e outros recitativos seus são ainda conservados na memoria dos seus antigos parochianos e de alguns dos seus parentes.

Sabia musica e tocava piano, artes que aprendeu fóra da capitania de S. Paulo, talvez no seminario onde se ordenou. Foi elle quem introduziu em S. Paulo o primeiro piano, que foi trazido de Santos a S. Paulo a braços, por uma tropa de negros, e daqui levado em carro de bois para Porto Feliz, onde foi inaugurado com grande festa, de que se lavrou termo em que assignaram Francisco Alvares Machado de Vasconsellos e muitos outros cidadãos do logar, lá pelos annos de 1825, piano que lá existe até o presente e merecia figurar no museu paulista.

5.°—Francisco Leite da Rocha, que em 1784 tinha 22 annos.

6.°—Anna Joaquina, casada com José Antonio Peixoto, que esteve muitos annos em Cuyabá.

7.°—Maria Magdalena da Rocha, casada em 1776, com Francisco Simões dos Reis.

8.°—Luiza da Rocha, que em 1776 se casou em Arayta-guaba com o alferes Guilherme da Silva Claro e, tendo viuvado, se casou de novo, em 1795, com José Coelho de Oliveira.

9.°—Anna Francisca da Rocha, casada com o coronel Francisco Corrêa de Moraes Leite, que foi capitão-mór de Porto-Feliz de 1797 a 1822. Deixou este casal numerosa descendencia, espalhada hoje por todo o Estado de S. Paulo. Era seu filho o brigadeiro Joaquim José de Moraes Abreu, que fez a campanha do Sul de 1811 a 1817, foi membro do Conselho da Provincia em 1831—32, vereador da camara municipal desta capital no quatriennio de 1837 a 1840, deputado provincial por mais de uma vez e vice-presidente da Provincia e falleceu em 1850, com descendencia.

Netos e bisnetos deste casal existem ainda outros personagens de valor social e politico, como o dr. Joaquim Mariano de Almeida Moraes, antigo deputado provincial e juiz de direito aposentado, residente em Tieté, o dr. Domingos Corrêa de Moraes, deputado do Congresso Constituinte Federal em 1890 e hoje vice-presidente do Estado de S. Paulo, e o coronel Edgard Ferraz do Amaral, banqueiro na cidade de Jahú e deputado do Congresso Estadual. (*N. da R.*)

Doação das terras de Jarabatyba a Braz Cubas

PUBLICA FÓRMA OFFERECIDA AO INSTITUTO HISTORICO DE S. PAULO PELO SOCIO M. PEREIRA GUIMARÃES

Primeiro Tabellionato da Cidade de Santos—Publica Fórma —Em nome de Deus—Amen. Saibão quantos este instrumento de doação virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos e trinta e seis annos em vinte e cinco dias do mez de Septembro na Cidade de Lisbôa juncto do Mosteiro de São Francisco dentro nas casas de morada da Senhora Dona Anna Pimentel, mulher do Senhor Martim Affonso de Souza, que anda na India, que nosso Senhor, traga a este Reino—Amem—estando ahi presente a dita Senhora Dona Anna como procuradora bastante e abondosa do dito Senhor Martim Affonso, segundo logo amostrou e fez certo por um publico instrumento de sua procuração do qual o traslado he o que ao adiante se segue.—Procuração.—Saibam os que este instrumento de procuração virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos e trinta e quatro annos em tres dias do mez de Março na cidade de Lisbôa nas casas do Duque de Bragança, em que ora pousa o Senhor Martim Affonso de Souza do Conselho de El Rei nosso Senhor, morador na dita Cidade, estando elle ditto Martim Affonso de Souza, hi a isto presente e por elle foi dito que elle fazia como logo de feito fez por seu certo procurador abastante na milhor forma e modo que o elle pode e devesse e por direito mais valer a Senhora Dona Anna Pimentel...e posto que esta escriptura fosse continuada em tres dias do mez de Março não foi assignada senão aos seis dias do ditto mez de Março do ditto anno nas casas sobreditas—Testemunhas que presente foram Jacome Luiz morador em Bragança e Diogo de Meirelles, seo criado e Antonio Gonçalves morador nesta Cidade e eu Antonio do Amaral Tabaliam Publico por El-Rei Nosso Senhor nesta Cidade de Lisbôa e seus

termos que este instrumento escrevi e assignei aqui do meu publico signal a qual procuração fica na mão da ditta Senhora; e trasladada a ditta procuração como já vai declarado logo por ella senhora Dona Anna foi ditto que ella em seu nome e em nome e como procurador que hé do ditto Senhor Martim Affonso e pelo poder e virtude da dita procuração por este publico instrumento e do seo prazer e bôa e livre vontade por muita obrigação em que o dito Senhor Martim Affonso e ella senhora são a Bras Cubas seo creado, que no presente estava e por lhe querer todo galhardoar e satispfazer, disse que lhe fasia ora como de feito logo fes ao dito Bras Cubas livre e pura e irrevogavel doação antre vivos valedoria deste dia para todo e sempre para elle e para todos os seus herdeiros e successores que depois delle virem de toda a terra que tinha e possuhia no Brazil hum Hanrique Montes, que matarão no Brazil a qual terra está na Povoação de S. Vicente do dito senhor Martim Affonso e a ditta terra podera ser de grandura de duas legoas e meia pouco mais ou menos até tres legoas por costa e por dentro quanto se puder estender, que fôr da conquista de El-Rei nosso Senhor e que está onde chamão Jarabatyba, assim que (1) (estava a margem: *Dentro do porto—Com esta sesmaria se prova que o porto de S. Vicente ficava no de Santos porque as terras de Jurabatuva ficam dentro do Rio de Santos por elle acima*) — pelo braço de mar dentro e mais lhe faz doação de hûa Ilha Pequena que lhe está junta da ditta terra, que outro sim era do ditto Henrique Montes que tudo lhe assim dôa e faz delle merce por suas direitas confrontações com que parte e de direito dève de partir com todas suas entradas e sahidas e direitos pertenças—serventias e logradouros possessoens assi e pelo modo e maneira que todo está par a elle e para todos os seus herdeiros e successores que depois delle vierem e com tal condicção e declaração que nem o ditto Bras Cubas nem os seus herdeiros que ao diante succederem a não poderão vender dar ou doar nem trocar nem escambar nem faser della nenhum partido, mas sempre andará na geração e linha assi transversal como direita do ditto Bras Cubas e mais com outra condição que se acaso fôr, o ditto Bras Cubas ou quem quer que á ditta terra succeder, fizerem algûa cousa que não fôr em serviço do ditto Martim Affonso ou do Senhorio que á ditta terra succeder, que por este caso as terras d'esta doação se perderão p.ª o senhorio e poderão dar a quem quizer. E porem logo a ditta Senhora em seu nome e em nome

(1) — de Frei Gaspar da M.ª de Deus.

do ditto Martim Affonso e por poder, e virtude da d.ª prrcuração tirou logo e dimittio e renunciou de si todo o direito e acção, posse e propriedade, uzo e fruto, e util dominio, e senhorio, que ambos tinhão e podião ter na terra desta doação e em todas as suas pertenças, e todo jus. E se deu logo e transpassou em mam e poder do d.° Bras Cubas, e em todos seus herdeiros, successores, q. depois d'elles vierem p.ª que hajão, e logrem e possuão de hoje em diante p.ª sempre, e que fação nella bemfeitorias, e aproveitem; e lhe deu logo lugar e poder p.ª q. elle por poder e virtude deste instrumento, e sem mais sua auctoridade della Snr.ª nem do ditto Martim Affonso possa della tomar posse realmente com effeito por instrumento publico. E por este mandou Gonçalo Mont.° vigario, e feitor do ditto Senhor Martim Affonso, e assim quem seu cargo tiver, e este instrumento fôr apresentado que lhe entreguem a dirta terra, e lha demarquem, e o deixem metter posse della, p.ª q. a ditta terra seja do ditto Bras Cubas, e prometteu e se obrigou a lhe fazer boa esta doação, e lha guardar e defender a fazer boa, livre e segura e de paz e de quem lhe sobre ella algum embargo puzer e lhe será elle autor e defensor p.ª o qual obrigou todos seus beñs do ditto Senhor Martim Affonso por poder da ditta procuração e em testemunho da verdade assim e outorgou e lhe mandou delle ser feito este instrumento e qual Bras Cubas que presente estava a todo assim pedio e acceitou e ella Senhora prometteu a mim Tabalião, como pessoa estipulante e assistente em nome a quem isto pertence, de lha toda assim cumprir, manter como este instrumento se contem; e disse mais a ditta Senhora D. Anna que ella faz mercê e doação ao ditto Bras Cubas posto caso que o ditto Henrique Montes não tivesse titulo nem escrittura da dita terra porque Henrique Montes tinha do ditto senhor Martim Affonso sem ter delle escriptura e que por este caso que a elle Hemrique Montes tivesse e a tivessem seos herdeiros que com todas estas clausulas ella fas mercê e doação ao dito Bras Cubas de todas ditas tres legoas de terras por costa e p.ª dentro quanta terra puderem q. sejão da conquista del Rey nosso Senhor, e mais a ditta Ilha declarada, que está defronte della, a qual terra está onde chamão Jarabahitybassú, e ella deo com a condição e declaração da doação e foral, por onde el Rey nosso Snr. deo ao ditto Martim Affonso a terra, que elle tem no Brazil e suas povoaçõens; e pelas tais condições haja a ditta terra, e depois seus herdeiros, e posto que este instrumento fosse continuado no dia do mes e anno e onde des foi pela dita Senhora Dona Anna a isto presente outorgado na ditta cidade dentro nas casas de sua morada aos vinte e sete dias do mes de Outubro do dito anno testemunhas que presentes foram Antonio

de Freitas, Mestre de Gramatica, que ensina ao Senhor Pedro Lopes filho da dita senhora Dona Anna, e Antonio seo creado e eu Antonio Luiz Publico Tabellião de El-Rei Nosso Senhor da Cidade de Lisbôa e seos termos que este instrumento escrevi e assignei e meo publico signal fis que tal hé. Folhas onze verso vem o auto de posse das dittas terras o qual principia assim—Saibam quantos este instrumento publico de demarcação e posse dado por authoridade de justiça virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos e quarenta annos aos des dias do mez de Agosto em esta Villa de S. Vicente Costa do Brazil em a Capitania em que he Governador o Senhor Martim Affonço de Souza e perante Antonio de Oliveira Capitão e logo Tenente por o ditto Senhor e seu auxiliar com alçada pareceu Bras Cubas moço da Comarca de El-Rei Nosso Senhor morador em ella e a elle Capitão apresentou hum Instrumento publico de dadas de terras que a senhora Dona Anna Pimentel deo ao dito Bras Cubas... requeria elle Bras Cubas a elle Antonio de Oliveira Capitão lhe demarcasse a ditta terra e metteu de posse della por quanto ora vinha para aproveitar com gente e fasendo sem embargo de passar já de tres annos que gastara có sua fasenda para a aproveitar o que não se pudera faser por a terra que lhe assi é dada ser povoada de gentios e para os lançar fóra e se povoar a ditta terra há mister muito custo o que agora trasia para isso, e visto por elle Capitão mandou logo em dito dia a demarcar a dita terra e ao metter de posse della.... em a qual terra por boca desde o ditto rio de Jerebati até o dito oiteiro elle Capitão fes pergunta a Antonio Rodrigues o lingua desta terra e a Mestre Bartholomeu Ferreira e a Rodrigo de Lucena feitor do Senhor Governador aos quaes pelo juramento dos Santos Evangelhos.... e com esta ditta terra já demarcada lhe foi tambem dada a dita Ilha que na sua data disse, a qual esta defronte das ditas suas terras e de fronte nesta Ilha de S. Vicente onde chamão Emguaçú das ditas terras assi da terra firme como da outra elle Capitão lhes houve por demarcados pelas demarcaçoens já ditas e metteu logo de posse dellas realmente em feito visto já a obra que na dita Ilha tem de canaveaes e mantimentos... e porelle ditto Bras Cubas foi tambem pedido a elle Capitão mandasse a mim Tabellião que desse aqui minha fé em como haviam tres annos que João Pires Cubas, seu pae viera a esta terra com fasenda e gasto para aproveitar as ditas terras e tomado posse dellas e aproveital-as o que toda deixou de faser por a dita terra ser habitada por gentios nossos contrarios e por esse respeito as não pudera nem podia aproveitar e porem que

(Vide a nota que se acha no verso da ultima folha)

Auto de posse

sempre fes fasenda nesta terra por elle Bras Cubas a sua custa, comprando os roças e mantimento muito caro e o Capitão lha mandou dar e eu Tabellião em cumprimento do seo mandado digo e faço fé que o dito João Pires Cubas pae de Bras Cubas vira esta ditta terra havera tres annos pouco mais ou menos e lhe vi traser muita fasenda para esta terra a qual devia ser do dito seo filho e que vinha para aproveitar a dita terra e trasia a propria carta de terras que ora apresenta de Bras Cubas e requereo algûas veses que o mettesse de posse das ditas terras e sei que a dita terra hé mui perigosa por parte do gentio que nella habita que são nossos contrarios por esse respeito elle João Pires não ousou nem pode faser obra em a dita terra e porem sempre fes por outras partes e terras aqui nesta Ilha e fasenda e canaveaes todo em logar do dito seo filho; hé verdade que aquelle tempo que o ditto João Pires Cubas aqui veio os mantimentos e canas valiam mui caros e nisso fes muitos gastos por povoar e aproveitar a dita terra ate que ora veio o dito Bras Cubas seo filho a quem entregou todo, o que todo passa em verdade e portal e por verdade tambem o assignei com os mais que aqui assignarão que foram as testemunhas atras escriptas e o dito Capitão o assignou. E eu Antonio do Valle Tabellião Publico Judicial pelo Senhor Governador em estas suas terras que este instrumento fis em este meo livro de Notas por mandado do dito Capitão— Está em tudo conforme ao original ao qual me reporto e dou fé. Santos tres de Novembro de mil oitocentos noventa e sete. Eu Joaquim Fernandes Pacheco, Tabellião a subscrevi, conferi e assigno em publico e raso. Em testemunha da verdade (estava o signal publico) Joaquim Fernandes Pacheco. (Estavam tres estampilhas d'este Estado no valor de mil e oitocentos réis devidamente inutilizadas) com o seguinte: Santos tres de Novembro de mil oitocentos noventa e sete. Pacheco. Concertado e conferido por mim o Tabellião Affonso F. Veridiano. Era o que se continha e declarava em dita publica fórma, da qual bem e fielmente fiz extrahir a presente publica fórma que em tudo vai conforme o seu original ao qual me reporto aos desoito de Maio de mil oitocentos e oitenta e nove, do que dou fé. Eu, Antonio Hyppolito de Medeiros, tabellião a subscrevo, conferi e assigno em publico e raso. Em testemunho da verdade, Antonio Hyppolito de Medeiros São Paulo, 18 de Maio de 1899.—Medeiros.

NOTA. (v. fls. 4)

Esta doação foi confirmada por Martim Affonso por carta passada em Alcoentre aos 24 de Novembro de 1551.

Demarcação das terras de Bras Cubas em 1567

PUBLICA FÓRMA OFFERECIDA AO INSTITUTO HISTORICO DE S. PAULO PELO SOCIO DR. M. PEREIRA GUIMARÃES

Primeiro Tabellionato da Cidade de Santos. Publica Fórma —Folhas vinte e oito verso vem o traslado de uma carta de Demarcação das terras de Bras Cubas passada por Jorge Ferreira, Capitão mór e ouvidor da Capitania de São Vicente na Villa de Santos e escripta por Antonio Rodrigues de Almeida a tres dias do mez de Agosto de mil quinhentos sessenta e sete annos nella com a petição seguinte de Bras Cubas. Bras Cubas Cavalheiro Fidalgo da Casa de El Rei Nosso Senhor e Alcaide Mór desta Villa de Santos e Provedor da Fazenda Real nas Capitanias São Vicente e Santo Amaro ..... e porque o rumo das terras do dito Pedro de Goes com que elle supplicante vae partindo para o sertão não chegava mais até a borda do campo onde está um pinhal junto donde esteve a povoação de Santo André onde já teve João Ramalho, roças e elle seja dahi vai partindo mais adiante para a terra dentro ..... Sahindo do ditto pinhal donde fenece e acaba a datta do ditto Pedro Góes com quem elle supplicante he mejeiro, começará a partir pela banda do hoeste que vae dahi pelo caminho de Piratininga por entre o capão grande onde Francisco Velho já teve roças e mato onde roçarão os moradores da dita Povoação de Santo André sempre pelo dito caminho assim como vae passando o rio de Tamandoati e dahi corta direito sempre pelo dito caminho que vae a Piratininga que está na Borda do Rio Grande que vem do Pequeno digo do Pequeri e ahi vae correndo direito para o sertão onde couber sua partilha conforme a sua escriptura e carta de dada e instrumento de posse como dito hé largura sempre de tres legoas. Do dito caminho que fica por marco para a Banda de heste, onde está um lugar e Aldeia dos Indios que chamam Pequeri onde elle supplicante tem sua fazenda ha muitos annos e hûa ermida de Santo Antonio cuberta de telha e casas fortes por respeito dos contrarios e gente e gados assim vacuns e por-

cos, onde fas muitos mantimentos com que sempre ajuda a sustentar os Engenhos de Açucares que ha nesta Capitania quando não ha vinho do Reino e com os mantimentos da dita sua fasenda ajudou a sustentar as guerras que tivemos com estes nossos Indios no tempo que posemos o cerco sobre a Villa de São Paulo que haverá seis ou sette annos pouco mais ou menos e onde lhe mandarão muito gado e escravos seos, pelejando no dito cerco por defenção da terra dos inimigos me pedia por merce que havendo respeito ao que dito hé, houvesse por bem em nome do dito Senhor Governador e pelos poderes que delle tenho como seo capitão haver por bem digo haver por bôa a ditta posse em que está e a ditta demarcação da maneira que dito hé pelo ditto caminho já dito atravessando de Piratininga e o ditto Rio Grande adiante visto a escriptura e a carta de Dada e Instrumento de posse e partilha que apresenta com esta petição e que por eu ser antigo na terra dos primeiros que apovoarão sabia o conteudo nesta petição por fôr assim na verdade e assim sabia outro sim muito bem a ditta demarcação por onde parte pelo dito caminho como está já dito por andar muitas veses por elle e saber que elle supplicante possuia as ditas terras e posses dellas desde o dito tempo aqui declarado até agora—Nota—Eu disse que a carta foi assignada aos tres porem isto digo com muita duvida por não entender bem a letra com que escreveo o numero dos dias o certo se porem que foi feita antes de onze porque sinão Marcado escrivão da Provedoria a registrou no livro das sesmarias ás folhas sessenta e quatro, sessenta e cinco, sessenta e seis e sessenta e sete em onze dias do mez de Agosto de mil quinhentos sessenta e sete annos. Está conforme ao original ao qual me reporto e dou fé. Santos tres de Novembro mil oitocentos noventa e sete. Eu Joaquim Fernandes Pacheco, Tabellião a subscrevi, conferi e assigno em publico e raso. Em testemunho de verdade (estava o signal publico) Joaquim Fernandes Pacheco. (Estavam trez estampilhas deste Estado no valôr total de oitocentos réis devidamente inutilizados). Concertado e conferido por mim o Tabellião Affonso Francisco Veridiano. Era o que se continha e declarava em dita procuração da qual digo dita publica fórma da qual vem e fielmente fiz extrahir a presente publica fórma que em tudo vai conforme o seu original ao qual me reporto aos dezoito de Maio de mil oitocentos noventa e nove, do que dou fé. Eu *Antonio Hyppolito de Medeiros*, tabellião, a subscrevi, conferi e assigno em publico e raso. Em testemunho da verdade.—Antonio Hyppolito de Medeiros. S. Paulo, 18 de Maio de 1899.—Medeiros.

Navegação aérea

A CONQUISTA DOS ARES, —DE BARTHOLOMEU DE GUSMÃO A SANTOS DUMONT [1]

(1709—1901)

Cessem do sabio Grego, e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre, e de Trajano
A fama das victorias, que tiveram;
. . . . . .
. . . . . .
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta!

I

INVENÇÃO DO BALÃO

1709

Nos primeiros annos do seculo 18 houve no mundo um homem, um brazileiro illustre, que ousou tentar a conquista dos ares por meio de uma machina de sua invenção.

Essa conquista realizou-se a 12 do corrente em Pariz, segundo telegrammas de lá expedidos, —e quem a realizou foi tambem um brazileiro.

Nos primeiros annos do seculo 18 o sonhador do dominio dos ares foi um padre.

Quiz o mysterioso destino dos homens e das coisas que, 192 annos mais tarde, como chave de ouro do seculo 20, realizasse outro brazileiro, por completo, o grandioso sonho de seu compatriota.

---

(1)—Escripto para o *Diario Popular*, nelle publicado a 22 de Julho de 1901, e revisto e completado para esta revista.

O primeiro era paulista, o segundo mineiro, e a descoberta, posto que esperada mais cedo ou mais tarde, é ainda assim tão grande, tão complexa e tão promettedora em suas consequencias, que a gente fica a pensar na extraordinaria e incalculavel transformação por que o mundo vai passar daqui por deante.

Si em nossos dias, mesmo com o assombroso desenvolvimento de todas as sciencias, mesmo com o immenso patrimonio de centenas de invenções e descobertas, cada qual mais importante e mais util, a tal ponto que até se constituiram imprescindiveis necessidades para o homem, ainda havia quem negava obstinadamente a direcção dos balões —facil é imaginar qual não teria sido naquella épocha (em que ainda triumphava o *Santo Officio*), o odio dos misoneistas deante da audacia do padre brazileiro, ao annunciar ao mundo scientifico de então o seu sonho querido, a conquista, o dominio dos ares.

Porque não!?

Deus fizera a terra para os homens, a agua para os peixes e o ar para as aves.

Maldito aquelle que ousasse transpor o limite que lhe tinha sido traçado! E' verdade que, por meio de guerras e migrações, durante seculos e seculos, devagarinho o homem conquistára a terra.

O Phenicio já se tinha alastrado pelo littoral do Mediterraneo. Já os generaes romanos tinham levado as suas armas triumphantes ás mais longinquas paragens do Mundo Antigo. A terra, para os grandes imperios de então, dilatára-se a pouco e pouco sob a pata invasora dos corceis de guerra. Era agora preciso que as Columnas de Hercules se alargassem, e que ao dominio da terra succedesse o dos mares.

E foi o que aconteceu.

Nascida de um simples pedaço de páu mais leve que a agua, a conquista dos mares foi a principio uma canôa; depois, um barco; depois, um veleiro, uma náu, um transatlantico, um couraçado. Assim se faz da cellula o tecido anatomico; do tecido, o orgam; deste, o apparelho, o organismo, o homem —o *Pensamento*.

Frei Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o brazileiro illustre, o paulista notavel que sonhou a conquista dos ares nos primeiros annos do seculo 18, deve muitas vezes ter pensado lá comsigo: —Si o dominio do homem se extendeu triumphante á terra e aos mares, porque não se extenderia tambem ao maior de todos os oceanos, ao Oceano Aéreo, que envolve por todos os lados o minusculo grão de areia em que, entregue a si mesma, braceja a humanidade para o espaço infinito?

Deve ter sido essa a pergunta feita a si mesmo nas horas de meditação, no augusto silencio de seu recolhimento espiritual.

O pensamento, que é um movimento, tem leis e é reductivel. Synthese, reduz-se á analyse. O espirito não é um facto indivisivel, simples; decompõe-se de grau em grau, descensionalmente até ao primeiro de seus elementos. Conquistada a terra e dominados os mares, ao homem, que já imperava no solido e no liquido, faltava o imperio do gazoso. Uma victoria a dois terços indica, faz suppôr uma victoria completa. Para o padre brazileiro a palavra *impossivel* ficou, pois, á margem do seu ideal. Dizer ás aguias e aos condores «*Voarei como vós*» passou a ser para elle a coisa mais natural, mais logica deste mundo. Nascida a idéa, cresceu e amadureceu. Mas as idéas que se não encarnam são como os filhos antes de serem concebidos. Era preciso realizar, *encarnar* a idéa, dar-lhe corpo e individualidade, —fazer por ella o que Marco Polo, Christovam Colombo e Vasco da Gama fizeram pela grande navegação a véla.

Filho do cirurgião-mór Francisco Lourenço de Gusmão, Bartholomêu Lourenço de Gusmão nasceu em Santos no annode 1685. Teve dois irmãos — João Alvares de Santa Maria, que tambem seguiu a carreira ecclesiastica, e Alexandre de Gusmão, que foi ministro de D. João V, e que se distinguiu como diplomata.

Bartholomeu tinha dezeseis annos de edade quando começou o seculo 18, e aos 25, em 1709, apresentou-se á côrte portugueza daquelle monarcha, com um requerimento em que pedia ao rei privilegio para a sua invenção.

Parece que já era elle então formado em canones pela Universidade de Coimbra.

Era uma novidade a invenção para a qual pedia privilegio, —pois nada havia ainda sobre tal assumpto.

E' verdade que o phenomeno electrico já era conhecido; que William Gilbert já lhe tinha dado o nome de *electricidade*, no seculo 16, distinguindo-o do phenomeno magnetico, após as suas então notaveis investigações feitas entre os annos de 1640 a 1650. Talvez pudesse contar o sabio brazileiro com a machina electrica, inventada por Otto de Guericke em 1672. O grande Benjamin Franklin ainda estava por vir, longinquamente envolto nas placentas do futuro. Galvani (1717), Dufay (1734), Coulomb (1736), Volta (1745), Ampère (1775), Ohm (1787), Becquerel (1788) e Faraday (1791) lhe são todos posteriores. Ninguem ainda podia pensar na possibilidade de um Tomson, de um Nicoláu Tesla, de um Edison.

A electricidade estava ainda nos primeiros, informes e obscuros limbos da sua genese.

Num outro sentido, a mais importante descoberta até então feita em physica, descoberta de que Gusmão talvez tivesse podido aproveitar-se, era sem duvida a de Deniz Papin, relativa á marmita e á valvula de segurança. Foi em 1651 que elle apresentou á *Sociedade Real* de Londres o seu livro *New Digester*, em que expunha essas descobertas, creando assim a embryogenía da futura machina a vapor, graças á verificação de que a agua, reduzida a vapor comprimido por meio do fogo, podia accionar um embolo. Quando James Watt realizou a idéa de Papin, frei Bartholomêu de Gusmão já era morto, havia 12 annos.

Mas vai se ver que o illustre sabio santista, que correctamente falava e escrevia o italiano e o francez, sabia o latim e correctamente traduzia o grego e o hebraico, não se emmaranhou pelo caminho aberto por Papin, caminho que parecia estar-lhe indicado.

Quanto a outros meios mais tarde empregados como instrumentos de propulsão ou ascensão dos aerostatos, basta dizer, por exemplo, que Cavendish (1731—1810), o descobridor do hydrogêneo (1781), ainda não era nascido em 1709, e que foi depois da descoberta de Cavendish que Black tentou em vão fazer subir aos ares uma bexiga cheia deste gaz.

Bartholomêu de Gusmão tendo, pois, morrido 57 annos antes da descoberta de Cavendish, só poderia ter applicado ao seu invento a descoberta de Papin, modificada; mas absolutamente não se utilizou della.

O illustre padre brazileiro tinha os olhos voltados para outro rumo. Apesar de ser levado para o tumulo o seu *segredo*, o segredo da força com que ia dar impulso ao balão, hoje é materia corrente, deduzida das chronicas da épocha (que lhe descreveram o apparelho aeronautico), que a energia com que elle contava era uma energia mista, de natureza electro-magnetica. Assim sendo, a quantos não precedeu elle nesse maravilhoso ramo das investigações e conquistas humanas!

Bartholomêu de Gusmão partira do vôo dos passaros; estudara-lhe as fórmas do movimento no ar, as suas leis de deslocação em todos os sentidos, — subindo, descendo, pairando ou progredindo horizontalmente. Isto feito ou supposto feito, precisava elle da força que produzisse e mantivesse taes movimentos.

No dia em que se julgou dono dessas leis, absolutamente necessarias á victoria do seu ideal, nesse dia metteu hombros á construcção da machina.

Ainda estava longe Joseph Cugnot, que em 1765 pôz em movimento um carro movido a vapor; longe os celebres irmãos Montgolphier (José e Estevam) a quem tanto deve a navegação

aérea (1783); longe Roberto Fulton (1803 e 1807); longe Blenkisop (1811), Blackett (1822), Stephenson e toda a luminosa pléiade desses gloriosos generaes da mechanica applicada.

Elle, Bartholomêu de Gusmão, estava só, sósinho no limiar da descoberta que o immortalizou. Traçada em seu cerebro a construcção do aerostato, fal-o-ia de taboas finas, chapeadas de folhas de ferro; dar-lhe-ia a fórma (1) de um passaro, cuja cabeça ficaria sendo a prôa, e cuja cauda seria a pôpa, com um leme. Analogicamente, por-lhe-ia as azas aos lados e, em cima, uma véla.

Dito e feito.

A esse balão, a essa aeronave ou aerostato comprazia-se o inventor santista de denominar ora *navêta*, ora *barquêta*, diminutivos de «náu» e «barca».

Prompto o arcabouço, faltava-lhe o coração e o sangue. Nisto é que estava o seu segredo. Quanto ao coração, fêl-o duplo: — duas bolas ôccas, de metal, dentro da machina (?). Quanto ao sangue, que lhe ia dar a vida e o movimento, fêl-o de magnéte; e, por cima, num tecto de arame, dispôz muito ambar.

E nada mais se sabe, parece.

Terminada assim a navêta, lá se foi elle á Côrte Portugueza, e, nos seguintes termos, requereu a D. João V privilegio para o seu invento:

—«Diz o licenciado Bartholomeu Lourenço que elle tem descoberto um instrumento para andar pelo ar da mesma sorte que pela terra e pelo mar, com muito mais brevidade, fazendo-se muitas vezes duzentas e mais leguas de caminho por dia, nos quaes instrumentos se poderão levar os avisos de mais importancia aos exercitos: no que interessa a V. M. muito mais que todos os outros principes, pela maior distancia dos seus dominios, evitando-se desta sorte os desgovernos das conquistas, que provêm em grande parte de chegar tarde as noticias delles; além do que, poderá V. M. mandar vir todo o preciso dellas mais brevemente, e mais seguro; poderão os homens de negocio passar lettras e cabedaes a todas as praças; poderão ser soccorridas, tanto de gente como de víveres e munições a todo o tempo; e tirarem-se dellas as pessoas que quizerem, sem que o inimigo o possa impedir. Descobrir-se-hão as regiões mais visinhas aos pólos do mundo, tendo a nação portugueza a gloria deste descobrimento, além das infinitas conveniencias que mostrará o tempo; e porque deste invento se podem seguir muitas desordens, com-

(1) — E' Porto Seguro quem nos está guiando neste ponto, graças á sua *Historia Geral do Brasil*.

mettendo-se com o seu uso muitos crimes, e facilitando-se muitos na confiança de se poderem passar a outro reino, o que se evita estando reduzido o dito uso a uma só pessoa, a quem se mandem a todo o tempo as ordens convenientes a respeito do dito transporte, e prohibindo-se a todas as mais sobre graves penas: é bem se remunere ao supplicante invento de tanta importancia. —Pede a V. M. seja servido conceder ao supplicante o privilegio de que, pondo por obra o dito invento, nenhuma pessoa de qualquer qualidade que fôr possa usar delle em nenhum tempo neste reino ou suas conquistas, sem licença do supplicante ou seus herdeiros, sob pena de perdimento de todos os bens, e as mais que a V. M. parecerem».

Porto Seguro refere-se tambem a um manifesto que Bartholomêu de Gusmão escreveu para rebater as objecções a que o seu requerimento daria logar naturalmente, manifesto que consta das *Actas da Academia Real das Sciencias*, de Lisboa, I, 199.

D. João V consultou a *Mesa do Dezembargo do Paço*, que deu parecer favoravel ao requerimento. Então despachou El-Rei a 17 de Abril de 1709, nos seguintes termos:

> —«Como parece á Mesa; e, além das penas, accrescento a de morte aos transgressores; e, para com mais vontade o supplicante se supplicar ao novo instrumento, obrando os effeitos que relata, lhe faço mercê da primeira dignidade que vagar em as minhas collegiadas de Barcellos ou Santarém, e de Lente de Prima de Mathematica da minha Universidade de Coimbra, com seiscentos mil réis de renda, que crio de novo em vida do supplicante sómente».

A 19 de Abril, dois dias depois, foi passado o alvará de privilegio, e Francisco Leitão Ferreira, escriptor de então, affirma que a navêta de Bartholomeu foi feita á custa de D. João V, e «experimentada deante do soberano e de muitos grandes, no pateo da Casa da India, em Lisboa, fazendo o inventor *subir o pequeno aerostato até á altura da sala* que chamavam das EMBAIXADAS, e dando, ao subir, de encontro a uma cimalha, e cahindo, não se tratou de repetir a experiencia, e o auctor do invento, o homem de genio, foi escarnecido e quasi dado por louco (1)».

---

(1) — *Porto Seguro*, obra citada.

Pobre, não pôde Gusmão reconstruir o seu balão, e nem achou mais nenhuma alma generosa que lhe fornecesse capitaes para isso. O povo, por ironia, alcunhou-o *O Voador*, e deu-lhe á barquêta o nome egualmente ironico de —*Passaróla*.

Porto Seguro glorifica a Gusmão. Faz-lhe justiça o nosso grande historiador, e pede e espera que essa justiça seja feita ao illustre e genial paulista.

De então em deante, dado o insuccesso da *Passaróla*, o pobre frade «não encontrou mais descanço até fallecer». A sua audacia creou-lhe inimigos de toda a ordem e aos ultrages succederam-se as perseguições.

No emtanto, o balão estava inventado!

Nascêra o aerostato para as gerações futuras, para triumphar completamente em outras epochas remotas, cujo nivel intellectual conseguisse chegar ao plano de concepção em que floresceu o cerebro inventivo do grande paulista.

Foram seus maiores e mais tenazes perseguidores os santissimos membros do *Santo Officio*, o sacerdocio catholico, apostolico, romano, representante directo e infallivel de Deus na terra. Era preciso punir a ousadia do novo Prometheu dos ares, daquelle que se atrevera a invadir o suavissimo azul do espaço infinito, creado expressamente para dominio, patria das aves, como a agua o fôra para os peixes e a terra para os homens...

E taes se tornaram as perseguições do *Santo Officio*, que elle se viu obrigado a fugir para Toledo, na Hespanha, onde, pauperrimo e de todos esquecido, veiu a fallecer a 18 de Novembro de 1724, sem vintem siquer para o proprio enterro, que teve de ser feito á custa da Irmandade de S. Pedro.

Foi esse o inventor brazileiro, essa a descoberta do balão.

II

PRIMEIRA PHASE

(1783—1804)

São passados 74 annos.

Estamos em 1783, quasi no fim do seculo 18. Já o meio intellectual é outro na velha Europa. Os *Direitos do Homem* não tardam a estalar ao grande embáte da Revolução Franceza. O jugo vai ser sacudido. Todos os homens vão ser livres e eguaes perante o direito. Chegou o momento em que a in-

telligencia da Terra vai encarnar o verbo da liberdade. Tudo progrediu no MUNDO MENTAL, que é o molde em que a materia toma as suas infinitas fórmas. Do repouso á acção, da idéa á realização, só ha a transpôr o 89.

Foi lá, por essa grande epocha da Historia do homem neste planeta, que todas as coisas começaram uma nova phase; lá tambem (porque a Revolução não foi obra de um dia) que a trajectoria do aerostato começou a sua segunda phase, tendo para isso elementos com que o inventor santista não podia contar 74 annos antes, quando em 1709 fez a sua primeira e unica experiencia em Lisbôa, no pateo da Casa da India, em frente á *Sala das Embaixadas*, perante El-Rei e a côrte portugueza.

1783

A segunda phase da evolução aeronautica iniciou-se com as experiencias dos irmãos Montgolphier (Estevam e José—), dois simples fabricantes de papel em Annonay (Ardéche, França), ao sul da cidade de Lyão, á direita do Rhódano.

Feito de serapilheira e forrado de papel, cubando 886 metros de ar aquecido por certa especie de fogareiro, posto na abertura, embaixo, — lá soltaram elles, a 5 de Junho, o seu primeiro balão, que se ficou chamando *Montgolphiére*, do nome dos auctores.

Era o balão de fórma espherica, e terminava inferiormente por um como gargallo a que estava ligado o fogareiro.

Nesse anno e no de 1784 mais 4 experiencias salientes se fizeram; as seguintes:

I. — Florescia então na França o habil physico CHARLES (Jacques Alexandre Cesar) que, tendo substituido o emprego do *ar aquecido* pelo do HYDROGENEO, foi o primeiro a fazer subir balões em Pariz, no Campo de Marte, em presença de Luiz XVI, ao troar do canhão e ás acclamações do povo.

II. — Uma segunda experiencia de Montgolphier em Versailles, perante a côrte.

Esta experiencia tornou-se inolvidavel, por ter sido a primeira que levou aos ares sêres vivos. Com effeito, mettêra Montgolphier a bordo um *carneiro*, um *gallo* e um *pato* (União hybrida!), que lá se foram pelos ares até 500 metros de altura.

Ao pousar em terra, foram os tres viajantes encontrados em perfeito estado de saúde, e grandes coisas devem ter elles contado a seus companheiros... num idioma que o homem não decifra.

III. — A terceira ascensão aerostatica foi ainda effectuada por Montgolphier.

Desta vez a coisa tornou-se notavel, por ter sido a primeira ascensão em que o HOMEM SUBIU AOS ARES. Montgolphier não foi só. Levou em sua companhia Pilatre de Rosier; mas o balão subiu preso por uma corda: — foi um «balão captivo».

IV. — A quarta ascenção venceu a terceira em audacia. Foi a primeira em que o homem subiu num balão *sem corda*, num balão sôlto, livre, entregue aos azares do destino. Effectuou-a Pilatre de Rosier, quente ainda do enthusiasmo da terceira, e tendo levado em sua companhia o marquez de Arlandes.

— FOI A PRIMEIRA VIAGEM AÉREA.

Desse momento em deante ficou demonstrado que os ares eram conquistaveis, como o foram a terra e as aguas.

E começou então a série ininterrupta das experiencias. Parco e ingrato, o patrimonio do passado fazia, mesmo assim, sonhar com um futuro de glorias não muito remoto. Era preciso vencer os ares, dominar o espaço. E na successão das experiencias encontra o estudioso, nos dominios da Aeronautica, um cemiterio de victimas illustres, que trocaram a vida pela morte em busca desse grandioso ideal.

Tenaz, afoito, Pilatre de Rosier estava destinado a ser a primeira dessas victimas.

1785

Blanchard, que dotou o balão dos Montgolphier com alguns melhoramentos, e que inventou o para-quédas, conseguiu com Jefferie, a 7 de Janeiro deste anno, realizar a PRIMEIRA TRAVESSIA, indo de Calais a Douvres, da França á Inglaterra, atravez do Mar da Mancha.

Nos 24 annos que decorreram de 1784 a 1808, realizou Blanchard cincoenta e tantas ascensões na Europa e nos Estados Unidos da America do Norte.

Maria Magdalena Sophia Armant, sua esposa, e por isso mais conhecida pelo nome de *M.me Blanchard*, acompanhava-o nessas ascensões, e tanto gosto tomou a ellas, que, morto o marido (1809), nem por isso deixou de subir em balões.

15 de Junho.—Pilatre de Rosier e Romain tentam tambem atravessar a Mancha. Colhidos por um pé de vento, desencadeado de norte a sul, vão ambos despedaçar-se nos rochedos costeiros da Picardia.

Este horrivel desastre encheu de consternação a França em peso, o mundo inteiro, que tinham os cinco sentidos voltados para a grande febre da conquista do espaço.

Sem ter cessado, o enthusiasmo conteve-se, entretanto, dentro dos limites da cautela, da prevenção.

1799

A França fecha a sua *Eschola Aerostatica* de Meudon.

Mais algum tempo, e as experiencias vão recomeçar. Agora, porêm, já se prevê antes de ousar; e, com o que já se possue, principia-se a tomar outro rumo, de onde advenham talvez grandes resultados, favoraveis á propria direcção dos balões.

Esse outro rumo é o dos aerostatos aproveitados como instrumentos de investigações scientificas. Ahi estava o ar ao lado de todos, pelo espaço a fóra... Que se sabia delle? como o encarava a Physica?

Deccorridos 19 annos, recomeçam as ascensões, então scientificas. Dentro em pouco a arte da guerra chamará o balão a si.

1804

Entre outros nomes immortaes, a sciencia franceza expõe ao mundo, aureolados de luminosissima gloria, os de Biot, Gay-Lussac e Arago. A astronomia, a mathematica, a physica, a chimica, todas estas sciencias que são o orgulho do animal-Homem, estavam ainda no grande periodo de fermentação, de que deviam de borbotar mais tarde as grandes descobertas modernas, a sciencia da materia bruta e a sciencia da materia viva. De uma nebulosa ainda informe sahiam os primeiros vagidos da futura biologia. Esparsos por toda a parte, por toda a parte se procuravam e colhiam os materiaes que, vindos desde Aristoteles e desde Bacon de Verulam, deviam de servir para as generalizações encyclopedicas, para a systematização philosophica de todos os conhecimentos humanos.

Tendia-se, como hoje, como sempre, á lei da unificação pela simplificação, ao ideal de *tudo em um*, visto que a Natureza é uma e que suas leis, simples enunciados verbaes do homem, apenas exprimem as condições regulares em que ella apresenta e mantem os seus infinitos aspectos.

Iam dahi jorrar invasoras, victoriosas como as grandes forças incoerciveis, as obras geniaes dos especialistas de cada scien-

cia, e depois as immensas unificações de um Spencer e de um Comte.

Foi do seio agitado dessa fermentação psychica que surgiu a idéa de se aproveitar o balão como instrumento de novas investigações.

E então, neste anno (1804), subiu Gay-Lussac a 4.000 metros de altura, para pesquizar a acção das correntes magneticas do globo sobre a agulha imanada — da terra aos ares. Teve por companheiro a Biot; mas pouco depois subiu sósinho a 7.016 metros, tendo trazido, de uma altitude de 6.333, varias amostras de ar para analyse, amostras que nada adeantaram ao que então se sabia da composição do mesmo.

Parece que foi longo este periodo de investigações. Durante quasi meio seculo não se registra, entretanto, nenhuma ascensão digna de augmentar mais um élo á corrente lançada por Bartholomêu de Gusmão, augmentada em seus élos por José e Estevam Montgolphier, por Charles, Pilatre de Rosier e Blanchard.

Só dahi a 48 annos se póde reatar de novo o fio das ascensões, e vêr então que, chronologicamente, pelo menos, as experiencias de 1852 em deante marcarão nova phase na historia do balão.

Essa *segunda phase* vai caracterizar-se não só pela accentuação das pesquizas scientificas iniciadas por Gay Lussac, como tambem pela APPLICAÇÃO DO VAPOR E DA ELECTRICIDADE á navegação aérea.

E' o que se vai vêr.

III

SEGUNDA PHASE

VAPOR E ELECTRICIDADE

(1852—1886)

Icaros do mesmo ideal, faz 67 annos que Pilatre de Rosier e Romain encontraram na morte o premio de sua ousadia.

O mesmo destino tiveram depois Olivari (1802), Mosment (1806), Bittorff (1812), M.me Blanchard (1819), Harris e Sadler (o primeiro em Maio e o segundo em Setembro de 1824); e Coking em 1836.

Os balões de Olivari, Bittorff e M.me Blanchard, incendiaram-se. A ascensão de Olivari foi em Orleans, e a quéda deu-se a 4 kilometros da cidade. O desastre de Bittorff foi em Manhein, na Allemanha, e o de M.me Blanchard em Pariz, quando a destemida aeronauta fazia a sua 67.ª ascensão. Um foguete incendiou-lhe o balão e ella cahiu em cima do telhado de uma das casas da rua de Provence, terminando assim os dias risonhos e famosos da sua existencia.

Foi em Lille (França) a quéda de Mosment, por ter elle perdido o equilibrio.

A de Harris deu-se em Londres, por grande escapamento de gaz pela valvula do balão... Harris, ao abril-a para descer, de mais a abriu, e não a pôde fechar. O gaz precipitou-se para fóra, e Harris cahiu e morreu.

Quanto a Coking, na Inglaterra, esse foi victima da confiança depositada num apparelho de sua invenção, feito para funccionar com o para-quédas. De 1200 metros de altura Coking atirou-se aos ares... O apparelho não funccionou, e o temerario aeronauta veiu esborrachar-se em terra, numa quéda de 20 metros por segundo.

Nenhum desses desastres impede que a segunda phase se inicie e se complete.

Vai terminar agora o armisticio de 48 annos aberto entre as ultimas experiencias da primeira phase (1804) e as primeiras da segunda.

1852

Aos 27 annos de edade, Giffard (Henrique—), engenheiro francez, que ligou seu nome a um injector automatico de caldeiras, a um telegrapho pneumatico e a um novo methodo de fabricação do hydrogêneo, applica o VAPOR á navegação aérea.

E' elle o primeiro que modifica a fórma até então classica dos balões, a fórma redonda, alterando-a para *alongada*, no sentido horizontal.

A experiencia de Giffard foi notavel por ter sido *a primeira em que uma* MACHINA A VAPOR *foi applicada á aerostação.* Tinha esse motor a força de 3 cavallos, força que imprimia á helice 110 rotações por minuto.

Durante muitos annos Giffard dedicou-se ao aperfeiçoamento dos seus aerostatos, repetindo experiencias sobre experiencias...

Seu nome é um dos marcos mais luminosos que assignalam as phases por que passou a evolução dos balões.

1862

E' preciso vêr até que altura póde o homem ir impunemente, sem perigo para a saúde e para a vida. Agora é a Inglaterra que toma a deanteira. Glaisher e Coxwell sobem a 8.840 metros. A 7.000 metros já um delles se sentia mal, e dentro em pouco perdeu o movimento, a vida de um dos braços. Mais um pouco, e uma syncope o abateu.

Como a terra, como as aguas, o ar resiste á conquista do homem, declara-se-lhe inimigo. Mas si os dois inglezes não o tivessem desafiado lá onde as aguias voam e o silencio finge a negação da *Vida*, Paul Bert não teria demonstrado, para gloria da Sciencia, que o inimigo da vida, nas grandes altitudes, é a falta de oxygêneo, por crescente deficiencia de pressão atmospherica.

1871

E' preciso dar á Aeronautica um cunho positivamente scientifico; formar para ella um centro de unificação de estudos:— reabre a França a sua *Eschola Aerostatica* de Meudon, fechada havia 72 annos, em 1799, quinze annos após o desastre de Rosier e Romain.

Si a conquista dos ares é um ideal do povo francez, uma das suas mais vivas paixões, demonstrada pela frequencia e pela variedade das tentativas, daqui por deante sel-o-á tambem do governo daquelle paiz, governo que, antes de tudo, visa na grande descoberta um novo e incomparavel instrumento de guerra, para ataque e defesa.

1872

Dupuy de Lôme, que deu á marinha de guerra da França um poderoso impulso, repete, á custa e por ordem do governo de seu paiz, as applicações de Giffard ao balão.

Foi dessas experiencias que se chegou á certeza de que com uma HELICE se podia dar aos aerostatos a rapidez do ar *em que se movem*, ao passo que a dirigibilidade parecia exigir velocidade superior á do vento.

Entrava, pois, o problema da navegação aérea em um vasto e longo terreno, em que teria que ser praticamente vencido ou vencedor.

A grande difficuldade estava em conseguir-se um motor levissimo e, ao mesmo tempo, com força capaz de vencer a velo-

cidade das correntes do ar, rios que sulcam a atmosphera como as correntes marinhas sulcam os oceanos.

Achar-se-ia essa ideal machina a vapor, microscopica, por assim dizer, livre de perigos para a navegação do espaço?

Um brazileiro, que ainda não tinha nascido, estava destinado a dar a essa pergunta, dahi a 29 annos, uma resposta affirmativa e cabal, — chave de ouro com que abriria o Brazil o seculo 20 ás nações do mundo.

Houve um grande momento de silencio na esphera dos que então talvez pudessem fazer alguma coisa por esse ideal.

1874

Constróe-se o *Estrella Polar*. Crocé-Spinelle e Sivel sobem nelle a 7.400 metros de altura; e, como nessas altitudes é a falta de oxygêneo que abate os navegantes do ar, levam comsigo balõesinhos de oxygêneo como remedio a esse mal. Mais dois destinados ao cemiterio da Navegação Aérea, victimas da asphyxia que tentavam supprimir.

Nesta ascenção, já aos 4.000 metros se sentiam mal os dois audazes navegantes.

Fizeram mais tres ascenções, todas para o mesmo fim —compensação da falta do oxygêneo. Depois de um certo successo lá por essas vertiginosas alturas, tentaram a ultima, que lhes foi fatal.

1875

Foi a 15 de Abril que se effectuou esta ultima e tragica ascenção em que, a bordo do *Zenith*, subiram os dois amigos acima referidos e mais Gastão Tissandier. O *Zenith* subia sempre, subia cada vez mais, audacioso e temerario nessa nunca vista escalada dos céus. Os instrumentos altimetros já marcavam 8.000 metros; depois, 9.000 metros... Afinal ergue-se o *Zenith* a 10.000 metros de altura, 10 kilometros, mais de legua e meia das nossas, sobre o nivel do mar!

Gastão Tissandier desceu vivo; pôde escapar. Seus dois companheiros estavam mortos, — fulminados pela asphyxia!

De novo o mundo scientifico se cobre de lucto. Ha um pesar immenso em todos os corações. As victimas da Sciencia são sagradas, e a *Memoria Humana* é o mausoléu perenne, mais perenne que o bronze, em que ellas repousam immortaes, á sombra das perpetuas da Historia e num religioso ambiente de saudades.

São os mortos que governam os vivos, em todos os sentidos, e os vivos de hoje serão os mortos de amanhan.

Mas agora já se póde pensar na electricidade como força motora para os balões. Pensa-se, de facto, nella. Chega-se mesmo, em discussões theoricas, a fazer a solução do problema depender exclusivamente della.

Ha um outro longo momento de estagnação promissora no campo do pensamento aeronautico. Edison, Tesla, Kelvin e dezenas de outros electricistas já vão muito longe por essa sciencia em fóra, tirando das conquistas dos seus precursores novos elementos de conquista para os seus successores. Já o mundo tinha visto em diversas *Exposições Universaes* o terreno luminosamente ganho, e previa, lobrigava, nas raias multicôres de uma madrugada não distante, os novos triumphos das novas e diabolicas applicações desse maravilhoso ramo da physica.

1880

Quando traçámos ás pressas este artigo para o *Diario Popular*, deixámos de nos referir ao nosso illustre patricio Julio Cesar Ribeiro de Souza, por nos terem faltado no momento os dados necessarios á referencia.

Graças, porêm, á patriotica lembrança do sr. José Felicíano (Vide o *Estado de S. Paulo* de 27 de Agosto), podemos hoje sanar essa lacuna.

Nascido no Pará, Julio Cesar imaginou por sua vez um *novo systema* de balões que, em sua convicção, ia resolver o problema da navegação aérea.

Julio Cesar precisava de auxilios pecuniarios para pôr em pratica a sua idéa. Convencido de que com o seu systema o problema da dirigibilidade estava resolvido, luctou como um heróe, expondo, discutindo as vantagens desse systema.

Para conseguir os auxilios de que necessitava, era preciso que homens competentes se pronunciassem sobre as possibilidades da sua invenção, possibilidades que elle vai demonstrar em 1881 e 1884.

1881

Julio Cesar conseguiu que o Instituto Polytechnico se pronunciasse sobre o seu novo systema de navegação aérea. Publicado o parecer, que foi da lavra do barão de Teffé, mas que teve a unanime approvação do Instituto, obteve Julio Cesar 20:000$000

da Assembléa Legislativa da sua provincia natal —para a demonstração pratica do seu invento.

O parecer do INSTITUTO é datado de 3 de Maio deste anno e affirma que:

> —«1.° O apparelho destinado á viação aérea, descripto pelo sr. Julio Cesar Ribeiro de Souza na *Memoria* e desenhos submettidos á apreciação do INSTITUTO POLYTECHNICO, não é cópia ou imitação de qualquer outro;
>
> —2.° Dentre todas as idéas até hoje lembradas por *balonistas* e *aviadores*, no sentido de dotar o aerostato de *movimento proprio*, capaz de servir para dar-lhe direcção, esta *parece* a unica exequivel e portanto acceitavel».

O sr. José Feliciano transcreveu ainda o seguinte trecho de um artigo do dr. Alvaro de Oliveira, signatario do parecer, artigo publicado a 20 de Abril de 1882, em defesa da opinião do INSTITUTO, então atacada:

> «O sr. Julio Cesar, observando o vôo dos grandes passaros, reconheceu o papel que representam as azas e a cauda, não só na direcção como no proprio movimento dellas. Teve a idéa ENGENHOSA, NOVA, de fazer um balão semelhante a um passaro invertido, semelhante não só pelas azas e cauda, mas tambem pelas *dimensões relativas*. O raciocinio de que se serve é *perfeitamente correcto*. Um passaro vence a acção da gravidade pela energia muscular: modificando esta energia, pelo movimento e inclinação das azas e cauda, elle consegue mover-se e dirigir-se no ar. Ora, se construirmos um balão semelhante a um passaro invertido, e o enchermos de um gaz mais leve do que o ar, este balão terá um movimento de baixo para cima,—contra o sentido da acção da gravidade,—dado pela *força ascensional* (differença entre o peso do balão e o peso de um egual volume de ar): esta força ascencional produz o mesmo effeito que a energia muscular dos passaros. Portanto, se modificarmos a força ascencional pela acção de planos inclinados, analogos ás azas e á cauda do passaro, daremos movimento e direcção ao balão».

Julio Cesar partiu para Pariz.

A 27 de Outubro lia a sua *Memoria* á SOCIEDADE FRANCEZA DE NAVEGAÇÃO AÉREA, de que era presidente o capitão *Renard*, o mesmo das futuras e celebres experiencias de 1884, em companhia de Krebs, no balão *France*.

A 8 de Novembro aquella sociedade o nomeou seu socio e, nesse mesmo dia, elle, Julio Cesar, fez nas officinas da CASA-LACHAMBRE a primeira experiencia com o seu balão *Victoria*, que tinha 10 metros de comprimento sobre 2 de diametro.

Verificou-se que o *Victoria* cortou o vento sem o menor esforço e sem nenhum propulsor.

Essas experiencias repetiram-se a 12 de Novembro, tendo o *Victoria* navegado em todos os sentidos contra um vento de 8 metros por segundo.

A 25 de Dezembro, já no Pará, lá repetiu elle com os mesmos resultados as suas ultimas experiencias de Pariz.

1883

Gastão Tissandier, o intrepido aeronauta francez, celebre principalmente pela experiencia do *Zenith* em 1875, que custou a vida a Crocé-Spinelli e Sivel, sobe agora (*8 de Outubro*) em um aerostato tambem de fórma *alongada*, munido de MOTORES DYNAMO-ELECTRICOS e, vencendo um vento de 3 metros por segundo, vai a 500 metros de altura.

1884

Por esta epocha já tinha Julio Cesar conseguido no Amazonas, no Pará, em Pernambuco e no Rio, auxilios que importaram em cento e dois contos de réis e com os quaes encommendara elle o seu ultimo balão, o *Santa Maria de Belém*, agora prompto para a experiencia definitiva.

Estamos em *Julho*. O balão cuba 3.000 metros e tem de comprimento 52. Chega o dia da experiencia, no Pará. Começa-se a encher o *Santa Maria*, e a experiencia não se realiza, porque faltou gente para terminar o enchimento.

Dahi por deante nada mais conseguiu o nosso patricio para levar avante a sua idéa, theoricamente victoriosa, e com ella morreu sem vel-a triumphar na pratica.

—A *23 de Setembro* deste mesmo anno Gastão Tissandier repete ainda as suas experiencias, agora em companhia do irmão.

O aerostato é o mesmo de 1883, mas o *motor electrico* lhe imprime desta vez uma velocidade de 4 metros por segundo.

O leme dirige bem o balão; mas... 4 metros por segundo não resolvem o problema.

—Neste meio tempo, os capitães Renard e Krebs, officiaes do exercito francez, directores da Eschola Aerostatica de Meudon, já se acham em adeantado preparo para as suas celebres experiencias deste anno e do seguinte. O balão *França* está concluido, prompto para a tentativa. Tem elle um motor de 8 1/2 cavallos e a *pilha* electrica vai fornecer-lhe uma energia ininterrupta para tres a quatro horas de navegação. O *França* é de formato *alongado*, tão alongado que ficou sendo a «*fórma de charuto*» verdadeiramente creada por Julio Cesar,—porque a forma pouco alongada ou de ovo, essa pertence a Giffard e nasceu em 1852.

A construcção do *França* é feita sob um plano secreto; é uma construcção official, dirigida pelo ministerio da guerra, para o governo francez.

Ha já cerca de 30 annos que os irmãos Renards se dedicam a esta ordem de estudos e experiencias.

Pesa o *França* 1.650 kilos. Vai supportar 200 kilos de lastro e mais 150 representados por dois homens, —perfazendo tudo 2.000 kilos nos ares.

O motor tocará a helice, e a helice conduzirá o balão.

Agosto 9. — Effectua-se a primeira ascensão.

O *França* larga de um ponto dado da Eschola Aerostatica tambem chamada Parque Aerostatico, ponto préviamente estabelecido para seu *ponto de partida*. Krebs e Renard luctam pelo segredo da direcção e luctam em segredo, porque, officiaes do exercito francez, servem ao governo de seu paiz, empenhado nesta descoberta como uma arma de defesa e ataque. Todo o trabalho destes dois homens é secreto, como secreto foi o da carabina Lebel, o da polvora sem fumaça para essa carabina, o do ultimo modelo de canhões que substituiram no exercito e a bordo o penultimo modelo, e finalmente o dos formidaveis submarinos iniciados com o *Gustavo Zedê*.

A dirigibilidade dos balões é agora o unico ponto de mira de todos os experimentadores, sejam de que paiz forem. E nessa lucta batem-se na frente as primeiras potencias do mundo, algumas sinão directa, ao menos indirectamente. Como a photographia, tambem a aerostação parece uma arte (antes uma sci-

encia) genuinamente franceza. Krebs e Renard conseguem muito, muito mesmo: — partem; governam o *França*, que chega a deitar quasi 6 metros por segundo. Mas si o vento excede essa velocidade, já o *França* não funcciona. Obrigam-no a descrever uma grande volta, um semicirculo de 300 metros de raio, e fazem-no então voltar ao ponto de partida.

Successivamente sobem mais 6 vezes, fazem mais 6 ascenções em busca da conquista da direcção. Mas si o vento augmenta, já o *França* não ganha espaço.

As ascenções de Renard e Krebs, ao todo em numero de sete, foram feitas de 9 de Agosto deste anno a 23 de Setembro de 1885.

Houve, porêm, nessas notaveis e ruidosas experiencias um momento (de passageira illusão) em que pareceu que a coisa estava resolvida:—foi quando soprou o vento a 8.000 metros por hora, momento em que o balão deitava simultaneamente 15.000 metros.

Os cyclones devastam com velocidades já medidas de 35 a 40 metros por segundo, —dois a dois e meio kilometros por minuto. Sabe-se que a velocidade *média* do vento é de 10 metros por segundo, conforme as sabias deducções de Pigeot, da *Academia Meteorologica de Aerostação.*

Entretanto, uma coisa ficou provada: — a possibilidade da aerostação electrica, sendo, porêm, necessario a um balão como o *França* um motor de 31 cavallos, para poder vencer correntes aéreas de 10 metros por segundo. Chegou-se tambem a outra conclusão:—era indispensavel que a pilha fornecesse a energia electrica por espaço de tempo muito maior que o de 3 a 4 horas da pilha do *França.*

E dahi se inferiu que o futuro motor da navegação aérea talvez pudesse deixar de ser um motor electrico.

1886

O governo francez decreta a organização do serviço aeronautico militar.

Agora, a solução do problema fica definitivamente entregue á engenharia. Só da mathematica applicada poderá sahir a direcção dos balões. A industria metallurgica progrediu tanto nestes ultimos 20 annos, que está perfeitamente aparelhada para dar á engenharia o que ella lhe pedir.

A situação ficou nitidamente definida nas seguintes palavras de Yvon Legeal (A citação é um pouco longa, mas é necessaria):

—« Os engenheiros que se atiraram á navegação aérea como que estavam divididos em dois campos irreconciliaveis: — os partidarios do *mais pesado que o ar* e os do *aereostato dirigivel*. Para aquelles é preciso que suba *muito peso*, para se obter então a força directriz em *valor absoluto*: —vão, pois, esbarrar na insufficiencia dos motores conhecidos.

« Os outros, os partidarios do *balão dirigivel*, esses contentam-se com a applicação, mais ou menos scientifica, de uma helice a qualquer aerostato mais ou menos bem construido. E são elles os unicos que têm obtido resultados, ainda que mui pequenos, de cerca de 2 a 3 metros por segundo. Ficarão eternamente estacionarios, porque estão de encontro a todas as leis physicas e naturaes.

« Parece logico conceber entre essas duas opiniões extremas um *systema misto*, systema em que, sendo o peso *bastante* para concorrer á direcção, seja no emtanto *pouco*, para poder ser facilmente levantado por qualquer motor dos que existem. Fóra disto, no momento em que estamos, a mechanica repelle formalmente qualquer outra solução do problema. A propria natureza nol-o indica; e, si não podemos imitar a causa de sua perfeição, devemos no emtanto aproveitar-nos dos ensinamentos que ella nos dá. Ora, o passaro, que é o sêr mais adaptado ao meio aéreo, é *mais pesado* que o ar. E' verdade que é pouco grande o seu peso especifico geral; mas essa relação está em pleno accôrdo com os nossos conhecimentos mechanicos ».

Como justificativa do que fica dito, Yvon Legeal fez depois a analyse technica das forças de projecção em estado permanente, etc,. Não interessa ao caso. O que lhe interessa é só a citação que ficou feita, porque define as diversas correntes intellectuaes em que se debatiam ainda ha pouco os ultimos bandeirantes da navegação aérea.

De 1886 para cá pouca coisa adeantou-se ao problema, até a uns dois ou tres annos atraz. Nesse espaço de tempo, porêm, varias foram as ascensões feitas e as travessias maritimas que não são aqui citadas para não alongar de mais este já longo artigo. Ficou-se sabendo, entretanto, mais um pouquinho do que é do ar como *correntes*, *pressão*, *densidade*, *temperatura*; mas o problema da dirigibilidade continuava sem solução. De tempo em tempo mais uma victima ia dormir na tragica necrópole da navegação super-terrena, tendo sido a ultima dellas o ousado aeronauta allemão Otto Lilienthal.

Parallelamente á pesquiza dos balões desenvolveu-se o gosto pelas machinas de voar, pelo que se chama hoje AVIAÇÃO, pala-

vra derivada de *avis*, para indicar o modo aerostatico de fender os ares. Foram em grande numero as experiencias e tentativas desde o seculo 17 até nossos dias, em que mais modernamente se deu a taes machinas o nome de *aeróplanos*. Neste rumo encontram-se, formando-lhes a evolução, os nomes de Groof, Penaud, Langley, Ader, Maxim, Charles Richet e outros.

Não vale a pena especificar.

Póde-se, pois, dizer que as notaveis experiencias de Renard e Krebs, directores do *Parque Aerostatico* de Meudon, fecharam a SEGUNDA PHASE da evolução dos balões dirigiveis.

Passe-se, portanto, á terceira e ultima phase, aquella em que Santos Dumont remata essa evolução, fazendo tremular a bandeira brazileira acima das mais poderosas nações do mundo, em nome da Sciencia e em nome da Paz.

IV

TERCEIRA E ULTIMA PHASE

REDUCÇÃO DO MOTOR, E MOTORES A PETROLEO

(1896—1901)

Esta phase foi iniciada e completada durante os ultimos quatro annos do seculo ha 6 mezes extincto.

Do vasto percurso de perto de 200 annos de estudos e experiencias ahi estava, como patrimonio da Aeronautica, o pouco que se chegou a conseguir ainda que instavelmente, tanto em relação ás melhores fórmas de balões, como em relação aos meios de equilibrio e propulsão.

Quanto ao equilibrio, á suspensão no ar, contrariando a acção centrípeta da terra, as leis de Kepler e Newton de ha muito que estavam vencidas para a navegação aérea. O x do problema repousava, pois, só e só na propulsão predeterminada, capaz de vencer as correntes aéreas, e esse x implicava, subentendia a grande questão dos motores.

O hydrogêneo, o ar aquecido, o gaz de illuminação, etc., illudiriam o tremendo e fatal egoismo do globo que habitamos,

egoismo que, afinal, chama a si os proprios passaros que vivem no ar. Motores a vapor e electricos, alimentados desta ou daquella fórma, por este ou por aquelle meio, já tinham tambem sido experimentados; mas, por mui pesados ficavam e ficaram muito aquêm do que se queria e se sonhava. Para vencer as correntes aéreas, de duas cousas fundamentaes se precisava num dado momento: — *pouco peso* e producção de *velocidade superior pelo menos á velocidade média do vento.* Era ahi que esbarrava o problema da direcção no ar, e descobrir, inventar esse motor, seria resolver o problema, já de ha muito entregue ao mais alto pensamento mathematico, principalmente dos engenheiros da França, da Allemanha, da Inglaterra, dos Estados-Unidos e da Russia.

Dada a applicação tida em vista, só os profissionaes pódem avaliar a immensa difficuldade que havia a vencer.

Era um *x* maior que o «*Eureka!*» de Archimedes; mas nem porisso cruzou a Sciencia os braços deante desta impenetrabilidade do Desconhecido.

Santos Dumont. — Foi em 1893 ou 1894 que passou a residir em Pariz Alberto dos Santos Dumont, filho do dr. Henrique Dumont e de d. Francisca dos Santos Dumont, tambem brazileiros, nascidos ambos no Estado de Minas. Filho de francez, o dr. Henrique Dumont era um habil engenheiro, cujos serviços foram aproveitados na construcção e direcção de algumas de nossas estradas de ferro.

O futuro descobridor da direcção dos balões, Alberto dos Santos Dumont, nasceu no Estado de Minas, no municipio de Santa Luzia, a 20 de Julho de 1873. Nelle o animo emprehendedor póde ser encarado como um facto de herança physiologica; pois ninguem ignora em S. Paulo o que é a *Fazenda Dumont*, de Ribeirão Preto, a mais vasta propriedade cafeeira do Brazil, fundada pelo pae, e depois vendida a um syndicato extrangeiro.

Fallecido a 30 de Agosto de 1893, não foi dado ao pae assistir ao triumpho legitimo do filho.

Foi, pois, em 1893 ou 94 que Santos Dumont começou a residir em Pariz. Moço de fortuna, de leituras scientificas e de ideaes, Dumont sentia a necessidade dos grandes meios intellectuaes.

Elle já se interessava desde então pelo problema do automobilismo, problema que começava de entrar em moda e que apaixonava o grande mundo dos industriaes.

ALBERTO DOS SANTOS DUMONT

1896

Dois annos depois da sua chegada a Pariz, cada vez mais preoccupado com o problema do automobilismo, comprou Dumont um automovel, em que pudesse estudar directamente o referido problema.

Esse problema dependia de um motor por assim dizer ideal, motor em que se realizasse grande reducção de peso e simultaneo augmento de força, e á solução desse problema dedicava Dumont todo o seu pensamento.

Todo este anno e o seguinte, de 1897, passou-os elle entregue a taes estudos.

1898

BRAZIL

Ao primeiro balão que mandou construir para uso proprio como propriedade sua, deu elle o nome de *Brazil*.

Assim, o seu primeiro pensamento foi para a patria.

Nesse balão, cujo motor já devia ter grandes melhoramentos, graças aos conhecimentos adquiridos com os estudos do automovel, ia elle iniciar definitivamente outra ordem de estudos — a da conquista dos ares.

Posto que já conhecido em certas rodas, as revistas ainda não se occupavam do nosso compatriota.

Era o *Brazil* de fórma espherica; cubava 113 metros, tinha força para levar um lastro de 52 kilos, afóra Dumont, que só pesava 50, e, embaixo, suspensa por cordas, ficava a barquinha de vime. O motor empregado era já uma promessa de prospero futuro.

Julho, 4. — Foi esta a data da sua primeira ascenção no seu primeiro balão, *Brazil*.

Depois subiu Dumont muitas e muitas vezes neste mesmo balão. Observava detidamante, comparava, estudava-lhe o movimento nos ares, horizontal, vertical ou obliquo; sondava-lhe a capacidade da marcha, a medida ainda incerta da velocidade, a resistencia do vento, tudo. E chegou á conclusão de que o *Brazil* ainda era pequeno; de que tinha necessidade absoluta de um balão maior.

E mandou construir a sua segunda aeronave.

Mas neste mesmo anno tinha o *Aéro-Club* aberto um concurso de balões á moda dos concursos, então existentes, de auto-

moveis. Tal concurso tinha por fim o estudo das correntes atmosphericas.

Ao seu segundo balão, que ficou logo prompto, deu Dumont o nome de

AMERICA

Deu-lhe esse nome como uma saudosa homenagem ao continente em que, pela vez peimeira, se lhe abriram os olhos á luz do dia.

Agora cuba ou arqueia o *America* 500 metros, — mais 387 que o seu antecessor.

Effectua-se o concurso do *Aéro-Club*, no qual se inscrevem 12 balões, inclusive o de Dumont. Dentre os 12 companheiros desse pleito foi Dumont quem mais alto subiu e mais tempo se demorou nos ares, lá manobrando durante 23 horas.

Só depois desta prova começaram os jornaes e revistas a referir-se ao nosso compatriota.

As ascenções do *America* consolidaram em Santos Dumont os estudos feitos anteriormente com o *Brazil*. Viu elle que os seus calculos iam sahindo brilhantemente do terreno das conjecturas. A sua idéa descia do plano psychico para o plano material, em que, terminada a involução, se encarnaria em realidade tangivel, repetindo, microcosmica e analogicamente, a immensa historia macrocosmica de todos os factos da Natureza.

Até aqui os seus balões eram ainda redondos, *esphericos*, e, de tudo que viu e observou, concluiu elle que, positivamente, era preciso mudar-lhes a fórma de espherica para *alongada*.

Pareceu-lhe então que a chamada *fórma de charuto* é que melhores resultados lhe daria.

Relativamente ao motor, tambem o estudava elle no seu automovel, tendo sempre em vista a diminuição do peso e o augmento da força.

Ah !, como o *Brazil*, o *America* não lhe daria mais do que já deu, —jámais lhe revelaria o segredo da direcção. Era, pois, preciso um outro, um terceiro balão. Contando já com uma grande somma de conhecimentos praticos, que cada dia mais se consolidavam e amadureciam, mandou Dumont construir o seu *terceiro* balão, que em verdade é o *primeiro* que merece o nome de *dirigivel*,

Esse balão chamou-se

DUMONT I.

nome que lhe foi provavelmente dado pelos aeronautas seus camaradas do *Aéro-Club*. Arqueia mais 100 metros que o *America;* portanto, arqueia ou cuba 600 metros, e, tendo de comprimento 25, as suas extremidades são conicas, afuniladas na extensão de 1 metro e 75 centimetros.

E' o seu *primeiro* balão em *fórma de charuto*. A um dos lados da barquinha, que é de vime, está o motor, alimentado a petroleo (kerozene). O leme é de lona e a helice tem 1 metro e 80 centimetros de comprimento. A barquinha, que é de vime, como se disse, e na qual fica o motor, a helice e o aeronauta, é pendurada ao balão por diversas cordas.

Como este balão é comprido, em fórma de charuto, claro está que Dumont, para fazel-o subir ou descer, precisa de mudar-lhe o centro de gravidade. Si houver mais peso atraz (pôpa), a parte de deante (prôa) se levantará, e a marcha será em subida; invertidos os papeis, a pôpa se levantará e a marcha será em descida. O arco dessa inclinação conterá portanto todos os graus de direcção desejados pelo aeronauta. Dumont, para satisfazer a essa necessidade, tomou dois saccos de lastro e os pendurou, um na prôa e outro na pôpa. Por meio de dois cordeis podia elle puxar para seu lado, isto é, para o centro, ora um ora outro dos saccos, conseguindo assim as inclinações que tivesse em vista, isto é, angulos de subida ou descida, tendo por lados, em primeiro logar, o balão e, depois, a linha virtual do horizonte.

Outra innovação accrescida a este aerostato foi o *balonête*. Na parte interna e inferior dos pannos do balão mandou Dumont coser um grande panno, formando por assim dizer uma algibeira fechada: — essa algibeira é o balonête que, por um tubo, vai se ligar na barquinha a um ventilador. Serve o balonête para manter o balão sempre esticado, graças ao ventilador ou bomba de ar; mas como? Do seguinte modo: — sempre que houver perda de gaz no balão, isto é, sempre que elle for murchando, a bomba funccionará, injectando ar no balonête; este por sua vez se encherá, tomando no bojo do outro o logar desoccupado ou rarefeito pelo hydrogêneo perdido. Com este artificio manterá o balão a sua superficie sempre cheia, tensa, esticada. E', pois, um systema de compensação, uma garantia contra possiveis desastres occasionados por deficiencia de gaz; porque, em Aeronautica, é absolutamente preciso que as superficies dos balões não tenham rugas, sejam perfeitamente lizas, para

que nellas não faça o ar finca-pé, afim de que a marcha, o deslocamento aéreo, seja egual, — sem trepidação.

Tambem o motor passou por uma modificação importantissima. Tomando o motor a petroleo de seu automovel, motor de Dion-Bouton, addicionou-lhe mais um cylindro ajustado ao unico que elle possuía, obtendo assim uma força de 3 1/2 cavallos em um motor de menos talvez de 30 kilos de peso morto.

Já bastante leve, foi, pois, esse motor a cellula-mater de tudo o mais que, de triumpho em triumpho, dahi por deante se seguiu.

Prompto o *Dumont I*, foi a ascensão marcada para *18 de Setembro*. Ao erguer-se, porêm, aos ares, eil-o que se rasga, devido á impericia dos ajudantes, que ainda não tinham a firmeza necessaria ás manobras desse genero.

Setembro, 20. — Dois dias depois do desastre, estava o balão concertado e subia aos ares o aeronauta brazileiro. Foi tudo perfeitamente bem até 400 metros de altura. Dumont subia ou descia á vontade; tomava para a direita ou para a esquerda; manejava com feliz resultado os saccos de lastro pendurados na prôa e na pôpa.

Mas... lá vem o desastre, e desastre que lhe podia ter sido fatal.

—Por um incidente qualquer, justamente a 400 metros de altura, deixou a bomba de funccionar; quer dizer: — o balão murchava e o ventilador não enchia o balonête. Estava, pois, supprimida a compensação. Supprimida, meio vasio o balão, eis que elle se dobra sobre si mesmo, esvasiando-se rapidamente e ao mesmo tempo que cahia. E cahiu por terra com o ousado aeronauta, o qual, por uma indizivel felicidade, só soffreu o abalo da quéda, sem maiores inconvenientes.

Essa quéda que, no dizer de Dumont, foi na razão de 4 a 5 metros por segundo, lhe teria sido fatal si elle não tivesse tido a presença de espirito de gritar aos assistentes que agarrassem as cordas e escorassem o balão contra o vento.

Era preciso modificar ainda esse typo de aerostato. E como o *Dumont I* estava inutilizado, impunha-se a construcção do *Dumont II*. Vê-se que nosso illustre patricio não desanima. A sua intrepidez e a sua tenacidade já são notaveis, mesmo agora, quando elle se acha apenas no limiar do futuro e grande descobrimento.

Dahi a mezes ficava prompto o seu *quarto* balão, destinado a novas e mais importantes experiencias.

1899

Este *quarto* balão, segundo dirigivel, passou já por importantes reformas, como se vai ver, — e ficou sendo o

DUMONT II

Tem elle o mesmo formato e a mesma arqueação do seu antecessor. Não dobrará, porêm, sobre si mesmo. Vai impedil-o de dobrar-se uma intelligente combinação de bambús, cruzados de tal arte, que o manterão constantemente esticado, firme. Como no *Dumont I*, o leme ainda é de lona, esticado num caixilho de sarrafos; collocado á pôpa, e dada a propulsão do motor, esse leme determinará a direcção a seguir, graças á sua maior ou menor abertura relativamente ao eixo longitudinal do balão. Abril-o ou fechal-o será coisa facilima a Dumont, porque da barquinha lhe falará elle por meio de um cordel; —puxando, fecha; soltando, abre. Assim como a resistencia da agua no leme de um bote, a resistencia do ar levado na frente, pela propulsão, determinará no leme do balão os rumos que o aeronauta lhe quizer dar. O cordel gyrará sobre roldanas.

A helice tem duas pás de 4 metros de envergadura, feitas de aluminio e dando 180 voltas por minuto. O motor, de todo refeito, tambem de 2 cylindros como o anterior, agora é de 10 cavallos em vez de 3.

Maio, 16.—A ascenção está marcada para esta data, que chega sem que ella se effectue, porque o tempo, que era mau, continúa a ser mau.

Os dias vão se passando.

Afinal, perde Dumont a paciencia de esperar que o tempo melhore em Pariz. O mundo é grande, e si o clima da soberba capital teima em oppor-lhe obstaculos, lá está Nice, a formosa, ao sul, distante de Pariz 1.088 kilometros, os pés immersos na onda mansa do Mediterraneo, e por cima um céu deliciosamente azul e tranquillo. Dentro de poucos dias haverá lá uma festa... Que bom para as suas ascenções!

Dumont dispõe tudo e parte para Nice. Que differenca de clima! que belleza do céu! Todas as coisas como que o convidam para o triumpho. O ar é sereno e sêcco, embalsamado pelo florejamento da primavera e pela frondescencia dos bosques e dos pomares. Diversas ascenções faz Dumont e com bom exito. Observa á vontade; estuda, compara, conclue... O dia da festa está pro-

ximo, e faz annunciar para esse dia uma grande ascenção. Todos o admiram, todos o applaudem.

Chega afinal o desejado dia.

Já desde cedinho, porêm, o ar e o céu dão signaes de tempestade. Dumont fica nervoso, visivelmente contrariado com essa tenaz perseguição da Meteorologia. Repelle a idéa de se adiar a ascenção. O tempo para elle não está fóra; está dentro. A pupilla dos grandes inventores é invertida pela idéa fixa. Para elles, a Natureza é o *Homem*; o mundo externo, um ficção. Na hora marcada já o céu era francamente ameaçador. Dumont ergue-se aos ares e, uma hora depois, quando revoava por cima da cidade que o contemplava, o vento lhe arrebata o balão, e o atira por cima das arvores de uma montanha visinha.

Lá se despedaça o *Dumont II* e, posto que bastante machucado, o aeronauta se salva.

Era preciso modificar ainda. A colera desse vento de tempestade tornou-o mais perito na sua arte, mais concentrado na sua paixão. Agora já sabia muito mais do que com o *Dumont I*. — Quatro balões já tinham sido experimentados. Perdera-os todos, um por um. Mas que importava isso ao futuro descobridor da navegação aérea? Que valor poderia ligar elle aos mil perigos latentes no seio da atmosphera? Almas por assim dizer predestinadas, os genios não têm tempo de pensar na morte. Elles só acreditam no movimento, na Vida.

Terminou assim a curta e triste historia do *Dumont II*, do quarto balão do nosso audacioso e illustre compatriota. Quanta coisa nova, porêm, não ficou elle sabendo! Quantas modificações não lhe foram suggeridas pelo estudo e pela observação,—modificações a fazer no *Dumont III*, que ainda ha de subir aos ares neste mesmo anno!

—

Estamos nos ultimos dias do seculo 19.

Pariz só pensa na sua *Exposição Universal* de 1900. Todos os industriaes, todas as corporações scientificas, todo o fino mundo dos artistas se move e agita para concorrer ao grande certamen com que a gloriosa França vai fechar o seculo da electricidade e abrir o seculo... da navegação aérea.

O governo francez não podia, nem devia cruzar os braços deante do grande problema. O ministerio do commercio e industria cumpriu o seu dever: — convocou, para funccionar durante a

Exposição, ao lado de dezenas e dezenas de outros congressos scientificos, um *Congresso Internacional de Aeronautica*, com um concurso de balões, em que seriam disputados:

— altitude,
— velocidade,
— distancia,
— duração de trajecto,
— photographia aérea, e
— *direcção* (parece).

Nestas coisas a disputar estavam contidas, excepção da quinta, as bases de que dependia a solução do problema.

A direcção do congresso e a realização do concurso ficaram a cargo da alta e provada competencia de Jansen e Marey, do INSTITUTO, e do já conhecido Renard, coronel de engenheiros, mui brilhantemente experimentado em Aéronautica.

Foi por essa occasião que se effectuaram as ascensões de Myers, nos Estados Unidos da America do Norte; de Schwartz, na Allemanha, em Tempelhof (—Berlim); e de Danilewsky, na Russia, cujo balão foi cahir em Charkoff.

Os extraordinarios successos de Dumont, jamais alcançados por nenhum de seus illustres antecessores, levavam a coragem e a emulação a todos os cantos dos arraiaes aeronauticos. Via-se que era preciso apressar a solução do problema; porque o mais difficil, o caminho para lá chegar, esse estava encontrado no systema-Dumont, cujas demonstrações praticas já eram de grande evidencia.

Por seu lado Santos Dumont não perdia tempo. Dado o desastre de Nice, voltou elle a Pariz e entregou-se á construcção do seu *quinto* balão, que ficou sendo o

DUMONT III,

o qual, no emtanto, sem que elle talvez o saiba, vai approximar-se tanto da solução do problema, que quasi o resolverá.

Pareceu a Dumont que podia diminuir-lhe a arqueação; com effeito deu-lhe apenas uma cubagem de 500 metros, ao passo que a de seus dois antecessores tinha sido de 600. A' reducção de 100 metros na cubagem correspondeu um alongamento de mais 4 metros sobre o comprimento de 25, de seus dois antecessores. Ficou, pois o *Dumont III* com 29 metros de extensão.

— No mais, o formato era o mesmo do antecedente. Uma vez cheio e nos ares, apresentava a figura de um fuso geometrico, isto é, a fórma de um charuto barrigudo, que vá emma-

grecendo suave e egualmente para as extremidades, até terminar em ponta romba. Foi uma das ultimas modificações do inventor.

O motor continuava a ser de força de 10 cavallos ; — mas o seu peso morto já é bem menor, proporcionalmente aos outros motores, antes empregados.

O equilibrio horizontal continuava a ser conseguido pelo mesmo systema de pesos moveis já descripto.

Novembro 13. —Foi neste dia a primeira ascenção do *Dumonte III*, e nesta e em varias outras, conseguiu o aeronauta brazileiro com grande facilidade contornar diversas vezes a Torre Eiffel, não só contornar como até descrever figuras de 8 em torno della, figuras que tinham a propria Torre por ponto de cruzamento.

A todas essas difficeis manobras e direcções obedecia o balão admiravelmente.

A ninguem, pois, escapou a alta significação dessas tentativas; porisso, nas rodas aeronauticas de Pariz já o enthusiasmo nascia e crescia com rapidez.

As ascenções deste balão rasgaram a Santos Dumont novos horizontes até então desconhecidos. Viu elle que, com mais algumas modificações, chegaria ao seu desiderato ; mas essas modificações só poderiam coexistir com um novo balão, que seria o *Dumont IV*.

Já então membro do *Aero Club*, sociedade a que pertence a nata pariziense dos bandeirantes da Aeronautica, tratou Santos Dumont de mandar construir no parque daquelle club, ao lado de Saint-Cloud (suburbio de Pariz, para as bandas do poente) um barracão fechado, no qual pudesse fazer e guardar os seus balões.

Vê-se que Dumont toma a peito cada vez mais a sua idéa.

1900

Tendo de construir um novo balão, Dumont não hesitou em dar-lhe as modificações que a sua pratica já lhe suggeria. Uma dellas seria no motor, que, em vez de dois, deveria ter agora 4 cylindros. Assim, tambem, como lhe pareceu que a barquinha poderia ser substituida por coisa melhor, mais firme e até mais commoda, essa substituição seria egualmente uma das novas modificações.

Amadurecidas, ponderadas e julgadas boas as suas idéas, entrou elle para o seu barracão de Saint-Cloud, e lá se entregou á construcção do seu *sexto* balão, que foi o

com capacidade de 420 metros cubicos de hydrogêneo (80 menos que o outro) e com um comprimento tambem de 29 metros. O motor é agora de 16 cavallos e 4 cylindros; e como tem de peso morto ou bruto 80 kilos, já se vê que o seu aperfeiçoamento é notavel, pois dá a proporção de 1 cavallo-vapor para cada 5 kilos de peso. As duas azas da helice têm 2 metros cada uma ou 4 de envergadura, — e eixo e azas só pesam 28 kilos; numero de rotações por minuto, 210. O leme, na pôpa, pesando apenas um kilo, tem de superficie 7 metros quadrados. Dos pesos moveis ao *guide-rope* (1) não houve mais que a distancia de um passo: — cá esta elle a ré, prompto a fazer sahir o aerostato da sua marcha horizontal.

Facto que não deve ter escapado á sagacidade do leitor:— Dumont, diminuindo 80 metros na cubagem e mantendo o mesmo diametro longitudinal deste balão, diminuiu por isso mesmo o seu diametro transversal, isto é — a superficie de maior resistencia ao embate do ar no sentido da marcha.

Dada a capacidade do motor e a melhor adaptação deste balão ao deslocamento do ar, deve-se tambem ter de memoria a enorme reducção do peso que tem elle de erguer aos ares. Com effeito é esse peso respectivamente representado em kilos pelo motor, pela quilha, pelo eixo e azas da helice, e pelo peso de Dumont (80+50+20+50=200), que sommam 200 kilos apenas.

A quilha :

Embaixo, distante do balão, mas nelle pendurado por finas e resistentes cordas de piano, fica o levissimo apparelho a que Dumont dá o nome de *quilha*. Já se sabe que este apparelho foi ideado para substituir a classica barquinha. Dentro delle irá o aeronauta e de dentro delle encaminhará o seu balão, attenderá a todas as manobras de governo e direcção. Compõe-se o dito apparelho de 3 sarrafos de 18 metros de comprimento, suavemente acurvados de fóra para dentro, para que as suas pontas se toquem nas duas extremidades, formando assim os tres sarrafos uma verdadeira figura

---

(1)—«*Guide-rope*» é palavra ingleza naturalizada na technica aerostatica. Composta dos substantivos GUIDE (=*guia*) e ROPE (=*corda, cabo*), significa litteralmente *cabo-guia*, traducção que se não compadece com o temperamento da lingua portugueza.

O *guide-rope* é, em geral, uma corda muito comprida, presa por uma das extremidades á frente, á prôa dos balões, e com a outra solta no ar. E' um peso movel e é ao mesmo tempo um freio: —*peso movel*, porque, puxado para o lado da pôpa, por meio de um cordel, desloca o centro de gravidade do balão, deslocamento necessario á subida ou descida; *freio*, porque, agarrando-o, podem os que estão em terra deter a marcha do balão. Fica assim creada a possibilidade importantissima de, nas quédas, evitarem-se os grandes choques, os desastres completos.

de prisma terminado em duas pontas agudas. Ligadas as extremidades, foram os tres planos desse prisma reforçados de espaço em espaço por treze ou quartoze triplices travessas, formando por sua vez treze ou quartoze triangulos de madeira, os quaes dão ao apparelho a desejada estabilidade. Dentro, no plano inferior foram dispostos o motor e demais accessorios, e, sobre uma travessa, montado uma especie de tricyclo, de cujo sellimzinho dirigirá Dumont a sua machina aérea, tendo nas mãos cordas que o liguem aos diversos apparelhos de governo e propulsão do systema.

Tudo prompto, terá pois o *Dumont IV* que erguer aos ares um peso total de 200 kilos, como já se disse.

De todas as partes chegam noticias de novos balões que estão sendo ou vão ser construidos e experimentados. As experiencias de Dumont reaccenderam a febre da navegação aérea ha tantos lustros em remissão. Raro é agora o dia em que o serviço telegraphico dos jornaes não annuncie o subito apparecimento de aeronautas de extranho valor, até então desconhecidos, e que, *theoricamente*, já derrotaram Dumont. Annuncia-se mesmo a reducção do peso morto dos motores numa proporção maravilhosa! E emquanto isto se dá no exclusivo terreno da verbiagem despeitada, Dumont, calmo e admiravelmente dotado de senso *pratico*, vai fazendo e experimentando os seus balões, aperfeiçoando-os cada vez mais.

Todos verão que elle será só no campo de batalha, sem nenhum competidor capaz de lhe deitar sombra á sua descoberta.

Foi mais ou menos por esse tempo que um philantropo á norte-americana, o sr. Henry Deustsch de la Meurthe offereceu ao *Aero-Club* 100.000 francos para dal-os o club, como premio, ao descobridor da direcção dos balões. Para esse fim estabeleceria o club as condições ou clausulas do dito premio e, estabelecidas, abriria um concurso de balões dirigíveis. (1)

Em resumo, caberia tal premio ao aeronauta que conseguisse em balão — PARTIR DE SAINT-CLOUD, CONTORNAR A TORRE EIFFEL E VOLTAR A SAINT-CLOUD, EM 30 MINUTOS. Isto seria, porém, feito em uma linha aérea que obedecia a um traçado préviamente estabelecido para terra, como si o trajecto tivesse de ser feito pelo sólo. Além deste premio, parece que outro foi creado, dos juros dos 100.000 francos, para o areonauta que, tendo concorrido ao primeiro, mais se tivesse approximado das condições por elle impostas. Instituido o premio, publicadas as condições do concurso, soube-se logo que Dumont teria respeitaveis competidores

(1)—O premio-Deutsch foi instituido a 24 de Março deste anno.

nas pessoas de Rose, Ader, Dion, conde de La Vaulx, do inglez Tomaz Buchanan, de Simom, do proprio Henry Deutsch e de outros.

Raro era o dia em que os jornaes de Pariz não traziam qualquer telegramma annunciando algum novo concorrente que... já estava com o «direcção» definitivamente descoberta. Transmittidos successivamente para o Brazil, esses telegrammas incommodaram por algum tempo a todos os patriotas brazileiros interessados na grande questão.

Todos os olhares estão egualmente voltados para a grande e formidavel machina aerostatica que o conde de Zeppelin, official do exercito allemão, vai fazer subir aos ares das aguas do lago Constança. A empresa é patrocinada pelo rei de Wurtenberg, e nella estão embarcados capitaes de ricos accionistas. Trata-se de uma obra grandente dispendiosa. Em pleno lago, um barracão, uma *gare*-fluctuante, de onde o balão será projectado fóra, para então subir aos ares.

Esse estaleiro rodou um dia com uma tempestade, e teve de ser reconstruido.

O balão Zeppelin era duplo e dos de fórma de charuto; tinha a enorme extensão de 134 metros por 11 de diametro, e o revestimento externo ajustava-se sobre um arcabouço cylindrico feito de tubos de aluminio á maneira mais ou menos de costellas. Todo o arcabouço dividia-se de pôpa a prôa em 17 compartimentos menores, estanques, cujo enchimento consumiria 10.000 metros cubicos de gaz hydrogêneo, enchimento que levou todo o inverno de 1899 a ser feito. Seria propulsado por dous motores do systema-Daimbers, agindo sobre helices, motores esses de 15 cavallos cada um; teria embaixo duas barquêtas ligadas entre si telephonicamente. Dada a força propulsora, o tamanho e a divisão do balão em compartimentos, tudo se esperava das experiencias do lago de Constança.

Já se tinha adquirido o conhecimento pratico de que, nos grandes balões, o hydrogêneo se distribue com desegualdade internamente, formando verdadeiras ondas em movimento, facto que lhes dá, a esses balões, a arfagem dos navios que sulcam aguas encapelladas; e não só a arfagem, que é o *jogo* de pôpa a prôa, como tambem o movimento de lado a lado, de bordo a bordo, que os francezes chamam *roulis*, e que alguem (de cujo nome não me lembro agora) propoz que, em falta de melhor termo, se chamasse em portuguez *timbragem*.

Foi em virtude desse conhecimento que Zeppelin dividiu o seu balão em compartimentos estanques, para manter com certa egualdade a distribuição interna do hydrogêneo. Entretanto, desde que se trate de *hydrogêneo*, é permittido suppôr que Zeppelin não conseguirá a desejada impermeabilidade.

Julho, 2. — Terminada a reconstrucção difficil do estaleiro fluctuante, nesta data effectuou o conde Zeppelin a sua ascensão, levando a bordo dois engenheiros e mais o barão de Conrado Bossus. O gigantesco aerostato sahiu da *gare*-fluctuante como si fosse um velocissimo trem de ferro aéreo; grimpou a 400 metros e, em 17 e meio minutos, percorreu uma legua (6 kilometros) de encontro a um vento brando. Para subir e descer tinha ideado o conde um peso que, puxado ou solto por uma corda, tambem subia ou descia. Esta parte da experiencia deu bom resultado, porque se disse que o balão subiu e desceu varias vezes durante o trajecto, sem difficuldade. Mas a corda arrebentou. O peso deixou de funccionar, e a viagem teve que ser interrompida, indo o balão cahir em Immenstadt, a 10 kilometros do ponto de partida.

Excepto o systema da corda-pêso, não deu a ascensão os resultados que se esperavam; mas outras foram annunciadas para tempo indeterminado. Parece que o balão soffreu sérias avarias, e que os accionistas esfriaram relativamente ás novas despesas.

Mais ou menos por esta epocha tambem construia Rose nas officinas de Argenteuil o seu *Aviador-Misto*, que se dizia ter dado, numa experiencia de gabinete, feita em miniatura, resultados altamente promissores quanto á rapidez e á dirigibilidade.

E como os jornaes se occuparam muito desse aerostato e até houve quem préviamente lhe conferisse os louros da victoria, vale a pena registrar aqui algumas informações a seu respeito.

—Em primeiro logar, não era um balão, mas *dois*, destinados como dois irmãos gemeos a sulcar os ares, ligados pelos flancos por tubos de aluminio que os manteriam estaveis um em relação ao outro. Tinham a fórma de dois grandes melões de 45 metros de comprimento cada um e 7 1/2 de maior diametro, com capacidade para 1.350 metros cubicos de hydrogêneo (tambem cada um). As travessas, que ligavam os flancos, formavam um especie de terraço, onde ficavam os motores, a barquinha, etc.

O arcabouço dos dois gemeos consumiu 3.600 metros de aluminio em tubos, e ficou pesando 2.600 kilos, peso respeitavel quando se tracta de balões. Além disto, leve-se ainda em conta o peso de 2 motores a petroleo (de 2 cylindros cada um), força de 10 cavallos ou 20 para os dois, com 4 helices, duas horizontaes para o

movimento ascensional, e duas outras para o movimento horizontal, podendo estas dar 300 rotações por minuto e aquellas 250; — 4 lemes imitando barbatanas, para manterem o equilibrio lateral, e mais um complicado e problematico paraquédas em fórma de grande persiana, capaz de abrir ou fechar sob certas e determinadas condições... A sêda consumida no revestimento dos dois balões andou em 10.000 metros, sêda da China, de primeira qualidade, — e, cheio o *Aviador*, ficava elle *mais pesado* que o ar 70 a 80 kilos. Cite-se ainda uma ancora, cujo peso attingia a 9 kilos.

Pensando na questão da *impermeabilidade*, tambem Rose seccionou seu balão em 12 compartimentos, para manter mais ou menos firme o centro de gravidade.

Os dois melões colossaes tinham, além dos sulcos que lhes formavam os gommos longitudinaes, outra serie de sulcos formando gommos transversaes, correspondentes ás secções dos compartimentos; de modo que essa enorme superficie externa, quadriculada em almofadas, só por si já ia offerecer grande difficuldade á marcha do *Aviador*, devido á resistencia do ar.

Eram estes os planos de construcção do aerostato-Rose e foram esses os planos executados.

Prompto o *Dumont IV*, o deslocamento do seu centro de gravidade era duplamente conseguido pelo *guide-rôpe* e pela deslocação dos pesos moveis, que podiam ir e vir ao longo de uma vara de bambú, collocada logo abaixo do balão.

Montado, como já se disse, num simples sellim de bicyclêta, diversas e notaveis ascensões fez o intrepido brazileiro nesse balão, elevando-se a altura de mais de 300 metros, e lá lhe imprimindo curvas e direcções difficeis e elegantes, e que foram o fiel resultado da sua poderosa e temeraria vontade. Obediente á deslocação dos pesos moveis, o *Dumont IV* mudava de rumo e de attitude nos ares segundo os caprichos do seu auctor.

Setembro, 19. — A' ascensão desta data assistiu do parque do *Aereo-Club* o Congresso de Aéronautica, que se achava funccionando, e que o felicitou calorosamente.

Nessa ascenção repetiu Dumont com o mesmo sangue frio, com a mesma galhardia e facilidade, as proezas das ascensões anteriores. Todos percebiam que a solução do problema estava por um triz, e que essa solução, mais dia menos dia, seria achada pelo aeronauta brazileiro, cujo nome já se tornava rapidamente conhecido, e cuja audacia e tenacidade, ligadas a notavel talento inventivo, eram por todos admiradas.

Já se previa que Dumont seria, dos possiveis concorrentes do premio Deutsch, o que, em todos os sentidos, estava em melhores condições para conquistal-o. Creado, como já se disse, a 24 de Março (data em que entrou em vigor) este grande premio será valido até 31 de Outubro de 1901.

E assim fechou-se o anno de 1900, cheio de grandes promessas para o que ia entrar.

Por esta epocha já se tinha effectuado o concurso de balões convocados pelo ministerio do commercio e industria de França.

Durara tal concurso de 17 de Junho a 30 de Setembro, e os balões que concorreram foram em numero de 25, tendo havido 180 ascensões. Houve uma média de 12 balões por ascensão.

Na ultima ascensão só tomaram parte os 6 balões que mais se tinham distinguido nas ascensões anteriores.

Subiram tambem, extra-concurso, mais tres balões, o *Coutelle*, o *Eva* e o *Journal*. Na historia da exploração dos ares nada se registra que se possa comparar, siquer de longe, com este pleito aeronautico. Foram gastos 200.000 metros cubicos de hydrogêneo com o enchimento de taes balões.

A titulo de curiosidade fique aqui registrada a ultima ascensão.

Dado o signal, partiram : — no *Nimbus* (balão), Hervieu e Blanqui ; — no *Loraine*, o casal Maison ; no *Aéro-Club*, Jacques Faure ; no *Centauro*, Castillon de Saint-Victor e o conde de La Vaulx ; no *Turing-Club*, Lemaire e Juchmès, e no *São-Luiz*, que cubava 3.000 metros, Jacques Balsan e Luiz Godard.

Os vencedores foram : — o *Centauro*, que transpoz 1.900 kilometros em 35 horas, e que foi cahir nas visinhanças de Kiew, na Russia ; o *São-Luiz*, que desceu em Lubblin, na Polonia, tendo feito 1.400 kilometros em 28 horas ; e o *Aéro-Club*, que foi cahir em Schmitz, sobre o Oder (Allemanha), tendo vencido 950 kilemetros em 19 horas de vôo.

Estava terminado o maior *steeple-chaise*-aéreo de que ha memoria no mundo. Ficou verificada uma coisa que mais ou menos já se sabia ; uma coisa já determinada até certo ponto, á maneira de lei, principalmente pelo hoje notavel e citado serviço meteorologico da Suecia e da Noruega ; isto é, que : — dadas as altitudes, nellas são permanentes as correntes aéreas, mantendo sempre a mesma direcção. Como as camadas orographicas de um municipio, de uma provincia ou Estado, de um paiz ou continente, tomadas no sentido de sua inclinação, indicam para onde seguem os rios, — assim, analogicamente, as altitudes do ar

são camadas que, de combinação com o relevo da terra, determinam do mesmo modo a direcção das correntes aéreas. A mesma analogia se nota nas correntes oceanicas, cujo mais importante factor é a differença de temperatura.

Ficou isso verificado; mas a *direcção* dos balões, essa continuou a ser o mesmo e ainda insoluto problema da vespera.

As grandes vantagens alcançadas por Santos Dumont estavam sósinhas no campo da conquista, não tinham competidores. Ninguem, siquer de longe, delle se approximou na solução do problema. Ahi estavam as suas experiencias na consciencia de todos, unicas, sensacionaes e já quasi victoriosas. E tanto isto é exacto, que o *Aéreo-Club* lhe conferiu o premio-juros (4.000 francos) do premio-Deutsch (100 mil francos). E elle, Dumont, generoso acima de tudo, offereceu por sua vez esses 4.000 francos ao mesmo club, para premio áquelle que, em qualquer balão de systema diverso do seu, *independentemente de tempo de trajecto*, tendo partido de Saint-Cloud, lhe contornasse as collinas e a torre Eiffel, e voltasse ao ponto de partida sem tocar em terra. Era, pois, uma viagem circular aérea, para o levantamento de cujo premio só se exigia a *circularidade*, podendo gastar no percurso o tempo que quizesse. Mais ainda: — ao estabelecer o premio-Dumont, o aeronauta brazileiro poz-se fóra do concurso, não competeria com nenhum dos concorrentes.

E' desnecessario dizer que até hoje ninguem ousou concorrer a esse premio. Aqui, a questão não é dos 4.000 francos, mas da *gloria* da descoberta. Quem os levantasse, nessas condições tão mais favoraveis que as impostas pelo premio-Deutsch, teria desmontado a Dumont da gloria que já lhe era attribuida como descobridor da franca navegação aérea.

Instituindo esse premio, acabava Dumont de *definir* a questão, de por-lhe os pingos nos ii. Ficava estabelecido que a questão já não era de *tempo de percurso*, mas de *encaminhamento*, de *direcção*. Si o balão fosse um cavallo, dir-se-ia com propriedade: — «A questão é de rédeas»; porque, fóra do systema de Santos Dumont, levissimo, simples e racional, e ao mesmo tempo dotado de um motor de enorme força em relação ao seu peso morto, nenhum outro systema se conhece até hoje, que lhe possa fazer concorrencia. As experiencias de Renard e Krebs não tiveram itinerario prévio; portanto, não demonstram dirigibilidade por parte dos illustres officiaes francezes directores do *Parque de Meudon*, quando, para o ministerio da guerra, construiram o *França* sob um plano secreto, experimentando-o em 1884 e 1885.

A questão de *tempo*, comprehende-se, foi simplesmente para difficultar, e com razão, o levantamento do premio de cem mil francos. Mas, para Dumont, a questão de dinheiro não existe, mesmo neste particular; o que não quer dizer que elle se não esforce por ganhar tal premio; porque, ganho que seja, dirão: —«Descobriu!». E para um extrangeiro domiciliado em Pariz, na França, que é a nação que com mais afinco se tem consagrado a essa ordem de estudos, é preciso que venha a conquista do premio, para proclamar-se então a descoberta da «direcção» pelo mundo inteiro, mesmo que essa descoberta já tenha sido feita sem que o premio tenha sido ganho.

Mas, ao estabelecer o premio-Dumont, deixou o nosso compatriota bem evidente que a *circularidade* da viagem, sem tocar em terra, era muito mais importante no estado actual da Aeronautica do que o prazo de 30 minutos do premio-Deutsch, — tudo no ar, porque dado que o balão tocasse em terra, facil seria recomeçar a marcha em outro rumo, ao passo que, no caso contrario, a *circularidade* provaria obediencia do balão á vontade do aeronauta; — *direcção*.

1901

O Verão declina rapidamente.

Ganho o premio-juros, póde-se dizer que o nome do nosso compatriota já gosa em Pariz de uma grande popularidade, principalmente nas rodas aeronauticas da grande capital. Dentro em pouco se extenderá essa popularidade a todos os cantos da antiga Lutecia, por todos os angulos do mundo.

E' provavel que neste interregno de ascensões tenha Dumont introduzido algumas modificações no seu *Dumont IV*; entretanto nenhuma palavra a tal respeito se encontra nas revistas anteriores ás primeiras ascensões deste anno. Feitas as ascensões, referem-se então ao *cêsto de vime*; portanto, esse cesto veiu substituir o apparelho tricyclico com o seu sellim de bicyclêta.

Está correndo o mez de Julho, pleno estio em Pariz, — e o tempo mantem-se firme e magnifico.

Dumont vai, pois, dar o seu *gyro de ensaio*, para vêr si póde ou não mandar ao *Aero-Club* o aviso marcando o dia e a hora da ascensão official, — da ascensão para levantar os 100.000 francos.

No hemispherio-norte os crepusculos da manhan e da tarde prolongam-se muito mais que os nossos. Nos grandes dias do verão a madrugada vem cedo, e cedo accorda a Natureza no seu immenso descampado.

O TRIUMPHO

Julho 12. — Santos Dumont desperta com as toutinegras, madruga com os rouxinoes. A's 3 horas surprehende-o a madrugada no seu barracão de Saint-Cloud, já prompto para subir.

O balão foi immediatamente puxado para fóra, para o gyro de ensaio. Um ultimo olhar inspeccionou o motor, percorreu o *guide-rope* e o ventilador, e passou rapido pelo retezado bojo do aerostato. Depois, occupou o aeronauta o seu logar, tomou as cordas ou redeas do manejo, disse adeus aos amigos e mandou largar.

Largam, e o *Dumont IV* apruma-se suavemente; obedece-lhe ás redeas como si fosse um cavallo ensinado; contorna algumas vezes o grande hyppódromo de Longchamps, e, terminada cada volta, vem pousar no proprio ponto de que partira.

Si isto não é a posse da «direcção dos balões», então ninguem mais a terá.

Terminadas as voltas em torno de Longchamps, enveredou Dumont para a Torre-Eiffel. Perto da torre, eis que arrebenta uma das cordas directoras do leme, — a do lado esquerdo. Isto deu-se no momento justo em que o aeronauta acabava de voltar a prôa para a grande Torre de ferro, de encontro a qual ia o balão bater num choque tremendo. Dumont rapido lhe imprime outra direcção por meio da corda do lado direito. Fosse esta a que arrebentou, e o desastre se teria dado.

Operado o desvio, o balão tomou o rumo do Trocadero, suburbio pariziense que se desdobra sobre as collinas de Passy.

Neste novo trajecto imprimiu Dumont ao seu aérostato diversas curvas de experiencia, verticaes e horizontaes, e, chegado ao Trocadero, desceu-lhe aos jardins, emendou a corda do leme, e, regressando, contornou então a Torre Eiffel e voltou ao ponto de onde havia partido em Saint-Cloud.

Para Dumont a questão estava vencida, resolvido o problema, descoberto o *x*. O seu balão ia executar á risca todas as imposições do famoso premio-Deutsch, creado um dia pela nobre, enthusiastica e protectora dedicação de um grande millionario á arte da navegação aérea.

Estes gyros de ensaio foram um verdadeiro triumpho na opinião de todos que assistiram a taes experiencias, e que foram em numero de milhares de pessoas, cuja attenção era chamada para o aerostato pelo bater do motor, similhante ao de um vigoroso automovel.

Dumont mandou, pois, por escripto, á «Commissão Technica» do *Aéro-Club* a communicação de que, em vista dos resultados

obtidos, faria no dia seguinte a ascensão official, concorrendo ao premio de 100.000 francos.

Ficou estabelecido que a ascensão seria ás 6 horas e 40 minutos da manhan.

Julho, 13.—Vai amanhecer.

A victoria da vespera tinha percorrido Pariz inteiro, e os jornaes da tarde, desse dia, tambem já tinham dado o logar e a hora da ascensão official no dia seguinte.

A curiosidade era, pois, enorme. Assim, muito antes da hora marcada, já os arredores de Saint-Cloud formigavam de povo. No momento da ascensão havia espalhada pelo Campo de Marte uma massa popular calculada em 20.000 pessoas, avida de ver passar pelos ares o balão triumphante do nosso compatriota. Em todos os logares de onde se pudesse vêl-o, seguindo o traçado prévio, havia gente, muita gente, a esta hora matinal do dia, e nas proprias plataformas da Torre Eiffel se tinham postado numerosas pessoas, de binoculo em punho.

Como na vespera, Dumont madrugara no barracão de Saint-Cloud, para, com tempo, dispor o balão e seus accessorios, de modo que estivesse tudo prompto no momento da ascensão.

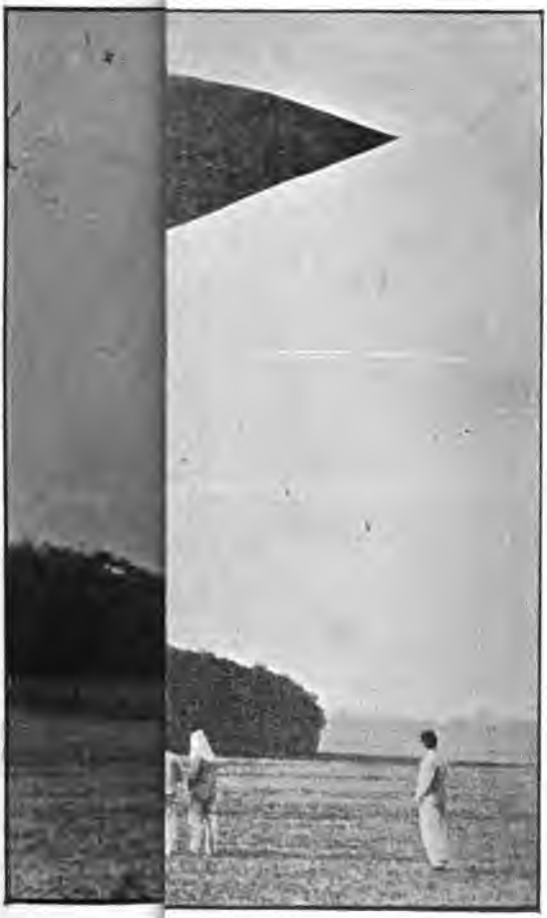
Antes das 6 horas já lá estava tambem a «Commissão Technica» do *Aéro-Club*, jury que ia julgar si o concorrente satisfez ou não as condições do premio-Deutsch. Era esse jury composto de 5 pessoas competentes — Henry Deutsch, conde Henry de La Vaulx, principe Roland Bonaparte, e Cailletet e Bouquet de la Grye, estes dous do INSTITUTO DE FRANÇA.

Entretanto, pouco antes das 6 e 40 foi verificado que dos 4 cylindros do motor só 3 funccionavam. Foi Knift (conhecido e popular mestre-mechanico automobilista) quem levou a triste nova a Dumont.

—Subirei assim mesmo, respondeu elle calmamente.

Estão presentes quasi todos os membros do *Aéro-Cclúb*, seus engenheiros e muitos dos engenheiros constructores das grandes fabricas da capital franceza. Industriaes, artistas, homens de sciencia, engengeiros militares, representantes da *Eschola Aerostatica* de Meudon, e curiosos de todo o genero, lá se acham, á espera de que o ponteiro da «direcção» marque no relogio da Historia este momento glorioso da evolução da humanidade.

O *Dumont IV* tem que LARGAR DE SAINT-CLOUD, SEGUIR UMA LINHA PRÉVIAMENTE TRAÇADA, ALCANÇAR, TRANSPOR E CONTORNAR A TORRE EIFFEL, E VOLTAR, POR UMA LINHA TAMBEM PRÉVIAMENTE TRAÇADA, AO PONTO DE PARTIDA, ISTO É, A SAINT-CLOUD, NO PRAZO MAXIMO DE 30 MINUTOS. Ida, 5 ½ kilometros; volta, outros 5 ½;



total: — 11 kilometros. Exige-se, pois, uma marcha pré-traçada de 22 kilometros por hora, com direito a 100.000 francos.

O momento approxima-se.

O balão já está fóra, preso apenas pelos cabos, e Dumont já está dentro do cêsto, tendo nas mãos as rédeas da manobra.

Todos estão em seus postos, attentos.

O ponteiro do relogio cobre o minuto das seis e quarenta.

— Prompto, diz um dos do jury.

— *Larguem*, ordena Dumont.

E o balão subiu firme e sereno, levado por brando vento nordéste.

Dada a situação do *Parque de Saint-Cloud*, o *Dumont IV*, entregue ao nordéste, em vez de tomar o rumo da Torre Eiffel, della se afastava. Mas isto durou apenas alguns segundos; porque, ja a uns 200 metros de altura, falou então Dumont á hélice, e o balão voltou humilde em seus passos: — enfrentou, resistiu e rompeu o nordéste inimigo só com os tres cylindros; — entrou no intinerario préviamente traçado; — seguiu por elle além e, em 13 minutos, ganhou a torre...

Estava realizada a ida. Faltava a volta. Feita nas mesmas condições *de tempo*, estaria ganho o premio em 26 minutos, — 4 menos que o prazo estabelecido.

Eil-o que contorna a torre brilhantemente, sem sahir do traçado prévio, traçado por onde segue até que chega á linha vertical a Saint-Cloud. Ahi paira um momento apenas e já desce triumphalmente ao proprio ponto de onde largara o vôo.

Ficou demonstrada a descoberta da direcção dos balões; mas não foi ganho o premio, porque a viagem durou 39 minutos, quando devia ter durado 30.

Esse problema agóra resolvido, esse x achado agóra, não é devido a esta ou áquella peça introduzida nos seus balões, não advem de nenhuma modificação particular introduzida no conjunto; —mas é, sim, o resultado synthetico da combinação das partes para formar o todo, combinação aliás mui simples em sua complexidade e que dá aos balões de Dumont o direito de serem chamados *systema*.

Aos que suppuzerem que talvez tenha a «direcção» provindo exclusivamente do leve e grande leme triangular de sêda, afivelado como uma barbatana ao lado peitoral da sua baleia aérea, a esses se

poderá dizer que se enganam, porque em outros balões e em circumstancias quasi as mesmas, taes lemes não deram o resultado que delles se esperava.

A «direcção» encontrada é, pois, uma resultante logica da acção combinada do systema inteiro. Tudo nelle concorre para isso, desde o formato do balão, offerecendo pouca resistencia ao ar, devido ás fórmas acharutada do corpo e conica da pôpa e da prôa (sem falar da propulsão, do facilimo deslocamento do centro de gravidade, etc.) até ao manejo tambem facilimo do leme que, puxado por cordas, prompto se abre ou se fecha ao vento e á simples resistencia do ar, como um verdadeiro traquête aéreo aberto ou cerrado aos ventos altos da atmosphera, largado ou puxado em qualquer dos quadrantes da rosa eólica; —porque, accionado num delles, em certo angulo, já para outro quadrante passa o balão, e assim por deante, até que passa os quatro e completa a circumferencia. Para subir e para descer o *guide-rope* e o lastro movel deslocam o centro de gravidade; para vencer a vehemencia de vento, lá está a poderosa helice, isto é —a fórmula do motor, cuja proporção mathematica póde ser levada de hoje em deante a equações triumphantes, definitivas.

A victoria está portanto no conjunto, no todo desse admiravel systema aerostatico, e não parcialmente neste ou naquelle apparelho ou orgam.

Que Dumont não tenha ganho o premio, está direito; porque, afinal, o seu balão não satisfez a condição exclusiva *de tempo* do concurso. Mas que se confunda *tempo* com *direcção*, como se tem confundido, propositalmente ou não, — isto é que é lastimavel. Ficou provado que Dumont *dirigiu* á vontade o seu balão. Todas as revistas, todos os jornaes de Pariz são unanimes neste ponto.

A fórmula está, pois, incontestavelmente descoberta, e essa gloria ninguem no mundo a roubará a Dumont; porque ha uma linguagem que, quando é falada, vence tudo: — é a linguagem analogica das proporções, a linguagem absoluta da mathematica.

Assim, o enunciado da grande descoberta pode ser mais ou menos este:

> —*Si o «Dumont IV», dadas as suas dimensões, as suas capacidades cubica e propulsiva, póde, de encontro a um vento de «tantos» metros por segundo, realizar uma viagem circular, tendo voltado ao ponto de onde sahiu,* — QUALQUER BALÃO DO MESMO SYSTEMA, AUGMENTADAS PROPORCIONALMENTE AS SUAS CAPACIDADES, VENCERÁ VENTOS DE « + TANTOS OU TANTOS » METROS POR SEGUNDO.

E desde já, pelo menos no terreno da theoria, nada impede que essa proporção seja augmentada até ao completo dominio de todos os ventos, coisa de que se não precisa em navegação aérea.

Deante das duas escholas «*do mais leve*» e «*do mais pesado* que o ar», creou Dumont um typo de aerostato misto, que póde ter por divisa o «mais veloz que o vento».

E foi o que elle demonstrou PRATICAMENTE, apesar de todas as idéas contrarias nascidas e creadas em gabinetes, como plantas de estufa —incapazes de viverem ao ar livre.

Está descoberta por Dumont a direcção dos balões, posto que ainda não esteja ganho o premio de 100.000 francos.

Desde este momento, desde este dia (—*13 de Julho de 1901*—) que esta gloria lhe pertence, já impossivel de ser contestada. Mas como tal gloria só será officialmente sagrada pela entrega do premio, Dumont não descançará emquanto não o tiver ganho.

Um novo balão fará elle e, dentro em breve, novas ascensões virão coroar os seus extraordinarios esforços.

Esse balão, que será o *setimo* da série, occupará na hierarchia dos «Dumonts» o 5.° logar; será o — *Dumont V*.

Está, pois descoberta a direcção dos balões, conquistado o immenso dominio dos ares. Para mim esta verdade continúa a ser verdade independentemente de quaesquer outras experiencias.

Agora, daqui por deante, o que ha a fazer é exclusivamente obra de aperfeiçoamento. Os capitaes industriaes se incubirão de auxiliar as successivas experiencias que se vão effectuar. Dumont nunca fez segredo de seu systema; expôl-o, franqueou-o sempre a todos que o desejassem conhecer; tem sido desenhado e photographado de todos os modos e em todas as posições, por partes e em conjunto. Esta descoberta em condição alguma jamais se perderá.

Um brazileiro começou e outro terminou essa immensa evolução de 192 annos. A alma de nossa patria freme de legitimo enthusiasmo ao pronunciar o nome já gloriosissimo de Alberto dos Santos Dumont.

Dentro de não muitos lustros ter-se-á completado uma grande mudança na face do mundo. A rapidez da navegação aérea porá todas as nações, por assim dizer, de paredes meias umas com as outras. Si os seculos 15 e 16 foram os seculos das grandes descobertas e explorações maritimas, o seculo 20 vai ser o das descobertas e explorações continentaes.

Para as explorações scientificas, que é feito do obstaculo dos rios, dos charcos, das montanhas invias, da febre das baixadas? Para

a guerra, dentro de poucos annos, que papel representarão os grandes e pequenos couraçados, as fortalezas, os canhões pesados, as cargas de cavallaria, as torpedeiras e os submarinos?

O immenso capital empregado nas estradas de ferro ja não deve sentir-se tão seguro, absolutamente garantido como o era ainda ha pouco. O commercio maritimo, o internacional terrestre, acabam de adquirir a esperança ou talvez a certeza de que, dentro de não muitos decennios, levarão a todos os pontos da terra, altos ou baixos, *directamente*, os seus productos que são hoje obrigados a transpor morosamente mares ou barreiras.

O segredo dos polos será desvendado. Os campos de gelo não mais engulirão os ousados exploradores dessas longinquas e inhospitas regiões em que impera o silencio e a morte. A geographia do mundo vai ser rectificada nos pontos já estudados, e completada nos que ainda não o foram e nem o seriam talvez nunca. Em Historia Natural, as especies animaes e vegetaes vão, sem grandes difficuldades, ser surprehendidas e estudadas em seus meios, com uma commodidade com que o homem jamais sonhou.

Foi-se a epocha das ascensões a pé ás altas montanhas do globo, em cujos abysmos e em cujos geleiros dormem para sempre centenares de intrepidos exploradores.

Um novo e amplissimo horizonte rasgou-se, pois, á conquista humana. Até aqui limitado á terra e aos mares, ao solido e ao liquido, pela brutalidade da lei do peso, agora alargou o homem o seu dominio ao terceiro dos grandes aspectos da Natureza, ao espaço illimitado, ao ar gazoso e subtil.

Santos Dumont deu-lhe azas para o vôo, — e o homem voará.

Alma altruistica, absolutamente desinteressada, não fez segredo de sua invenção. Alma patriotica e saudosa da terra natal, o seu primeiro pensamento foi para esta terra querida, que já tem glorias de que se ufanariam as mais gloriosas nações do mundo, e cujos factos affirmam uma *nacionalidade* já fixada, e cujo futuro será incontestavelmente brilhante, porque, em Historia, o futuro é uma capitalizada continuação do passado.

Alma privilegiada e bella, nascida á luz amicissima de estrella benefica, Dumont veiu como uma resposta ao condemnavel desanimo dos que pensam que a patria está liquidada; veiu como um grito de coragem, trazendo ao Brazil a já invejada, incalculavel e immensa gloria da maior e mais importante descoberta que o homem tem feito.

Quiz o mysterioso destino das coisas e dos sêres, que um brazileiro, Bartholomêu Lourenço de Gusmão, a iniciasse em 1709, e outro a terminasse em 1901, dando ao Brazil a chave de ouro com que fica aberto o seculo vinte.

Pacifica em seu humano ideal de ordem e progresso; mais elevada agora nelle que os outros pavilhões do mundo, — daqui por deante soberbamente engrandecida fluctuará por sobre as nações do globo a sagrada bandeira de nossa patria, em cujas dobras, soltas aos ventos da paz, a Historia insculpe desde já o glorioso nome de Santos Dumont num fulgurante nimbo de immortalidade (1).

Dentro de poucos dias ficou, pois, concluido o *setimo* balão da serie, o

DUMONT V

todo de sêda japoneza de primeira ordem, branca, leve e de grande resistencia. Feitura da *Casa-Lachambre*, de Pariz, foi elle cortado segundo o plano geral do *Dumont IV*, tendo passado no emtanto por algumas modificações parciaes, que mais ainda deviam de facilitar a conquista do grande premio.

Media de comprimento total, do vertice de uma das pontas ao vertice da outra, 36 metros, sendo o outro diametro de 6 1/2 metros. Dentro desse envólucro accommodavam-se 550 metros cubicos de hydrogêneo. O balonête tinha por sua vez uma capacidade para 38 metros cubicos de ar, nelle injectados por um ventilador de aluminio Leme triangular, tambem de sêda, como no anterior. Na prôa, um *guide-rope* mais aperfeiçoado, mais facil de ser dirigido, e pesando 38 kilos.

A *quilha*, sempre em figura de prisma, com os seus 18 metros de comprimento e um de altura, e agora presa ao ventre do balão, de um e outro lado, por uma serie de cordas de piano, mas desta vez feitas de aço, tendo cada uma apenas a grossura de oito decimas partes de um millimetro. Leva no interior, mais para o lado da prôa, o cêsto de vime; mais para o lado da pôpa, o motor de 4 cylindros parallelos, força de 16 cavallos, 1600 voltas por minuto, mechanica e successivamente resfriado por um systema de pás em movimento. Além do kerozene que já elle leva em si, tem a mais, para supplemento a mais quatro a cinco horas, um deposito de 20 litros a um lado e acima. Ao longo da quilha, e sobre carretilhas, um sacco de lastro (15 kilos) será deslocado á vontade do aeronauta, da pôpa para a prôa e vice-versa, ajudando assim a acção do *guide-rope* no seu papel

(1)—Aqui termina o artigo publicado no *Diario Popular* e refundido para esta revista. Afim, porém, de que nella fique tudo registrado, assentou o auctor de completar a noticia de tão grande e notavel acontecimento.

de fazer com que o balão suba ou desça. Atraz, partindo do motor, a arvore da helice, sempre propulsiva, segue e atravessa o vertice do prisma, para agitar fóra da quilha, com mais de 200 rotações por minuto, as suas quatro azas ou pás de 2 metros cada uma, ou quatro de envergadura. Do ventilador (na quilha) ao balonête (no balão) sobe um tubo que os liga, e que é o canal por onde passa o ar que tem de ser injectado naquelle grande bolso compensador.

De dentro do cêsto, que o ampara até acima do estomago, governará Dumont todos os apparelhos da quilha por meio de cordas habilmente dispostas e passadas em carretilhas, bem como os demais accessorios do balão, taes como o leme, o *guide-rope*, as valvulas, etc.

Como a propulsão é dada de traz para deante, da pôpa para a prôa, tambem atraz fica o leme, para offerecer resistencia ao ar deslocado na frente, resistencia necessaria á mudança de direcção *horizontal*, consequente á maior ou menor abertura do dito leme.

Na frente, porém, fica o *guide-rope*, para mudar a direcção *vertical*. O peso movel auxilial-o-á nessa missão, caso seja preciso. E como, dado que se verifique desegual destribuição de hydrogêneo no envólucro, é possivel entre a *timbrar*, e até aderme nesse sentido, vindo a prejudicar o equilibrio trensversal da quilha, imaginou Dumont um coisa simplissima, que supprime os grandes deslocamentos subitos, perigosissimos desde que passem de certa medida: — tomou duas varas compridas e fixou-as nas extremidades da quilha, cada uma numa, e lá ficaram ellas como duas marombas atravessando a dita quilha de bordo a bordo, fixas, e, isóchronas com o deslocamento della. Timbre a quilha, reproduzindo a timbragem do aerostato: — as marombas se deslocarão proporcionalmente, mas irão tocar em cima o flanco do balão, impedindo, com isso, que a quilha penda mais para os lados do que o *maximo* de inclinação a que deve chegar.

O peso que tem de ser erguido aos ares é mais ou menos o mesmo do *Dumont IV*. Ha, porém, a notar que o *Dumont V* tem mais 7 metros de comprimento que o *IV*, e menos 130 cubicos de hydrogêneo, — o que quer dizer que, sob o ponto de vista da resistencia, talvez offereça bem mais vantagens que o outro, reduzido assim o seu diametro transversal.

Vejamos agora como se sahirá elle da grande missão que lhe está confiada.

Agosto, 8.—E' uma quinta-feira, e como tinham sido excellentes os resultados colhidos nos gyros de ensaio já realizados, marcára Dumont para esta data a sua nova ascenção official.

Todos os interessados estão presentes em Saint Cloud desde cedinho: — engenheiros das casas constructoras, jury e pessoal do *Aéro-Club*, socios do *Parque Aerostatico* de Meudon, etc. Como das outras vezes, a curiosidade extendeu uma boa parte da população por todos os pontos de onde o trajecto podia ser observado.

A's 6 horas e 12 minutos da manhan foi largado o *Dumont V* do mesmo ponto de onde o tinham sido os seus antecessores; elevou-se logo e rapidamente a 200 metros de altura e, orientado, seguiu garboso o itenerario já sabido, tendo se elevado nessa marcha até á altura de 400 metros.

Em 9 1/2 minutos tinha elle vencido a ida, dobrava e dobrou a Torre-Eiffel... Si a volta se operar com a mesma rapidez, terá elle feito o circuito em 19 minutos, onze menos que o prazo do premio-Deutsch. Mas eis que, contornada a Torre, começa a prôa a murchar. Devido á sua grande extensão, devido a irregularidade das valvulas ou devido talvez a mau funcionamento do ventilador, donde o incomp'eto enchimento do balonête, o facto é que, veloz como ia, e luctando contra uma forte corrente aérea, dentro em pouco se lhe viu a prôa pendida nos ares, a oscillar «como uma grande tromba de elephante».

Essa desegualdade de distribuição de hydrogêneo lhe imprimia um movimento de arfagem. A «tromba» mudava de deante para traz e de traz para deante. Era, pois, certo que o balão se esvaziava com rapidez, e que Dumont pagava aos caprichos do hydrogêneo o mesmo tributo já tantas vezes pago por seus anteccessores. Além de taes accidentes que, já agora, em nada prejudicam a solução do problema, porque são por natureza evitaveis em novas experiencias, — ainda por cima esse forte vento contrario, solto e persistente, capaz de fazer perder a paciencia a qualquer outro que não fosse Dumont.

Nessa grande lucta, lá veiu o momento em que percebeu elle que já estava fôra do itenerario. Em rumo de Passy atravessou então o Senna. Logo adeante os suspensorios da quilha, as finissimas cordas de fio de aço da pôpa, são em parte apanhados pela helice e lhe começam a tolher o movimento... E' já impossivel continuar a marcha. Mas o motor está trabalhando e o desastre se aproxima terrivel e com uma rapidez espantosa.

Santos Dumont pára então o motor e sólta um pouco de hydrogêneo. Cessada o propulsão, diminuida a força ascencional, o balão começa o descer, até que cai numa especie de área descodescoberta de um dos hoteis do Trocadero. A quilha, que vinha quasi a prumo, ficou suspensa no ar, a 20 metros do solo, a ponta inferior num telhado e a superior em uma das paredes da área. Quando a quilha ahi bateu, já Dumont vinha pendurado

nella, numa posição em que seria impossivel aguentar-se por mais algum tempo. No telhado de cima estava, porém, um trabalhador, ao qual gritou elle que lhe atirasse uma corda. Foi-lhe atirada a p.opria ponta do *guide-rope*. Dumont pôde ainda passal-a á cintura e, com esse ponto de apoio, gymnasta como é, subiu pela liza parede acima, até ganhar o telhado dessa casa de quatro andares.

Já nesse momento lá chegavam os bombeiros, sempre promptos a taes soccorros, e o que se seguiu foi o apanhamento dos restos esfrangalhados do balão, da quilha, do motor e dos demais apparelhos, sinão todos — quasi todos completamente inutilizados.

Calmo, absolutamente senhor de sua poderosa vontade, na tarde desse mesmo dia entregava Dumont á *Casa-Lachambre* os planos do successor do *Dumont V*, pedindo-lhe toda a urgencia na construcção. Lachambre metteu mãos á obra logo no dia seguinte. Da seda nada se aproveitou; da quilha, alguma cousa, e do mais, de certo valor, quasi nada.

Dentro de vinte e dous dias, rapidez essa de construcção que desnorteia os seus concorrentes, porque nenhum ainda chegou a idear balão ou aerostato que não leve mezes a ser construido; — dentro de vinte e dous dias ficou prompto o *Dumont VI*, destinado a estrear nos ares na primeira semana de Setembro.

Não fosse o deslocamento do hydrogêneo no bojo do balão, deslocamento então incorrigivel, porque tambem o ventilador do balonête não funccionou como devia — certamente que desta vez teria Dumont levantado o famoso premio; porque, para vencer o vento de então, posto que forte, alcançada e dobrada a Torre em 9 1/2 minutos, ainda tinha o aeronauta brazileiro a seu favor 20 1/2 minutos para transpor a metade do caminho, — 5 1/2 kilometros, quasi uma legua das nossas.

Não ha quem não veja que, mais dia menos dia, o famoso premio vai direitinho para as mãos do nosso Dumont.

DUMONT VI

Como já se disse, Dumont tinha annunciado a nova ascensão para os primeiros dias de Setembro.

Prompto e cheio o *Dumont VI*, marcara-a elle para 7, septuagesimo nono anniversario da independencia do Brazil. Como a 31 de Outubro se finda o prazo do premio-Deutsch, Rose tinha egualmente apressado a ultima demão do seu *Aviador-Misto*, e annunciara a respectiva ascensão tambem para o dia 7. Coin-

cidencia ou não, o aeronauta francez se recachava no seu legitimo orgulho e ia offerecer batalha campal ao aeronauta brazileiro, em Argenteuil e no mesmo dia, para vêr a quem caberia a gloria, si á França ou ao Brazil.

Como se sabe, ás ascensões definitivas precedem ascensões de verificação, gyros de ensaio. Esses gyros effectuaram-se a 5.

Quanto a Rose, não houve meio de fazer subir aos ares o seu famoso *Avicdor*, o seu transatlantico aéreo, composto de dois melões de 45 metros cada um de comprimento. Ajudados a pulso, erguiam-se apenas alguns metros, e logo cahiam. Levou-se muito tempo nessa manobra ingloria. Só subiam um pouco, si ajudados; logo, porém, que ficavam entregues a si mesmos, desciam immediatamente. A experiencia foi repetida no dia 6, com os mesmos resultados... negativos. Rose e seus amigos ficaram muito tristes e todo o mundo classificou a cousa de «fiasco».

O *Dumont VI* tem agora 33 metros de comprimento por 6 de altura, e cuba 622 metros. O balonête é de 60 metros cubicos. Gastaram-se no envolucro 120 kilos da mesma excellente sêda do Japão, alva, transparente e forte. O ar deslocado é de 800 kilos. O peso total que vai ser erguido aos ares (representado pelos pesos parciaes do envolucro de sêda, da quilha, do motor, de Dumont e do mais que vai na quilha) é de 480 kilos. Força do motor, 20 cavallos, com resfriamento de agua em circulação. Força ascensional 680 kilos. *Guide-rope*, mais comprido que o outro. Em vez de 18, a quilha só tem agora 14 metros de uma ponta á outra. — Helice de 2 azas, com 4 metros de envergadura.

No n. 3055 de *L'Illustration*, de 14 de Setembro deste anno, traçou Emmanuel Aimé, do *Aéro-Club*, um bello e completo artigo sobre o systema aerostático de Dumont, artigo que passamos a traduzir, para que aqui se registre mais essa luminosa e insuspeita opinião emittida por um competente.

Emmanuel Aimé traçou esse artigo para acompanhar o desenho eschematico interno e externo do referido balão, estampado no mesmo numero daquella revista, desenho que, por nossa vez, reproduzimos entre esta folha e a seguinte.

Eis o artigo:

—«De todos os projectos de balões dirigiveis secreta ou publicamente estudados de alguns annos para cá, o de Santos Dumont é o unico capaz de ser experimentado no ar. Digam lá o que quizerem; a verdade, porêm, é que em todo o mundo só ha um e unico balão dirigivel, e que para vêl-o é preciso residir

em Pariz ou então vir até cá. Dê-se por acaso um accidente (e foi o que aconteceu esta semana) e tenha o balão que ir para o barracão e lá se demorar algum tempo em concerto: — nenhum outro o vem substituir acima de Saint-Cloud, de Longchamps ou de Meudon, entre o *Parque Aerostatico* e a Torre Eiffel. Quantos não têm sido em apparencia os concorrentes inscriptos para o Grande-Premio do Aéro-Club! No emtanto, nenhum delles logrou de facto erguer-se do solo, excepto Santos Dumont que, si não satisfez as condições expressas do concurso, pelo menos satisfez por diversas vezes outras que lhes equivalem. — Santos Dumont ganhou, pois, virtualmente o Grande Premio.

«Que é seu o merito de ter sido o primeiro, que, na memoravel data de 13 de Julho de 1901, realizou um trajecto préviamente indicado, que o publico conhecia e que foi fiscalizado por uma commissão profissional, estão nisso de pleno accôrdo todos os aeronautas competentes e desinteressados.

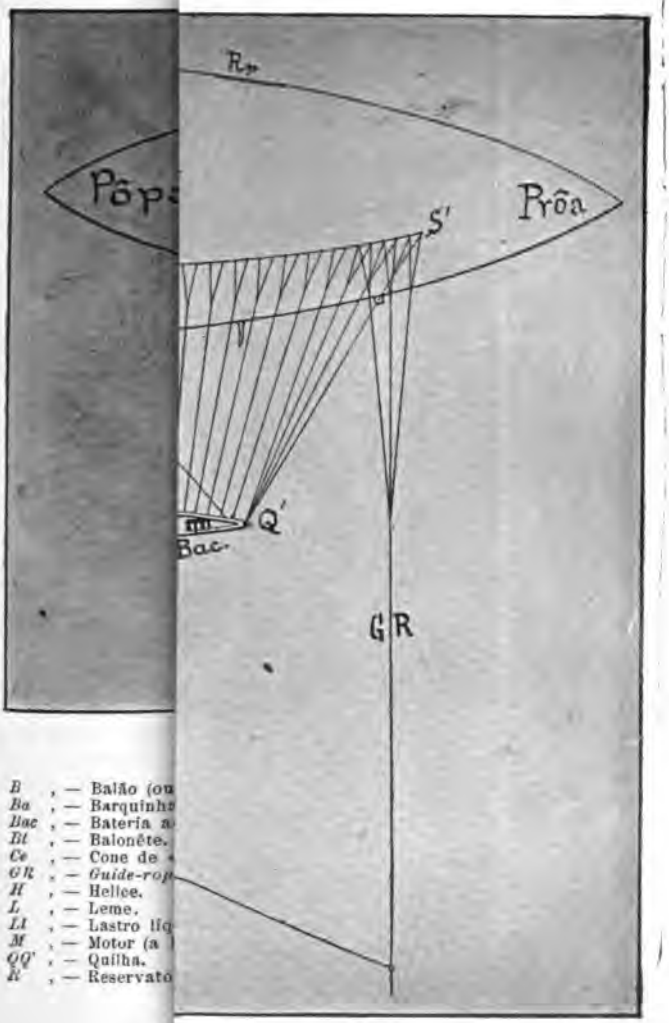
«A experiencia e o successo de Santos Dumont não têm precedentes. Desde que ha balões foi esta a primeira vez em que se impoz ao aeronauta a execução de um programma claramente formulado, e em que o aeronauta appresentou um apparelho aéreo capaz de vencer as difficuldades de similhante programma.

«Ponto de partida préviamense marcado no *Parque Aerostatico*; poste de viramento, a Torre Eiffel; e volta ao ponto de partida, — eis o que se exigia, e, mais ainda: — que a ascenção fosse anuunciada 24 horas antes do momento da partida.

«As condições do concurso foram preenchidas a 13 de Julho em 40 minutos em vez de 30, tempo maximo concedido. A 8 de Agosto, porêm, conseguiu Dumont velocidade muito maior que a exigida, e em menos de 25 minutos teria elle realizado ida e volta, que são 11 kilometros, si não se tivesse dado o accidente da valvula, accidente que, contornada a Torre Eiffel, então o deteve no momento em que elle já estava de volta para o *Parque*.

«Dumont navegava então no *Dumont V*, que se inutilizou de encontro aos telhados do *Grande Hotel* do Trocadero, na rua Alboni. Na tarde desse mesmo dia começou elle o *Dumont VI* que, a 1.° de Setembro, dahi a 22 dias, esteve prompto e ficou completamente cheio.

«Quando se imagina que outros inventores levam annos e annos trabalhando sem resultado na execução de seus projectos aeronauticos, não ha remedio sinão admittir que Dumont creou um modelo relativamente pratico de balão dirigivel, um typo que será daqui por deante classico e popular, e que, no caso



B , — Balão (ou
Ba , — Barquinha
Bac , — Bateria a
Bt , — Balonête.
Ce , — Cone de
GR , — *Guide-rop*
H , — Helice.
L , — Leme.
Lt , — Lastro lig
M , — Motor (a
QQ' , — Quilha.
R , — Reservatório

por exemplo (que Deus tal não permitta), de algum novo sitio de Pariz, poderá ser construido por séries, — donde a facil improvização de uma esquadrilha aérea dentro de poucos dias.

«Tão simples quanto engenhoso, e já necessariamente imitado pelos aeronautas que só visam construcções racionaes, Dumont não fez o menor mysterio do seu systema, e nem siquer pediu privilegio para elle; tanto que si o seu balão não está sendo experimentado no ar, á vista de todos, estará então em seu barracão, constantemente franqueado á mais indiscreta curiosidade. Milhares de vezes tem elle sido photographado, tanto no todo como nas partes. Por ultimo até, para satisfazer os interessados que se tinham tornado legião após o grande rumor consequente ás sensacionaes experiencias destes ultimos mezes, teve o aeronauta que desenhar o plano exacto do *Dumont VI*, hoje publicado por *L'Illustration*, e com uma legenda que torna immediatamente clara a comprehensão tanto do conjunto como de suas partes principaes.

«Tem o balão a fórma de alongada ellipsóide, cujos eixos medem, o maior 33 metros, o menor 6. Prôa e pôpa terminam em cones. Cuba 622 metros. Desloca 800 kilos de ar. O enchimento é de hydrogêneo industrial produzido pela acção do acido sulfurico diluido sobre aparas de ferro. Sensivelmente mais pesado que o hydrogêneo puro, produzido pela electrólyse da agua nas usinas de Lucerna, e que, sem grande successo, encheu o balão do conde Zeppelin, — aquelle hydrogêneo só tem que erguer cerca de 1.100 grammas por metro cubico. Dispõe o *Dumont VI* de uma força ascensional total de 680 kilos. Si de tal peso se deduzir o do envólucro de sêda, o da quilha com os seus machinismos, etc. (480 kilos), e mais o do aeronauta (50 kilos), restam 150 kilos para o lastro de segurança,

« O envólucro, que pesa 120 kilos, é de seda japoneza mui forte, alvissima e transparente. Cinco mãos de oleo de linhaça tornam-no impermeavel.

«Para o lado da prôa — uma valvula de 40 centimetros de diametro e de dupla tampa de nogueira. Essa dupla tampa é aberta por meio de uma corda que corre docemente numa alça de sêda envernizada, presa ao envolucro, e cuja ponta vem ter á barquinha, perto da mão do aeronauta. E' por ella que se esvazia o balão, quando elle desce e pousa em terra, si ha necessidade de esvazial-o; ella póde servir egualmente para soltar hydrogêneo durante o trajecto, caso se tenha elle au-

gmentado ás influencias da irradiação solar — e caso deixe a força ascencional (por muito augmentada) de poder ser completamente equilibrada pela acção dynamica da helice na pôpa, acção essa exercida na extremidade do eixo da quilha — inclinado favoravelmente á descida. E por ultimo, serve ainda para supprimir a marcha ascencional, na imminencia de qualquer perigo. Foi incontestavelmente a essa manobra, que, no momento em que, desmantelada a helice e, já sem lastro, fugiu o balão das mãos que o detinham — deveu Dumont a vida, quando se deu o accidente de 6 de Setembro.

Tem o balão, um na prôa e outro na pôpa, dois propositaes *remendos* («panneaux de dechirure») imbutidos na sêda, remendos que podem ser subitamente arrancados á puxadéla de cordinhas que, descendo de polé em polé, vão ter ao cêsto do aeronauta. Arrebatados esses *remendos*, dous grandes buracos dão sahida ao hydrogêneo, e o balão se esvazia rapidamente. Já no *Dumont V* funccionaram esses remendos, por occasião dos desastres de 13 de Julho e 8 de Agosto. — Graças a elles pôde Dumont a 13 de Julho operar em tempo a sua descida na chacara do barão de Rothschild, evitando a quéda mais adeante, por sobre os telhados do casarêdo de Bolonha; graças a elles pôde tambem, a 8 de Agosto, evitar o choque da Torre Eiffel, a 300 metros de altura, choque que lhe teria sido fatal, e que foi convertido em choque menos terrivel (mas ainda assim perigoso), dado de encontro á cornija do *Grande Hotel* do Trocadero, a 32 metros do solo.

«Cosido embaixo, no envólucro, e occupando-lhe o meio, fica o balonête, que cuba 50 metros e é alimentado de ar por um ventilador.

«O balonête compensa as variações de volume do hydrogêneo preso no balão. Não ha balonête nos balões redondos, usuaes; porisso o volume delles varia de momento a momento, quando estão subindo ou descendo, donde o fim rapido das viagens, devido á perda egualmente rapida do gaz.

«Está demonstrado pela experiencia, que, competentemente envernizado, liberto das nocivas influencias da atmosphera, qualquer balão conserva por mezes e mezes a sua energia ascencional — uma vez que seja *captivo*; torne-se elle, porém, livre, e ninguem ignora o esbanjamento com que liquída em pouco tempo toda essa energia.

«O balão que tem sido obstinadamente empregado por todos, esse balão, tal como nos veiu do seculo 18, não póde absolutamente manter-se em equilibrio, permanecer indefinidamente na atmosphera. Vai fazer 120 annos que Franklin, perguntado

sobre o destino do balão, respondeu com laconismo proprio de um philosopho e mathematico:

«— E' uma creança que acaba de nascer.

«Sahido das mãos do physico Charles, o aerostato é exactamente parecido com a creança que acabou de nascer aleijada, com o cordão umbelical aberto. Assim traz o balão em si a ferida que difficilmente fechará — o appendice aberto, por onde, emquanto sobe, e si não quizer estourar, tem que dar sahida ao gaz interno dilatado pela rarefacção das camadas atmosphericas. Eis o seu vicio redhibitorio. Por mais paradoxal que isto pareça aos profanos, mesmo rigorosamente estanque em estado de captiveiro, o balão não é feito para viver nos ares entregue a si mesmo. E' que lá se esvazia elle em breve, devido á sua enfermidade original. A liberdade lhe é fatal. Soltar um balão é simplesmente um modo de esvazial-o. No emtanto, quando elle se ergue, ao vêr-lhe o movimento magestoso, que sempre e tão vivamente impressiona as multidões, não ha quem não julgue que a atmosphera é o seu meio natural; não ha quem não supponha que elle póde pairar nella indefinidamente, nella encontrar o seu equilibrio immutavel, como o da rolha em cima da agua. Que esperança! Si os balões sobem, nelles se dilata o gaz que encerram; dilatado, perdem-n'o; e, perdido, — descem. Numa palavra: — os balões são automatos cheios, que mechanicamente se esvaziam logo que começam a funccionar.

« Cheios e equilibrados logo acima do solo, alijada a primeira porção de lastro, os balões sobem a certa altura. Durante a subida perdem gaz pelo orificio inferior, porque o volume do gaz augmenta proporcionalmente á diminuição da pressão. Arrebatados pelo impulso, transpõem os balões a sua altitude de equilibrio, e continuam a perder gaz. Afinal, param, — mas quando já estão mais pesados que o fluido deslocado... Começam então a descer. Eil-os já perto de terra. Alija-se então mais lastro: —recuperam assim nova força ascensional, que os arremessa a uma altura superior á primeira. E assim por deante, até que o lastro se acaba.

« Dado o impulso de translação horizontal que o vento lhes imprime, vão elles desenhando em sua trajectoria uma *sinuosa curva ascendente*. Com essa marcha, que lhes é propria, como que vão traçando as ondulações de *aéreas montanhas russas*, de topos cada vez mais altos, successivamente. Vêr-se completamente livres do lastro, eis o ideal dos balões, e, uma vez livres, eil-os que sobem para o ponto mais alto do trajecto, para logo descer e não mais subir. São como o viajante que, ao chegar a uma encosta alcantilada, põe fóra o que levava de inutil, e

para cima avança tenaz, não para lá ficar, sinão para rapido ganhar a outra vertente, e logo adeante a planicie. Mesmo nas phases ascendentes, todo o esforço dos balões só tende a um fim: — o solo. E, por mais perfeitas que sejam as manobras, ainda assim attingem elles fatalmente o maximo absoluto da curva que começaram a traçar no espaço. Completamente exgottados, chegam ao ultimo dos topos de *suas* montanhas russas, e de lá deslizam pela vertente opposta, até que param em baixo, no valle.

« Esse rapido exgottamento dos balões, quando em viagem, é um natural effeito da ascensão, uma consequencia mechanica da expansão do gaz á pressão gradativamente decrescente do meio atravessado. Essa expansão tem fatalmente por corollario, em cada cimo das *montanhas russas*, a fuga do fluido ephemero pelo orificio inferior disposto *ad hoc*, — a perda intermittente de um volume de gaz proporcional á capacidade cubica do balão e á altitude alcançada.

« Os balões dirigiveis, de helices que geram movimentos de subida ou descida, sanam esse defeito capital, pelo menos em grande parte. Todos os aeronautas deviam, portanto, preferil-os desde já aos outros, — instrumentos archaicos que nenhuma vantagem lhes offerecem.

« No futuro, já distantes os acontecimentos, quando se puder aquilatar da evolução de hoje, os balões esphericos, então comparados aos de *fórma de charuto*, terão, na lenda dos tempos prehistoricos da navegação aérea, um aspecto infantil e grotesco. As suas viagens figurarão como corridas de tinas, comparadas ás regatas dos iátes aéreos que vão ter por primeiro theatro o Bosque de Bolonha, e por primeiro poste o poste-mór que Eiffel (sem que talvez o suspeitasse) lá plantou para os aeronautas do seculo vinte.

« Consagrando-se á direcção dos balões alongados, Dumont deixa aos rotineiros os balões redondos, que, si funccionam por certo tempo, só o fazem á custa do lastro que alijam, — phantasticas ampulhêtas de um só bojo e que se não viram, ampulhêtas cujo conteúdo, imagem fiel do tempo, como elle nos ares se perde, — *fugit irreparabile*.

« Comparar o aerostato a uma boia fluctuante, como o fazem constantemente, é querer mesmo illudir-se com uma parecença vaga. A boia é estavel, por origem; o balão espherico, instavel, por natureza.

« A velha e afagada esperança de pairar indefinidamente no espaço, á custa exclusiva do gaz e do lastro, é, na desvairada imaginação dos inventores, uma das mil fórmas por que se apresenta a antiscientifica, mas sempre dilecta e seductora chimera do movimento perpetuo.

«Si tanto me empenho em desfazer similhante illusão, é porque vejo que ella tem sido um dos maiores entraves ao progresso da locomoção aérea, tendo arrastado os melhores espiritos para a pesquiza prematura da direcção no plano horizontal, antes que se tivesse resolvido, antes até que se tivesse estabelecido sobre bases racionaes a questão fundamental da direcção no plano vertical, — problema esse geral, de que o equilibrio aerostatico é um lado particular.

«Dumont teve o merito de reunir o equilibrio e a direcção (que outros commetteram o erro de separar) num apparelho que simultaneamente satisfaz tanto ás exigencias do *mais leve* como ás do *mais pesado* que o ar, donde a reconciliação destes dous irmãos inimigos: — aeronautas, — aviadores. E tão admiravel é ahi a simplicidade dos meios empregados como a importancia dos resultados obtidos.

«Dumont dotou o seu navio aéreo de uma prôa ao dar-lhe o balonête, o qual mantem o envólucro constantemente esticado como a pelle de um tambor — o que faculta ao hydrogêneo o dilatar-se ou contrahir-se sem nada perder de si, e sem mais nenhum inconveniente; regulou-lhe a inclinação do eixo em sentido favoravel á subida, á descida ou ao equilibrio do systema, ao dotal-o com o peso movel do *guide-rope*, o qual, pendido na prôa e puxado por um cordel, póde approximar-se mais ou menos do centro de gravidade do systema. Si o balão estiver com a prôa empinada, bastará um impulso da helice para fazel-o subir; si com ella descida, o mesmo impulso o fará descer: ainda com esse mesmo impulso ficará elle finalmente em equilibrio, desde que o seu eixo tome e mantenha qualquer posição visinha da horizontalidade, posição essa que se consegue com a distribuição da carga.

«Tudo isso explica a razão por que Dumont, senhor de seu equilibrio, não passou de 270 metros de altitude nas numerosas ascenções de 12 de Julho, feitas durante quatro horas.

«Os balões-Dumont não perdem hydrogêneo, porque não têm necessidade de passar pelos topos, cada vez mais altos, das aéreas montanhas russas. Tudo, pois, se encadeia: — o balonête que, mantendo a regidez do balão, facilita a propulsão da helice e a direcção do leme, concorre, justamente porisso, para o equilibrio aerostatico; — a inclinação do eixo, que, determinando a altitude, mantem o equilibrio aerostatico e conserva o hydrogêneo, tambem porisso concorre para a estabilidade da fórma do balão, correlativa á sua rigidez. As propriedades e as manobras dos diversos orgams mutuamente se auxiliam, unificando em harmonioso conjunto os seus resultados.

«Nestas condições, o balão alongado, que, relativamente ao horizonte, tem o eixo mais ou menos inclinado, desempenha a funcção de um *aeróplano* de superficie *convexa*, si me dão licença de reunir essas duas palavras. Porque não?! Chamam-se aeróplanos, em aviação, apparelhos que apresentam ao ar uma superficie concava.

«Posto que pareça provisoriamente definitivo o balão-modêlo creado por Dumont (pois esse balão já é, *mutatis mutandis*, copiado por outros constructores de balões dirigiveis) — a rapidez de sua transformação é cousa que não padece duvida.

«Essa transformação está intimamente ligada ao motor leve. A' medida que for diminuindo o peso do cavallo-vapor, menor tambem irá sendo a força ascencional buscada por Dumont no hydrogêneo, e maior tambem o accrescimo dynamico da helice. Afinal, ha de vir o dia em que, sem um atomo siquer de gaz, o aeróplano convexo será um aeróplano propriamente dito, librado nas invisiveis azas de pegasos-vapor, cujo peso será, quando muito, de 2 a 3 kilos. — Emmanuel Aimé».

Estamos agora perfeitamente habilitados a seguir os passos de Santos Dumont. Astistamos, pois, ás suas novas experiencias com este balão.

Setembro, 5. — Neste dia, em presença de alguns amigos, entre os quaes se notava a principe Roland Bonaparte (que era um dos membros do jury), fez Dumont, em caracter inteiramente reservado, a primeira experiencia com o seu novo balão.

Tendo essa experiencia dado excellentes resultados, outra foi marcada para o dia seguinte, egualmente particular, mas a que poderiam assistir os que se interessavam pela prova do dia 7.

Setembro, 6. — Na manhan, pois, deste dia, já Saint-Cloud e seus arredores transbordavam de gente de todas as classes, desde o profissional, que lá ia levado pelo interesse scientifico da questão, até ao curioso vulgar, que buscava apenas satisfazer o desejo de ver um homem nos ares, luctando contra ventos inimigos.

Já por esta epocha a *ordem do dia* em Pariz era a «direcção dos balões», e Dumont talvez o homem mais popular daquella vivissima cidade. De toda a parte chegavam e iam tomando logar «centenas de bicycletas e automoveis», no dizer de um chronista, vehiculos que acompanhariam o balão logo que elle partisse, immenso e pittoresco préstito de honra, que continha em si numerosos amigos e admiradores de Dumont.

Adeante, atraz, para a direita, para a esquerda, o povo se derramava a pouco e pouco pelas estradas e pelos pontos mais

altos, á espera do momento em que o *Dumont VI*, em largo e sereno vôo, offegante o motor, lhes passasse por cima das cabeças, no seu caminho de gloria.

Não tinha o tempo amanhecido bom; bastava, porém, que não estivesse de todo mau para realizar Dumont a sua ascensão.

A's 8 horas e tanto foi o balão largado, e logo a poucos metros acima teve de dar batalha a um vento contrario, empresa de que se foi sahindo como experimentado general que o era. Navegando para Longchamps, ganhou elle rapidamente uma altura de 400 metros, e, quando chegou aos campos do hippódromo, fez do meio aéreo em que estava o seu polygono de experiencias. Nesse polygono demorou-se Dumont cerca de hora e meia no espaço, tempo gasto em evoluções difficeis, em vôos ora verticaes e de audaciosa ingremidade, ora horizontaes, de curvas em que os raios muito se espichavam ou se encurtavam á simples vontade da mão perita que guiava o balão. Descidas rapidas, obliquas, em linhas rectas, onduladas ou quebradas; descidas quasi a prumo, — tudo realizou Dumont com tamanha habilidade e tão notavel certeza, que até (como o «ovo de Colombo» depois que ficou de pé) pareceu a todos a cousa mais facil e mais commum deste mundo, parecença que não impediu ao intelligente povo de Pariz de acclamal-o constante e delirantemente

A's 10 horas e meia puxou elle as rédeas (*guide-rope*) ao seu corcel aéreo, que, submisso, baixou a cabeça e desceu a Longchamps, onde a enorme massa popular o victoriava estrepitosamente. Ahi parou apenas o momento necessario para dizer aos amigos que o fossem esperar no *Café da Cascata* (1), onde lhes pagaria o aperitivo. Communicou-lhes mais que tudo lhe corria ás mil maravilhas; que o leme precisava de ser maior, — e que o motor exigia tambem uma pequena modificação.

E partiram todos, elle pelos ares, os amigos por terra, nas bicyclêtas e nos automoveis, todos para o *Café da Cascata*.

Dumont voava em linha parallela á Avenida das Acacias, e por essa linha seguiu até á ponte de Saint Cloud. Atravessado o hippódromo de Saint Cloud, eis que, ao transpor o parque-Rothschild, de novo o *guide-rope* se lhe emmaranha na cópa das arvores, e detem a marcha do aerostato. Foi então preciso apear e fazel-o puxar e manter pelos cabos, sem o que teria sido impossivel o desemmaranhamento do *guide-rope*. Assim se-

(1).— Este botequim tirou o seu nome da cascata do Bosque de Bolonha, por lhe ficar nas proximidades.

guro, fluctuava o *Dumont VI* a pequena altura, detido pelas mãos dos ajudantes do nosso aeronauta, os quaes tiveram de fazer o papel de verdadeiros rebocadores terrestres para leval-o á margem opposta de um lago do parque, unico sentido por onde podia o balão ser puxado. Dumont subiu então ao cêsto ou barquinha, para de lá dirigir melhor a conducção de tudo e, com agua até á cintura, puxaram os homens o aerostato até á outra margem. Antes, porém, tinha Dumont tido necessidade absoluta de soltar um pouco do hydrogêneo contido no envólucro; e agora, sommadas a isso algumas pequenas avarias verificadas na quilha e em outros orgams do systema, decidiu que o balão seguisse a reboque para Saint Cloud, afim de receber em seu barracão os devidos reparos.

Saint Cloud estava então a uns 500 metros de distancia, e o reboque ia se fazendo sem maior novidade, com um aspecto jovial e ruidoso, seguido sempre pela multidão incançavel em acclamar o audacioso aeronauta brazileiro; — porque é preciso que aqui se diga que tal accidente não diminue, absolutamente em nada, o brilho das conquistas super-terrenas a Longchamps, a já tantas vezes demonstrada victoria da «direcção» dos balões.

A uns tresentos metros adeante, um novo empecilho antepõe-se-lhes á marcha a reboque. Ahi, perto de Saint Cloud, passam sobre postes de 5 metros do solo os cabos aéreos de uma linha de bondes electricos. Uma difficuldade o fazer com que o balão transpuzesse taes cabos. Como já se disse, Dumont dirigia da barquinha os seus auxiliares. Lá veiu o momento em que o balão os logrou: — arrebatou-lhes as cordas e, desmantelada a helice, como estava, ingovernavel o leme, e entregue a um vento forte, eil-o que de um pulo sobe logo a 100 metros de altura, levando comsigo nesse subito e perigosissimo vôo o ousado aeronauta, cujos ultimos instantes pareciam estar contados.

Foi um momento terrivel no seio da multidão.

Em menos tempo, porém, do que o que se gasta em narrar o facto, Dumont lançou mão do remedio préviamente manipulado para um golpe de mestre em occasiões como está: — *záz*!, e o cordel arrancou um dos remendos propositaes, de modo que o balão não foi além dos 100 metros.

Arrancado o *remendo*, essa tampa postiça (—«*panneaux de dechirure*» —), o aerostato foi ficando cada vez mais pesado, e descendo tambem com mais rapidez, até que veiu dar com a quilha em terra. E, sem ter perdido a vida, mais uma vez resistiu o temerario piloto a tão perigoso choque.

Quando se verificou que Dumont estava salvo e são, todas as bôccas atroaram os ares numa compacta e prolongada ovação.

De novo preso em terra, assentou-se então de esvaziar de uma vez o envólucro, para mais facilmente leval-o a Saint-Cloud, de onde, concertadas as pequenas avarias da quilha, do leme e da helice, outra vez partiria em breve para levantar os 100.000 francos.

Não fosse tal accidente, e o *7 de Setembro* da nossa patria historia teria entregue a Dumont o gordo e utilissimo premio-Deutsch.

Si ha, porém, na linha evolutiva das invenções, aquella acquisição crescente de novas e melhores qualidades, que corresponde ao progresso da hereditariedade na linha genetica das especies animaes, e o ha, — agora mais nenhuma duvida póde restar de que este mesmo *Dumont VI*, curado de sua passageira enxaquêca, consiga definitivamente a victoria que a si mesmo impoz.

E é preciso que assim seja.

E' preciso que (já que foi esse o meio escolhido para tal fim) Pariz consagre por tal meio a descoberta já feita por nosso illustre compatriota desde *13 de Julho*. Si lhe difficultam ou lhe impedem tal consagração, e si elle se aborrece e deixa de concorrer ao premio, e a outrem o dão, — tal é a condição das coisas, neste mundo, que a esse outro é que caberá a gloria, ainda que indevidamente.

A historia de Christovam Colombo e Americo Vespucio repete-se muito mais a miudo do que se pensa.

Dumont, porém, comprehendeu a cousa no ar; não esmorecerá.

Já por esta epocha se achava o *Aéro-Club* naturalmente eivado, em parte de seus membros, de certa má vontade para com Dumont, devida provavelmente a preconceitos nativistas. Talvez entendessem elles que fosse algum desar para a sua gloriosa patria o não ser de nenhum francez a descoberta da navegação aérea.

Deante das successivas e triumphantes demonstrações praticas de Dumont, em pleno azul, levadas á mais cabal e brilhante evidencia, não podiam negar-lhe, é certo, a sua enorme e incalculavel conquista, jámais alcançada por quemquer que seja. E, como não o podiam negar, começaram a guerrilha surda dos bastidores, no sentido de lhe diminuir o valor, guerrilha anonyma e tenaz, propria do orgulho e das paixões humanas feridos no seu amago. Isto se daria em qualquer paiz do mundo, uma

vez que as condições fossem as mesmas, e longe está da penna que traça estas linhas o pensamento mesquinho de dar como particular um sentimento que é geral.

O empenho feito era, pois, no sentido de diminuir o valor da descoberta; de completa, davam-na como deficiente, incompleta. Uma vez neste terreno, tornam-na apenas equivalente ás conquistas de Renard e Krebs, feitas ha 17 annos, — gloriosos aeronautas que mais nenhum passo deram, de então para cá, no caminho da navegação aérea.

Viam fugir-lhes a gloria que, dentro de mais ou menos alguns annos, lhes pertenceria quasi que infallivelmente, — e, nesse desespero de causa, procediam muito mais como *homens* do que como *francezes*.

E vai-se vêr que, afinal, triumphará nelles o luminoso sentimento de justiça que, atravez da Historia, tem distinguido a França em todas as grandes causas da humanidade, pelas quaes se tem batido.

O artigo de Emmanuel Aimé, que é um francez de espirito justo, definiu a gloria de Dumont.

Sabia-se que alguns dos membros do *Aéro-Club* iam concorrer ao premio-Deutsch; mas que, por este ou por aquelle motivo, como atrazo na construcção dos balões, etc., não o podiam dentro do prazo estabelecido. *Provavelmente* seria tal prazo prorogado, uma vez que até 31 de Outubro ninguem tivesse levantado os 100.000 francos; *provavelmente*, porque, dada a generosidade de Deutsch, e continuando o x do problema a ser o mesmo, não era de suppor que o prestante millionario descesse a reembolçar aquella quantia. Prorogado o prazo, tudo lhes seria favoravel, desde as licções apprendidas ao ar livre com as experiencias de Dumont, até á sympathia nacional do jury que os tivesse de julgar.

Si de portas a dentro não foi isso o que se deu, de portas a fóra tudo que então se passou auctoriza a vêr as cousas por esse prisma. Mas ao numero infinitamente pequeno dos interessados cheios de natural e vão despeito, oppunha-se o numero infinitamente grande da população de Pariz, de todos os homens de sciencia, de todos os proficionaes, affirmando a *una voce* o triumpho de Dumont, e portanto a proxima e infallivel consagração official desse triumpho, traduzida pela entrega do premio Deutsch.

E foi então que o *Aéro-Club* assentou, em má hora, de alterar certas clausulas do concurso; uma dellas foi em relação aos 30 minutos dados para ida e volta, — mas com tal artimanha o fez que esses 30 minutos se prolongariam nas condições do mo-

mento, a 35 ou 40 para a conquista do premio, e, assim prolongados, o premio não seria ganho em 30.

Com effeito, si até aqui se impunha ao concorrente o *sahir de um ponto dado em Saint-Cloud e, em viagem mais ou menos circular e pré-traçada, ir á Torre, contornal-a e voltar ao dito ponto em 30 minutos*, agora entendeu a «Commissão» do *Aéro-Club* de impor, por acto de 7 deste mez (data em que ia se dar a ascensão official) que, feito tudo isso, *o premio só seria considerado ganho quando o balão do concorrente parasse definitivamente no recinto, no ponto de onde partira*.

Antes bastava que, de volta, *passasse* o balão por esse ponto; agora, porêm, é preciso que nelle *pare*.

Ora, para ahi parar, terão os concorrentes (Só ha um corrente dentro do prazo, — Dumont) que vir diminuindo a marcha dos balões com muita antecendencia, desde muito antes do *ponto de chegada* no recinto do *Aéro-Club*. E, como a reducção da marcha importará em augmento, perda de tempo, entrarão elles francamente pelos 30 minutos além, tornando-se quasi impossivel, nas condições actuaes, levantar o premio dentro do dito prazo.

Saiba-se mais que a descida no recinto do *Parque*, a qual, antes, já era de si bastante difficil, por causa de algumas arvores que lá existem, — agora muito mais difficil o é, depois que lá se construiu o enorme barracão destinado a guardar o aerostato do proprio sr. Henry Deutsch, balão de 60 metros de comprimento e que, por incapacidade embryogenica, morreu ainda em estado de féto.

Saiba-se ainda mais que, daqui por deante, será nullo o concurso si não tiverem assistido á ascensão pelo menos cinco dos membros da «Commissão».

Houve ainda varias outras pequenas alterações que, por insignificantes, aqui se não registram.

Tendo os jornaes de Pariz dado minuciosa noticia dessas extemporaneas, injustas e levianas alterações, Dumont lavrou logo por escripto o seu protesto, o qual, em data de 10 foi nominalmente enviado ao presidente do *Aéro-Club*. No dia seguinte o *Matin* o estampava por inteiro em suas columnas, — e tambem outros jornaes o faziam, uns em resumos, outros por extractos.

Eis, em súmmula, o protesto de Dumont:

> — «Extranhava que houvessem feito todas aquellas alterações na vigencia do concurso, alterações que iam augmentar muito mais as difficuldades já grandes da prova.

Disse que o Regulamento, como era antes de taes alterações, mandava voltar ao *ponto de partida*, mas não descer a elle, — clausula generosa e compensadora das difficuldades a vencer no grande trajecto de 30 minutos, annunciado, além do mais, com 24 horas de antecedencia, isto é, para os azares de um tempo que ninguem poderia saber como estaria.

Descer em balão e tocar em terra no referido ponto do Parque, dada mesmo a grande velocidade que era preciso desenvolver ao voltar da Torre para Saint Cloud, foi coisa que se podia conseguir á custa de muito esforço e de todo o cuidado, quando entrou em vigor aquelle Regulamento, — apesar mesmo da travessía do valle do Senna, cuja humidade e cujos ventos tanto perturbavam a estabilidade do balão no momento decisivo. Essa descida poderia então effectuar-se pelo lado esquerdo do aqueducto do Avre, graças a uma aberta acanhada que lá existia, circumdada de arvores e casas do caes, impedida, aqui por fios telegraphicos, alli por uma linha de bondes electricos e por cabos aéreos de grande tensão, — e acolá por uma linha-férrea.

Era, pois, esse o possivel e unico ponto de entrada para qualquer balão dirigivel, que viesse chegando com grande velocidade; — e, isso mesmo, dado que as condições atmosphericas lhe fossem propicias. Esse ponto, essa possibilidade, já não existia mais, disseram-no todos os aeronautas a quem elle interrogára a respeito; ficara supprimida com a construcção do barracão do sr. Deutsch, de 60 metros de comprimento por 27 de altura.

O Parque, desnivelado pelas ultimas excavações por que estava passando, achava-se cheio de barrancos e buracos. Como, pois, descer a elle no caso de vir o balão a toda a brida? No caso contrario, de vir com pouca força, arriscar-se-ia a ser arrebatado por correntes então de mais força — os ventos reinantes do valle do Senna, — facto que já lhe acontecera duas vezes.

E era no emtanto agora que a « Commissão » lhe vinha exgir (em clausula addicional e logo no dia seguinte ao do ultimo accidente) que descesse em tal logar, atravancado daquelle modo, como si já

não bastassem os perigos que lá corriam os seus auxiliares durante as manobras da partida! Fosse elle agora abusar da dedicação desses auxiliares, determinando-lhes que agarrassem o *guide-rope* á passagem do balão, na volta, e muito maiores seriam taes perigos.

Si, nos hippódromos e demais raias de corrida, o juiz só marca o momento em que o jockey *passa* pela linha terminal da chegada, e não o momento em que pára e entrega as rédeas ao ajudante de raia, porque então exigir do aeronauta, ao passar, de volta, por cima do *Parque*, num trajecto veloz e atribulado, que mande agarrar o *guide-rope* do seu balão, — facto que o deterá de chôfre na rapida carreira com que vem chegando?

No estado actual da Aeronautica nenhum outro regulamento podia ser admittido, salvo o primeiro. Acceitara-o, e só a elle obedeceria. Que outros mais ousados decretassem e cumprissem, si o quizessem, condições mais difficeis.

Quanto a si, fiel em tudo ao velho Regulamento, e de conformidade com o que estava nelle estatuido, só trataria de *passar* por cima do *ponto da partida*, no Parque, feito que fosse o trajecto no prazo marcado. E si porventura tocasse o *guide-rope* em terra, nenhum de seus auxiliares lhe poria as mãos, já préviamente prohibidos de o fazerem; — passaria, pois, adeante e, passado que fosse, só então trataria de operar uma curva e descer no recinto, isso mesmo si lh'o conviesse.

As suas evoluções em torno da Torre Eiffel datavam de 1899; tinham começado com o seu terceiro balão dirigivel, quando o premio-Deutsch ainda estava por nascer. Sem de modo algum preoccupar-se com as arbitrarias condições do concurso, nunca deixara e jamais deixaria de realizar as suas ascensões e experiencias, as quaes, feitas agora methodicamente, só ficariam supprimidas quando elle morresse.

Como sempre, iria mais uma vez empregar todos os esforços para que, por sua parte, nada faltasse á perfeita fiscalização da «Commissão»; pois, reconhecido, jamais se esqueceria de que o Presidente do *Aéro-Club* comparecera ás suas experi-

encias, levando-lhe dest'arte o seu valiosissimo estimulo. Nada, porêm, o impedia de dizer que:— quer já estivessem ou não reunidos, no *momento da partida*, os cinco membros fiscaes agora exigidos pelas alterações do velho texto; quer já lá na Torre se achasse ou não o vigia, — nesse *momento* elle Dumont partiria mesmo, e só deixaria de contornar a Torre si lh'o impedisse força maior.

Si lhe faltasse a fiscalização official, satisfar-se-ia com a do povo e com a da imprensa — ambas de immenso valor para o desenvolvimento da idéa aerostatica.

Feito o trajecto e cumpridas que fossem as condições impostas para a entrega do Grande Premio, si lh'o negassem, tanto mais o sentiria quanto era certo que jamais pensara em recebel-o; pois assim como, em 1900, dera o premio-juros á caixa do *Aéro-Club*, para constituir novo premio, tambem assim tinha préviamente destinado os 100.000 francos (caso os ganhasse) aos pobres de Pariz, metade, e outra metade para aos seus auxiliares, homens desinteressados e de incomparavel dedicação.

Esperava, pois, ao menos em beneficio dos pobres de Pariz e daquelles ajudantes, que a «Commissão» reconsiderasse o seu acto, deixando assim de supprimir-lhe o ensejo de ganhar para elles os cem mil francos.

Finalmente, fosse lá como fosse, o seu balão ficaria de novo prompto no fim daquella semana e, uma vez prompto, as experiencias seriam recomeçadas no proximo domingo».

Constantemente referem-se os jornaes a novos competidores de Dumont, os quaes se preparam para disputar-lhe a victoria do premio. Entre outros citam-se agora Georges Besançon e Mauricio Farman, francezes, e um tal sr. Smitter, inglez. Os dous primeiros são socios num balão dirigivel, fusiforme, de alongamento proporcional a 4 para 1, motor de automovel, de 40 cavallos e de peso reduzido, cubando o envólucro 1.400 metros. Ambos são aeronautas já feitos e de nomeada; e, segundo se dizia, muito era de esperar de similhante balão, cujo plano fora traçado de conformidade com os mais rigorosos dictames da sciencia. — O aerostato de Smitter será tambem acharutado, terá duas

helices e... Smitter, que deve ser dotado de imaginação verdadeiramente oriental, supprimiu o motor, que passa a ser substituido por... mãos humanas. E' verdade! As duas helices serão movidas a pulso pelos passageiros da barquinha, espaço em fóra, e faça Deus bom tempo. Com Smitter vai, pois, o balão entrar em sua phase romanesca, no caso de encontrar elle passageiros para... o outro mundo.

Falava-se ainda nos balões de Debrayeux, do conde Americo da Schio, italiano, e de Bradowsky. — O *Debrayeux* já estava concluido e prompto para receber o hydrogêneo. Foi ideado para ser movido pela propria pressão da atmosphera sobre um molinête armado á prôa. — O *da Schio* terá motor de 12 cavallos e helice na prôa. A feitura deste aerostato foi conseguida por subscripção, e os subscriptores foram em numero de 200, inclusive o rei e a rainha da Italia. — Quanto ao *Bradowsky*, estavam começando a enchel-o no *Parque de Vaugirard* nos ultimos dias de Outubro. Tem quilha como os *dumonts*, feita de tubos de aço, e de 17 metros de comprimento. Motor de 16 cavallos, accionando na pôpa uma helice de 4 metros e 350 rotações por minuto. E' fusiforme e de 22 metros de comprimento de pôpa á prôa, sendo esta de maior diametro que aquella, e ambas terminando em cones. O leme, de 4 metros quadrados é de eixo vertical. A barquinha, que é de 5 metros de comprimento e pesa 130 kilos, tem por baixo outra helice destinada a manter o equilibrio vertical do systema, helice de $2^{m},50$ e de 450 rotações por minuto. O deslocamento do centro de gravidade, conseguido nos *dumonts* por meio dos pesos moveis e do *guide-rope*, vai ser conseguido no *Bradowsky* por mudança de logar, do aeronauta, dentro da barquinha: — si for para traz, a prôa empinará; si para deante, descerá.

Vê-se que a febre dos balões toca de novo a seu auge.

Ha ainda um outro competidor na pessoa de Hosden, cujas experiencias de gabinete, em miniatura, deram uma velocidade maxima de 12 metros por segundo. Não ha vento em gabinetes. Dois motores de kerozene, um de 20, outro de 10 cavallos, um para o propulsor, na prôa, outro para as helices dispostas ao longo do balão, que gastará 2.500 metros cubicos de hydrogêneo distribuido por secções estanques. A proporção do alongamento para a altura será de 6 para 1. A estabilidade do envólucro será mantida por uma carcassa mais ou menos similhante á do *Aviador-Misto* de Rose, feita de tubos de aluminio e tambem de aço.

Como este balão ainda é um projecto, não vale a pena perder mais tempo com elle.

Outubro, 8. — Aeronautas francezes, partem para a Russia, em balão, Boulanger e Glorieux. Logo adeante encontram chuva, e a chuva continúa. Navegam ainda assim durante 10 horas e meia, perdendo lastro constantemente.

Nessa excursão atravessaram Bruxellas, entraram na Hollanda, transpuzeram o Rheno entre Dusseldorf e Colonia, o Weser em Cassel, o Elba em Magdeburgo, e chegaram a Berlim. Afinal tiveram que descer além do Oder, após um trajecto de 830 kilometros, distantes ainda da Russia 280 ditos.

Viagem perdida. Della não se tirou proveito algum para a navegação aérea.

Outubro, 12. — Nesta data foi tentada a travessía do Mediterraneo pelo conde Henry de La Vaulx, do *Aéro-Club*, — um dos competidores de Dumont. Vale a pena contar por alto esta historia.

— O conde de La Vaulx é incontestavelmente um aeronauta de pulso, um audacioso, um scientista de notavel tenacidade. O seu nome já tem figurado brilhantemente em certamens desta natureza, e, aqui mesmo, neste pequeno trabalho, já se lhe fez uma referencia ao ser noticiado o concurso de balões convocado pelo ministerio do commercio e industria da França, concurso que se effectuou durante a *Exposição Universal* de Pariz, de 1900. Em companhia de Castillon de Saint-Victor, seu velho amigo, subiu elle então no *Centauro*, que foi o vencedor, e que, após 1.900 kilometros, transpostos em 35 horas, foi cahir na Russia, perto de Kiew.

Havia muito que tal balão estava em preparo no seu estaleiro da praia de Sablettes, em Toulon, sul da França, de onde distenderia o vôo para o sul, em demanda da costa-norte da Africa, atravez do Mediterraneo. Como se tratava de uma travessía deste mar, La Vaulx deu ao balão o nome de *Mediterranense*. Feito o orçamento, viu-se que as despesas totaes da construcção e da expedição andariam em 70.000 francos. Abriram para tal fim uma subscripção popular, e obtiveram promessa de auxilios pecuniares por parte do ministerio da guerra, promessas que ficaram no tinteiro quando opportunamente lhe foram lembradas. Apesar de todas as difficuldades, foi acima o *Mediterranense*.

— E' espherico, todo de sêda franceza, e cuba 3.000 metros

de hydrogêneo. Prêsa por suspensorios, fica-lhe embaixo a barquinha de vime, que tem de comprimento $3^m,20$, de largura $2^m,80$, e de altura $1^m,50$; contém ella todas as machinas do systema e tem logar para 4 aeronautas; é externamente revestida de um encapado impermeavel e, em cima, aos lados, leva fluctuadores que, num caso de desastre, a impeçam de submergir e a mantenham fluctuante por muitas horas. Foi disposta de modo que, no ar, estará sempre em equilibrio horizontal.

Entendeu o conde de La Vaulx que o seu balão devia navegar rente d'agua; para isso era preciso descobrir um meio de o manter sempre na altura que conviesse. Imaginou então um apparelho complexo, composto de varios tubos feitos de mui finas folhas de cobre, de 10 metros de comprimento cada um, pesando 80 kilos e com capacidade para 150 litros de agua salgada. Deu-lhes o nome de *estabilizadores*, por se destinarem a manter em certa altura a estabilidade do balão, e os arranjou de modo que, por meio de uma bomba aspirante, se encham logo d'agua, quando for preciso. E como, á vontade, podem ser cheios ou esvaziados, constituem por isso mesmo o lastro movel do systema, mediante o qual poderá a barquinha seguir pousada n'agua, fóra della um pouco, ou então separada o quanto for necessario. Como se vê estes *estabilizadores* equivalem ao *guide-rope* de Dumont.

Mas o conde de La Vaulx tambem dotou o seu balão de *guide-ropes*, extensissimos cabos de fibra de coco trançada, e que o balão vai arrastando immersos n'agua. São auxiliares dos *estabilizadores*, e foram construidos principalmente para evitar a fuga do balão pelos ares acima, dado que, por subito augmento da temperatura, se lhe dilate e expanda o hydrogêneo. A cousa foi medida de modo que, operada tal dilatação, a parte dos *guide-ropes*, que for arrebatada de dentro d'agua, bastará como lastro para conter o *Mediterranense* a certa altura, além da qual não irá, graças á proporção, já sabida, em que a ascensão está para o peso. Tambem no caso contrario nenhuma attracção será exercida por taes cabos sobre o envólucro, e isto porque o peso delles *morre* n'agua.

Tudo que até aqui se disse só serve para regular a altura e o equilibrio horizontal do systema-Vaulx. Mas o seu balão é dirigivel e, portanto, passemos a vêr como e por que meio pretende o conde dar-lhe a direcção.

Para esse desiderato serviu-se o sr. de La Vaulx do apparelho inventado pelo engenheiro Henri Hervé, e denominado *desviador-lamellar*. E' este o apparelho equivalente ao leme de Dumont, e que vai imprimir ao *Mediterranense* a sua derrota para as costas de Marrocos, da Argelia ou da Tunisia. Imagi-

nem-se duas grandes cordas partidas do balão para o mar, mantidas em parallelismo por pequenas travessas que as impedem de se unir e enrolar, cada uma dellas bifurcando-se em duas, de certa distancia em deante; são pois, agora, quatro cordas desse ponto em deante, e nessas quatro cordas são passadas onze taboletas concavas, que ahi se podem mais ou menos fechar ou abrir como as taboletas de uma persiana, e inclinar neste ou naquelle sentido, conforme for manejada esta ou aquella das duas primeiras cordas. Pois tambem vão immersos n'agua os referidos *desviadores*, e o que o vento faz no leme de Dumont espera o sr. de La Vaulx que o faça a agua nos seus desviadores lamellares. Mas o leme está unido ao balão-Dumont, e este balão é alongado, — ao passo que é redondo o de La Vaulx, e mui longe fica do seu desviador immerso n'agua.

Quanto ao mais, tem ainda o *Mediterranense* um balonête compensador, e, porisso, um ventilador; tem baterias electricas, com accumuladores, para illuminação a bordo durante a noite, e para signaes convencionaes que serão transmittidos ao cruzador que tem de acompanhal-o, para soccorro, si houver disso necessidade. Levará egualmente pombos correios, que serão soltos de espaço em espaço, para trazerem á velha e gloriosa terra da França as noticias do que for succedendo na travessía.

Prompto o *Mediterranense* a 12, para a partida, o cruzador *Du Chayla* achegou-se de Toulon para, por ordem do ministerio da marinha, acompanhal-o na excursão e prestar-lhe os serviços de que precisasse.

E foi assim que nesse dia, ás 11 horas e um quarto da noite, deixou o balão do conde de La Vaulx o seu barracão da praia de Sablettes, em Toulon, e partiu pelo Mediterraneo a fóra, escoltado por aquelle cruzador. Levava a bordo quatro aeronautas de mão cheia, o conde, o seu amigo e velho companheiro de ascenções Castillon de Saint-Victor, o capitão de navio Tapissier, e Henri Hervé, o inventor do *desviador lamellar* e ao mesmo tempo antigo director do *Parque Aerostatico* de Lagoubran.

Soprava, porêm, o léste ou euro, que é vento do levante, de nascente a poente, ao passo que com certeza o que o illustre conde desejava era que soprasse o bóreas ou septentrião, que, por ser de norte a sul, cahiria justo no rumo da projectada travessía.

Deixou o conde que o *Mediterranense* fosse seguindo pela esteira do vento léste, e assim seguiu elle durante toda a noite de 12 paro 13, sempre em rumo do occidente, em aguas do golfo de Lion e não muito longe da costa. A's 9 1/2 da ma-

nhan foi lançado o *desviador*, afim de mudar a direcção de léste-oéste para o quadrante do sul, para o rumo das costas da Argelia. As noticias publicadas a este respeito foram de um laconismo extraordinario; nada disseram quanto aos resultados obtidos com o apparelho de Hervé. Só foi dito que o *Mediterranense* continuou a navegar durante o dia 13 e que ás 2 1/2 horas da tarde já avistava os cabos de Leucates e Perpignan.

Tomando-se uma carta geographica da França, vê-se que o *Mediterranense* só pôde seguir uma linha mais ou menos de lés-nordéste a oés-sudoéste, pois em relação a Toulon deve ser essa a posição geographica dos cabos francezes.

O léste continuava ininterruptamente. Desde o momento da partida já o balão vinha vindo com falta de força ascencional, devido a perda accidental de hydrogêneo, que obrigara tambem a deitar lastro fóra. A travessía tornava-se, pois, cada vez mais difficil; de modo que ficou assentado que, si até 3 1/2 da tarde não tivesse o vento mudado, seria o *Mediterranense* puxado para bordo do cruzador, afim de voltarem todos. O vento não mudou. A's 3.45 começou-se a recolhel-o para bordo do *Du Chayla*. O cruzador parou soprado pela pôpa. Os aeronautas desceram no castello de prôa do vaso de guerra, e tiveram que rasgar o balão, ainda nos ares, por meio de uma corda *ad-hoc*. Rapidamente deshydrogenado, cahiu elle ao mar antes de poder pousar no tombadilho. Levou-se então mais de uma hora a poder apanhal-o de modo que não ficasse imprestavel para outras experiencias. Terminada finalmente a operação, voltou o cruzador para Toulon , tendo sido o balão levado para o *Parque Aerostatico* de Lagoubran, de onde espera partir de novo durante a primavera vindoura.

Em todo o caso realizou o *Mediterranense* a mais demorada ascensão de que ha memoria até hoje, pois esteve nos ares por espaço de 42 horas. Só pôde empregar o *desviador* de *minima*, que lhe deu um desvio de 30 graus da linha do vento. O *desviador* de *maxima*, que lh'o daria de 70 graus, não pôde ser experimentado. Os *estabilizadores* e os *guide-ropes* funccionaram bem, e tudo, segundo se noticiou, correu de modo que auctorizou desde então a affirmar a possibilidade de uma travessía maritima por aquelle systema — corrigido e aperfeiçoado.

Ainda desta vez, porêm, não se pôde dizer que a «direcção» estava descoberta.

Neste meio tempo effectuou-se ainda uma outra ascenção na Allemanha, ascensão que, posto que de caracter extranho á dirigibilidade dos balões, merece algumas referencias.

Foi ella levada avante por Berson, physico allemão, que já tem a seu favor uma outra ascenção, em que subiu até 9.150 metros de altura, colhendo dados para a meteorologia.

Bebeu-lhe o balão 6.000 metros cubicos de hydrogêneo, posto que o seu estomago désse para 8.000. Todo esse hydrogêneo foi electrolyticamente preparado no *Parque Aerostatico Militar* de Tempelhof (Berlim), que já o fabricára para os balões dirigiveis de Schwartz e Woelfert, accondicionando-o em tubos de 100 litros cada um, á pressão de 100 atmospheras.

Berson subiu em companhia de Suring. Como o ideal era subir o mais possivel em cata de novos conhecimentos meteorologicos, e como, á proporção que mais se sobe, tambem mais intenso se vai tornando o frio, levaram elles a bordo um thermóphoro para annullar provisoriamente o inverno perpetuo das grandes altitudes do espaço. Levaram ainda balõesinhos de oxygêneo, como Crocé Spinelle e Sivel em 1874, para inhalações que os garantissem contra a morte por asphyxia.

Ascensão de interesses exclusivamente scientificos, nada lhe faltou, desde os menores até aos maiores apparelhos, todos de registro automatico, como barometros, thermometros, etc.

Foi aos 9.000 metros de altura que Berson e Suring começaram a sentir-se mal, crescendo rapidamente a falta do ar respiravel compativel com as exigencias physiologicas de ambos. Audaciosos, porêm, deixavam elles que o balão fosse subindo. Aos 10.000 metros estavam já nas imminencias de uma syncope, e então pôde ainda Berson abrir uma das valvulas do envólucro, para dar sahida ao hydrogêneo, detendo assim a subida do balão. O companheiro já estava desmaiado e, por sua vez, desmaiou elle em seguida.

O balão continuou no emtanto a subir, e assim foi indo até chegar a 10.300 metros de altitude, ponto de que não passou. Berson e Suring nada viam, desmaiados como estavam. Do momento em que perderam ao momento em que recuperaram os sentidos tinham-se exgottado 40 minutos. Attingidos os 10.300 metros, a maior altitude a que o homem tem chegado em balão, começou este a descer lentamente, até que, entrado em zona em que o oxygêneo já basta á vida, de novo restituiu os sentidos aos dous ousados navegantes.

Na ascensão-Tissandier de 1875 a bordo do *Zenith*, a maior altitude alcançada, que foi de 10.000 metros, custou a vida a Crocé Spinelli e Sivel — fulminados por asphyxia. Agora Berson

e Suring vão além 300 metros, ficam em desmaio 40 minutos — e voltam vivos.

Todas estas cousas são novas conquistas da sciencia, e ninguem sabe até onde irão essas conquistas.

Mas, operada a descida, verificou-se que o thermometro centigrado tinha descido 40 graus abaixo de zero. Para a altitude de 10.300 metros, 40 graus indicam temperatura relativamente alta, — pois, em circumstancias mais ou menos identicas, bem mais baixas temperaturas têm sido registradas em thermometros levados aos ares por papagaios ou pandorgas.

Já então reparado o *Dumont VI*, para experimental-o de novo, esperava o seu inventor que melhorasse o tempo em Pariz, — pois o outono ia correndo com chuvinha impertinente e massadora.

Por causa de tal chuvinha, a 15 deste mez principiara elle uma experiencia que não pôde ser terminada.

A 16, quarta-feira, annunciaram os jornaes que a ascensão para a conquista do premio seria dentro de poucos dias.

A 17 o aeronauta Latruffe atravessou o mar da Mancha em um aerostato de sua invenção.

Muitas vezes tem aquelle mar sido atravessado da França para a Inglaterra, e vice-versa, e nem porisso ficou descoberta a dirigibilidade dos balões.

Parece que Latruffe não conseguiu mais do que os seus antecessores na tal travessia, — pois nada se disse de importante a tal respeito.

Na *Academia Aerostatica Militar* de Meudon, mantida pelo governo francez, está recebendo a ultima demão (—já agora se sabe—) um novo aerostato dirigivel dos irmãos Renard, illustres directores daquelle parque e não menos illustres rivaes de Dumont.

Com effeito, foram principalmente as opiniões delles sobre o systema-Dumont que serviram de finca-pé á má vontade que existiu, ingloria e por um momento, contra as conquistas realizadas pelo aeronauta brazileiro. Em torno dessas opiniões, emittidas por velhos e experimentados profissionaes, foi que se alistaram, ainda que não francamente, nomes como os de Parville, homens como o conde de Dion, e revistas como a *Nature* e a

Revue Scientifique, as quaes, si não abriram campanha, comtudo se revelaram como adversarias em pequenas phrases mui significativas, intercaladas, aqui e acolá, no texto das noticias que iam dando das ascensões.

Para Renard, o balão-Dumont ainda não era dirigivel, porque *não deitava 12 1/2 metros por segundo de encontro ao vento.* O illustre aeronauta chegou a esta convicção depois de calculos complicados sobre a velocidade dos ventos reinantes em Chalais-Meudon, velocidade já medida, e cujos extremos ficam entre a *minima* de 9 e a *maxima* de 162 kilometros por hora, *maxima* esta que só foi verificada uma e unica vez durante uma longuissima observação de 11.649 horas. Para Renard, pois, o balão que deitar 12 1/2 metros por segundo será dirigivel, porque, em 1.000 vezes, poderá navegar 815 em todos os sentidos, — isso mesmo si sustentar essa velocidade (correspondente a 46 kilometros por hora) durante um dia inteiro.

Mas, como já se disse atraz, a questão é de proporção, de fórmula, dado o SYSTEMA-DUMONT. Acceita como verdadeira a affirmação do director do *Parque de Meudon*, ella só será valida no que se refere a aperfeiçoamentos que só poderão vir depois.

E' verdade que, quando Renard disse isso no *Echo de Paris*, Dumont só tinha a seu favor as experiencias de 12 e 13 de Julho, que lá não foram encaradas como definitivas em relação á dirigibilidade.

Dada a competencia dos irmãos Renard, e sabido agora que ha em Meudon um balão prestes a largar o primeiro vôo, tudo é licito esperar de tal empresa.

Este novo balão é o resultado de 17 longos annos de estudos secretos, — pois é esse o lapso de tempo decorrido depois das celebres experiencias do *França* em 1884.

Submettido a reparos em seu barracão de Saint-Cloud, estava agora completamente prompto o *Dumont VI*, e annunciada a ascensão official para sabbado, 19 do corrente.

E' quasi certo que o leme e o motor tenham passado pelas modificações a que Dumont se referiu ao descer a Longchamps no dia da sua ultima ascensão, que foi a 6 de Setembro.

A «Commissão Julgadora» do *Aéro-Club* calou-se relativamente á carta-protesto do aeronauta brazileiro; mantem, portanto, as innovações feitas nas clausulas do concurso. Tambem Dumont mantem por seu lado o que affirmou: — correrá tendo em vista unica e exclusivamente as clausulas primitivas, unicas que julga válidas.

V

CONSAGRAÇÃO DO TRIUMPHO

(— 19 DE OUTUBRO DE 1901 —)

Era um sabbado.

O dia amanhecera enfarruscado, porêm calmo. Nuvens pardacentas, aqui mais claras, alli mais escuras, forravam toda a abobada celeste da capital franceza.

A ascensão estava annunciada para as 2 horas e 40 minutos da tarde, e, mais ainda do que das outras vezes, o povo se derrama ao longo do trajecto que ia ser feito pelo aeronauta brazileiro. As collinas de Auteuil e Longchamps, as immediações do Bosque de Bolonha, o Palacio do Trocadero, o Campo de Marte, as eminencias de Saint-Cloud, as circumvisinhanças e as plataformas da Torre Eiffel — estão cheias de milhares de assistentes. Motocyclos, bicyclêtas, automoveis, carros de praça e particulares vêm chegando, vão tomando logar, e já se contam por centenares. Pariz vai assistir a um espectaculo novo, jamais visto, jamais sentido no mundo. Estes, profissionaes, aquelles, amadores, — photographos se postam por toda a parte ao longo do itinerario que tem de ser seguido pelo *Dumont VI*, e já tomam posição e se preparam para, em «instantaneos» artis-

ticos, fixar em suas chapas, como um documento incontestavel, toda a extraordinaria successão daquelle atribulado trajecto, que será dentro em breve convertido em *via gloriosa*.

Henry Deutsch, o illustre doador, está presente. Homens de sciencia, engenheiros de casas industriaes, altas patentes do exercito, todos comparecem, querem todos verificar mais uma vez que Dumont descobriu a *dirigibilidade* dos balões.

Lá está, no recinto do *Parque*, em Saint-Cloud, entre os convidados illustres, a ex-princeza Isabel, condessa d'Eu, distincta senhora brazileira, que os altos destinos de nossa patria impediram de iniciar o terceiro reinado. Acto de elevada belleza moral, não quiz a nossa patricia que o seu coração estivesse ausente no grande momento da victoria definitiva da patria, — dessa victoria ganha em estrepitoso triumpho na mais importante, mais rumorosa e mais viva de todas as cidades do mundo.

Membros destacados pela «Commissão Julgadora», para fiscalizar a ascensão, tambem já lá se achavam a tempo o marquez Alberto de Dion, presidente do *Aéro-Club*, Emmanuel Aimé, secretario geral, Georges Besançon e Wilfrid de Fonvielle. Foi tambem notada antes da partida a honrosa presença de homens do valor de J. Duleau, Mercier, Mauricio Farman, Jean Laffite, Tatin e outros.

Já o Acqueducto do Avre está coalhado de povo, e o mesmo se vai dando pelas ribas do Senna, ao passo que no recinto do *Parque* e por fóra delle já quasi ninguem se póde mover, de tão compacta que é a multidão.

Tinha cahido o sudoéste, vento que até certo ponto favorecia o vôo de ida, e que por isso mesmo seria contrario ao de volta. Isso, porém, pouco importava a Dumont.

O momento approxima-se.

Estão todos a postos, de chronometro em punho. São quasi *2 horas e 42 minutos da tarde* e só se espera que o ponteiro marque exacto aquelle minuto.

Vai ser a 23.ª ascensão feita por Dumont nestes ultimos 4 mezes, isto é, de 12 de Julho para cá.

Desta vez o seu *guide-rope* tem 100 metros de comprimento.

Mas eis que o ponteiro chega ao instante da partida.

— Prompto, dizem os fiscaes.

— Larguem!, ordena Dumont.

E o *Dumont VI* partiu nesse momento justo, aprumando-se logo nos ares, leve e desembaraçado como um passaro, e, como um passaro, — senhor do espaço! A sua velocidade passou logo

de 5 a 6, e de 6 a bem mais de 7 metros por segundo, e em 9 minutos já chegava elle á Torre e a contornava pelo lado do norte, victoriado em toda a extensão desse trajecto de 5 1/2 kilometros. Manteve em toda a ida, póde-se dizer, a velocidade de 7 metros por segundo, jámais alcançada por nenhum outro aeronauta.

Contornada a torre pelo angulo do norte, entrou o *Dumont VI* a voar de encontro á violencia do sudoéste, violencia que lhe reduziu a velocidade a 6.^{m}20 centimetros; perdia, pois, 80 centimetros por segundo. Si na ida deitou elle 420 metros por minuto, quasi 25 kilometros por hora, agora só deitava 372 metros por minuto ou 22 kilometros e um terço por hora.

Soprava então o sudoéste a 5 1/2 metros por segundo, velocidade registrada pelos anemometros do Torre Eiffel, velocidade que dá 330 metros por minuto ou 19.800 por hora. Convem insistir neste ponto, porque devem todos lembrar-se que em 1884-85, nas então notabilissimas experiencias aerostaticas dos coroneis Renard e Krebs, o mais que o balão *França* conseguiu (e isso mesmo sem direcção prévia) foi uma velocidade na proporção de 15 kilometros por hora, quando o vento era de 8 kilometros para o mesmo tempo. Quer isso dizer que, então, soprava aquelle vento a 2^{m},22 por segundo, e se movia o *França* a 4^{m},10 tambem para o mesmo tempo. Comparados os dous termos, velocidade dos *respectivos ventos* e velocidade dos *respectivos balões*, vê-se que o vento enfrentado pelo *Dumont VI* era de mais 3^{m},28 por segundo que o enfrentado pelo *França*, — e que a velocidade desenvolvida pelo *Dumont* foi, na mesma fracção de tempo, de 2^{m},90 a mais que a do dito *França*. Sem vento, o *França* chegou á velocidade maxima de 6 metros por segundo; mas, como foi *sem vento*, não póde essa velocidade ser comparada á do *Dumont VI*, ganha *contra o vento*.

As cifras falam, pois, bem alto a favor do glorioso aeronauta brazileiro.

Accresce que, para o notavel engenheiro francez Charles Armengaud, nome de reputação scientifica universal, a velocidade do *Dumont VI*, de encontro aos 5 1/2 metros de vento, por segundo, foi tal, na volta, que importaria em uma velocidade normal de 8 metros por segundo ou 480 por minuto, — quasi 29 kilometros por hora.

Quanta gloria, porém, no vencer o vento apenas a 6^{m},20 por segundo, na média, dominando-o no valle do Senna, rompendo-o como um passaro! Sem o sudoéste, todo o percurso teria sido feito em 19 minutos. Com elle, mais dez e meio vão se exgottar da Torre ao *Parque* de Saint-Cloud, sommando tudo 29 e meio minutos.

A viagem foi feita em fórma de oito deitado (∞), como se vê do desenho aqui intercalado.

De volta, rompendo o vento, o *Dumont VI* passou garboso e firme por cima de Auteuil e por cima de Longchamps, vibrando ás acclamações de milhares de boccas.

Todos percebem que o Grande Premio vai ser incontestavelmente ganho. O enthusiasmo é enorme, e a immensa multidão não se contém no fremito que lhe sacode a alma collectiva.

O *Dumont VI* vem crescendo nos ares; approxima-se, — fica cada vez maior. Vê-se que a sua velocidade é grande e que elle já vem vindo como um triumphador. Já se lhe avista perfeitamente o *guide-rope*, solto obliquamente nos ares, por causa da velocidade com que é arrastado, muito maior agora, que o balão está chegando. No *Parque* e em seus arredores, a agitação, o enthusiasmo da massa popular toca ao apogêu no momento em que, firme e intrepido, dominador e magestoso como a propria personificação da gloria, triumphalmente penetra o *Dumont VI* na área atmospherica do *Parque* de Saint Cloud e, em linha de sudéste, rapido a transpõe como uma setta encantada.

Eram justamente *3 horas, 11 minutos e 30 segundos da tarde.*

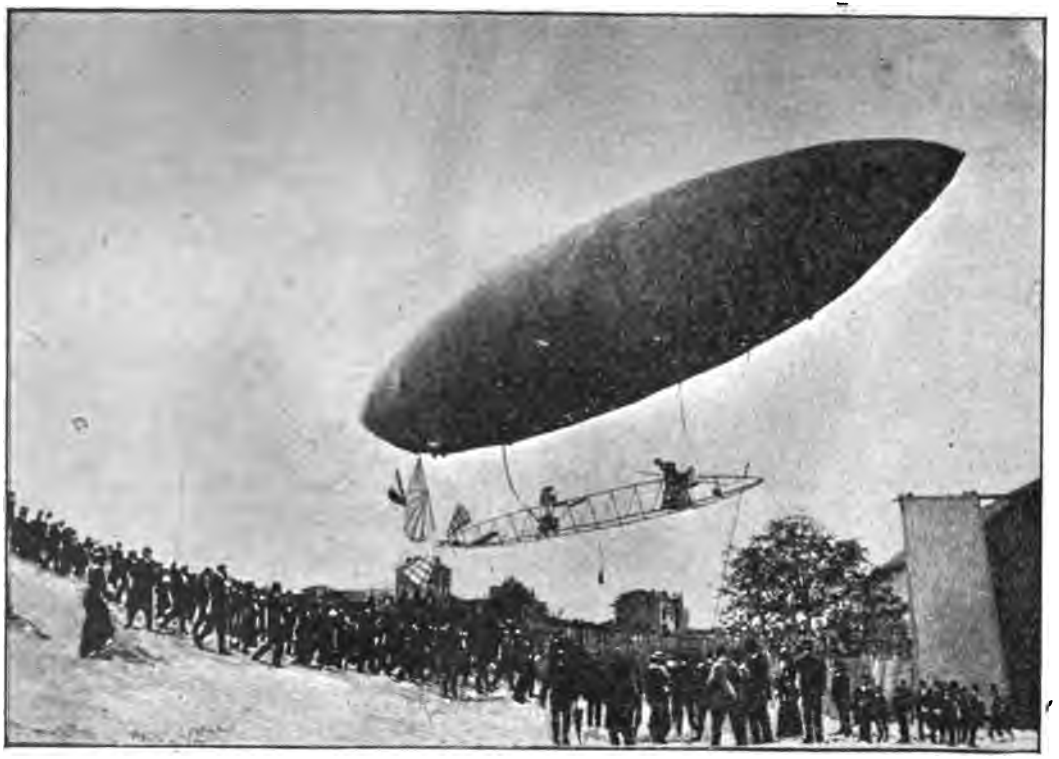
Nesse momento o enthusiasmo converteu-se em delirio. Todas as boccas tomaram parte na victoria. Lenços, chapéus, agitaram-se por cima de todas as cabeças, que se contavam por milhares. Dir-se-ia que uma corrente electrica vibrava na alma popular, tão intima e intuitivamente interessada na resolução do grande problema. Hurrahs, palmas, vivas, bravos, atroavam os ares numa glorificação sem exemplo em Pariz, e que tocava ás raias da apothéose.

Dumont acabava de levantar os 100.000 francos num extraordinario e triumphante esforço definitivo.

Todo o percurso fora feito em 29 MINUTOS E 30 SEGUNDOS.

Ao ser o *Parque* atravessado pelo balão, Zaberer, apesar da grande velocidade da chegada, tentou e conseguiu levar-lhe a mão ao *guide-rope;* largou-o, porêm, no mesmo momento — para não ser atirado a uma excavação feita logo adeante, e que servia de deposito aos residuos do hydrogêneo fabricado, havia pouco, para aquelle mesmo balão. A pegadéla de Zaberer foi amplamente testemunhada. Tambem se verificou que a ponta do *guide-rope* foi arrastada por cima dos ditos residuos num momento em que o *Dumont VI* baixou mais um pouco em seu vôo sobranceiro ao *Parque;* pois não só deixara nelles o sulco da passagem, como tambem o signal da mesma no tecto do barracão-Dumont, quando por cima delle passara egualmente arrastado.

Transposto o recinto, imprimiu o aeronauta ao seu glorioso



Chegada do "DUMONT VI" a Saint-Cloud

corcel aéreo uma perfeita curva no rumo de sul, norte e noroéste, durante a qual foi diminuindo a velocidade, até que de novo entrou elle no *Parque* pela linha de noroéste, e ahi foi detido, pelo *guide-rope*, por Jeronymo e mais quatro ajudantes, no pequeno espaço intermediario aos dous barracões de Deutsch e de Dumont. Tudo isto foi feito debaixo de uma tempestade de applausos. Dumont gastara nessa curva 1 minuto e 10 segundos, tempo que, como todos comprehendem, não deve ser levado á conta do concurso.

As acclamações succediam-se, unificavam-se num clangor marcial e sem tréguas, e céus e terra se impregnavam dessa contínua e estupenda glorificação, em que tomavam parte as senhoras que lá se achavam, batendo-lhe palmas e cobrindo-o de flores.

Eram justamente *3 horas, 12 minutos e 40 segundos*, quando Dumont, reclinado da barquinha e já prompto para saltar em terra, perguntou á «Commissão» que tempo tinha gasto.

— 30 MINUTOS E 40 SEGUNDOS, respondeu-lhe o conde Alberto de Dion, indicando, com esta resposta, que estava disposto a fazer valer as modificações indevidamente introduzidas nas clausulas do concurso.

E dizem as chronicas de então que o que se deu naquelle momento, como protesto, por parte do povo, e tambem como acclamação, foi indescriptivel, colossal, nunca visto.

O generoso Deutsch approximou-se e, abraçando a Dumont, que já tinha saltado da barquinha e que era carregado pelo povo, disse:

— *O sr. ganhou o premio.*

As senhoras cobriram-no de flores novamente, e nada mais se pôde ouvir, tal o barulho das palmas e das acclamações.

Era um delirio por toda a parte e, no emtanto, a attitude de Dumont era humilde e calma no meio daquelle formigueiro humano, que o victoriava, protestando a plenos pulmões contra a significativa resposta do conde. — Ninguem lhe notava na physionomia uma sombra siquer de despeito ou desanimo. A sua resignação era sem termos, exactamente como a sua tenacidade. Immovel, os braços cruzados no peito, a cabeça um pouco inclinada para deante, como quem escuta, pequeno em sua estatura physica (—1^{m}, 60, só pesando 50 kilos—) e tão grande na moral e na intellectual — elle parecia ausente de si mesmo, noutros climas, noutros mundos, pensando, reflectindo, emquanto o delirio dos applausos passava retumbando nos ares.

— *Parto já; vou tentar de novo*, disse elle, na primeira opportunidade.

Era isso de mais para o generoso e intelligente povo de Pariz, que se levantou como um leão, e não consentiu que elle o fizesse.

— *Não parte!*, gritavam. *Está ganho! E' de mais! Não parte!*

E todos se referiam ao texto primitivo, segundo o qual Dumont ganhara por meio minuto.

Isto verificado, só então disse elle que realmente havia ganho o premio, e que, si lh'o negassem, os prejudicados seriam, como em tempo o dissera, os pobres de Pariz e os seus auxiliares.

E o clamor popular cresceu de novo, tempestuosamente, em defesa da brilhantissima e incontestavel victoria do nosso compatriota.

Neste meio tempo, os membros-fiscaes se foram retirando, cada qual com as suas notas. Tinha havido entre elles azeda discussão, e retiravam-se agora, cada qual com a sua opinião pessoal, sem ter sido possivel haver qualquer accôrdo.

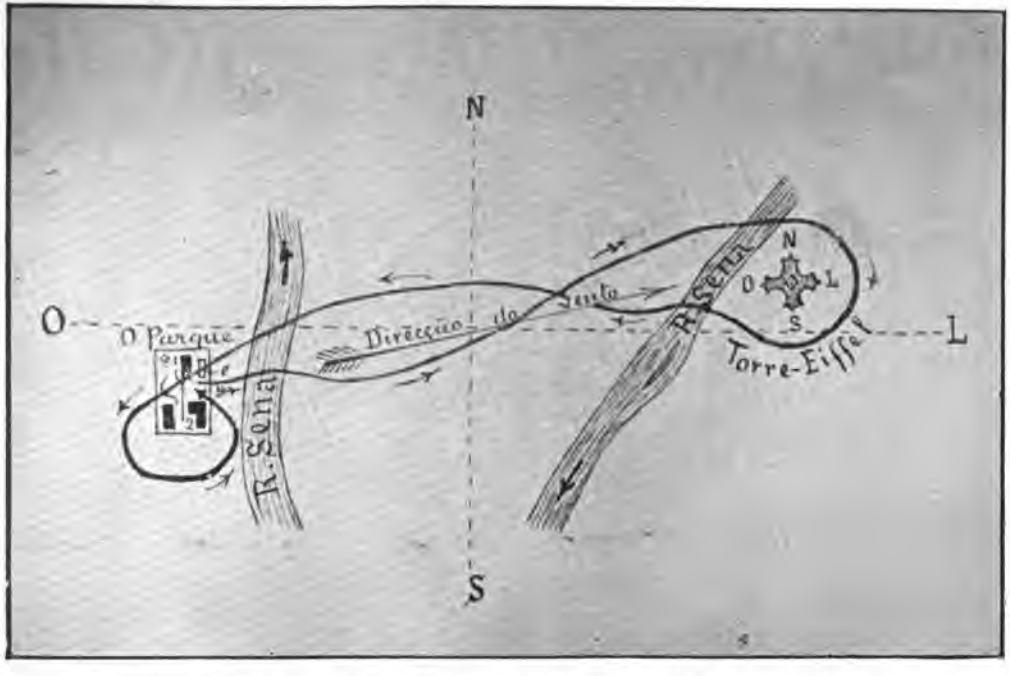
A sentença não estava lavrada, e nem elles o poderiam fazer antes de ser a cousa discutida em assembléia geral do *Aéro-Club*. E, como o prazo do concurso ia até 31 de Outubro, soube-se que a « Commissão » só se pronunciaria nos primeiros dias de Novembro, porque (e procedia correctamente) era presumivel que ainda alguem quizesse talvez apresentar-se com tempo de disputar o referido premio, presumpção que não podia ser desprezada, porque então se decidiria do concurso antes de terminado o dito prazo, e em prejuizo de possiveis concorrentes.

Correcta neste ponto, como fora incorrecta a «Commissão» no extremo opposto, quando, em plena vigencia do prazo, assentou de alterar para mais difficeis as condições do concurso!

Nessa mesma tarde, no dia seguinte e em todos os outros dias, manifestou-se a imprensa de Pariz francamente favoravel a Dumont e hostil á «Commissão Julgadora». Era a alma nobre e justiceira da velha França, falando mais uma vez pela penna dos seus melhores representantes.

Durante alguns dias foi esse o grande assumpto da imprensa pariziense.

Deutsch continuava a entender que o premio fôra ganho, e,



PLANTA DO PERCURSO TRIUMPHAL DO «DUMONT IV» A 19 DE OUTUBRO DE 1901

1, — Barracão de Dumont; 2, — Barracão de Deutsch, e *e*, — Excavação

por fóra, offerecera a Santos Dumont 25.000 francos para elle os distribuir pelos pobres de Pariz. Satisfeito da victoria, aproveitava assim a opportunidade para que tambem se cumprisse, ao menos em parte, o humanitario desejo do illustre brazileiro.

Como cresce no coração de todos a sympathica figura deste homem tantas vezes millionario, cujo nome ficou indelevelmente preso ao de Dumont, — eternamente ligado á luminosa descoberta da dirigibilidade dos balões!

Dumont, porêm, agradeceu, esquivando-se.

Na tarde deste mesmo dia publicou o *Auto-Vélo* um numero especial, illustrado, sobre o grande acontecimento, — e, posto á venda ás 5 horas, ás 6 já tinham sido vendidos 70.000 exemplares! Dias depois tambem a *Vie au Grand Air* dava uma collossal edição cosmopolita, illustrada, escripta em 5 linguas e, narrando por imagens toda a evolução da conquista-Dumont. Só num dia foram vendidos 110.000 numeros da edição tirada em francez.

Todos estes factos gritam bem alto o incontestavel valor do nosso illustre compatriota.

Os ultimos dias de Outubro não chegaram para os protestos, para a leitura de milhares de milhares de telegrammas e de cartas de felicitações, que de todas as partes vinham chegando a Dumont, da Europa e da America.

Um dos primeiros e dos mais gratos telegrammas foi por certo o que lhe enviou o presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, dr. *Manoel Ferraz de* Campos Salles, interpretando os sentimentos do povo brazileiro. O nosso Congresso Nacional (Camara e Senado federaes) procedeu do mesmo modo. Corporações scientificas brazileiras, assembléias legislativas dos Estados da União, presidentes, governadores, particulares, tambem felicitaram o notavel brazileiro.

A imprensa de Pariz continuava a affirmar unanimemente que seria uma clamorosa injustiça si o julgamento fosse o indicado pela resposta do conde Albert de Dion, presidente do *Aéro-Club*.

Neste meio tempo foi Pariz innundado por um verdadeiro diluvio de pequenos objectos do genero — *bibelots* — , representando os aerostatos e as façanhas de Dumont, e que eram vendidos nos buleváres. As artes graphicas puzeram por seu lado em circulação outro diluvio de cartões postaes finamente illustrados, representando, desde o inicio até á victoria definitiva, as phases

mais salientes, os passos cada vez mais triumphantes da luminosissima *via gloriosa* percorrida pelo immortal brazileiro em 3 annos e 16 dias, — que tanto foi o espaço de tempo decorrido entre a primeira ascenção do «*Brazil*» a 4 de Julho de 1898, e a ultima, do *Dumont VI*, a 19 de Outubro de 1901.

O principe Roland Bonaparte, presidente do jury, presidente da «Commissão Julgadora», chegou a publicar que, si fosse necessario, levaria a questão aos tribunaes, para que ficasse provado (no caso de ser negado o premio) que faltava competencia á «Commissão», porque 3 de seus membros tambem queriam concorrer ao premio e para isso trabalhavam; e para que tambem ficasse demonstrado que as alterações das clausulas só tiveram por fim impedir que o premio fosse parar ás mãos de Dumont; — pois a «Commissão» que *alterou*, no correr do concurso, foi a mesma que *traçou* as clausulas *primitivas*.

Como este trabalho é feito especialmente para, a titulo de noticia, ficar guardado nesta revista do nosso *Instituto Historico*, vale a pena registrar aqui o que disse aquelle principe, que, além de ser um perfeito homem de bem, é um dos mais estimados homens de sciencia da França.

Menos resumidamente, disse elle o seguinte, que foi publicado por diversos jornaes;

> Que a *Commissão Scientifica* do *Aéro-Club* nada tinha absolutamente com a administração do mesmo, — visto que fôra exclusivamente creada para pronunciar-se sobre assumptos technicos. Elle, principe, empenhara-se para que a dotassem de organização tal, que, superior a entrigas e mexericos, os pareceres della fossem a absoluta expressão da justiça. A diversos membros da Academia de Sciencias pedira elle que fizessem parte da referida *Commissão*, tendo annuido a esse pedido os academicos *E. Mascart*, *Cailletet*, *Violle* e *Bouquet de La Grye*.
>
> Quanto a competencia, a *Commissão* tinha-a toda, contando entre os seus membros homens como o conde de *La Vaulx*, *Fonvielle*, de *La Baume Pluvinel*, *Castillon de Saint Victor*, *Delandre* e outros, todos especialistas em materia de aerostação. — Os irmãos Renard iriam egualmente fazer parte della.
>
> Ao dizer-lhe Deutsch que pretendia instituir o premio de 100.000 francos, applaudira a idéa com enthusiasmo, porque della só poderiam advir grandes

elles então mais realistas que o rei? Ninguem ignorava que, no applicar as leis, mandava a praxe que tal se fizesse de conformidade com a intenção do legislador.

Até aqui, razões de facto.

Agora, razões moraes:

— Devia-se ter em vista a personalidade de Dumont. Moço, era elle um grande iniciador, que sabia dar a suas idéas admiravel desenvolvimento; obrigara o publico a prestar attenção ás suas tentativas; mettera em brio os investigadores, e creara uma emulação sem exemplo até áquella data. Com que apaixonado interesse não o fitava o mundo inteiro! Não se deviam esquecer dos interminaveis artigos de columnas e columnas, que, após a sua quéda, lhe tinham sido consagrados pela imprensa da Inglaterra, dos Estados Unidos do Norte e de muitos outros paizes. Fôra uma quéda que dera para encher duas columnas do *Times*.

Temerariamente intrepido, elle arriscara constantemente a propria vida, impondo-se á maior e á mais ampla admiração. Só isso quanto não valia em Aeronautica?, onde, a cada passo, os calculos da theoria são desmentidos pela pratica.

Carradas de razão tivera, pois, o povo francez ao se deixar seduzir pelo joven aeronauta, — pois para esse povo nada havia que mais o seduzisse do que a bravura e a audacia.

O illustre Luiz Renard veiu mais uma vez pelas columnas de *La Patrie* do dia 22, sustentado pelo conde de Dion no seu modo de ver. Ninguem ligou importancia áquella teimosia, e até houve jornaes que os metteram a ridiculo, como, por exemplo, *La Lanterne*, de Rochefort, — tanto mais quanto é certo que (segundo *La Nature*):

> — *no proprio dia 19 de Outubro, no momento justo em que Dumont contornava em triumpho a Torre Eiffel, tambem fôra visto o novo balão dos irmãos Renard fazendo as suas primeiras experiencias ao ar livre, em pleno* PARQUE MILITAR DE CHALAIS-MEUDON, *sem que até então se tivesse tido noticia alguma dos resultados.*

que tal noticia se espalhou, foi offerecido a Dumont pelo principe de Monaco (1) não só um terreno a beira-mar, para o barracão destinado ao novo aerostato, como tambem o seu iáte, que bons serviços lhe deverá prestar por occasião da travessía.

No ultimo dia de Outubro, em sessão solemne da *Conference Ampère* então reaberta, e sob a presidencia de Dumont, falava o engenheiro Emmanuel Aimé sobre a navegação aérea no seculo 20, tendo um auditorio de mais de 2.000 mil pessoas selectas, entre as quaes figuravam grandes notabilidades do mundo scientifico. A obra aerostatica de Dumont foi o eixo em torno do qual architectou Aimé o seu brilhante discurso, completo como analyse e como critica. Aimé demonstrou que, relativamente á navegação aérea, Dumont fora o «decifrador do enigma».

Estava, pois, terminado o prazo do concurso. Agora tinha a «Commissão Julgadora» que se reunir e lavrar a sentença, já tão impacientemente esperada, e cuja demora provocava nos arraiaes aeronauticos um continuo mal estar.

Eis em ordem alphabetica os 28 membros da

COMMISSÃO JULGADORA

(— O conde (2) Albert de Dion, membro do *Automovel-Club*, e cujo nome está ligado a todos os generos de desporto existentes em Pariz — toma parte nos debates, na sua qualidade de presidente do *Aéro-Club*).

1, — Angot, *OIP*, *CLH*, *MTC* (3);

2, ∇, (—), — Arsonval (Arsène D'—) *CLH*, antigo preparador de Claude Bernard, professor de physica biologica no Collegio de França;

---

(1) — O pequeno principado de Monaco, que não chega a ter quatro leguas quadradas, e cuja capital, do mesmo nome, é porto do Mediterraneo, está encravado no departamento dos Alpes Maritimos, e pouco dista de Nice, capital daquelle departamento.

(2) — E' possivel que até aqui se tenha escripto ora *conde*, ora *marquez* Albert de Dion, dúvida proveniente das revistas francezas consultadas, onde figuram os dous titulos. Ao chegar a este ponto do trabalho, pôde-se, porêm, verificar no PARIS-HACHETTE, *Annuario Illustrado de Pariz, de 1899*, que o titulo de *marquez* pertence a Dion (simplesmente) e o de *conde* a Albert de Dion.

(3) Para evitar fastidiosas repetições, os signaes seguintes, antepostos aos nomes proprios, significam:

13, (—), — Henry Deutsch, *CLH*, philantropo instituidor do premio de 100.000 francos;

14, (⁜), — Jacques Faure, *MAC;*

15, ∇, (—), — Jules Violle, *OLH*, da cadeira de physica geral, e professor de physica da *Eschola Normal;*

16, (⁜), — La Baume-Pluvinel, *MAC* e de numerosas outras sociedades desportivas;

17, — La Vaulx (Conde Henri de —), aeronauta e scientista conhecido;

18, — La Valett (?);

19, (—), — Lebaudy (Robert —), vice-presidente do *Aéro-Club*, desportista dos mais notaveis de Pariz (Veiu expressamente de Vienna, para dar o seu voto a Dumont;

20, (⁜), — Louis Olivier (Ha um official da *Academia de Sciencias* com este nome, e que é ao mesmo tempo official de reserva do exercito);

21, ∇, (—), — Marey (Etienne —), *ComLH*, nome universalmente conhecido; — da cadeira de medicina e cirurgia;

22, ∇, (—), — Mascart (Eleutherio —), *ComLH*, mathematico e electricista de grande nomeada; da cadeira de physica geral e director do *Bureau Central de Meteorologie* do Instituto;

23, — Perchat (?);

24, (—), — Roland Bonaparte (Sua Alteza Real o Principe —), *MAC*, conhecido scientista francez e presidente desta « Commissão »;

25, (—), — Teisserenc de Bort (Edmundo —), director do *Observatorio de Trapes*, *CLH*, official da *Academia de Sciencias*; varias condecorações por merito;

26, — Tuile (?);

mem na Terra, mais um de seus profundos segredos, porventura o mais importante de todos, — pois implica o dominio dos ares, o ultimo dos tres grandes aspectos da physiologia da Terra na biologia do SYSTEMA-SOLAR.

No dia seguinte ao da agitada e celebre sessão da rua de Lille, Dumont e Aimé mandavam ao *Aéro-Club* a sua demissão. Hostilizado como tinha sido pelos membros daquelle club, Dumont, principalmente, não poderia, sem desdouro a seu nome, continuar a fazer parte delle. Não fossem os sabios da *Academia de Sciencias*, esses, por assim dizer, representantes da moral e da justiça scientifica da França, e os mundanos e interessados desportistas do club teriam negado a Dumont a aspirada e legitima consagração do seu triumpho, então unico meio *official* de garantir-lhe a prioridade da descoberta.

Quanto a Emmanuel Aimé, não poderia ter deixado de ser solidario com Dumont. Foi e tem sido sem tréguas o intelligente trabalho deste homem no sentido de impedir que a audacia e o mal entendido patriotismo negassem a Dumont a gloria que só a elle pertence. Para nós, brazileiros, a benemerita figura desse amigo do nosso illustre compatriota passa a occupar em todos os corações um logar selecto e excepcional, todo atapetado de gratidão e aromatizado de affectos.

No dia 6 enviava Henry Deutsch ao conde de Dion, na sua qualidade de presidente do *Aéro-Club*, um cheque de 100.000 francos contra o *Crédit Lyonnais*, afim de ser entregue a Dumont o premio por elle ganho. Nessa mesma data recebia o vencedor um officio da directoria do club, scientificando-o de que a começar do dia 8, os 100.000 francos estariam ao seu dispor na caixa do *Aéro-Club*, das 11 horas da manhan em deante.

No dia 8, pois, recebeu Dumont os 100.000 francos, e os distribuiu immediatamente do seguinte modo: — a Lepine, prefeito de policia da Municipalidade de Pariz, entregou elle os 50.000 francos promettidos aos pobres da grande cidade; — aos operarios, seus leaes ajudantes, que jamais o abandonaram em circumstancia alguma, 30.000 francos; — e a Emmanuel Aimé, seu velho amigo, secretario e companheiro de trabalho em toda a evolução dos seus balões, 20.000 francos.

Ao entregar a Lepine a somma destinada aos pobres, mostrara-se Dumont desejoso de que tal dinheiro servisse principalmente para o resgate, nos primeiros dias do inverno, de cousas de maior necessidade por elles commummente empenhadas no *Monte de Soccorro;* por exemplo: — ferramentas, roupas, colchões, etc., que o tivessem sido antes do dia 8.

No dia 11, solemnizada pelo *Hymno Nacional Brazileiro* e

nas minas de Yvupurunduba, sita na margem esquerda do rio Ribeira, entre Iporanga e Xiririca, era grande, e, reclamando a nomeação de um capellão para a Igreja já edificada nesta localidade, foi nomeado o reverendo Padre Frei Antonio de Assumpção, por provisão passada no dia 8 de Agosto do mesmo anno.

Em 10 de Dezembro de 1692, o Capitão Mor e Sesmeiro de Conceição, Martim Garcia Lumbria, achando-se aqui na villa de Iguape passou a seguinte ordem em proveito dos mineiros: «*Martim Gracia lumbria g.or e capp.am Maior Sesmeiro em toda a Cappnia da nosa senhora da comceipção por Sua Magde q Deos gde etc.—Pello pte q conuem a obseruancia do seruiço de Sua Magde e o do crrescimto de suas Reais Rendas e mostrar a seus pouos e Vaçallos o augmento Com que deuem obedeser e das causas p q o do ter senão desfaque do q mais lhe deueser de produzir desfraudar aos moradores e per atalhar os damnos jnrremediaveis q de prezte se podem seguir comforme os queixos gnerais que se me deram principalmte o prouedor das minas Valentim Roiz de pontes sobre a exurbitancia e demaziado preço Com q vai Subindo a farinha de guerra cuio exeço faz desanimaram todos q se empregam nos desCubrimtos do ouro de lauagem tudo em ordem de prejudicarem aos qtos Reais de q nese perda consideravel e sem atenderem os moradores mais q as suas particulares Conueniencias sem Reparo do dano e Crrime q Cometem contra a Pesoa Real e Suas Reais Rendas fazendo consideraçam ao q se me Representou querendo moderar a relaxação de tão grandes disordenes ajustandome com melhor acordo Compensando o trabalho dos lauradores e os mineiros continuarem Com seus desCubrimtos por a liura Resolução mando e ordeno q nenhua pesoa do q lauram e fabrica farinha de guerra a vendem por major preço que de quatro sentos e oitenta Reis Sem leuantarem nem Subirem a maioria de outro preço e o q fizer o contrario seram punidos por transgresores e dezobedientes na diminuição que ouuer nos qtos de Sua Magde e serem Castigados Como mereçer Sua Ouzadia e condenados em uinte Cruzados a metade pa o acuzador e a outra metade pa as obras da igreja Matriz pagos na Cadea aonde estarem trinta dias athe Comefeito serem punidos o q assim se cumprira Como nella se contem e pa que uinha a notisia de todos esse depois de publicado si fichara nos lugares publicos na forma do estillo dado nesta Villa de nosa senhora das neues de Igoape sob meu sinal somte aos dez dias do mez de Dezbro de mil e seis sentos e nouenta e dous annos—Martim garcia lumbria*».

Ainda que nesta ordem o Snr. Capitão Mór deixasse de declarar a quantidade de farinha de mandióca, que seria ven-

zoureiros fundidores Ministros ensajadores engenheros ou quais-
quer outras pesoas ordenado do ouro de lauagé O qual se tres-
ladará nos ll^os dos Registos he ora nos mandados q se pasaren
para as Cobranças e Sem ella e o dito treslado o dito Thez° lh
não fara pagam^to allias Correrão todos na pena da dita Orde-
nação o atras Sin Se goardara o Capitollo doze do Regim^to
e o aluará q nelle manda Sua Mag^de goardar em quinze d
Agosto de seis sentos e tres pelo qual fis muito o dito Senho
de largar as pesoas destas partes do Brazil as Minas q estiue-
sem desCubertos de ouro e prata q os desCubridores as poderã
benifisiar e aproueitar a Sua Custa e despeza pagando a Su
Real fazenda o quinto Somente de todos o ouro e prata q da
ditas minas Se tira Sem Saluo de todos os Custos depois de o
ditos metais fundidos e apurados e dá o dito Senhor a forma
modo no dito Regim^to o qual se goardará Como o dito Senho
manda no dito Cap^lo Visto Se não achar p^r outro algum dero-
gado e no q toqua o mais q Contem o dito Regim^to pasado a
dito Gouernador Saluador Correa de Sãa e Beneuides q foi pa-
sado na era de mil e seissentos e Corenta E quatro. Orden
Se não Goardem nem oseruem nên os Administradores Gerae
ou partiCulares uzem dos preuillegios e Juridição nelles decla-
rados Sem q p^r hisso tenha expreça prouizão de Sua Alteza p
quantos os tais preuillegios e Jurisdiçam não foram Consedido
ao d^to G^dor Saluador Correa de Sãa Como AdMinistrador g^l da
minas ja desCubertos Sinão das minas q se desCubrirão Com
se mostra do dito Regim^to e Como foi Eleito a pessoa Em des
tra do dito Saluador Correa de Sãa e Beneuides p^las m^tas noti
cias q se asistião e intelligencias q poder fazer desCubrimento
de nouas minas não podem pasar os tais priuilegios e Juridiçã
aos mais AdMinistradores p serem Conferidos a Eleição da peso
ilustre e não ao Cargo e athe ainda andando em descubrim^to d
nouas minas nas q estão desCubertas e Como o dito Saluado
Correa de Sãa dejchou estas partes do Brazil e he morto Se
thio Duarte Correa Basqueanes a q Sua Mag^de Comsideu Som
tambem a dita Juridição Com a tal Auzencia e morto aspirarã
os tais priuilegios e Juridição q he Sem expreça prouisão Re
p q Se Consede Aos mais AdMinistradores não podem uzar dell
e Sem a tal prouisão os offisiais da ofisina Camera e mais Jus
tisas corrão Comsintão debaxo das mesmas penas: Otro Sy
quanto no l.° das cargas do ouro q de prezente Serue esta nu
merado e Rublicado pelo AdMinistrador Geral Diogo Garnei
fontoura Se acha no prinsipio delle hum chamado Regim^to p
Se ordena Se destribué o ouro dos q^tos de Sua Alteza p ordi
Dos AdMinistradores Gerais e Se pagem delle aos offisiais por

levando q
levão mai
não tirão
vas lhes
e meja e
sinco e d
tudo he e
tiver duze
sinão a S
p tanto o
ção de ho
quintar Si
pertencer
— Otro S
entregue
fora desta
grande da
qualquer
ou faça C
tribuir p
o dito our
debaxo da
Castigados
divida Sua
va a quin
divida no
q se quint
dita offisin
mejos de
os outros
a porta d
Cobraren
Convenien
encorrerao
pesoas q f
gas e dis
Contas e
ll^os depois
Provedores
se não es
Carrgos os
dem p^los o
adMinistra
ao Real S

Carga vivo sobre o Thez° Franco de Pontes Vidal de q fiz este asento en q se asignou o dito Thez° o guarda mor com o dito Glo Miz eu Manoel Roiz escrivão de officina e qtos reaes o escrevi —Manoel Roiz Sintra—Franco de pontes Vidal—Glo Martins.

Aos Vinte e hum de fro de mil e seis sentos e sesenta e oito annos vejo a esta officina o Alferes Luiz da Silva perante os officiais della a quintar sete oitavas e meya de ouro das quais pertense a Sua Magde hua oitava e meya de ouro que carego aqui en Carga vivo sobre o Thezro Fco de Pontes Vidal de q fiz este asento en q se asinou o dito Thez° e goarda Mor com o dito Luiz da Silva eu Manoel Roiz escrivão da officina e qtos reaes q o escrevj—Manoel Roiz Sintra—Franco de Pontes Vidal—Luiz da Silva.

Aos Vinte e hum de Fr° de mil e seis sentos e sesenta e oito annos Vejo a esta officina Franco de Veras perante os Officiaes della a quintar Sinquo oitavas de ouro das quais pertence a Sua Magde hua oitava que carego en Carga vivo sobre o Thez° Franco de Pontes Vidal de q fiz este asento en q se asinon o dito Thez° E. goarda Mor Com o dito Franco de Veras Eu Manoel Roiz Sintra escrivão da officina e qtos Reais o escrivi—Manoel Roiz Sintra—Franco de Pontes Vidal—Francisco de Veras.

Aos Vinte e hum de Fr° de mil e seis sentos e sesenta e oito anno Vejo a esta Officina o Alferes Luiz da Silva perante os Officiaes della a quintar sete oitavas e meya de ouro das quais dise ser de Sancho de Ozedo e de Ildefonso Tinoquo das quais pertence a Sua Magde hua oitava e meya q carego en Carga vivo sobre o Thez° E goarda Mor Franco de Pontes Vidal de q fiz este asento en que se asinou o dito Thz° e goarda Mor com o dito Luiz da Silva Eu Manoel Roiz escrivão da officina e qtos Reais o escrevi—Manoel Roiz Sintra—Fraco de Pontes Vidal—Luiz da Silva.

Aos Vinte e dous de fr° de mil seis sentos sesenta e oito annos Vejo a esta officina o Provedor Manoel Roiz Sintra perante os Officiais della a quintar quinze oitavas de ouro das quais pertence a sua Magde tres oitavas que carego en Carga vivo sobre o Thez° Franco de Pontes Vidal de q fiz este asento en que asignou o dito Thez° e goarda Mor Com o dito Manoel Roiz Sintra Eu Manoel Roiz escrivão da officicina e qtos Reais que o escrevj—Manoel Roiz Sintra—Francisco de Pontes Vidal.

Aos Vinte e dous de fr° de mil e seis sentos e sesenta e oito annos Vejo a esta officina o Alferes Luiz da Silva perante os Officiais della a quintar duas oitavas e meia de ouro das coais dise ser de Manoel de Souza das quais pertence a Sua Magde meya oitava.....

24 de Dezembro de 1668.	Francisco Rodrigues .	10	oitavas
»	Gonçalo Martins . .	12 1/2	»
»	Pedro Gonçalves . .	5	»
»	João Anhaya . . .	5	»
»	Padre Francisco Pereira da Silva . .	7 1/2	»
»	Antonio Peres. . .	2 1/2	»
»	Manoel Dias Pereira.	7 1/2	»
»	Antonio Cardozo . .	7 1/2	»
»	André Gonçalves. .	15	»
27 de Dezembro de 1668.	Manoel Alves . . .	22 1/2	»
»	Pedro Francisco Lima.	5	»
»	Manoel de Aguiar. .	7 1/2	»
»	André de Fontes. .	15	»
»	Paulo de Ozedo.. .	5	»
»	Raphael Marques. .	2 1/2	»
»	Bento Pereira. . .	17 1/2	»
»	Lourenço Alonço da Rocha.	7 1/2	»
»	Paulo de Veras. . .	10	»
»	André de Fontes. .	5	»
28 de Dezembro de 1668.	Gaspar Pereira. . .	10	»
»	Felipe Pereira. . .	5	»
»	Baltazar Serrano . .	7 1/2	»
»	Luiz da Silva. . .	12 1/2	»
29 de Dezembro de 1668.	Manoel Martins. . .	5	»
»	Francisco de Pontes Vidal.	10	»
»	Manoel Gomes. . .	5	»
»	Padre Francisco Pereira da Silva . .	2 1/2	»

DUAS FOLHAS

6 de Outubro de 1670...	Francisco Guedes. .	15	»
»	Manoel Monteiro . .	5	»
»	Sebastião Escudeiro. .	5	»
»	André Lopes. . .	5	»
»	Sebastião Rodrigues.	5	»
»	Valentim Rodrigues.	5	»
»	Trindade de Anhaya	2 1/2	»
»	Diogo Pereira Paes.	30	»
»	Francisco Rodrigues.	10	»
»	Antonio Franco . .	12 1/2	»

21 de Janeiro de 1677...	Luiz da Silva . .	30	oitavas
»	Antonio Pereira de Abreu	70 1/2	»
»	Manoel de Souza Falcão	10	»

TRES FOLHAS

12 de Março de 1677....	Manoel Peixoto . .	30	»
»	Salvador Gomes. .	10	»
»	Manoel Dias Garcia.	20	»
»	Domingos Cubas. .	7 1/2	»
»	Antonio Francisco .	170	»
»	Severino de Veras .	2 1/2	»
»	Antonio Cardoso. .	5	»
13 de Março de 1677....	Antonio Chaveira .	15	»
»	Raphael Marques Ovelho. . . .	12 1/2	»
»	Manoel Monteiro da Rosa	22 1/2	»
»	Gonçalo Fernandes.	10	»
»	Raphael Marques de Araujo. . . .	30	»
»	Felipe Pereira . .	2 1/2	»
»	Manoel Peixoto . .	5	»
»	Luiz Indio . . .	7 1/2	»
»	Luiz da Silva . .	32 1/2	»
»	Antonio de Anhaya.	2 1/2	»
»	Manoel Gonçalves Penedo. . . .	12 1/2	»
»	Antonio Pereira de Abreu	202 1/2	»
»	Padre Francisco Pereira da Silva. .	10	»

QUATRO FOLHAS

6 de Abril de 1677.....	João Henrique . .	15	»
»	Antonio Teixeira .	30	»
»	Antonio Luiz Serrão	147	»
»	Vicente Corrêa . .	112	»
12 de Abril de 1677....	Salvador Cubas . .	20	»
»	André Dias . . .	17 1/2	»
»	Paulo de Ozedo. .	20	»

ANNEXO E

Considerando a melhor forma q ha de ser a arrecadação
Reais quintos de Sua Mag^de q Deos g^de ainda que os prove
res das officinas zellarem e Se empreguem na Sobredita arre
dação como podem suseder por algum insidente Adoecerem
fazerem alguas auzencias como vares vezes tem susedido e t
a officina em poder dos officiais menores della o q he de gra
presuizo a Real faz^da de Sua Mag^de ordeno a VM^ces que o
q asistir na Villa o seu anno asista ao quintar do ouro o q
não podera fazer sem a sua assistencia e asinara no livro
mesma sorte q o faz o provedor E a pessoa q quinta o our
avera na Camara hum livro em que o Juiz mandar lança
ouro q se quintou no seu mez e as pessoas a quem se quin
e quando o ouro se mandar emtregar ao Administrador escrev
a Camara hua Carta ao governador em q lhe de conta do
q se quintou e tera o Cofre mais hua Chave alem das q te
qual tera o Juiz e se não podera abrir o dito Cofre pera q d
sorte possa aver toda a segurança E boa arecadação e sabe
VM^ces q o provedor da officina quintou ouro algum sem a a
tencia do dito Juiz lhe dou poder p^a fazerem hum auto dell
remeterem mo p^a mandar proceder contra elle e espero
VM^ces q esta minha ordem tem logo a excecução sem dem
g^de Deos a VM^ces m^tos annos Rio de Janeiro. Seis de Maio
mil e seis sentos e noventa e oito.—Arthur de Sa E Mene

ANNEXO F

Treslado de hû termo de composição feita entre partes
Fran^co de Veras e Domingos de Souza, he o seguinte:

Aos Catorze Dias do mez de Junho de mil setesentos e
Annos nesta V^a de Igoappe em as pouzadas de mim t^am par
rão partes a saber o Capp^am Fran^co de Veras e Domingos
Souza moradores nesta dita V^a e pello dito Capp^am foi dito
elle quer enviar hû negro seu da terra por nome Jacinto p
minas de Cathaguas em Comp^a do dito Domingos de Souza
do-lhe o sustento desde pouzado athe as minas fazendo o ca
gar como pesa sua e q chegando nas Minas trabalharia o
negro a tirar ouro, elle daria conta de seu Jornal e trazello
tra vez em sua Companhia athe a esta V^a não no segura

dos Algarves da quem e da lem Mar em Africa Senhor de
e da conquista Navegação Commercio de Ethiopia Arabia
e da India etc Faço saber aos que esta minha Ley virem
por Justas considerações de meu servisso dezejando evitar
ção que experimentão os moradores das Minas e principal
os que são mais pobres pella dezigualdade e excesso com
são fintados para a contribuição do contrato das aRobas de
que convencionarem com o governador Dom Bras Balthasa
Sylveira e depois com o Conde de assunção Dom Pedro de
meida seu suceçor no mesmo Governo averam de paguar e
tysfação dos quintos de ouro que me pertensão pela regal
Senhoriagem das mesmas Minas o que de presente lhes
mais sensivel aos pobres por razão do acresentam^to da dita
tribuição desta Ley em diante não tenha vigor algum ne
proceda pella ditta contribuição e pera o effeito da cob
dos quintos do ouro que me são devidos sou servido que d
no districto de Minas nos Sitios que paresseram mais conveni
se fabrique e estabeleça logo a custa da minha fazenda hua ou
casas em que se haja de fundir reduzindo-se a barras todo o
extrahido das mesmas Minas e prohibe que pera fora dell
possa levar ouro algum em pó ou em barra que não fun
nas cazas Reaes de fundiçoens que mando erigir e somente
mito q no districto das mesmas Minas possa correr o our
pó ou o que vulgarm^te se chama de folheta a razão de de
tões por outava e com elle poderão os ditos moradores ent
mercial livrem^te e celevrarem as suas Compras e Vendas
lhe convier E pelo que pertende do ouro em barra dispo
fundido os nas ditas cazas Reaes da fundição correra no di
da Minas a razão de quatorze tostões por oytava sendo de
te e dois quilatos e a este respeito sendo de mayor ou n
ley tera o seu valor acresam^to ou diminuição conforme os
quilatos E por quanto nas ditas cazas da fundição quando a
tes a ellas levarem o ouro se ade arecadar o quinto que me
tence dareis a providencia necessaria para q se cobrim os d
tos Reaes das Alfandegas dos Governos que entrarem nas
Minas por estarem comfundidos com a contribuhição das aR
de ouro que se me pagavão em satisfação dos quintos E to
pessoa de qualquer calidade estado ou condição q seia que
ouro fora do districto das Minas ouro em pó ou em barra
não foi fundido nas cazas Reaes das fundiçoens incorrerá
da pena de perdim^to de todo o ouro q lhe for achado ou
seu ou Alheyo na confiscação de todos os seus bêns e sera
gradado por des annos a ira a India e pera este descamin
manifesto ordeno a todos os ouvidores geraes que no prin

Senhorios de Portugal lhes consedo para o consumo do ouro q tiverão o de dois mezes os quais hande comessar do dia da publicação desta Ley q ordeno se faça logo q se tiver notisia serta de se ter publicado no distrito das Minas e pasado o dito tempo que consedo pera o consumo do ouro todo o que for achado ou denunciado não sendo fundido nas minhas Casas de moeda ou das fundiçoens das Minas Sera Comfiscado os transgreçores desta Ley emCorrerão nas penas della pello q mando o regedor da Caza da suplicação e ao Governador da Relação e caza do Porto do Estado do Brazil e de todos os Corregedores ouvidores providores Juizes Justiças off^es^ pessoas destes meus Reynos e Senhorios que cumpram e guardem esta minha Ley como nella se contem E outro sy mando ao Doutor Joseph Galvão de Lacerda do meu Conselho e Chanceller Mor destes meos Reynos e Senhorios q a faça publicar Na chancellaria Mor do Reyno na forma Costumada e emviar logo copia do prezente e treslado dela a todos os Ministros dos Conquistas e aos Corregedores e ouvidores das Comarquas destes Reynos e aos ouvidores das terras dos Donatarios em que os Corregedores não entrão por Correição pera q a todos seja notisia e se Registarão nos Livros da Meza do Dezembargo do Passo e nos das Cazas da Publicação Relação do Porto e da Bahia e nos do conselho da minha fazenda e Ultramar e nas mais partes onde Semelhantes Leys se costumão Registar e esta propria se lançará na Torre do Tombo Bras de Oliv.^a^ a fez em Lixboa osidental a onze de Fev^ro^ de mil e sete Centos e dezanove Antonio Galvão de Castello Branco a fes escriver — Rey — Ley por q Vossa Magestade ha por bem que nenhuma pesçoa de qual calidade que seia possa levar ouro extrahido das minas per fora dellas ou em po ou em barras Sem ser fundidos nas cazas reais das fundiçoens q he servido mandar exigir nas mesmas minas e q o q extraido dellas antes da publicação desta ley asim no estado do Brazil Como nestes reinos tenha consumo no termo asima declarado para que não haje ouro algû sem estar fundido nas cazas da moeda ou das fundiçoens das minas tudo com as cominaçõens e clauzullas asima atras referidas—Para Vossa Magestade ver—Por decreto da Sua magestade seis de Fro 1719—Sebastião de Costa—Miguel Fr de Andrada—Joseph Galuam de lacerda—foi publicada esta ley de sua Mag^de^ q Deos goarde na chancellaria mor da Corte e Reyno. Lixboa ocidental 14 de Jro de 1719—Maldonado—Com a qual lei mandar pasar esta carta para nos pella qual nos mando que tanto que for mostrada a façais publicar e registar na cabeça— E publicar Sobm^tes^ nos mais lugares della para uir a notisia de todos e se cumprir e goardar Como nella se Contem e a despeza

Real poder para o referido ajuste Com a differenÇa porem qu
nas minas geraiz seria o presso da CappitaÇam respectiva a ell
Cuja resoluÇam foi servido o dito Senhor mandar tomar e
atenÇam a se atalharem os grandes roubos e desCaminhos qu
se lhe faziam Com semelhante proCedimento pagando muyta
vezes a ignoranCia de muytas a Culpa dos transgressores da
suas Leys que pareCia se poderia emmendar Com esta nova r
soluÇam a visto do que ordeno e mando a todos os moradore
das minas de Parnagua faCem manifesto de todos os seus esCr
vos Logeas e vendas que tiverem nas referidas minas e o mai
Contheudo no regimento desta CappitaÇam ao Intendente dell
que Ora me pareCeu nomear ao Doutor ouvidor geral da mes
ma Comarca a quem reConhecerem Com a tal jurisdiÇam par
o expediente e CobranÇa dos Reaes quintos de todas as sobre
ditas minas e lhe obdeCeram a todos os seus editaes posturas
mais asesorias pertenCentes ao bem e utilidade da Real fazend
Sob as penas Contheudas no seu regimento que seram exeCuta
das inviolavelmente na forma delle pello assim determinar su
Magestade que Deos guarde e para que Chegue a notiCia d
todos e nam possam alegar ignoranCia em nenhum tempo s
publiCará este bando a Som de Caixas em todos os arraiais
povoaÇõens das referidas minas e dispois de registada na Se
Cretaria deste Governo e nos Livros da matriCula daquella re
partiÇam e mais partes a que toCar se remeteram Certidõen
por duas vias a mesma SeCretaria para todo o tempo Constar
se fixará este no lugar mais publico na Villa de Parnagua par
que a todos seja presente. Dado e passado nesta Villa e praÇ
de Santos aos quinze de Agosto de mil e sete Centos e trint
e SinCo annos. o SeCretario Antonio da Sylva de Almeyda
fez—Conde de Sarzedas—Registado na SeCretaria deste Gover
no no livro terceiro dos bandos a folhas trinta e duas Villa d
Santos quinze de Agosto de mil sete Centos e trinta e Sinco—
Antonio da Sylva de Almeyda—E nam se Continha mais n
dito bando o qual eu CarLos Pinto do Reis Escrivam da Cama
ra nesta Villa de Iguappe aqui o tresladei bem e fielmente d
que me foi aprezentado pello proCurador do ConCelho Pedro d
Sylva Per.ª ao que me reporto e vai na verdade sem Cauza qu
faÇa duvida que o Corry Conferi ConCertei tresladei e assigne
em esta Villa de Iguappe em os dois dias do mez de Novembr
de mil e sete Centos e trinta e SinCo annos—CarLos Pinto do
Reis.

---

a outro donno ou se adquirriram de novo: e de nenhuma sort
falCificarâm os ditos bilhetes e tudo Cumprirâm Com CominaCâm
de graves pennas Contheudas no regimento entre as quaiz h
hua dellas de dez annos de degredo para Sam Thome
lhe serem Confiscados seus bens nam tendo desCendentes o
aCCendentes: e denunCiando algum esCravo a sy ou algun
Conservo alCansarâ a liberdade que se lhe ha de passar em nom
de sua Magestade que Deos guarde sem que porisso faça gast
ou despeza alguma advertindo tambem que se ha de mandar po
nos Lugares mais publicos dos Arrayaes freguezias e villas Lista
dos esCravos vendas Logeas e mais pessoas obrigadas no dit
Arrayal e minas e seos distriCtos para que quem quizer poss
requerer as pennas em que sâm inCursos os sobnegantes: E par
que Chegue a notiCia de todos e nam possam alegar ignoranCi
em nenhum tempo se publicarâ este meu mandado a som d
Caixas nesta villa e nos Arrayaes e minas de seu termo
dispois se Registarâ em os Livros da Camara desta villa d
Iguappe a onde pertenCer e se fixarâ no lugar mais publiC
desta dita villa para que a todos seja prezente. Dado e passad
nesta villa de Parnagua aos oito de outubro de mil sete Cento
e trinta e Sinco annos e eu Manoel GonÇalvez Junqueir
esCrivam da IntendenCia e CappitaÇam dos Reaes quintos o fi
esCrever. E nam se Continha mais no dito mandado o qual e
esCrivam abaixonomeado aqui o tresladey bem e fielmente d
proprio que me foi aprezentado pello proCurador do Concelh
Pedro da Sylva Pereira ao que me reporto e vai na verdade sem
Couza que faÇa duvida que o Corry Conferi Consertei treladei
asignei em razo somente em esta Villa de Iguappe em os tre
dias do mez de Novembro de mil sete Centos e trinta e Sinc
annos—Carlos Pinto dos Reis.

ANNEXO J

TERMO DE UEREANSA

1763

Aos doze dias do mez de Abril de mil e Sette Centos
SeSenta e tres annos, nesta Villa de Iguape e paços do Conselho e Casas da Camara della onde foi vindo o Juiz president
Antonio Fernandes Veras, o uereador mais uelho Francisco Pereira Veras e os mais oficiais da Camara e o procurador dell

Noticia historica sobre a minha invenção de dois balões com azas para a Navegação Aerea.

A animação que recebi dos engenheiros nacionaes e extrangeiros obrigou-me á expôr no Salão do Instituto Historico em 1897 (1) o modelo de minha invenção, fazendo uma conferencia na qual compareceu, alem de grande numero de homens illustrados, o presidente do Estado Dr. Campos Salles. Fui auxiliado na demonstração technica pelo Dr. Ferreira Ramos.

Havendo entre os assistentes diversos consules, por cartas me solicitaram um exemplar de minha memoria. O nosso consocio Dr. Ritt, tendo enviado ao seu governo um exemplar, talvez a esta circumstancia devo o haver recebido um convite do Ministerio do Commercio para tomar parte do Congresso Internacional de Aereostação em 1900.

Eu já havia recebido um officio da Commissão de Aereostação do exercito informando-me que sob o n. 32 havia sido inscripta a minha memoria.

Os grandes Congressos só interessam á historia e á sciencia não aos resultados praticos. Fui feliz em ver o grande interesse que despertava a minha invenção, sendo eu o unico brazileiro que tomou parte no Congresso. Agradeço ao Dr. Piza, ministro do Brazil, a carta que me deu de apresentação ao illustre especialista Banet-Rivet, que me deu conselhos praticos além de ter eu aprendido muito no seu livro «O Aeronautico».

Reconhecido como é em todo o mundo, como sendo a maior auctoridade sobre machinas de voar e balões o sabio O. Chanute, engenheiro consultor das Estradas de Ferro dos E. Unidos, tanto o Dr. Victor Tatin como Banet-Rivet aconselharam-me a dirigir-me a este sabio, enviando a minha memoria depois de completados os meus estudos, com planos e modificações; trabalho este que eu tive a honra de fazer, auxiliado pelo Dr. Victor Tatin

(1) O folheto impresso em 1897 tem o titulo «Velo-aerio» Contém os artigos da imprensa e cartas.

ordem do dia, de maneira que agora mesmo se espera com cert impaciencia o resultado das experiencias definitivas que es aereonauta se propõe a fazer brevemente, com um dos dirigive construido á sua custa».

«O dirigivel que se propõe lançar é fusi-forme como o d Renard, porêm symetrico o que talvez seja um erro. Sua ton lagem é diminuta, cerca de 500 metros cubicos. Por este mot vo para ganhar pezo Santos Dumont supprime audaciosament a barquinha a qual substitue por forte vara de bambú, em cu meio se acham collocados simples sellim de bicyclette e o mot com todos os accessorios. Este motor construido por Buchet um motor a petroleo, de quatro cylindros, e que a despeito d pesar só 92 kilogr. desenvolve 16 cavallos, o que reduz o pez do cavallo á cerca de 5,5 kg. O eixo do motor prolonga-se par diante até a engrenagem que transmitte o movimento á um helice de duas pás, de 2 metros de diametro, muito leve, p traz da qual o aereonauta se acha, para bem dizer escondido»

A propulsão do motor opera-se com o auxilio de peda como nos tricycles de petroleo. A' direita do aereonauta acha se collocada uma turbina de ar, leve, que pode ser movida pel proprio motor e que serve para encher á vontade o balãosinh interior. Na sua frente acham-se dous reservatorios: um d essencia, para a alimentação do motor, outro de oleo. Emfin perto delle, á sua mão, acham-se collocadas as almotollas e ferramentas: alicates, chaves, etc.

«Um leme, situado na parte posterior, completa o aereostato

«E' evidente que nesse dirigivel o pezo morto é muito i ferior ao do «La France». Se as resistencias devidas ás co dinhas que substituem a rede, ao motor e aos outros accessori foram bem calculadas, se o conjuucto forma um bloco rigido indeformavel, Santos Dumont deve poder contar com uma velo cidade propria de 10 metros pelo menos. Porêm em summa es aereostato ainda não affrontou o ar livre e seria talvez temera rio affirmar que é proximo o dia em que veremos em meia hor no maximo, percorrer os quatro kilometros que separam Suresn da Torre Eiffel, dar a volta da torre e voltar ao ponto de pa tida».

«E' nestas condições e só nestas condições que poderão faz jús ao premio de cem mil francos devidos á generosidade do s H. Deutsch».

O. Chanute, citado neste memoravel artigo de Banet-Rive mostrou que em 1890 o motor mais leve que se poude empreg pezava 27 kg. por cavallo de força, os motores de petroleo 4 kg., os electricos 59 kg., ao passo que em 1900 o motor Maxi

aeroplanos que está reservada a solução da navegação aerea, dando preferencia ao Aeroplano do sabio O. Chanute. Sentimos discordar dos conceitos do mestre, mas como se verá de suas muitas cartas que entrego ao Instituto e do artigo que tanta sensação está produzindo, sua opinião e a confiança que elle tem nos aeroplanos devem ficar abaladas pelo juizo que O. Chanute acaba de emittir na carta que me escreveu e que entrego ao Instituto para tomar na devida consideração.

Resumindo, eu sou obrigado a reconhecer que a forma que dei ao meu invento de dois immensos peixes, que Chanute compara a dois salmões, tem com suas azas a vantagem de fazer nos ares o que os peixes fazem na agua. O modo pelo qual assegurei a estabilidade, sem offerecer com as azas e as superficies lisas do meu apparelho as grandes resistencias que tantos inconvenientes têm apresentado aos outros apparelhos, é garantia para que o meu invento mereça o apoio do Governo do Brazil, tal como o indica O. Chanute. As cartas de O. Chanute dando este parecer me parecem de grande valor, porque justamente quando Banet-Rivet volta para o grande americano as suas esperanças, este, em carta que me escreveu, com a mesma data do artigo da «Revista dos Dois Mundos», não só reconhece grande merito no meu invento, como aconselha a sua construcção, assegurando a estabilidade e uma marcha de 15 metros por segundo com uma despeza que nunca poderá exceder a 100 mil dóllares, inclusive todas as experiencias a fazer-se, tudo conforme os calculos que elle fez. Ao Instituto confio a deteza de «um parecer» que se me é honroso, mais será para o Governo do Brazil se o acceitar, pois que tanto aqui como no Congresso Internacional, onde procurei honrar o nome brazileiro, sempre declarei que eu não pedia nem queria privilegio, mas só concorrer para que os homens de sciencia julgassem o merito de meu invento.

Este resultado está alcançado. Lendo a «Revista dos Dois Mundos» e as cartas dos sabios que são reconhecidos como os mais competentes, os membros do Instituto verão que minha convicção foi confirmada. Terminando, chamo a attenção do Instituto para a ultima carta que acabo de receber de Banet-Rivet, em que me dá avizo que um suisso chamado Sutter está fazendo um balão com azas, a que o sabio chama «filho do meu.»

Faço doação ao Instituto das cartas que recebi de Banet-Rivet e O. Chanute, dos livros que servem para esclarecer o estudo de Aereostação, afim de que possam servir (com a grande auctoridade destes sabios) para apoio da commissão no caso que o Instituto esteja de accôrdo. O melhor modo que tenho para

N.º 9—Carta do engenheiro O. Chanute em que diz t
recebido e lido com o maior interesse a minha memoria, ac
que a minha invenção tem «muito merito» e termina acons
lhando de fazer modificações na construcção para que consi
ser bem succedido. Faz o estudo e analyse da resistencia, ch
gando á conclusão de que, como está o meu invento, só pode
conseguir 5,97 metros por segundo

N.º 10—Em resposta á carta em que eu perguntava se
modificações a fazer deviam me dar ou não esperança de u
exito completo, pois que eu não faria nada para vir a empr
hender, sem a opinião competente delle, — o mesmo me faz v
que seria preciso despender de 50 a 100 mil dóllares e que
ao Governo do meu paiz devia caber esta tentativa. Mostra q
os balões conjugados de minha invenção garantem a estabilidad

Diz elle que é muito possivel que com os dois balões
possa ter 4 a 5 diametros augmentando o cubo relativo e d
que com dois balões de igual comprimento com 20 a 25 di
metros eu obteria 15^{mts} por segundo. Nas despezas Chanu
inclue todas as tentativas feitas em experiencias até o exito co
pleto. Diz mais que o Governo do seu paiz tem já um bal
baseado como o meu no principio do «mais pesado que o ar»
que o Governo do Brazil deve mandar construir o meu inven
guardando o segredo.

N.º 11—Insiste em que ao Governo do Brazil cabe empr
gar os recursos para a construcção e se põe á minha disposiçã
dizendo que eu com as provas que dei e os conhecimentos q
hoje tenho, estou mais do que ninguem apto para levar a e
preza a bom fim.»

O motor preferido é o de petroleo de Bouchet. Termin
me dizendo que se o seu Aereoplano pudesse servir de qua
quer modo ficará á minha disposição.

N.º 12—Carta do Rei dos Belgas agradecendo a remessa
minha memoria.

N.º 13—6 volumes contendo os trabalhos de O. Chanute.

N.º 14—O livro do prof. Banet-Rivet L'Aereonautique.

N.º 15—O livro do prof. Marey «Le vol des oiseaux».

N.º 16—Varios folhetos.

S. Paulo, 13 de Maio de 1901.

Dr. Domingos Jaguaribe.

calculos, uma veloc
a de 10 a 15 é
pondo modificações
mais consideravel,
100 mil dóllars, em
possuir essa machi

Do exposto se
si não attingiram c

O Instituto de
pathia esses esforço
especialista, nem
demandam talento
taes esforços e sac
de saber humano
grandes inventos
e se na hora prese
las recentes descob
nos esqueçamos qu
de Bartholomeu de

A Commissão é
do Instituto» a men
gno consocio com
Chanute, que a an

S. Paulo, 5 de

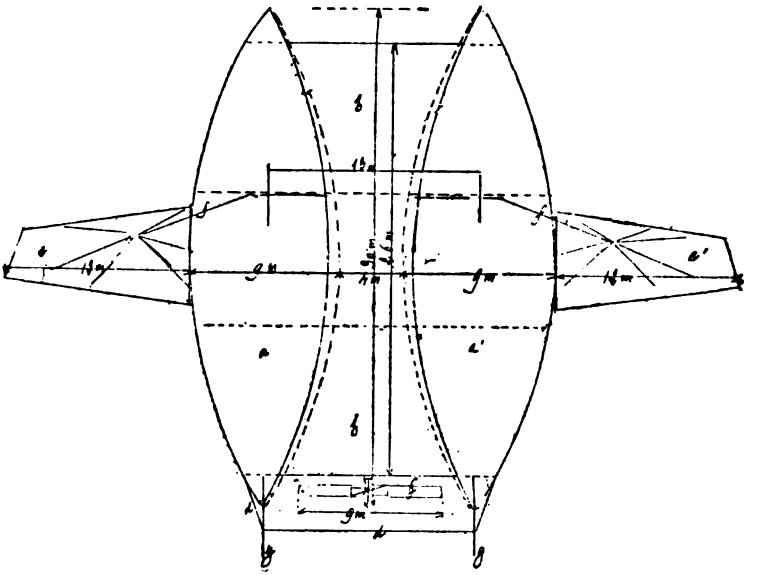


Fig. 1

De chaque côté de cet ensemble sont placées deux ailes cc'articulées à leur point d'attache et pouvant ainsi s'elever ou s'abaisser par rapport au plan horizontal de l'appareil, ce mouvement est obtenu par la manoeuvre des bras f f qui réflechis sur des poulies et des galets á gorge, reçoivent leur commande de l'intérieur de l'entre corps.

Chacun des corps est maintenu dans sa forme et sa position respéctive par de solides carcasses intérieures décrites plus loin, et assurant à l'ensemble une rigidité parfaite.

Au milieu de l'arrière de l'entre-corps est placée une grande hélice mue par le moteur et destinée à assurer la propulsion de l'appareil.

En gg' sont deux gouvernails rendus solidaires au moyen du cordage d' ; les mouvements de ces gouvernails sont obtenu au moyen des drosses dd' fixées par une extrémité vers les deux tiers de la longueur des safrans et dont l'autre extrémité, réfléchie sur des poulies, contourne la partie inférieur de chaque ballon pour pénétrer ensuite dans l'entre corps d'oú on leur donne le mouvement.

ant la position relative du centre de gravité, oblige l'ensemble à s'incliner, soit en avant pour descendre, soit en arrière pour monter selon qu'on aura allongé ou raccourci les suspensions d'avant ou d'arrière.

Fig. 4 — La figure 4 représente les parties principales de la carcasse destinée á assurer la rigidité de l'ensemble; elles sont au nombre de deux et placées dans l'intérieur des corps principaux et verticalement — Ce sont les gabarits du navire; ils se composent de jantes en bois I maintenues en forme par 24 rayons d'acier pour chacune; leur écartement est assuré par les traverses tt' et le parallelogramme central est rendu indéformable par des croisillions de fils d'acier.

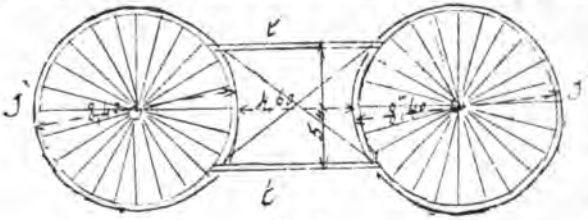


Fig. 4

Fig. 5 — Vue de la jante J de la figure précédente et suivant une section á la hauteur d'un rayon. Cette jante est composée de plusieurs épaisseurs de bás de fréne courbé et le tout relié par des clouures ou des vis — Y est le bout d'un rayon avec son écrou en cuivre — En g est une gorge destinée à recevoir une ligature fixant l'étoffe.

Fig. 6 — Coupe de la traverse t formée de quatre bandes de sapin assemblées par des vis sur quatre tringles carrées de même matière.

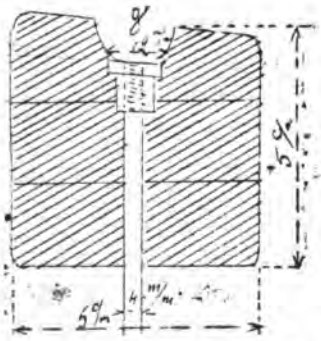


Fig. 5

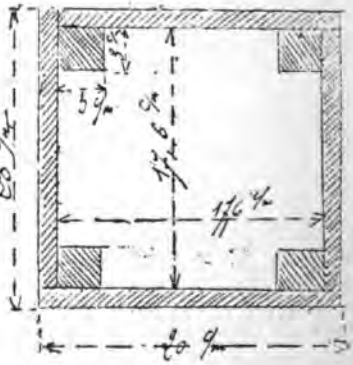


Fig. 6

Fig. 14 — Représente une section de ces longrines ; on y voit que leur construction est composée d'une bande principale renforcée d'un côte, en son milieu, par une nervure ; le tout en bois de sapin — Ces longrines pourront être — un peu diminuées en largeur en approchant de leurs extremités, comme l'indique la figure 13.

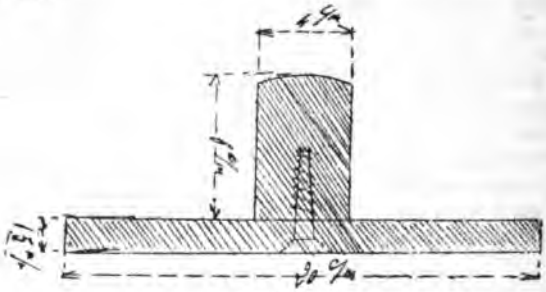


Fig. 14

Fig. 15 — Cette figure, qui complète la figure 13, fait voir les positions qu' occupent les longrines L L L sur la circonférence des jantes J.

Fig. 15

POIDS

Six longrines reliant les jantes de la carcasse en bois de sapin de densité 0,45. . . . . 285 R.

Fig. 16 — Cette figure fait voir les diverses capacités destinées à recevoir le gaz ; elles sont au nombre de trois dans chaque corps et sont separées par les grandes roues formant la carcasse ; toutes ces capacités sont cependant reliées entre elles par un jeux de tuyaux en étoffe vernie t°, les 2 capacités centrales

tit ventilateur installé dans l'entre-corps afin de maintenir la forme du ballon malgré les pertes de gaz possibles.

POIDS

Enveloppe exterieure des ballons en étoffe non vernie 1100 mq. a 0k,150.	165
Enveloppe de l'entre corps, non vernie. . . .	55
Ballons à gaz, vernis, 1540 mq à 0k,280. . . .	430
Ballonets intérieurs à air.	40
	690 Kgo.

Fig. 18 — Carcasse des ailes en bois de sapin et renforcée par des haubans en fils d'acier. On voit en *aa*, les articulations qui servent à relier les ailes aux longrines laterales des corps principaux tout en leur permettant d'osciller dans un plan vertical.

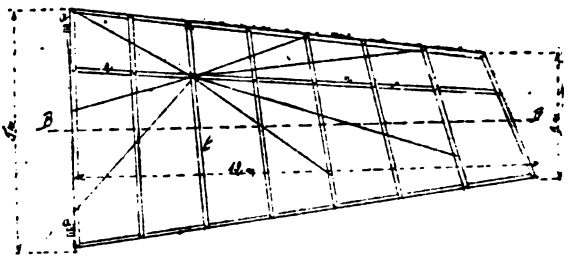


Fig. 18

Ces carcasses se composent d'une nervure principale *n* reliant entre elles les traverses secondaires *tt* et dun bord mince en haut et en bas.

Fig. 19 — Séction de la figure précedent suivant la ligne B. B.; En y voit particulièrement les petites mats coniques d'où partent les haubans de soutien; c'est aux sommets de ces mats que doivent se fixer les bras de commande indiqués en *ff* fig. 1.

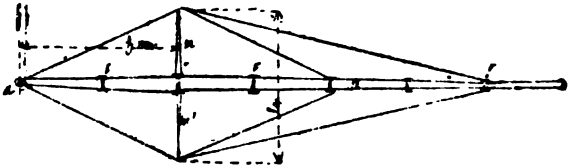


Fig. 19

Fig. 20 — Représente une vue latérale de l'une des petites nervures *tt* vues en plan fig. 18 et en coup fig. 19.

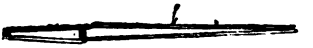


Fig. 20

Fig. 22 — Cette figure représente un plancher contenu à l'interieur de l'entre-corps, au milieu et en bas ; il se compose de planches de sapin P disposées l'une auprès de l'autre sur des chevrons S; ces chevrons viennent s'appuyer par leurs extrémités sur les longrines inférieures.

C'est sur ce plancher que doivent se tenir le pilote et le mécanicien ; il suporte aussi le moteur destiné à actionner l'appareil ; au centre, où à tout autre endroit que l'on devra peu-être préférer, se trouve un treuil sur lequel deux cordes n n peuvent s'enrouler d'un côté pendant qu'elles se déroulent de l'autre ; ce sont ces cordes qui, après avoir passé sur des poulies convenablement disposées vont modifier la position de la petite nacelle inférieure et permettent ainsi de changer à volonté l'inclinaison de tout le système.

Fig. 23 — Vue, par le côté, du plancher P placé sur ses chevrons S ; em R, on voit le treuil suivant son axe.

Fig. 24 — Le même plancher vu par l'axe général le treuil R est vu de côté et les planches P en bout; on voit à droite et à gauche, l'appui des chevrons S sur les longrines L representées fig. 13 et 14.

POIDS

Le plancher et ses chevrons au nombre de six, en sapin de densité — 0,45	80 K.
Treuil (cylindre creux en sapin, chaises acier) . . .	10
	90

Fig. 25 — Hélice a quatres branches destinée à assurer la progression de l'ensemble.

Le moyen *m* est en acier coulé ; les nervures des branches, en acier dur, sont forgées de façon à s'amincir graduellement en s'approchant des extrémités, leur grosseur initiale n'étant conservée que dans la région *d*.

Cette carcasse d'acier est recouverte par une étoffe a a, en soie de préférence, afin d'avoir une plus grande solidité.

Fig. 26 — Vue latérale du même organe.

On y distingue, au centre, l'une des branches, vue par son extérieur, ce qui permet d'en appréssser le pas et la courbure.

POIDS :

Carcasse d'acier recouverte de soie. . . . . 150 Kg.

Fig. 27.—Petite nacelle légère en bois de sapin ; elle est composée de trois cerceaux en bois courbe *c c c* sur lesquels sont fixées des lattes longitudinales *u u u*.

Le tout sera recouvert exterieurement d'une étoffe légère quelconque et non vernie. En *s* les suspensions des figures 2 et 3.

L'intérieur de cette nacelle pourra recevoir á peu près tout le lest dont on disposera ; celui-ci sera de sable ou d'eau et disposé de telle façon qu'on puisse commander son évacuation de l'interieur de l'entre-corps, soit au moyen d'un léger cordage soit par un petit tube.

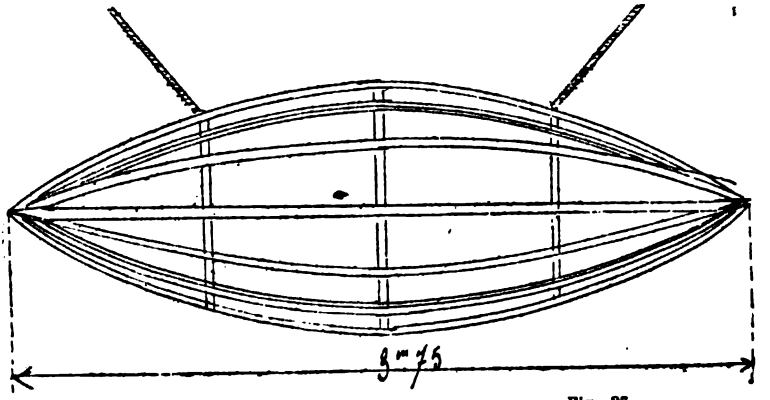


Fig. 27

Fig. 28.—La même nacelle vue par l'une de ses extrémités.

POIDS :

Carcasse le nacelle en sapin recouverte d'étoffe légère . . . . 12 Kgs.

Fig. 29—Gouvernails composés d'une carcasse en tiges de bambou *h* ligaturées ensemble et munies en *a* d'une articulation permettant leur oscillation autour de l'arrière des corps de ballons B ; cette oscillation a lieu autour d'un axe vertical passant par les jantes J de la figure 10 et 11. Un voile d'étoffe non vernie garantit le safran.

Fig. 30 — Cette figure représente le même gouvernail vu par sa tranche ; on y voit l'articulation a sur la jante J.

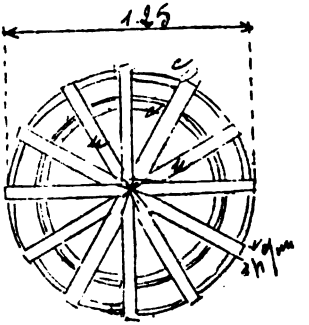


Fig. 28

Donc il-y aura de 50.000 à 100.000 dollars à dépenser et au seul chaland—le gouvernement,—qui devrait fournir les fonds s'il désire cet engin de guerre.

Les appareils de démonstration n'auront que peu de vitesse.

M.r Bannet-Rivet a parfaitement raison en vous disant qu'un seul ballon donnera moins de résistance, et plus de vitesse, que deux ballons de cube égal, mais alors vous retombez dans la pratique usuelle, et il est possible que vous sacrifiez la stabilité du catamarau que vous avez proposé. Le ballon de Renard a 6 diametres, celui du comte Zeppelin 10, mais avec des cloisons pour reduire le tangage. Il est très possible qu'avec deux ballons vous pourrez leur donner une longeur de 4 à 5 diametres seulement, et ainsi augmenter le cube relatif. Je crois que deux ballons de 100 mètres de long, et de 20 a 25 m de diametre vous permettront de soulever un moteur qui donnera 15 mètres de vitesse par seconde. J'estime la dépense a 100.000 dollars au plus, y compris les essais préliminaires.

La prime de 100.000 francs en France semble tentante, mais le gouvernement ferait mieux de garder le secret sur ses essais; c'est ce que fait le nôtre, qui a un appareil en construction qui est basé sur de «plus lourd que l'air.»

Je serais toujours heureux de correspondre avec vous et de vous indiquer le peu que je sais.

Votre dévoué

O. Chanute.

San Diego. Californie, Mars.

Monsieur Domingo Jaguaribe.

7, Rua Veridiana—São Paulo.

Cher Monsieur.

Je viens de recevoir votre lettre du 16 Février, et je vois que j'avais bien calculé en ne vous écrivant pas à Paris.

J'ai répondu à vos aimables lettres du 5 et 12 Janvier, le 6 et le 13 Février adressant à São Paulo, *Rue Jaguaribe*, cette rue, (sans numéro,) étant indiquée dans votre lettre du 5 Janvier. J'espère que votre poste est organizée de telle sorte que mes lettres vous parviendront.

Quoique Aviateur pour mon propre compte, j'ai dit dans un article qui va être publié dans la nouvelle edition de l'"Encyclopedia Brittanica", que le ballon dirigeable constituait le type que les gouvernements doivent dégager en attendant l'époque à laquelle la machine volante viendra le remplacer.

Je base cette opinion sur deux faits : 1.° que le ballon offre une sécurité (restreinte) independante de la propulsion, et 2.° qu'il est bien près d'obtenir une vitesse de 15 a 20 métres par seconde, vitesse qui peut servir à la guerre mais n'ayant aucune valeur commercialle. Pour arriver à cette vitesse il faudra faire très grand, et les deux points capitaux sont : 1.° La forme, qui devrait être encore meilleure que celle de Renard & Krebs, et 2.° Le moteur, qui doi être le plus léger possible.

Pensant que l'avenir était à l'Aviation, je me suis peu occupé des ballons, et je ne sais si je puis vous être utile, mais je serai toujours heureux de vous faire part du peu que je sais.

Je tiens toujours les 100 francs que vous m'avez envoyé à votre disposition, et je vous souhaite bonne chance dans votre entreprise.

Croyez, cher monsieur, as mes meilleurs sentiments d'estime.

O. Chanute.

recer na cultura desta estimavel planta, unica que pode felicitar aos fieis vassallos de V. A. R. nestes sertões, pela grande analogia da terra para a producção deste vegetal.

E nós, que o presente anno, segundo as ordenações de V. A. R., servimos em camara, julgando-nos obrigados a salvar a patria da ruina que a ameaça, já recorremos ao governador e capitão-general desta capitania (1), somente deu a interina providencia que não desviará a ruina desta villa e de toda a capitania si V. A. R. não for servido com tempo mandar declarar que aquelle privilegio comprehende os engenhos desta capitania.

Por isso recorremos agora a V. A. R., supplicando humildemente se digne conceder aos fabricantes de assucar e lavradores de canna e aos seus partidistas desta capitania o privilegio de não serem executados nos pertences de suas fabricas e escravos, devendo os credores ser pagos pelos rendimentos dellas, os quaes devem sómente ficar obrigados á importancia das dividas, para a sua segurança.

Nos assim o esperamos da grandeza com que V. A. R. tanto favorece aos seus fieis vassallos e, em nome deste povo, humildemente o supplicamos a V. A. R., cuja Augusta Pessoa o Céo guarde por muitos annos. Villa de Porto-Feliz, em camara de 27 de Junho de 1801. Eu, André Gomes de Araujo, escrivão da camara, o escrevi.—*André Dias de Aguiar*, juiz ordinario (2)—*Antonio de Arruda Sá*, vereador.—*Manoel Jozé de S. Paio*, vereador—*Antonio de Arruda Leite*, vereador—*Miguel João de Castro*, procurador da camara.

---

(1) Antonio Manoel de Castro e Mendonça, capitão general de 1797 a 1802, cuja *Correspondencia* foi publicada nos vols. XXIX e XXX do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

(2) Era neto de D. Simão de Toledo Piza e primo do capitão André Dias de Almeida, paulistas que fizeram figura na historia da capitania no seculo XVIII. Deixou grande descendencia, sendo um dos seus filhos o conselheiro Manoel Dias de Toledo, que foi lente da academia de S. Paulo, presidente de Minas Geraes e deputado geral em 1840. (*N. da R.*)

PETIÇÃO

Diz Manoel Preto que elle tem devoção de fazer uma capella de Nossa Senhora da Esperança para nella se celebrar Missa, porquanto está longe da villa (1) e não pode acudir á Missa todas as vezes que é obrigado, nem a sua gente, que é muita, pelo que pede a Vossa Senhoria lhe dê licença para se levantar Altar nella, pagando a Chancellaria ordinaria, e possa enterrar seus defunctos, baptisar e casar, sendo primeiro os banhos corridos na Matriz, no que receberá mercê.

DESPACHO:

Passe na forma ordinaria. Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1615.—O *Administrador*.

PROVISÃO

Matheus da Costa Moreia, *Auctoritate Apostolica*, Prelado e Administrador da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e das mais Capitanias e suas Repartições da banda Sul, Commissario do Santo Officio e da Bulla da Santa Cruzada nesta dita Repartição:—Faço saber que Manoel Preto me fez petição na outra meia folha atraz e eu, vendo o seu pedido ser justo e desejando favorecer o seu pio intento, puz por meu despacho se lhe passasse provisão na forma ordinaria: Pelo que pela presente hei por bem e serviço de Nossa Senhora dar licença ao dito Manoel Preto, como com effeito dou, para poder de novo levantar e erguer uma Ermida de Nossa Senhora da Esperança e nella levantar Altar para se celebrar no sitio e logar que melhor lhe parecer, na sua fazenda, onde ora reside e vive, que é no districto da villa de São Paulo, hypothecando, porem, primeiro a sua dita terra e fazenda, constando ser sua, e obrigando-se por si e seus bens a fabricar, reparar e concertar a dita Ermida, ficando sempre vinculada a dita terra a sobredita, por ser assim conforme ao Santo Concilio, e não se poderá celebrar na dita Ermida sem primeiro ser por mim vizitada ou por quem minha commissão tiver, para se ver se está decentemente fabricada e ornada e lhe assignar o adro que convenientemente parecer.

E porquanto o dito Manoel Preto tem satisfeito com dois marcos a ordinaria da Chancellaria, lhe mandei passar a presente, pela qual mando em virtude da obediencia e sob pena de ex-

---

(1) Em 1618 S. Paulo era ainda villa, sendo elevada á cidade a 11 de Julho de 1711, depois da *guerra dos emboabas*.

(*N. da R.*)

poeira pelo matto dentro, meia legua de comprimento, e de testada o que elles possuem e se achar ser seu, e assim mais uma duzia de serviços para beneficio da dita Capella (1); assim mais duas duzias de vaccas, com um touro, as quaes cousas acima declaradas davam, doavam e vinculavam, de hoje até o fim do mundo, á dita Capella de Nossa Senhora da Esperança, atraz declarada, a qual doação faziam entre vivos, com a declaração que elles doadores, marido e mulher, em suas vidas, de ambos e cada um delles, administravam a dita Capella de todo o necessario, ornamentos, reparação e tudo o mais necessario para o serviço divino; e com os mesmas obrigações ficarão os seus descendentes declarados, que começarão no filho mais velho (2), e não havendo filho macho poderá succeder na filha mais velha, e desta maneira aos mais descendentes por linha direita, tendo obrigação de trazer sempre as ditas cousas declaradas vivas, sem diminuição alguma, não podendo vender, nem trocar, nem escambar, nem alienar nem uma das cousas sobreditas, e fazendo o contrario do que dito é, ao Senhor Prelado que for deste districto, ou ao Vigario desta villa, lhe pedem ponha cobro nisto, para effeito de tudo estar seguro em sua força e vigor, sem diminuição alguma, e a pessoa que disto tiver cargo e cuidado será obrigada a mandar dizer cincoenta Missas, sendo cinco Missas em cada um anno por alma delles, marido e mulher, á Nossa Senhora, e gosará a tal pessoa de todos os mais usos e fructos que a dita fazenda render; e para todas estas cousas se cumprirem e haverem effeito, conforme a dita provisão, obrigavam seus bens moveis e de raiz, havidos e por haver, para que em nada seja falso o cumprimento desta escriptura, e pediam a todos os Senhores Prelados e a todas as justiças de Sua Magestade em tudo façam dar verdadeiro comprimento, sem diminuição alguma, por todo o declarado ser sua ultima vontade e um só consentimento; e por assim serem contentes mandavam ser feita esta escriptura de doação, que se obrigavam a cumprir, neste meu livro de notas, donde mandaram dar os traslados necessarios, estando por testemunhas o Reverendo Padre Vigario e o ouvidor desta villa, João Pimentel e Diogo Aires de Aguirre, Provedor das minas desta Capitania, e Francisco Jorge, aqui morador, e por ella doadora não saber assignar rogou ao Reve-

---

1) Escravos africanos ou indios, legados á capella pelo doador.

2) O filho foi Antonio Preto, que se casou com Catharina da Ribeira, filha do Amador Bueno—o acclamado; morreu sem filhos e sua viuva se casou com Antonio Ribeiro de Moraes, que foi capitão-mór de S. Vicente em 1659. Vide vol. V. pag. 173.

(*N. da R.*)

O monumento do alto da serra do Cubatão

Tendo D. Bernardo José de Lorena mandado fazer importantes reparos na estrada de S. Paulo a Santos, principalmente na descida da serra do Cubatão, facilitando assim o transito entre a costa e o interior e beneficiando o commercio, a camara municipal da cidade de S. Paulo dirigiu-lhe o seguinte officio:

Illmo e Exmo Senr.:—O povo desta Cidade, que com tanta razão se glorêa de ter a V. Ex.ª por Alma Illustre, a cada canto não cessa de repetir-lhe o nome amado, apontando com o dedo as magnificas obras de Ornato e Segurança com que o seu Genio verdadeiramente heroico tem caprichado de ennobrecel-a, sendo meditadas e quasi a um tempo concluidas, principalmente aquella do primeiro canal do seu commercio, que V. Ex.ª acaba de segurar-lhe terraplanando e calçando-lhe a serra mais bravia e intransitavel que a natureza lhe poz como barreira impenetravel, devidente da sua tão precisa Marinha: Razão esta, Senr. Exmo, porque este Senado, como cabeça do mesmo povo, seguindo os vestigios da culta Europa, se considera na estreita obrigação de consagrar-lhe um reconhecimento obsequioso que, assignalando a época feliz do seu prezente Governo memoravel, sirva igualmente de util emulação para os vindouros; por isso Accordámos de levantar um monumento de nativo marmore no alto da dita serra do mar, com a inscripção junta, onde leia, respeitoso, o caminhante o sempre illustre e amavel nome de V. Ex,^{a}, e, concebendo a clara idêa do beneficio, leve tambem comsigo a da nossa gratidão e reconhecimento.

Para isto é que vamos a supplicar de V. Ex.ª a precisa faculdade, sem que obste para o conseguirmos o ser o districto, em que assentamos fixar a memoria, pertencente á Camara de Santos, que ainda que excitada assente o mesmo ao depois, ou devemos preferil-a pela primazia da lembrança ou não deve impedir-nos, podendo levantar outra.

que ver senão agua, entulhos e morcegos; porem até na grandeza a deixa muito a perder de vista a Gruta do Inferno, digna certamente de um mais apropriado nome do que este, que lhe poz quem a viu primeiro, que sem duvida se horrorisou da sua escuridão e profundidade.

Para ver-lhe o fundo me conduzí com muito geito por uma precipitada escarpa abaixo, até dar commigo na profundidade de 190 palmos, sendo aquella escarpa um enormissimo entulho de pedras abatidas das abobadas que constituem o tecto da gruta, por onde está sempre gottejando agua. Marcharam adeante de mim doze pedrestes, com outros tantos archotes que eu previdentemente havia mandado accender, não só para guiarem os meus passos ao descer por um tão tenebroso precipicio, mas tambem para illuminar a gruta de maneira que a pudessem ver á vontade ambos os desenhadores que me acompanhavam, para a desenharem como convinha. Porém tão grande se foi ella mostrando e tão temerosamente escura que, espalhando-se as luzes, apenas via cada qual o precipicio de que escapava, si bem que assim mesmo nos conduzimos sem a menor lezão até chegarmos ao seu verdadeiro fundo.

Eis aqui onde a Natureza me tinha preparado o maravilhoso espectaculo que recompensou dignamente tanto o perigo como o meu trabalho; porque olhando, á primeira vista, o todo que se me offerecia depois de distribuidas as luzes em proporcionadas distancias, representou-se-me uma mesquita subterranea, que, observada por partes, de cada uma dellas saltava aos olhos uma differente perspectiva. A que do fundo daquelle grande salão se offerece á vista do espectador, collocado na entrada delle, é de um magnifico e sumptuoso theatro, todo elle decorado de curiosissimos estalactites, uns dependurados da abobada que constitue o tecto, como outras tantas gotteiras fusiformes, curtas ou compridas, grossas ou delgadas, redondas ou compressas, simplices, bifurcadas, ramosas, verrucosas, tuberosas, etc.; outras alçadas ao pavimento á maneira de pilares, columnas, columnetas, lisas ou canelladas, pavilhões do campo, etc., e um destes tão grosso que dois homens o não abraçam.

Ao lado esquerdo da mesma sala se deixa ver como debruçada sobre ella uma soberbissima cascata natural, com todas as suas pedras cobertas de incrustações espathosas e calcareas, que o que mais vivamente representam pela sua alvura são os borbotões de escuma que faziam as aguas precipitadas daquella altura.

Em outra parte, porém do mesmo lado, estão espalhados diversos labyrinthos que cada um de per si constitue uma curio-

sissima gruta. Tem aquella sala a sua linha de direcção lançada ao rumo de L. O., que é o mesmo que segue o interior de toda a gruta, com a differença de ser cruzado pelo que segue a bocca inferior, que é de N. S.

Viu-se que tão sómente o salão, incluida uma recamara sua, tinha de comprimento total 510 palmos. Todo o seu plano, que aliás era irregular, se havia então convertido em um grande lago de agua salobra, porém clara, fria e crystalina. Reconheceu-se que pouco ou nenhum curso tinha por estar repesada pela enchente do rio.

Ora, como nestes e em outros reconhecimentos se passaram as quatro horas que decorreram desde as 10 da manhã até ás 2 da tarde, succedeu que se consumiram os archotes e a diligencia de desenvolver o que alli vi, que era mais notavel, ficou reservada para o seguinte dia.

Voltámos com effeito, já então acompanhado do mesmo sargento-mór e de alguma parte da guarnição, que quizeram todos presenciar as maravilhas que lhes contavamos; porém desta segunda vez fomos tão mal succedidos como da primeira porque a gruta ainda conservava o fumo que lhe havia deixado a illuminação do dia antecedente e os novos archotes que se fizeram sahiram delgados e tão mal breados que davam uma luz muito escassa; ultimamente as fogueiras, que então lembrou accender para substituirem os archotes, acabaram de o defumar de modo que nem o fogo podia alumiar, nem nós podiamos respirar.

Terceira vez voltaram a ella os desenhadores, que foi quando se apromptaram uns cocos cheios de azeite, que generosamente deu o commandante, para servirem de luminarias que, ainda que pouca luz davam, sempre deram o que foi bastante para se tirarem os dois prospectos que tenho.

Póde naquella gruta aquartelar-se a vontade um corpo até de 1.000 homens. Nenhum vestigio achámos de ter entrado outra qualidade de gente junta que não fosse a da expedição passada e presente. O que vimos de alguma sorte alterado por si mesmo mostrava que o havia sido por mão curiosa; porém dos conhecidos signaes que costuma deixar o gentio nenhum achámos.

Alexandre Rodrigues Ferreira.

5 de Maio de 1791.

Nascente com terras delle dito Illustrissimo, e Excellentissi
Comprador, e dabanda doPoente Com terras pertencentes a
herdeiros deTristão de oLiveira, e Antonio Ferreira, a qu
Sorte deterras asim confrontadas, eComo elle dito vendedor
possue, está justo a vender aoIllustrissimo, eExcellentissimo S
nhor Dom Luiz Mascaranhas, Governador e Capitãó Gene
desta Capitania deSãó Paullo, Como Com effeito lhe vendia d
hoje para todo Sempre a elle dito Illustrissimo eExcellentissi
comprador, Seos herdeiros e sucessores por preço, equantia ce
estipulada e ajustada entre elles partes de cento e sincoenta
reis, que elle dito Illustrissimo e Excellentissimo Comprador lo
exibio, em moedas correntes neste estado do Brazil, que elle ven
dor logo recebeo, e tornando a Contar, achou estar serto, deque
Tabeliãó dou minha fee, e delles se deu por entregue: E por
ta esCritura disse dava plena e geral quitaçãó a elle dito Illustr
simo, e Excellentissimo Comprador, seos herdeiros, esucessores pa
naó lhe ser tornada a pedir porelle dito vendedor nem por se
seus herdeiros ou successores; as quaes terras declarou elle ve
dedor porssuir por titulo de herança que lhe tocou por fale
mento de seu Pay, cujos Titullos logo entregou ao dito Ill
trissimo e Excellentissimo Comprador, em quem disse cedia,
trespassava todo o dominio, direito e posse, e que elle dito I
lustrissimo e Excellentissimo Comprador podia tomar a dita so
de terras por sy ou seus procuradores, e quer a tomaçe, qu
nãó, desde hoje para todo Sempre lhe há por dada pela cla
sula *Constituti*: e todo o mais tempo daqui em diante em q
elle vendedor se conservar nas ditas terras o fica fazendo co
Collono inquilino, e procurador do dito Illustrissimo, e Exce
lentissimo Comprador. E outro sim prometeu elle dito vend
dor, e se obrigou por sua pessoa, e bens havidos e por hav
por sy, e por seus herdeiros e successores fazer em todo o te
po verdadeira, boa, de paz, e pacifica esta venda a elle di
Illustrissimo, e Excellentissimo Comprador, seos herdeiros,
successores, e naó hir em tempo algum Contra o estipula
nesta escritura nem a reclamar, em Juizo, ou fora delle, e q
Se elle, ou seus successores o quizerem fazer nãó serãó a i
admettidos sem primeiro depositarem na mãó delle dito Illu
trissimo, e Excellentissimo Comprador, ou de seus herdeiros
referida quantia de cento e cincoenta mil reis; e que se a d
pozitarem em Juizo poderãó elles dito Illustrissimo e Excelle
tissimo Comprador e seus successores Levantar sem fiança, pa
Cujo fim os ha desde agora para esse tempo por abonados.
esta clauzula depozitaria escrevy, eu Tabellião a pedimen
delles partes. E outro sim se obrigou elle dito vendedor

Dom Luiz Mascaranhas governador e Capitaó General destaCapitania por Seu Procurador o Capitaó Manoel Borges da Costa, o qual estando tambem prezente logo por elle me foy aprezentada a procuraçaó do Illustrissimo e Excellentissimo Comprador da qual o Seu theor e forma hé o da maneira seguinte :—Dom Luiz Mascaranhas do Conselho de Sua Magestade, e Seu governador, e Capitaó General nesta Capitania de Sam Paulo Comendador da ordem de christo. Pello presente meu Alvará de procuração por mim somente assignado faço e Constituo por meu procurador ao Capitaó Manoel Borges da Costa para que por mim, e em meu nome Como prezente possa tomar posse de huma Sorte de terras chamada *Jacarê guaba* Lemite da Bertioga, termo desta villa de Santos que Comprey a Manoel Martins Ramos na forma que este ma vendeo, e hé expressado na Escritura da mesma venda. Villa de Santos, quatro de Junho demil e sete centos quarenta e outo.—*Dom Luiz Mascaranhas*.—E Segundo asim secontinha em adita Procuraçaó a qual tendo me aprezentado logo me requereo lhe desse posse tudo em nome do dito Illustrissimo e Excelentissimo Comprador, as quais a possuia por Compra que havia feito a Manoel Martins Ramos, das quais lhe passára a escritura Lanssada por mim Tabiaó no Livro de notas do Tabeliaó Antonio Moniz de Jezus Maria, por seu empedimento, a quem foy esta distribuhida que tambem me aprezentou; as quaes terras são dezempedidas, que da Banda do nassente parte com terras do mesmo Illustrissimo, e Excellentissimo Comprador, e da outra parte do poente com terras de Tristaó de oLiveira, e Antonio Ferreyra e seus herdeiros e Sendo ahy por hum rapaz Ladino chamado Furtuozo, que faz vezes de porteiro á falta delle foi apergoado em altas vezes, dizendo huma e muitas vezes, posse, posse, posse, que toma o Illustrissimo, e Excellentissimo Comprador por seu procurador o Capitão Manoel Borges da Costa em virtude de huá escritura que me apresentou deste Citio chamado *Jacaré guaba* dezempedido com quinhentas braças de testada pello dito Rio de Jacaré guaba aSima, e mais Couzas a elle pertencentes e repetindo o dito porteiro varias vezes e pasehando de huma, e outra parte repetindo a dizer posse, posse, posse que toma o Illustrissimo, e Excellentissimo Comprador por seu procurador o Capitão Manoel Borges da Costa neste Citio, e terras a elle pertencentes e naó ha vendo quem embargos tivece a dita posse lhe demos actual Real Civel, e natural fazendo o dito procurador do referido Citio o Capitão Manoel Borges da Costa todas as Serimonias da Ley pegando em terra, e deitando-a ao ar, e paseando por ella, quebrando páos, ouIhando para hum, e outra parte, e fazendo tudo o referido pelo

Alcayde, e eu Tabeliaó lhe foy dado posse do dito Citio e terras a elle pertencentes actual, real, Civel, e natural, Cuja posse poderá reter em Sy o dito Illustrissimo, e Excellentissimo Comprador, e emposado, pois por este Auto, e em virtude de Escritura o havemos por empossado do dito Citio, e terras a elle pertencentes, e fica possuhindo Como Senhor, e possuhidor Como Couza Sua propria, Comprada e empossada dellas, e propria que hé realmente, de que de todo fez este Auto de posse em que assignaraó o dito procurador empossado Manoel Borges da Costa Com as tres testemunhas, o Capitaó Gonçalo Vaz Pinto, o Cabo de esquadra Manoel Borges da Costa, moradores nesta villa, reconhecidos de mim Tabeliaó que Tambem Como Alcayde aSigney, e eu Manoel Antunes de Carvalho Tabeliaó o Escrevy, e assigney.—*Manoel Antunes de Carvalho.—Manoel Borges da Costa. —Gonçalo Vaz Pinto. — Antonio João de Carvalho. — Manoel Borges de Carvalho.*

E tresladada a Consertey Com a propria a que me reporto, a qual torney a entregar a quem ma apresentou que de Como a recebeo aqui assignou, e a Seu pedimento passey esta Copia em publica forma. Lisboa vinte sete de Agosto de mil e sete centos secenta annos. E eu Bartholomeu Angelo Escopezy. Tab.^{m} publico de notas de EL-Rey nosso Senhor nesta Cidade de Lx.^{a} o Sobscrevy e assiney em publico pregão e razo.—*Bart.^{meu} Angelo Escopezy.* Em test.^{o} da verd.^{e}. (Estava o signal publico). *Manoel Aluves Pintto.*

O Tupi na Geographia Nacional

MEMORIA LIDA NO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SÃO PAULO POR THEODORO SAMPAIO

Não é novo, antes, pelo contrario muito frequentemente debatido é o objecto do presente estudo. Sobra-lhe, porém, interesse historico, exalça-o notavelmente o valor que assume na geographia nacional e, sobretudo, o recommenda a attenção sympathica que sempre logrou despertar no nosso meio litterario.

Encarando-o agóra por uma face nova, outro não é o nosso intuito, aliás despretencioso e modesto, que não o de methodisar, ou submetter a regra esse estudo linguistico que por ahi anda ao belprazer das phantasias de uns e ao desazo dos que menos familiarisados com a lingua dos primitivos habitadores desta terra a deturpam e desfeiam, attribuindo-lhe aos vocabulos sentido e significados absurdos ou procurando interpretar aquelles já adulterados ou assimilados pela dicção vulgar por processos extranhos ás leis gottologicas que regem a materia.

Não ha quem desconheça a predominancia do *tupi* nas nossas denominações geographicas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como os simples povoados trazem geralmente nomes barbaros que o gentio, dominador outrora, lhes applicou, que os conquistadores respeitaram e que hoje são de todos preferidos, pois, não raro, se trocam, se substituem nomes portuguezes de antigas localidades, por outros de procedencia indigena, ás vezes lembrados ou compostos na occasião, ás vezes restaurados pelos amadores de coisas velhas e tradicionaes.

Mas essas denominações geographicas, explicaveis e naturalissimas numa época em que o *tupi* era a *lingua geral*, ou a mais fallada no paiz, são agóra para as modernas gerações verdadeiros enigmas que as alterações quotidianas ou as inevitaveis corruptellas vão tornando indecifraveis.

Portanto, preserva-lhes a graphia verdadeira, e a verdadeira pronuncia, fixar-lhes o significado, interpretado através do véo obscuro dos metaplasmas, vale tanto como resguardar um monumento historico.

Contudo, nesse diluvio de esquecimento, alguns espiritos de eleição se ergueram com os seus trabalhos litterarios, pondo em contribuição os thesouros de poesia e de inspiração que se encerram nos costumes e nas scenas pittorescas da vida selvagem. Gonçalves Dias, Domingos de Magalhães, José de Alencar, cultores do *americanismo* na litteratura nacional, logram despertar entre os seus contemporaneos o gosto pelos estudos relativos á raça indigena.

Mas, se com o exemplo delles, os escriptos de Anchieta, Luiz Figueira, Montoya e Restivo lograram reviver aos esforços de abalisados cultores como Couto de Magalhães, Baptista Caetano, Barbosa Rodrigues e Mendes de Almeida, todavia o gosto por estudos deste genero se não generalisou ou tão largamente se não diffundio que viesse a reclamar dos competentes a creação de escolas onde se aprendesse a lingua dos aborigenes, ou cursos especiaes onde se preparassem os que, para taes estudos, mostrassem predilecção.

Estudos, porém, systematicamente guiados para o fim de explicar o vocabulario geographico de procedencia tupi, poucos cultores têm tido, bem que não raros o tenham tentado.

Frei Francisco dos Prazeres Maranhão foi, ao que nos consta, o primeiro a encetar taes estudos, mas fel-o tão incompletamente e sem aquella indispensavel e criteriosa analyse que a materia requeria, que as suas *Etymologias Brazileiras*, publicadas no volume 8.° da Revista do Instituto Historico, não tem outro merito que o de uma obra de iniciação.

Antes delles alguns chronistas e viajantes tentaram parcial ou isoladamente o mesmo assumpto, mas, no geral, sem resultado apreciavel. O padre Simão de Vasconcellos dá-nos, na sua *Chronica da Companhia de Jesus*, taes interpretações de vocabulos tupis que se chega a duvidar dos conhecimentos linguisticos do celebre jesuita.

O dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, como se verifica do seu «*Diario de viagem pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1789 a 1790*», é um dos viajantes que com mais interesse e competencia tratou desta materia. As sua etymologias brasileiras, constantes das notas do citado «*Diario*», são tão numerosas e interessantes que bem se póde consideral-o um precursor nestes estudos.

O trabalho de frei Francisco dos Prazeres se, de facto, não é tão copioso e exacto nas interpretações como o objecto comportava, é, comtudo, o unico systematisado e tal que, como diz o seu auctor: «... não deixará de ser de alguma utilidade, ou porque dará principio a uma obra nova, ou porque alguma coisa

persignando: *Santa Curuçá rangaua recê*, que quer dizer: *pelo signal da Santa Cruz* e repetia na sua lingua a oração da tarde.

Adoptavam os proprios portuguezes os usos e até o fallar brasilico, preferindo as expressões tupis aos dizeres da propria lingua, em que, aliás, não faltavam vocabulos e locuções egualmente expressivas e adequadas.

Appellidavam-se muitas vezes pelo tupi (2); e tinham cantares e folguedos nesta lingua, ou num mixto comprehensivel do portuguez e do indio. A conhecida canção popular *Caranguejo andou uatá* vem desde este tempo.

Alteravam-se ao contacto dessa lingua barbara a prosodia e a syntaxe portugueza. Desappareceram as vogaes mudas ou breves e prevaleceram as graves e agudas. Os verbos tupis modelaram-se pelos do portuguez, incorporando-se em grande numero neste ultimo, como incorporaram-se os nomes de plantas, animaes, fructas e objectos de uso domestico.

Fazia-se a conquista tendo por vehiculo a propria lingua dos vencidos, que era a lingua da multidão.

As *bandeiras* quasi que só fallavam o tupi. E se por toda a parte onde penetravam extendiam os dominios de Portugal, não lhe propagavam, todavia, a lingua, a qual só mais tarde se introduzia com o progresso da administração, com o commercio e os melhoramentos.

Recebiam então um nome tupi as regiões que se iam descobrindo, e o conservaram pelo tempo adiante, ainda que nellas jamais tivesse habitado uma tribu de raça tupi. E assim é que no planalto central, onde dominam povos de outras raças, as denominações dos valles, rios e montanhas e até das povoações são pela mór parte da *lingua geral*.

Bem poucos, na verdade, são os nomes de procedencia tapuya, conservados na Geographia Nacional, e estes mesmos nas regiões centraes onde a cathechese jamais penetrou, ou se iniciou muito tarde por motivos particulares que atrazaram a conquista.

Tomando-se uma carta do paiz e examinando-a quanto ao que diz respeito ás denominações geographicas, reconhece-se para logo o predominio do tupi em toda a região littoral; nota-se que elle penetra fundo nos sertões pelo valle dos grandes rios, onde se tornou facil o accesso do lado do mar; nota-se mais que elle assignala através dos divisores das grandes bacias fluviaes o trajecto costumeiro dos bandeirantes ou descobridores; reco-

(2) Pela época da independencia voltou o uso dos nomes e appellidos de procedencia tupi. Muito conhecidos se tornaram depois os de Francisco Gê Acayaba de Montesuma, Dendê Bús, Sucupira, Japyassú, Tupinambá, Jaguaribe, Jucá, Piragibe, Cuim Atuá, Pitanga e tantos outros.

nhece-se tambem que elle persiste como vestigio indelevel da catechese, onde quer que, ou isoladamente ou seguindo uma série de estações intermediarias, penetrou o christianismo pelo trabalho apostolico dos missionarios.

Consideremos, por exemplo, essa parte do Brazil entre o Rio de S. Francisco e o Maranhão. Notamos logo no littoral e nos valles mais accessiveis e ferteis, os nomes tupis em grande numero, ao lado de alguns nomes portuguezes designando os logares e os varios accidentes topographicos; no interior, porém, as denominações *tapuyas* prevalecem, designando as aguadas, e as feições mais salientes da região. As montanhas e as chapadas se designam em grande extensão pelo nome *Cariry*, do povo mais numeroso que outrora as possuiu. Os rios do interior, que não alcançam directamente o mar, donde lhes podia vir a denominação tupi, prevalecente no littoral, têm nomes tapuyas: *Moxotó, Ororobá, Chocó*, em Pernambuco; *Piancó, Gurunhem, Catolé*, na Parahyba; *Mossoró, Seridó, Caycó*, no Rio Grande do Norte; *Quixeramobim, Quixadá, Quixelô, Quixossô, Quinquelerê*, no Ceará; *Jaicós, Gurgueia, Longá*, no Piauhy.

Nesta região, cujo interior reveste um aspecto mais aspero e as seccas periodicas tornam o viver incerto e atormentado, as levas dos conquistadores atravessam sem encontrar algures o que as retenha, sem descobrir uma mina cuja riqueza determine ou justifique um estabelecimento permanente ou um sólo fertil tentando a cobiça dos aventureiros. Elles passam sem intenção de ficar.

Só o gentio adaptado ahi permanece como que protegido pela propria inclemencia do sólo.

O tupi ahi não penetra como não penetra o portuguez senão depois que o gado invadindo as catingas áridas e entrahando-se no deserto, abriu as veredas e guiou o vaqueiro até as varzeas onde se assentaram as primeiras fazendas. O gentio, sem grande resistencia, submetteu-se então, e assim se explica como alguns vestigios da sua lingua perduraram nas denominações dos logares, recordando a raça dos vencidos.

Desça-se, porém, das chapadas áridas e assoladas pela secca, e procure-se mais além ou o curso do Parnahyba a Oeste, ou do S. Francisco mais ao Sul e, para logo, apparecem de novo os nomes tupis designando os accidentes geographicos.

Transpondo o S. Francisco em direcção ao Sul, penetra-se de novo numa região ingrata pela inclemencia do céo, e vae-se atravessando a bacia elevada do Vasa Barris, antes de ganhar os trechos esparsos e mais deprimidos das chapadas bahianas que, depois do salto de Paulo Affonso, depois de Canudos e de

CAPITULO II

Breves apontamentos sobre a lingua tupi com relação ao objecto deste escripto

1—Estava a lingua tupi no segundo periodo da sua evolução morphologica, o da agglutinação; e, comtudo, era um idioma rico no vocabulario, e bastante expressivo.

Anchieta, assim como o padre Figueira, admirava tanto as qualidades dessa lingua que a comparava, na perfeição, á grega.

« E' admiravel, diz o auctor do *Diccionario Brasiliano*, que tendo os povos que a fallavam limitadas as suas idéas a um pequeno numero de coisas, as quaes julgaram necessarias ao seu modo de vida, pudessem, comtudo, conceber signaes representativos de idéas com capacidade de abranger objectos de que elles não tiveram conhecimento; e isto não de qualquer modo; mas com muita propriedade, energia e elegancia». (1)

O padre Figueira, na sua *Arte da Lingua Tupi*, diz que é esta « ... uma lingua suave, elegante, mas extranha e copiosa ».

João de Laet repete em latim os mesmos conceitos: « ... nam facilis est, copiosa, neque insuavis... »

2—O tupi e o guarany entendem muitos por linguas differentes ou extranhas e não são senão irmans differenciadas apenas por influencia dialectal.

E' o guarany ou o tupi fallado no Paraguay o que entre os indios desta parte do continente se chama *abanhehen*, lingua de gente. O tupi fallado no Amazonas é, porém, conhecido por *nhehen-gatú*, isto é lingua bôa. (2)

Observa o general Couto de Magalhães que a differença entre ellas é a mesma que se nota entre *paulistas* e *mineiros* fallando o portuguez. (3)

Parece-nos, entretanto, que a differença é um pouco mais accentuada, como já o fizera sentir o mesmo auctor citado, no seu *Estudo Anthropologico*, publicado na *Revista do Instituto His-*

---

(1) *Diccionario Portuguez Brasiliano*, impresso em Lisbôa em 1795.
(2) Couto de Magalhães, *O selvagem*.
(3) Idem, idem.

Não tem *s* sibilado o sim chiado, como em *synunga*, *sipó*, que se devem pronunciar *xinunga*, *xipó*.

O *j*, que depois se introduziu nos vocabulos tupis, já vem por influencia portugueza, é adulteração do *i* primitivo tal como se deu no latim em relação ás linguas modernas que delle se derivaram.

Em vez de *jaguara*, *japy*, *japecanga*, se diria primitivamente: *iaguara*, *iapy*, *iapecanga*. Assim tambem o *l* é introduzido em alguns vocabulos tupis por influencia lusitana, quando mais tarde o idioma selvagem se tornou *lingua* geral entre as populações do campo. Os nomes *itacolomy*, *alambary*, *calumby*, são disso exemplo, sendo transformados em *ll* os *rr* brandissimos que primitivamente tinham. O *v* jámais existiu no tupi; equivale ao *u* ou ao *b* brando; mas ficou introduzido no fallar do vulgo, como erroneamente se vê em: *uvaia*, *vossoroca*, *voturantim*.

O *z* é tambem resultante da influencia do contacto com o portuguez. Os nomes tupis *ananaz*, *guayanaz*, *goitacaz*, *papanaz*, são simples corruptélas de longa data dos primitivos vocabulos: *nanã*, *guayanã*, *guaytacá*, *papanã*.

5—As consoantes tupis todavia, são muito dubias ou confusas e ás vezes tão difficeis de apprehender que o padre Vieira desesperava de conseguil-o ainda com o ouvido applicado á bocca do barbaro.

Frequentissimas entre ellas são as mutações.

6—As labiaes *p*, *b*, *m*, se substituem ou se confundem não raro na composição dos vocabulos, maximé quando ha nelles vozes nazaladas precedentes a taes lettras. A syllaba nazal abranda sempre a consoante seguinte.

João de Lery, por exemplo, nos transmittiu dos Tupinambás, do Rio de Janeiro, o nome *Guanabará* por *Guanapará*, que hoje erroneamente se pronuncia *Guanabara*. O vocabulo *Paranã*, ouvido pelos primeiros navegadores, soou-lhes como *maranã*, donde procede o actual e aportuguezado *Maranhão*.

Assim é tambem o vocabulo *Paranã-puca*, cujo *p* se abrandou em *b*, por estar precedido de uma syllaba nazal, pronunciando-so primeiramente *Paranambuc* e hoje *Pernambuco*.

As mutações, sem a influencia da nazalação procedente, são, comtudo, mui communs, dizendo-se: *bibiri*, por *pipiri*, *boboc*, por *popoc*.

As gutturaes *c*, *g*, se trocam tambem frequentemente sob a influencia nazal da voz precedente, como se vê da desinencia *caba* ou *cana*, dos vocabulos como *Piracicaba*, *Sorocaba*, abrandando-se o *c* em *g*, toda a vez que a voz precedente é nazal, como em *porangaba*, *monhangaba*.

Baptista Caetano de Almeida Nogueira, nas suas annotações á *Narrativa epistolar de Fernão Cardim*; Barbosa Rodrigues, nos seus varios escriptos sobre a lingua do gentio, são dois cultores do *brasilianismo* que se recommendam pela sua erudicção, senso critico e especial criterio nas interpretações.

O trabalho, porêm, de maior monta que até aqui se ha publicado sobre este objecto é, incontestavelmente, o do dr. Carlos von Martius, trabalho publicado em annexo no *Glossaria Linguarum Brasiliensium*. Era o dr. Martius, a quem tanto deve a botanica brasileira, mui versado na lingua tupi, tinha muito viajado o nosso paiz, possuia vasta erudição scientifica e os melhores elementos para um trabalho do vulto nesta questão da origem e interpretação dos vocabulos tupis ussados na geographia nacional. Infelizmente não lhe pôde o illustre sabio dar o preciso desenvolvimento, nem aprofundar as suas investigações como era mister, lendo as chronicas, as relações antigas de viagem, isto é, consultando o elemento historico para descobrir a verdadeira graphia primitiva dos vocabulos, muitos dos quaes, sem isso, jámais seriam explicaveis ou traduziveis do ponto de vista etymologico.

Comtudo, procuramos sempre no presente trabalho seguir os passos do naturalista bavaro. Mas, seguindo-o tão de perto quanto possivel no que respeita ao exame etymologico, preferimos o processo critico de Freire Allemão, reconhecendo primeiro a identidade do vocabulo, discutindo as suas alterações subsequentes antes de traduzil-o ou dar-lhe o respectivo significado.

Fiz, por isso, preceder o trabalho propriamente interpretativo e etymologico de uma rapida apreciação sobre o caracter da lingua tupi, a sua extensão na America, e especialmente no Brazil, as suas alterações sob a iufluencia do portuguez, analysando ao mesmo tempo o processo segundo o qual se deram as ditas alterações na phonetica dessa lingua.

Não presumo com isso dar a ultima palavra na questão. Mas acredito ter adiantado alguma coisa, firmando alguns principios que, no futuro, hão de servir a outros e melhores investigadores, e eliminando umas tantas obscuridades que affectam a graphia e, portanto, o significado ou sentido de não poucos vocabulos indigenas com applicação á nossa geographia. Terei, entretanto, levantado uma ponta desse véo de esquecimento que pésa sobre a memoria do povo desapparecido a quem succedemos no dominio desta terra, cujas vozes barbaras, na sua lenta e secular fossilisação, perdida a primitiva e original estructura, já não tem sentido nem expressão, designando as prosperas cidades dos novos dominadores.

Brasil. As levas que partiam do littoral a fazer descobrimentos fallavam, no geral, o tupi; pelo tupi designavam os novos descobertos, os rios, as montanhas, os proprios povoados que fundavam e que eram outras tantas colonias que espalhadas nos sertões, fallando tambem o tupi e encarregando-se naturalmente de diffundil-o.

O portuguez era, sim, a lingua official, como ainda hoje o hespanhol no Paraguay, a lingua do commercio nos portos do littoral, nas cidades e villas de mais importancia, e no seio das familias propriamente portuguezas, mas ainda ahi apparecia o tupi, fallado pelos famulos quasi todos indios ou de descendencia india.

Nos povoados mais apartados, a cathechese, iniciada e desenvolvida pelos jesuitas, ia dando á lingua barbara os fóros de um vehiculo civilisador. Fallavam os padres a lingua dos aborigenes, escreviam-lhe a grammatica e vocabulario e ensinavam e prégavam nesse idioma. Nos seminarios para meninos e meninas, *curumins* e *cunhatains*, filhos dos indios, mistiços ou brancos, ensinavam de ordinario o portuguez e o tupi, preparando deste modo os primeiros cathechumenos, os mais idoneos, para levarem a conversão ao lar paterno.

Até o começo do seculo XVIII a proporção entre as duas linguas falladas na colonia era mais ou menos de tres para um, do tupi para o portuguez. Em algumas capitanias como em S. Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas e Pará onde a cathechese mais influiu, o tupi prevaleceu por mais tempo ainda. Nas duas primeiras fallava-se entre os homens do campo a *lingua geral* até o fim do seculo XVIII. No Amazonas e no Pará ainda é commum o tupi no seio da população civilisada dos *tapuyas*, como vulgarmente ahi se appelidam os indios.

Mas, naquelles tempos, quando o desbravamento dos sertões apenas começava e as expedições para o interior se succediam com a obstinação das coisas fataes e irresistiveis, o tupi era devéras a lingua dominante, a lingua da colonia.

Todos a fallavam ou a comprehendiam. Parecia mesmo haver certa predilecção por ella (1).

Saudavam-se no tupi, dizendo: *Enecoêma*, que quer dizer *bom dia*, a que respondia o interlocutor, repetindo a mesma saudação, ou dizendo simplesmente:—*Ycuê*.

Ao toque da Ave Maria, o christão da America erguia-se

---

(1) O Padre Vieira em 1694 escrevia: «E' certo que as familias dos portuguezes e indios em S. Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras que as mulheres e os filhos se criam mystica e domesticamente, e a lingua que nas ditas familias se fala é a dos indios e a portugueza a vão os meninos aprender á escola;... (Obras Var.as, I, 249).

me do possuidor, assim: *curumi-tendyra*, o irmão do menino; *curumi çui*, do menino; *curumi-çupê* ou *curumi-arama*, ao menino ou para o menino; *curumi-upê*, no menino; *curumi-irumo*, com o menino; *curumi-recê*, pelo menino.

30—*Do adjectivo.* Os adjectivos seguem o substantivo e são invariaveis no genero e no numero: ex.: *poranga*, bello, bella, no singular e no plural; *catú*, bom, bôa, em ambos os numeros; *nharon*, bravo, brava; *pitinga*, *tinga* ou *tin*, branco, branca; *morontin*, *murutin* ou *maràty*, branco, alvo; *una pixuna* ou *biuna*, preto, negro, escuro; *piranga*, *pitanga* ou *pitã*, vermelho; *akira*, verde: *yúba*, amarello; *çugui*, azul; *pixunacerane*, roxo.

31—Os adjectivos que se derivam de substantivos formam-se com os suffixos *oéra* ou *rapixára*, como, por exemplo: de *pereba*, sarna, *perebaoéra*, sarnento; de *cunhã*, mulher, *cunhãrapixára*, effeminado.

32—Os adjectivos que se formam de outros adjectivos têm por suffixos *oéra* e *cerane*. Exemplo: de *puxi*, mau, *puxioéra*, malvado, perverso; *pitingacerane*, esbranquiçado; *pixunacerane*, roxo ou annegrado; *pitangacerane*, avermelhado.

33—Os adjectivos derivados de verbos, os participios, se fórmam com o suffixo *uara*, como: de *yucá*, matar, *jucauára*, morto; *çaiçu*, amar, *çaiçuára* amado.

34—Formam-se ainda adjectivos com os suffixos *ima*, ou *eima*, como: de *ceçá*, olho, *ceçaima*, cégo; *nheenga*, falla, *nheengaeima*, mudo; *rera*, nome, *reraeima*, pagão; *imena*, marido, *imenaeima*, viuva; *paya*, pae, *payaima*, orphão.

35—O grau dos adjectivos se fórma com os suffixos: *peure*, para o comparativo, e *retê*, para o superlativo, como, por exemplo: de *catú*, bom, *catúpeure*, melhor: *caturetê*, optimo; de *turuçú*, grande, *turuçúpeure*, maior, *turuçúretê*, maximo.

36—Os *adjectivos determinativos* são sómente os numeraes ou quantitativos, os possessivos, os demonstrativos e os indefinidos.

Não ha artigos no tupi.

Os *numeraes* ou *quantitativos* raro excediam de quatro ou cinco entre os selvagens, mas com o contacto civilisador dos europeus, entre os cathechumenos e christãos, a numeração decimal se desenvolveu. Primitivamente só havia: *yepê*, um; *mocõe*, dois; *moçapira*, tres; *erundi*, quatro. Mais tarde, porém, a numeração subiu e se accrescentaram então: *uaxiny*, cinco; *moçuny*, seis; *ceyé*, sete; *oicé*, oito; *oicepê*, nove; *peyé*, dez. Dahi por deante formaram-se os vocabulos para designar os numeros segundo o processo decimal: *peyé-yepê*, onze; *peyé-mocõe*,

regido, o thema regente affectuado dos prefixos *nd*, *nde*. Ex: *pê nd'etama*, a patria de vós outros.

Na *segunda classe* a relação de *mim*, de *ti*, de *nós todos*, de *nós outros*, de *vós*, se exprimem pospondo simplesmente o thema regente aos pronomes regidos: *ce'tama*, a patria de mim, ou minha patria; *enê curuçá*, a cruz de ti.

A relação do genitivo se exprime com a simples posposição do thema regente ao thema regido. Ex.: *guirátim*, o bico do passaro; *pirá-ácanga*, a cabeça do peixe; *aba-nheen*, a lingua da gente.

A relação *delle*, *della* se exprime pela prefixação de *i* ao thema. Ex.: *i-anama*, os parentes delle; *i-kicé*, a faca delle, ou sua faca.

45—O pronome relativo é: *uaá*, que, o qual, os que, os quaes, as quaes; pronome que sempre se colloca no fim da phrase a que pertence. Ex.: *a mulher que é bonita*. No tupi a phrase ficará assim disposta: *mulher bonita que*, e se diz: *cunhã porança uaá*.

46—Os pronomes interrogativos são: *auá*, quem, qual, que coisa? *aua-uaâ*, quem, qual delle, quaes? *maá*, que, qual, qual coisa? *máa-táa*,? que, a que?

47—Os pronomes indifinitos são: *auá amô*, alguem; *nitio auá*, ninguem; *opabinhê*, tudo; *nitio-mbaê*, nada.

48—Do *verbo*. O verbo no tupi não se conjuga como no portuguez e no latim por modificações na terminação, mas por anteposição de particulas. No portuguez, por exemplo, se diz: *mat-o*, *mat-as*, *mat-a*, *mat-amos*, *mat-aes*, *mat-am*. No tupi, ao contrario, se diz: *a-jucá*, *re-jucá*, *o-jucá*, *ya-jucá*, *pê-jucá*, *o-jucá*, e então se conjuga com os pronomes:

eu mato: *chê ajucá*.
tu matas: *inê rejucá*.
elle mata: *ahé ojucá*.
nós matamos: *ianê yajucá*.
vós mataes: *penhê pejucá*.
elles matam; *aetá ojucá*.

49—Os tempos dos verbos se indicam por meio das seguintes posposições ou particulas:

Iepé—para o imperfeito do indicativo e futuro condicional. Ex.: o imperfeito do indicativo do verbo *póra* ou *pura*, pular, saltar, se fórma: *cha pora yepê*, eu pulava; *repora yepê*, elle pulava; *yapora yepê*, nós pulavamos.

ana, para o preterito perfeito e voz passiva. Seja por exemplo o mesmo verbo *póra* ou *pura*: *ch'aporana*, eu pulei; *ya porana*, nós pulámos.

icô aos verbos activos. Ex.: o verbo *çaiçu*, amar; *çaiçú icô*, ser amado; *cha çaiçu icô*, eu sou amado; *cha çaiçu icô yepê*, eu era amado; *cha çaiçu icô ana*, eu fui amado.

55.—Os verbos reflexivos se exprimem com a prefixação ao thema verbal das particulas: *je* ou *jú*, *nhê*, *nhi*, segunda a gamma deste. Ex.: *je juká*, matar-se; *a-je-juká*, eu me mato; *re-je-juká*, tu te matas; *a-ye-juká-yepê*, eu me matava; tambem se diz: *je-jucá-ichê*, eu me mato, *je-juká-inê*, tu te matas. O verbo *nhê-mombeú*, confessar-se, se conjuga: *a-nhê-mombeú*, eu me confesso; *re-nhê-mombeú*, tu te confessas.

56.—Os verbos de acção reciproca se exprimem pela prefixação das particulas *jô* ou *jú* e *nhô*, conforme a gamma do thema. Ex.: o verbo *çaiçú*, amar; *jo çaiçú*, amar-se um ao outro; *ya-jo-çaiçú*, nós nos amamos uns aos outros; *aeta-jo-çaiçú-yepê*, elles se amavam uns aos outros. O verbo *nhô nupã*, bater-se um ao outro; *o nhô nupã cury*, elles se baterão uns aos outros.

57.—O gerundio supino, bem como os participios nominaes são de grande valor no tupi. O gerundio supino se fórma com a posposição ao thema da particula *bo* ou *abo* ou *uabo*. Ex.: *çaiçú*, amar, *çaiçu-abo*, amando; *uatá*, andar, passear, *uatá-bo*, passeiando; *jaceó*, chorar, *jaceó-uabo*, chorando.

Os participios nominaes se fórmam com os suffixos *çára* ou *çaba*. Ex.: *çaiçúçara*, aquelle que ama, o amante, o amador; *çaiçuçaba*, onde se ama, o amor, o tempo de amar, o modo de amar; *uatáçára*, o viajante, o caminheiro; *uataçaba*, a viagem, o passeio.

Nos verbos terminados em *r*, o gerundio supino de fórma com a syncope do *r*. Ex.: *jebyr*, voltear, *jebybo*, volteando. Nos verbos que terminam por uma vogal nazal accentuada, o gerundio supino se faz em *mo*. Ex.: *kaê*, seccar; *kaêmo*, seccando; *apirõ*, soluçar; *apirõ-mo*, soluçando. Nos verbos terminados em *m*, o gerundío supino como os participios se fórmam com os suffixos *a* ou *ba*, *bara* e *baba*. Ex.: o verbo *pem*, aguçar, fazer esquina, atravessar; *pem-a* ou *pem-ba*, aguçando, fazendo esquina, atravessando; *pem-bara*, o que aguça, o que atravessa; *pem-baba*, o angulo, a esquina.

Os verbos terminados em *n* fazem o gerundio em *a* ou *da*. Ex.: *apin*, pellar, raspar, *apin-a* ou *apin-da*, pellando ou raspando. Os participios nominaes se fórmam com os suffixos *dara*, *daba*; assim *apin-dara*, o que pella, o pelador; *apin-daba*, onde se pella, o tempo de pellar, a raspação.

Os themas terminados em *ng* fórmam o gerundio em *a*, como *monhang*, fazer, *monhang-a*, fazendo. Os participios nominaes fazem-se em *ára* e *aba*, como *monhang-ára*, o que faz,

gundo a gamma dos themas. Ex.: *semi juká*, o que elle matou; *temimboé*, o discipulo, o ensinado; *temerikô*, a esposa ou a desposada.

60—No tupi, o substantivo, os adjectivos, os verbos no infinito, os participios fórmam diversos tempos com o emprego dos suffixos *coéra*, *rama*, e dos suffixos compostos: *coérarama*, *rangué*. Ex.: *pirá-coéra*, o peixe que foi ou, extincto; *pirá-rama*, o peixe que ha de ser; *pirá-coérama*, o peixe que seja; *pirá-rangué*, o peixe que seria; *o-juká-baerama*, aquelle que está para se matar; *y-juká-pyrama*, o que está para ser morto, ou a victima.

Ainda conforme a gamma dos themas, os suffixos empregados se alteram para *puéra* ou *boéra* e *guama*. Ex.: *taba*, a aldêa, *tapéra* ou *taguera*, aldêa extincta; *taguama*, aldêa que será; *tuba*, pae, *tuguera*, pae fallecido, *tu-guama*, pae vindouro.

61—A particula *guára*, sem duvida procedente de *t'ekuara*, participio nominal de *t'icô*, ser, com os seus tempos: *guaréra* e *guarama* são de uso frequente na formação dos nomes tupis. Ex.: *s'oba y-guara* ou *çobayguara*, estando em face ou defronte delle, o que vem de outra banda, o que está da banda de além, o extrangeiro; *amu tetamaguara*, aquelle de outra terra ou patria, o forasteiro; *Paraguay-i-guara*, o paraguayo; *yby-pe-guara* sendo da mesma terra, o conterraneo; *pará-peguara*, sendo do mar, ou o maritimo; *amúyby-pe-guaréra*, aquelles que ficaram na terra; *oca-munhã guarama*, casa para fazer-se.

62—As posposições no tupi equivalem ás preposições das linguas cultas, e são, muitas vezes verdadeiros suffixos.

A posposição *i*, á, para, em. Ex.: *apir-i*, no cume, no auge; *pyta-i*, ao pé.

Be ou *me*, a, para. Ex.: *che-be*, a mim; *pêe-me*, a vós.

Bo, *mo*, em, por. Ex.: *ichê-bo*, a mim; *o-ti-mo*, ao nariz.

Pe, *me*, a, em, para, com. Ex.: *Nhu-me*, no campo; *Camamú-pe*, ao Camamû; *Taguay-pe*, para o rio amarello ou no rio amarello.

Pypé, *mbypé*, a, em, com, que tambem se escreve *pupé* ou *popê*. Ex.: *ygara-pupé*, na canôa; *ce róca pupé*, na minha casa; *ce acan mbypé*, na minha cabeça.

Koti, para, até, tambem escripto *hety* e *keté*. Ex.: *mairy kité*, em direcção á cidade; *che coty*, para mim.

Piry ou *pére*, *pire*, para, com, em casa de. Ex.: *Cunhambebe-pire*, em casa de Cunhambebe.

Riré, depois. Ex.: *ara-riré*, depois do dia.

Opé ou *upé*, a, para, em. Ex.: *Jundiahy mairy upé*, na cidade de Jundiahy.

Guirá nheen.
Minha terra tem palmeiras.
Ce retama orecô pindóetá.

66—No tupi não se póde como no latim ou no portuguez exprimir a oração por uma só palavra, porque os verbos não variando de terminação exigem a presença dos pronomes, não obstante os prefixos que assignalam as pessoas. Ex.: *amo*, no tupi se diz: *cha çaicú*, eu amo.

A ordem directa é a natural na construcção da phrase tupi, mas arranjada de modo que as preposições e conjuncções vão para o fim e sempre após o thema regido.

Ex: *O caçador e o cão entraram no matto.*

No tupy se deve dispôr deste modo:

Caçador e cão entraram matto no: *camonoçára yauára irumo oikêana caá opé.*

E' como se dissesse: caçador, cão juntos entraram matto dentro.

Dêmos mais alguns exemplos:

Minha terra tem palmeiras.
Ce retama orecô pindóetá
Onde canta o sabiá
Mâmé çabiá onheen,
As aves que aqui gorgeiam
Guirá onheengare iké uaá
Não gorgeiam como lá
Inti aetá onheen aépe iauê

Ex.: *Aos socios do Instituto offerece o auctor.*
A phrase se deve dispôr:
Instituto socios para offerece auctor:
Instituto irumogoara supê omehen monhangara.

Observa-se na verdade que o tupi, como *lingua geral*, ganhára em vocalisação, tornára-se menos fanhoso ou nazal, e simplificaram-se-lhe as palavras, cahindo grande numero de sons asperos ou gutturaes. A gamma das vogaes se reduziu a um minimo a que o proprio portuguez não escapou.

68—Quando, emfim, o tupi cede o passo ao portuguez e desapparece até dentre as populações do campo, o residuo que delle perdurou nas denominações dos utensis, das plantas, animaes e das localidades, trouxe já de época remota as alterações phonicas que bem evidenciam a força assimiladora, cedo exercida pela lingua culta que ficou predominando. Assim é que as consoantes duplas: *mb*, *nb*, *nt*, participantes de uma branda nazalação, se desdobraram ou se reduziram a uma consoante simples, dizendo-se então: *baé* ou *maé* por *mbaé*; *boy* ou *moy* por *mboy*; *enê* por *ndê*; *nitio* ou *inti* por *ntio*. Os nomes geographicos: *Baependy*, *Maecurú*, *Boypeba*, *Mogy* ou *Moygy*, *Antimary*, são frisantes exemplos.

69—Tambem o som nasal final em *an* ou *on* tomou logo o timbre portuguez em *ão*, dizendo por isso *Maranhão* por *Maranan* ou *Maranã*; *Banharão* por *Mbaénharon*; *Jaguarão* por *Jaguanharon*.

Mais geralmente, porém, o som nasal em *ã* ou *an* final dos vocabulos tupis, transformou-se, sob a influencia do portuguez, em *á* agudo, dizendo-se, por exemplo: *Paraná* por *Paranã*, *Guayaná* por *Guayanã*, *irapuá* por *irapuan*.

70—Observa-se a mesma alteração com o som nasal *im* ou *î*, do final de certos vocabulos, como por exemplo: *poti* por *potim* ou *poty*, o camarão; *camocim ou cambucim*, cantaro, passou a ser pronunciado, *camoci ou cambocy*, *tuyutim*, lameiro branco, pronunciou-se *tuyuty*.

Os nomes: *Butantan*, *Bupeva* não são senão corruptellas de *Yby-tantan* e *Yby-peba*, explicaveis do mesmo modo e significando a primeira, *terra firme* ou *dure*, e a segunda, *planicie* ou *terra-chã*.

Mas não obstante essa tendencia corruptora, evidenciada desde seculos, o nome *Yby*, como radical, tem resistido intacto ou apenas modificado, na sua graphia verdadeira, em certos vocabulos para cuja composição concorre, dizendo-se, por exemplo: *Ibitinga*, por *Yby-tinga*, terra branca; *Ibiapaba*, por *Yby-a-paua*, chapado ou planalto.

71—A vogal *ê*, com accento tonico na penultima syllaba dos vocabulos tupis, passou a valer pelo diphtongo *ei*, dizendo-se commummente: *capueira* por *caapuêra*; *ipueira* por *ypuêra*; *pereira* por *pyrêra*.

ponto de se dizer no Ceará *Acaracú*, por *Acarahú* ou *Acarahy*, donde procede a tão debatida denominação *Caracú* dada a uma variedade de gado bovino, nos sertões do centro e do Sul do Brazil.

Não raro, o *y* inicial e médio de certos vocabulos tupis se alterou tambem para *o*, escrevendo-se muitas vezes *Otinga* por *Utinga*, ou melhor *Ytinga*, agua branca; *Oriçanga* ou *Ouriçanga* por *U-röyçang* ou *Y-royçanga*, agua fria; *Paraopeba* por *Pará-u-peba*, ou melhor *Para-y-peba*, rio de agua rasa.

Em documentos de 1720 a 1723, publicados no *Archivo do Estado de S. Paulo*, sob a direcção do nosso consocio dr. Antonio de Toledo Piza, se lê o nome da cidade de *Ytú* com a graphia *Outú* o que bem revela que, nessa época, ainda passava pelo cadinho da assimilação a difficil guttural *y*.

76—*Yby*, a terra, o sólo, de que a vocalisação imperfeita do *y* grego entre os portuguezes, cedo corrompeu a prosodia do vocabulo dizendo-se, ora *ibi*, como se verifica nos nomes: *ibiapina*, terra calva ou pellada; *ibicui*, areia; ora *ubu* (1), que, pela apherese do *u* da primeira syllaba, se reduziu a *bu* e ainda a *bo*. Esta ultima corruptella, ja se notava em fins do seculo XVI. Na Historia do Brazil de Frei Vicente Salvador, escripta em 1627, já se lê o nome da serra interposta ao Ceará e Piauhy com a graphia *Boapaba* por *Ibiapaba*. O nome *bossoroca* que outros ainda dizem *vossorôca* procede de corruptella identica. Em vez de *Ybi-soroc*, terra rasgada ou fendida, se passou a dizer a principio *ubu-soroc* e depois, pela aphérese do primeiro *u*, *bu-soroc* e dahi *bossoroca* ou *vossoroca*, como é hoje vulgar.

77—*Ybytú*, o vento, o ar, o clima, a nuvem é vocabulo composto de *Yby*, terra, e de *tú* golpe, tombo, impulso, quéda, soffreu desde cedo as mesmas corruptellas do seu radical, já anteriormente apontadas.

A principio se pronunciava alterado em *ibitu*, *ibutu* ou *ubutú*, mas depois, pela queda da primeira syllaba, se passou a dizer *bitu* ou *butu* e ainda *botú* ou *votú*.

Em documentos antigos, dos seculos XVII e XVIII se encontram especimens das ditas corruptellas. O nome *Botucavarú* é disso notavel exemplo.

No ultimo quartel do seculo passado, deram os habitantes de Sorocaba de buscar minas de ouro para os lados da Serra do Mar, de cujo cimo divisavam em longinquo horisonte altissi-

---

(1) O conselheiro Martim Francisco, o velho, no seu Diario de uma Viagem Mineralogica (R. I. Hist. tom. 9.°. p. 527) refere haver colhido no Juquiá sementes de *ubucaiba*. E' a mesma *yby-cuyba* do outros logares do Brazil.

gueada, razão porque em alguns logares são taes larvas conhecidas por *lagartas de fogo*.

Não raro, a corrupção do vocabulo *tatá* se dá pela paragoge accrescentando-se um *u* no fim, e dizendo-se por exemplo: *Tatauhy*, por *Tatá-hy*, que quer dizer *rio do fogo*.

79—Examinemos agora os vocabulos tupis com accepção geographica, de emprego mais frequente e cuja corrupção mais convém conhecer.

Comecemos pelas denominações applicadas á terra e aos varios aspectos do seu relevo.

Já vimos que o vocabulo *yby*, a terra, o sólo, estando independente na phrase, guardou a fórma *ibi*, mas entrando na composição de outros vocabulos se alterou para *ubú*, *bú*, *bó* ou *ró*.

80—A terra elevada, ou uma simples elevação, se diz no tupy *itira* ou *atyra*, que mais propriamente quer dizer cabeço, montão, cumulo. Este vocabulo entra na composição de muitos outros, e, por effeito dos metaplasmas, apparece, não raro, alterado para *tyra*, *tyr*, *try* e *tra*, e ainda em *tura*, *tur*, como se verifica dos nomes: *Ibityra*, *Tripui*, *Trapuá*, *Turuna*, que não são senão *Iby-atyra*, terra elevada; *Ityra-poí*, monte delgado ou estreito; *Ityra-puã*, cabeço redondo; *Ityr-una*, cabeço escuro, altura negra.

81—A montanha, ou serro elevado se diz no tupi *yby-tyra*, que como acima dissemos se decompõe em *yby-ityra*, isto é, *elevação da terra* ou *terra alta*. A alteração metaplastica desse vocabulo é a mesma dos seus elementos componentes (veja-se 76 e 80); por isso, é frequente encontrarem-se denominações de logares com as graphias do radical: *butur*, *ibitur*, *bitur*, fórmas alteradas de *ybytyra*, as quaes se não devem confundir com as do vocabulo *ybytú*, que, como se vê do § 77, não encerram o *r*, aliás persistente nas alterações do vocabulo *Ybytyra*. Os nomes *Buturuna* ou *Voturuna* e *Ibituruna*, por exemplo, são identicos, encerrando os mesmos elementos correspondentes: *Ybytyra-una*, que quer dizer *monte negro*.

O nome *voturantim*, do conhecido salto do rio Sorocaba, é corruptéla do *Ybytyrantim*, de que o primeiro vocabulo se alterou para *butura* ou *votura*, e o segundo não é senão a fórma contracta de *tinga*, branco, branca, commum no dialecto guarany que chegou até S. Paulo.

Portanto, *voturantim* significa mui propriamente: *montanha branca*, pois que o salto de Sorocaba, neste logar, não é mais do que uma encosta alta, coberta de um alvo manto de espumas.

tupi: *porapora-eyma*, que litteralmente significa *sem habitantes*, donde, por conhecida corruptéla, vem o nome *Borborema*, da elevada serrania que, como uma extensa chapada, se extende desde o Rio Grande do Norte, através da Parahyba até Pernambuco.

86—O sertão, o territorio interior desconhecido, para onde se refugiaram as tribus *tapuyas* expellidas do littoral, se dizia no tupi: *Tapuyrama*, cuja traducção é: *região dos tapuyas* ou *dos barbaros*.

87—O campo, o terreno naturalmente despido de vegetação arborescente se denomina *nhû*, que a corruptéla alterou muitas vezes para *inhum* e até para *nu*. Os nomes *Inhumirim* e *Nuporanga* são exemplos dessa alteração do primitivo vocabulo, devendo-se escrever *nhumirim*, campinho, *nhuporanga* campo bello.

O conhecido vocabulo *jundú* usado ainda hoje á beira-mar, para designar uma zona adjacente á praia propriamente dita, e já invadida pela vegetação, mas que nem é praia, nem matto, é uma corruptéla de *nhu-tu*, que quer dizer: *campo sujo*, alterado para *inhuntu*, e mais tarde para *jundú*.

88—O matto espinhento, retorcido e aspero, que cobre uma terra arenosa e quasi esteril, dominando largas extensões no territorio brasileiro, denominava-se no tupi: *caatinga*, matto branco, de que procede o vocabulo *catinga*, affeiçoado já ao portuguez e muito commummente empregado no Norte do Brasil, mas, de facto, bastante expressivo, porque pinta o aspecto particular dessa vegetação, no tom geral, acinzentada e esbranquiçada.

No interior de S. Paulo, dá-se ao matto rasteiro, espinhento e mui fechado a denominação *catanduva*, procedente do tupi *caa-ãtan-dyba*, que se traduz: *matagal rijo*, *aspero*.

Ao matto ralo, como o *cerrado*, se denominava no tupi *caacatú*, que se traduz: *matto bom* ou *accessivel*.

A matta virgem, corpulenta, denominava-se *caá-etê*,, que quer dizer *matto verdadeiro*, com que se designam, no paiz, varias localidades e que o vulgo tem alterado para *caité* ou *caheté*.

Ao matto que se renova sobre os destroços de uma matta primitiva, dava-se o nome *caa-poêra*, de que a corruptéla fez *capueira*, que significa *matto extincto*.

A' entrada da matta, ou o sitio em que a estrada penetra na floresta, se dava o nome *caa-jurú*, bocca da matta, com que se conhece no Brazil não poucas localidades.

O matto que cresce ilhado no meio do campo denominava-se *caa-pãu*, ilha de matto, de que procede o vocabulo *capão*,

hoje geralmente adoptado no Brasil para significar essa fórma de vegetação. Algumas vezes se diz tambem *capuão*, mas já derivado do vocabulo tupi *caá-apoan*, matto redondo, e podendo significar um *oasis*.

89.—No Brasil central, é commum denominar-se *araxá* aos chapadões que se extendem mais ou menos ondeados entre as bacias fluviaes. Couto de Magalhães é de parecer que esse vocabulo vem do tupi-guarany e quer dizer: *ver o dia*, decompondo-se em *ara*, dia, tempo, luz, e por extensão o sol, e *echá* que no guarany significa *ver, observar, avistar*.

O *araxá* é, portanto, a região elevada donde primeiro se vê o dia, ou se observa o despontar do sol.

90.—A cordilheira ou serrania se diz no tupi *Ybytyruçú* que o vulgo depois alterou para *buturuçú* ou *bitiruçú*. Ao volcão ou montanha que estoura e se fende deram o nome *Ybytypoca*.

91.—Riquissimo é o vocabulario tupi nas denominações hydrographicas. Não tinha, porém, vocabulo primitivo para designar o *mar*, o que faz suppôr que os povos desta lingua procediam de uma região interior. Chamavam ao rio de certo volume *pará*, e como consideravam o mar como um immenso rio, cuja outra margem não descobriam, deram-lhe o nome *Paranã*, que é o mesmo que *pará-nã*, rio enorme, grosso, e que alguns traduzem tambem por *parente do rio*, no que ha confusão, pois que a particula final *anã* ou *nã*, que significa: espesso, grosso, enorme, ou tantas vezes, não se deve confundir com o vocabulo *anama*, que de facto se traduz por *parente, semelhante*.

92.—O vocabulo *pará*, de emprego communissimo na geographia nacional, não soffreu alteração senão no seu composto *paranã*. Algumas corrupções como *Praçatú* por *Pará-catú*, rio bom, não tiveram curso. Assim é que a palavra *pará* se mantem intangivel nos vocabulos: *parahyba* ou *pará-ahyba*, rio ruim, ou impraticavel pelos obstaculos naturaes do seu leito; *parahupeba* ou *pará-y-peba*, rio de agua raza; *parahytinga* ou *pará-y-tinga*, rio de agua branca; *parahybuna* ou *Pará-yb-una*, rio de agua preta; *parahypitanga* ou *pará-y-pitanga*, rio de agua vermelha.

93.—A palavra *paranã*, sob a influencia do portuguez, alterou-se bem depressa, nos seus compostos. Por syncope do *a* no meio da palavra, passou-se a dizer *parnã*. E em documentos antiquissimos já se encontra esta ultima corruptéla modificada para *pernã* entre portuguezes e para *fernã* entre os francezes. Os primeiros fizeram de *Paranã-buc*, Pernambuco, e os segundos *Fernambouc*.

A palavra *parnahyba*, corruptéla de *paranã-ahyba*, commumente empregada como *parnahyba* para designar, nos grandes

rios, os trechos impraticaveis, onde a navegação se torna impossivel, tambem se encontra em antigos documentos com a graphia *Pernahyba* (1).

Assim tambem o nome *Paranagoá*, que ora se lê *Parnaguá*, ora *Pernaguá*; *Parnamirim* por *paranã-mirim*, mar pequeno.

94.—Ao mar largo, ao oceano, davam os tupis o nome *paranãoçú*, como chamavam *paranagoá* ao golfo, ou bahia grande, pois que tal palavra outra cousa não é senão *paranã-guá*, que litteralmente se traduz: bacia do mar, ou baixada do mar.

Por esse motivo se encontra entre os Tupinambás o nome *Paranã-goá-çú* ou *Pará-guá-oçú* applicado á bahia que os portuguezes ao depois chamaram de *Todos os Santos*.

O nome *Paranagoá*, applicado á grande bahia que se abre ao sul de Cananéa é disso frisante prova.

95.—Confundiam muitas vezes os tupis a barra ou foz de um grande rio com a barra ou entrada de um golfo ou bahia, denominando-a *pará*. Os portuguezes e seus navegadores do seculo XVI assim tambem o faziam, como se verifica de velhos roteiros, chamando *rio de Janeiro*, *rio de São Vicente*, *rio dos Innocentes*, *rio de Cananéa*, as barras das bahias daquelles nomes.

Os francezes faziam o mesmo. João de Lery, que foi um dos povoadores da *França Antarctica*, do famoso Villegaignon, datava as suas cartas de *Rivière de Goanabara*, e foi o primeiro que nos transmittiu essa denominação dada ao logar pelos tupis, e que hoje erroneamente se pronuncia *Guanabára*, com o accento tonico na penultima syllaba, quando devia estar na ultima, respeitando-se a prosodia franceza.

De facto, *Guanabara*, ou mais correctamente *Goanabará* não é senão o composto de dois vocabulos tupis: *Guanã-bará*, que é o mesmo que *Guanã-pará*, tendo-se-lhe abrandado o *p* para *b*, por estar precedido de uma syllaba nazal.

O vocabulo *Goanã*, *Goá-nã*, significa bacia ampla, enorme, e tambem *bahia*, e, portanto, *Goanã-pará* quer dizer: rio da bahia ou barra da bahia.

96.—A agua, como os cursos d'agua ordinarios, se designavam pelo vocabulo *y* ou *hy* ou *yg*, de que já anteriormente tratamos, e que entra na composição da grande maioria das denominações hydrographicas. Aos estuarios, lagamares e bahias fluviaes se dava o nome *Ygoá* ou *Ygoape*, e aos estuarios grandes *Ygoá-goaçá*, donde procede a confusa denominação *Yvaiwassupe* que Hans Staden nos transmittiu, como o verdadeiro nome entre

(1) Archivo do Estado de S. Paulo, vol. 3.º pag. 62.

O nome *Yapi*, da serra elevada, vizinha da cidade de Jundiahy, equivale, pois, a *cabeceiras* ou *vertentes*, é como se dissesse: serra das vertentes ou das cabeceiras.

O vocabulo *goapira*, tão commummente empregado em S. Paulo, é o mesmo que *goá-apira* e se traduz *cabeceira do valle*.

102.—Aos regatos, arroios, ou riachos se dava o nome *ycanga* e tambem *yembó* que se traduzem litteralmente: cabeça de agua ou principio de rio, e fio de agua. O segundo vocabulo apparece muitas vezes alterado em *yembú*, quando entra na composição de outros nomes, como, por exemplo: *Pacaembú*, por *Pacayembó*, arroio das pacas.

Os nomes *Taquarembó*, *Acarembó* não são senão corruptélas de *Taquara-yembó*, arroio das taquaras, *Acará-yembó*, arroio dos acarás.

O nome *Ibó*, tão commum no valle de S. Francisco, tambem é alteração de *yembó* e significa *riacho*, *regato*

103.—Dava-se aos mananciaes, ás fontes, ou nascentes o nome *ypú*, que, no norte do Brasil tão parcamente irrigado, se conhece por *olho d'agua*, e representa alli importantissimo papel na distribuição dos povos.

O mesmo vocabulo apparece algumas vezes com a fórmula *ybú*, entrando na composição de outro, como se verifica do nome *Putribú*, da povoação antiga, situada entre Ytú e Sorocaba, e que, de certo, provém da corruptéla de *Potyra-ybú*, que se traduz: fonte das flôres.

Se a graphia *Apoteroby*, usada em velhos documentos, já nos chega viciada, como é bem possivel, o nome *Putribú* passou primeiro pela corruptéla *Apotera-obú*, aliás procedente ainda de *Potyra-ybú*.

104.—Aos accidentes do leito do rio, affectando o curso das aguas, como por exemplo: ao salto ou cataracta se denominava *Ytú*; a cachoeira com agua impetuosa *itupeva* ou *Ycirica*, e, dada a especial pronuncia do primeiro *c*, que é antes chiado, se formou a variante *Yxirica*, de que procede *Yxiririca* ou *Xiririca*, por apherese do *y* inicial; aos rapidos e correntezas *pyryrica* ou *pyryri* de que provém *byryri* ou *burury* e ainda *bariry*; aos recifes e travessões, provocando sensivel desnivelamento da corrente *itaipaba*, ou, como hoje se diz, *itaipava*; aos redomoinhos ou remansos *yerê*; á confluencia dos rios *yecêaba*; á foz ou bocca do rio, *ymbiaçá* ou *imbiaçaba*; ao porto ou desembarcadouro, *peaçá*; ao rio grande, ou trecho largo do mesmo rio, *yrietê*.

105.—Tambem designava-se agua, o liquido, o vapor pelo vocabulo *ti*, com o qual se formaram varias denominações, como *Ti-eté*, agua ou corrente verdadeira, volumosa, nome na verdade

Ao *ambar* que, segundo os chronistas e viajantes, muito abundou nas nossas prais, davam os selvagens o nome de *pirá-poan-re-poti*, esterco de baleia, porque suppunham ser essa substancia uma excreção desse cetaceo. Chamavam *jukyra* ao sal; *jukyratyba* á salina ou a mina de sal, e *jukyry* á agua salobra. A toda a argila branca e pura davam o nome de *tabatinga* ou *tabatinga;* á amarella *tauá* ou *tayuá;* á vermelha ou corada *tapitanga.*

Nas regiões centraes onde a mineração mais se desenvolveu, como em Minas Geraes, appareceu logo uma technologia mineira de procedencia tupi, porque, como o dissemos, os primeiros exploradores destas paragens, os bandeirantes, eram em sua maioria de descendencia tupi e fallavam o tupi.

Assim é que denominavam *jacutinga,* á rocha friavel argilosa servindo de jazida ao ouro entre a rocha de *itabirita,* talvez pela sua semelhança de coloração com a ave conhecida do genero Penelope. Davam o nome de *canga* ou *acanga* que quer dizer *cabeça,* á parte superior ou ao topo do veeiro. Chamavam *tapanhunacanga (tupuyuna,* o negro, *acanga,* cabeça) isto é, *cabeça de negro,* a uma formação constituida por uma crosta negra de hydrato de ferro, cheia de concreções ôcas do mesmo hydrato, e com as paredes interiores cobertas de crystallisações da mesma substancia. Denominavam *guápiara* ao cascalho diamantino que cobre o solo em certos logares de mineração, isto é, da barranca dos ribeiros e do leito destes.

A corruptéla alterou-o para *gupiára* ou *grupiára.*

Voltemos, porém, á palavra *itá* que, entre os catachumenos e os homens do campo fallando o tupi, passou a representar os objectos metallicos de procedencia extrangeira. Assim é que se denominava *itá-maracá,* ao sino, por elles equiparado ao chocalho de pedra ou de ferro, e que desde os primeiros annos da conquista serviu para designar a maior das ilhas da costa de Pernambuco, e uma das capitanias creadas por d. João III e concedida a Pero Lopes de Souza. O nome *Itamaracá,* cedo, porém, se alterou para *Tamaracá,* apparecendo com esta graphia no Roteiro do Brasil de Gabriel Soares, nas chronicas do seculo XVII, nas cartas hollandezas desse tempo. Chamavam ao campanario *itaim,* ou *itahi,* nome com que se designam alguns rios e localidades do Brasil.

A' cadeia ou corrente de ferro denominavam *itá-chama;* ao arame ou fio de ferro, *itá-nimbô;* á barra de ferro *itá-pucú.*

A' cruz de ferro denominavam commummente *itá-curuçá,* que tambem se póde entender por *cruz de pedra.*

A's construcções de pedra davam o nome de *ita-oca,* que

grande ou veado, que outros chamam simplesmemte *guaçú*; *suan* por *çoó-an*, a vertebra do animal, onde se presume estar a vida dos animaes: *saruê*, *sarigué*, por *çoó-r-iguê* animal dotado de sacco, o marsupio conhecido; *sussuarana* por *çoó-açú-arana* que quer dizer *tirando a veado*, appellido de uma onça parda, da mesma côr do veado; *sussuapára* por *çoó-açu-apara*, veado galheiro, ou dotado de grandes aspas; *sussuy*, por *çoó-açú-im*, veado campeiro; *suassú-birá*, por *coó-açu-berá*, veado lustroso ou luzido: *suaçú-pitã*, veado vermelho ou mateiro.

A geographia do paiz reflectiu tambem com mais ou menos precisão a fauna regional. Os nomes de localidades e rios como *Jaguar-y*, rio da onça: *Jaguamimbaba*, cães mansos; *Jaguarahyba*, cães ruins; *Jaguaretê*, onça verdadeira, lembram a abundancia ou frequencia dos felinos, ou a presença dos cães já introduzidos pelos europeus e que os selvagens tanto apreciaram depois.

As denominações: *Cótia* por *Aguti*; *Apereá-tuba*, abundancia de préas; *Paca-tuba*, abundancia de paccas; *Capivar-y* por *Caapiguar-y*, rio das capivaras; *Guabirútuba*, abundancia de ratos; *Tapeti*, o coelho, lembram os *Roedores* dos mais bem representados na fauna do paiz.

Os nomes *Tatú-yby*, terra dos tatús que foi a denominação primeira do arraial que é hoje a cidade da Limeira; *Tatú-hy*, rio dos tatús; *Tamanduá*, applicada a uma villa de Minas-Geraes: *Tamanduá-tey*, tamanduá grande, recordam os *Desdentados*, pelos mais caracteristicos representantes.

As localidades e rios com os nomes: *Tayaçú* ou *Tanha-oçú*, *dente grande* ou porco do matto: *Catête*, *Caetetú* por *Taitetú*, porco de canella ruiva; *Tapira*, ás vezes alterado para *Tabira* e até *Itábira*, a anta; *Tapira-apé*, vereda das antas; *Tapira-hy*, rio das antas, exprimem que nessas paragens abundavam os pachydermas americanos.

Os logares denominados: *Guarapá-r-y* ou *Guaraguá-r-y*, rio do peixe-boi; *Pirá-puan*, a baleia, recordam os cetaceos mais abundantes nos mares brasilicos.

As localidades conhecidas por *Guará-tyba*, a passarada, ou abundancia de aves: *Guará-hy*, rio dos passaros; *Guaratinga-etá*, as garças; *Arara-quára*, paradeiro das araras: *Yurujuba*, por *Ajurú-yuba*, papagaios amarellos; *Paraguá-y*, rio dos papagaios: *Cia-rá*, casta de papagaio ou como erroneamente disse José de Alencar, canto da jandaia: *Graúna*, por *Guirá-una*, passaro preto; *Inhambu-y*, rios dos inambús; *Jacú-tinga*, jacú branco ou manchado de branco, e tantos outros, lembram a nossa riqueza ornithologica.

industria rudimentar, os seus usos e costumes em sociedade tambem concorreram para as denominações geographiças do paiz.

Estudemos este assumpto com mais vagar e havemos de verificar quão larga foi o cópia de nomes e palavras que dahi passaram para a geographia e para a linguagem commum, alguns já assimilados, outros resistindo ainda á força modeladora da lingua culta prevalecente.

A noção de patria não a tinham os tupis como hoje a temos. Designavam a patria como synonimo de *terra da propria habitação—Tetama.* Assim, diziam *Tupi-retama,* patria ou região dos Tupis; *Tapuyretama,* ou por abreviação *Tapuy-rama,* região dos Tapuyas; *Pindó-retama,* ou *Pindórama,* região das palmeiras; *Urubu-retama,* nome de uma localidade no Ceará, quer dizer região dos urubús; *Ibotirama,* terra ou paiz das flôres.

Ao natural do mesmo paiz, ao conterraneo, chamavam *cetamagóara,* que quer dizer habitante da minha terra e ao extrangeiro davam o nome *çobay-goára,* que significa: habitante de outra banda, e outras vezes *amoaba-retama-goára,* significando gente habitadora de outra terra. Não raro, por abreviar, diziam simplesmente *amoaba,* para designar o extranho ou o forasteiro.

O nome *emboaba* não terá vindo de uma simples corruptéla de *amoába* ou *amboaba?* E' bem provavel; tanto mais que só se applicava ao extrangeiro ou ao portuguez principalmente, porque este era quasi o unico na colonia, onde só entravam os de outras nacionalidades com licença especial.

Este nome que se tornou celebre na historia do descobrimento das minas, designando com um cunho nativista o elemento extrangeiro que affluiu numeroso dos portos do littoral para disputar aos paulistas o ouro por elles descoberto em Minas, não exprime, de facto, senão o despeito do nacional contra o forasteiro. Dizer—*guerra dos emboabas*—vale o mesmo que dizer—*guerra contra o extrangeiro* ou *o intruso.*

Outra hypothese admissivel é a que faz derivar o nome *emboaba* do tupi *mbóaba,* de que se fez por corruptéla *boava* e significa *vestido, coberto,* em allusão a se apresentarem os portuguezes ou extrangeiros trajando roupas desconhecidas e calçando largas botas para se protegerem contra os espinhos e os reptis.

111.—Para indicar-se a procedencia de um individuo qualquer usava-se tambem o suffixo *guára,* juncto ao nome da terra ou paiz da procedencia. Assim é que diziam: *Brazi-guára,* ou Brazileiro; *Paraguay-guára,* o Paraguayo; *Piauhy-guára,* o Piauhyense.

Tambem com os suffixos: *boc, oc, uc, ua* indicavam a procedencia do individuo.

Depois da invasão dos europeus e durante a catechese e colonisação muitos nomes se formaram traduzindo relações novas, e exprimindo a mescla das raças em presença.

Ao homem branco, quando tratado em bôa parte, denominava-se *caray*, e segundo os dialectos: *cariba* ou *carahiba*, cujo significado é: *superior, forte, sabio, santo,* pois que attribuiam aos europeus faculdades extraordinarias.

Ao descendente do branco denominava *cariboc*, que quer dizer tirado ou procedente do europeu, donde se origina, por corruptéla, o nome *curiboca* tão usado no norte do Brazil para designar o mestiço que traz nas veias o sangue do branco.

O nome *carioca*, com que ainda hoje se designam os naturaes da cidade do Rio de Janeiro tem a mesma origem e significado, *cari-oc* ou *cari-boc*.

Assim tambem o nome *carijó*, que alguns chronistas hespanhóes escreveram *cario* e que na verdade se deve escrever *cariyó*, fórma contracta de *cari-yoc*, quer dizer—o que vem do branco ou de um povo superior,

Ao gentio manso, ou reduzido à civilisação, se começou desde logo a denominar *caa-boc*, que quer dizer—tirado ou procedente do matto, donde nos veiu o vocabulo *cabôco*, como ainda hoje o pronuncia o homem rustico, ou *cabloco*, como ja adoptou o portuguez-brasilico.

Ao mixtiço, oriundo do branco e do selvagem, deu-se nos primeiros tempos o nome de *mamaluco*, que é como se lê em Gandavo (1576), em frei Vicente do Salvador, (1627) e em Simão de Vasconcellos, (1662). Só mais tarde é que se começou a pronunciar *mameluco*, confundindo-se com a denominação dada aos soldados escravos do sultão El Malek-el Saleh da terra do Egypto.

E', porém, de procedencia tupi e não moura, o nome *mamaluco* tal como ainda hoje o pronuncia o homem do sertão.

A uma velha sertaneja, agóra moradora em S. Paulo, onvi uma vez esta phrase bastante expressiva: « . . . milho branco com milho vermelho sae *mamaluco*. . . »

Donde se conclúe que para o homem do interior o nome *mamaluco* guardou a primitiva e unica verdadeira significação, continuando synonimo de *mixturado* ou *mixtiço*. Ha, com effeito no tupi o vocabulo *mamã-ruca* que se decompõe em *mamã*, mixturar, dobrar, abraçar, e *ruca* ou *yrunca*, que quer dizer tirar. O appellido historico se traduz, pois—*tirado da mixtura*, ou de *procedencia mixta*. Não é mister grande esforço para se explicar como de *mama-ruca* se fez *mamaluco*, segundo o escreveram os primeiros historiadores e depois *mameluco* como em geral se adoptou.

Não raro se empregava entre os tupis e europeus que falavam a lingua geral, o suffixo *ua*, fórma contracta de *ruca* ou *Iruuca*, para formar nomes indicativos da origem ou nascimento do individuo, Dizia-se, por exemplo, *piraty-ua*, para significar oriundo de Piraty, nome primitivo da actual cidade de *Paraty; Mairy-úa*, oriundo ou procedente da cidade; *Caetéûa*, oriundo das mattas.

112.—As construcções do gentio eram toscas e rudimentares como as de um povo na infancia social. As suas casas *oka* muitas vezes de vastas proporções, e cobertas de folhas de sapé ou palma, e fechadas com estacas, tinham capacidade para muitos moradores *okape-guara*. Dispostas em torno de uma praça ou terreno rectangular *okára*, e externamente envolvidas por uma estacada ou, ás vezes, por uma trincheira de folhagem ou feita de tranqueiras retiradas das queimadas, *caiçára*, constituiam a aldêa —*taba* ou *táua*.

Entraram estes nomes em larga cópia na geographia nacional, concorrendo para a denominação dos logares, como, por exemplo: *Tupana-roka*, casa de Deus ou egreja; *Itáoca*, casa de pedra; *Oka-una*, casa negra; *Okomorôtim* ou *Oka-tim*, casa branca; *Buriki-oka*, paradeiro dos macacos; *Merú-oka*, paradeiro das moscas; *Tijy-oka*, paradeiro das espumas, pelas muitas que se encontram naquella ponta de terra firme á entrada do Pará.

No territorio do Rio de Janeiro se encontram ainda os nomes *Ocaruçú* (*Ocára-oçú*), praça ou terreiro grande applicado á ponta ou cabo proximo da cidade de Paraty; *Itá-okara*, terreiro de pedra.

Na Bahia encontram-se os nomes *Tapagype (Tabagy-pe)*, que se traduz—no rio da aldêa; *Tapéra*, equivalente a *Taba-oéra*, aldêa velha ou em ruina; *Taperoá* ou *Taperaguá*, valle da aldêa velha.

Em S. Paulo distingue-se o nome *Taubaté*, corruptéla de *Taba-etê*, aldêa consideravel ou villa; *Tabatingoéra* alteração de *Tabatingoera* equivalente a *Taba-oéra*, aldêa velha, recordando o sitio onde outr'ora existiu uma aldêa de Guayanás, dentro dos muros da villa de Piratininga.

Davam á cidade, aos povoados grandes como os europeus edificavam, o nome—*mairy*, de certo, depois que os francezes, *Mair*, começaram a frequentar a costa do Brazil e se estabeleceram em algumas partes della; pois que o vocabulo *mairy* parece proceder de *mair-reya*, reunião ou multidão de francezes.

O nome *Marim*, outr'ora applicado á Olinda de Pernambuco, fundada por Duarte Coelho, é simples corruptéla de *mairy*, cidade.

Aos moradores da aldêa denominavam-se *Taba-yára*, aos da

cidade *mairy-ára*, cidadão ; aos de aldêa differente *Tabaré*, donde, sem duvida, procede o nome *tabaréo*, usado entre os bahianos para designar um homem rustico ou matúto.

113.—As communicações entre as aldêas e povoados se faziam por caminhos ou veredas—*apé*, denominando-se *apé-açú* as estradas largas como algumas se encontraram no interior.

Não eram tão raros quanto se presume os caminhos ou veredas do gentio penetrando do litoral para o interior. Glymmer, o auctor do roteiro da primeira *entrada* que se fez no começo do seculo XVII de S. Paulo para o sertão de Minas, refere ter encontrado bem no interior uma estrada larga e bastante trilhada.

A dispersão dos Tupinikins, que eram ao mesmo tempo assignalados em S. Vicente, no valle de S. Francisco e em Porto Seguro, demonstra cabalmente que, pelo interior, estes indios se communicavam, e está averiguado por um estudo bastante consciencioso e sério, do nosso illustre consocio o dr. Orville Derby, que as primeiras *bandeiras* que devassaram os sertões o fizeram trilhando as veredas dos gentios (1), guiados pelo selvagem seduzido e amigo.

114.—Quando os caminhos desciam até o mar ou aos grandes rios navegaveis, ao extremo desses caminhos que eram ordinariamente um porto, davam os Tupis o nome *apéaçaba*, que quer dizer—*sahida do caminho*, e de que, por corruptèla, se fez *imbeaçaba*, *imbiassape* como se lê em Hans Staden, e ainda *peaçá* sob a forma contracta e mais commum na composição dos nomes de algumas localidades.

Assim os nomes *Peaçá-goára*, porto velho ou extincto com que se designa uma localidade vizinha do *Cubatão*; *Peaçábossú* ou *Peassabussú*, porto grande, designando uma villa alagoana, á margem do rio S. Francisco, são compostos com o thema *apeaçaba*—sob a forma contracta.

O nome *piassaba*, ou melhor, *peaçaba*, com que vulgarmente se designa a fibra resistente e utilissima da *Altlea funifera*, palmeira abundante na zona quente do littoral, vem decerto do communissimo emprego nos portos (peaçaba) das cordas tecidas com a fibra dessa palmeira. No norte do Brazil, as amarras e cordoalha das embarcações pequenas, das jangadas e canôas eram exclusivamente de *peaçaba*. Dizer-se, portanto, cordas de *peaçaba* vale como se dissesse *cordas do porto* ou *usadas nos portos*.

O nome *peaçaba* ou *apeaçaba* que o vulgo alterou para *piassaba* ou *piassava*, já não designa entre nós senão o fibra da *Al-*

---

(1) Orville Derby—« Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas Geraes ».

talea; o primitivo e verdadeiro significado se perdeu para a
gua hoje falada no Brazil.

O nome *igara-paba* ou *igaro-paba*, que litteralmente signi
—*termo* ou *fim da canôa*, tambem designava o porto, mas já
accepção de assento, descanso ou logar onde se enc alhava a
barcação deixando de navegar.

115.—A navegação estava muito em voga entre os Tu
quasi todos localisados no littoral, donde outr'ora expulsaram
primitivos dominadores do paiz.

Pescavam muito no mar e nos rios, tirando dahi larga pa
da sua subsistencia.

Habillissimos canoeiros e nadadores eximios, afrontavam
ondas mar em fóra com o maior desassombro. Contam mes
alguns viajantes que esses barbaros, em avistando no horizo
embarcações em transito, nadavam muitas vezes ao encontro de
para lhes vender *brasil*. Os Guaytacás, segundo Gabriel So
(1) andavam a nado pelo mar dentro, accommettendo os tuba
(ipirú) e afogando-os com um páu agudo, que lhes mettiam
força pela garganta.

Os Tupis do Rio de Janeiro como os de Paraty e Ubat
possuiam canôas tão grandes, feitas de um só tronco, que al
mas dellas eram capazes de quarenta, sessenta e mais tripol
tes. Martim Affonso de Souza, na sua viagem de 1530, assis
maravilhado, a uma encarniçada batalha naval entre gentios
Itaparica e do continente na Bahia de Todos os Santos.

Dextros canoeiros, manejavam de pé o remo a compa
certissimo com o que muito maravilhavam aos europeus.

A's canôas feitas de um tronco inteiriço chamavam *ig*
(yg-yara), isto é, que domina ou mora n'agua, fluctua ou so
nada; e, por acharem semelhantes, as embarcações introduzi
pelos europeus chamavam-nas *igara-açú*, canôa grande ou ba

A antiquissima villa pernambucana de *Iguarassú* tem o
nome, aliás *Igara-açú* pelo facto de ser o seu porto, desde os p
meiros annos da colonia, visitado por barcos que o atting
com o concurso da maré. Hans Staden que o visitou e o a
dou a defender-se contra os Putiguaras em 1548, denomino
Garassú, corruptéla de *Igarassú*.

O nome *Igrapiuna* de uma villa bahiana, vizinha de
mamú, é corruptéla de *Igara-péuna* (Igara-apé-una) isto é,
minho de canôa escuro, ou melhor, braço ou furo negro, allu
a algum canal ou estuario de aguas escuras.

---

(1) G. Soares—« Roteiro do Brazil » cap. XIV. pags. 77 e 78.

A's canôas feitas de cascas de arvore com pontaletes no meio e ajustadas com cipó davam o nome de *ubá*, em geral pequenas, leves e mal compostas.

O nome *ubá* confunde-se frequentemente com o vocabulo *uyba*, que quer dizer flecha, quando este entra como thema na composição de outros vocabulos, e a syllaba predominante se desloca para a penultima do vocabulo composto.

O nome *Ubatuba* por esta razão, póde ser decomposto em *Ubá-tyba*, significando abundancia de canôas como tantas havia nesta parte dos dominios de Cunhambebe e de Aymberê, como póde ser tido por corruptéla de *Uyba-tyba*, flechal, ou cannavial bravo.

116.—As pescarias (*pirá-monhangaba*) começavam ordinariamente em Agosto na beira-mar (1) e davam logar a expedições numerosas para certos pontos da costa.

Empregavam para este mistér a rede—*pyçá*, o cercado—*pary*—o cesto—*ururú* e o *jiki*.

Nos rios, costumavam envenenar as aguas com succo do *timbó* para apanhar o peixe.

Com o commercio dos europeus passaram a usar do anzol—*pindá*—, chamando aos pequenos anzóes prateados—*pindá-miritinga*.

E', porém, provavel que já empregassem o anzol grande, feito de qualquer substancia não metallica antes da invasão portugueza.

Não poucos logares no Brazil trazem nomes recordando esses instrumentos e usos do gentio. *Pary* ou *Paripe; Pariquera* ou *Pary-cóera*, cercado velho; *Píndáhyba*, anzol ruim; *Pindá-monhangaba*, fabrica de anzóes; *Jiky-yá* semelhante ao *jiky*; *Jiky-reçá*, olho ou furo do *jiky*; *Ururú-hy*, rio do cesto; *Timbóhy*, rio do timbó, recordam sitios das pescarias de outr'ora.

117.—A caça era como a pesca a principal occupação do selvagem, e, para realisal-a empregavam de preferencia o arco *y apára* e a flecha *uyba*, ou *uiba* esta tendo a ponta ou simplesmente endurecida ao fogo, ou com um dente de tubarão engastado com resina. O arco feito de uma madeira rija, era mais alto do que um homem.

Além do arco e flecha empregavam para caçar *(caámondó)*, artificios mais ou menos engenhosos, ainda hoje utilisados pela gente do interior. A *juçana* era o laço armado para colher as

(1) Hans Staden—Suas viagens e captiveiro, etc. Cap. XVII.

aves; *mondé* de que procede o vocabulo assimilado *mundéo* era empregado nas mattas para matar os quadrupedes; a *guirá-puka*, de que por corruptéla se fez *arapuca*, apanhava os passaros.

Entre os indios do campo, a caçada era precedida de uma batida, cercando-se um trecho a que se punha fogo, e matando-se a caça a pau á medida que ella procurava escapar ás chammas. Nas regiões centraes, as queimadas frequentes que se avistam ao longe, onde a civilisação ainda não penetrou, não indicam outra coisa. A esse modo de caçar davam o nome *camondó-cai* que quer dizer: queimada para caçar.

As localidades com os nomes: *Japáratuba*, muitos arcos; *Japarakira*, arco verde; *Igapára*, de que se fez por corruptéla *Icapara* ou *Capara*, canal-torto; *Mondé-hy*, rio dos laços; *Uybe-hy*, rio das flechas, de que por corruptélas se fez *Ibahy* ou *Icahy*, são recordações dos instrumentos venatorios dos selvagens, ou lembram phenomenos com elles comparaveis.

118.—Os trabalhos agricolas eram rudimentares entre as tribus tupis por lhes faltar o uso do ferro.

O fogo era o seu principal agente no amanho da terra.

Escolhido o local para a lavoura, derrubavam-se-lhe as arvores de maior vulto, empregando-se para esse fim o machado de pedra *ji* ou *dji*, e lançava-se fogo em torno, escolhendo-se porêm o lado do vento.

A' queimada, emquanto o fogo actua, davam o nome *cai* ou *caitara*, que quer dizer: o que se queima.

A derrubada ou limpa para roça denominava-se *cô* ou *cópichaba*; e a roça no acto de queimar-se *cô-y-uára*, de que se fez por corruptella *coivara*.

Aos paus retirados da queimada e dispostos em cerca ou trincheira em torno da roça ou da habitação davam o nome—*caiçara*, que muitas vezes apparece sob a forma contracta *caiçá* ou *caçá* nos nomes compostos.

Muitos destes vocabulos ou outros delles derivados passaram para o portuguez falado no Brazil.

Do verbo *côpyr*, tractar da roça ou limpal-a, se fez em S. Paulo o verbo *carpir*, com identico significado, e assim tambem *carpição* por *copichaba*.

O nome caipira empregado em S. Paulo para designar o homem rustico ou roceiro vem do tupi *cai-pira*, isto é, do verbo *cai*, queimar, e da particula apassivadora *pira*, significando—*queimada*, que é como se dissesse—o homem das queimadas, ou que tracta de queimadas.

A' roça extincta dava-se o nome de *cô-coéra* e tambem *côpoera*, de que procede o vocabulo *capueira*, com o significado

que vulgarmete se lhe dá de roça abandonada e invadida pelo matto, visto que o mesmo vocabulo tambem procede de *caá-poéra*, matto extincto, ou que já uma vez foi cortado.

Muitas são as localidades no Brazil cujas denominações recordam os trabalhos agricolas dos selvagens ou mesmo dos Europeus nos primeiros annos da colonisação.

Ha nas vizinhanças de S. Vicente uma localidade com o exquisito nome de *Cuçú*, cuja procedencia vem de certo desde aquelles remotos tempos, quando a ilha contava varios engenhos de assucar e possuia extensos cannaviaes de que Hans Staden nos dá noticia em 1548.

O nome *Cuçú* é composto de *Cô-uçú*, e se traduz:—*roça-grande*, e tambem *limpo-grande*, empregando-se com este significado para designar *campo*, ou *terreno limpo*.

No Rio Grande do Sul ha o rio *Cahy*, cuja traducção se pode fazer de dois modos: *Caa-hy*, rio da matta: ou *Cai-hy*, rio das queimadas.

O nome *Cassaquéra* com que se designa um ribeiro no municipio de S. Bernardo, é o mesmo que *caçá-coéra* e significa *cerca velha ou extincta*,

Assim tambem o nome *Caçapava* que, aliás, comporta duas interpretações: *Caçá-paba*, fim de cerca, ou ponta de cerca; e *Caá-çapaba*, clareira ou aberta na matta.

Cultivavam os tupis o milho, de preferencia, ao qual se póde, na verdade, dar o nome de trigo americano, porque era a base da alimentação do selvagem.

O *abati*, que é como entre o gentio se denominava o milho, amadurecia no mez de novembro, época, diz Hans Staden, em que se devem temer os assaltos dos selvagens, porque, diz o mesmo auctor citado,—quando voltam de uma guerra querem ter os *abatis* para fabricarem a bebida.

Além do milho, plantavam tambem a *mandioka*, o *aipi*, a batata, (*jatyuca*), o *cará*, varias especies de abobora (*geremu*) a banana (*pacoba*) o *mandobi* que dizemos amendoim.

Os nomes de logares como *Mandiotuba*, mandiocal; *Comandatuba*, feijoal; *Mangaratyba*, mangarazal e outros como *Camaratyba*, *Acajutyba*, *Amaniutyba*, *Pacótyba*, *Norantyba*, *Cannatyba*, *Natuba*, exprimem culturas de outr'ora, ou abundancia de camarás, cajú, algodão, banana, laranjas, canna e ananaz.

A canna e a laranja não eram indigenas da America, mas desde logo, nos primeiros annos do descobrimento, foram introduzidas e cultivadas.

Em 1518, quando Fernão de Magalhães aportou ao Rio de Janeiro, por occasião da sua memoravel primeira viagem de

circumnavegação do globo, já encontrou cultivada pelos tupinambás a canna de assucar, de certo introduzida no paiz por alguns dos muitos navios que já por esse tempo frequentavam o Brasil e traficavam livremente com o gentio. Nos grandes rios da bacia do Paraná e do Prata, onde tão larga foi a acção dos jesuitas, um dos phenomenos que mais impressionam o viajante são os bosques de laranjeira selvagem, de fructos amargos, cujas sementes as aguas se encarregam de distribuir e propagar.

119—Os alimentos (*tembiu* ou *temiu*) eram simples mas variados. Não era usado o sal como condimento, mas assando a carne, o peixe ou qualquer fructo ou raiz, mostravam apreciar a cinza como um succedaneo. Nenhuma caça ou peixe comiam crú.

Descendo o rio Paranapanema, em 1886, encontrei, sobre um lagedo á margem do rio, abundantes cascas de laranja assada, despojos de uma refeição, apenas terminada, de uma familia selvagem, que assim usava do fogo para tornar mais toleravel o sabor amargo daquelles bellissimos fructos amarellos.

Da mandioca, faziam varias especies de farinha *uy*. A' que era fina como a de trigo dava-se o nome *carimã;* á meio cosida—*uy-tinga;* á bem cosida—*uy-atã*, que era a farinha de guerra; á feita de mandioca cortada em roletes e secca ao sol, pisada depois ao pilão—*typyrati* e á que era feita com mandioca posta de molho por alguns dias—*uy-puba*, denominando-se *mandió-puba* á mandioca assim tractada.

A's cascas ou raspas imprestaveis da mandioca dava-se o nome de *corêra* de que por corruptéla se fez a palavra *crueira*, á feição portugueza.

Moida a mandioca, expremiam-na num cesto tubular elastico feito de folhas de palmeira a que chamavam *typity* e que alguns erroneamente dizem *tapity*.

Ao succo expremido e assentado davam o nome de *typioca* de que por corruptéla se fez *tapioca* geralmente entre nós usado.

Tambem do peixe faziam farinha como um dos mais seguros meios de o mais bem conservar, e lhe davam o nome de *pirá-cuy*. Entre os Tupinambás e Tamoyos, o peixe preferido para farinha era a tainha a que chamavam *piraty* e que por corruptéla entre os portuguezes se passou a dizer *paraty*, *baraty* e até *barty*. No Amazonas prefere-se ainda hoje o *pirarucú*, peixe vermelho.

Da mandioca faziam bolos a que denominavam *mbeyú*, donde vem o nome *beijú*, vulgar no Brasil, significando *enroscado*,

enrolado; faziam o *mingau* e varias bebidas fermentadas conhecidas por *cayçuma* e *tykyra*.

Com o milho preparavam a *cangica* (*acan-jic*), grão cozido; a farinha, *abati-uy*; a *pamuna* ou *pamonha*; a *popoka*, de que procede o nome *pipoca*, e quer dizer *arrebentado* ou *estalado*; e tambem uma bebida fermentada—*abati-y*.

Assavam a carne ou o peixe sobre brazas ou então sobre um gradeado de madeira, operação a que se dava o nome de *mokaen*, de que procedem o nosso vocabulo *moquem* e o verbo *moquear*.

Ao assado envolvido em folhas como faziam com o peixe chamavam *pokeka*, de que se fez por corruptéla *moqueca* e significa *embrulho*.

A' carne ou peixe pilado e misturado com farinha davam o nome *paçoka* (*pó-çoka*) que quer dizer *pilado á mão* ou *esmigalhado á mão*.

O *cauim* era o seu vinho mais estimado e feito do succo do cajú, donde lhe vem o nome *acayú-y*. Alargando, porém, o sentido do vocabulo, applicaram-no tambem para bebida fermentada feita de milho mastigado.

120.—No interior de uma cabana selvagem os utensis mais communs eram: a rêde para dormir *ini* atada por cordas, (*inichama*) a dois fortes esteios, *okytá*.

A um lado via-se a lareira (*tatá-rendaba*) e sobre ella o *mokaen*, e mais alto, pendente da parade, a *urupema*, peneira ou cesto raso; o *urú*, cesto pequeno com tampa; o fuso (*y-yma*). Viam-se tambem a um canto mais abrigado a talha cheia d'agua (*ygaçaba*), o pote de bocca pequena, *camuty* ou *camucim*; ao passo que os alguidares, (*nhaen*) e panellas *nhaempepô*) alinhavam-se mais perto do fogo. Fóra da cabana, dependurado a uma ponta de caibro via-se o *typity* e encostado á parede, mas deitado por terra, o pilão (*induá*).

Muitos são os nomes de localidades no brazil recordando os utensis e objectos de uso domestico entre os selvagens. *Moquem* em Goyaz; *Camucim*, no Ceará, *Itánhaen*, alguidar de pedra ou tacho, em S. Paulo; são exemplos assás notorios.

121.—Entre os objectos ornamentaes e servindo nas solemnidades e danças (*poracê*), distingue-se o *acangatara*, feito de bellissimas plumas de garças, do camindé e das araras, servindo para ornar a cabeça; a *açoyaba*, especie de manto tecido tambem de pennas, descendo dos hombros até os rins; a *ara-açoyaba* especie de cocar ou chapéo; o *yampenambi* que se applicava ás orelhas.

Muitas vezes pintavam o proprio corpo com as cores vivas

do *urucú* e do *genipapo* para se mostrarem bizarros; unctavam-se de oleo ou resina e cobriam-se de pennas de varias côres picadas bem miudo; furavam o beiço inferior *(tembé)*, e engastavam-lhe pedra de côr esverdeada ou branca mui polida, a que chamavam *tembetá*, isto é, *tembé-itá*, pedra de beiço, por outros tambem designado *itametara*, botoque de pedra.

O uso de taes ornatos engastados no beiço, nas orelhas e até nas faces chegou a tal extremo que os primeiros viajantes asseguram terem visto individuos com sete dessas pedras metidas nas carnes do rosto.

Havia botoques (*metara*) de todo genero e de varias formas, uns de osso polido, outros de dentes de animaes, outros de resina amarella e translucida como o ambar, e ainda outros de madeira leve como a da barriguda ou paineira.

Os *Guaycurús* trouxeram-no de ouro.

Os *Aymorés*, os *Botocudos* faziam-no de madeira, dando-lhe forma circular e attingindo ás vezes um grande diametro.

Outros selvagens atravessavam pennas no nariz e outros ainda introduziam-nas nas faces.

Além destes barbaros ornamentos, traziam ao pescoço o *jacy*, lua ou semi-circulo de osso alvissimo, e ás vezes um grande colar de conchas a que denominavam *ajucará*.

Encontram-se na geographia do paiz muitos nomes recordando esses objectos ornamentaes do selvagem e suas festas. *Baracéa* por *Poracé*, reunião para festa, dança ou folguedo, nome que se encontra citado em velhos documentos dos archivos de S. Paulo; *Aaraçoyaba*, morro isolado nas vizinhanças do Ypanema; *Arassoahy* ou melhor *Araçoyá-hy*, rio ou localidade em Minas Geraes; *Jacygoá*, valle da lua ou globo da lua; *Tametary* por *Itametar-y* rio do botoque de pedra.

122.—Eram grosseiros e poucos sonoros os instrumentos musicaes do selvagem. Tinham como primeiro e mais excellente o *maracá*, chocalho feito de um cabaço em que se introduziam sementes ou pequenos seixos, e se ornava com esmero porque eraem algumas tribus considerado como sagrado; o *memby* ou gaita; o *boré*, a *inubia*, trombeta de guerra ou buzina, o *guarará* ou tambor.

Varias localidades entre nós trazem nomes destes instrumentos musicos dos selvagens.

A cidade de *Maracás*, no interior da Bahia, e os montes *Guararapes*, famosos pelas victorias ahi alcançadas sobre os hollandezes no seculo XVII, são recordações que persistem daquelles primitivos tempos.

124.—Em torno da cabana selvagem, e invadindo-a mesmo com a maxima familiaridade, desenvolvia-se todo um mundo de animaes domesticados, a que chamavam *mimbaba*. As aves de formosa plumagem como o *guará*, a *arara*, o *canindé*, o *tucano*; grande numero de perdizes *(anhamby* ou *inhambú)*, *urús* e patos *(ipéca)*; animaes como o *macaco*, o *quati*, a *irara*, o veado, o gato *(pichana)* e até cobras mansas se encontravam no mais intimo convivio.

Com o commercio europeu recebeu o gentio a gallinha *(uruguaçú* ou *çapucaia)* a que presavam em extremo, vendendo aos extrangeiros os ovos dellas *(çupiá)* em grande cópia, assim como presavam os cães, a que chamavam *(jaguamimbaba)* que quer dizer—onça de creação. Nos pampas do sul o cavallo *(cabarú)* introduzidos pelos hespanhóes, desenvolveu-se rapidamente e tornou-se selvagem. Os Guaycurús caçavam-no e desde logo se tornaram destrissimos cavalleiros.

O boi (*tapira-çobayguára*), considerado como uma anta extrangeira, a cabra (*çoóaçúmé*), a ovelha (*obechá*), o porco (*tanhaçúaia*), desenvolviam-se em torno das reducções ou aldêas, povoando de gado novo as campinas americanas.

125.—Tinham sua mythologia os povos da raça tupi, a despeito do que a principio disseram os chronistas e escriptores dos primeiros tempos que avançavam não ter o gentio nem *fé*, nem *lei*, nem *rei*, razão, diziam, porque na sua linguagem não ha as lettras *f*, *l*, *r*, iniciaes de taes palavras. Todavia era bastante singelo ou rudimentar o que possuia esse povo de idéa religiosa. Tinha uma vaga noção do Ente Supremo a que denominava *Tupã*, cuja voz se fazia ouvir por occasião das tempestades *Tupã-cynunga*, ou o trovão e cujo reflexo ou claridade se denominava *Tupã-beraba*, ou relampago. O genio bom residia em Tupá e o mais em *Anhanga* ou *Anhan*. Serviam a *Tupã*, diz Ives d'Evreux, os bons espiritos *Apyáuêué*, e a *Anhan* os maus genios conhecidos por *Uyáupiá*. *Geropary* ou *Jurupary* era para uns o genio mau, e para outros, segundo o mesmo Ives d'Evreux, um servo de *Tupã*.

Dos genios bons recebiam os beneficios, tinham felicidade na caça, victoria nas suas guerras, e colheita abundante nas suas roças, porque a chuva em tempo opportuno era trazida por elles, *Amana-yára*, manda-chuva. Os maus genios, ao contrario, habitavam o escuro da floresta ou os cemiterios, assaltavam os caçadores, desviando-os no labyrintho dos bosques, ludibriando-os, maltractando-os de mil maneiras. Por causa delles o sol se fazia abrazador e a chuva não cahia no tempo proprio.

Ccapóra ou *caipóra*, genio anão de um pé só, ou de uma

Não poucas localidades no Brasil trazem nomes recordando os genios da mythologia selvagem.

O portuguez mesmo chegou a adoptar entre nós o vocabulo *caipóra*, como synonimo de desdita, e delle fez ainda *caiporismo*, que já conquistou fóros de cidade.

126.—Era grosseiro e quasi nenhum o culto do selvagem de preferencia destinado a propiciar os maus espiritos. Ives d'Evreux relata ter visto ou conhecido idolos feitos de céra e guardados mysteriosamente no escuro das florestas pelos *Pagés* ou feiticeiros. Hans Staden fala de uma cabana mysteriosa onde se guardavam entre os tupinambás os maracás sagrados.

Os *Pagés*, *Payés*, *Piagas* ou *Carahybas* eram santões, adivinhos, medicos, sabios e conselheiros da tribu, cujas tradições guardavam.

Tinham grande poder suggestivo e sabiam os meios seguros de bem impressionar. Curavam soprando, chupando, friccionando com oleo a parte doente, defumando-a com plantas aromaticas. Conheciam os effeitos de certas plantas, formando uma therapeutica, cujo segredo, manhosamente guardavam, mas que os colonos europeus depois conheceram.

Tinham em grande veneração a memoria dos antepassados (*tamunhoéra*) e os mortos (*teonboéra*) eram sepultados com um ceremonial como se partissem para uma longa viagem.

A' sepultura (*tibycoára*) desciam o cadaver envolvido na sua rede, com as suas plumas e cocares, o seu arco e suas flechas e tambem as provisões para o caminho da outra vida que suppunha ser para alem das montanhas azues, longiquas.

Não raro, introduziam o corpo dobrado e acocorado em umas urnas de barro ou potes (*igaçaba*) que iam enterrar nos logares mais escusos da floresta, ou nas cavernas quasi inaccessiveis para que quedassem isentas da profanação dos estranhos.

Muitos logares no Brasil trazem nomes que recordam as crenças dos selvagens e a sua grande veneração pelos mortos. *Pageú* (*Pagé-y*), rio do feiticeiro; *Carahyba*, o Santo; *Maracá*, o chocalho sagrado; *Tibicoary*, o rio das sepulturas; *Igaçaba*, urna; *Igaçatyra*, morro dos potes ou das urnas, são denominações que lembram as crenças desapparecidas dos tupis.

127.—O governo entre os individuos da mesma tribu era o resultado do ascendente assumido pelo mais valente, o mais forte, o mais respeitavel pelos seus antecedentes honrosos. Não havia hereditariedade no governo, e este só se tornava effectivo em tempo de guerra. O chefe, *morubichaba*, era um simples capitão dirigindo a lucta, conduzindo os seus á victoria.

CAPITULO IV

DA INTERPRETAÇÃO DOS NOMES TUPIS COM EMPREGO NA GEOGRAPHIA E NA HISTORIA NACIONAL

129.—Nada mais ingrato nem mais exposto á controversia do que esse mister de interpretar palavras de uma lingua desapparecida ou que já não tem vida diante de outra que a supplantou e lhe absorveu parte do vocabulario, como é o caso do tupi para o portuguez fallado no Brazil.

E, todavia, foram sempre tentadoras as investigações deste genero, como se verifica do numero não pequeno dos cultores delle.

O estudo etymologico dos vocabulos para o fim de precisar-lhes o verdadeiro significado foi sempre campo de larguissimas proporções onde a imaginação não raro assume papel preponderante, e as hypotheses mais ousadas, como as explicações mais suggestivas, encontram guarida e se impõem ao senso commum, aureoleadas ainda por cima por esse prestigio que a erudição de ordinario lhes communica.

Nesse terreno das investigações linguisticas, o imaginario e o hypothetico, dando pasto amplo aos espiritos inventivos e imaginosos, aos que se sentem solicitados para as escavações difficeis, aos que se deixam seduzir pelos problemas de soluções transcedentes, deram já nascimento a um verdadeiro genero litterario.

Aqui como em tudo mais, ha sempre um lado chimerico que deslumbra e captiva, como muita vez succede aos mineiros que se obstinam nas profundezas da terra a buscar um veeiro cujos indicios não faltam nunca, mas de que jamais se patenteia a esquiva realidade.

Certo, neste mister de interpretar, muito ha do mineiro perseguindo a sua chimera.

Mas assim como no minerar, mesmo buscando o imaginario, nem tudo é em pura perda, pois que, nesse ingrato labutar, não

plicar como elle se alterou ou como evoluiu até nós, porque invariaveis e positivas são as leis phylologicas que regem a especie.

Sem a restauração do vocabulo com a sua graphia primitiva, como um processo previo e essencial, difficil e quasi insoluvel, em certas casos, é o problema linguistico attinente aos nomes geographicos de procedencia tupi.

Firmado este ponto, é mister ainda considerar que o tupi, como todas as linguas barbaras, sem cabedal litterario ou com arte e vocabulario organizados por extranhos, é sujeito aos defeitos communissimos da homographia e da homophonia. Palavras, na verdade, differentes soaram e se escreveram por forma identica nos primeiros vocabularios.

Além disso, os dialectos numerosos entre as tribus selvagens não consentem palavras com formas fixas e definidas, entrando os vicios de pronunciação, as modalidades do falar como causas inevitaveis da variação dos vocabulos.

As difficuldades do interpretador salientam-se ainda si se considerar que o tupi, em contacto com outras linguas americanas, como tantas houve no ambito do Brazil e nas suas fronteiras, não poucos vocabulos extranhos adquiriu, como não poucos foram os que o portuguez por si mesmo assimilou do *quichua*, do *kariry* e dos que geralmente se designam pelo nome *Tapuya*. Dahi, a necessidade de quem interpreta de bem conhecer o tupi e os seus principaes dialectos, e de guardar a reserva mais cautelosa no decidir-se pela nacionalidade de um vocabulo duvidoso.

Este preceito é tanto mais de observar-se quanto é certo que não raro os interpretadores se deixam possuir de verdadeira obceção, querendo ver vocabulos tupis em quanta palavra espuria se lhes apresenta com estructura apparentemente brasilica.

O nome *Jurumenha*, por exemplo, que se encontra entre nós designando uma villa obscura do Piauhy, pode induzir em erro, pela sua estructura tupi, o interpretador que se não recordar de que é esse nome de procedencia lusitana, e lembra um povoado alemtejano sobre a margem direita do Guadiana.

Von Martius interpretou-a como tupi, decompondo-a em *Jerumú-meeng* e traduzindo—*dar aboboras*.

Assim é que José de Alencar, nas suas notas ao romance *Iracema*, interpretou como tupi a palavra *Mecejana*, derivando-a de *Mo-cejar-ana*, quando é sabido ser esse o nome de uma antiga villa portugueza nos campos de Beja, no Alemtejo.

Carlos von Martius interpretou como se fôra um nome tupi

lhães de Gandavo no seu Tractado da Terra do Brasil (1576) escreveu *Britioga*. O padre Pero Rodrigues, contemporaneo de Gandavo, na sua biographia de Anchieta, ainda inedita, escreveu *Britioga*.

Simão de Vasconcellos, na Vida do Padre Joseph de Anchieta, escrevia ora *Beritioga*, ora *Biritioga*. João de Laet, que se apoiou nos escriptos de Hans Staden e de Fernam Cardim, escreveu *Britioca*. Entretanto, nas varias edições da obra de Staden se lê *Brikioka* ou *Brickioka*, graphia adoptada pelo auctor das Memorias para a Historia da Capitania de São Vicente, o qual, aliás, assevera ter encontrado em velhos documentos o nome *Buriquioca*, applicado antes a um monte fronteiro á barra do canal do que ao proprio canal e significando *casa de macacos buriquis*.

Erronea, porém, me parece a interpretação do autor das Memorias, que, de certo, conhecia a obra de Staden, onde colheu o nome *Brikioka* como colheu *Iwawassupe*, por elle transformados, no cadinho da interpretação, em *Buriquioca* e *Enguaguaçú*.

Que o nome *Brikioka*, como se lê em Hans Staden, é um erro de cópia ou de composição dos editores da obra do mallogrado aventureiro, se verifica da graphia seguida por João Laet, que, ou teve bases para rejeitar ou corrigir esse erro, ou colheu o vocabulo de algum exemplar mais correcto.

Seja como fôr, porém, o facto é que em nenhum roteiro, chronica ou historia de fonte portugueza se encontra jamais *Briquioca*, mas sim *Britioca*, *Bartioga*, *Bertioga*, etc. Essa é, portanto, a graphia primitiva e mais proxima da verdadeira, como passamos a demonstrar.

As varias graphias: *Britioca*, *Beritioga*, *Piritioga*, *Bartioga* e *Bertioga* encerram todas um mesmo thema alterado de diversas fórmas, e uma mesma desinencia commum, representados no vocabulo *Parati-oca*, que quer dizer — *refugio* ou *paradeiro das tainhas*.

Do thema—*Pirati*—facil é explicar-se como podiam ter vindo —*Piriti*, e as fórmas, *Briti*, *Beriti*, *Barti* e *Berti* pelo abrandamento da consoante inicial e pelo quéda ou troca das vozes breves ou mudas.

No mesmo Hans Staden se lê o nome *Bratti* somo applicado pelo gentio ao pescado que os portuguezes chamam—*Tainha*. Portanto, *Bratioca* ou *Bertioga* têm a mesma traducção, porque constituidos dos mesmos elementos agglutinados: *Brati* ou *Berti*, tainha; *oca* ou *oga*, casa, refugio, paradeiro.

A caracteristica do local outr'ora, como hoje, confirma a interpretação. O canal da Bertioga foi sempre muito piscoso, e as

dava ao rio historico que foi em outro tempo a verêda dos *bandeirantes* e conquistadores de sertões, como que a graphia do vocabulo, com pequenas variantes, se conservou quasi intacta. No mappa dos jesuitas de 1636 lê-se—*Anyembi*—e nos outros mappas da mesma procedencia, de 1722 e 1732—*Anembi*.

No mappa de d'Anville, publicado em 1734, conserva-se a graphia dos jesuitas — *Aniembi* ou *Anhembi*, mas já na edição de 1748 se lê—*Anhambi* ou Tieté.

No celebre mappa das Côrtes, de 1749, lê-se *Anhambú* ou Tieté, mas no mappa hespanhol de 1760 volta-se á graphia—*Anhembi*, escrevendo-se *Anembi* na edição do 1768.

No mappa geographico de Silveira Peixoto, de 1768, o primeiro em que vêm figurado os rios entre o Tieté e o Paranapanema com os nomes—*Anembi-miri* e *Pirocaba*, lê-se *Anembi-guaçú*.

No de Olmedilla, de 1775, o vocabulo conserva a primitiva graphia dos jesuitas—*Anhemby*, ao passo que no de d. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão se escreve—*Niembi*.

Glimmer, no seu roteiro de 1602, escreveu *Anhembi* e João de Laet—*Iniambi*.

A graphia, portanto, mais antiga e mais corrente é pois *Anhembi*, que se deve adoptar como a mais correcta, e podendo-se identificar com a palavra *Inhamby*, ás vezes pronunciada *Inhymbú*, com a qual se designa a perdiz, ave gallinacea outr'ora abundante nos campos de Piratininga ou de cima da Serra.

Portanto, a denominação antiga, dada pelos primeiros colonos portuguezes, de *Rio Grande de Anhemby* se póde traduzir—*Rio Grande das Perdizes*.

Insistirei ainda no exame interpretativo de outros nomes tupis com emprego na nossa historia e geographia.

Estudemos o nome *Nitheroy* que como *Guanabara*, já alterado pela edição vulgar, designou a formosissima bahia do Rio de Janeiro.

Britto Freire que parece foi o primeiro a divulgal-o não lhe deu traducção. Antes delle, porém, Simão de Vasconcellos na sua *Vida do Padre Joseph de Anchieta*, refere que o gentio denominava aquella bahia *Nitherô*, e Hans Staden, entre os portos do Brasil que diz visitados por navios francezes ao tempo das suas aventuras e captiveiro entre os Tamoyos (1548), cita o de *Iteronne*. O conego Januario da Cunha Barbosa (1) dá-nos para traducção desse vocabulo tupi—*mar escondido*. De facto, examinando-se-lhe os elementos componentes, se verifica que o

1 Revista do Instituto Hist. Tomo IV—Suppl. p. 8.

Uma palavra tupi, como soe acontecer em todas as linguas no periodo da agglutinação, é quasi sempre um vocabulo composto.

Dahi vem que os elementos que se agglutinam numa mesma palavra, contrahindo-se algumas vezes ao entrarem na formação do vocabulo novo, perdem de precisão e individualidade, e de differentes que eram quando isolados, passam a dar resultados homophonos ou homographos. Para exemplificar temos o nome *Guayanã* que se póde decompôr e traduzir de tres modos diversos: *Guayanã* que se traduz: *o que é parente* ou *povo irmão; Guayá-nã* que se traduz carangueijo enorme, traducção tanto mais admissivel quando Gabriel Soares, descrevendo-nos os habitos deste gentio, refere que o mesmo «*vivia em covas pelo campo debaixo do chão*», a modo de carangueijo; *Guaya-nã* que ainda se póde verter por *manso devéras, bonanchão*, o que tambem se póde justificar pelo que do mesmo gentio conta o dito Gabriel Soares que nol-o pinta como... «nada malicioso nem refalsado, antes simples e bem acondicionado e facilimo de crêr em qualquer coisa...»

Com o nome *Itagu-hy* se repete o mesmo facto: *Itá-guá-hy*, rio do valle das pedras; *Itá-aguai*, guizo ou cascavel metallico; *Itáguá-hy* por *Taguá-hy*, como se lê em velhos documentos, e se traduz—*Rio do Tauá*.

Os exemplos na especie são innumeros.

134—Não poucos erros de interpretação são os que se originam da imperfeita decomposição do vocabulo e do exaggerado poder attribuido á força corruptora do idioma.

Carlos von Martius era inquestionavelmente um dos raros homens de sciencia que bem conheciam o tupi. Os seus trabalhos na especie são com justiça considerados um thesouro na linguistica americana.

Martius, entretanto, não era um interpretador seguro. Querendo, por exemplo, traduzir o nome *Guaratinguetá*, o illustre sabio chegou a identifical-o com a phrase *coaracy-tin-goatá*, confiado em que a corruptela a teria modelado ou transformado de tal modo que veiu a constituir o vocabulo discutido, justificando tal identificação com dizer—que é logar *onde o sol chega e volta*, ou muda de curso, por estar a localidade que traz esse nome perto do tropico do Capricornio, como se os tupis soubessem astronomia.

Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, nas suas *Etymologias Brasilicas*, não vae tão longe nas suas explicações interpretativas, identifica *Guaratinguetá* com *Guaratinga-etê* e o traduz por—*guará muito branco*.

Freire Allemão traduziu *Araxá* por *bom tempo*, e Saint-

Lingua indigena

O NOME—CEARÁ

(RESPOSTA AO SR. CUNHA MENDES)

—

Bem diversas, na verdade, como nol-o demonstrou o sr. Cunha Mendes, são as opiniões quanto á origem do nome *Ceará*.

Não satisfazem, com effeito, as interpretações que se lhe têm dado.

Alencar, seguindo a Casal, explica que *Ceará* deriva-se de *cemo-ará* e o traduz—*Canto da jandaia*.

O senador Pompêo é da opinião que Ceará origina-se tambem de *cemo-ará*, mas traduz o vocabulo differentemente, isto é, *rio nasce da serra*, alludindo ao rio que desce da serra de Baturitê e desemboca juncto á Villa Velha, onde se lançaram os primeiros fundamentos da cidade da Fortaleza.

O conego Pennafort faz derivar *Ceará* do sanskrito *ceia*—muito, e de *ara*—serra, e traduz essa palavra hydrida por *grupo de serras*.

O sr. Antonio Bezerra de Menezes opina pela identificação de *Ceará* com *Sahara*, alludindo ao grande deserto africano, com o qual, diz elle, os primeiros exploradores teriam achado assemelharem-se as terras do Ceará.

Litterariamente fallando, é a interpretação de Alencar a mais poetica e a mais consoante com o sentir de quem tão bellamente nos descreve a sua terra natal como um paiz de primores onde canta a jandaia nos galhos da carnahuba.

Tudo isso, porém, parece lenda que a analyse philologica não confirma.

rio—, e a terminação *ará* é a denominação commum dos Psittacus grandes, dos papagaios e araras. Portanto, *Ci-ará* guardando a estructura da phrase tupi, se traduziria: papagaio da fonte ou do rio, emquanto que *ará-y*, ou *ará-gy*, e ainda *ará-ci* se traduzirá: rio ou fonte dos papagaios.

Mas, a interpretação verdadeira parece-me ser outra.

Pelo nome *Cii*, como se vê em Montoya, no seu vocabulario da lingua tupi, se designava uma casta de papagaios, aves que deviam abundar no paiz que, por essa mesma razão, foi nos primeiros annos do descobrimento conhecido por *Terra dos Papagaios*.

O nome *Cii-ará*, *Ci-ará* ou *Cyará* não designa senão essa casta de papagaios como muito bem opinou monsenhor Pizarro sem todavia saber explical-o.

Assim a terminação *ará* não tem ahi outro valor que não o de confirmar o significado do radical *Cii* ou *Ci*, evitando deste modo uma confusão muito natural na traducção do radical como naquella denominação se contém.

Ciará e não *Ceará* significa ou designa simplesmente uma casta de papagaios e não—*canto da jandaia* como poéticamente se entendeu.

S. Paulo, 29—5—1901.

THEODORO SAMPAIO.

Este então é livro de tanto valor para a historia do Brazil Septentrional que andará ás escuras quem o negligenciar ou ignorar. Foi escripto no anno mesmo da expedição (1614) e começo do seguinte.

Barlœus não grapha *Ciara* mas sim *Siara*, tanto nos dois Mappas como no texto; o *Res Gestæ sub Comite Mauricio in Brasilia* é volume que manuseio innumeras vezes; eu proprio delle transcrevi nas minhas «Datas e Factos», 1.° vol. (Ceará Colonia) longos trechos quando tratei do dominio hollandêz na Capitania.

Não conheço obra alguma, especial para o caso, do outro escriptor que citaes, Marcgraff, mas posso garantir que em manuscriptos hollandêzes de 1627–29, e portanto anteriores a Barlœus e Marcgraff, a palavra se grapha tambem *Siara* e para não apontar outros me bastam aquelles de que fez acquisição de proximo o conhecido livreiro de Londres Snr. Bernard Quaritch e sobre os quaes me occupei na ultima sessão da Academia Cearense.

Pelo que sei, portanto, os hollandêzes tinham um modo de escrever a palavra e esse era *Siara*.

Com relação aos livros portuguêzes, si temos Vicente do Salvador escrevendo *Ceará*, *Ciara* e *Syara* temos tambem Campos Moreno escrevendo sempre *Siara* á maneira dos hollandêzes.

Passando agora aos impressos, aos documentos portuguezes manuscriptos, posso affirmar-vos que a minha collecção, que é riquissima, os possue de 1608, 1614, 1619, 1621, 1622, 1629 etc. e elles todos dizem Ceará e Seará sendo que escreve da 1.ª forma (Ceará) o documento mais antigo que existe sobre a nossa historia, o qual é nada mais nada menos que a descripção minuciosa da viagem emprehendida de ordem de Fernão Cardim pelos jesuitas Pinto e Luis Figueira. Essa preciosidade, de 1608, cuja publicação, com verdadeiro successo, reservo para quando tivermos de celebrar o tricentenario do descobrimento do Ceará em Julho de 1903, commemoração para a qual desde já estou a concitar a opinião publica, foi um presente que me fizeram (copias photographicas) os jesuitas do Linburgo hollandêz por determinação do Geral da Ordem em Roma.

Pela tradição historica, portanto, *a graphia Ciará não é a mais authentica.*

Com relação á interpretação da palavra não tenho duvida que entra nella a que na lingua dos nossos selvicolas significava arara, papagaio, *ará* nome generico dos psittacus como ensina Baptista Caetano.

Dizer á maneira do Senador Pompeu que Ceará vem de cemo–ará, rio nasce da serra, não é só um attentado contra os preceitos glottologicos que regem a evolução dos vocabulos,

Resta explicar a 1.ª syllaba do vocabulo..Si nos vossos estudos de linguistica indigena que sei serem serios e aproveitados descubrirdes que *Ce* quer dizer abundante, ou fartura, ou ponto de reunião ou coisa que com isso se assemelha creio que o problema está resolvido, lembrando-vos eu que a graphia primitiva é Ceará, como hoje, e que do rio é que tomou nome o territorio, embora pensem o contrario (isto é, que do territorio é que adveio o nome do Rio) alguns estudiosos do assumpto como por exemplo o meu distincto collega e am.º Dez.or Paulino Nogueira.

Mas agora vejo que muito tenho abusado da vossa complacencia e pois faço ponto final mas antes sempre direi que a *Cographia Brasilica* de Ayres do Casal pode ser notabilissima em tudo menos na parte dedicada á historia do Ceará que é um amontoado de inexactidões, um tecido de incongruencias.

Com subida consideração e estima me subscrevo.

Vosso servo att.mo e adm.or

Barão de Studart.

por ordem de Fernão Cardim pelos jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira.

Pela tradição historica, portanto, conclue o sr. barão de Studart, a graphia *Ciará* não é a mais authentica.

E, visto que a graphia *Ceará* daquelle documento não soffreu alteração e que esse documento é uma copia photographica fornecida pelos jesuitas do Limburgo Hollandez por determinação do geral da ordem em Roma, já não póde haver duvida quanto á primitiva graphia do vocabulo.

Mas, o nome *Ceará*, composto de dois elementos que facilmente se distinguem *Ce-ará*, tem, sob o ponto de vista orthographico, uma difficuldade invencivel que é a vóz breve do seu primeiro elemento.

Na verdade, sendo, como é, muda a vogal de *Ce*, mui facilmente se confunde com um *i* brando, confusão tanto mais admissivel quanto é certo e por todos reconhecido, como nol-o attesta o padre Antonio Vieira, que os sons da lingua brasilica mui difficilmente se apprehendiam, ainda mesmo com o ouvido applicado á bocca do barbaro. Desta natural confusão é que resultou desde os primeiros annos esse graphar duvidoso: *Ciará* como se lê na *Jornada do Maranhão* de 1614, *Siará* como se vê de documentos hollandezes, e *Ceará*, *Ciará*, *Syará* como em sua Historia do Brazil escreveu Frei Vicente do Salvador.

Por este simples facto, a graphia verdadeira do vocabulo nem se pode tirar a limpo, nem ficar extreme de toda a duvida. Razão por que, ainda admittindo *Ceará* como a graphia mais antiga, não a consideramos como a mais correcta.

Para nós, *Ceará*, com a primeira syllaba breve como sempre se pronunciou, é equivalente a *Ciará* ou *Siará* e, como tal, é a denominação de uma casta de papagaios. Esta é tambem a opinião de Martius, de Milliet e de monsenhor Pizarro.

Vem aqui de molde observar o que a respeito da faculdade de generalisação attribuida aos selvagens dizem Cunha Mendes e o barão de Studart.

Certamente que tal faculdade, se acaso o gentio brazileiro a possuiu, não podia ser ella nem vasta nem poderosa.

Os povos de nivel social em que foram encontrados os primeiros incolas desta terra nunca o possuiram senão em gráu muito rudimentar.

E' preciso, porém, não esquecer que grande numero de denominações tupis, na nossa geographia nacional, não procede do selvagem, mas do seu descendente cruzado e dos proprios conquistadores. Cumpre lembrar que a conquista dos sertões só se pôde levar a effeito no segundo seculo depois da vinda dos eu-

Instituto Historico de S. Paulo

Discurso do aniversario do Instituto Historico de S. Paulo lido em sessão magna do mesmo Instituto de 1.° de Novembro de 1901, por Theodoro Sampaio

Exmo. sr. presidente.
Minhas senhoras, meus senhores.

Eis-nos ainda uma vez reunidos, meus senhores, neste recinto consagrado ao culto da patria, para uma solemnidade costumeira. E pois que, pelos preceitos, deve ella traduzir os extremissimos e oppostos sentimentos de nossa alma—a alegria e o pezar, duas syntheses supremas das humanas vicissitudes que dominam a Historia, que o nosso jubilo, vendo de pé e florescente esta instituição que todos os annos se consolida, ceda o passo ao nosso lucto, ás nossas maguas sentidas, ao verificarmos já no fim desta jornada, o desapparecimento de alguns nobres companheiros que adormeceram na morte, tombados á margem do caminho que nos trazia a todos até aqui.

Ao assomar, porém, nesta tribuna, no desempenho da honrosa tarefa que a vossa benevolencia conferiu á minha palavra, nesta sessão anniversaria consenti, senhores, que eu comece por um appello á vossa gentileza e por uma sincera confissão do meu reconhecimento. Gentileza, sim, a vossa, minhas senhoras e meus senhores, que nos viestes honrar com a vossa attenção indulgente e esclarecida,—reconhecimento para comvosco, meus dignos consocios, pois que me proporcionastes ensejo de, satisfazendo os anhelos de minha alma, honrar a memoria dos fallecidos companheiros, tecer-lhes o elogio, erguel-os transfigurados nos proprios feitos e nas suas virtudes, fazendo-os passar ante os vossos olhos enternecidos como num prestito de redivivos.

tes de amigos e adversarios, nas manifestações da egreja, na opinião publica deste paiz que toda ella se commoveu com a noticia subitanea desta perda irreparavel.

Eduardo Prado, meus senhores, aos quarenta e um annos de edade, tinha logrado na sua patria e no extrangeiro essa notoriedade que é o apanagio dos talentos de eleição; tinha-se constituido uma verdadeira notabilidade, uma figura representativa da mentalidade do nosso paiz pela sua vasta erudição, pelas suas producções litterarias, pelo seu caracter, pela sua fé, pelo seu grande devotamento á causa publica e, perecendo ainda joven como é o perecer aos quarenta e um annos, era incontestavelmente uma gloria desta terra, uma individualidade das mais eminentes deste paiz.

Nascido em S. Paulo, aos 27 de Fevereiro de 1860, Eduardo Prado, o mais moço dos filhos do dr. Martinho da Silva Prado e da exma. sra. d. Veridiana Valeria da Silva Prado, aqui cresceu sob as vistas paternas, a alma piedosa e terna como a soubera formar sua veneranda mãe, o espirito cheio de vivacidade, a intelligencia aberta e curiosa e a imaginação estimulada pela belleza da paisagem das campinas de Piratininga, nesse horizonte que se lhe descerrava mais amplo ainda quando observado das eminencias da Consolação, por detrás da egreja e do velho sobrado ladeado de jardins que foi por largos annos a residencia de sua familia.

Neste logar, então apartado da cidade, a qual bem longe estava de ser a opulenta capital de hoje, o joven Eduardo viu passar os seus primeiros annos entre as caricias, a vigilante solicitude de sua mãe, senhora que com justiça já se comparou á mãe dos Gracchos, que estremecidamente o amava e as alegrias e a ruidosa convivencia dos companheiros de infancia e de estudos que elle sabia attrahir á casa paterna.

Dalli, daquellas eminencias que se comprehendem no ambito da vasta propriedade, transpostas as aleas de jaboticabas e de magnolias, e os tapetes de grama que decoram os jardins, a vista se alonga pelas varzeas onde dorme o Tieté alagando a planicie, domina as campinas louras das Perdizes e das collinas distantes para o lado da Penha, abrange o recorte pittoresco das montanhas fronteiras que se somem a oriente, e, pela tarde, ao pôr do sol, póde-se contemplar para além dos arvoredos esguios que ensobram o cemiterio da Consolação, ao bello crepusculo rubro-amarello, tão frequente no nosso céo, o quadro de melancolica poesia com que a natureza adormecendo nos convida a scismar e nos levanta a alma para Deus.

Por deante do velho sobrado, rasgado de janellas numero-

Foi nesse tempo e nesse meio que decorreu a infancia de Eduardo Prado.

Cursou por algum tempo as aulas do Seminario Episcopal, então dirigido por capuchinhos francezes; matriculou-se depois, em 1877, na Faculdade de Direito, ouvindo a licção de mestres eminentes e tendo por condiscipulos, entre outros, Pedro Lessa, Affonso Celso, Julio de Mesquita, Julio de Castilho, Raymundo Corrêa, Assis Brasil, Raul Pompeia e Theophilo Dias.

«Muito moço, muito intelligente, muito sympathico, quasi imberbe e usando lunetas, diz Valentim Magalhães, seu amigo e companheiro de banco, não podia o Eduardo passar despercebido aos olhos argutos e maliciosos do originalismo lente de direito, o dr. João Theodoro Xavier, de quem narrou com fino engenho e bôa graça as bizarrias e extravagancias Lucio de Mendonça em seu recente livro—*Horas de bom tempo*.

«Por isso, continúa Valentim Magalhães, era frequentemente chamado a licções e sabbatinas com outros distinguidos pelas citadas qualidades.»

Nesse periodo academico de nosso estudante, a imprensa era então a arena onde tendiam os talentos juvenis ensaiando vôos para as arrojadas do futuro. Eduardo Prado e Valentim Magalhães, eleitos redactores do *Labarum*, ahi fazem as suas primeiras armas.

«Eduardo era já o mesmo que annos depois a todos apparecia: muito myope e muito risonho; habitos elegantes, mas simples; tracto ameno e facil; distrahido, trafego, apressado.» (1).

Redigiu mais tarde com Santos Werneck, Francisco Badaró e outros, o *Constitucional*.

Em 1881, com Raul Pompéa e Valentim Magalhães escrevia na *Comedia*, fundada por este e que pouco mais de dois mezes durou. No mesmo anno escrevia no *Entr'acto*, revista hebdomaria illustrada da responsabilidade ostentiva de Valentim e Ezequiel Freire e onde tambem collaborava ainda que occultamente o Caio Prado.

A predilecção litteraria do Eduardo era então para os assumptos humoristicos, leves, graciosos. Era esta mesma uma das feições naturaes do seu espirito.

O artigo de fundo de sua lavra, noticiando o desapparecimento da *Comedia* é um primor no genero. No mesmo estylo e de collaboração com outros publicou o romance *Russinho*, que bem poucos conhecem hoje.

---

(1) Valentim Magalhães—: *Eduardo Prado*, artigo publicado no *Paiz*.

Bacharel em direito em 1881, partiu Eduardo Prado no anno seguinte para o extrangeiro, iniciando as suas longas e repetidas viagens. Foi primeiro ao Rio da Prata, a uma exposição em Buenos-Aires; transpoz os Andes; esteve no Chile, percorreu a costa do Pacifico e tornou ao Atlantico atravessando os Estados-Unidos.

Dessa viagem na America publicou as suas impressões numas correspondencias remettidas á *Gazeta de Noticias*.

Passou depois dos Estados-Unidos á Europa onde longamente se demorou viajando e estudando; visitou a Sicilia, Malta e o Egypto; fez a volta do mundo, sahindo de Liverpool para Nova-Yorck, e passando a S. Francisco da California, visitou as ilhas de Sandwich e a Australia, atravessou a India e regressou á Europa por Suez. Mais tarde, reatou o curso dessas viagens, visitando a Syria, a Palestina, Damasco, depois que voltara do Brasil de que tinha estado ausente por quasi cinco annos.

Serviu então, durante curto prazo, creio que na legação brasileira em Londres, como addido de segunda classe, mas sem fazer parte do corpo diplomatico e sem vencimentos. Até alli não tinha recebido distincção alguma do governo imperial, nunca se approximara do throno; nenhum cargo publico excercera. A politica não o seduzira como o funccionalismo publico não o lograra empolgar.

Foi nesta situação que o veio encontrar a revolução de 15 de Novembro que derribou o Imperio e cuja noticia ecoou subitanea pela Europa estupefacta. E foi então que Eduardo Prado, num lance do generosidade, num desses impetos de indignação que brotam das convicções sinceras, appareceu, com o brilho e vehemencia de um campeão esforçado, tomando a defeza das instituições decaidas e desfechando pelas columnas da *Revista de Portugal*, nos *Fastos da Dictadura Militar no Brasil*, assignados por *Frederico de S.*, os primeiros e mais certeiros golpes que jamais recebera a republica proclamada em 1889.

O viajante, o estudioso, o homem elegante que até alli parecia desinteressar-se das coisas publicas de seu paiz, o litterato que repugnara a politica e os seus processos, arremessava-se agora com todo o vigor e encarniçamento dos jovens luctadores, e penetrava na liça com o denodo dos mais aguerridos combates. Dessa épocha em diante a politica passou a ser a paixão dominante em sua alma.

Desta attitude de Eduardo Prado para com as instituições nascentes só lhe vieram dissabores, perseguições e injustissimos conceitos da parte de seus adversarios. Elle, porém, tinha tomado um posto de sacrificios; era um convencido que cedia á força de seu ideal e das suas convicções.

bello estylo, cheio de uma erudição copiosa e precisa, rara em escriptores brasileiros.» (1)

Mas, não obstante, o livro foi confiscado e seu autor, para evitar a prisão, teve que sahir furtivamente de sua fazenda do Brejão, atravessar os sertões de Minas, ganhar a Bahia, embarcando-se então para a Europa, onde permaneceu até depois da revolta.

Foi mais ou menos por essa épocha que conheci Eduardo Prado e que travamos relações que as circumstancias aliás não consentiram fossem muito estreitas nem demoradas.

Elle apparecia-me envolto já na sua aureola de personagem politico, de pamphletario temivel que a fama consagrara e rapido tambem desapparecia-me por uma dessas lufadas repentinas tão communs nas épochas de revolução. Não pude então fazer delle esse juizo pessoal seguro que a sympathia reciproca cimentasse e logo se convertesse na amizade affectuosa que depois tão intimamente nos ligou.

Depois do nosso primeiro encontro que, segundo me recordo, foi no Ypiranga, onde a coincidencia de uma visita ao monumento nos reunira a elle e aos drs. Derby e Bezzi, só nos encontramos tres annos depois quando deliberada a commemoração tricentenaria de Anchieta, o *Commercio de S. Paulo* publicava as theses das conferencias a se realisarem solemnemente durante o anno e bem assim os nomes dos conferentes, entre os quaes se achava o meu.

Se isso foi sorpreza para quantos leram o *Commercio* naquelle dia, para mim foi estupefacção. Achava-me deslocado e pequenino entre tantos escriptores e oradores eminentes e fui o primeiro a considerar infeliz a inclusão do meu nome naquella lista de notabilidades.

Procurei logo o Eduardo e disse-lhe positivamente que não acceitava a aliás honrosa incumbancia; alleguei motivos varios, sentia-me inferior á minha tarefa e depois, disse-lhe concluindo, porque não me consultou?

—Consultar?... nisto não cahia eu, respondeu-me de prompto o Eduardo. Já viu vossê acceitar alguem coisas destas de bom grado? A' consulta seguir-se-ia infallivel recusa, ou, quando menos, não faltariam as discussões, as escolhas ou preferencias por essa ou por aquella these, o que traria delongas e nós não temos tempo a perder. As theses são minhas; os conferentes fui eu quem os escolheu... e ajuntou rindo-se—e, como *noblesse oblige*... quero ver lá quem será capaz de recusar...

(1) *Jornal do Commercio* de 5 de Setembro de 1901.

frisam de minha parte pela immodestia, para bem pintar-vos quanta bondade, quanta superior virtude se encerravam naquelle nobilissimo espirito que a cega fatalidade tão cedo nos roubou.

Não quiz eu que a minha modestia egoisticamente, porque tambem a modestia tem seu egoismo, se antepuzesse ao brilho excellente com que nelles se apresenta esta face das mais caracteristicas daquelle genio amigo. Não tem aqui o direito de exhibir-se a minha humildade prejudicando o merito de quem fez juz á minha gratidão.

As conferencias Anchietanas não lograram, porém, chegar a seu termo. Graves perturbações politicas sobrevindo com os desastres militares nos sertões da Bahia commoveram profundamente a população desta capital e forçaram o nosso confrade a deixar o seu posto na imprensa e retirar-se para o extrangeiro.

As conferencias tiveram de ficar interrompidas, porque faltou-lhes o espirito director; mas, ainda assim, ellas deixaram no animo publico a mais funda impressão que uma festa litteraria jámais logrou no Brazil.

As conferencias Anchietanas marcam na vida de Eduardo Prado uma nova e bem assignalada tendencia do seu espirito.

O cultor da historia patria começa a sobrelevar ao politico. O historiador, o investigador incansavel dos archivos, o estudioso, o critico atilado e seguro do nosso passado apparece depois dessa época dominando ao pamphletario, ao batalhador da imprensa. Não esfriara elle na sua crença, não descreu do seu ideal politico, mas comprehendendo melhor o seu tempo e o seu meio, recolhendo dos factos a rude licção que tão de perto lhe affectava, ia moderando o seu ardor na lucta e tornava-se mais circumspecto e menos impulsivo.

O partidario que, pouco antes, quando todos se calavam, como dominados pelo terror, dava com estrondo um banquete politico, solemnisando o anniversario do principe da dymnastia decaida, que excitava os seus correligionarios a concorrerem ás urnas solicitando os suffragios populares, que promovia reuniões politicas consideradas perigosas, ia já cedendo aos poucos do seu ardor e do seu espirito de combatividade e, com os annos, se ia tornando antes um pensador do que um homem de lucta.

De regresso da Europa, em 1898, Eduardo Prado já não é o guerrilheiro impetuoso guardando com zelo o seu logar entre os combatentes da primeira fila. Não é, de certo um Achilles offendido que se retira por não restituir-lhe o Attrida a sua formosa Briseis, é apenas o veterano que se guarda para os momentos decisivos, e já não crê na efficacia dos golpes incessantes, nem nas temerosas investidas. Já se não mantinha por

panhal-o em visita aos cafezaes e aos colonos, embeber-se no contacto com os caipiras, encantado de seus termos e de suas phrases silvestres; subir ao mirante que do meio da propriedade descortina leguas e leguas de cercanias, passar por entre os jequitibás incomparaveis do caminho, afundar-se em sua bibliotheca, tão rica, tão variada e tão escolhida, em que estavam representados todos os ramos dos conhecimentos humanos e fraternisavam todas as opiniões, desde os padres da egreja até ás novidades do ultimo paquete.

«—Quando estou só aqui, dizia elle, leio um volume por dia, se não tenho coisa urgente a fezer.—Se, porém chegava um amigo, fechavam-se os livros e começava a conversa, porque não era dos que arrebatam a palavra e não deixam mais ninguem falar; e a conversa saltitava sobre os mais varios assumptos, homens conhecidos, terras viajadas, livros lidos, idéas geraes, todo o dia, desde o amanhecer até entrar muito pela noite. Não perguntava se as idéas alheias combinavam com as suas; queria, sim, que se tivesse idéas.

«Considerava o Brejão sua verdadeira e unica morada, o mais eram pousos passageiros: quadros, livros, armas, curiosidades, tudo alli concentrava. Longe das animosidades irritantes e dos olhares malevolos, expandia-se todo, simples, franco, candido e até ingenuo, elle que tantos accusavam de desabusado e scep-tico» (1).

Uma vez no Brejão, que era de facto o seu refugio, voltava aos seus estudos de predilecção, os estudos historicos, como se volta aos logares amados. Tinha a nostalgia do passado e recolhia-se a elle: embebia-se nelle, inquirindo-o, escrevendo-o, como se obedecesse a um secreto instincto de explicar a sua propria alma.

Cedia de boa mente aos encantos que lhe offerecia o amor do passado e procurava nelle saciar a sua sêde de certeza, convencido, como Seneca, deante da immutibilidade irrevogavel do passado que nem os Deuses tinham o poder de destruir que —na grande turba inconstante das coisas só é certo aquillo que já passou. (2)

Duas coisas no nosso passado, e no passado mais remoto que é aquelle com que mais se comprazia, solicitavam-lhe a admiração e o enthusiasmo:—o jesuita evangelisando entre os selvagens e o heroismo, a paciente tenacidade do portuguez.

---

(1) Do *Jornal do Commercio* de 5 de Setembro de 1901, artigo de redacção, sob o titulo: *Eduardo Prado*, (notas de um amigo).
(2) Eduardo Prado—Do Estudo do Passado Brazileiro, pag. 7.

saber e de toda a grandeza terrena, estava a mais santa das philosophias, a de um Deus martyrisado ensinando a religião da caridade e do perdão.

Foi aos influxos desta santa philosophia que Eduardo Prado viu amadurecer o seu espirito, entrando já nesse periodo da vida em que aos surtos da imaginação e ao idealismo sonhador succede a doce serenidade de reflexão.

Casara-se em 1891 com a excellentissima senhora d. Carolina Prado, sua prima, espirito eminentemente religioso, de cujo enlace não houve filhos, mas então repartia os seus affectos por dois outros filhos não menos dilectos e merecedores: — os seus livros e a sua fé.

Vós bem o vistes com que denodo, com que espantosa erudição, com que dialectica invencivel elle se apresentou, batendo-se em prol das crenças do nosso povo, nessa lucta da imprensa, cujos écos derradeiros ainda se não extinguiram totalmente. E foi então que o amigo, cujos affectos bons para com o seu amigo iam até a veneração, o admirador enthusiasta do alheio merito, teve de ceder ao crente e ao homem de fé inabalavel, que com sacrificio dos proprios sentimentos se julgava no dever de enfrentar e rebater, vós bem o vistes com que successo, os duros golpes desfechados pelo saber irreverente.

São ainda bem recentes os successos deste prelio memoravel para que eu vol-os recorde, meus senhores, no momento mesmo em que devo terminar.

Não terminarei, comtudo, sem levantar a pécha de anti-patriotismo que no ardor da lucta lhe irrogaram, a elle o mais sincero dos cultores das nossas glorias, a elle que morre na flôr da edade, legando-nos materia para oito volumes quasi todos dedicados ao estudo e ao engrandecimento de nossa patria.

Sim, o patriotismo do nosso confrade não era esse patriotismo vulgar dos *patriotas*..., era esse bom patriotismo dos esclarecidos e dos que amam com verdade, porque conhecem mais intimamente o objecto dos seus affectos.

A respeito das nossas coisas não se imbuia de illusorias vaidades; conhecia a fundo o seu povo e a sua terra, e, como amava a verdade pela verdade, não soffria que o seu patriotismo chegasse ao ponto de occultal-a ou desconhecel-a para se illudir a si mesmo e aos outros. Das suas viagens atravez dos sertões ficou-lhe a vaga mas tristissima impressão da pobreza do nosso sólo, impressão um tanto exaggerada talvez, mas impressão que lhe ficou indelevel e influiu muito nos seus juizes a proposito dos nossos recursos.

O Brasil, como elle o julgava, muito mais pobre do que se

Actas das sessões do Anno de 1901

1.ª sessão ordinaria em 25 de Janeiro de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

As 7 e meia horas da noite no predio n. 1 da rua João Alfredo no salão destinado ás sessões presentes os socios Srs. Duarte de Azevedo, Miranda Azevedo, Carlos Reis, Pereira Guimarães, Dionysio Caio Fonseca, Dr. José Vicente, Santos Rodrigues, Jacintho Ribeiro, Constante Coelho, Ernesto Goulart, Bernardo Campos, Arthur Goulart, J. C. Alves Lima, Alfredo Toledo, Horace Lane, Soares Romeu, Eduardo Pereira, Cesar Bierrembach, Francisco Malta, Arthur Vauthier, Pennaforte Blacke, Antonio Piza, Orville Derby, Luiz de Vasconcellos, João von Atzingen, J. Krichbaum, João Florindo, foi declarada aberta a sessão pelo sr. Presidente que congratulou-se com os socios pela entrada do novo seculo.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior. Foram recebidos por uma Commissão e introduzidos na sala das sessões onde tomaram assento os novos socios Srs. Drs. Carlos Sampaio e Sergio Meira.

EXPEDIENTE

Officios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro agradecendo as condolencias enviados pelo fallecimento do Dr. Cesar Augusto Marques.

Dos srs. Alberto F. Rodrigues, Director Geral dos Correios, do Archivo Publico da Bahia, do Lyceu Litterario Portuguez do Rio de Janeiro agradecendo a offerta da obra de Hans Staden.

REGULAMENTO E ESTATUTOS

Dr. João Pereira Monteiro.
Dr. Manoel Dias de Aquino e Castro.
Dr. Ernesto Goulart Penteado.

ADMISSÃO DE SOCIOS

Dr. Luiz de Toledo Piza e Almeida.
Dr. João Baptista de Moraes.
Dr. Constante Affonso Coelho.

REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Augusto C. de Miranda Azevedo.
Dr. Antonio de Toledo Piza.
Dr. Theodoro Sampaio.

HISTORIA DE SÃO PAULO

Dr. Antonio de Toledo Piza.
Dr. Conego José Valois de Castro.
Dr. Francisco M. G. Natividade.

HISTORIA GERAL DO BRAZIL

Dr. Augusto C. de Miranda Azevedo.
Coronel Gabriel Prestes
Dr. Brazilio A. Machado de Oliveira.

GEOGRAPHIA DE SÃO PAULO

Dr. Theodoro Sampaio
Dr. Orville Derby
Dr. Eduardo da Silva Prado.

GEOGRAPHIA GERAL DO BRAZIL

Dr. José Vicente de Azevedo.
Tiburtino Mondim Pestana
Tancredo L. Amaral Coutinho.

Os socios correspondentes que residirem ou vierem a residir na Séde social poderão passar para a classe dos effectivos apresentando trabalho de conformidade com o § seguinte.

—Ao § 2.° do Art. 3.° Em vez de—satisfazendo-os, diga-se: estando nas... Entre as palavras *antecedente* e *apresentarem*—accrescente-se: e residirem na Séde do Instituto.

Substitua-se as palavras—de valor. . . . . ao Brazil... pelas seguintes: Que abone a capacidade intellectual do auctor e sobre o assumpto cujo estudo o Instituto se propõe promover.

Ao § 3.° do Art. 3.° Em vez de a Republica diga-se—ao Paiz. Depois do Art. 3.° accrescente-se: Art. 4.° Os socios aos quaes for conferido o titulo de—honorarios ou benemeritos continuarão a gozar das regalias inherentes á categoria a que pertenceram.

Substitua-se o Art. 4.° pelo seguinte: Art. 5.° Todos os socios receberão um diploma que será assignado pelo Presidente, 1.° Secretario e Thesoureiro. Colloque-se o Art. 56 em seguida ao Art. 4.°: supprima-se o Art. 5.° Ao Art. 6.° substituam-se as palavras... terá sempre... Assembléa... pela palavra—será—e accrescente-se *in fine* e conterá além do nome e titulos ou meritos que recommendem o candidato a sua nacionalidade e residencia. Supprima-se o § unico deste Art.—Ao Art. 7.° substituam-se as palavras—antes da votação para admissão, pelos... salvo em casos muito excepcionaes. A este Art. accrescente-se *in fine*—A requrimento de qualquer socio poderá a Assembléa conceder a dispensa do intersticio afim de ser o parecer ou a proposta votada na mesma sessão. Em seguida accrescente-se o seguinte—Art... a qualidade excepcional de Presidente Honorario só poderá ser conferida mediante proposta assignada pela mesa do Instituto e tambem pelos demais socios presentes á sessão. A proposta assim apresentada considera-se approvada. Esta distincção será communicada ao agraciado por officio assignado pela mesa enviando o Diploma.—Ao § 1.° do Art. 10.°—substituam-se as palavras—joia e annuidade etc... pelas seguintes: Contribuição que lhes competir, a saber:

A—Os socios correspondentes residentes no Estado pagarão a joia de 50$000.

B—Os socios effectivos pagarão além da joia de 50$000 a annuidade de 24$000, pagando a primeira annuidade com a joia.

C—Os socios honorarios e benemeritos, assim como os correspondentes, residentes fóra do Estado, nada pagarão.

D—Os socios correspondentes que passarem a effectivos pagarão a joia de 50$000, salvo se já o tiverem satisfeito, e a annuidade de 24$000 pelo modo estabelecido na letra—B—.

Ao § 6.º—Substituam-se as palavras finaes—assignados etc. pelas seguintes: Que serão presentes ao Instituto na primeira sessão do trimestre seguinte:

Ao § 7.º—Supprima-se o § 7.º—accrescente-se: § 7.º—Apresentar até 10 de Janeiro o balanço da receita e despeza do anno findo acompanhado dos respectivos documentos, o qual será enviado á commissão de contas para exame e parecer.

Na sessão de 25 de Janeiro, serão o Balanço e Parecer submettidos á discussão e votação do Instituto.

§ 8.º—Apresentar na 1.ª sessão ordinaria de Outubro o projecto de orçamento da receita e despeza do anno seguinte, o qual será enviado á Commissão de Contas que apresentará o seu parecer até a segunda sessão ordinaria do dito mez de Outubro.

Nessa sessão serão o Parecer e Orçamento submettidos á discussão e votação.

Depois do artigo 18—accrescente-se:—Art... Ao Orador compete § 1.º Falar ou responder pela Sociedade em todas as occasiões tanto festivas como funebres, excepto quando o Presidente o fizer, porque tem preferencia, tanto nas sessões como nas deputações do Instituto.

§ 2.º—Fazer na sessão magna de 1.º de Novembro o elogio historico dos socios fallecidos durante o anno social.

Artigo... Aos supplentes do 2.º secretario incumbe a substituição deste nas suas faltas e impedimentos. Na ausencia dos secretarios e supplentes durante as sessões o Presidente nomeará dentre os socios presentes quem suppra as respectivas faltas.

Ao Artigo 20—Supprimam se as palavras além da Directoria e os finaes—que serão sempre escolhidos etc. Accrescente-se: «Decima-primeira». Commissão de Contas.

Ao Artigo 22—Accrescente-se *in fine*: os pareceres deverão ser apresentados no prazo de quinze dias.

Ao Artigo 23—Substitua-se a palavra—opportunamente—pela palavra—periodicamente.

Incluam-se em seguida ao artigo 24, os artigos 59 e 61 com as modificações a elles apontadas.

Ao Artigo 31—Em vez de: «Todos os annos o Instituto concederá: diga-se: o Instituto poderá conceder annualmente.

Ao art. 32.—Accrescente-se a palavra «ordinarias» em seguida a—sessões. Diga-se «duas vezes» em logar de «uma vez», pondo-se no plural as palavras—dia—e—designado. Supprimam-se as palavras finaes precedendo—convite, etc.

Ao art. 33.—Substituam-se as palavras—em que «se celebrará» pelas «celebrando-se» e accrescente-se *in fine* «a 25 deste mez».

Passe-se para o Cap. V, fundindo com o art. 24 e eliminando-se o que aqui é repetiçao.

Ao art. 63.

Entre as palavras *sociedade* e *só poderá*, incluam-se as seguintes: «*nos casos que não são previstos* no artigo... (actual 54)».

Foram tambem approvadas as seguintes emendas enviadas pelo socio fundador Sr. Dr. José de Sá Rocha:

Ao art. 50 accrescente-se onde convier:

O Instituto fica tambem auctorisado a acceitar doações ou legados, mesmo por disposição testamentaria, cumprindo á Directoria promover os meios necessarios para entrar na posse de taes legados e dar-lhes o devido destino, caso não sejam feitos com determinação especial. (Salvo redacção.)

Ao unico § do art. 54 (emenda da Directoria).

Em vez de: «o seu debito da annuidade», diga-se: «AS ANNUIDADES DEVIDAS OU EM DEBITO».

Ao art. 61. Accrescente-se onde convier:

A Revista publicará tambem annualmente uma relação dos donativos, doações, ou legados recebidos durante o anno, com indicação dos nomes offertantes. (Salvo redacção).

Não foram approvadas as seguintes emendas:

Do mesmo socio Dr. José de Sá Rocha, relativas aos §§ 2.° e 3.° do art. 3.°.

Do socio Dr. Antonio Piza, no sentido de ser reduzido a dois terços o numero de dois socios exigido para assignatura das propostas para presidentes honorarios, e outra supprimindo a emenda ao ar,. 11 sobre creação de um orador official.

Foi apresentada e lida, ficando sobre a mesa para ser votada na 1.ª sessão, uma proposta dos Snrs. E. Goulart e A Piza, auctorisando a Directoria a convidar os socios acceitos e que ainda não satisfizeram a respectiva contribuição, ha mais de dois annos, a regularisarem a sua admissão, podendo dispensar o pagamento das annuidades anteriores ao actual, aos que satisfizerem a joia e á 1.ª annuidade, considerando-se esta como relativa ao corrente anno.

2.ª PARTE

O Dr. Eduardo Prado pedindo a palavra, offereceu ao Instituto um interessante documento encontrado na Bibliotheca de Lisboa com a seguinte curiosa epigraphe: *Divertimento admiravel. Para os historiadores curiosos observarem as machinas do mundo reconhecidas nos sertões de navegação de minas de Cuyabá e Matto Grosso.*

ORDEM DO DIA

Foi por unanimidade de votos approvada a redacção final do projecto de refórma dos Estatutos. Tendo estes entrado em vigor, o sr. presidente nomeou os srs. Eugenio Franco, Arthur Vautier e João Florindo para fazerem parte da commissão de contas.

O sr. E. Prado, obtendo a palavra, offerece ao Instituto dous mappas que encontrou em archivos da Europa, mappas interessantissimos, sobre os quaes dissertará o sr. Derby. Propoz o sr. E. Prado que o Instituto, por intermedio do Governo, procurasse obter nos archivos europeos por s. exc. visitados, e sobre cuja riqueza falou com o costumado brilhantismo, copias dos importantes documentos ahi conservados. Terminando a sua exposição, que foi muito applaudida por todos os socios presentes, foi o sr. dr. E. Prado encarregado pelo sr. Presidente de redigir uma representação n'esse sentido ao Governo do Estado.

O sr. dr. Derby, obtendo a palavra, passa a dissertar sobre esses dous mappas, attribuidos a D. Luiz Antonio de Souza, e que tratam das divisas entre S. Paulo e Minas, sendo muito applaudido ao terminar.

O sr. dr. Th. Sampaio, em nome da Alliance Française offerece ao Instituto 40 volumes relativos a explorações no Mexico e na America Central.

Nada mais havendo a tratar, o sr. Presidente levantou a sessão.

Lavrada por Dionysio Fonseca, 2.° secretario.

Sessão ordinaria, em 20 de Março de 1901

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 1/2 horas da noite, presentes os Srs. Duarte de Azevedo, Miranda Azevedo, Carlos Reis, Dionysio Fonseca, Theodoro Sampaio, Dinamerico Rangel, O Derby, A. Piza, E. Goulart, Bernardo Campos, E. Prado, Tulio Campos, Jacintho Ribeiro, B. Merelli, A. Vautier e J. Vicente Sobrinho, foi aberta a sessão.

EXPEDIENTE

OFFICIOS

Dos Srs. M. Moraes Barros e J. B. Mello Peixoto, agradecendo as suas transferencias.

Das Bibliothecas—Nacional, do Rio de Janeiro, e da Universidade de Upsala, agradecendo a remessa da obra de Hans Staden.

OFFERTAS

As constantes da relação em appendice, as quaes foram recebidas com especial agrado.

Comparecendo na sala immediata o nosso socio Dr. J. Mesquita Barros, foi nomeada uma commissão que o introduzio na sala das sessões, onde tomou assento.

ORDEM DO DIA

Foi unanimemente approvada a proposta assignada por todos os socios presentes conferindo o titulo de Presidente honorario do Instituto ao Sr. Dr. J. M. da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco.

Foi lido o parecer da commissão de admissão de socios, relativo aos Srs. Dr. Carlos Rodrigues de Vasconcellos, Professor Fernando Martins Bonilha, Dr. Luciano Esteves dos Santos e Manoel de Oliveira Lima.

Foram apresentadas propostas para admissão dos seguintes Srs. como socios do Instituto: Drs. João Mendes de Almeida Junior e Silvio de Almeida, como socios effectivos e Candido Costa como correspondente.

O Sr. E. Hollender apresenta diversos mappas antigos, referentes ao Brazil, de 1620 e 1621, afim de ser escolhido um pelo Instituto, recahindo a escolha sobre o intitulado «Brazilia—Rio Grande de Lucena, tendo o Sr. Presidente agradecido a valiosa offerta.

O Sr. P. Guimarães propõe que o Instituto, para solemnisar o 10.° anniversario da sua fundação em 1904, realise um Congresso Americano de Historia e Geographia, devendo ser nomeada uma commissão de 10 membros para estudar o assumpto e formular o programma.

Tendo o Sr. M. Azevedo apresentado uma emenda para que a commissão fosse de 3 membros, foi a primitiva proposta approvada com esta modificação, nomeando o Sr. Presidente os Srs. Eduardo Prado, M. Azevedo e P. Guimarães. Este ultimo, pedindo a palavra, pede excusa da commissão e demissão do cargo de 1.° Secretario, visto que por motivos imperiosos não poderá comparecer as sessões durante 5 a 6 mezes. A vista das razões apresentadas, a casa não acceitou o pedido de demissão, concedendo ao 1.° Secretario uma licença pelo tempo que julgasse necesssario.

ciado, sendo ao terminar acolhido por uma salva de palmas e muito cumprimentado.

Nada mais havendo a tratar, foi levantada a sessão. Lavrada por Dionysio Fonseca, 2.° secretario.

Sessão ordinaria, em 4 de Maio de 1901

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 1/2 horas da noite, presentes os Srs. D. de Azevedo, M. Azevedo, D. Fonseca, C. Reis, Th. Sampaio, J. Moraes, B. Campos, A. Vautier, J. Jaguaribe, O. Derby, D. Rangel e J. Vicente Sobrinho, foi aberta a sessão.

Foi approvada a acta da ultima sessão.

EXPEDIENTE

OFFERTAS

As constantes da relação em apendice, recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foram votados os pareceres relativos aos Srs. D.ra Maria Renotte, D.rs J. Mendes Junior, Silvio de Almeida e Ignacio de Rezende, como socios effectivos, e Candido Costa como correspondente.

O Sr. Dr. J. Moraes leu a 2.ª parte do seu notavel trabalho sobre a Revolução de 1835, que não foi menos apreciada do que a 1.ª, sendo o seu illustre auctor igualmente applaudido e cumprimentado pelos socios presentes.

Nada mais havendo a tratar, foi levantada a sessão. Lavrada por Dionysio Fonseca, 1.° Secretario em exercicio.

Sessão ordinaria em 20 de Maio de 1901

PRESIDENCIA DO EXM. SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 1/2 da noite, presentes os Srs. D. de Azevedo, M. Azevedo, D. Fonseca, C. Reis, D. Rangel, T. Sampaio, J. Jaguaribe, Couto Magalhães, D. Jaguaribe, O. Derby, A. Piza, P. Lessa, E. Prado, J. Moraes, A. Löffgren, J. Vicente Sobrinho,

Sessão ordinaria em 5 de Junho de 1901

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

Aos cinco dias do mez de Junho de mil novecentos e um, presentes os srs. Duarte de Azevedo, Dionysio Caio, Carlos Reis, Miranda Azevedo, Domingos Jaguaribe, Theodoro Sampaio, Tulio de Campos, Sergio Meira, Alberto Loeffgren, Sivio de Almeida, Couto de Magalhães, Carlos de Vasconcellos, Horacio Lanne, Orville Derby, José Vicente Sobrinho e Dinamerico Rangel, foi declarada aberta a sessão.

Achando-se na sala da Bibliotheca, foi introduzido na sala das sessões o sr. dr. João Mendes de Almeida Junior, com as formalidades do estylo.

Lida a acta da sessão anterior foi approvada sem debate.

EXPEDIENTE

OFFICIOS

Do Sr. Clovis Bevilacqua, agradecendo sua admissão.

Do Sr. Antonio Borges Sampaio acompanhando uma photographia representando D. Pedro 1.º no acto da coroação.

Da Irmandade do S.S. Sacramento da Cathedral, enviando um convite.

Do Instituto Archeologico de Pernambuco, offerecendo copias de mappas solicitadas por este Instituto.

Tendo o dr. Miranda Azevedo, proposto que as despesas com essas copias fossem pagas pelos socios, foi aberta uma subscripção entre os mesmos, attingindo tal subscripção a somma precisa.

OFFERTAS

As constantes do appendice, que foram recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foram votadas as propostas relativas aos Srs. Drs. Antonio da Cunha Barbosa, Henrique Coelho Netto e Joaquim Marianno de Almeida Moraes.

Foram apresentadas propostas para serem acceitos socios do Instituto na qualidade de socio effectivo Drs. Amancio Ramos Freire; correspondente Antonio Olyntho dos Santos Pires; tendo o Dr. Couto Magalhães, requerido a nomeação de uma commis-

ORDEM DO DIA

Foram propostos socios do Instituto os Srs. Manoel Barata e Coronel Fernando Prestes de Albuquerque.—A' Commissão.

Foi apresentado parecer sobre as propostas na sessão anterior. Sobre a mesa.

O Sr. Presidente nomeou uma commissão composta dos Srs. Theodoro Sampaio, O. Derby, e Ferreira Ramos para dar parecer sobre a memoria apresentada pelo Sr. Dr. Jaguaribe sobre o seu trabalho relativo á—Invenção dos balões.

Nada mais havendo a tractar foi encerrada a sessão e marcado o dia 5 do mez p. faturo.

Lavrada pelo Dr. Dinamerico Rangel.

DUARTE DE AZEVEDO.
DIONYSIO C. DA FONSECA.
DINAMERICO RANGEL.

Sessão em 5 de Julho de 1901

Presidencia do Conselheiro Duarte de Azevedo

Aos cinco dias de mez de Julho, ás 7 e meia horas da noite, no salão das sessões do Instituto Historico e Geographico, presentes os Srs. Duarte de Azevedo, Miranda Azevedo, Dionysio Caio, Carlos Reis, Dinamerico Rangel, A. Forte Black, João Moraes, Theodoro Sampaio, Antonio Piza, Domingos Jaguaribe, A. Vautier, O. Derby, Eduardo Prado, Santos Rodrigues, Fernando Bonilha Junior, J. Wietbraune. Aberta a sessão foi recebida na sala das sessões com as solemnidades do estylo a Sra. D. Maria Reno tte. Em seguida é lida e approvada a acta da sessão anterior, por unanimidade.

EXPEDIENTE

OFFICIOS

Do Dr. J. Calmon N. V. da Gama, agradecendo a sua transferencia. — Da Bibliotheca Fluminense agradecendo a remessa de livros.

Do Dr. Thesoureiro do Instituto remettendo o balancete da receita e despesa no 2.º trimestre do exercicio.

Dos Drs. Cunha Barbosa e J. Marianno de A. Moraes agradecendo a sua admissão.

Sessão ordinaria em 20 de Julho de 1901

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEITO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia da noite, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Eduardo Prado, Miranda Azevedo, Domingos Jaguaribe, Alfredo Toledo, A. Vautier, Couto Magalhães, Theodoro Sampaio, Carlos de Vasconcellos, Carlos Reis, J. Vampré, Dionysio Fonseca, Bonilha Junior e Dinamerico Rangel, foi aberta a sessão.

Por uma commissão foi introduzido no salão das sessões, onde foi recebido com as formalidades do estylo, o nosso socio Sr. Dr. Amancio Ramos Freire.

Foi approvada a acta da ultima sessão.

EXPEDIENTE

OFFICIOS

Dos Presidentes do Sport Club Internacional e da Liga Auxiliadora Internacional, convidando o Instituto a representar-se na sua festa de anniversario.

Do Sr. A. Olyntho S. Pires, agradecendo a sua admissão.

OFFERTAS

As constantes da relação em apendice, recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foram approvados os pareceres relativos aos Srs. Dr. Manoel Barata e Fernando Prestes de Albuquerque. Ficaram sobre a mesa para serem votados na 1.ª sessão os pareceres relativos aos propostos na ulima sessão. Foram apresentadas propostas para admissão do Sr. Olympio Paranhos e Mrs. Mary Robinson Wrigthe. Tendo o Dr. Carlos Reis pedido dispensa de intersticio, attento o elevado merecimento desta escriptora, foi a proposta votada immediatamente, e a mesma Sra. proclamada socia honoraria do Instituto.

O Dr. D. Jaguaribe propoz, e foi approvado, que o instituto se congratulasse com o Sr. Santos Dumont pelo successo obtido nas experiencias de seu balão dirigivel. Nada mais havendo a tractar, foi levantada a sessão. Lavrada por Dinamerico Rangel, supplente em exercicio do 2.º Secretario.

Sessão ordinaria, em 20 de Agosto de 1901

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 1/2 horas da noite, no salão das sessões do Instituto, presentes os snrs. Duarte de Azevedo, Euclides da Cunha, Horacio Lane, E. Goulart, A. Vautier, Tullio de Campos, Miranda Azevedo, Dr. Jaguaribe, Alfredo Toledo, Sylvio de Almeida, Amancio Freire, Theodoro Sampaio, A. Piza, Carlos Reis, Dionizio Fonseca, J. Vampré e Jacintho Ribeiro, foi aberta a sessão.

Foi approvada a acta da ultima sessão.

Foi recebido por uma commissão e introduzido na sala das sessões, onde tomou assento, o novo socio snr. Conego José Pedro de Araujo Marcondes.

EXPEDIENTE

OFFICIOS

Dos snrs. Manoel M. C. Barata e M. de Oliveira Lima agradecendo as suas admissões como socios do Instituto.

OFFERTAS

As constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foram apresentadas e lidas propostas para transferencia dos Snrs. Ernesto G. Young da classe de socio effectivo para a de honorario, e Dr. A. Candido Rodrigues de correspondente para effectivo. Tendo o Dr. Carlos Reis pedido dispensa de intersticio forão as propostas immediatamente postas em discussão e unanimemente approvadas.

O socio Snr. Dr. Sylvio de Almeida increveu-se para falar na primeira sessão.

Nada mais havendo a tractar o snr Presidente levantou a sessão.

Lavrada por Dinamerico Rangel, 2.° supplente de Secretario.

Obtêm succesivamente a palavra os Drs. Couto de Magalhães, como amigo do finado, Pereira Guimarães, propondo que fosse suspensa a sessão, J. C. Bierrembach, João Monteiro e Domingos Jaguaribe, que declara ter em nome do Instituto cumprido o dever de represental-o no acto de inhumação proferindo então palavras de saudade.

Depois de nomeada uma commissão composta dos Snrs. Drs. Th. Sampaio Sampaio, D. Jaguaribe e O Derby, de accôrdo com a proposta do Snr. Dr. M. Azevedo, foi suspensa a sessão, ordenando o Snr. Presidente que n'esta fosse lançado o voto de pesar accceito pela assembléa, e que fez certo o 2.° Secratario Snr. Dionysio Fonseca ao lavral-a.

Sessão ordinaria em 20 de Setembro de 1901

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 horas da noite, no salão das sessões, presentes os srs. Duarte de Azevedo, P. Guimarães, O. Derby, A. Toledo, A. Piza, Santos Rodrigues, C. Reis, Ferreira Ramos, S. de Almeida, C. de Magalhães, D. Jagnaribe, H. Lane, A. R. Freire, D. Rangel, Conego A. Marcondes, J. Vicente Sobrinho, Carvalho Aranha e Dionysio Fonseca, foi aberta a sessão.

Lida a acta da ultima sessão, foi approvada.

EXPEDIENTE

OFFERTAS

As constantes da relação em appendice, recebidas com especial agrado,

ORDEM DO DIA

Foram propostos socios effectivos do Instituto os Srs. Conego Ezequias Galvão da Fontoura e Dr. Francisco A. Peixoto Gomide.

O Sr. Dr. Thesoureiro expõe as condições da Caixa do Instituto e faz observações sobre o orçamento para o novo exercicio.

O sr. Dr. A. Piza apresentou uma proposta, auctorizando a Directoria a abrir es creditos supplementares ás verbas do orçamento, em que se verificar accrescimo de despezas, o que é approvado.

ORDEM DO DIA

Foi lido o parecer da respectiva commissão opinando pela admissão de socios.

Ficou sobre a mesa para ser discutido e votado na proxima sessão.

O Dr. Theodoro Sampaio, membro da commissão nomeada para dar parecer sobre o trabalho e documentos offerecidos ao Instituto pelo socio Dr. Jaguaribe, sobre a direcção dos balões, apresenta o parecer, que é transcripto na presente acta, mas que será publicado com o respectivo trabalho.

Foram approvados o orçamento da receita e despeza para 1902 e o balancete, apresentados. E tambem propostas para admissão de socios.

Lavrada por Dionysio Caio da Fonseca.

Dr. Miranda Azevedo.
M. Pereira Guimarães.
Dinamerico Rangel.

Sessão ordinaria em 19 de Outubro de 1901

PRESIDENCIA DO EXMO. SR. DR. MIRANDA DE AZEVEDO

Aos 19 dias do mez de Outubro de 1901, ás 7 horas da noite no edificio em que funcciona o Instituto Historico e Geographico do Estado de São Paulo, presentes os Srs. Drs. Miranda de Azevedo, Manoel Pereira Guimarães, Amancio Ramos, Antonio Piza, Theodoro Sampaio, Orville Derby e Dinamerico Rangel, foi declarada aberta a sessão, sob a presidencia do primeiro servindo de segundo secretario o Dr. Dinamerico Rangel na forma dos Estatutos.

Foi lida, posta em discussão e por unanimidade approvada a acta da sessão anterior. O primeiro secretario dá conta do expediente e das offertas. Foram lidos os pareceres que ficaram sobre a mesa relativos a admissão dos Srs. João Lorenço Rodrigues, Dr. Francisco de Assis Peixoto Gomide, Conego Esequias Galvão da Fontoura, na qualidade de socios effectivos, devendo o primeiro apresentar trabalho na forma do paragrapho segundo do artigo terceiro dos Estatutos: Belisario Pernambuco e Olympio Paranhos, na de socios correspondentes: approvados.

Foi lido e approvado o parecer da commissão de contas relativo ao projecto de Orçamento para o anno de 1902: bem

ORDEM DO DIA

E' lido o parecer da Commissão que opina pela admissão dos srs. dr. Eduardo Loschi na qualidade de socio effectivo, D. Abelardo Varella, D. Julio Vicuña Creufuentes, Felix Pacheco, Carlos Porto Carreira e dr. Alfredo Varella na qualidade de correspondentes e o sr. barão de Studart na de honorario.

Pede a palavra o dr. Domingos Jaguaribe e propõe dispensa de intersticio do regulamento, visto ser esta a ultima sessão ordinaria do anno lectivo. Posta a votos a proposta é approvada.

O sr. presidente agradece o comparecimento dos srs. associados á presente sessão e declara encerrados os trabalhos do anno de 1901.

Lavrada por Dionysio Caio da Fonseca.

Dr. Miranda Azevedo.
Manoel Pereira Guimarães.
Dionysio Caio Fonseca.

Sessão magna em 1.º de Novembro de 1901

Presidencia do sr. conselheiro Duarte de Azevedo

A um de Novembro de mil novecentos e um, no predio onde funcciona o Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, sob a presidencia do Exm.º Snr. Conselheiro Manoel A. Duarte de Azevedo, presente os socios Drs. Pereira Guimarães, Miranda Azevedo, Carlos Reis, Theodoro Sampaio 1.º secretario, vice-presidente, thesoureiro e orador e mais socios: Drs. Domingos Jaguaribe, Amancio Ramos, Carvalho Aranha, Ernesto Goulart, Alfredo Toledo, Drª. Maria Rennotte, H. H. Willians, Couto Magalhães, Dinamerico Rangel, Pedro Lessa, Aquino e Castro, José Getulio Monteiro, Santos Rodrigues, M. Vasconcellos, José Jacintho Ribeiro, Fernando Bonilha Junior, commigo secretario Dionysio Fonseca, e em presença dos Representantes do Governo, associações convidadas, e pessoas gradas, foi declarada aberta a sessão magna de anniversario da nossa fundação.

O Snr. Presidente depois de breve allocução congratulando-se com os socios e pessoas que nos honraram com suas presenças, encarece os serviços que á Patria e ao Estado tem prestando o

RELATORIO

DOS

TRABALHOS E OCCORRENCIAS

DO

Instituto Historico e Geographico de São Paulo

NO ANNO DE 1901

Apresentado pela Directoria na sessão de 25 de Janeiro de 1902

SRS. MEMBROS DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SÃO PAULO

Em cumprimento ao que dispõe o § 5.° do artigo 16 dos estatutos, a Directoria vem apresentar-vos o relatorio referente ao anno social de 1901.

ESTATUTOS

Necessitando os nossos estatutos de reforma, foi nesse sentido apresentado um projecto em sessão de 5 de Fevereiro, sendo o mesmo approvado com algumas modificações na sessão de 20 do mesmo.

ADMINISTRAÇÃO

Nenhuma alteração soffreu a Directoria por vós eleita na sessão de 25 de Outubro de 1900 e empossada na de 1.° de Novembro desse anno.

Conforme deliberação vossa, em sessão de 20 de Fevereiro, foram transferidos da classe de fundador para a de fundador-benemerito o sr. dr. Domingos J. N. Jaguaribe e para a de fundador-honorario o sr. dr. Manoel de Moraes Barros; da de correspondentes para a de honorarios os srs. A. L. Garraux, João Vieira da Silva e dr. José Calmon Nogueira Valle da Gama; da de correspondentes para a de effectivos os srs. drs. Estevam Ribeiro de Souza Rezende (Barão de Rezende), Carlos Augusto Pereira Guimarães, Euclydes da Cunha, Francisco de Toledo Malta, João Baptista de Mello Peixoto. José Pereira de Queiroz, Luiz F. Gonzaga de Campos, Manoel P. M. Tapajós, Mario Bulcão e Paulo Orozimbo de Azevedo, e em sessão de 20 de Agosto os srs. drs. Ernesto Guilherme Young, da de effectivo para a de honorario, e Antonio Candido Rodrigues, da de correspondente para a de effectivo.

O Instituto teve a infelicidade de perder 4 illustres membros, um fundador—o sr. José André do Sacramento Macuco, dois effectivos—os srs. drs. Eduardo da Silva Prado e João Diogo Esteves da Silva, e um correspondente—o sr. dr. João Francisco Malta Junior.

E' grato consignar que quasi todos os socios estão em dia com as suas annuidades, o que muito concorreu para o restabelecimento das nossas finanças.

REVISTA

Foi publicado e distribuido o vol. 5.º da *Revista* do Instituto, relativo ao anno de 1900. O vol. 6.º relativo ao anno de 1901 acha-se no prelo, devendo apparecer brevemente.

FINANÇAS

E' com immenso jubilo que a Directoria tem a annunciar-vos que o estado das finanças do Instituto é o mais prospero possivel. Pelo relatorio de 1900, o saldo do Instituto era apenas de 223$000, insufficiente para as despesas do resto do anno. Actualmente o Instituto nada deve e, pelo balanço annexo, vereis que o saldo em dinheiro no Banco do Commercio e Industria eleva-se a 9:143$200.

No orçamento da receita e despesa do Estado para o corrente exercicio, foi consignada a verba de 6:000$000, como auxilio á nossa associação, e mantida a auctorização para a impressão da *Revista* na typographia do «Diario Official» do Estado.

BALANÇO

DA

RECEITA E DESPESA

DO

Instituto Historico e Geographico de S. Paulo

RELATIVO AO ANNO DE 1901

RECEITA

Saldo do balanço de 1900. . . .		43$000
Subvenção concedida pelo Congresso do Estado para 1901		6:000$000
Joias e 1.as annuidades de socios acceitos até o fim do anno de 1900.		1:110$000
Joias e 1.as annuidades de socios acceitos no anno de 1901 . . .		1:310$000
Annuidades vencidas até o fim do anno de 1900		3:168$000
Annuidades de 1901.		3:216$000
Saldo da conta corrente do Banco de Credito Real de S. Paulo, liquidada	18$120	
Juros da conta corrente no Banco do Commercio e Industria de S. Paulo.	143$200	
Producto da venda de diversos volumes da *Revista*.	136$000	297$320
Recebido de diversos socios para pagamento de mappas, *clichés*, etc. encommendados ao Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano		270$000
		15:414$320

RESUMO DO BALANÇO

Receita	15:414$320	
Despesa	6:248$660	
Saldo		9:165$660

Sendo:

Em conta corrente no Banto do Commercio e Industria de S. Paulo, conforme a respectiva caderneta	9:143$200	
Em mão do thesoureiro do Instituto .	22$460	9:165$660

PARECER DA COMMISSÃO DE CONTAS

Illustre Dr. Carlos Reis.—Dignissimo Thesoureiro do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.

Estamos de perfeito accordo com o balanço por vós apresentado, e pelo exame a que procedemos nos documentos, vê-se que o vosso trabalho está feito com toda a nitidez, justificando assim a dedicação de socio prestimoso e que se interessa pela prosperidade do Instituto Historico.

S. Paulo, 20 de Janeiro de 1902.

J. Florindo.
Eugenio A. Franco.
Arthur Vautier.

DESPESA

Pago a Espindola, Siqueira & Comp. sua conta de papel, pennas, tinta, impressos, etc., em 1900.	133$000
Idem por uma bandeja para copos.	5$000
Idem pelo aluguel das salas onde funcciona o Instituto e illuminação dos mezes de Novembro e Dezembro de 1900	460$000
Idem, idem, idem de Janeiro, Fevereiro e Março deste anno.	690$000
Idem ao zelador do Instituto, gratificação dos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março deste anno . .	180$000
Idem pela porcentagem sobre a cobrança de joias e annuidades recebidas até esta data.	302$000
Idem a Andrade & Mello pela impressão das modificações aos estatutos, para distribuição aos socios.	50$000
Idem ao *Diario Official* do Estado pela publicação das ditas modificações	45$000
Idem pelo archivamento das mesmas modificações no Registro Geral da Comarca.	10$100
Idem á casa V. Steidel & Comp. pela impressão da arvore genealogica de Lopo de Souza, encommendada pela Commissão de Redacção da *Revista*.	150$000
Idem a Seabra & Comp., por molduras com vidro para dois mappas.	20$000
Idem por sellos para officios, cartas, convites, expedição de numeros da *Revista* e da obra de Hans Staden e estampilhas para um cheque e para sellar as modificações aos estatutos.	29$200
Somma. . .	2:074$300

RESUMO

Receita.	9:111$120	
Despesa.	2:074$300	
Saldo. . .		7:036$820

Sendo:

Depositado em conta-corrente no Banco do Commercio e Industria de S. Paulo	7:000$000	
Em mão do Thesoureiro do Instituto. .	36$820	7:036$820

S. Paulo, 31 de Março de 1901.—O Thesoureiro, *Carlos Reis*.

Candido de Carvalho.	1899	24$000
Dr. Carlos Augusto Pereira Guimarães.	1900	24$000
Dr. Carlos Ekman	»	24$000
Dr. Clementino de Souza e Castro. .	»	24$000
Dr. Constante A. Coelho	1898	24$000
Dionysio Caio da Fonseca	1900	24$000
Dr. Eduardo da Silva Prado . . .	1899 e 1900	48$000
Dr. Ernesto Goulart Penteado . . .	1898 e 1899	48$000
Dr. Ernesto Guilherme Young. . .	1900 e 1901	48$000
Dr. Euclydes da Cunha.	1899 e 1900	48$000
Dr. Fernando de Albuquerque . . .	1900	24$000
Francisco C. de Almeida Moraes . .	1899 a 1901	72$000
Dr. Francisco Franco da Rocha . .	1899 a 1900	48$000
Arc. Dr. Francisco de Paula Rodrigues	1900	24$000
Dr. Gabriel Osorio de Almeida. . . .	1897 a 1900	96$000
Tenente Coronel Gabriel Prestes . .	1900	24$000
T.° Coronel Henrique A. de Ar.° Macedo	»	24$000
Jesuino da Silva Mello	»	24$000
Dr. João Alvares Rubião Junior . .	»	24$000
Dr. João Baptista de Oliveira Penteado	»	24$000
Dr. João Nogueira Jaguaribe . . .	1899 e 1900	48$000
Dr. João Pereira Monteiro	1900	24$000
João Vieira de Almeida.	»	24$000
Coronel Joaquim de T. Piza e Almeida	1899 e 1900	48$000
Dr. Jorge Krichbaum	1900	24$000
Dr. Jorge Maia	1899 e 1900	48$000
Dr. José de Campos Novaes . . .	»	48$000
Dr. José Custodio Alves Lima. . .	1900	24$000
Dr. José Estanislau de A. Botelho .	1899 e 1900	48$000
Dr. José Getulio Monteiro	1900	24$000
José Gomes dos Santos Guimarães. .	»	24$000
José Hippolyto da Silva Dutra. . .	»	24$000
Dr. José Pereira de Queiroz . . .	1899 e 1900	48$000
Dr. José de Sá Rocha	1900	24$000
Conego Dr. José Valois de Castro. .	»	24$000
Dr. José Vicente de Azevedo . . .	»	24$000
Dr. Julio Cesar F. de Mesquita . .	»	24$000
Dr. Luiz F. Gonzaga de Campos . .	»	24$000
Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme. .	»	24$000
Dr. Luiz Pereira Barretto	1899 e 1900	48$000
Dr. Manoel A. de S. Sá Vianna . .	1896 a 1900	120$000
Dr. Manoel D. de Aquino e Castro .	1899	24$000
Dr. Manoel de Moraes Barros . . .	1898 a 1900	72$000
Dr. Manoel P. Monteiro Tapajós . .	1900	24$000

BALANCETE

DA

RECEITA E DESPESA

NO

2.º trimestre de 1901

(1.º de Abril a 30 de Junho de 1901)

RECEITA

Saldo demonstrado no balancete de 31 de Março .	7:036$820
Recebido pela venda de uma collecção dos 4 vols. da Revista	30$000
Idem das joias e 1.as annuidades dos 17 socios constantes da relação annexa sob n. 1	1:234$000
Idem das annuidades dos 39 socios constantes da relação annexa sob n. 2	1:104$000
Somma . .	9:404$820

N. 1

***RELAÇÃO** dos socios que satisfizeram a joia de admissão e a primeira annuidade durante o trimestre de 1.° de Abril a 30 de Junho de 1901.*

1	Dr. Alfredo Guedes	74$000
2	Antonio Ferreira Neves Junior	74$000
3	Dr. Antonio J. Pinto Ferraz	74$000
4	Dr. Augusto Meirelles Reis	74$000
5	Benedicto Octavio Oliveira	50$000
6	Monsenhor Camillo Passalacqua	74$000
7	Dr. Carlos Rodrigues de Vasconcellos	74$000
8	Dr. Cleofano Pitaguary de Araujo	74$000
9	Fernando Martins Bonilha Junior	74$000
10	Dr. Firmiano de Moraes Pinto	74$000
11	Dr. Ignacio de Rezende	74$000
12	Dr. João Mauricio de Sampaio Vianna	74$000
13	Dr. João Mendes de Almeida Junior	74$000
14	José Couto de Magalhães	74$000
15	Dra. Maria Rennotte	74$000
16	Dr. Silvio de Almeida	74$000
17	Dr. Washington L. Pereira de Souza	74$000
	Somma	1:234$000

N. 2

***RELAÇÃO** dos socios que satisfizerom annuidades durante o trimestre de 1.° de Abril a 30 de Junho de 1901.*

1	Dr. Alfredo Pujol	1899 e 1900	48$000
2	Dr. Alvaro A. da C. Carvalho	1900	24$000
3	Dr. Antonio A. Moreira de Toledo	1899 e 1900	48$000
4	Dr. Antonio de Toledo Piza	1901	24$000
5	Dr. Aristides Salles	1900	24$000
6	Candido de Carvalho	1900	24$000
7	Dr. Carlos A. de F. Villalva	1900	24$000

BALANCETE

DA

RECEITA E DESPESA

NO

3.º trimestre de 1901

(1.º de Julho a 30 de Setembro de 1901)

RECEITA

Saldo demonstrado no balancete de 30 de Junho .	7:887$860
Recebido pela venda de uma collecção da *Revista* e do 3.º e 4.º volumes da mesma	46$000
Idem das joias e annuidades dos 5 socios constantes da relação annexa sob n. 1	298$000
Idem das annuidades dos 91 socios constantes da relação annexa sob n. 2	2:328$000
Idem de diversos socios pelo que subscreveram para o pagamento de copias de mappas, clichés, etc. encommendados ao Instituto Archeologico de Pernambuco	270$000
Juros creditados pelo Banco do Commercio e Industria de S. Paulo na conta-corrente do Instituto relativos ao semestre findo em 30 de Junho ultimo.	57$200
Somma. . . .	10:887$060

N. 1

***RELAÇÃO** dos socios que satisfizeram a joia de admissão e a primeira annuidade durante o trimestre de 1.º de Julho a 30 de Setembro de 1901.*

1	Dr. Amancio Ramos Freire	74$000
2	Coronel Fernando Prestes de Albuquerque. . .	50$000
3	Dr. Joaquim Mariano de Almeida Moraes. . .	50$000
4	Conego José Pedro de Araujo Marcondes. . .	74$000
5	Dr. Luciano Esteves dos Santos Junior. . . .	50$000
	Somma. . .	298$000

N. 2

***RELAÇÃO** dos socios que satisfizeram annuidades durante o trimestre de 1.º de Julho a 30 de Setembro de 1901.*

1	Alexandre Riedel.	1900	24$000
2	Alfredo Bresser da Silveira. . .	1901	24$000
3	Dr. Alfredo Pujol.	1901	24$000
4	Dr. Alfredo de Toledo	1901	24$000
5	Dr. Antonio Alves de Carvalho .	1900 e 1901	48$000
6	Dr. Antonio A. Gomes Nogueira .	1900 e 1901	48$000
7	Dr. Antonio A. Moreira de Toledo.	1901	24$000
8	Dr. Antonio F. de Paula Souza .	1901	24$000
9	Dr. Antonio Martins Fontes Junior.	1901	24$000
10	Antonio Moreira da Silva . . .	1901	24$000
11	Dr. Antonio de Padua Salles . .	1901	24$000
12	Dr. Antonio da Silva Prado . .	1901	24$000
13	Dr. Aristides Salles.	1901	24$000
14	Dr. Augusto C. da Silva Telles .	1901	24$000
15	Dr. Augusto Cesar Barjona. . .	1901	24$000
16	Dr. Augusto C. de Barros Cruz .	1900 e 1902	48$000
17	Dr. Augusto de Siqueira Cardoso.	1901	24$000
18	Benedicto G. de Moura Lacerda .	1901	24$000
19	Dr. Bento Bueno.	1901	24$000

61	Dr. Jorge Krichbaum	1901	24$000
62	José André do Sacramento Macuco	1901	24$000
63	Dr. José de Campos Novaes . .	1901	24$000
64	Dr. José Cardoso de Almeida. .	1901	24$000
65	Dr. José Getulio Monteiro. . .	1901	24$000
66	José Gomes dos Santos Guimarães.	1901	24$000
67	José Hippolyto da Silva Dutra .	1901	24$000
68	Dr. José Pereira de Queiroz . .	1901	24$000
69	Dr. José Pinto do Carmo Cintra.	1901	24$000
70	Dr. José de Sá Rocha	1901	24$000
71	Dr. José Vicente de Azevedo. .	1901	24$000
72	Dr. José Vicente de Azevedo Sob.°	1901	24$000
73	Dr. José V. Couto de Magalhães Sob.°	1901	24$000
74	Dr. Julio Cesar F. de Mesquita .	1901	24$000
75	Dr. Luiz F. Rangel de Freitas .	1901	24$000
76	Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme	1901	24$000
77	Dr. Luiz Pereira Barretto. . .	1901	24$000
78	Major Luiz de Vasconcellos . .	1901	24$000
79	Dr. Manoel A. de S. Sá Vianna	1901	24$000
80	Dr. Manoel Dias de Aquino e Castro	1901	24$000
81	Dr. Manoel F. de Campos Salles	1901	24$000
82	Dr. Manoel P. Monteiro Tapajós	1901	24$000
83	Conego Manoel Vicente da Silva	1901	24$000
84	Dr. Oscar Schwenk d'Horta . .	1900	24$000
85	T.e C.el Paulo Orosimbo de Azevedo	1901	24$000
86	Dr. Pedro Arbues da Silva . .	1901	24$000
87	Dr. Pedro A. C. Lessa . . .	1901	24$000
88	Dr. Raymundo Furtado Filho. .	1900 e 1901	48$000
89	Dr. Rodolpho Miranda	1901	24$000
90	Dr. Theodoro Sampaio. . . .	1901	24$000
91	Dr. Victor da Silva Freire Junior	1901	24$000
	Total		2:328$000

S. Paulo, 30 de Setembro de 1901.

O thesoureiro
Carlos Reis.

Pago ao zelador do Instituto, gratificação dos mezes de Outubro, Novembro e Dezembro . . .	180$000
Idem pela porcentagem sobre a cobrança de joias e annuidades recebidas durante o trimestre .	82$000
Idem pelo aluguel de cadeiras para a sessão magna de anniversario em 1.º de Novembro . . .	14$000
Idem a Espindola, Siqueira & C.ª, sua conta de objectos para o expediente	90$500
Idem a Andrade & Mello, impressão do orçamento para 1902 e balancete do 3.º trimestre. . .	42$000
Idem por sellos para expedição da correspondencia, de estatutos, da *Revista*, do balancete do 3.º trimestre e do orçamento para 1902 . . .	5$600
Somma	1:104$100

RESUMO

Receita	10:269$760	
Despesa	1:104$100	
Saldo. . .		9:165$660

Sendo:

Em conta corrente no Banco do Commercio e Industria de S. Paulo. .	9:143$200	
Em mão do thesoureiro do Instituto. .	22$460	9:165$660

S. Paulo, 31 de Dezembro de 1901.

O thesoureiro,
Carlos Reis.

N. 1

RELAÇÃO dos socios que satisfizeram a joia e 1.ª annuidade durante o trimestre de 1 de Outubro a 31 de Dezembro de 1901.

1 Dr. Augusto Alvaro de Carvalho Aranha. . .	74$000
2 Dr. Manoel Pedro Villaboim	74$000
	148$000

ORÇAMENTO

DA

RECEITA E DESPESA PARA 1902

(Approvado em sessão de 19 de Outubro de 1901)

Capitulo I

DA RECEITA

Art. 1.º A receita do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, para o anno de 1902, é orçada em 10:870$000, assim discriminada:

1.º	Subvenção do Estado	6:000$000
2.º	Joias e annuidades de socios já acceitos . .	322$000
3.º	Joias e annuidades de socios a admittir em 1902	768$000
4.º	Annuidades vencidas	600$000
5.º	Annuidades de 1902	3:000$000
6.º	Receita eventual	180$000
	Somma a Receita. . . .	10:870$000

Capitulo II

DA DESPESA

Art. 2.º A despesa do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, para o anno de 1902, é fixada em 5:870$000 e será effectuada de accôrdo com as seguintes rubricas:

Relação das offertas de livros, revistas, mappas, jornaes, etc. feitas ao Instituto durante o anno de 1901

SESSÃO DE 25 DE JANEIRO

Verträge und Abhandlungen, por Zeller; *Hellas und Rom*, por Farbiger; *Die Egeruwat; Ansere Zeit; Globus*, por André; *La Constitution francaise*, por Rabiquet; *Kasnas*, por Humbald; *Dialogo Constitucional Brasileiro; Traité politique*, por W. Allen; *De Benguella ás terras de Iacco*, por Capello e Ivens; *De Angola á Contra-Costa*, pelos mesmos; *Chronica da Companhia de Jesus*, pelo P.e Simão de Vasconcellos; *As grandes epochas da Historia Universal*, por C. Pedroso; *Opusculos historicos e litterarios*, por Magalhães; *Historia Universal*, por Becker; *Eneida portugueza*, por Barreto; *Organização das Ordens Homcrificas no Brasil; Almanack brasileiro* para 1901, por Alberto Rodrigues; *Carta de Pero Vaz Caminha*, mandada imprimir pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia; *Historia do Brasil*, pelo Dr. João Ribeiro; *A arte de fabricar o vinho*, por Fernando Werneck Junior; *Bibliographie americaine*, pela Livraria Chatenat; *Chrorographia de Paraná*, por Sebastião Paraná; *Estudos de Sociologia Criminal*, pelo Dr. Paulo Egydio; *Diccionario Historico da Provincia do Espirito Santo; Humberto 1.º*

Relotorio, Boletim Postal; Boletim da Estatistica Demographo Sanitaria; Revista Agricola; Diario Official do Estado; Correio Paulistano; O *Commercio de S. Paulo; Diario Popular*; A Platéa; *Capital Paulista; Gazeta de Uberaba; Collecção das resoluções do Congresso Hispano-Americano*, em Madrid;

Retratos dos Presidentes do Brazil e Argentina, offerecidas pelo Snr. M. Pelapidas Ramos, Collecção de 4 moedas, commemorativas do 4.º centenario, offerecida pelo Sr. Dr. A. Veriano Pereira. Uma medalha commemorativa da Viagem do Sr. Dr. Campos Salles á Republica Argentina, offerecida pelo socio Sr. Dr. Bernardino de Campos, Collecções de bilhetes postaes, sobre o mesmo motivo, offertas dos Srs. Director Geral dos Correio e Administrador dos Correios de S. Paulo.

Abril de 1897—O café—por F. Leuber— ; Os Programmas dos Partidos — por Americo Braziliense— ; Rubber — por J. Ferguison ; *Mi Mission a Rio de Janeiro*—por Juan Sibrano Godoy ; *Serviço Agronomico do Estado*, discursso pelo deputado Joaquim Alvaro ; *Redempção de Tiradentes*—drama historico —por Fernando Pinto de Almeida Junior—*La Revista Patriotica*—anno 2.° n. 9.

Do socio Dr. A. Piza—*Divisão judiciaria e administrativa do Estado de S. Paulo*, organisada na Repartição de Estatistica e Archivo de S. Paulo.

Do socio P.e Raphael Galanti —*Documento antigo e interessante* —Manuscripto.

Do Dr. André Dias—Revista da Faculdade de Direito de S. Paulo—vol. 1 a 7; de 1893 a 1899—brochado.

Do socio Carvalho Aranha—*Teias—Eu*—vol. broch.

Revista do Instituto do Ceará—vol. do 3.° e 4.° trimestres de 1900—Revista Agricola n. 67 e os jornaes que costumam.

OFFERTAS EM SESSÃO DE 5 DE MARÇO DE 1901

Pelo socio Coronel A. Borges Sampaio: Historia de Portugal— por Alexandre Herculano—4 volumes.

Pelo socio Dr. Eduardo Prado — Dois mappas do Estado de São Paulo.

Pelo socio Fernando M. Bonilha—Relatorio apresentado ao Dr. José Pereira Queiroz, pelo Dr. Mario Bulcão, inspector do Ensino.

Pelo socio Dr. A. Piza—*O n. 85 da Gazeta do Rio de Janeiro —anno 1821*—sabbado 15 de Setembro.

Relatorio do Dr. Francisco de Toledo Malta, Secretario da Fazenda do Estado—1 vol. brochado—anno 1900.

Pelo Dr. Moreira de Azevedo—«O Uruguay» — poema por José Bazilio da Gama — commemorativo ao 4.° centenario da descoberta do Brazil.

Revistas— : do Instituto Historico e Geographico da Bahia.
do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco.
«A Capital Paulista» serie 2.ª n. 8.

(*) (Os 40 volumes).

OFFERTAS EM SESSÃO DE 8 DE ABRIL DE 1901

1 Mappa do Brazil — Pax Kaarta Brazilia 1680 — pelo socio E. Hollender.

Tres exemplares da Mensagem do Presidente do Estado Dr. Francisco Rodrigues Alves, apresentada em 7 de Abril de 1901, ao Congresso do Estado.

1 — «Pedro Alvares Cabral» — As Duas Americas pelo socio e auctor Sr. Candido Costa.

1 Ephemeros — Dr. Silvio de Almeida.

1 These da Ex.ma socia Dr.a Maria Rennotte — «Influencia da Educação da Mulher sobre a Medicina Social».

1—*Memoria apresentada á Academia de Medicina do Rio de Janeiro—Um figado com um só lóbo.*

1—*Un poumon* à six lobes—Dr. Ignacio Rezende.

Revistas—«A Capital Paulista» n. 9—série 2.a.

Centro Caixeiral—n.° especial—Maranhão—1901.

Revista do Inst. Hist. do Pará—Vol. 4.° n. 3—1900.

Boletins—2—de Estatistica Demographo Sanitaria—Outubro e Novembro de 1900.

Boletim de Agricultura—2.a série n. 2.

Boletim Postal—Fevereiro de 1901—n. 2.

3—Tres moedas de cobre de XL 1753—Cunho portuguez—(1) e duas do valor de 5 cinco réis—1882, cunho de El-rei D. Luiz 1.°—Pelo Dr. Miranda Azevedo.

3—Tres vistas photographicas—Pelo Professor Benjamim Reis—Jornaes do costume.

OFFERTAS EM SESSÃO DE 29 DE ABRIL DE 1901

1—Estudos sobre o Pará—1900—Relatorio apresentado ao governo do Estado por Arthur Oct. Lobo Vianna.

1—«E' a Historia uma sciencia?»—Pelo socio Dr. Pedro Lessa.

Unidade do Direito—Pelo socio Dr. João P. Monteiro.

Revista Agricola n. 69—de 15 de Abril de 1901.

1—Quadro-photographia emoldurado Commemorativo do 4.° centenario da descoberta do Brazil—Pela Sociedade Comemorativa de S. Vicente. Offerta do socio Dr. Theodoro Sampaio. Jornaes do costume.

---

pour la navegation aerienne—O mesmo—e *Os ns. de Maio, Setembro, Novembro de 1900—«A' L'aereonaute»—Boletim mensal illustrado da Sociedade Franceza de navegação aerea —«Progress in flyng machines» por O. Chante c/ E' Le vol des oiseaux—por E. J. Marey—«L'aerèonatique—por Banet Rivetmc»—Cluès—Magazine por June—The Independent—Maio 3-1900—Os ns. Fevereiro e Março de 1901—L'Aeripsile—Revista Mensal illustrada Glidnig—expesiments por Octave Canute, C. E'—ns. 2 e 3—da Lepara Abdruck.*

Pelo socio Dr. A. Piza.—O n. 42—do anno 1843 do «*Jornal do Commercio*» do Rio de Janeiro.

Algumas «Notas genealogicas da familia—Paula Leite de Ytú.

Pelo Gabinete do Presidente do Estado—*Relatorio do Presidente da Republica—Pelo Dr. Alfredo Maia—ministro.*

Revistas—A do Instituto Archeologico Alagoano n. 1—vol—3.°

Boletins—O da Agricultura do Estado—2 exemplares n. 4—de 1901—Os ns. 784 e 85—Boletim do Serviço Sanitario de Dezembro de 1900 e Janeiro de 1901.

—Relatorio do Atheneu Commercial do Porto de 1900.

—A Patria, orgam da Colonia Portugueza.

—Pelo Dr. Amancio Ramos — Questões do Ensino—Pedagogia —Jornaes do costume.

OFFERTAS EM SESSÃO DE 20 DE JUNHO DE 1901

—Pelo Dr. Miranda Azevedo—Relatorios do Dr. Antonio Gonçalves Ferreira—1895 e Dr. Joaquim Murtinho—Maio de 1897.

Pelo Dr. Herculano C. de Carvalho—Uma planta levantada em 1832—da continuação da—Rua da Boa Vista.

Revista do Instituto do Ceará—Tomo XVI 1.° e 2.° trimestre 1901.

Pelo Estado Maior do Exercito—Os ns. de Janeiro a Abril de 1901—Revista Militar.

—Pelas respectivas redacções o n. 23—Anno 3.° da Capital Paulista—o n. 71 da Revista Agricola—os ns. 125 e 127—do D. Quixote.

Pelo Dr. Luiz F. Rangel de Freitas o n. 121 de 17 de Novembro de 1854—do Correio Paulistano.

Pela—Bibliotheca Real da Univ. de Upsala—Os n.° 1 a 3 e 5 a 9 do Boletim of the Zoologique Institution of the Universit Upsala.

Pelo Gremio Litterario Carlos Ferreira—do Amparo—Catalogo e regulamento interno.

Jornaes e revistas do costume, pelas respectivas redacções.

OFFERTAS EM SESSÃO DE 20 DE AGOSTO DE 1901

Pelo Dr. Carlos Reis—Album—Lembranças do Governo do Estado de São Paulo (Vista).

Pelo Dr. Miranda Azevedo — Cartas Jesuiticas — de Manoel da Nobrega—1.

Pelo Snr. Belisario Pernambuco—4.° Centenario do Brazil—1.

Pelo Gabinete do Presidente do Estado—Catalago da Exposição do Rio Grande do Sul—1901—1.

Pela Escola Polytechnica de S. Paulo—Annuario para 1901—1.

Pelo Dr. Arthur Thiré—Geographia elementar do mesmo—1.

Por Miss Mary Wright—The New Brazil.

Pelo Dr. D. Jaguaribe—Guerra da Triplice Alliança — 2 vols.

Pelo Dr. Bento Bueno—Secretario do Interior—Commentarios á Constituição de São Paulo, pelo Dr. Felisbello Freire—1.

Pelo Dr. J. C. Alves Lima—Some revelations about the Cultivdand the use of coffee.

O n.° 88—Anno 8.° do Boletim Mensal da Estatistica Demographo Sanitaria. O vol. de 15 de Agosto de 1901 da Revista Agricola.

Pelo Dr. A Vautier:—Platão—Exprime ou De la Republique—6 volumes;—DonosoCortez—œuvres—3 vols;—A de Lamartine—Histoire de La Russie—2 vols.; Ed. Fischel—La constitution d'Anglaterre—2 vols.—Cls. Darwin—La descendance de l'homme — 2 vols. — L'origine de espéces—1 vol. Comte de Loemaria — Histoire du régne de Louis XIV—2 vols.; Comte de Segur— Histoire du Bas—Empire—2 vols.; Guizot—Washington—Fondation de La Republique de Est. U. d'America—6 vols.; Histoire de la republique d'Angleterre et de Cromwell—2 vols; Moreh—Chute de la republique et retablissement de la monarchie en Angleterre —1 vols.; Etudes sur les beaux Arts—1 vol.;—villeneuve Baiejemont. Economie politique Chretienne—1 vol.;—E. Litré—Litterature et histoire—1 vol. — Francaur—Geodesie —1 vol.;—Flavas—sos baldez—Da America a Lisboa.

Pelo dr. Toledo Piza. 1 Documento interessante para a historia e costumes de São Paulo. Volume XXXIII 1771 a 1775.
Pelas respectivas redacções:
1—La Illustracion Sud-Americana, offerta do Gabinete do Presidente do Estado.
1—Revista Agricola anno 6.° n. 74.
1—Boletim pessoal n. 7—anno 13.°
2— » » da Agricultura n. 7—anno 2.°—serie 2.ª.
1—Memorias do Museu Paraense de Historia natural e Ethnographia.
Recebidos os jornaes do costume.

OFFERTAS EM SESSÃO DE 5 DE OUTUBRO DE 1901

2 Retratos Lytographados dos D.rs Campos Salles e Rodrigues Alves, offerta do Correio Paulistano.
Pelo Dr. Alfredo Toledo:
1 L'Idée Republicaine.
2 Volumes—Guerra dos Mascates, por Senio.
1 Reinvindicação improcedente.
1 Vox Veritatis—Anchieta.
1 » » —Extincção de Jesus.
Pelo Sr. Eduardo Seoschi auctor:
1 Revista Polytechnica—n. 2—Março de 1901.
1 E. Seoschi—Manual de Tacheometria.
Pelas respectivas redacções:
1 Revista do Instituto do Ceará—Anno 15—Tomo 15.°
1 » Militar n. 9—Anno 3.°
2 » A Escola—Anno 2.° n. 15 e 16—Belem, Pará.
1 O Instituto Phycho-Physiologico.
Pelo Dr. Tulio de Campos:
1 Pela Patria—Reputação do Brazil—Paraguay.
1 Pelo auctor—Ismello—Gonçalves Dias.
Pelo Padre Gabisio:
2 Quadros Synopticos da Grammatica Portugueza.
Pelas Redacções:
1 Capital Paulista n. 26—Anno 3.°—Setembro.
1 Revista Moderna.—Anno 2.° n. 10.
O Cruzeiro, Le Messager de S.t Paul 2 n.s

Eu, Dionysio Caio da Fonseca, 2.° secretario a escrevi e subscrevo, *Dionysio Caio da Fonseca*.

20 de Fevereiro.—Jaguaribe—fundador benemerito, Moraes Barros fundador honorario, A. L. Janove, J. Vieira da Silva, Dr. J. Colman N. V. Java, Dr. M. A. Caiado, Dr. João Ribeiro, Dr. Felisbello Freire, Dr. B. F. Ramiro Galvão—*honorarios;* D. E. R. S. Rezende (B. de Rezende), C. A. P. J., Euclides Cunha, F. T. Malta, J. B. M. Peixoto, J. P. Eminax, L. F. J. de Campos, M. P. M. Tapajóz, M. Bulcão, Alfredo Guedes A. J. P. Ferraz e Coronel P. Orosimbo — effectivos, Dr. M. Fontes Paranhos—correspondente.

5 de Março.—J. Magalhães de Meirelles.

20 de Março.—Gabriel do Monte Pereira, e Dr. Clovis Bevilaqua—honorarios, Alvaro Guerra—effectivo Benedicto Octavio de Oliveira, J. M. S. Vianna, W. L. P. da Serra — correspondentes.

8 de Abril.—Rio Branco—Presidente Honorario.

20 de Abril.—Dr. Carlos Reis de Vasconcellos, Fernando M. Bonilha Junior—effectivo, Dr. Luciano E. S. Junior e Manoel Oliveira Lima—correspondentes.

4 de Maio.—D. M. Renotte, Drs. I. J. M. Rezende, J. M. Alvaro Junior e Silvio de Almeida—effectivos, Candido Costa—correspondente.

29 de Maio.—Commissão austriaca.

20 de Junho.—Drs. Antonio da Cunha Barbosa, Henrique Coelho Netto e J. M. A Moraes—correspondente.

5 de Julho.—Dr. Am. R. Freire—effectiva, Antonio Oliveira Santos Pires—correspondente.

20 de Julho.—Dr. Manoel Barata e Coronel F. Prestes de Alburqueque — correspondente, Mistres Mary Robison Wight—honoraria.

5 de Agosto.—Dr. Herculano C. de Carvalho — correspondente, Conselheiro J. P. A. Marcondes e Dr. M. Villaba—effectivos—( ).

20 de Agosto.—Ernesto G. Young—de effectivo para honorario e A. C. Reix, de correspondente para effectivo.

19 de Outubro.—J. L. Reix—effectivo ( ) Dr. F. T. A. Gomide, Conselheiro E. J. de Fontoura — effectivo, B. Pernambuco e Olympio Paranhos—correspondentes.

25 de Outubro.—Dr. Eduardo Larelin—effectivo, Dr. Abelardo Varella, Dr. Julio Vicuña Cinfuentes, Felix Pacheco, Carlos Porto Carreira e Dr. Alfredo Varella—correspondentes, Guilherme Studart (B. de Studart)—honorario.

Commissão austriaca — Richard Wettstein Ritter von Westershein, Frederico Kerner e Marilann, Augusto Heiurich Wiesmann e Victor Scheiffuer socios honorarios.

se começar a organização do partido republicano, iniciou a propaganda das idéas republicanas, em 1868, pelas columnas do *Correio Paulistano*. Foi, com Americo Braziliense, um dos fundadores da Loja *America*, centro de trabalho republicano e abolicionista. Com Luiz Gama (*) e outros, fundou tambem as escolas publicas e a bibliotheca daquella Loja. Em 1875, com Rangel Pestana e José Maria Lisboa, fundou este jornal então *Provincia de S. Paulo*, e, finalmente, em 1884 com José Maria Lisboa, fundou o *Diario Popular*, que redigiu até 1890, quando foi nomeado consul em Napoles, onde falleceu.» (1)

Esta laconica fé de officio bem mostra quão laboriosa e cheia de peripecias foi a existencia do dr. Americo de Campos, mas não explica o seu valor jornalistico nem dá idéa da sua esclarecida intelligencia, que bem conciliava os estudos mais positivos das sciencias physicas e naturaes com o cultivo da litteratura em seus varios ramos e das bellas artes em suas multiplas manifestações, especialmente a musica, de que era esclarecido e dedicado amador.

Amigo intimo de Carlos Gomes e de Elias Lobo, e de todos os artistas que vinham a S. Paulo, era profundo conhecedor da musica.

Deve-se principalmente a Americo de Campos—essa outra gloria paulista—que hoje delicia a Italia com sua voz privilegiada—Clotilde Maragliano; pois foi o verdadeiro descobridor dessa perola.

Exerceu Americo de Campos decidida influencia na formação e desenvolvimento do gosto e educação musical paulistana; já por meio de sua penna na imprensa, já por sua iniciativa, promovendo e creando concertos classicos e associações para o culto da boa musica. Quando não tivesse outros titulos á gratidão patria bastavam esses.

O gosto que tinha Americo de Campos pela arte da harmonia se revelara desde a juventude, ainda em Campinas, quando cursava os estudos primarios.

«Em parte, escreve um seu biographo (2), arrastado pela natural vocação; em parte pela convivencia com o nosso estimado maestro Carlos Gomes, que era então seu condiscipulo e amigo, e já musico de certa força, Americo fazia o prodigio de dar conta de seus estudos e ficar ainda com algumas horas vagas, que dedicava ao consciencioso cultivo da musica.

---

(1) O «Estado de S. Paulo»—N. 7731 de 22 de Janeiro de 1900.

(2) *Americo de Campos — perfil biographico — por J. Felizardo Junior*—ALMANACH LITTERARIO DE S. PAULO DE 1878—Pag. 146.

Animado por aquella modestia e desprendimento que eram o fundo de seu caracter, respondeu-nos:

—Que logar? Você tem lá tantos mais dignos e que melhor servem para a politica... Entre outros, lá está o Bernardino, que vale mais que eu e basta para honra e lustre da familia — accrescentou elle — sorrindo-se, com o riso bom e franco que lhe patentava o grande e leal coração.

E rapido passou para outro assumpto e já pedindo informações pessoaes de Carlos Gomes —com quem estiveramos em Milão Queria que informassemos, como medico, da saude do grande maestro, —pois ouvira dizer que era ella precaria. Depois por associações de idéas—tratámos da saude de outro grande amigo commum, Aristides Lobo, e bem longe estavamos de acreditar que não mais vissemos tambem a Americo de Campos!

***

Para bem se avaliar da physionomia e do valor de Americo de Campos, basta ler o que sobre elle escreveu uma das mais brilhantes pennas do nosso jornalismo—o talentoso dr. Julio de Mesquita, a quem pedimos venia para transcrever essa admiravel synthese, pois é impossivel dizer melhor.

«Americo de Campos, de cuja morte nos deu hontem noticia um telegramma de Napoles, foi, durante muitos annos, uma das figuras mais originaes, mais populares, mais sympathicas e mais eminentes desta cidade e deste Estado. Quem o visse, e não soubesse quem elle era, não poderia jamais imaginar sequer que primoroso espirito se occultava sob aquella desprimorada apparencia de bohemio; não havia, entretanto, em S. Paulo, nome mais conhecido e estimado; foi campeão audaz e dedicadissimo de todas as grandes causas, que aqui se debateram no agitado periodo de 1865 a 1889, e se, pelo especialissimo feitio do seu temperamento e do seu caracter, nunca foi homem de quem os grupos e os partidos se lembrassem para eleval-o a cargos de direcção (tambem elle nunca os ambicionou) foi, todavia, incontestavelmente, um dos mais habeis e mais influentes orientadores dos grupos e dos partidos em que se filiou. Para chefe, como são os chefes no Brasil, faltavam-lhe todos os requisitos: não tinha actividade, nem geito, nem paciencia. Tão apaixonado pela politica como pela arte, emquanto a politica rastejava pela sensaboria enervante do expediente diario, elle preferia cultivar as suas flôres, ler o seu romance, ouvir a sua

um contrariado e, por conseguinte, irritado e forçosamente aggressivo. O que é exacto, porém, é que não póde, sem grave injustiça, pensar assim quem observou toda a sua longa carreira publica, em que muitas vezes se deixou naturalmente incender e arrebatar pelo fogo dos mais puros enthusiasmos: elle era apenas um desegual, e isto mesmo só como jornalista.

« Como homem, era profunda e constantemente affavel e bom, e, apezar dos revezes da fortuna, sempre optimista e sonhador. Era mais republicano pelo coração do que pela cabeça, um impulso de sentimentalismo atirou-o para o lado de Luiz Gama, seu amigo intimo, nas pugnas do abolicionismo incondicional, e verdadeiramente nunca quiz nem fez mal a ninguem. Havia veneno nas suas alfinetadas de jornalista, é certo, mas veneno suave cujo effeito não passava da pelle do adversario. Insultos dos que não se perdôam, grosserias soezes ou baixas calumnias não sahiam da sua penna honrada. Quando não tivesse coração, como tinha, não lhe faltava talento para poder contornear as maiores difficuldades da mais violenta polemica, sem descer a tanto.

« Para se formar uma idéa exacta do seu temperamento e do seu caracter, veja-se como elle procedeu quando se proclamou a republica — elle que foi um dos primeiros, dos mais valorosos e dos mais illustres republicanos deste paiz. Tinha pleno direito de pedir aos seus concidadãos uma posição de relevo. Não pediu, nem se lembrou de pedir coisa alguma. O governo provisorio convidou-o a acceitar o modesto consulado de Napoles, e elle partiu contente e radiante.» (1)

*
* *

Para terminar—um episodio historico—hoje quasi esquecido, e que vem completar a perfil do illustre finado.

—Americo de Campos, sob a apparencia de indifferente, fleugma, era uma natureza nervosa e vibratil — que ascendia ao auge do enthusiasmo,—quando impressionado por uma idéa generosa ou por uma causa querida pelo qual estremecia.

Assim foi a 15 de Novembro de 1889. Desde que começaram a circular as primeiras noticias da Revolução no Rio, observámos, quasi hora a hora a transformação progressiva que se operava naquella grande e leal individualidade.

Desapparecera aquella habitual indifferença —, mais apparente—que real—com que assistia aos factos ordinarios da vida

(1)— *Estado de S. Paulo* de 22 de Janeiro de 1900.

« Custei a convencel-o, dizia-nos Aristides Lobo, para que acceitasse o logar; foi pela musica que o levei, e pela esperança de encontrar-se com o Carlos Gomes e juntos ouvirem os grandes mestres da arte, que elle se decidiu afinal!

Este commentario basta para completar o perfil intellectual e moral de Americo de Campos.

Desde que partiu não mais appareceu na imprensa. Em Napoles —continuou a viver bem a seu modo— o quasi que com os mesmos habitos que aqui tinha; essa foi a impressão que nos deixou quando lá o visitámos. Duas modificações importantes— notamos — uma no vestuario, e outra no regimen alimentar. Deixara o uso do celebre e conhecido *cache-nez* em volta do pescoço ou sobre o hombro, usava camisa com collarinho —e substituira o assucar pelo vinho ás refeições.

Notando-lhe nós essas grandes revoluções, disse-nos:

—Que quer Você! As exigencias sociaes não me admittem de camisa sem gravata; e, quanto ao vinho, é tão bom e tão barato!

Deixou o Dr. Americo de Campos descendencia distincta proveniente do consorcio que realizou com virtuosa senhora paulista, e entre elles, já conhecido na imprensa e na magistratura—o Dr. Bernardino Peixoto de Campos, que exerce o logar de juiz de direito de uma das Comarcas do Estado.

Seria de bom effeito para o culto da memoria de Americo de Campos e de proveito para as lettras patrias — a reunião em volume de alguns escriptos do illustre finado, cousa, aliás, que elle proprio projectara conforme o testemunho de F. Wolff. (1).

Ao seu illustre filho, Dr. Bernardino P. de Campos, não faltam talento e nem gosto para elevar á memoria paterna um monumento de affecto que será tambem de gloria para as lettras nacionaes.

Dr. Miranda Azevedo.

---

(1) Fer. Wolf. *Le Brésil Littéraire*—Pag.

OS ULTIMOS MOMENTOS:

O nosso saudoso mestre dr. Americo de Campos, que será sepultado amanhã, a uma hora da tarde, em carneiro proprio no cemiterio da Consolação, exhalou o ultimo alento de vida no dia 20 de Janeiro, ás 10 horas da noite.

Não teve a tortural-o no supremo momento a dolorosa agonia que precede a passagem deste para o mundo desconhecido, onde não fructificam os odios e as paixões. Morreu como um justo, não sendo presentido nem pelo dr. Bianchi, seu medico assistente.

Muito joven ainda, foi Augusto Queiroz para a Allemanha, e passou depois para a Suissa onde recebeu a educação, que serviu de base á sua formação intellectual, e quiçá ao seu caracter publico.

De Zurich, onde esteve 5 annos, regressou ao Brazil, concluidos os estudos de humanidades, e matriculou-se pouco depois na Academia de Direito de S. Paulo.

Terminou o curso juridico em 1872, pois fôra obrigado a interrompel-o por motivo de molestia; entrou logo na actividade politica, servindo com enthusiasmo no partido liberal, a que pertenceu sempre, já pelos laços de familia, já por causa dos seus sentimentos e principios de primeira educação, que recebeu na Suissa, esse admiravel paiz de liberdade.

Em 1878, por occasião da subida do partido liberal ao poder, occupou o cargo de delegado de policia nesta capital, em época dificil e de agitação partidaria; mas o Dr. Augusto Queiroz, houve-se com tal tacto e delicadeza, que deixou sympathias e saudades mesmo entre os mais ardentes adversarios. Eleito em 1879 vereador da Camara desta cidade, onde predominava a facção conservadora—manteve sempre a defesa do interesse popular—e revelou-se como discutidor facil e infatigavel, chefiando a minoria liberal, que desempenhou as funcções municipaes até 1881.

Escolhido por seus correlegionarios para fazer parte da Assemblea provincial, na primeira legislatura, o Dr. Augusto Queiroz correspondeu galhardamente ás esperanças que nelle depositaram os seus amigos.

Preoccupou-se principalmente com o problema da immigração, e da localização do serviço escravo—conforme ás idéas que defendera desde 1874, na imprensa.

«Nas questões attinentes á grandeza e progresso de sua terra, diz d'elle um biographo, como por exemplo, na substituição do braço escravo pelo trabalhador livre e na introducção de immigrantes—punha de parte o partidarismo, para só encarar o bem commum».

Durante 4 biennios occupou o Dr. Augusto Queiroz o logar de deputado na antiga Assembléa Provincial, e com frequencia e criterio discutiu na tribuna as multiplas e variadas questões economicas, financeiras, politicas e sociaes, que se desenvolveram durante esse periodo—um dos mais activos e prosperos da vida paulista.

Tinha direito de aspirar a um logar na representação geral por parte dos interesses de S. Paulo; não era só—*par droit de naissance*—podia com verdade affirmar que o fazia — *par droit de*

brilho pelo Conselheiro Ruy Barboza, Joaquim Nabuco e Manoel Victorino, sobretudo em relação á independencia das provincias, que seriam quasi estados federados-livres — sob a monarchia.

Por parte dos liberaes de S. Paulo, compareceu o Dr. Francisco Queiroz — em tudo identificado nestes problemas com seu irmão o Dr. Augusto Queiroz, pois eram perfeitamente solidarios não só neste ponto, como em relação a outras soluções economicas, financeiras e industriaes, sustentando com pertinacia a conveniencia de firmar-se tambem a immigração sob novas bases — sobretudo para chamar o elemento germanico — não se devendo regatear sacrificios nesta materia.

Portanto, o Dr. Augusto Queiroz quando foi eleito pelo Estado de S. Paulo, era um politico que representava nobres e elevados intuitos, e tinha valor para bem defender esse programma.

***

E não era o Dr. Augusto Queiroz só um luctador da palavra na tribuna, pois na imprensa combateu com ardor e frequencia em prol das mais generosas idéas.

Em 1883 fundou o *Diario de S. Paulo*, orgam do partido deste nome na provincia de S. Paulo.

«Nesta folha, o seu principal trabalho era a libertação, gradual e sem abalos, do elemento servil. Desde 1874, advogou a localização da propriedade escrava, a principio nas provincias, depois nos municipios, de modo a prohibir-se indirectamente, por pesados impostos, a transmissão de escravos de uma provincia para outra e, mais tarde, de um municipio para outro. Por isso, julgou insufficiente o projecto do conselheiro Lafayette e deixou de adoptal-o.

Mais tarde, porém, advogou francamente a libertação. Assim é que, quando os agricultores, chefes dos diversos partidos politicos, convocaram a grande reunião que se realizou no theatro S. José, em 1887, para deliberar sobre a attitude da lavoura perante a questão abolicionista e discutir uma proposta de libertação condicional, com o prazo de 3 annos, Augusto de Queiroz impugnou essa proposta e sustentou a libertação immediata e incondicional, por não ser mais possivel manter a propriedade escrava» (*).

Em 1888 fundou o *Federalista* para defender as idéas adoptadas no Congresso liberal, como acima referimos, e ahi esteve

(*) *O Commercio de S. Paulo*—N. 2137—3 de Março de 1900.

pensar era apoiado por grande numero de honrados politicos paulistas do antigo regimen, que embora não fossem inimigos ou antipathicos á Republica, julgavam pouco airoso disputar essas posições que aliás lhes eram offerecidas pelos governantes do dia. E a historia imparcial hade registrar e analysar esta digna conducta, quasi geral, dos antigos liberaes paulistas, em contraste com a dos muitos conservadores que pressurosos correram ao primeiro aceno do governo, salvo honrosas excepções, como a do Barão de Jaguára e Delfino Cintra, para citar só os mortos, e do Conselheiro Paulino no Rio de Janeiro. Este que reunia a uma grande responsabilidade historica a de representação official como Presidente do antigo Senado, em solemne assembléa dos seus amigos e correligionarios, convocada expressamente para discutir esse assumpto—aconselhou a abstenção ao Congresso Constituinte, deixando para as legislaturas seguintes a collaboração dos antigos monarchistas que tinham occupado posições politicas no antigo regimen. Não ficou só o Dr. Augusto de Queiroz, portanto, nessa épocha interessante de nossa vida politica — e aqui mesmo existe o documento publico do artigo que a esse respeito publicou a 8 de Agosto de 1890 no *Estado de S. Paulo*, em que fundamentava as razões por que declinava da candidatura offerecida. E' um documento que deve ser lido e meditado.

A parte imparcial da população brazileira estava na mesma corrente de idéas, e pensava como o Dr. Frederico Abranches, o auctor de um ardente phampleto (*), aqui publicado, que dizia: « Quem escreve estas linhas póde dizer, com Sallustio, que teve o fanatismo da politica, mas vira cahir bem cedo uma a uma suas esperanças de moço, crestadas pelo sopro calido do desengano. Foi monarchista sincero e batalhou no seu partido com o denodo e a lealdade de um coração aberto aos sentimentos grandes e generosos. Em nada concorreu para o estabelecimento da Republica: porém de fórma nenhuma procurou entravar-lhe o caminho. O facto está consumado e seria delicto de leso-patriotismo sacrificar a um systema que nem sempre foi feliz, a uma dynastia que nem sempre foi agradecida, os maximos interesses da nação».

Não estava isolado o mesmo politico quando traçava ainda estas verdades: «Na angustiosa actualidade que o paiz atravessa (Abril de 1890), em que de par com o civismo que enobrece, colleia a especulação que degrada, e ao lado das convicções sinceras, que se alteiam sublimando os caracteres, militam a dobrez e a felonia, tentando fazer da baixeza um titulo de benemerencia—é o caso daquelles que têm a responsabilidade do poder bradarem aos vis

(*) *A proposito do Plebiscito* por Vergniaud. S. Paulo 1890, pag. 15.

O resultado foi a indicação do nome do Dr. Americo Braziliense, lembrado pelo Dr. Angelo Pinheiro, depois de ter conferenciado com esse illustre estadista, em companhia dos Drs. L. Barreto, Rodolpho Miranda e outros companheiros. Em poder do Dr. Angelo Pinheiro existe ainda o telegramma de Deodoro — felicitando-o pelo acerto da escolha.

Entretanto, outros emissarios politicos influiam junto do Barão de Lucena para ser entregue a nomeação de Governador a antigos monarchistas.

O que convem dizer-se, e que nem todos sabem, é que o Barão de Lucena chegou a offerecer a direcção politica deste Estado aos chefes do antigo partido liberal, querendo nomear o Conselheiro Moreira de Barros presidente do Estado. Estes, mais uma vez, monstraram a maior correcção possivel e grande abnegação civica, salientando-se entre elles os Drs. Augusto Queiroz e Bernardo Gavião. Responderam ao Barão de Lucena recuzando a nomeação do Conselheiro Moreira de Barros e dizendo que estavam promptos a contribuir para a organização do Estado, lembrando a conveniencia de ser entregue a direcção suprema a um republicano historico, e acceitando o nome do Dr. Americo Braziliense, fundador do partido republicano paulista, que gosava de merecida reputação de caracter honrado, moderado e com capacidade e pratica para o governo.

De facto foi acceita essa idéa e nomeado o Dr. Americo Braziliense para organizar o Estado de S. Paulo nos moldes republicanos, mas aproveitando todos os bons e sinceros elementos dos tres partidos aqui existentes: o republicano historico, o conservador intransigente, e o liberal, em sua quasi totalidade afastado da actividade politica.

O Dr. Augusto Queiroz, chamado para auxiliar a administração do Dr. Americo Braziliense, e com a responsabilidade de ter sido um dos que mais instaram para que elle acceitasse a ardua tarefa de presidente em vez do commodo e brilhante logar de diplomata prestigiado em Lisboa, procedeu sempre com a maior lealdade e isenção em todas as circumstancias. Em poucas linhas, e de modo brilhante traçou a historia de Augusto de Queiroz, nesse periodo, o *Estado de S. Paulo*, no seguinte trecho: —«quando subiu ao governo do Estado o Dr. Americo Braziliense, entendeu que devia transigir com as suas convicções sempre monarchicas e prestou leal e franco apoio á situação, sendo por essa época eleito senador do nosso Congresso, onde se distinguiu, como outr'ora se distinguira na assembléa provincial, pelo criterio com que estudava todas as questões, nas commissões de que fazia parte, e na tribuna, que occupava frequentemente».

zadores e presidentes da importante Companhia Mechanica, uma das mais prosperas do Brazil.

Em diversas instituições philantropicas e humanitarias deste Estado deixou o seu nome bem recommendado por actos de generosidade e de bons serviços.

A actividade dessa existencia e mil exigencias sociaes a que estava obrigado pela sua posição social e financeira contribuiram para debilitar-lhe a saude, que sempre foi delicada.

Partiu para a sua querida Allemanha, para onde o chamavam as boas e gratas recordações da mocidade, e as tendencias cultas da sua intelligencia. Não foi propicia a viagem e, em pouco tempo, os amigos e parentes tiveram informações tristes ácerca da gravidade da molestia que affligia ao Dr. Augusto Queiroz, e a 25 de Fevereiro, de Franckfort o telegrapho nos transmittiu o lugubre desfecho daquella existencia illustre.

Não faltam palavras que possam bem servir de epitaphio ao benemerito finado — mas não serão mais expressivas do que as *vir probus et bonus*, que rezumem toda sua vida.

Dr. Miranda Azevedo.

que viviam alguns — como José Pedro Xavier da Veiga; de modo que, com independencia, mesmo no dia da victoria partidaria, tinha isenção para julgar com justiça das situações.

« Uma nota, porêm, colhida num editorial da *Provincia de Minas* de 20 de Fevereiro de 1886, que nos foi obsequiosamente fornecida pelo sr. dr. Affonso Penna, caracteriza a individualidade politica de Xavier da Veiga. A 20 de Agosto inaugurava-se a ullima situação conservadora no periodo monarchico e a 15 de Janeiro seguinte feria-se o grande pleito para a composição da Assembléa Geral Legislativa. Escrevendo sobre esse assumpto e apreciando a composição da nova Camara sob essa face politica, dizia Xavier da Veiga:

« E' esta conservadora, accentuadamente conservadora, sendo esta parcialidade representada por cerca de cem deputados e a liberal, no maximo, apenas por vinte e cinco. Quer isto dizer que o partido, recentemente decahido do poder, somente conseguiu nos comicios a quinta parte das cadeiras componentes da camara temporaria! Ha neste notavel resultado motivos justos para jubilos patrioticos?

— Sim, responde o proprio Xavier da Veiga, dando os motivos porque assim pensava. Em seguida, porêm, accrescenta elle:

« Colloquemo-nos, entretanto, ainda que por momentos, a cavalleiro de conveniencias partidarias mais ou menos ephemeras, fixando por sobre os *destroços da victoria* o horizonte limpido dos principios, que além se descortina, e convencer-nos-hemos, todos os cidadãos de boa fé, conservadores, liberaes e republicanos, que cada eleição geral procedida no paiz attesta a crescente prostração moral do povo e novo *deficit* no balanço da dignidade politica » (1).

Calculadamente transcrevemos o trecho acima para mostrar, si ainda é preciso, que a queixa e censura contra a fraqueza civica e indifferença politica do povo brazileiro — não é resultante da mudança de fórma do governo, é um mal chronico, que herdámos da monarchia e que só extirparemos por meio da elevação do nivel intellectual e scientifico por todo o paiz.

Em todas as epochas da historia nacional, ao lado dos detentores do poder, que só viam os rezultados da victoria, houve caracteres independentes como o de Xavier da Veiga, para estigmatizar a fraude e a corrupção, embora votando sempre o maior culto ao principio da auctoridade.

Ainda por esse zelo, fundamental e typico da familia, se explica como, proclamada a Republica, natural e logicamente se converteram os paladinos e defensores do antigo regimen em acti-

1 *Minas Geraes* de 10 de Agosto de 1900.

« Escriptor facil e elegante, entra em qualquer discussão desassombradamente, e não é de pouca valia o auxilio que presta á causa que o tem por patrono.

« As *Cousas politicas*, brilhante e substancial serie de artigos, hoje reunidos em volume, ahi estão para affirmar o merito do polemista habil e do jornalista independente.

« Inspirado sempre pelas idéias mais nobres e adeantadas, com a maior independencia e energia tem o dr. Ferreira de Araujo acompanhado no seu jornal a nossa vida social e politica nestes ultimos treze annos, advogando, entre outros principios, com grande vantagem, a *abolição do elemento servil*, a *grande naturalização*, a *liberdade religiosa* e outros pontos do credo politico do partido republicano a que pertence.

« Não é um politico que se deixa influir pelas questões de disciplina, e com toda a franqueza censura o erro do proprio correligionario ou louva a boa conducta do adversario.

« Tem o dr. Ferreira de Araujo tal maleabilidade intellectual e litteraria, que ao lado do artigo serio, discutindo a mais arida materia, escreve contos que poderiam ser assignados por Armand Silvestre, T. Banville ou Catulle Mendés.

« As *Balas de estalo*, que fabrica, revelam, pelo espirito que contêm, a feição especial do seu auctor. Rodeado de collaboradores intelligentes e distinctos, a sua individualidade destaca-se e conserva-se original e brilhante.

« Si alguma cousa se póde notar no dr. Ferreira de Araujo é a maneira com que argumenta, predominando em seus artigos sempre a nota da ironia, e servindo-se do ridiculo, que procura atirar ao contrario.

« As suas criticas sobre bellas-artes, litteratura, politica ou sciencias offerecem, todas esse cunho especial de seu dizer. Não pensamos, porém, que seja isso um defeito.

« Ultimamente o dr. Ferreira de Araujo é menos activo e deixa passar muita questão interessante sem commentario seu; não por falta de habilitações, mas só por indolencia deve ser isso considerado.

« Lembremo-nos agora que o dr. Ferreira de Araujo é medico, e que, desde 1867, epocha de seu doutoramento, honra a classe a que pertence como um dos seus mais illustrados membros.

« Deixou um nome distincto ao retirar-se da Academia, e a sua these inaugural sobre um ponto de pathologia brazileira é attestado do merito scientifico de seu auctor (*).

(*) Da alimentação—Do valor relativo dos signaes diagnosticos da prenhez—Historia medico-legal do aborto—Diagnostico e tratamemto das febres perniciosas mais frequentes no Rio de Janeiro.—These de 1867.

De 1888 a 1889, o dr. Ferreira de Araujo, que pouco antes se recolhera um tanto da actividade da imprensa, e estivera ausente do paiz, voltou com assiduidade e energia a combater pelos grandes problemas que se desenvolveram no scenario da politica brazileira.

Contribuiu poderosa e efficazmente para popularizar a idéia republicana e para a victoria da revolucção de 15 de Novembro, e a historia ha de assignalar o seu logar ao lado do de Ruy Barboza, Quintino Bocayuva e Aristides Lobo na campanha da imprensa.

Durante o periodo de organização que se seguiu á Revolução triumphante, o dr. Ferreira de Araujo esteve sempre na estacada, para auxiliar o novo regimen, sem querer acceitar, porém, posição official de especie alguma.

Dirigiu sua actividade depois e suas vistas para os melhoramentos materiaes e saneamento do Rio de Janeiro, não conseguindo entretanto reunir os auxilios e capitaes necessarios para realizal-o; isso contribuiu para que, desilludido, se afastasse outra vez um pouco da labutação em que estava.

Durante as discussões da Constituinte, e nas diversas phases dos governos da Republica nunca Ferreira de Araujo deixou de vir affirmar com sua auctoridade e independencia o modo de melhor servir a Patria.

Nos periodos agitados e perigosos do penoso golpe de Estado, da dictadura e Floriano, e nos da revolta da Armada, mesmo com o risco da sua liberdade individual e quiçá da vida, Ferreira de Araujo exerceu com sobranceria e dignidade a missão de jornalista. Os esforços e a campanha que emprehendeu para a pacificação do Rio Grande do Sul, no governo do dr. Prudente de Moraes, estão na memoria de todos, e justas foram as bençams, que recebeu por tão sympathica propaganda.

Os seus companheiros de trabalho, na *Gazeta de Noticias*, prestariam um valioso serviço ás lettras patrias e á nossa historia politica si reunissem em volumes muitos dos estudos do glorioso jornalista, á imitação do que elle fez em vida com algumas series de escriptos; por exemplo: — *Macaquinhos no sotam* (1).

Uma das predilecções litterarias de Ferreira de Araujo era a dramatica — e nesse genero deixou traducções, imitações e trabalhos originaes —, alguns ineditos — outros representados.

---

(1) *Macaquinhos no sotam* — Rio de Janeiro, 1888, serie de artigos por *José Telha* — pseudonymo de F. de Araujo.

Iniciou os estudos de humanidades no Seminario Episcopal de S. Paulo, tendo anteriormente estudado primeiras lettras na cidade do Rio Claro. Pouco tempo permaneceu no Seminario, pois tendo ficado ahi gravemente enfermo, levaram-no para Ytú, onde residia nessa epocha sua familia. Ahi completou os estudos de preparatorios em varias classes locaes, seguindo em 1865 para a Eschola Militar do Rio de Janeiro, onde esteve até 1867. Deixando a Eschola Militar voltou para Itú, estabelecendo-se então como negociante nessa cidade.

Em 1869 resolveu elle seguir para os Estados Unidos da America do Norte, para estudar engenharia, influenciado pela propaganda que então fazia o Dr. Carlos Rodrigues na sua revista o *Novo Mundo*. Obteve o diploma de engenheiro civil na Universidade de Cornell, em Ithaca, Estado de Nova York, em 1874; teve o curso assignalado por boas notas conquistadas com brilhantismo, tendo deixado optimas impressões e bons amigos entre os seus mestres, como os professores Hartt e Fuertes, e entre os collegas a recordação de excellente companheiro.

***

A um diario que lhe traçou com fidelidade a operosa vida, desde que voltou á patria, pedimos venia para fazer nossas as suas informações.

«Regressando dos Estados-Unidos, foi o dr. Elias Fausto contractado para o cargo de ajudante da exploração da estrada de ferro entre Araras e Pirassununga, logar em que se houve com muito brilhantismo. Foi logo depois convidado para secretario da commissão de que era chefe o illustre professor Hartt.

Tomou parte na commissão que percorreu e explorou todos os Estados do Norte do Brazil, visitando o littoral e o interior.

Contrahindo, por essa occasião, uma grave enfermidade, viu-se obrigado a voltar ao sul.

Ao regressar, o chefe da commissão, professor Hartt, confiou-lhe uma carta particular, dirigida ao imperador D. Pedro II, recommendando-lhe que a entregasse nas proprias mãos do monarcha.

Ao chegar ao Rio, procurou o sr. D. Pedro de Alcantara e entregou-lhe pessoalmente a missiva. O imperador, depois de a lêr, disse-lhe;

—Então, sr. paulista, porque deixou a sua commissão? Ah! vejo que está enfermo; com seis mezes de bons ares de sua terra ficará curado. Requeira licença.

O dialogo prolongou-se ainda, dizendo-lhe D. Pedro que o professor Hartt, na carta que lhe escrevera, lhe tecia muitos

***

Deixando o cargo de Director das Obras Publicas, foi o dr. Elias Fausto fundar fazenda em Santa Rita do Passa Quatro, e revelou-se ahi tão habil e activo agricultor como fino engenheiro e funccionario publico zeloso.

Em 1881 fundou elle o partido republicano em Santa Rita do Passa Quatro, a cuja primeira reunião, sob sua presidencia, compareceram *5 eleitores*, que francamente adheriram ao manifesto republicano do Congresso Paulista.

A sua permanencia em Santa Rita durou até ao anno de 1883, transferindo então sua residencia de novo para a cidade de Ytú, afim de occupar o logar que lhe fôra offerecido, de Inspector Geral da Companhia Ytuana.

Durante o tempo que residiu em Ytú (1883 a 1887) fundou, quasi que só a expensas suas, o jornal «Imprensa Ytuana», folha republicana e a primeira dessa idéa.

Em 1887 o Dr. Elias Fausto deixou o seu cargo da Companhias Ytuana para se dedicar á vida commercial, vindo abrir, como socio e gerente, a casa commissaria Prado, Chaves & Comp.ª em S. Paulo, da qual foi socio até fallecer, tendo exercido effectivamente a gerencia da casa até fins de 1898.

De 1892 a 1894, como presidente da Companhia Balnearia Ilha de Santo Amaro, planejou e construiu a pittoresca estação balnearia, hoje tão apreciada, e que, em outro paiz e em outro meio, bastaria para recommendar o nome do Dr. Elias Fausto á gratidão nacional.

A outras empresas industriaes de grande futuro, como a da fabricação de vidros e garrafas, dedicou o Dr. Elias Fausto, as energias de sua intelligente actividade e emprego de avultado capital que adquirira com seu trabalho; e si a morte não viesse colhel-o inesperada e brutalmente—em pouco conquistaria um logar dos mais eminentes entre as poderosos industriaes paulistas.

***

Ha muito era o Dr. Elias Fausto solicitado pelos directores da politica de S. Paulo, para entrar em actividade e prestar ao paiz o concurso de suas habilitações financeiras, como fizera em prol dos interesses particulares a que estivera associado.

E aquelle que nunca soubera calcular com o egoismo, que não contava com a morte proxima que teve—podendo deixar grandes cabedaes de fortuna á illustre familia—pouco legou de bens materiaes; mas para os herdeiros conquistou um nome que viverá na historia cercado de brilho, e no coração dos amigos e parentes permanecerá sempre saudoso e abençoado.

As homenagens que recebeu o seu corpo quando, inerte, veiu repousar no solo natal, não foram convencionaes, nem de simples formalismo official. A tristeza dos amigos, o pesar dos correlegionarios, as lagrimas dos seus e os soluços do pobre que o acompanharam ao ultimo jazigo, eram provas provas bem sinceras, bem verdadeiras, e exprimiam mais que todas as orações por mais eloquentes que fossem!

Dr. Miranda Azevedo

regado de negocios do Brazil, servindo até 1874; depois ainda desempenhou taes funcções nos periodos de 7 de Agosto a 31 de Dezembro de 1875, de Agosto a Setembro de 1876; de Julho a Outubro em 1877; de Julho a Setembro em 1878; em Março, em Julho e Setembro de 1881; e de Janeiro a Março de 1882.

Em Julho de 1885 o governo o nomeou encarregado de negocios junto do Paraguay, onde desempenhou importante commissão, sendo então nomeado plenipotenciario na Hespanha a 20 de Novembro do mesmo anno.

Em Dezembro de 1886, foi o sr. Souza Correia servir na legação junto da Santa Sé, alli permanecendo dois annos, depois dos quaes voltou a Madrid.

Sempre se distinguindo em suas commissões o sr. Correia, viu-se o governo na obrigação de promovel-o a enviado extraordinario e ministro de 2.ª classe, indo servir nos Estados Unidos, isto em Agosto de 1888; neste posto foi removido para a Santa Sé em Janeiro de 1889.

Proclamada a Republica, foi nomeado o sr. Souza Correia nosso plenipotenciario, a 28 de Fevereiro de 1890, em substituição ao sr. barão do Penedo. Em 31 de Dezembro de 1890 o governo considerou-o ministro de primeira classe.

O governo monarchico concedeu-lhe o titulo de conselheiro e a condecoração de commendador e official da Ordem da Rosa; era cavalheiro da Legião de Honra, commendador da ordem da Villa Viçosa, e cavalheiro da ordem de Christo, de Portugal».

Com o fallecimento do sr. Souza Correia perdeu o Brazil um dos seus mais distinctos filhos que, no extrangeiro, procurou sempre fazer respeitada e estimada a sua patria.

Em Londres, onde longos annos residiu, soube captar a amizade da familia reinante, vivendo, ao que constava, em franca camaradagem não só com o corpo diplomatico, mas com os elementos principaes da politica ingleza, e de todos é sabida a estima toda particular que lhe dedicava o actual rei da Inglaterra, que sem reserva e insistentemente o revelou ao sr. Campos Salles, quando lá esteve antes de assumir a presidencia da Republica.

Desta vez a escolha do governo brazileiro, para successor do Conselheiro Souza Correia, recahiu num brazileiro em tudo digno da herança: — o Dr. Joaquim Nabuco, que é o *right man on right place.*

Dr. M. Azevedo.

---

a effeito esta empresa, empenhou todos os seus haveres, conseguiu inspirar confiança aos membros de sua familia e aos de seu illustre sogro o Visconde do Rio Claro, e, quasi que exclusivamente com este capital de familia, construiu e fez prosperar esta Companhia, de que foi o presidente até á epocha em que com vantagem pecuniaria a alienou a capitaes inglezes.

Tão grande serviço bastava para recommendar o seu nome á gratidão dos paulistas.

Não limitou a sua esphera de acção a estes dous pontos; assumiu o logar de financeiro e, na directoria do *Banco de S. Paulo*, revelou solidas qualidades de banqueiro provecto, dando uma vida prospera e garantida a esse instituto bancario da Capital do Estado.

Figurou com direito e com distincção no scenario politico, como um dos chefes mais influentes do antigo partido liberal.

Successivamente deputado provincial em varias legislaturas, occupou tambem o logar de deputado geral pelo antigo 8.° Districto, e isso legitimamente, pois o prestigio de que dispunha era real.

E nesse periodo não foi esteril a sua influencia, pois embora não dispuzesse de grande e vasta cultura litteraria, tinha intelligencia muito clara, criterio seguro e largueza de vistas em materia de administração e de negocios publicos.

E para que não pareça exaggero de nossa parte este modo de vêr, ou seja tido como simples cortezia á illustre e sympathica familia do finado, ou mera homenagem de amigo a um companheiro, embora temporario, de lides, — vamos documentar a critica.

***

Administrava a antiga provincia de S. Paulo, em situação do partido conservador, o Conselheiro João Alfredo, em 1885, num periodo de prosperidade agricola, de expansão de vias ferreas e de inicio de serviço de immigrantes para o povoamento do solo e descortino de novas zonas productoras.

O progresso material era grande e ia muito adeante do intellectual, o que preoccupou alguns dos directores politicos da situação, inclusive o Presidente, Conselheiro João Alfredo.

Houve a idéa de promover-se a fundação de varios institutos scientificos, entre os quaes o de uma commissão encarregada do estudo geographico e geologico da provincia. Foi tão bem acceito este plano, por todos, sem distincção de agrupamentos politicos, que logo foi levado ao seio da Assembléa Provincial o projecto que se converteu em lei, immeditamente executada.

Por conseguinte, entendendo que faço um beneficio á provincia, vou propôr uma auctorização ao governo, que aliás se acha bem intencionado ».

« E' julgado objecto de deliberação e, a requerimento do seu auctor, dispensado de impressão o projecto n. 89, que traz as assignaturas dos srs. *visconde do Pinhal*, *Theophilo Dias*, *Candido Rodrigues*, *Rodrigo Lobato*, *João Penteado*, *João Silveira*, *S. da Motta*, *Ferreira Braga*, *Ferreira de Castilho*, *Luiz Carlos da Assumpção e João Ribeiro*.

Artigo 1.°—O governo da Provincia fica auctorizado desde já, a despender até á quantia de cincoenta contos de réis 50:000$000, com a iniciação de trabalhos de levantamento de cartas geographicas, topographicas, itinerarias, geologicas e agricolas da mesma provincia.

Artigo 2.°—O governo fica egualmente auctorizado a proceder ás necessarias operações de credito para occorrer ás despesas do artigo antecedente.

Revogadas as disposições em contrario.

***

E, notavel coincidencia, 15 annos depois, quasi dia por dia (aquelle discurso foi proferido a 19 de Março de 1886) fallecia o Conde do Pinhal, que assim não podia empregar o seu prestigio em favor da mesma instituição, junto do seu companheiro e collaborador dr. Candido Rodrigues, para defendel-a contra os arremessos de uns inconscientes iconoclastas, disfarçados em cultores da sciencia, verdadeiros pharisêus, inimigos do progresso intellectual desta terra.

E já que tocámos neste assumpto, convem fixar bem uma das feições que tem tomado essa conspiração da incompetencia despeitada, contra um trabalho bem reputado por profissionaes illustrados e acima de qualquer suspeita.

O grupo que investe contra os trabalhos da Commissão Geologica é principalmente composto de oriundos da eschola do Estado de Minas, que se esforçou em manter uma instituição congenere inspirada e modelada pela de S. Paulo.

A força das circumstancias financeiras impoz a extincção do nucleo mineiro. Parece agora que, do sentimento inconfessavel desse facto, decorre a campanha movida contra o chefe da Commissão Paulista e seus trabalhos.

Ainda na reunião que promovemos extra-parlamentarmente a 14 de Dezembro de 1892 e para discutirmos e deliberarmos sobre o que convinha fazer á vista da intervenção do governo do Marechal Floriano no Estado, o Conde do Pinhal foi um dos poucos que nos acompanharam na resolução, de organizarmos a resistencia em todo o terreno.

Dissolvido o Congresso Constituinte do Estado, illegal e arbitrariamente, em 1893, o Conde do Pinhal eximiu-se de toda e qualquer participação activa na politica. Sabendo-se alvo de odios e paixões individuaes contra sua pessoa, não quiz mais congregar-se em partido — nem com os republicanos nem com os monarchistas, convicto, além disso, da impossibilidade da restauração. Verdade é que solicitado para auxilios pecuniarios, attendeu ora a uns ora a outros, mas sem enthusiasmo nem confiança nos esforços empregados.

Volveu-se todo para a vida da familia, empregando sua extraordinaria actividade e pratica administrativa na lavoura e nas finanças.

Vigoroso ainda, foi colhido por cruel enfermidade, e sucumbiu a 12 de Março de 1901, em sua fazenda, com 74 annos de edade.

Estava ainda em pleno vigor physico o conde do Pinhal, e não fossem os abalos e desgostos de seus ultimos dias, conforme a imprensa referiu, « sua existencia ainda se prolongaria como um dos elementos de prosperidade para este Estado » (1).

Melhor que os bens da fortuna deixados pelo Conde do Pinhal, são a memoria dos relevantes serviços por elle prestados á patria e á distincta e numerosa familia que formou e educou nos mais elevados principios de honra e dignidade, bem como o duplo exemplo seu e de sua virtuosa e respeitavel esposa, companheira de toda a sua laboriosa existencia.

A posteridade ha de confirmar a estima dos contemporaneos, e quiçá augmentar-lhe os titulos de benemerencia.

Dr. Miranda Azevedo.

---

(1) *Diario Popular*—13—Março 1901.

«Como advogado o finado impoz-se pelo talento, pela erudicção e pelo estudo, logrando alcançar em nosso fôro um nome respeitado, fazendo pesar o seu parecer em questões juridicas de importancia.

«No Congresso Constituinte do Estado occupou o dr. Brazilio dos Santos uma cadeira de deputado, sendo o papel, que alli representou, muito saliente, revelando sempre independencia de animo e um caracter recto.

«Eleito deputado federal, depois da dissolução do Congresso Constituinte, logo após o ter tomado assento na Camara federal, separou-se de seus companheiros, abraçando aquelles que como elle tinham idéias radicaes intransigentes.

«Neste posto ainda o seu nome muito se realçou, achando-se ligado a alguns projectos de importancia.

«Exgottado o seu mandato, volveu o dr. Brazilio á advocacia e á sua cadeira da Faculdade, onde as suas lições eram ouvidas com attenção e aproveitamento pelos seus discipulos.

«Quer entre os seus collegas, quer entre os seus discipulos, era tido na mais alta estima e consideração.

«Eis a largos traços o que foi a vida do vulto que hontem baixou ao tumulo.

«O dr. Brazilio formou-se na nossa Faculdade de Direito em 1877, tendo defendido these e conquistado o grau de doutor.

«Depois de brilhante concurso foi nomeado lente substituto da cadeira de Direito Publico em Setembro de 1883. Em 1890 foi nomeado lente cathedratico da cadeira de Direito Commercial (1)».

***

O dr. Brazilio dos Santos figurou no scenario politico, pela primeira vez, em 1891, chamado pelo dr. Americo Braziliense, que fôra amigo de Gabriel dos Santos e conhecia o valor intellectual do filho.

Republicano radical, veiu reunir-se á maioria do elemento historico que apoiava a administração honesta e conciliadora do primeiro presidente eleito do Estado de S. Paulo, e na sua collaboração revelou as grandes aptidões de legislador, que possuia.

Ninguem poderia melhor traçar a sua physionomia que o dr. Martim Francisco Filho, que foi seu amigo, e que em sentido necrologio bem realçou alguns dos traços do dr. Brazilio dos Santos.

(1) *Diario Popular* de 1.º de Abril de 1901.

Continuando na exposição de doutrina, não se esquece de bater as objecções imprudentes dos que condemnam sem exame ou prejulgam das idéas sem maior escrupulo.

Para exemplo, mais esta transcripção (1):

«Não menos improcedente é a arguição dos que pretendem divisar certas affinidades entre a republica parlamentar e o regimen monarchico, fundados em que a eleição presidencial feita, como na França, pelos membros das duas camaras, importa uma limitação á soberania popular.

«Os que assim argumentam esquecem que o mandato popular nada perde de sua força por ser indirecto. Na União Norte-Americana o presidente é escolhido por um corpo eleitoral limitado, para tal fim constituido pelo suffragio popular, e nem por isso alli se reputa enfraquecido o principio democratico.

«Não é, pois, na presupposta limitação do elemento popular que se funda o parlamentarismo, porém na manifesta inconveniencia de instituir-se um dualismo politico, causa permanente de conflictos entre dois poderes que se arrogam com egual direito a delegação da soberania nacional; e assim tambem na verdade, por egual evidente, de que sómente nos corpos collectivos póde a nação ser representada com os seus multiplos elementos politicos e sociaes, na proporção da força e importancia de cada um».

Segue depois no exame historico do que tem sido o presidencialismo nas republicas americanas, e depois conclue:

«E tal é, na verdade, a consequencia inilludivel do presidencialismo republicano, onde quer que tenha sido praticado— consequencia que se impoz aos Norte-Americanos, após muitos annos e apezar da resistencia federalista, consequencia que se impõe aos brazileiros logo após o advento do governo civil, vinculando-o á tradicção oligarchica do militarismo triumphante, que aliás aguarda o momento de reaffirmar a sua supremacia, sendo, como é, a mais congruente expressão do regimen que elle proprio modelou na constituição republicana.

Ahi estão, pois, os proprios factos que assignalam a róta a seguir, para a regeneração ou para o aniquilamento da patria.

A experiencia é de poucos annos, porém fecunda de eloquentes e duros ensinamentos: o patriotismo já não tem o direito de illudir-se e de esperar!

***

(1) Manifesto p. 9

grande orador democrata, do revolucionario de 1842, que a inveja e a intigra haviam atirado á margem da direcção social, acompanhava-lhe o cadaver, chorava-lhe o prematuro desapparecimento, prestando ao morto a justiça que os vivos lhe haviam recusado.

« Seguia o prestito funebre; ia a terra receber o cadaver. Da multidão destacou-se um poeta; o povo, enternecido, escutou-o cabisbaixo, até que as estrophes fecharam com o

Cubra-lhe a campa a liberal bandeira!

« Seja este tambem o epitaphio de Brazilio dos Santos.

« Inscreva-o a saudade paulista na sepultura do luctador que tombou ».

Dr. Miranda Azevedo.

O *Diario Popular* de 3 de Abril de 1901, noticiando a sua morte escreveu:

« O dr. Joaquim Fernandes de Barros, cujo fallecimento noticiámos hontem, facto que se deu em Barretos, no dia 31 de Março, domingo, era um homem honrado, uma intelligencia clara e justa, e um caracter inteiriço, bello e franco.

« Formado em direito pela nossa faculdade, não sabemos, no momento, si no começo de sua carreira seguiu a advocacia ou a magistratura. O que sabemos, e é de nossos dias como jornal, é que o conhecemos em S. Paulo, em plena actividade, como um dos melhores republicanos do tempo da propaganda, e como industrial.

« Nos ultimos annos da monarchia, como sabem todos, a propaganda republicana apresentou em S. Paulo duas phases simultaneas, tendentes ao mesmo fim: — a phase chamada então *evolucionista*, a que pertenciam os propagandistas e directores de maior responsabilidade e mais em evidencia,— e a phase *separatista*, enthusiasticamente agitada por propagandistas sem maiores responsabilidades partidarias, e que encontrava ruidoso e amplo auxilio na mocidade republicada de então.

« Esta phase era acceita provisoriamente nos arraiaes republicanos como o caminho mais curto para chegar-se logo á Republica.

« O dr. Joaquim Fernandes de Barros foi um dos mais assiduos e brilhantes porta-vozes da phase *separatista*. Tendo sido um dos primeiros a lançar a idéia aos quatro ventos e a accentual-a como ideal e programma politico, foi um dos ultimos a abandonar o campo de batalha, campo em que tinha por bandeira o jornal separatista que fundou e manteve á sua custa. E só recuou quando inesperados acontecimentos sociaes surgiram na historia de nossa patria, modificando completamente a ordem das cousas no sentido de favorecer o advento da Republica.

« Proclamada esta, entregou-se o dr. Joaquim Fernandes de Barros exclusivamente a preoccupações industriaes, genero de vida em que, parece-nos, não lhe sorriu a estrella do seu destino.

« E a pouco e pouco foi elle desapparecendo da roda dos amigos, recluso no lar, fugitivo da publicidade.

« Homem honrado e brioso, caracter altivo, poucos sabiam da situação difficil a que chegou, sem o menor desar para a honradez do seu nome.

« E foi então que se lembrou, em boa hora, de appellar para a sua carta de bacharel, inscrevendo-se em concurso para juiz de direito de uma das comarcas vagas do Estado—, comarca para a qual e da qual, tempos depois, foi transferido para a de Barretos, onde exercia o juizado com justiça, presteza e sciencia.

— Escreva-lhe, já, que venha quanto antes. Dou-lhe a primeira promotoria que se vagar. E' o que se póde fazer por emquanto.

A carta foi escripta, e em taes termos que, dentro de poucos dias, Fernandes de Barros esteve em S. Paulo e seguiu para o Bebedouro nomeado promotor publico daquella comarca. Lá se installou e recordou os seus estudos de direito, havia muito abandonados; lá se enfronhou em todas as novas leis, decretos, resosoluções e avisos federaes e estadoaes, da Republica; lá se manteve com tanta justiça, tanta dignidade e cavalheirismo, que foi de todos querido, de todos procurado e ouvido, alma singella e generosa, forte como a de um bandeirante, e, na sua rusticidade apparente, meiga como a de uma creança.

Um dia, a Horacio de Carvalho disse o dr. Bernardino de Campos:

— Diga ao Barros que estude e venha fazer concurso para juiz de direito.

Foi uma campanha para conseguir isto do promotor publico de Bebedouro. Elle imaginava, nervoso, que esses concursos eram terriveis, de uma difficuldade quasi invencivel; e, cheio já de fios de prata na sua barba loura, hesitava em sujeital-os ás forcas caudinas desse ultimo exame de direito.

Afinal, metteu-se em grandes estudos, veiu, inscreveu-se, fez o concurso e, só então, foi nomeado juiz de direito de Barretos, onde não havia ninguem que o não estimasse com verdadeiro affecto, e onde a sua morte lançou a dor e o lucto em toda a população da cidade.

E' com prazer que registramos este facto; porque não é elle commum entre os nossos antigos companheiros de propaganda.

Raramente se vê essa insistencia do amigo bem collocado — no sentido de dar a mão ao amigo ferido pela adversidade.

O commum, nos que estão no alto, é o esquecimento dos que estão em baixo — mesmo que como velhos luctadores tenham prestado serviços inolvidaveis.

Segundo *O Sertanejo*, orgam local, com o fallecimento do Dr. Fernandes de Barros toda a cidade se cobriu de dor e lucto, como si fosse uma familia que tivesse perdido algum dos seus mais extremosos e melhores membros.

***

Procurámos preencher a falta notada pelo *Diario Popular*, e não tivemos a felecidade de obter dados mais positivos ácerca da vida do Dr. Fernandes de Barros.

O joven academico Sá e Benevides concorreu com galhardia com os collegas e obteve merecido renome de intelligente e illustrado.

***

Traçando a sua vida escreve um jornal:

« Mais um vulto glorioso nas lettras juridicas desapparece com o fallecimento do venerando mestre dr. José Maria Corrêa de Sá e Benevides.

« Estudante que legou ás memorias de seu tempo um nome festejadissimo, o dr. Benevides elevou-se bastante no conceito de todos por occasião do concurso que fez para lente, conquistando o primeiro logar na classificação.

« Nomeado o illustre extincto, com brilhantismo regeu as cadeiras de Direito Natural e Direito Publico, merecendo dos seus discipulos enequivocas demonstrações de respeito e sympathia.

« O dr. Benevides advogou algum tempo no Rio de Janeiro, com José Bonifacio.

« Como politico, militou nas fileiras do partido conservador, mantendo sempre firmes as suas crenças monarchicas.

« Presidiu no antigo regimen as provincias de Minas e Rio de Janeiro. Deputado á assembléa provincial de S. Paulo, tomou parte saliente nas discussões, sendo um dos vultos mais notaveis da legislatura de 1872. Descrente e desgostoso, abandonou por completo a vida politica, dedicando-se exclusivamente á advocacia, na qual sempre brilhou pela sua vasta illustração e probidade. Apezar de instantemente convidado por amigos e correligionarios, recusou presidir a provincia do Rio, nos ultimos annos do antigo regimen (1)».

Pertencia á geração dos idealistas de 1830, pois nasceu mais ou menos nessa epocha, no Rio de Janeiro, onde era grande a corrente romantica que dominou nas lettras. Filho do gentilhomem da imperial camara — José Maria Corrêa de Sá, e de D. Leonor Maria Saldanha da Gama, cresceu naquella atmosphera social, que lhe serviu de ambiente durante toda a sua vida, embora parecesse estar em outro meio.

Em 1858 defendeu these para obter o gráu de Doutor, e alcançou essa distincção, que naquella epocha, era sufficiente para consagrar o merito e a applicação de quem a conquistava.

Em 1865 concorreu a um dos logares de lente da *Faculdade de Direito*, dissertando em sua these sobre o ponto: — *O artigo 6.° da Constituição é constitucional?*

---

(1) *Diario Popular* — 11 de Abril de 1901.

cia; e, pelo menos, quando deixou o palacio do governo, não teve que lamentar injustiças graves e peseguições como eram communs nesses periodos de agitação partidaria em varias provinciasdo Brazil, sempre que havia mudança de situação politica.

Na Provincia do Rio de Janeiro, que presidiu poucos mezes, melhor deixou accentuada a sua norma de homem recto e esclarecido. Sabem os contemporaneos que deixara aquella presidencia por não ter querido sujeitar-se a decretar uma medida exigida por um seu amigo e chefe politico; mas que a sua consciencia não justificava. Pouco a pouco foi-se isolando da actividade politica, porque observava que, na vida dos partidos, a pureza e a intransigencia de principios não se coadunavam com as exigencias e as conveniencias da pratica dos chefes e dos correligionarios.

Embora solicitado pelos amigos, que lhe conheciam o valor, quando subiu de novo o partido conservador não acceitou absolutamente posição alguma, e isso principalmente porque se maguara por causa da celebre questão religiosa, que occasionou a prisão dos bispos de Pernambuco e do Pará.

Já no paiz tambem se tinha formado a corrente do partido catholico, e na sua organização e desenvolvimento empregou o Dr. Sá e Benevides todas as energias de sua alma e todos os primores de sua intelligencia.

Aqui foi o fundador dos diversos *clubs* e circulos catholicos, director da imprensa que publicava as idéias do novo partido, e chefe respeitado de todo o movimento que nesse sentido se extendeu por toda a provincia.

Proclamada a Republica, não esmoreceu na sua propaganda; antes maior impulso deu aos companheiros, e foi um dos raros e nobres exemplos de fidelidade (sem eclipses nem hesitações) ao antigo regimen e ás velhas crenças politicas e religiosas.

Durante os mais tormentosos dias de agitação, de estado de sitio, da revolta,—sempre firme, manteve elle suas crenças e religião, á luz do dia, á face de todos, com a mesma calma e a mesma serenidade de quem cumpre seu dever, *malgrè tout et malgré tous*.

E tão respeitavel era o seu caracter, tão nobre o seu procedimento, que apezar de seu proximo parentesco com o almirante Saldanha da Gama, nem uma só voz se levantou para accuzal-o, nem um só exaltado se lembrou de apontal-o á suspeita da dictatura.

E o Dr. Sá e Benevides não se occultava e não se retrahia; ao contrario, estava sempre na imprensa. No *Commercio de S. Paulo* eram frequentes e seguidos os seus artigos de combate e

« Quando juiz de direito da comarca de Paranaguá, foi convidado pelo presidente da Provincia do Paraná, dr. Venancio Lisboa, para exercer o cargo de chefe de policia.

« No governo do dr. Americo Braziliense, foi o desembargador Furtado nomeado chefe de policia deste Estado, cargo em que pouco se demorou.

« Contando 33 annos de serviços na magistratura, foi o desembargador Furtado aposentado em 1891, entregando-se depois dessa data á advocacia.

« Como magistrado, o extincto foi sempre um modelo de probidade, honradez e rectidão no cumprimento do dever. Como homem era um caracter puro, limpido e digno de ser invejado.

« Os seus actos foram sempre pautados, em todas as occasiões em que era escolhido pela confiança governamental, pela mais rigorosa e severa independencia e correcção.

« Como um exemplo vivo da sua nórma de conducta aponta-se o facto que se deu com referencia ao fôro de Pirahy.

« Luctas politicas, que se travaram naquella comarca, haviam levado o seu fôro ao estado de completa anarchia.

« O governo, tendo necessidade de uma pessoa de capacidade para restaurar a ordem naquella comarca, fez recahir a escolha no dr. Furtado, nomeando-o Juiz municipal, accumulando o cargo de delegado de policia de Pirahy.

« Em pouco mais de tres mezes conseguiu o dr. Furtado confirmar a confiança que depositára em sua pessoa o governo imperial, conseguindo dominar a exaltação de animos que alli reinava e fazer voltar ao seu estado normal o fôro da comarca, embora para tanto tivesse de abrir lucta com o então presidente da provincia do Rio, dr. Souza Franco.

« Valeu-lhe esta commissão francos elogios do governo imperial.

« Na advocacia, o desembargador Furtado impoz-se sempre á confiança dos seus clientes pela dedicação ás causas de que o incumbiam e pelo seu vasto saber juridico (*)».

***

Tendo o dr. Virgilio Cardoso deixado o logar de chefe de policia em Novembro de 1891, em epocha de agitação politica, o dr. Americo Brazilense procurava para substituil-o um magistrado extranho ás luctas locaes, e que offerecesse, por seu passado e por seu caracter, garantias seguras a todos. Lembrou-se do desembar-

(*) Diario Popular—3 de Maio de 1901.

alchoolica, adrede preparada, explodira perante a provocação dirgida contra a força; mais uma vez o alcool produzia nos facto publicos o que diariamente determina nas relações inviduaes.

Homem de acção e coragem, o chefe de policia sahiu immediatamente, e foi, em pessoa, percorrer as ruas da cidade. Voltou á Policia já tarde, quando tudo estava calmo, e retrahidos e occultos os chefes e responsaveis da agitação.

Planejou a retirada do general Solon no dia seguinte em trem expresso para o Rio, bem como uma conferencia pessoal com o dr. Campos Salles para a volta do Estado á vida normal.

Eis a carta que o dr. Furtado escreveu ao dr. Campos Salles para evitar uma lucta que poderia ter tido funestas consequencias:

« S. Paulo, 14 de Dezembro de 1891

Illmo e Exmo Sr. Dr. Manoel F. de Campos Salles.

« Quando no dia 23 de Novembro findo assumi o cargo de chefe de policia, por convite do sr. Presidente do Estado, afim de manter a ordem e segurança publicas, V. Exc. e o sr. Francisco Glycerio tiveram a bondade de offerecer-me na respectiva Secretaria o seu valioso apoio que, penhorado, agradeci-lhes.

« No emtanto, dia a dia chega aos meus ouvidos que V. Exc. e seus amigos não cessam de alliciar infelizes operarios, até mesmo vagabundos e gatunos, para o fim de virem depôr a mão armada o Presidente do Estado do exercicio do seu cargo. Ainda mais consta-me que V. Exc. tem mandado emissarios a diversos pontos do Estado para agitar os animos e promover a deposição das intendencias e das auctoridades policiaes.

« Custa-me a crêr na verdade de taes noticias em vista do offerecimento de V. Exc., a que alludi, sobretudo tendo certeza de que V. Exc. não ignora que constitue crime o facto de privar-se a auctoridade legalmente constituida do exercicio de suas funcções.

« Em taes circumstancias rogo a V. Exc. o favor de procurar-me hoje, a 1 hora da tarde na Secretaria da Policia, afim de dizer-me com franqueza si devo acreditar nessas noticias que trazem a população desta cidade sempre alarmada, estado que não convem que perdure, tanto mais quanto não só se diz que terá de ser assaltado o palacio da presidencia, como saqueados os bancos e estabelecimentos commerciaes.

« E' pois um acto de patriotismo não consentir V. Exc. que com o seu nome e responsabilidade se propalem taes boatos.

« Sou de V. Exc. — Attencioso e Venerador — *Raymundo de A. Furtado Cavalcanti*, chefe de policia ».

quer violencia e que era ao mesmo tempo a melhor fé de officio pelos inestimaveis serviços prestados. Esse documento, porêm, não chegou a seu destino, não foi publicado, como devia ser, no *Diario Official* do dia, como o empunha a simples lealdade do successor no governo, si este não tivesse por excusa o inesperado e a surpresa do momento.

Temos em nosso poder esse officio que em tempo apparecerá na historia calma dos acontecimentos.

Depois, reejitada pelo Senado a nomeação do dr. R. Furtado, desgostoso elle abandonou de todo as posições officiaes, entregando-se á advocacia e aos carinhos da familia.

Ahi o surprehendeu, a 2 de Março de 1901 a morte repentina; mas, como o justo e o forte, não tinha que temer, pois só de actos de abnegação e honradez entreteceu a téla da vida, igando á familia e á patria um nome illustre e querido.

Dr. M. Azevedo.

em conferencias publicas no Rio de Janeiro—lançava o primeiro germen das idéas de fraternidade e approximação entre os povos do Rio da Prata e do Brazil.

O Dr. José Avelino eleito deputado pelo Ceará, fazia então parte do partido liberal, afastado do governo pelo golpe da politica imperial desfechado em 1868, golpe que produziu grande abalo em todo o paiz.

Não é facil seguir toda a longa e laboriosa existencia do Dr. José Avelino atravéz da lucta dos dous antigos partidos do regimen imperial, estando elle ligado ora a uns, ora a outros, mas desempenhando sempre com lealdade e brilho as diversas posições que occupou na imprensa ou na tribuna, a serviço dos correligionarios da occasião. Procurámos colher dados biographicos da agitada vida do illustre cearense, e não tivemos a felicidade de obtel-os em tempo para este perfil, traçado quasi que exlcusivamente com os recursos das reminiscencias pessoaes.

Sirva isso tambem de excusa para um ou outro lapso de dados e de factos.

A Republica encontrou-o em pleno goso de prestigio official e de boas relações com a familia reinante, especialmente com a Princeza Imperial, a quem dedicava sincero e fervoroso affecto, por causa do acto humanitario da lei de 13 de Maio.

Na *Imprensa Nacional* do Rio de Janeiro estava prompto a ser publicado um interessante opusculo do Dr. José Avelino em commemoração das *bodas de prata* dos illustres principes, quando a revolução de 15 de Novembro veiu sustar a distribuição desse folheto (*) *larga manu*.

Esse sentimento pessoal não impediu que désse ao Governo Provizorio toda a sua actividade e todas as admiraveis qualidades de habil publicista conhecedor das nossas cousas politicas.

*
* *

Amigo do Marechal Deodoro, foi o Dr. José Avelino um auxiliar poderoso na imprensa, e junto de politicos influentes prestou serviços valiosos a bem da defesa do novo regimen, con-

(*) A este respeito eis o que se lê á pag. 327 do vol. 4.º do *Diccionario Bibliographico Brazileiro* do Dr. A. S. Blake:

—*Historia Contemporanea*—Bodas de Prata de Suas Altezas os Srs. Conde e Condessa d'Eu. Rio de Janeiro 1898. 51 pg. n. 8.º

Não vi este livro. A redacção d'*O Brasil*, em editorial do n. 254, de 21 de Abril de 1901, diz que as ultimas folhas ficaram promptas na *Imprensa Nacional* no dia 14 de Novembro de 1889, vespera da proclamação da Republica, e por isso foi o livro recolhido. A mesma redacção, porêm, possue um exemplar, de que publicou alguns trechos nos dois numeros seguintes.

O *Instituto Historico* de S. Paulo possue um exemplar desse opusculo, offerecido pelo fallecido Dr. Eduardo Prado.

gou a procurar o *Estado de S. Paulo* e a enviar-lhe a primeira carta de uma serie, que, depois, a molestia e outras occorrencias não deixaram proseguir.

O Dr. José Avelino collaborou assiduamente na imprensa paulista nos ultimos tempos, e as *Cartas avulsas* eram geralmente apreciadas pelo tom de tolerancia com que eram escriptas, e pelas informações sempre seguras e antecipadas que ministrava aos leitores acerca dos bastidores da alta politica.

Desse genero de correspondencia era primoroso cultor, e deixou paginas que bem mereciam ser conservadas em fórma mais duradoura que as columnas da imprensa diaria.

Quando no anno passado começavam a chamar a attenção do paiz as celebres e curiosas *Cartas sem titulo*, quasi todos attribuiam ao Dr. José Avelino a auctoria dessas epistolas sensacionaes.

Apezar de vir mais de uma vez pela imprensa e, em todas as occasiões, declarar sempre que não eram de sua lavra, o Dr. José Avelino ainda era para muitos o unico escriptor de taes paginas; e não poucas objurgatorias lhe foram endereçadas por peccados que não commetteu.

Só com o annunciado apparecimento dellas em volume com o nome do illustre jornalista que as compoz, foi que o publico teve então a chave do mysterio.

Ainda podendo dar muito á patria e ás lettras foi o Dr. José Avelino ferido pela morte a 11 de Julho de 1901, em consequencia da cruel enfermidade que o anniquilava ha annos.

Mesmo em um paiz onde fosse maior o numero de intellectuaes, a perda do Dr. José Avelino não deixaria de ser pranteada, pois a força cerebral productiva de que dispunha era grande e augmentada por uma bella e variada cultura de quasi todos os ramos das lettras e sciencias contemporaneas.

Bem se lhe pode applicar o conceito de que cahiu na arena do combate com a correcção e a elegancia dos luctadores eximios.

Dr. M. Azevedo.

Nas tribunas da Camara e do Senado, onde Gaspar Martins proferiu tantas e tão gloriosas orações, vibrantes de patriotismo e da maior eloquencia, politicos salientes, da actualidade, e insuspeitos, porque foram sempre seus adversarios intransigentes, pronunciam o elogio do grande morto.

Na Camara fala o Dr. Cassiano do Nascimanto:

«A vida que se apagou era sem duvida uma das mais fulgentes glorias deste paiz.

O SR. J. J SEABRA:—Honraria a qualquer paiz do mundo...

O SR. CASSIANO:—Assim como já disse que a historia do paiz deve ser una e indisivel no sentido de que as gerações de hoje, que occupam as mais culminantes posições da sociedade brazileira, não são mais do que a successão das gerações gloriosas que passaram e que estão a todo o instante a passar, deixando um vacuo impreenchivel; e si é certo isso, não menos certo é que, na historia do segundo reinado, aquelle sobre quem acaba de cahir a louza fria da sepultura, encheu com a sua vida grande parte desse reinado *(muito bem)*.

Os homens publicos não podem, não devem ser julgados, nas suas acções, pelos detalhes; mas sim pelo conjuncto dessas mesmas acções.

Gaspar Martins, a estrella que fulgurou neste firmamento e cujo brilho se não esmaeceu de todo e nem é possivel, porque resalta vivaz nos annaes desta casa durante o segundo reinado, Gaspar Martins serviu o Rio Grande, serviu a sua patria...»

No Senado, o General Pinheiro Machado não foi menos prodigo nos elogios, embora não fosse justo na apreciação das idéias politicas de seu illustre conterraneo. Eis as palavras do General Pinheiro Machado:

«Sr. presidente. Acabamos de ser informados de que o illustre brazileiro e notavel rio-grandense Silveira Martins deixou de existir, fallecendo em terra extranha.

Não é uma individualidade vulgar, um patricio obscuro, o que acaba de se findar.

Desde moço, Gaspar da Silveira Martins, pelos seus dotes extraordidarios de talento e pelas qualidades surprehendentes que possuia, occupou no firmamento politico da nossa patria um dos primeiros logares.

Foi incontestavelmente um astro que luziu e luziu intensamente no nosso mundo politico. Na magistratura e em todos os postos publicos que elle teve de occupar no Brazil, revelou-se

«Já sob o ministerio Itaborahy podia-se distinguir a separação entre os liberaes, a facha radical. Um homem novo começava a apparecer na politica, e revelava, desde os seus primeiros actos, uma independencia, uma força, uma audacia, como de certo ainda não se tinha visto, batendo ás suas portas em nome de um direito até então desconhecido: o do povo. Era Silveira Martins. A figura do tribuno, como depois a do parlamentar, era talhada em fórmas colossaes; não havia nelle nada de gracioso, de modesto, de humilde, de pequeno; tudo era vasto, largo, soberbo, dominador.

«Na cadeira de juiz, fazendo frente ao ministro do juiz; nas palestras litterarias, pronunciando-se sobre as velhas raizes aryanas; nas conferencias publicas, fazendo reboar pelas cavernas populares o écho interminavel da sua palavra; nos conselhos do partido democratico, falando aos chefes tradicionaes, aos homens do passado, com a consciencia e a auctoridade de um conquistador barbaro dictando a lei á civilisação decrepita, indefesa em sua tranquilidade immemorial; nas redacções dos jornaes amigos, nas confeitarias da rua do Ouvidor, onde, durante annos, exerceu entre os moços e os exaltados a dictadura da eloquencia e da coragem, como Gambetta, durante o Imperio, nos cafés de Quartier Latin; nas rodas de amigos politicos, como Martinho Campos, Octaviano, Theophilo Ottoni; depois na Camara dos Deputados, onde sua entrada (legislatura de 1872—1875) assignala uma época e faz effeito de um terremoto; no ministerio, onde, incapaz de representar segundos papeis, mas sem preparação, talvez, sufficiente para tractar negocios, só teve uma ambição: ganhar com a sahida o que perdera com a entrada, e por isso, ainda mais, como ministro demissionario do que como membro do gabinete; por ultimo, no senado, na independencia, na soberba, com que, operada a sua transformação conservadora attrai para si todos os rancores da democracia, que talvez tenha creado: em todas as posições, que se abateram deante delle para que elle entrasse sem subir; em todos os papeis que desempenhou, Silveira Martins foi sempre unico, differente de todos os mais, possante e solido, subito e irresistivel, natural e insensivel, como uma tromba ou um cyclone. Elle é o seu proprio auditorio, sua propria *claque*; respira no espaço illimitado da sua individualidade, de sua satisfacção intima, dos seus triumphos decretados com justiça por elle mesmo e depois homologados pela massa obediente; como o gaúcho, respira nos Pampas, onde, no horisonte inteiro, nada vem interceptar, opprimir o seu largo hausto. E', em uma palavra, uma figura fundida no molde em que a imaginação prophetica vasava as suas creações.

Victorio da Costa. Serguiu com brilhantismo o curso juridico nas Academias de S. Paulo e Recife, formando-se em 1856.

Em 1859 o Visconde de Muritiba, que succedera na pasta da Justiça ao Conselheiro Nabuco de Araujo, e que o conhecera no Rio Grande do Sul, nomeou-o espontaneamente juiz de Orphams no Rio de Janeiro. No exercicio desse cargo revelou-se notavel por sua independencia e rectidão, não recuando nem deante dos potentados, na administração da justiça, o que deu logar a um interassante episodio que produziu grande sensação na epocha.

Eis o facto narrado por testemunha contemporannea.

« Perante o dr. Silveira Martins intentou um ministro do Supremo Tribunal uma acção e, tendo decahido, foi condemnado a pagar as custas dentro de 24 horas, sob pena de prisão. Intimado, não tendo pago, a parte requereu mandado de prisão e o dr. Silveira Martins mandou passar. Ao sahir do thesouro, foi deste mandado intimado o dito ministro do Supremo Tribunal que, não querendo ser desfeiteado e arrastado á cadeia pelos beleguins, pagou em continente.

« Entretanto, considerando-se desfeiteado com um tal procedimento, e menospresado em suas prerogativas, o alludido ministro levou o facto ao conhecimento do presidente do Supremo Tribunal, o sr. Barão de Montserrat; este, por sua vez, communicou a occorrencia ao sr. Conselheiro Paranaguá, hoje Marquez de Paranaguá, ministro da justiça naquella épocha, e genro de presidente do Supremo Tribunal.

« O ministro, julgado o facto de alguma gravidade, extranhou o procedimento do sr. Silveira Martins, mandou censural-o e expedir aviso ao 1.° promotor publico da Côrte para promover contra o juiz o competente processo de responsabilidade.

« Não tendo o 1.° promotor publico, dr. Candido Gomes de Vasconcellos Guanabara, apresentado a queixa, alguem (naturalmente o proprio interessado), em artigo anonymo, tratou disso, o que originou uma resposta do promotor e o seguinte artigo:

« *O Juiz Municipal da 2.ª Vara da Côrte e o 1.° Promotor Publico.*

« Não li o que a meu respeito escreveu o *Diario do Rio*; mas pelo que diz o sr. 1.° promotor, vejo que o correspondente não se assigna. Fez muito bem. Si puzesse em baixo um nome infame, de todos conhecido, não merecia a honra da resposta que o sr. Guanabara deu ao anonymo.

« Pelo que me toca, respondo ao sr. 1.° promotor que os avisos dirigidos á promotoria não são pessoaes e, portanto, a de-

cellos, Silveira Lobo, H. Limpo de Abreu, Rangel Pestana e Prado Pimentel, fazendo nessa occasião conferencias no theatro Phenix contra o imperador e o regimen hereditario monarchico sob a these—*O radicalismo.*

Em 1870, no Rio Grande do Sul, fundou a *Refórma*, jornal liberal, fazendo parte da redacção Florencio de Abreu, Timotheo, Rosa, Antonio Camargo, Felisberto da Silva e Carlos Chaves.

Data dessa epocha a grande popularidade que Silveira Martins conquistou.

Foi eleito deputado geral em 1872, movendo na camara séria hostilidade aos gabinetes Rio Branco e Cotegipe, tendo provocado a resignação do mandato do Visconde de Mauá.

A situação liberal deu-lhe a pasta da Fazenda em 1878, da qual se retirou em vista de se ter recusado o Presidente do Conselho, Conselheiro Cansansão de Sinimbú, a realizar a refórma da elegibilidade dos acatholicos e dos naturalizados, e por não querer promover a eleição directa, que julgava ir de encontro á Constituição.

Muito collaborou na Camara e no Senado em pról dos progressos materiaes de sua terra, como do melhoramento de portos e construcção de vias ferreas.

Quando, a 15 de Novembro de 1889, o marechal Deodoro se pôz á frente do movimento revolucionario, o então presidente do conselho visconde de Ouro-Preto, cuidando que se tractava apenas de uma simples deposição do ministerio, indicou ao imperador o nome de Silveira Martins para chefe de uma situação de resistencia energica e efficaz. O imperador acceitou a indicação. Silveira Martins estava então no mar, vindo do Rio Grande para o Rio de Janeiro. Telegrapharam-lhe para Santa Catharina narrando-lhe o que occorria e perguntando-lhe si acceitava a honrosa, mas ardua incumbencia com que o imperador o distinguia. O velho tribuno que, na sua phase conservadora não perdeu o ardor e a decisão da phase revolucionaria, respondeu que sim, immediatamente, sem a mais leve hesitação. Mal acabava, porêm, de redigir o seu telegramma, um emmissario do governo provisorio lhe participava que a republica estava proclamada e que o governo republicano o bania por algum tempo do territorio nacional.

Até Fevereiro de 1892 permaneceu no extrangeiro, regressando, então, ao Rio de Janeiro.

***

e pela qualidade, na residencia do Conselheiro Bernardo Gavião Peixoto, tratou-se pela *primeira vez da fundação de um partido republicano parlamentarista.*

Naturalmente o indicado para expor e discutir o ponto foi Gaspar Martins, que o fez com o calor e o enthusiasmo dos seus bons tempos da tribuna popular.

Não é occasião de recapitular tudo que alli expoz (o que pretendemos fazer algum dia em outro trabalho) mas firmou bem e claramente que era impossivel voltar a monarchia ao Brazil sem trazer o esphacelamento e a desgraça nacional; isso, principalmente depois da morte do imperador. Do que o paiz carecia era do levantamento das energias da opposição, que reformasse por inteiro o systema actual para o de republica parlamentar, deixando para essa occasião á maioria o decidir si ella seria *unitaria* ou *federal*, que não era incompativel com o parlamentarismo.

Para conseguir esse desideratum só via um meio, o de generalizar o movimento, creando imprensa e centros homogeneos em todos os Estados.

Sentia-se com força e energia para essa campanha, desde que aqui em S. Paulo os amigos lhe fornecessem o primeiro nucleo de organização e resistencia.

E ninguem póde duvidar da patriotica lealdade e da sinceridade com que Gaspar Martins sempre manifestou suas idéias e seus sentimentos, para suspeitar que estivesse occultando um plano intimo, e aspirando ao papel de Talleyrand.

E' desconhecer a psychologia e a nobreza de caracter do grande tribuno, que muitos defeitos teve, menos o da hypocrisia.

Ainda um dia esperou Gaspar Martins em S. Paulo a resposta dos amigos, e... Depois partiu perdendo mais essa illusão.

Ao despedirmo-nos, disse:

— Os paulistas não servem para a lucta. São ricos; não querem arriscar suas commodidades. Vou para o meu Rio Grande, e, lá, estou certo que encontrarei os companheiros energicos e dispostos para a campanha. Si me ouvirem, organizaremos o partido e a imprensa. Então chegará a vez de S. Paulo nos auxiliar. Trabalhe o amigo aqui, e não desanime,—que venceremos.

E partiu.

Pouco tempo depois, em Março de 1892, sustentava brilhantemente este programma no *Congresso de Bagé.*

Eis como lá se exprimiu:

«Fala sem odios e sem paixões, como si fôra um extrangeiro que em nosso paiz tudo observasse á luz de um criterio imparcial. Não ouve as instigações do amor proprio, que tem sido

Ha, da vida parlamentar de Gaspar Martins uma phase que merece ser rememorada e tirada do limbo dos archivos parlamentares da epocha para as paginas mais vivas da historia civica brazileira.

Referimo-nos á contenda que teve com o Visconde de Mauá em 1873.

Tinham ambos sido eleitos pelo partido liberal rio-grandense, em opposição viva e ardente ao ministerio Rio Branco.

Uma vez na Camara, emquanto Gaspar Martins duramente verberava a administração e a politica conservadora, o Visconde de Mauá acompanhava o governo até em questões de confiança politica, por dedicação e amizade ao Presidente do Conselho.

Gaspar Martins reptou o Visconde de Mauá para uma consulta ao eleitorado, declarando que conforme a decisão fosse favoravel a um ou a outro, a renuncia da cadeira seria a consequencia.

Foi com o maior interesse que todo o paiz acompanhou esse pleito interessante e moralizador, cujo resultado foi o mais esplendido triumpho de Gaspar Martins e a renuncia do mandato do Visconde de Mauá.

O proprio partido republicano se interessou pela causa, e a *Republica*, então redigida por Francisco Cunha no Rio de Janeiro, grandemente contribuiu para a victoria da lealdade politica representada então por Gaspar Martins.

Estavam cheias as tribunas e as galerias da Camara dos Deputados sempre que falava Gaspar Martins, freneticamente applaudido pela mocidade academica, então apaixanada, por que na maioria republicana vira o Visconde de Mauá qualificar o jornal *Republica* de *insignificante e vil papelucho!*

***

Delle escreveu um peregrino talento que, amigo intimo, bem o conhecia, mas não o lisongeava:

«Silveira Martins tem grandes qualidades, admiraveis excellencias como orador, e os defeitos correlativos. Sua presença na tribuna provoca e aviva a attenção do auditorio preso á sua vontade ás vezes despotica. Boa estatura, constituição robusta, com uma certa quantidade de *animalidade*, como um publicista-artista inglez considerava necessaria aos grandes oradores, como foram Chattam, Mirabeau, Canning, Palmerston, O Conell, Berryer, e ainda hoje Gambetta, ligeira sombra junto de grandiosos vultos. A voz forte, alta, extensa em suas evoluções, tem notas

« Si a independencia do Brasil não podia brotar do cerebro do herdeiro do throno, como Minerva da cabeça de Jupiter; nem por isso menos graça lhe devemos, porque realizou a idéia que só repugnante aceitara.

« Deante do principe cheio de prestigio pelo direito divino apagaram-se as rivalidades dos homens, e não despontaram os ciumes, ainda mais funestos das provincias; o imperio levantou-se inteiriço, e pela vez primeira a liberdade medrou, verdeceu e floriu sem as regas de sangue como os tyrannos a alimentam.

« Floriu, mas não fructificou; não teve tempo para tanto; o gelo do exilio murchou-lhe logo as flores; o tronco, esse ainda vegeta e a metralha não pôde destruil-o.

« E um torpor geral tomou-nos até hoje o immenso corpo; tolhidos os membros, abatidas nossas almas, uma horda selvagem do Prata insulta o estandarte nacional, e o recente imperio de vossa Magestade Imperial ostenta a inercia bysantina e parece tragar as affrontas como trophéus.

« Mas os cidadãos descrentes soffrem e resignam-se, alguns por ambição, muitos por indifferença, e todos, como aquella velha de Syracusa, com receio de um futuro peior.

« E' triste cousa, Senhor, que ás alegrias sempre se misturem dôres; assim é o mundo; e na festa de hoje a sociedade de Instrucção do Rio Grande sente profundamente não ver em torno do pedestal do monumento da independencia a patria de 1822, quebrada na batalha de Itusaingo.

« Mas, rio-grandense e patriotica como é esta sociedade, nutre a grata esperança de que um dia, revogado o ostracismo politico que traz afastada do governo metade da nação, e acceitos todos os brazileiros com fé e sem timida desconfiança, o imperio despertará de sua lethargia, sustentará com firmeza e dignidade os direitos de seus cidadãos espoliados e assassinados, e readquirirá o perdido.

« São estes os votos de uma sociedade do Rio Grande do Sul, e são os de toda a nossa heroica provincia; e, no dia em que Vossa Magestade Imperial os satisfizer, terá levantado em cada coração rio-grandense uma estatua propria e espontanea mais duradoura do que o bronze ».

*
* *

Como bem notou o mesmo psychologo que lhe traçou o perfil, Gaspar Martins era um equilibrio de forças oppostas e contradictorias.

fico mereceu approvação distincta e foi muito elogiado por todos os mestres e collegas, que muito o apreciaram, quer pelo fundo, quer pela fórma.

« Pouco tempo depois de formado foi nomeado medico do corpo de saude do exercito, lugar que occupou na guarnição desta Capital até 1889, época em que pediu a sua exoneração, sendo logo em seguida distinguido pelo governo com a nomeação para o cargo de professor de allemão no Collegio Militar. Pouco tempo demorou-se no exercio deste cargo, que, por motivo de incompatibilidade, teve de abandonar.

« Em 1881 foi eleito membro titular da *Academia Nacional de Medicina*, tendo apresentado como titulo de admissão uma memoria sobre os *Centros corticaes psychogenicos*. Em 1883 concorreu ao legar de adjunto da secção de medicina na Faculdade do Rio de Janeiro. Foi classificado em 1.° logar e foi servir na mesma enfermaria do professor Torres Homem, na qualidade de adjunto da 1.ª cadeira de clinica medica. Affeiçoou-se tanto ao venerando professor Torres Homem, que este na hora da morte, o incumbiu de completar a sua obra, colligindo as notas esparsas para a confecção do 3.° volume da sua *Clinica Medica*. E' inutil accrescentar que o Dr. Francisco de Castro desempenhou conscienciosa e brilhantemente esse encargo do seu digno Mestre.

« Em fins de 1890 foi nomeado professor cathedratico de clinica propedeutica, disciplina recentemente introduzida no ensino das sciencias medicas do Brazil.

« De 1893 e 1897 exerceu o cargo de director do extincto *Instituto Sanitario Federal*. Em 1895 foi nomeado vice-director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e director do mesmo estabelecimento de ensino superior em 1901. Exonerou-se desse cargo pouco tempo depois, no mesmo dia em que deixou de ser ministro do interior o Dr. Epitacio Pessoa, que o havia convidado e nomeado para dirigir a *Faculdade* e fazer executar o novo *Codigo de Ensino*.

« Para completar estes ligeiros traços biographicos ajuntaremos aqui a relação dos seus principaes trabalhos scientificos e litterarios :

« *Correlação das funcções physiologicas*, these inaugural; *Centros corticaes psychogenicos*, memoria apresentada á *Academia Nacional de Medicina*; *Das fórmas curaveis das molestias do coração*, traducção annotada da memoria de Mayer; *Do prognostico das molestias do coração*, traducção annotada da monographia do professor Leyden; *O invento Abel Parente*; *Polemica pessoal*, artigos publicados na imprensa extra-profissional; *Memoria his-*

por mesquinha expansão intellectual. Francisco de Castro comprehendeu isto e procurava fazer-se percebido de todos; ora falava pairando nas regiões da mais alta hermeneutica, ora descia ás cousas mais terrenas; mas em uma e outra vez a sua oração era profundamente scientifica, excessivamente doutrinante.

«Suas bellissimas licções sobre affecções nervosas, sobre a syphilis, sobre as lesões do orificio aortico; a sua concepção sobre as diatheses, sobre as meiopragias, sobre os temperamentos, nunca mais se hão de apagar do cerebro dos que os ouviram, tal o cunho impressivo com que elle as produziu.

«Infelizmente a morte que tão cedo o roubou ás lettras patrias, impediu que tantas bellezas ficassem perpetuadas nos livros e que passassem aos vindouros. O que ficou escripto, porêm, o que elle teve tempo de imprimir, é sufficiente para que se possa ajuizar da grandeza do que está inedito (1)».

As qualidades do orador, são vantajosamente confirmadas pelas do escriptor, e lhe asseguram o logar que conquistou de cultor escrupuloso de nossa bella lingua.

***

Não é este o logar em que se possa fazer uma analyse e critica circumstanciada da obra scientifica do Dr. Francisco de Castro; muito pela rama diremos comtudo o nosso modo de pensar.

E', com direito, considerada sua obra prima o *Tratado de Clinica Propedeutica*, de que estão publicados dois volumes. Nesses livros, o mestre revela ao lado da grande leitura e conhecimento extraordinario da litteratura similar, um senso critico aprimorado e extraordinaria faculdade de assimilação das doutrinas correntes a que imprimiu cunho seu, proprio, e modo original de expor e apreciar as diversas licções dos collegas.

Não é só o neophyto da sciencia medico que lucra em sua leitura; nós, os velhos clinicos, só tiramos proveito e ensinamento ao compulsar essas paginas admiravelmente escriptas.

Merecem egual conceito, attendendo-se ao tempo e á edade em que foram publicados, — os outros trabalhos do Dr. Francisco de Castro, que serviram, um de these inaugural, e outro, a *Memoria* apresentada á *Academia Nacional de Medecina*, a que acima nos referimos.

---

(1) Dr. Francisco de Castro pelo Dr. Rubião Meira *Revista Medica*, de S. Paulo —15 de Outubro de 1901. Pag. 338.

sas dos paizes quentes, as febres typho-malaricas, etc. Tivemos até uma epidemia de accessos perniciosos.

—« Assolava o Rio de Janeiro ha cerca de dez annos uma das mais violentas rajadas estivaes da febre amarella; sinão quando, em poucos dias, sob o regimem dos mesmos factores meteorologicos, com o mesmo ponto hygrometrico, o mesmo céu ardente, o mesmo sol a vibrar o seu açoite de chammas, a mortandade por febre rmarella fica reduzida a quasi nada e a cifra do obituario na columna epidemica é mantida por accessos perniciosos. Possivel será de taes premissas extrahir similhante conclusão; mas a razão natural, o senso commum ha de ter primeiro renunciado os seus direitos.

—« Ora, ahi tendes o impaludismo que nos flagella, e colloca este nosso pedaço de planeta nas condições das velhas cidades lacustres, levantadas á beira do Palus Meotides, ou nas margens do Nilo, ou naquelle feracissimo valle por onde os grandes rios biblicos, o Euphrates, o Indo e o Ganges, atroavam as solidões infinitas com o eterno clamor das suas aguas» (*).

Para cumprir de todo o nosso dever de biographo, assignalaremos agora uma falha nessa grande obra que nos deixou o dr. Francisco de Castro, — a defesa que fez do «*Invento Abel Parente*».

Realmente é difficil comprehender como um mestre, exercendo a missão elevada do professor de Clinica Propedeutica, pudesse afastar-se tanto do consenso unanime da classe, das leis de ethica medica, e chegasse a defender esse crime tão energica e justamente estygmatizado na qualificação que lhe deu o Professor Brouardel.

Si o dr. Francisco de Castro, vivesse, não calariamos as nossas censuras, nem colariamos as nossas armas para combatel-o nesse terreno; perante seu tumulo—limitamo-nos a notar o eclipse do astro, transcrevendo as palavras do mesmo illustre collega a que nos temos soccorrido para dar maior interesse a esta pallida noticia.

«O *Invento Abel Parente*, diz o dr. Meira Rubião, essa outra obra de sinceridade, cujo intuito todos têm o dever de respeitar, porque traduz a convicção de um forte, embora seja para muitos um erro, é uma das mais refulgentes provas de seu talento, cujo elasterio não tinha limites, e que sabia amoldar-se a todos os co-

---

(*) Discurso pronunciado na collação do grau aos doutorandos em medicina a 3 de Fevereiro de 1899—pelo Dr. Francisco de Castro--pag. 30-32.

O Rio de Janeiro, sempre prompto a prestar honras e a demonstrar o quanto preza os grandes cidadãos, quer nas alegrias, quer nas dôres, não desmentiu suas tradicões. Eis como descreve o enterro uma testemunha do dia.

« Foram extraordinariamente imponentes os funeraes do saudoso professor Francisco de Castro. Foi uma verdadeire apotheose a trasladação dos despojos mortaes da residencia do finado para o cemiterio. A sociedade fluminense, representada pelos seus membros mais distinctos e da mais elevada hierarchia, prestou á memoria do illustre medico todas as honras a que tinha direito o seu inestimavel valor. A mocidade academica tributou tambem ao professor laureado as mais inequivocas homenagens de admiração, respeito e amor.

« A's 10 1/2 horas da manhan do dia 12, depois de encommendado o corpo pelo Revmo. padre Ferreira da Silva, que acompanhou ao fereto até o cemiterio, foi retirado da eça o caixão, segurando nal alças os Drs. Augusto de Freitas, Azevedo Sodré, Chapot Prévost, Luna Freire, Miguel Pereira, e Bulhões Carvalho. Assim desceu o esquife até á rua, onde formou-se imponente prestito, composto de mais de duas mil pessoas. O ataúde foi levado a mão e acompanhado a pé da casa do finado ao cemiterio.

« Marchava á frente do cortejo uma banda de musica do 1.° batalhão policial, tocando marchas funebres; logo em seguida, após o sacerdote, vinha o caixão mortuario coberto com o estandarte da Faculdade de Medicina, envolto em crepe; seguiam-se commissões das escholas de ensino superior, conduzindo grandes corôas offerecidas ao estimado clinico e professor; depois, extraordinario acompanhamento, composto de representantes de todas as classes sociaes; finalmente, fechava o prestito a banda de musica do 3.° batalhão policial, seguido do coche funebre e de mais de 300 carros.

« Em todas as ruas por onde passou o prestito funebre era grande o numero das pessoas que o aguardavam nas janellas, portas e jardins. Em todos os semblantes transparecia a tristeza e não eram raras as pessoas que choravam.

« Com excepção de 4 ou 5 professores, a congregação da Faculdade de Medicina compareceu toda ao sahimento. O presidente da Republica fez-se representar pelo seu secretario, Dr. Thomaz Cochrane, e enviou por si e em nome da sua familia uma rica grinalda para ser depositada sobre o tumulo do mallogrado e eminente clinico brazileiro. O Vice Presidente da Republica compareceu em pessoa ao enterro e segurou uma das alças do caixão durante o trajecto para o cemiterio. Senhoras, sena-

a rara amenidade dos dotes pessoaes.... A fórmula dessa combinação de força, agudeza, e distincção pelo lado do espirito, com a doçura do caracter, junto aos accidentes da sua rapida ascenção e eclipse, é o que só se poderia reproduzir, a meu vêr, fazendo delle o principal personagem de um romance politico á maneira dos de Disraeli. Elle não é um desses que se pódem descrever como espectadores por demais interessados nas peripecias do drama humano e nas paixões oppostas dos personagens para acceitarem algum papel, que em todo o caso os condemnariam á monotonia de um só sentimento e não lhes deixaria apreciar de fóra o conjucto da scena; mas em parte elle foi isso, sob a sensação enganadora de enfado, que não era outra cousa sinão as paradas forçadas, a internittencia natural da mais rica e da mais susceptivel das sensibilidades...

Os espiritos de certa natureza não têm mais funcção em politica quando se convencem de que a idéias, complexas, frageis e delicadas, a que se affeiçoam só são realizaveis por meio de paixões alheias e desconhecidas, e essas collectivas ». (1)

E nada mais deveriamos acrescentar, para não empannar o brilho da figura a que essas linhas deram tão grande realce.

Ha motivos, porêm, de insistir no assumpto, mesmo com risco de prejudicar o quadro com a nossa pallida palavra.

Não era Rodolpho Dantas, por sua modestia, bem apreciado e conhecido no seu inteiro valor pelos conteporaneos, e não o será pelos vindouros, porque infelizmente não deixou condensado em obras o muito que, prodigo do talento, atirou na voragem da ephemera imprensa diaria.

Devemos, pois, os que tivemos a ventura de merecer-lhe a amizade, e por isso conseguir avaliar toda a extensão de sua aprimorada intelligencia cuidadosamente cultivada, dizer, perante o prematuro fallecimento, quão grande foi a perda do Brazil.

E' possivel que alguem intente a empresa meritoria de investigar, reunir e publicar os seus escriptos esparsos, como fizerão com Timon; á Bahia não faltam talentos e enthusiastas capazes dessa prova de apreço a um patricio, e não devem deixar-se exeder pelos seus visinhos do Maranhão nesse patriotico serviço.

***

Insistimos na feição jornalistica de Rodolpho Dantas, por que foi na imprensa que iniciou a sua vida politica, e ahi re-

(1) *Um Perfil de Jornal — J. Nabuco — Escriptos e Discursos Litterarios* — 1901 — Pag. 79.

Paço de S. Christovam: subiu ao Paço pelo consenso unanime e pela apresentação geral da imprensa, dos politicos e do povo.

« E de como elle procedeu, como se soube manter na elevada e melindrosa posição, elle, um joven, cujos conhecimentos de praticas administrativas eram apenas suspeitados, bem o diz a chronica dos tempos, que lhe não regatou louvores». (1)

Ainda da mesma necrologia extrahimos, por bem exprimirem a verdade, as seguintes linhas:

«O morto é uma dessas individualidades cujo valor e importancia decisiva na sociedade brazileira não podiam ser traçados em duas linhas, apressadamente, em um momento, e num momento de magua, que fere profundamente o coração de todos quantos o conheceram tão bom e tão digno, tão justo e tão fidalgo, tão esclarecido e tão sensato, tão meigo e tão affectuoso.

«Passou pelas alturas do governo e, emquanto as occupou como ministro do imperio que foi, um côro de applausos a que nem uma voz dissonante veiu perturbar o unisono, acompanhou-o sempre.

«Ao deixar o governo, a sua nobre figura se avantajára na consciencia dos coévos, e todos á porfia delle diziam que era um moço a quem a sorte bafejára e concedera todos os dons, porque era effectivamente um homem superior que se encadernava na mais modesta bondade ».

*
* *

E nada ha de exaggerado nesta apreciação.

Parlamentar correcto, tinha a eloquencia facil, elegante e imaginosa que parece um dom peculiar aos oradores bahianos. A esses dotes naturaes reunia vasta illustração sociologica e cultivo litterario, que serviam admiravelmente para o tornar um discutidor habil e feliz, — do que deixou provas nas paginas dos *Annaes do Parlamento*.

Entre ellas sobreleva mencionar as relativas ás questões de instrucção publica e á lucta que sustentou contra Ferreira Vianna por causa do credito necessario para as despezas das commissões encarregadas de observar a passagem de Venus.

Outra pagina parlamentar *notando albo lapillo* é a sua apresentação do projecto de emancipação dos sexagenarios, no ministerio Dantas.

---

(1) *A Noticia* de 7 de Setembro de 1891.

Concluidos os estudos na *Academia de Direito* de S. Pa
o joven Paulino Soares acompanhou seu illustre pae, o Visco
de Uruguay em missão diplomatica de Pariz, onde serviu c
2.° secretario de Legação, e de onde passou para a de Lon
na mesma qualidade. Não era essa, porêm, a carreira que
duzia o joven laureado da *Academia*; e, apezar de todo o
lhantismo da posição e das seducções das côrtes européias, nu
pensou elle em seguir essa carreira de modo absoluto.

Assim foi que, sem hesitações, deixou tal carreira, qua
eleito deputado geral em 1856 pela Provincia do Rio de Jane
pelo partido conservador em opposição ao governo liberal.

Iniciou de modo brilhante a carreira parlamentar e não
decepção a sua estréia na tribuna, onde se revelou orador c
recto, estudioso, e habil discutidor, qualidades que nunca
faltaram no longo e honroso percurso atravez da nossa hist
social e politica.

A individualidade politica do Conselheiro Paulino, para
bem comprehendida no scenario nacional, onde occupou lo
saliente, preciza ser estudada sob o triplice aspecto do *pa*
mentar, do *ministro* e do *chefe de partido*.

Não é em rapida noticia, num mal dileneado perfil, qu
poderá bem descrever todos os actos e toda a influencia que
exerceu na marcha do progresso nacional. Essa tarefa
rezervada a um dos seus illustres herdeiros, que dispõe de
lento e de materiaes sufficientes para reproduzir na nossa li
ratura o exemplo suggestivo de Joaquim Nabuco.

Assignalaremos apenas os traços salientes de cada uma
feições do Conselheiro Paulino nas diversas funcções a
acima alludimos.

***

Alto, figura sympathica, embora grave, voz bem timbrac
clara, e gesto moderado e sobrio, dispunha o Conselheiro P
lino, na tribuna, de palavra facil, correcta, que convencia o
ditorio não tanto pelo brilho do verbo, como pelo acerto do c
ceito, moderação de analyse e logica de argumentação susten
por abundante e solido preparo litterario e scientifico.

Era orador do typo parlamentar inglez, o *debatter*, capa
discutir durante horas seguidas encarando um problema por t
as suas faces, até exgottal-o como fez mais de uma vez.
era a impressão que deixava; para dar idéa do quão intensa
ella, ainda hoje se nos afigura o orador de 1867, sempre qu
fala no nome do Conselheiro Paulino.

Este juizo de auctorizado jornalista é a confirmação do successo que obteve o orador na memoravel sessão do 27 de Maio, onde se manteve sempre correcto, elevado e coherente com os principios de sua eschola.

«Sou conservador, dizia o Conselheiro Paulino, tão franca e profundamente conservador, que amigos particulares, que me prezo de contar no partido liberal, me consideram em politica entre os seus mais decididos oppositores.

«Os meus adversarios politicos sabem bem que a lucta de hontem, hoje interrompida, ha de entre nós reviver amanhan.

«Nunca reneguei, antes guardo fielmente as tradições do meu partido, cuja divisa foi muito tempo—*Ordem e Auctoridade*. A ordem não é, porêm, sinão a liberdade collectiva o respeito e a realidade de todos os direitos; a auctoridade não significa para mim sinão a lei em execução. Tirae á auctoridade a magestade da lei, que ella se amesquinha e já não impõe respeito.

«Uma das mais elevadas intelligencias da antiguidade culta exprimiu nestes termos, melhor do que possa fazel-o, o meu pensamento: —*A lei é o magistrado mudo, a auctoridade é a lei falando*. Hontem tinha por mim a lei; contra mim e contra a lei, a auctoridade».

Mais adeante, perante a ameaça de dissolução da Camara, levanta-se e protesta nos seguintes termos:

«O gabinete actual já uma vez achou-se em frente de uma camara unanime de conservadores, condemnada pela maioria daquelles que o partido elegera na hora do triumpho, e que eram os fundadores desta situação politica. Dissolvendo-a, formou esta camara sob seus auspicios e della excluiu grande numero de seus oppositores. Si ainda com esta camara o gabinete não puder viver, que motivo dentro da ordem constitucional poderá justificar nova consulta ás urnas a bem dos actuaes ministros duas vezes repellidos por homens diversos de seu partido?

«Sei bem o que quero em politica, e não vou sinão para onde quero e devo ir. Por minha parte, deante de um facto tão .... extraordinario, como seria a dissolução novamente concedida ao gabinete 7 de Março, eu teria de ir, mau grado meu, para onde me levassem os acontecimentos, ou teria de abdicar os direitos politicos, e de viver na patria sem patria».

Segue depois criticando os actos da politica ministerial, demorando-se sobretudo nos factos da questão religiosa que agitou o paiz tão profundamente.

Ahi se pronuncia com toda a isenção e independencia, sustentando os bons principios da liberdade de consciencia, como

que me colloquei desde 1871 a de quem quer armar ao mi
terio.

« Não é apregoando a necessidade de restabelecer o elem
representativo da Constituição, de restituil-a á sua verdade
eleição directa censitaria, pelo adeantamento da intelligencia
blica, pela educação politica da nação, pelas franquezas mun
paes; não é compromettendo-me assim, que chegaria mais pro
ta e facilmente aos fins que o nobre ministro me emprestou.
nobre ministro conhece bem o itinerario que leva ao minist
e o seu ponto de partida. O aspirante ao governo deve, a
de tudo, perder a côr e consciencia politica, ir adelgaçando
rarefazendo se, volatilizando-se, até que, tornado mais leve e
diaphano do que o ar atmospherico, ache-se assim em condi
de alar á elevada região das nuven; no espaço ir cencheg
do-se, reduzindo-se até tocar, si puder, á simplicidade do p
mathematico. E' então um elemento do ministerio: pode to
nelle a côr, a fórma e o logar que o bem do serviço pub
exigir».

Muito mais teriamos que transcrever, não só deste discu
como de outros com que illustrou os debates parlamentares;
passamos a estudal-o em uma das suas faces mais caracteristi
na de adversario intransigente do movimento abolicionista.

***

« Filiado á mais intransigente eschola conservadora do
perio, conservador por natureza e por tradições de famili
que era filho do preclaro visconde de Uruguay—a sua orien
ção politica, inabalavel na sustentação de velhos principios,
recuou na dedicação extremada com que os defendia, ante
odiosidade que perante os contemporaneos e perante a hist
de sua patria lhe accarretava a opposição tenaz á libertação
mediata dos escravos.

« Collocou-se na primeira linha dos que antipathicame
formavam barreiras á onda revolucionaria e crescente dos lib
tadores da raça negra. Não estremeceu deante dessa onda, a
a enfrentou com resolução e coragem, com a convicção de qu
cumpria um dever, por mais pesado que fosse.

« Era convencido. A abolição não se lhe afigurava um mo
mento reparador nacional: apparecia-lhe como um ataque á
como uma demolição, como uma tentativa impetuosa contra
instituições, como uma ruina financeira e economica, como u
ameaça aterrorisadora ao equilibrio geral da sociedade.

O Conselheiro Paulino, encarava o problema principalmente sob o ponto de vista economico, financeiro, e receiava que, feita a abolição de chofre, se désse a desorganização do trabalho, e força é confestar que, nesse ponto tinha razão, e os factos ahi estão para justifical-o. Sem dar na intrega o seu importante discurso, onde discutiu de modo elevado e patriotico, assumpto, transcrevemos alguns topicos para que se forme hoje uma idéia dessa interessante phase de nossa vida politica.

«A escravidão, dizia a primeira auctoridade nessa materia, fórma como instituição uma peça inteira na sociedade em que está admittida: é um estado de cousas que tem suas condições essenciaes; si as destruis, o edificio ha de necessariamente desmoronar; si as deixais subsistir, nada tereis feito.

«Dahi se deve concluir que dous unicos planos se podem seguir: o de destruir essas condições e, com ellas, a instituição, mediante certas cautellas e preparação, ou tratar de influir no modo de ser da sociedade, de sorte que a transformação se vá operando por si mesma.

«Os homes mais eminentes que, na Inglaterra e na França, procuraram a solução de tão difficil problema, nunca se conformaram com planos como esse que nos propõe o governo, de desmoralisar uma instituição que se quer conservar: os estadistas inglezes adoptaram a emancipacão em época determinada mediante o apprendizado: o Duque de Broglie, Tocqueville, o illustre Rossi e os mais distinctos parlamentares da monarchia de Julho, opinaram pela emancipação simultanea, mas differida, para no intervallo se levarem a effeito as medidas preparatorias que aconselham.

«Si por motivos os mais ponderosos, que é escusado assignalar longamente, pois que estão na consciencia de todos, a emancipação simultanea, quer immediata, quer differida, é actualmente inacceitavel no Brazil, qual o melhor plano que poderemos adoptar?

«O que com as precisas condições de efficacia acautelaria os grandes interesses que, na solução da questão, se podem comprometter.

«Em meu entender, Sr. presidente, a primeira força emancipadora, a que exercerá maior e mais benefico impulso, é o progresso do paiz considerado este sob os diversos aspectos de seu maior desenvolvimento e civilização.

«Acreditei a principio que esta idéia que actuava em meu espirito era uma suggestão do patriotismo; que o desejo de ver adeantar-se este paiz moral, economica e politicamente me inspirava a crença de que por esta fórma tambem se resolvia a questão da emancipação.

Continuou depois criticando a agitação abolicionista, mostrando o porque não conseguiu, e não tentou mesmo reunir mais os antigos elementos de resistencia, á vista da corrente que tudo dominava.

«A historia e a experiencia politica, disse elle, attestam que todas as vezes que a realeza, por amor da popularidade, por motivos de sentimentalismo, ou por calculo politico, accórda-se, ainda que em pensamento, com qualquer propaganda popular energica e activa, a instituição contra a qual se dirigem os esforços combinados, pode-se contar que está fatalmente derrocada, e com ella sacrificada a classe ou classes interessadas na sua manutenção. E si á frente dessa propaganda se acham homens resolutos, enthusiastas e ousados, o arrastamento é invencivel e não ha mais poder que consiga encadear ou encaminhar a corrente, uma vez solta da represa. Sirva o que neste momento occorre de exemplo e licção no futuro. Chegou-se ogo ao fim, houvesse ou não intenção de ir tão longe».

E no recinto do Senado, cheio de povo, de representantes de todas as classes sociaes, de diplomatas extrangeiros; no meio da impaciencia geral e do enthusiasmo mal contido, só, erecto e grave, levantava-se como um propheta o Conselheiro Paulino, e apezar da atmosphera ardente que o envolvia—era ouvido com o maior respeito e consideração.

Assim terminou seu memoravel discurso que causou profunda impressão;

«Mas.. não quero deter por mais tempo o prestito triumphal, que já se enfileira na sua marcha festival! Quando ellepassar por mim, achar-me-á neste logar, representando a minha provincia, os meus companheiros no trabalho agricola, coherente com os deveres, já preenchidos, da missão que me incumbi de desempenhar em nome e em defesa de grandes interesses nacionaes. Sejam quaes forem os sentimentos que no coração se me possam expandir na hora em que todos forem livres nesta terra do Brazil, guardal-os-ei commigo, silencioso, vencido, mas sem que se me possa contestar um titulo ao respeito publico, o de ter preferido até hoje, como hei de preferir sempre, a lealdade, a inteireza e a honra politica a todas as glorias e a todas as grandezas».

Poucos homens politicos, em qualquer paiz poderiam manter essa posição em um momento tão critico. O Conselheiro Paulino sustentava que, a ter-se de dar o golpe liberal, a 13 de Maio, devia ser destechado pelo partido liberal, ficando reservado ao conservador o papel de mais tarde salvaguardar a monarchia.

O ministro do imperio, nos gabinetes, era quasi sempre ou presidente do conselho ou um dos mais antigos politicos. Foi portanto com certa surpreza que os proprios correligionarios viram elevado a esse cargo o então deputado moço, embora já considerado provecto parlamentar.

O Conselheiro Paulino justificou logo a escolha, e mostrou por actos e projectos de reformas os mais importantes, que não era por nepotismo que chegara á eminente posição que occupava com brilhantismo.

Essa face da sua vida publica vai agora ser estudada.

Organizado o ministerio de *16 de Julho de 1868*, e dissolvida a Camara dos Deputados em Maio de 1869, o Conselheiro Paulino, apezar do enorme trabalho que o assoberbava num periodo que inaugurava uma nova situação politica, estudou e formulou importantes projectos de reforma sobre os tres mais importantes ramos de sua pasta: —reforma *municipal*, *eleitoral* e da *instrucção publica*.

Na sessão de 19 de Julho de 1869 offerecia á Camara dos Deputados um projecto original e novo, sobre a *Administração local*.

«Duas idéias capitaes, dizia elle da tribuna, dominam todo o projecto, pelas quaes devem ser afferidas suas disposições: a 1.ª é estimular a vitalidade local, dar liberdade e acção á municipalidade no que interessa só ao municipio; a 2.ª, crear, pela intervenção do cidadão nos negocios da localidade, elementos de educação politica que não temos, e sem a qual não conseguiremos habilitar a nação para a verdade e plenitude do systema constitucional».

E realmente o projecto do Conselheiro Paulino, ao envez das idéias geralmente seguidas, deslocava a unidade de organização politica—de municipio para a parochia; mostrava-se elle muito mais democrata e conhecedor mais perfeito da nossa vida social do interior, que certos apregoados legisladores liberaes. Reflectindo ainda hoje sobre as idéias ahi consignadas, admiramo-nos de que até hoje muitas dellas não tenham sido aproveitadas para as organizações municipaes dos diversos Estados, e principalmente para o Municipio Neutro. Em relação a este, ainda hoje poderia o seu projecto ser adoptado em suas linhas geraes, modificado de accôrdo com o actual regimen, como por exemplo—o da nomeação do prefeito; pois bem é que se saiba que lá estava creado esse cargo e bem definidas suas funcções.

No art. 1.º o projecto estabelecia: —« A parochia é a base da organização administrativa do Imperio», e no art. 2.º que —

Procurando antes a realidade effectiva dos factos do que a seducção theorica de illusorias garantias de liberdade, não acceitava a generalização do voto.

« O suffragio universal, dizia elle com razão, presta-se em geral a quanto delle se exige, offerece vasta superficie á corrupção e á intimidação: é instrumento docil dos governos menos sinceros que apparentam respeito á opinião, sem querer dar-lhe a influencia que lhe cabe em todo a sociedade livremente organizada».

Esta admiravel previsão politica do Conselheiro Paulino tem sido de uma cruel e triste realidade entre nós, e bem merece ser lembrada em honra á memoria do illustre estadista e com proveito para o ensinamento a todo o paiz.

Ao mesmo tempo que o eminente homem politico acatava o principio da auctoridade e desejava vel-o prestigiado, queria que o povo influisse directamente sobre os negocios do paiz e tivesse as mais amplas garantias de liberdade e exercicio de seus direitos. Em um discurso no Senado a 26 Agosto de 1870, orando como ministro do imperio, pronunciou bem claramente como entendia o funccionamento do regimen.

Transcrevemos um trecho, que merece ficar na memoria de todos pela boa doutrina que consigna, e que não podia ser melhor definida:

« O verdadeiro sentido da palavra «soberania», estabelecidas as instituições, é que nenhuma auctoridade é constituida sinão no interesse social, para garantia dos direitos de todos e de cada um; que nenhum poder tem outra força sinão a que lhe vem do apoio nacional, e outros titulos de legitimidade sinão os deveres de que é investido para a consecução do fim a que se destina a sociedade politica.

« Vou mesmo mais longe do que o nobre senador, pois que não reconheço a soberania absoluta independente de certos principios que decorrem da natureza e fins da associação politica: é assim que não admitto, em principio, que possa existir auctoridade absoluta, delegada a um individuo, a um governo, ou a uma ossembléa.

« A liberdade, a garantia dos direitos, fundam-se na separação dos diversos poderes delegados, independentes uns dos outros, marchando em harmonia na missão de proteger os direitos dos cidadãos, de dar-lhes realidade e de encaminhar o progresso da sociedade; cada um desses poderes movendo-se dentro de sua esphera de acção, conforme certas regras, firmadas na constituição politica da sociedade.

« Organizada a sociedade politica, fixados os principios reguladores de sua vida ordinaria, continúa a residir nella a sobe-

rio e o preciso preparo para ser assimilado pelos estudantes e professores na parte relativa aos exames preparatorios. Foi recebida hostilmente a primeira reforma pelos estudantes e pelos professores, por ter sido publicada quasi na vespera dos exames, e ainda pela nomeação do Visconde de Jequitinhonha para presidir as bancas dos exames.

O Visconde de Jequitinhonha era o terror dos estudantes de preparatorios, naquelle tempo, não só pelo excessivo rigor que exercia nos julgamentos, mas tambem pela rispidez aggressiva com que os tratava, não admittindo justificações ás faltas de uma para outra chamada, prejudicando ás vezes interesses respeitaveis.

Isto que acima ficou dito refere-se ao regulamento de 1868 para exames geraes, antes do seu projecto de reforma da instrucção; e foi isso que predispoz a ser acolhido com certa prevenção o plano do seu projecto de 1870, que continha as melhores e mais fecundas idéias, taes como —obrigatoriedade do ensino, liberdade do ensino superior, creação de uma universidade na capital e lycêus superiores nas provincias.

Com a maior lucidez, e mostrando-se senhor perfeito da materia, discutiu com brilhantismo e proficiencia as diversas theses que envolvia o seu projecto e, já na Camara, já no Senado, respondeu com vantagem a seus contradictores.

Citaremos alguns topicos que ainda hoje offerecem interesse:

« O que disse quando fundamentei o projecto de reforma da instrucção publica, foi que alguem ainda se oppunha em nome da liberdade ao ensino obrigatorio. Cioso de todas as liberdades, não posso convir na liberdade de ser ignorante, de não saber lêr, escrever e contar. Si me censurarem por isso, resignar-me-ei de boamente.

« Não quero impor o dever de frequentar a eschola publica. Apprenda o menino com seu pae, com professor ou na eschola particular; mas quando não apprender por algum desses modos, seja obrigado a frequentar a eschola publica ».

E continuando a sustentar a necessidade de ser obrigatorio o ensino primario, mostrava como não havia contradicção e como se podia estabelecer ao mesmo tempo a liberdade de ensino superior; e dizia:

« Um escriptor eminente, Troplong, escrevendo acerca do direito do Estado sobre o ensino, sustentou ser o ensino um direito dos poderes publicos ou da Corôa, como diziam as leis antigas. Penso com Jules Simon que, nesta parte, o Estado deve fazer o que não pode fazer a liberdade: não quero que se ensine o que o governo manda, e menos que o governo mande como

Tenho lido ultimamedte revistas em que se discutem assumptos juridicos, redigidas pelos estudantes de S. Paulo. Provam estes dous factos que as cousas vão melhorando. Pelas cartas de empenho não são responsaveis os que as procuram, mas os que as acolhem ».

Mostrava-se o Consêlheiro Paulino perfeitamente orientado sobre a necessidade e influencia de uma boa organização do ensino superior; era o digno e aproveitado alumno do Barão de Tautphœus e do regimen do *Collegio Pedro II*.

Impressionava bem o auditorio quando affirmava com E. Renan :

« O ensino superior é a fonte do ensino primario. Sacrificar o primeiro ao segundo é cometter um erro, é ir contra o fim que se tem em vista. Um milhão (de francos) economisado na alta cultura póde fazer parar o movimento intellectual do paiz ; dado á instrucção primaria pouco effeito produziria.

« São precisos para innovar, em materia de instrucção popular, muitos outros sacrificios. A instrucção primaria não é solida em um paiz, sinão quando a parte esclarecida da nação o quer vêr, e comprehende-lhe a utilidade e justiça. Trabalhae para produzir classes superiores, animadas de espirito liberal ; sem isto edificais na areia... A força da instrucção popular na Allemanha vem da força do ensino superior neste paiz. E' a universidade que faz a eschola... A instrucção do povo é um effeito da alta cultura de certas classes».

Com egual segurança e exito discutira em outro discurso :

« Tem-se sustentado, e em meu entender com alguma procedencia, que os estudos secundarios não têm por fim tanto enriquecer a intelligencia dos que a elles se applicam com avultado cabedal de conhecimentos, como desenvolver-lhes e fortificar-lhes o entendimento, habituando a mocidade ao methodo, a pensar com logica, a julgar com exactidão, a precisar as idéias, a comprehender bem as relações das cousas.

« Dou muita importancia aos estudos classicos e penso que o da lingua latina, por exemplo, feito como deve ser, habilita muito o alumno para a comprehensão de outras materias que aliás nada têm com a lingua latina: não desprezo as sciencias, sobretudo as mathematicas elementares, que habituam o espirito á precisão ; a philosophia, que ensina a natureza e as operações do espirito humano : as sciencias naturaes, que dão noções sobre os objectos que nos cercam e com que o homem está em contacto todos os dias».

Para não alongarmos este esboço, deixamos de citar outros conceitos de egual valor, e passamos a dar as idéias fundamentaes do seu projecto que tinha o numero 183 e obteve o mais

segundo o plano do *Collegio D. Pedro II*, que seriam fundados tambem nas provincias conforme as condições estabalecidas no artigo 4.° que estabelecia a «creação de estabelecimentos eguaes, a que poderão ficar annexos internatos, em todas as provincias que mantiverem pelo menos uma eschola de instrucção primaria para um e outro sexo em cada parochia, e nellas tiverem tornado effectivo o ensino obrigatorio para a população de 7 a 15 annos de edade, residente em um circulo traçado pelo raio de um kilometro da séde da parochia».

E todo este bem architectado projecto que, se tivesse recebido a vida e realidade, muito teria contribuido para diffundir a instrucção por todo o paiz, elevando o nivel intellectual, voltou ao limbo do archivo dos projectos, donde não mais sahiu, talvez pelo peccado de ser iniciativa do Conselheiro Paulino.

Mysterios como esse abundam na historia da alta administração brazileira.

***

Quem estudar calmamente a nossa historia politica á luz dos poucos documentos existentes, e da tradição que já se vai apagando e esquecendo, reconhecerá sem difficuldade que «dentre todos os chefes politicos que intervieram na vida do paiz nos ultimos trinta annos, nenhum exerceu mais funda influencia, nenhum gosou de tão larga auctoridade, nenhum teve o prestigio e o poder que teve esse que hontem tombou vencido pela morte (1)».

Não seremos exaggerados, prolongando, atravez do passado, essa comparação; pois talvez nenhum dos proeminentes estadistas do 1.° imperio, da regencia ou da primeira metade do segundo reinado, foi considerado e ouvido com a auctoridade de chefe que, por todo o paiz, teve o Conselheiro Paulino.

Nem o proprio Paraná teve esse prestigio; pois chefes, aliás de influencia, só a gozavam circumscripta a certas zonas do imperio, como Camaragibe, o chamado rei do Norte, ou entre seus correligionarios, como S. Lourenço na Bahia, Vasconcellos e Ottoni em Minas, Rodrigues Chaves no Rio Grande do Sul, e outros estimados pelos seus parciaes e comprovincianos. A historia ahi está para attestar esta verdade.

Penna mais auctorizada que a nossa, e que iniciou a vida publica sob sua direcção, traça com verdade e brilhantismo o seguinte quadro:

«A ascendencia, no seu partido, ganhou-a elle logo; mas o que faz a sua superioridade incontestavel é que, vivendo num

(1) *A Tribuna* de 24 de Novembro de 1901—*O Conselheiro Paulino de Souza.*

Realmente, entre os correligionarios e até entre os adversarios, o nome do Conselheiro Paulino era estimado e considerado o symbolo do patriota esclarecido e tolerante.

De um chefe liberal eminente, o Conselheiro Octaviano, partiu a sua acclamação de *Marechal do futuro*, acceita por gregos e troyanos, e que os successos posteriores confirmavam em honra da perspicaz gentileza do adversario.

O que acima ficou dito, não é difficil de ser verificado ainda hoje, em toda a zona fluminense, e o era mesmo no tempo da maior actividade do illustre morto.

Ouvimos e presenciámos chefes e influencias locaes do partido adverso ao Conselheiro Paulino declarar que, mesmo na vigencia da disciplina partidaria, lhe reservariam o seu voto.

Verdade é que uma prova reciproca, honrosa para a cordialidade dos costumes da epocha se dava, em favor do nome popular e querido de outro fluminense não menos illustre, o do Conselheiro Francisco Octaviano.

Registramos esses traços da vida publica brazileira, porque não sabemos que vento de intolerancia e que mal entendido espirito de acanhado partidarismo vai seccando essas flores do generoso sentimento nacional.

Era o Conselheiro Paulino tão correcto na sua orientação politica e tão desprendido da ambição do poder, sempre que este não viesse como consequencia natural da marcha dos acontecimentos, que, em 1878, o demonstrou, aconselhando o imperador que o consultava sobre a crise ministerial, que chamasse os liberaes para realizarem a reforma da eleição directa. Elle fez sempre sua carreira politica pela linha recta dos serviços a seus paiz e da lealdade aos principios de seu partido, como o affirmou em solemne momento historico (1). E foi sem favor que, eleito por grande maioria na lista senatorial, viu seu nome escolhido, e dignamente entrou para o Senado, em cuja presidencia o encontrou a Revolução de 15 de Novembro.

« As condições em que fizera a sua carreira politica deixaram-no sem a minima eiva de favor da côrte. Os proprios precedentes, e os dos seus, haviam sido sempre de só frequentarem os paços da realeza em razão de encargo publico.

« Não tinha motivos particulares e intimos que entendessem com a integridade moral e com a fidelidade de caracter para a devotação pessoal, não a determinando até o abandono da personalidade, nos extremos da identificação, a estima da virtude e

---

(1) Acta da Affirmação do Partido Moderado em 31 de Agosto de 1890, contendo o discurso proferido pelo Conselheiro Paulino J. Soares de Souza.—Rio de Janeiro 1890. Pg. 10.

« Reflectia sobre o rumo que poderiam tomar os acontecimentos durante a sessão legislativa, desejando julgar-se visionario na vacillação em que tudo lhe parecia estar, apezar do desassombro e seguridade do governo, quando, chegado a esta cidade a 14 de Novembro ultimo, dirigiu-se na manhan do dia seguinte á casa do Senado para a sessão preparatoria. Em caminho encontrou os batalhões, que para o arsenal de marinha desfilavam do quartel-general onde se acabava de proclamar a Republica!

« Estava percorrido o estadio no primeiro passo.

« Viu tranquilla e socegada a parte da cidade por onde andou e, recolhido á casa, entre 2 e 4 horas da tarde (do dia 15 de Novembro) foi procurado por diversos amigos da representação politica, alguns dos quaes presentes alli á conferencia, que vinham consultal-o sobre a possibilidade de resistencia e, convidando-o a dar qualquer direcção, accordar no que cumpria fazer.

« Respondeu que nada havia que fazer, pois que julgava tudo feito, e accrescentou que se illudiam si pensavam tratar-se de alguma aventura militar; o que viam era uma revolução dentro em pouco consentida por toda a nação » (1).

« Acceitar o novo regimem, eis como pensa que deve proceder e como aconselha aos corretigionarios que o façam.

« O que vi, o que apprendi, o que li nos escriptos dos politicos mais experimentados, o que me ensinaram os illustres varões desta Republica e das demais cidades, foi—que o homem publico não adeanta para o bem commum persistindo na defesa de causas, que ja passaram, devendo sempre inspirar-se para o seu procedimento no estado actual das cousas e regular-se pelos bons principios, segundo a sua consciencia, conforme as disposições dos tempos e os interesses da paz publica.

« Pensando assim, não recusou o ensejo, que logo se lhe deparou pela provocação de manifestar a sua opinião, para declarar pela imprensa:

—«que considerava a fórma de governo mudada sem regresso;

—«que a sua maior aspiração no momento era ver a nação entrar no regimen da legalidade;

—«que considerava extinctos os antigos partidos, cuja missão politica desapparecera com a ordem constitucional que lhes dera origem;

—«que estaria com aquelles que sinceramente se esforçassem pela fundação de um governo estavel no seio de uma sociedade verdadeiramente livre;

—«que o principio federativo, tão incompativel com a indole unitaria da Monarchia, quanto essencial e dominante na Republi-

(1) Op. cit. Pgs. 9 e 40.

assim a responsabilidade de quaesquer superveniencias na lucta a que os arrastaria a intervenção official (1)».

As deliberações acima exaradas, as palavras proferidas pelo Conselheiro Paulino, já citadas, foram ouvidas em uma reunião solemne, celebrada a 31 de Agosto de 1890 em um dos salões da *Bibliotheca Fluminense*, no Rio de Janeiro.

Essa data deve ficar bem registrada na nossa historia politica, e não é justo que se apague da memoria do povo.

Concorreram ao appello do chefe prestigioso os mais notaveis homens politicos dos antigos partidos liberal e conservador da provincia do Rio de Janeiro, ou então residentes na capital da Republica, e, depois de largos e reflectidos debates, assumiram o papel que lhe impoz a decisão da assembléia.

O Conselheiro Paulino deu por finda a sua missão de figurante activo na politica, mas continuou como o inspirador e o chefe espiritual do forte e pujante partido que ainda hoje domina no estado fluminense. E essa organização humogenea, disciplinada, pode encontrar o melhor simile na historia, lembrando a estructura e a solidariedade da antiga phalange macedonica.

Ao envez de outros que tiveram representação e responsabilidade no antigo regimen, e que correram, antes mesmo de qualquer aceno do poder, a solicitar posições e a disputar logares, o Conselheiro Paulino tudo recusou, e limitou-se a fortalecer com a sua collaboração leal e patriotica a nova ordem politica.

«Quando se deu a revolta de 6 de Setembro, o marechal Floriano Peixoto, que consagrava ao Conselheiro Paulino a mais alta e merecida consideração e estima, encarregou-o de ser o distribuidor dos soccorros publicos com que o governo federal de então resolvera ir em auxilio da população fluminense ás voltas com o terror dos bombardeios e com as necessidades da occasião. O conselheiro Paulino cumpriu fielmente essa piedosa missão, que foi mais um dos servicos prestados pela sua alma generosa e excepcional ao povo desta terra ».

Deixando o theatro politico, onde poderia occupar a posição que sempre teve, não recusou o Conselheiro Paulino os seus serviços, a sua actividade, a sua esclarecida experiencia aos progressos de sua patria.

No meio da agitação e da febre industrial que se apoderou do paiz, organizou e dirigiu, com o maior escrupulo e probidade, novas companhias, onde empregou os seus haveres, como garantia aos seus consocios.

A' benemerita associação da *Bibliotheca Fluminense* continuou a dispensar o mesmo amor, que antes dispensava e por cujo

(1) Op. cit. pag. 24.

«Depois da Republica exerceu o cargo de contador da marinha, sendo mais tarde delle dispensado.

Ferido pela desgraça, entregou-se completamente ao abandono de si proprio, até que a morte o veiu colher, depois de uma longa enfermidade» (1).

***

E quasi que nesse *parce sepultis* ficou satisfeita a consciencia nacional da divida que tinha para com um dos operarios mais activos e illustres do movimento politico que agitou o paiz e especialmente a sociedade fluminense de 1870 até 1889. E dizer que occupou logar saliente entre os intellectuaes do Rio de Janeiro nesse periodo, é, *ipso facto*, confirmar que exerceu influencia sobre todo o paiz, e que Mathias de Carvalho não era um obscuro, um *illustre desconhecido*, como os membros daquella camara monarchica, assim appellidada pela ironia pungente do grande tribuno rio-grandense.

Poucos apontamentos pudemos colligir ácerca da vida de Mathias de Carvalho; mas aos bahianos cumpre obviar essa lacuna, e fazemos votos para que em breve vejamos o seu nome e a sua biographia na galeria brilhante dos poetas bahianos.

Em falta de outros, que se encarregue dessa patriotica missão o *Instituto Historico Bahiano*, por intermedio de um de seus illustres membros como está fazendo o distincto dr. Manoel de Brito para os poetas dos seculos passados. (2)

A Bahia, essa gloriosa e fecunda *mater* de talentos, foi o berço tambem deste peregrino talento. Lá nasceu Mathias de Carvalho a 24 de Fevereiro de 1851.

Trouxe no cerebro, nutrido pela riqueza do sangue de duas raças oppostas, a inspiração poetica vehemente, e, desenvolvido, o instincto da combatividade dos phrenólogos.

De origem obscura e modesta, apprendeu por esforço proprio as primeiras lettras; e depois, roubando ao repouso do corpo e ás diversões naturaes da edade o tempo que não empregava no labutar diario da vida commercial, conseguiu ornar a intelligencia com boa educação litteraria, artistica e philosophica.

Poeta, deixou-se arrastar pela paixão democratica; extremado cultor da liberdade, produziu estrophes enthusiasticas, verdadeiras joias litterarias, que podem sem eclipse figurar nas polyanthéas dos nossos melhores poetas.

---

(1) Do *Jornal do Commercio*, de 8 de Novembro de 1901.

(2) *Poetas Bahianos, pelo dr. Manoel de Brito.* —*Revist. Trim. do Inst. Brasileiro* —Vol 5.º e 6º.

Amaral, Aristides Lobo, Ubaldino e Limpo de Abreu, foi Mathias de Carvalho um nosso companheiro constante, um auxiliar precioso.

E, raro era o dia em que não encontrava uma hora a tirar do seu arduo morejar de guarda livros, para nos trazer sua palavra amiga ou suas estrophes inspiradas e bellissimas para o nosso jornal, que registrou estas bellezas: — *Mortus est*, *A José de Alencar* e tantas e tantas outras. E José Maria do Amaral, o querido e venerando mestre — cuja competencia critica e sinceridade era por todos conhecida — com o direito de *poetas por poetas sejam lidos* — tinha em grande conta o merito de Mathias de Carvalho, que se vivesse em outro paiz alcançaria maior fama.

Mathias de Carvalho não recusava seus serviços a quem lh'os solicitasse.

A *Gazeta de Noticias* e o *Diario do Rio de Janeiro*, tiveram seguidamente a sua collaboração, e ahi ha bellas paginas que demonstram a pujança e malleabilidade da intelligencia de Mathias de Carvalho, que desenvolveu grande e activo trabalho até 1888.

O enthusiasmo que sentiu o poeta pelo acto da abolição a 13 de Maio, só é comparavel ao sentimento que dominou José do Patrocinio, esse outro grande poeta e luctador terrivel da raça opprimida.

Não esmoreceu o ardor do denodado republicano, — pois continuou partilhando todos os trabalhos dos companheiros para a campanha de 15 de Novembro de 1889, que veiu realizar no momento o seu mais ardente sonho de toda a vida, — de intelligencia e coração.

***

Para Mathias de Carvalho como para outros propagandistas, nãofoi o advento da Republica uma aurora de felicidade. Na hora da victoria, os detentores do poder, assediados pela turba multa dos abyssinios adhesistas, esqueceram-se do esforçado companheiro.

Elle, que no meio mais infenso ás suas idéias politicas e religiosas, sempre havia encontrado trabalho remunerador, e era com empenho procurado, para prestar serviços de sua profissão, em que era competentissimo, começou depois a sentir surda hostilidade.

Aquelles mesmos que, no tempo da monarchia, o acolhiam e amigavelmente chasqueavam de suas crenças, transformaram-

Habitualmente nos encontravamos depois, e com prazer notava eu que elle ainda não era uma intelligencia inhibida pelo soffrimento, nem uma individualidade inutilizada para sempre.

Ainda em Outubro convencionára encontrar-lhe aqui um emprego, modesto embora, para que viesse com sua esposa tentar e recomeçar a vida.

— Com pouco me contento, dizia-me elle. Eu e minha mulher, já velhos ambos e sem aspirações, só almejamos não morrer de fome!

E antes que pudesse collocal-o, antes que o chamasse de novo á vida e ao movimento, colheu-o a *morte, essa cruel ave de rapina*, em sua phrase sempre original.

A poucos talvez se possa com mais propriedade applicar os bellos versos do grande poeta hespanhol:

«Que es el poeta en su mission
Sobre la tierra que habita?
Es una planta maldita,
Con frutos de bendicion».

E assim terminou a existencia um grande coração e um grande talento, tendo bem avaliado a ingratidão e a injustiça dos homens.

Dr. M. Azevedo.

« Na *Revista Litteraria* de S. Paulo foi publicada a *Guerra do Oriente*, trabalho em resposta á poesia do seu amigo José Diogo de Menezes Fróes, sobre a Russia.

« Intelligente e trabalhador, como provam os trabalhos que publicou, o Dr. Achilles Varejão occupa logar honroso na nossa litteratura.

« De genio alegre e prazenteiro, era o Dr. Varejão estimado e apreciado por quantos o conheceram.

« Achava-se doente ha muito tempo, e recolheu-se ao Hotel da Vista Alegre, em cujo proprietario encontrou um verdadeiro amigo, cujos cuidados e carinho suavizaram-lhe os seus ultimos dias.

« O seu enterro realizou-se hontem ».

E nada mais adeantou esta noticia ao que se podia ler no *Diccionario Bibliographico* do Dr. Black (1) ou no *Pantheon Fluminense* (2), de L. Lery dos Santos.

O redactor da noticia foi até omisso no nome dos paes do seu antigo companheiro.

Em qualquer das obras citadas veria que o Dr. Varejão nasceu a 30 de Janeiro de 1834 no Rio de Janeiro, filho do commendador Antonio Alvares de Miranda Varejão e de D. Joaquina Ursula de Miranda Varejão.

E' dos mais simples estylos, sempre que se rememora a vida de um homem illustre, não esquecer os feitos ou pelo menos os nomes de seus antepassados.

*
* *

Para bem se comprehender a figura sympathica do Dr. Varejão, e avaliar o papel que representou na nossa sociedade, seria conveniente remontar á epocha em que floresceu, e descrever o meio social de então, as correntes de idéas predominantes em litteratura, que apaixonavam os escriptores e leitores, inspiravam os dramaturgos, e enthusiasmavam as platéas.

Para cabal desempenho dessa missão seria preciso dispôr do talento e da maestria com que Machado de Assis, o reputado pontifice da litteratura nacional, traçou o quadro do *Velho Senado* (3). E poderia fazel-o como um dos actores que então já tinha seu papel no palco fluminense, como bem o escreveu, e que era da mesma roda em que se encontrava com o Dr. Varejão.

« Nesse mesmo anno (1860) entrava eu para a imprensa.

---

(1) *Dr. A. S. Blak — Diccion. Bibliog. — Tom. I.* Pg. 100.
(2) *Lery dos Santos — Pantheon Fluminense.* Pg. 195.
(3) *O Velho Senado* — por *Machado de Assis* — *Vol.* 14 — *Revista Brazileira* 1898.

olhos se faziam maiores. Bernardo Guimarães não fallava nem ria tanto, incumbia-se de pontuar o dialogo com um bom dito, um reparo, uma anedocta. O Senado não se prestava menos que o resto do mundo á conversação dos tres amigos ». (1)

Si o mestre não quizer levar a cabo essa empresa, ahi estão outros que têm egual talento e competencia, tendo tambem bem conhecido as figuras intellectuaes, os artistas do theatro daquella epocha, nos seus triumphos e nas intrigas dos bastidores, lembramo-nos de Mello Moraes Filho ou Pires d'Almeida.

Que renove aquelle o trabalho que fez em favor de Martins Penna (2), e este lance sua actividade de chronista e de polygrapho correcto para este lado, e as nossas lettras e a nossa historia muito boas paginas registrarão; é seguir o exemplo que em outros povos e outras terras nos fornecem escriptores de merito, e que fez com successo, aqui, para os *Artistas d'outro tempo*, Escragnolle Doria na REVISTA BRAZILEIRA.

*
* *

A sociedade fluminense desse periodo tinha caracter mais typico e indigena que a actual feição cosmopolita que ostenta; seria menos civilizada, no sentido moderno do vocabulo; mas era com certeza mais sympathica e altruistica. Queria os seus homens politicos, prezava os seus litteratos, festejava os seus artistas quasi como pessoas da familia; podia censural-os, pirraçal-os, mas não levava a bem que outros o fizessem.

Interessava-se mais por um bom discurso politico, enthusiasmava-se por uma peça theatral, ou por um volume de poesias ou um romance, por um simples folhetim de Octaviano ou Alencar, com mais alma e persistencia do que hoje.

A mocidade invejava e suspirava pela gloria de um bom nome nas sciencias, nas lettras ou na politica, com mais ardor do que admira hoje as façanhas e os successos bolsistas dos millionarios que enchem as ruas.

O proprio commercio era influenciado por essa atmosphera. Discutia-se com mais amor a boa marcha e o brilhantismo de associações litterarias como o *Gabinete Portuguez de Leitura*, o *Retiro Litterario* e a *Sociedade Ensaios Litterarios*, a dos *Bachareis em Lettras* e outras do que durante o periodo das phantasias bolsistas a myriade de aggremiações que surgiam e desappareciam com o fito de explorar a credulidade dos accionistas.

---

(1) *O Velho Senado.* — *Revista Brasileira* — Pg. 258—259.
(2) *Theatro Brazileiro, Martins Penna*, com um estudo critico por Mello Moraes Filho e S. Romero—R'o de Janeiro—Jamier, Edit.

vivo do quanto o merito é quasi sempre alvo da inveja e da ingratidão.

O Dr. Varejão permaneceu fiel á arte, e enriqueceu o theatro com outros trabalhos como *Os excentricos* e *A vida intima*, em que revela solidas e verdadeiras qualidades do dramaturgo.

Si mais propicia fosse a nossa civilização, é certo que se concentraria em sua vocação e teria conquistado logar eminente entre os mais festejados auctores da scena moderna.

Ainda escreveu *An'ath*, e deixou muitos outros trabalhos ineditos.

Varejão manejava bem o estylo dramatico; os seus dialogos são bem sustentados e despertam interesse.

Os caractéres de seus personagens, em geral bem delineados. Não são forçadas as situações. Em gyria theatral pode-se dizer que não recorre a *ficelles* para o desenlace de suas obras. Escrevia com facilidade em prosa e verso.

Quando o maestro paulista Elias Lobo quiz outro libretto, depois do triumpho obtido pela sua estreia com a *Noite de São João*, foi ao talento e á amizade de Varejão que recorreu: —dahi a sua nova opera —*A louca*.

Sobre o merito da opera diremos depois o que escreveram contemporaneos; mas ácerca do *libretto* asseguramos que é, neste genero, um dos mais cuidados e primorosos, e digno de ser impresso ao lado dos escriptos do dr. A. Varejao.

***

Achilles Varejão occupou logar distincto na imprensa fluminense, fazendo parte effectiva da redacção de varios periodicos, entre os quaes o *Jornal do Commercio*.

A politica tambem o tentou. Fez parte da antiga *Assembléa Provincial* do Rio de Janeiro, como representante do partido liberal nas legislaturas de 1864 a 1868.

Em varias commissões dessa corporação politica deixou prova de seu cultivado espirito, da sua competencia nas varias questões de que se encarregou.

Na tribuna dispunha de palavra facil e correcta e, argumentador logico e elegante, prendia o auditorio. Nos *Annaes* da Assembléa figuram os discursos que pronunciou sustentando a liberdade de ensino, e a obrigatoriedade da instrucção primaria.

As varias faces do problema foram perfeitamente analysadas pelo dr. A. Varejão, que tambem era profissional e leccionava com grande habilidade varias disciplinas.

procedia não só pelo desejo de augmentar o cabedal scientifico, como porque aspirava, de volta á patria, dedicar-se ao magisterio, entendendo muito correctamente que para isso devia bem conhecer o uso e manejo do microscopico.

Chegando ao Rio de Janeiro, impressionado pelo adeantamento do ensino medico nas velhas capitaes européas, em completo contraste com o que se ministrava nas Faculdades brazileiras, publicou uma boa analyse critica, —*Do exercicio e ensino da medicina no Brazil*, onde fazia apreciações severas e patrioticas, e onde apresentava idéas de reformas necessarias para elevar a instrucção scientifica. Levantou esse livro grande agitação no professorado official e entre os collegas da classe que tinham representação publica, como aconteceu annos antes com publicações identicas de outro illustre medico fluminense, o dr. Alfredo Guimarães.

A mocidade academica, a imprensa e a classe medica, na sua maioria, applaudiram o acto de independencia do dr. Moncorvo, e não foram poucos os elogios que recebeu, inclusive do chefe da nação. Mas esse movimento não conseguiu vencer a má vontade do funccionalismo, que lhe fez abortar a aspiração que tinha ao magisterio superior.

Vendo distante a cathedra de professor, dirigiu para a imprensa a sua actividade, e seguidamente escreveu e publicou variada serie de estudos clinicos sobre varios pontos da actualidade scientifica, como *da acção abortiva do sulphato de quinina*, novas doutrinas sobre a *Physiologia da digestão*, *o diagnostico differencial entre a dyspepsia essencial e a hypoemia intertropical*, e muitos outros.

Nessa epocha dirigiamos a publicação do unico jornal medico existente no Rio de Janeiro, a *Revista Medica*, e, querendo reorganizal-o em bases mais vastas e mais apropriadas á representação da classe, convidámos o dr. Moncorvo conjunctamente com os drs. Juvenato Horta e Manoel A. da Cunha Alvarenga, para redactores effectivos daquelle periodico.

Conjunctamente trabalhámos desde 15 de Julho de 1875 (1) até Abril de 1876, quando conseguimos constituir uma associação medica, que formou a primeira *Sociedade de Medicina e Cirurgia* dessa epocha, á qual passamos a propriedade e direcção da *Revista*, que entrou em nova phase, infelizmente de pouca duração, pois, no fim de dois a tres annos, a despeito dos melhores e mais distinctos elementos da classe, desappareceu.

---

(1) *Revista Medica* — Anno 2.º—N. 11 — Redactor principal dr. Miranda Azevedo — Redactores effectivos, Juvenato Horta Moncorvo e Manoel da C. Alvarenga.

caricine, dénommée par ces auteurs « papaine » parait réellement être rapportée à Moncorvo. Os auctores citados por Fonsagrives conseguiram, é certo, impor a denominação *papaina* ao principio activo, que egualmente isolaram do succo leitoso do mamoeiro, sendo ella até adoptada por medicos brazileiros, contra a denominação *caricina*, mais apropriada do que aquella, e justamente preferida pelo dr. Moncorvo, seu primeiro descobridor.

«Varias foram as medicações aconselhadas pelo dr. Moncorvo contra as molestias infantis, como consta dos seus numerosos trabalhos; a que, porêm, parece haver-lhe merecido particular attenção e cuidado, foi a da resorcina contra a coqueluche.

«Acceita por uns, e contestada a principio por outros, o tratamento brazileiro conseguiu afinal pleno triumpho: é com effeito a resorcina o agente therapeutico preferido actualmente por distinctos especialistas contra uma das molestias mais frequentes e afflictivas da infancia».

No seu empenho de ampliar estudos da pathologia infantil, dirigiu sua attenção para o rheumatismo chronico na infancia e o rheumatismo nodoso, tendo escripto sobre esta materia interessante memoria para obter o titulo de socio correspondente da *Sociedade Med co Cirurgica* de Bordeaux em 1880. O dr. Mauriac, que fôra designado para dar parecer sobre esse trabalho, publicou o seu parecer em opusculo, do qual extrahimos o seguinte trecho: «Esta monographia é a primeira que me consta haver sido escripta sobre o rheumatismo chronico nodoso das creanças. Esta circumstancia sómente, quando o livro não se recommendasse por outros titulos, tornal-o-ia recommendavel aos medicos francezes» (1).

Falta-nos o tempo, e não é o logar proprio para, embora em rapida revista, citar outros importantes estudos do dr. Moncorvo.

* * *

Não abandonou o illustre facultativo o seu desejo de communicar pelo ensino o resultado de sua esclarecida observação e copiosa erudição medica á mocidade estudiosa.

Com a maior dedicação, com esforço admiravel e com fadigas de toda a sorte, conseguiu fundar, dirigir e manter a *Polyclinica do Rio de Janeiro.* E o que é essa nobre e philantropica instituição, que tão assignalados serviços tem prestado á humanidade e á sciencia, sabem todos, por que os raios intensos

---

(1) Dr. Black — *Dic. Bibly. Brasil.* — Pg. 51 V. 2.º

pois bom é que se saiba que o illustre professor reputava aquella cidade como uma das melhores localidades para viverem os tocados pelo terrivel bacillo da tuberculose.

A 9 de Fevereiro de 1848, no Rio de Janeiro, nasceu o Dr. João Diogo Esteves, onde aprendeu as primeiras lettras, sob a competente direcção paterna, até entrar para o externato do *Collegio D. Pedro II.*

Fez o curso deste instituto com proveito e distincção: tendo emulos do valor de Carlos de Laet e Lima Barros; e conseguiu ver seu nome premiado mais de uma vez, tendo se bacharelado em 1868.

Antes de começar o curso academico viu-se orpham e chefe de familia—pobre; perdera o pae, e delle só herdára o nome estimado e honrado e os encargos sociaes, pois procurava com sua actividade e seu trabalho amparar a entes que lhe eram caros.

Procurou no magisterio, para que tinha decidida vocação, os meios necessarios para educar a irman, que estremecia, e para proseguir nos estudos academicos; trabalhou com sacrificio da propria saude, mas desempenhou com honra o compromisso contrahido.

Por motivo de molestia interrompeu a carreira e só se doutorou em Maio de 1879, muito depois dos collegas com que iniciou o curso.

A these inaugural que apresentou, *Do casamento s b o ponto de vista hygienico*, é uma conscienciosa e bem escripta monographia sobre o assumpto, tratando com criterio dos pontos interessantes da hereditariedade e da influencia da consanguinidade na prole.

Depois de formado tratou o Dr. Diogo Esteves de fixar-se em Ubatuba, onde constituiu familia e abriu consultorio medico, exercendo sua profissão do modo o mais elevado e altruistico,—de sorte que foi considerado com justiça um verdadeiro apostolo da caridade.

Estudioso, observador, era um clinico esclarecido e sabedor da actualidade scientifica, pois nunca deixou de acompanhar o progresso que tinha a medicina nos grandes centros intellectuaes.

***

O Dr. Diogo Esteves era, porêm, antes de medico um educador distincto e preclaro, e o era por indole, por gosto.

Dispunha de varias aptidões para esse mistér; ensinava com methodo proprio, e extraordinaria clareza, adaptando-se ás differentes edades e aos diversos graus de comprehensão variavel de

tava mais como um pennador, obedecendo ao ideal republicano, que sempre adoptára.

Foi, apezar de retrahido, com verdadeiro enthusiasmo, que viu a Revolução victoriosa de 15 de Novembro, e ainda agora releio com prazer a carta primorosa que me dirigiu por essa occasião, rememorando as nossas aspirações e projectos de Academia.

Estimado e considerado em todo o districto do Norte do Estado, seria facil a sua posição politica na representação do *Congresso Paulista*. Não a procurou, não disputou, — e continuou na orbita modesta de sua influencia local.

Só na legislatura de 1898 a 1901 veiu occupar um logar entre os deputados estaduaes, e viu renovado o seu mandato para a nova Constituinte.

O Dr. Diogo Esteves frequentou pouco a tribuna, mas, sempre que usou a palavra, mostrou-se discutidor logico e feliz no enunciado de seu proposito.

As questões de interesse material, ou de melhoramento de todo a especie da zona que representava, formavam objecto dos seus discursos e projectos, que alcançavam, alguns, o voto da maioria da Camara.

A instrucção publica mereceu attento exame do Dr. Diogo Esteves, que nessa materia discorreu com successo, sendo applaudido em muitas medidas que propoz.

Foi de todos, porêm, mais notavel o discurso que proferiu indicando a necessidade de auxiliar a iniciativa particular que queria fundar uma *Academia de Medicina* nesta Capital.

Não foi por falta de esforços do Dr. Diogo Esteves e de argumentos junto dos collegas, que o Congresso deixou de attender a essa antiga e justa aspiração dos paulistas. E' provavel que em epocha não remota se realize a idéa, e, na recompensa aos seus propugnadores, não deve ser esquecido o nome do illustre morto.

O Dr. Diogo Esteves da Silva, na sua conducta politica, obedecia ás linhas geraes de sua consciencia, e só em materia puramente disciplinar do partido abdicava o seu modo de pensar.

Era, porêm, o typo de companheiro leal, abnegado e modesto; estava sempre prompto a ceder o seu posto e não disputava recompensas nem honras.

Bem se pode resumir toda a sua vida no *pertransit benefaciendo*. . .

Assim, a 21 de Novembro de 1901, falleceu cercado de carinho da familia e da consideração dos amigos e correligionarios — *talis vita, finis ita.*

Dr. M. Azevedo.

Dr. José Hygino Duarte Pereira

As circumstancias extraordinarias que cercaram a morte do dr. José Hygino contribuiram, mais que seus relevantes trabalhos litterarios e scientificos, para tornar conhecido no paiz e no extrangeiro o seu grande valor intellectual.

Quasi sempre a morte produz esse phenomeno. E' isso bem pouco lisongeiro para a humanidade; mas perfeitamente explicavel.

O facto de ter fallecido no Mexico o dr. José Hygino, distante da patria que alli representava numa alta e honrosa missão politica e scientifica, impressionou profundamente o paiz, manifestando todas as classes sociaes, por meios publicos, o pezar que sentiram com o passamento do illustre pernambucano.

E o dr. José Hygino Duarte era digno dessa homenagem posthuma, porque muito amou o Brazil, e lhe prestou taes serviços que bastariam para recommendar mais de um cidadão á gratidão de seus compatriotas.

A elle não se podia applicar o conceito que Lord Rosebery fez de Lord Bathurst, o mais incapaz dos chancelleres inglezes. O dr. José Hygino Duarte não era um desses productos bizarros do systema politico, que occupasse um cargo em evidencia e ficasse completamente obscuro; longe disso.

A sua biographia demonstra que ganhou posto por posto, á custa de esforço proprio e por trabalhos e escriptos que lhe deram notoriedade pela competencia que tinha em certos assumptos.

Não foi um filho da fortuna cega a impellil-o para as alturas, mas um operario paciente e modesto das honras que alcançou.

Não temos tempo nem elementos para uma biographia completa do dr. José Hygino; por isso nos limitamos a fixar em rapidos traços os factos principaes da sua bella existencia consagrada ao estudo e á patria.

O dr. José Hygino Duarte Pereira era filho do dr. Luiz Duarte Pereira e de D. Carlota Hygina Duarte Pereira; nasceu a 22 de Janeiro de 1847 na Cidade do Recife (1); ahi fez os seus estudos preparatorios e academicos, defendendo theses para doutoramento na Faculdade de Direito dessa cidade. Mais tarde occupou o logar de lente cathedratico de direito administrativo, tendo leccionado tambem outras materias, sempre com grande auctoridade, até que se jubilou, privando o magisterio superior de um dos seus mais brilhantes ornamentos; ultimamente a nostalgia da cathedra fel-o acceitar o logar de lente em uma das faculdades livres de direito do Rio de Janeiro.

Referem collegas e discipulos do fallecido dr. José Hygino, que dispunha elle de exposição clara e methodica, discutindo com admiravel lucidez as diversas theses que ensinava. Era o modelo do mestre consciencioso, pois estava sempre ao corrente das publicações mais recentes que se faziam em diversos paizes e differentes idiomas que conhecia perfeitamente.

Durante o curso academico já o dr. José Hygino revelára suas aptidões de escriptor, de polemista, e principalmente de investigador dedicado de cousas da historia patria.

Terminado o periodo academico, entrou para a carreira da magistratura, sendo nomeado juiz municipal do Desterro, em Santa Catharina.

Eleito deputado provincial, deixou esse logar e foi nomeado juiz substituto do Recife em 1872, onde fixou residencia, tendo exercido esse cargo até 1878.

A politica o chamou de novo. Seus patricios elegeram-no para membro da Assembléa Provincial pernambucana, onde representou em nome do partido liberal, com o costumado brilho, o seu mandato, occupando a tribuna sempre de um modo digno para as questões que descutia. Veremos mais tarde que, na Constituinte Republicana, as qualidades do orador e discutidor parlamentar pernambucano se patentearam com mais vigor e proveito.

***

A feição intellectual mais sympathica do dr. José Hygino é a de historiador nacional. E, sem prejudicar os outros titulos, que conquistou como jurisconsulto ou como politico, parece-nos que a

(1) Dr. *A. S. Blake.—Dicc. Bibliogr. Brazileiro*, Vol. 4.º, pg. 452.

admirav
mundo
riodo da
Sem
dos succ
Seguro.
Hygino
hollande
tos, que
gundo p
Não
moderna,
archivo
res cons
1874 for
Franklin
do Rio d
Real
que todo
naquella
mentos d
por Nets
Só
José Hy
formar u
merito e
Sent
do temp
remos, p
Um
alcance -
das em
e Diogo
indios d
dos holl
em auxil
Nos
descobert
de todas
« N.
outro pe

(1) *Dis*
co. Vol. 5.
(2) *Dis*

E' de lamentar que não obtivesse o dr. José Hygino maiores informações sobre a individualidade do Pe Manoel de Moraes, que é uma das mais interessantes e curiosas da nossa historia.

O mesmo pezar temos em relação á documentação que poderia ter encontrado nos archivos da Hollanda, ácerca da parte que os paulistas tomaram na guerra contra o seu dominio no Brazil. Até hoje, que o saibamos, além do que refere Pedro Taques, nada se tem escripto, nem mesmo alludido a essa comparticipação, e no emtanto devem existir, não só na Hollanda, como na Hespanha e Portugal, mesmo entre nós, documentos a respeito. Ha pouco chamou a nossaattenção para isso o esclarecido e laborioso investigador paulista Assis Moura, — benemerito organizador do Archivo da Camara Municipal de S.Paulo. Revelou-nos esse illustrado e estudioso compatriota a existencia de varios officios e requisições dos governos da Bahia e do Rio de Janeiro, solicitando de S. Paulo auxilios de gente, de mantimentos e de outros soccorros.

Fique desde já consignado o ponto, aguardando todos o trabalho daquelle escriptor ou de outro que tome a si elucidar e analysar mais esse importante serviço dos antigos paulistas em prol da independencia e integridade da patria, não se preoccupando nem do logar, nem dos perigos, quando reclamavam o esforço de seu braço e de sua lealdade.

Voltemos ao nosso assumpto, desculpada a digressão a que fomos levados por natural e justificavel impulso de amor á nossa terra.

Longa e curiosa seria a simples relação dos mais curiosos papeis de que tirou cópia e que trouxe, não só dos Archivos Publicos hollandezes, como do proprio gabinete particular do rei da Hollanda. E' tambem extensa a lista dos que traduziu e publicou.

O *Diario ou narração historica de Matheus von den Broeck, o relatorio e cartas de Gedeon Morris de Jonge*, e sobretudo *A bolsa do Brazil*, onde claramente se mostra a applicação que teve o dinheiro dos accionistas da Companhia das Indias Occidentaes, e *A Batalha Naval de 1640*, são pelos esclarecimentos que fornecem á historia e pela propria importancia, as traducções que não devemos deixar de citar.

Enorme ainda é o cabedal que o dr. José Hygino deixou em manuscripto.

E para que se registre, como procedeu o governo do Brazil em relação ao dr. José Hygino, quando prestava com sacrificio da propria saude esses serviços, cumpre declarar que apenas foi com os vencimentos de lente cathedratico da Academia de Direito, e sem a gratificação; isso no ministerio do dr. Franco de Sá, tambem illustre homem de lettras. Quanto á subvenção votada pela Assembléa Pernambucana, ouçamos o proprio dr.

magistratura e discriminação de rendas. Conhecedor perfeit do systema americano que serviu de modelo á nossa Constituiçã o dr. José Hygino era sempre ouvido com acatamento por seu collegas, e deixou paginas inolvidaveis nos *Annaes do Congress*

Na sessão de 18 de Dezembro de 1890 discutiu com extraor dinaria largueza de vistas e admiravel previsão a parte do pro jecto da Constituição que tratava de discriminar a renda d União e dos Estados, censurando-a principalmente por não da a base do systema tributario estadual. Hoje, que na pratic se tem reconhecido essa grave lacuna da Constituição, bem me rece ser relembrado esse notavel discurso em que tambem mos trou por que adoptava o typo federativo para o Brazil; pois fel- não só como politico, mas como historiador e philosopho. Ei esse final :

«A fórma federativa, sr. presidente, é um invento do geni norte-americano. Os membros do celebre Congresso de Philade phia descobriram essa fórma de governo, assim como Franckli descobriu o pára-raios, Fulton o vapor, Morse o telegrapho, Ediso o phonographo.

«Dentre numerosos typos de confederação que a antiguidad classica e os tempos modernos nos offerecem, nenhum houve, at os fins do seculo passado, que reunisse os caractéres essenciae da federação.

«A idéa federativa surgiu pela primeira vez á luz da his toria — concretizada na Constituição norte-americana de 1787.

«Collocados entre a confederação que se mostrava comple tamente nulla durante seis annos de um governo impotente e Estado serio e simples a que se oppunham as tradições do povos norte-americanos, os membros daquelle Congresso cogitara e acharam uma fórma intermediaria que lhes proporcionava vantagem das outras duas, sem os seus inconvenientes, — e ess fórma sahiu tão ajustada ás circumstancias peculiarias do pai que se lhe deve em grande parte a prodigiosa fortuna politic e commercial a que a nação se elevou em tão curto espaço d tempo.

«A elasticidade da fórma federativa tem permittido applical- vantajosamente a outros povos em situações analogas, como Suissa, e notavelmente a Allemanha — que a affeiçoou ao regi men monarchico.

«Na America, sua patria nativa, ella se tem propagado parece destinada a vir a ser a fórma predominante.

«Desta tribuna já se observou, e com perfeita razão, que nossa situação é muito diversa da dos povos da America d Norte, quando se constituiram em republica federativa. Nós vi

Depois de estudar de modo completo as diversas doutrinas, de expôr com lucidez todas as razões *pró* e *contra*, da vantagem de adoptar-se a unificação do direito, dizia o dr. José Hygino:

«Concluo, pois, que nada ha, nos dominios da theoria, que exclua de uma constituição federal, por incompativel com a federação, o principio da unidade do direito e da justiça. Desçamos, porêm, das regiões abstractas da theoria para o terreno das conveniencias politicas, e procuremos resolver a questão em face dos factos concretos, dos antecedentes historicos e dos interesses dos povos, para os quaes legislamos. E nesta parte tomo em consideração a segunda razão allegada pelo nobre Ministro da Justiça, a da conveniencia da dualidade da Justiça, da qual divirjo tanto quanto da primeira.

«Em que pese ao joven orador que me precedeu nesta tribuna, não vacillo em affirmar que somos um povo completamente unificado: a mesma raça, a mesma historia, os mesmos costumes, o mesmo direito, a mesma lingua. Temos um só direito pela mesma razão por que falamos a mesma lingua; aquelle e esta são os dous symbolos vivos da nossa nacionalidade. O nosso direito é tão antigo quanto este corpo social; cresceu e desenvolveu-se com elle; é a nossa *Common Law*; é um patrimonio nacional.

«Malbaratal-o, fragmental-o, entregando ás assembléas legislativas dos Estados a faculdade de legislar sobre as materias juridicas, seria não sómente um crime de leso-patriotismo, sinão tambem um gravissimo erro politico; pois no momento em que se affrouxam os laços materiaes de dependencia, cumpre que se apertem os vinculos moraes da União, e a communhão do direito é um vinculo tão forte quanto a communidade da lingua. O Governo Provisorio não commetteu este attentado nem este erro politico, pois sabiamente manteve no projecto a unidade do direito. Tinha todas as razões para proceder assim; nenhuma o induzia a admittir o principio contrario. Não se confundam, sr. presidente, as relações de ordem administrativa com as relações de ordem juridica. Aquellas são essencialmente mudaveis, variaveis, conforme os logares, os tempos, as circumstancias» (1).

E, depois, conclue do seguinte modo, que desejamos seja bem conhecido:

«O principio da unidade da justiça pede que os tribunaes superiores dos Estados se subordinem a um tribunal central que, em grau de recurso e nos casos previstos por lei, julgue as

(1) *Annaes do Congresso*. P. 61, — vol. 2. — 1901.

Manteve attitude energica e independente ante o Gover Provisorio e não occultava sua posição hostil ao Marechal De doro, do qual se separou completamente por occasião do gol de Estado; e foi quem mais tarde redigiu o protesto dos co gressistas contra esse acto.

Subindo ao poder o Marechal Floriano Peixoto, foi o José Hygino nomeado Ministro do Interior, da Justiça e I strucção Publica a 23 de Novembro de 1891, conservando-se n se cargo até 10 de Fevereiro de 1892, quando pediu a exone ção, retirando-se do ministerio com seu amigo o Marechal J Simeão. Foi ahi solidario com a nefasta politica de deposiç dos governadores, mais influenciado pelo meio que o cercav arrastado pela amizade que o ligava ao Marechal José Sime do que por impulso proprio, como mais tarde nos disse. N exerceu então, como poderia fazel-o, a sua influencia de hom do direito, calmo e isento das paixões de momento, e logo re nheceu que por indole e educação não era aquella a sua esph de acção, de sorte que pouco se demorou na pasta ministerial

Depois, deixou a politica activa e, escolhido para minis do Supremo Tribunal de Justiça, ahi revelou as suas eminen aptidões de magistrado e jurisconsulto.

O *Direito* e outras revistas juridicas tecem os maiores comios á erudição e acerto de muitas decisões do dr. José H gino, que é considerado entre os mais illustres dessa scien digno de figurar ao lado de Teixeira de Freitas, Nabuco, Ril Justino de Andrade e outros provectos mestres do direito.

Entre essas decisões, releva notar a que proferiu na ques da amnistia em 1897, sendo o seu parecer recebido com mu elogio por jurisconsultos de valor, — embora contestado por out — o que o levou á imprensa, tendo então escripto o seguint *Jornal do Commercio* de 27 de Janeiro de 1897:

«*Questão de amnistia*. Justificação do voto do ministro lator do feito julgado em sessão do Supremo Tribunal Federal 17 de Janeiro de 1897.

«E' um luminoso parecer sobre a amnistia concedida militares comprehendidos em movimentos revolucionarios no t ritorio da Republica até 23 de Agosto de 1896, amnistia co dida com estas penas: privação do exercicio, perda de vencim tos e perda do tempo para reforma! (1)».

Permaneceu ainda algum tempo revestido da toga de ma trado, até que occorrencias politicas e sociaes o convenceram que não devia mais exercer esse alto cargo que tanto honrá

---

(1) *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, pelo Dr. A. Blake, Vol. 4.º, Pg. 45b.

Quem lêr com attenção os jornaes mexicanos, verá qu elogios e apreciações feitos aos trabalhos e luzes do fallecido parnambucano não eram convencionaes artigos de uma ben lencia de boa camaradagem.

Soube o distincto brazileiro conquistar sympathias e con ração pelo seu saber e pelo modo por que discutia as mais ceis e embrenhadas questões que alli se agitavam; pois compenetrados estavam os «delegados das nações americanas, investidos de uma missão de paz, eram os factores dessa tr formação, nas relações internacionaes, que mais que qualque tra fará épocha na historia da humanidade» (1).

O pezar com que foi acolhida a noticia de sua enfermi e, depois, a da sua morte, foi profundo e sincero.

O presidente do Mexico, nas demonstrações publicas de menagem ao illustre morto, não obedeceu só ás praxes de c zia internacional; foi tambem inspirado pela sympathia que despertou o dr. José Hygino no breve tempo que alli esteve

De aspecto talvez pouco communicativo, era comtudo José Hygino dotado de grande força attrahente, que augme va á proporção que melhor ia elle sendo conhecido.

Travámos relação por intermedio de um amigo commu sempre lembrado, Aristides Lobo, e isso numa occasião de ar cia de paixões, em que estavamos em campos politicos differe mas a identidade de gosto pelo estudo da nossa historia fez-nos camaradas. Sempre que nos viamos e tinhamos alguma pale mais se firmavam esses sentimentos, chegando ultimamente a quasi intima amizade, a ponto de conversarmos com franq sobre actos e homens politicos, sobre os quaes pensavamos m diversamente.

Foi em uma dessas conversas que discutimos o movim de 23 de Novembro, seus homens e suas consequencias na ma da Republica.

Non est hic locus, por isso não trazemos a publico o guardamos como uma das provas mais evidentes de alto se de justiça e pureza de caracter do illustre finado.

Entre as datas mais tristes da historia nacional deve fig a de 10 de Dezembro de 1901, que marca o fallecimento do José Hygino Duarte Pereira.

Quando bem conhecerem todo o merito intrinseco do seu balho, avaliarão a enorme falta que elle faz com a sua collab ção para o progresso intellectual e moral da Republica Brazil

DR. M. AZEVEDO.

1) Brinde cit., pag. 9.

vações, de rica distribuição fluvial e de planaltos centraes e librando esses relevos do sólo?

A estructura e composição geologica, que encerra o fer a prata em seu seio, faz brilhar a mica e o crystal na perficie e semeia o ouro em varios pontos?

Ou, melhor que essas causas, será o clima que, no dizer primeiros exploradores, *não tem as durezas do inverno euro nem os rigores do verão africano*, mas que directamente co bue para essa disposição?

Talvez a *ethnographia*, investigando a fusão de producte raças diversas ou o cruzamento da mesma raça, mas de proven cia de latitudes e variedades differentes, — dê a chave do enig

Ou será a educação e o gosto natural que prepara essa minação artistica?

O observador consciencioso, e o amigo de especulações s tificas, tem materia interessante e margem vasta para lucubrações.

Deixemos o mundo das hypotheses e cinjamo-nos ao as pto, mais terra a terra.

*
* *

« Na cidade de Ytú e do legitimo matrimonio de José noel Lobo e D. Thereza Correia Lobo, nasceu o maestro Alvares Lobo a 9 de Agosto de 1834.

Orpham de pae, sem meios pecuniarios e unicamente de á protecção do Padre Diogo Antonio Feijó, estudou latim, f cez, arithmetica, geometria e musica, dedicando-se com a a esta, para a qual tinha pronunciada vocação.

Morto seu amigo e protector, consagrou-se á musica, es vendo peças para salão e bandas marciaes e, mais tarde, op sacras e profanas, que lhe conquistaram o titulo de notavel positor.

Elias Lobo, em 1875, convocou em S. Paulo um Congr de Professores de musica, afim de tratar-se de elevar a clas auxiliar as vocações esparsas para o estudo dos bons meth pedindo ao governo uma subvenção para uma aula superior musica e isenção do sorteio militar para a classe.

Escolhido em 1863 pelo Directorio da Opera Nacional ir á Europa estudar, não acceitou a honrosa incumbencia, que, infelizmente pobre, tinha necessidade de procurar meio subsistencia para sua familia.

Musico distinctissimo, Elias Lobo escreveu varias obras sicaes que lhe dão logar condigno entre os compositores brazile

«Apenas o leu, no intervallo de vinte e oito dias escreveu Elias a sua notavel opera do mesmo nome, para piano e canto, com o modesto fim de ser cantada em familia.

«A instancias de amigos seus que o aconselharam a orchestral-a, Elias deliberou apresentar seu trabalho a José de Alencar e ouvir a sua opinião a respeito. Emprehendeu assim, muito em segredo, uma viagem á côrte; mas, passando por esta capital, foi descoberto o seu segredo pelo fallecido Joaquim Gonçalves Gomide e por alguns moços distinctos que então cursavam a Faculdade de Direito, Pinto Moreira, Macedo Soares, Bittencourt Sampaio, Azarias e outros, pleiade brilhante que dirigia nesse tempo o movimento litterario da Academia de S Paulo.

«Começaram então seus triumphos artisticos: os jornaes desta capital o saudaram nas mais fervorosas expressões, festejando em Elias um distincto maestro paulista.

«Em Julho de 1860 voltou Elias á côrte com sua opera orchestrada e tratou de represental-a, tendo recebido de D. Pedro II o mais benevolo acolhimento.

«A companhia da Opera Nacional, então extincta, reorganizou-se ao apparecimento da *Noite de S. João*.

«Foi dada a regencia daquella opera ao seu illustre irmão de arte, Antonio Carlos Gomes, e a 14 de Dezembro foi pela primeira vez á scena. Seis vezes seguidas representada, a *Noite de S. João* attrahiu em todas ellas a mais luzida concorrencia e arrancou para seu auctor as mais ardentes ovações».

Completando a noticia sobre a *Noite de S. João*, escreveu o distincto poeta e chronista Arthur de Azevedo, na *Noticia*, do Rio de Janeiro, de 19 de Dezembro, as seguintes linhas:

«Nos bons tempos da Opera Nacional, Elias Lobo, que estava então na força da mocidade e do talento, fez representar uma opera comica de sua lavra, intitulada *A Noite de S. João*, cujo *libretto* foi escripto por José de Alencar, que não era ainda o dramaturgo das *Azas de um anjo*, nem o romancista do *Guarany*.

«Não conheço uma nota da partitura de Elias Lobo; mas li com muita curiosidade o *libretto* de Alencar, e com franqueza o digo: é um trabalho que a cada passo revela a inexperiencia do comediographo, e não offerece absolutamente campo ao talento do compositor.

«Dizem que a representação foi um triumpho para o *maestro* paulista, mas, para repetil-o, não tenho outra fonte sinão a tradição oral, porque a imprensa fluminense naquelle tempo era de um laconismo implacavel em se tratando de theatro, principalmente do nacional, porque o extrangeiro merecia em todo o

Influenciado por esse successo, o novo directorio da Opera Nacional escolheu-o para ir á Europa aperfeiçoar-se nos seus estudos. Era esse o sonho dourado de Elias Lobo, como o é de todo o intellectual brazileiro, e com razão.

Não dispondo de meios, lembrou-se de pedir á Assembléa Provincial Paulista uma subvenção para esse fim; e com pezar registramos a recusa que soffreu o mallogrado maestro. Não comprehendiam os grandes legisladores e politicos daquella Assembléa em que poderia interessar á provincia que um paulista fosse estudar musica na Europa! Elle não desanimou; procurou levantar recursos por outro meio.

Recorramos ao mesmo artigo de Paulo Egydio, para narrar essa nova decepção:

« Tentou elle (não obstante a recusa da Assembléa) um novo meio: foi á côrte para o fim de exhibir em scena a sua opera a *Louca*, e deixar o producto á sua familia.

« Mas, cousa singular, um novo e insuperavel embaraço, com que não contava, lhe sobreveiu: desappareceu-lhe o quarto acto da opera!

« Estas amargas contrariedades o determinaram a abandonar tudo e a buscar a paz da familia, para junto da qual retirou-se.

« Entretanto, não o deixou jámais a musa da harmonia.

« Junto ao doce socego do lar, entre os cuidados da vida domestica, muita vez o surprehendeu a phantasia.

« Depois de sua ultima opera, tem se dedicado quasi exclusivamente ás composições religiosas: tem escripto quatro missas, algumas a grande execução e effeito; dois Credos, dois Oratorios, uma Semana Santa e muitas outras.

« E' que para Elias a arte é como o pão, como o alento da alma.

« Ninguem lhe póde levar a palma na pureza de seu caracter artistico: póde-se dizer delle o que disse o poeta:

« Est Deus in nobis, agitante calescimus illo ».

*
* *

O sympathico poeta e litterato Carlos Ferreira, que ahi vive mergulhado numa penumbra, mais creada pela ingratidão de seus amigos politicos do que pelo esquecimento de seus compatriotas, escreveu um curioso e interessante necrologio do maestro Elias Lobo, onde traçou com muita verdade e finura o bom e affavel caracter do finado. Entre as reminiscencias que referiu do tempo em que, em Campinas, conviveu com Elias Lobo, registra a do projecto de uma outra opera, *O Sacrificio*, para a qual foi incumbido de escrever o librêto.

31 Emmanuel Vanorden
32 Dr. Eugenio Alberto Franco
33 Eugenio Hollender
34 Dr. Fergo O'Connor de Camargo Dauntre
35 Dr. Fortunato Martins de Camargo
36 Dr. Francisco Ferreira Ramos
37 Francisco Ignacio Xavier de Assis de Moura
38 Dr. Francisco Martiniano da Costa Carvalho
39 Dr. Francisço de Paula Ramos de Azevedo
40 Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves
41 Dr. Gabriel Osorio de Almeida
42 Tenente Coronel Gabriel Prestes
43 Dr. Gabriel de Toledo Piza e Almeida
44 Dr. Gustavo Koenigswald.
45 Tenente Coronel Henrique Affonso de Araujo Macedo
46 Henry White
47 Dr. Hermnann von Ihering
48 Dr. Horacio M. Lane
49 Horacio de Carvalho
50 Dr. Hyppolito de Camargo
51 Dr. Ignacio Wallace da Gama Cochrane
52 Dr. Jayme Serva
53 Dr. João Alvares Rubião Junior
54 Dr. João Nepomuceno Nogueira da Motta
55 Dr. João Nogueira Jaguaribe
56 Dr. João Pedro da Veiga Filho
57 Dr. João Pereira Monteiro
58 Dr. João Ribeiro de Moura Escobar
59 Dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida
60 Coronel Joaquim de Toledo Piza e Almeida
61 Dr. Jorge Tibiriçá
62 Dr. José Alves de Cerqueira Cesar
63 Dr. José Alves Guimarães Junior
64 Dr. José Baptista Pereira
65 Dr. José Cardoso de Almeida
66 Dr. José Eduardo de Macedo Soares
67 José Francisco Soares Romeo
68 José Maria Lisboa
69 Dr. José de Sá Rocha
70 Dr. José Valois de Castro
71 Dr. José Vicente de Azevedo
72 Dr. Julio Cesar Ferreira de Mesquita
73 Dr. Luiz de Anhaia Mello
74 Dr. Luiz de Toledo Piza e Almeida

20 D. Martin Garcia Mérou
21 Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo
22 Dr. João Capistrano de Abreu
23 Dr. João Barbosa Rodrigues
24 Dr. John C. Branner
25 General Francisco Maria da Cunha
26 Bernardo de Azevedo da Silva Ramos
27 Henrique Raffard
28 Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro
29 Anatole Louis Garraux
30 João Vieira da Silva
31 Dr. José Calmon N. Valle da Gama
32 Dr. Mathias Alonso Creado
33 Dr. João Ribeiro
34 Dr. Felisbello Freire
35 Dr. Benjamim F. Ramiz Galvão
36 Gabriel do Monte Pereira
37 Dr. Clovis Bevilaqua
38 Dr. Victor Schiffner
39 Dr. Richard Wettstein
40 Dr. Fréderic Kerner de Marilaum
41 Angust Heinrich Wiemann
42 Mrs. Marie Robinson Wright
43 Dr. Ernesto Guilherme Young
44 Barão de Studart

SOCIOS EFFECTIVOS

1 Dr. Jorge Maia
2 Dr. Luiz Pereira Barreto
3 Dr. Alfredo de Toledo
4 Dr. Raymundo P. A. do Sacramento Blake
5 Dr. Alfredo Pujol
6 Dr. Alvaro Augusto da Costa Carvalho
7 Dr. Francisco Eugenio de Toledo
8 Dr. Antonio Augusto Moreira de Toledo
9 Dr. Francisco Franco da Rocha
10 Benedicto Galvão de Moura Lacerda
11 Dr. José de Campos Novaes
12 Dr. João Baptista de Oliveira Penteado
13 Dr. Luiz Frederico Rangel de Freitas
14 José Hippolyto da Silva Dutra.
15 João Vieira de Almeida

60 Dr. Silvio de Almeida
61 Dr. Amancio Ramos Freire
62 Conego José P. de A. Marcondes
63 Dr. Manoel Pedro Villaboim
64 Dr. Antonio Candido Rodrigues
65 João Lourenço Rodrigues
66 Dr. Francisco de A. Peixoto Gomide
67 Conego Ezechias G. da Fontoura
68 Dr. Eduardo Loschi

SOCIOS CORRESPONDENTES

1 Dr. Ernesto Goulart Penteado
2 Dr. Henriqve Coelho
3 Alberto Veiga
4 Francisco Corrêa de Almeida Moraes
5 Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme
6 Dionysio Caio da Fonseca
7 Coronel Agostinho José Moreira Rollo
8 Dr. José Estanislau de Arruda Botelho
9 Dr. João Alves Corrêa do Amaral
10 Candido de Carvalho
11 Dr. Bernardo Morelli
12 Dr. Alvaro Augusto de Toledo
13 Dr. Joaquim Monteiro de Mello
14 Dr. Manoel Dias de Aquino e Castro
15 Dr. José Roberto Leite Penteado
16 Dr. Francisco Marcondes de Gouvêa Natividade
17 Dr. Bernardo de Campos
18 José Gomes dos Santos Guimarães
19 Dr. Antonio Augusto Gomes Nogueira
20 Dr. Rodolpho Miranda
21 Dr. Aristides Salles
22 Dr. Victor da Silva Freire Junior
23 Dr. Antonio Manoel Bueno de Andrada
24 Dr. Antonio Alves de Carvalho
25 Dr. Arthur M. Cortines Laxe
26 Francisco Nicolau Baruel
27 Dr. Carlos Augusto de Freitas Villalva
28 Dr. José Maria Bourroul
29 Jesuino da Silva Mello
30 Dr. Eugenio de Andrada Egas

75 Dr. Sergio Meira
76 Dr. Manoel de Freitas Paranhos
77 Dr. Augusto de Meirelles Reis
78 Dr. João M. Sampaio Vianna
79 Dr. Washington L. Pereira de Souza
80 Benedicto Octavio de Oliveira
81 Luciano Esteves dos Santos
82 Dr. Manoel de Oliveira Lima
83 Candido Costa
84 Dr. Joaquim de Almeida Moraes
85 Dr. Antonio da Cunha Barbosa
86 Dr. Henrique Coelho Netto
87 Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires
88 Dr. Manoel Barata
89 Coronel Fernando Prestes de Albuquerque
90 Dr. Herculano C. de Carvalho
91 Belisario Pernambuco
92 Olympio Paranhos
93 D. Abelardo Varela
94 D. Julio Vicuña Cifuentes
95 Felix Pacheco
96 Dr. Carlos Porto Carreira
97 Dr. Alfredo Varella

RELAÇÃO DOS SOCIOS FALLECIDOS

1 Dr. Severino de Freitas Prestes
2 Dr. Aureliano de S. Oliveira Coutinho
3 Dr. Martinho de Freitas Vieira de Mello
4 Dr. Cesario Motta Junior
5 Dr. Joaquim José de Menezes Vieira
6 Dr. Carlos Daniel Rath
7 José Ferraz de Almeida Junior
8 Antonio Augusto da Fonseca
9 Dr. João Diogo Esteves da Silva
10 Dr. Eduardo da Silva Prado
11 José André do Sacramento Macuco
12 Dr. João Francisco Malta Junior